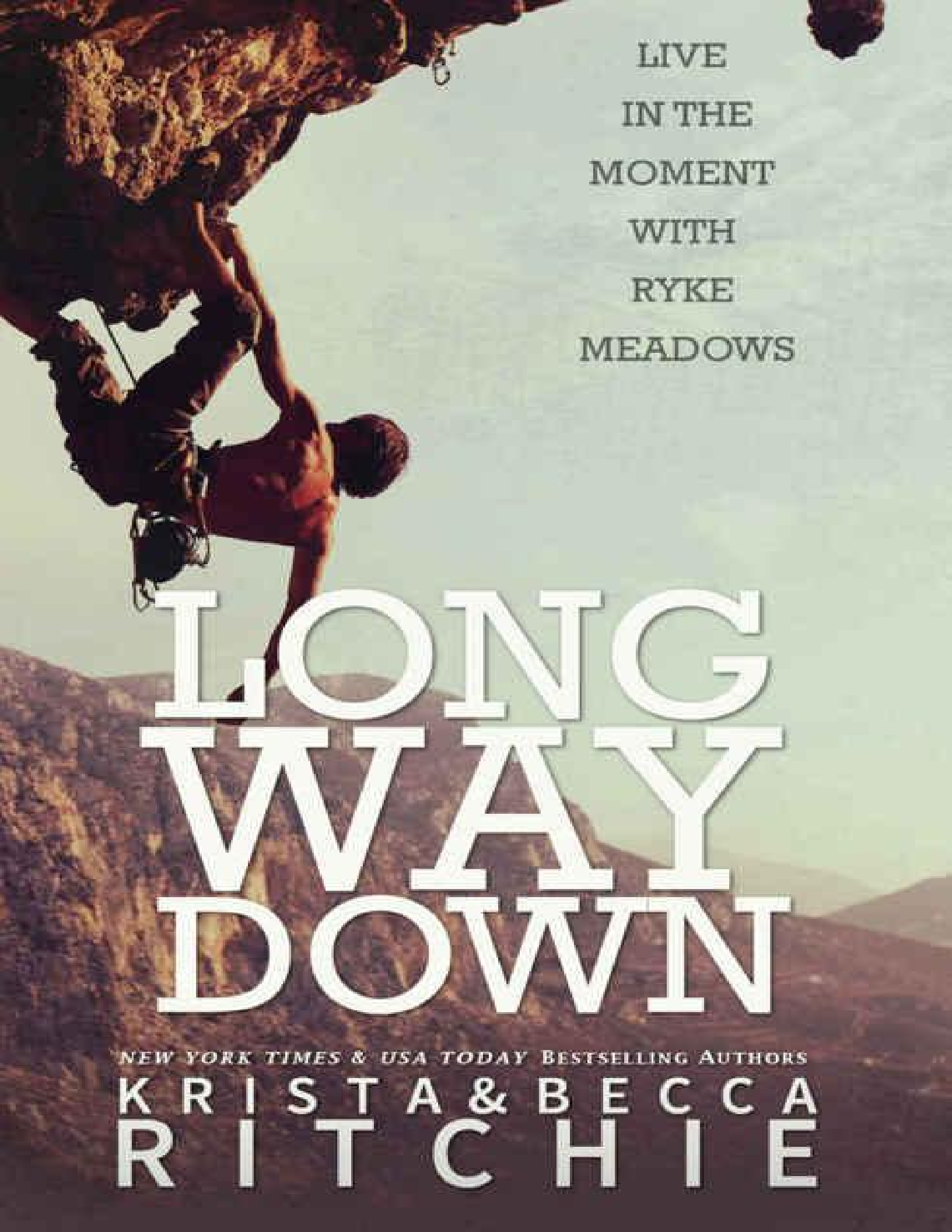
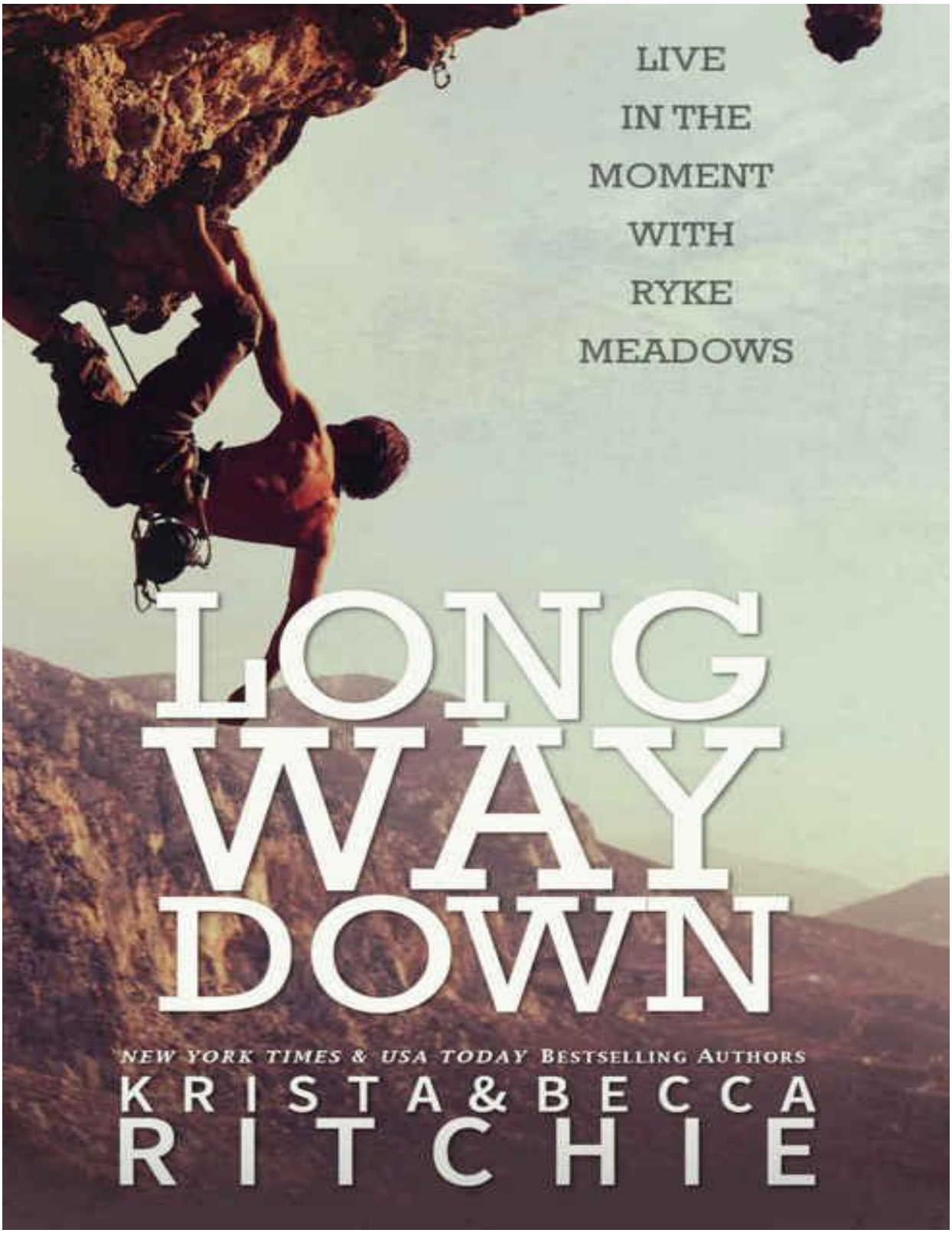

LIVE
IN THE
MOMENT
WITH
RYKE
MEADOWS
LONG
WAY
DOWN
NEW YORK TIMES & USA TODAY BESTSELLING AUTHORS
KRISTA & BECCA
RITCHIE


LIVE
IN THE
MOMENT
WITH
RYKE
MEADOWS
LONG
WAY
DOWN
NEW YORK TIMES & USA TODAY BESTSELLING AUTHORS
KRISTA & BECCA
RITCHIE

Índice

Ordem de Leitura Recomendada
Nota das Autoras
Nota das Autoras 2
Uma Nota do Ryke
Prologo
Quatro Anos Depois
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38

Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56
Capítulo 57
Capítulo 58
Capítulo 59
Capítulo 60
Capítulo 61
Capítulo 62
Capítulo 63
Capítulo 64
Capítulo 65
Capítulo 66
Capítulo 67
Capítulo 68
Capítulo 69
Dez Anos Depois
Epilogo
Agradecimentos
Em Breve

LONG WAY DOWN

KRISTA & BECCA RITCHIE

www.kbritchie.com

TRADUÇÃO E FORMATAÇÃO:



ADDICTED SERIES
ORDEM DE LEITURA RECOMENDADA

Addicted to You (Addicted #1)
Ricochet (Addicted #1.5)
Addicted for Now (Addicted #2)
Kiss the Sky (Spin-Off: Calloway Sisters #1)
Hothouse Flower (Calloway Sisters #2)
Thrive (Addicted #2.5)
Addicted After All (Addicted #3)
Fuel the Fire (Calloway Sisters #3)
Long Way Down (Calloway Sisters #4)
Some Kind of Perfect (Calloway Sisters #4.5)

UMA NOTA DAS AUTORAS

Long Way Down é o segundo livro do ponto de vista do Ryke e da Daisy. Porém, você **tem** que ler Fuel the Fire (Calloway Sisters #3) antes de ler Long Way Down (Calloway Sisters #4).

UMA NOTA DAS AUTORAS - PARTE DOIS

Long Way Down—assim como todos nossos outros livros—é fortemente dirigido por personagens. Esse é o maior livro da série e conclui o arco das séries Addicted & Calloway Sisters. Você pode até dizer… que esse é o fim de uma era. Antes de começarmos a chorar tudo de novo, vamos deixar você aqui e te encontrar outra vez no final. Então, se cuide, abram seus corações, peguem uns lencinhos, e aproveitem o passeio, fornecido para vocês por Ryke Meadows & Daisy Calloway.

Xoxo Krista & Becca

UMA NOTA DO RYKE

Vai se foder.

< Prólogo >

RYKE MEADOWS

O cabelo loiro mais comprido pegou o vento, se espalhando descontroladamente e louco pra caralho. A observei se agarrar ao corrimão de uma rampa de madeira, suspensa no ar em direção a um salto de *Bungee Jump*. Ela balançou para frente e para trás como se estivesse fazendo flexões de manhã para acordar para o dia.

Ela não estava. Fazendo flexões para o maldito dia, eu quis dizer.

Ela simplesmente não conseguia parar de se mexer.

E eu continuei pensando, essa garota está sem os fodidos equipamentos de segurança.

Nós ficamos parados perto da parte de trás da linha de bungee, e quando ela olhou por cima do corrimão novamente, ela levantou os quadris, abaixando a cabeça mais um pouco.

Fantástico pra caralho.

Quando todos desistiram de pular de bungee jump, todos, exceto Daisy, eu não achei que ela fosse fingir ser um pássaro e se arrastar por cima do corrimão. Eu não tinha ideia do que as meninas de dezesseis anos costumavam fazer, mas, por alguma razão, eu achei que ela ia reclamar da longa fila ou da falta de sinal de celular.

Eu só a conheci a pouco tempo, e eu ainda estava tentando entender quem ela era em seu núcleo.

6:30 da manhã no clima tropical de um país estrangeiro.

Meu primeiro tempo real sozinho com Daisy Calloway. Sem suas irmãs ou meu irmão presente.

E a porra do meu problema: no fundo da minha mente, enquanto a assistia de cabeça baixa, pensei, *parece divertido pra caralho*.

E então, *mais pra frente sobre esse corrimão e eu estou puxando-a*.

Eu estava entre querer protegê-la e querer fazer coisas loucas com ela. Eu tentei bloquear quaisquer pensamentos que continuassem a girar, e eu simplesmente fui em impulso.

— Que porra você está fazendo, Calloway? — Eu me aproximei dela e descansei minha mão em seu ombro, mas eu não a puxei para baixo. Eu inclinei minha cintura contra a barreira de madeira e vi a resposta em seus olhos verdes.

Ela estudou a paisagem, como se estivesse apreciando a ampla vista de Cancún, no México. A localização atual das minhas férias da faculdade. Apesar da Daisy não estar na faculdade, ela acompanhou para passar o tempo com suas irmãs mais velhas, que ficaram felizes com sua presença.

Daisy colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Eles estão perdendo.

— Eles não vão pensar assim. — A maioria deles não queria acordar tão cedo, e Lily estava com muito medo de altura para sequer pensar na idéia.

A fila andou. — Você vai gozar disso comigo? — Eu perguntei a ela, passando a mão pelo meu cabelo castanho desleixado.

Ela finalmente encontrou meus olhos, algo diabólico por trás dos dela. — Muitas garotas gozam com você? — Ela perguntou.

Minha expressão permaneceu no mesmo estado obscurecido. — Só se eu estou com elas, — eu disse vagamente, trilhando a linha entre a insinuação sexual e o espaço mais seguro.

Daisy colocou os pés na rampa, e apesar de sua maldita pergunta, havia uma verdadeira intriga por trás de seus olhos e uma confusão que eu não conseguia ler através dela. — Então você nunca teve uma garota que não gozou com você?

Minha cabeça pulsava e eu esfreguei meus lábios. — Se move, Daisy.

Eu tinha vinte e dois anos.

Ela tinha dezesseis.

Eu nunca, em milhões de anos, tiraria proveito da Daisy, mas sempre tive dificuldade em calar a boca quando alguém me pedia conselhos em tantas palavras, de tantas fodidas maneiras. Essa não teria sido a primeira vez que eu falei com ela sobre sexo, mas eu estava preocupado que ela tivesse começado a relatar essas conversas para mim e concluiu que eu pensava nela de uma maneira sexual.

Daisy pulou a rampa enquanto passeava dois dedos ao longo do corrimão. — Eu estava apenas curiosa. — Ela olhou para mim com um sincero pedido de desculpas em seu rosto. — Desculpa.

— Você não precisa fodidamente se desculpar por me perguntar algo.

Paramos de novo, a fila parou. Seus cabelos voaram em todas as direções, e ela inclinou a cabeça, como se tivesse com dificuldade para reformular sua primeira pergunta. A expressão de Daisy poderia ser resumida como uma confusão dolorosa, e no meu maldito núcleo, eu queria ajudá-la. Eu só esperava que pudesse.

— O que está incomodando você? — Eu perguntei.

— Mosquitos. — Ela tentou afastar insetos invisíveis. Ela sempre tentava aliviar o clima quando não se sentia bem.

Meu queixo endureceu. — Que porra está te *incomodando*? — Eu não me importei se o ar ficou tenso ou desconfortável entre nós. Eu apenas me importei com ela.

— Nada. — *Não é nada*.

Eu esfreguei meus olhos em aborrecimento. — Daisy...

— Não é uma grande coisa. — Ela usava essa incerteza novamente.

— É? E por que parece que você precisa vomitar?

Ela cruzou os braços de uma forma muito Rose Calloway. — Você é tão agressivo. Você sabe disso, certo? — Ela já me lembrou disso antes. — Você é assim com todo mundo?

Apenas com pessoas que importam para mim. — Olha, eu vou incomodar você pra caralho como você está me incomodando, então você pode muito bem nos fazer o favor e dar para mim, Calloway. — Acenei para ela.

Seus lábios se levantaram uma fração. — Você quer forte ou leve?

— Tão forte quanto você quiser.

Uma rajada de vento chicoteou seu cabelo em seu rosto, fios loiros grudando em sua boca. Ela parecia frustrada com seus cabelos até a cintura, e então eu ajudei a pentear para trás para que ela pudesse ver. Ela grunhiu em irritação com a bagunça emaranhada.

— Me dê. — Eu apontei para o amarrador de cabelo.

Ela o tirou do pulso, e eu peguei o fodido cabelo dela, colocando em um coque bagunçado. Ela agradeceu e suspirou aliviada antes mesmo que eu terminasse.

Eu recuei um pé. — Você me perguntou se eu já tive uma garota que *não* gozou comigo. Por que essa porra importa para você?

— Não é sobre você pessoalmente, — disse ela rapidamente.

— Eu nunca pensei que fosse.

Suas sobrancelhas franziram, sua expressão me matando pra caralho. — Eu só estava pensando — ela começou — se talvez há algo de errado comigo. — Ela fez uma longa pausa.

Meu queixo trinca. *Não há nada de errado com você, porra*; as palavras ficaram como um peso na minha garganta.

— Ou talvez — ela continuou — ...talvez o problema seja com os caras que eu estive. — Ela então subiu no corrimão, se sentando e balançando as pernas.

Com um metro e noventa e dois, minha cabeça estava bem mais alta que a dela, então olhei para baixo enquanto ela olhava para cima. Eu teria sentado ao lado dela, mas queria encontrar seus olhos.

— Algumas garotas têm dificuldades, — eu disse a ela. — Alguns caras são terríveis pra caralho em agradar mulheres. Você não vai saber em qual categoria você cai, amor. Não até você encontrar alguém por quem esteja atraída pra caralho.

Ela assentiu algumas vezes, parecendo desanimada e incrivelmente triste. Quando ela me sentiu olhando, ela me deu um sorriso que dizia *eu estou bem* que eu não acreditei.

Não havia nada que eu pudesse fazer para consertar como ela se sentia, e essa foi a parte mais difícil da coisa toda.

— Você já pulou de bungee jump antes? — Ela perguntou, mudando de assunto para que eu parasse de me preocupar.

— Algumas fodidas vezes. E você?

— Sim. Principalmente em parques temáticos. — Daisy me estudou, seus olhos verdes passando sobre os mosquetões nas alças do meu jeans, levantando até o meu pescoço e para minha mandíbula não barbeada, meu olhar endurecido e meus cabelos castanhos escuros.

Ela não era discreta em me olhar, mas ela também não estava sendo sugestiva. Apenas curiosa pra caralho.

Ela pulou de volta na rampa, e seguimos a fila encurtada, tensão entre nós.

— Você sabe dizer não? — Eu perguntei de repente.

Ela assentiu com a cabeça e amarrou a parte inferior de sua camisa branca folgada, um biquíni verde-néon por baixo. Sem shorts.

— E se eu fosse só um cara e eu tentasse puxar o seu biquíni, o que você faria, porra?

Daisy deu de ombros. — Eu não sei, teria que pensar em muitos fatores, eu acho.

— Não é uma maldita pergunta difícil, — retruquei, irritado - não com ela. Eu estava puto porque sabia o que a fazia pensar assim. Ela começou a modelar aos quatorze anos. Ela tinha sido tocada e maltratada e mandada se vestir na frente das pessoas, tratada como absoluta merda. Eu ouvi trechos de histórias das suas irmãs, e sua mãe estava a forçando a ficar parada quando tudo o que essa garota queria fazer era fugir.

Agora, ela mal conseguia manter dois pés em um só lugar.

— Por que isso importa para você? — Ela me perguntou o que eu tinha perguntado a ela.

Eu balancei a cabeça, pensando no quanto minha mãe me silenciou, e levei muito tempo para encontrar minha voz. Eu não teria desejado aquele caminho difícil para ninguém, mas comecei a ver pedaços da minha vida dentro da dela. E por que diabos éramos as únicas duas pessoas aqui?

Por que diabos eu pulei de bungee jump sozinho todas as outras três vezes na minha vida?

Minha cabeça martelou novamente. *Eu me preocupo com você. Eu quero que você fique segura. Por favor, não foda ninguém que te deixa desconfortável. Isso vai me matar se te matar.*

Cada palavra sangrou em meu cérebro, mas eu me segurei para não dizer em voz alta. Eu apenas continuei balançando a cabeça.

Esfreguei meu queixo e notei dois caras de vinte e poucos anos à nossa frente. Olhando para a bunda dela. Eu acabei indo para frente na fila. Na frente dela. Eu os bloqueei da vista, e ela se virou para me encarar mais uma vez.

Ela começou a sorrir, entendendo o que eu acabei de fazer.

Foi um sorriso melhor pra caralho. Eu gostava daqueles porque eu sabia que ela estava bem.

E então abruptamente, eu disse — Você pode me perguntar qualquer coisa. — A frase era pesada. *Me pergunte qualquer coisa*. Eu raramente compartilhava fatos pessoais com as pessoas. Eu mal me abria para o meu próprio irmão além do assunto do vício. E eu estava deixando ela me perguntar qualquer coisa.

Se eu cavasse fundo o suficiente, eu teria percebido que queria que ela me conhecesse.

Eu me senti tão compelido a tirar uma fodida camada minha, e eu nunca tive vontade de fazer isso. Eu não tinha ideia do porquê. Eu não fiquei lá e listei as razões em um diagrama ou gráfico como Connor Cobalt teria feito. Eu apenas segui meu intestino nesse momento.

Meu estômago apertou enquanto eu esperava por ela falar.

Ela estava confusa novamente. — Eu não sei o que perguntar.

Realização me atingiu em um segundo ou dois. Ela ainda estava com medo de me ofender ou ferir meus sentimentos se ela perguntasse a coisa errada.

Andamos mais um pouco e eu disse, — Talvez da próxima vez, Calloway.

— Você não ouviu? — Ela balançou as sobrancelhas para mim. — Eu posso não estar aqui amanhã. A vida poderia me levar a qualquer momento e, em seguida, você estaria aqui novamente com outra garota, em outro momento e a falando para perguntar qualquer coisa. — Ela disse teatralmente, — O inesperado de tudo.

Meu olhar escureceu e os músculos se flexionaram. — Isso não é engraçado, amor.

— Você também a chamaria de amor. — A tristeza permaneceu atrás de seu sorriso fugaz. Eu já vi isso antes. Piscando dentro dela. Como se ela estivesse bem com a morte. Como se ela estivesse procurando algo mais que continuava escapando do seu aperto.

Eu corri para dizer a primeira coisa na minha cabeça. Para fazê-la se sentir melhor. Para consertar isso. Algo que eu duvidei que poderia ser mudado por mim. *A luz está diminuindo atrás dos seus olhos; você percebe isso, Daisy?*

Então eu disse a verdade. — Você sabe, você é a única garota que eu já chamei assim.

Eu não disse a ela que era o primeiro termo carinhoso que eu já usei com ninguém. Eu achava apelidos como *bebê* e entre outros, condescendente pra caralho, mas "amor" se encaixam completamente com Daisy e em uma espécie de contexto não-romântico. Eu nunca teria dito de maneira condescendente ou como indireta. Sempre gentilmente. Como deve ser usado.

Seus lábios quase puxaram para cima. — Você acha que eu sou um amor?

— Eu acho que você está ficando louca. E eu também. — Com isso, eu me concentrei na fila, mas a senti sorrindo ao meu lado.

Que bom.

Apenas dois caras estavam à nossa frente, já com os equipamentos de segurança e na plataforma. Prestes a pularem. Um funcionário veio até nós dois e perguntou, — Vocês vão pular juntos ou separados?

Daisy cutucou minha cintura e brincou, — Se você está com medo, posso pular com você. Lily disse que eu sou uma boa seguradora de mão.

Eu pensei sobre tudo o que ela me disse enquanto estávamos subindo, e essa voz subjacente dentro de mim disse, *não a deixe sozinha*.

— Vamos pular juntos, — eu disse ao funcionário.

Os lábios de Daisy se separaram em choque. Não havia como ela acreditar que eu estava com medo e, se tivesse, eu honestamente não me importava. Depois que sua surpresa desapareceu, ela rolou com o novo plano.

O funcionário nos deu instruções e ajudou Daisy com seu arreio. Talvez porque eu tivesse mosquetões no meu cinto ou porque parecia que eu sabia que porra eu estava fazendo - ele nunca pairava sobre mim.

No minuto que passou, Daisy e eu repetidamente olhamos um para o outro. Eu a vi sorrir e ganhar mais vida, o que realmente puxou meus lábios para cima também.

Com os caras gritando que acabaram de pular, Daisy amarrou o cabelo em um rabo de cavalo e fiquei imaginando o que ela estaria pensando. Se ela estava *pensando demais* no que eu acabei de fazer.

Eu decidi ser franco desde que eu pedi para pular com ela. — Você sabe que eu não gosto de você desse jeito, Dais. — As palavras eram estáticas pra caralho e realmente difíceis de produzir.

Eu pensei que ia machucá-la, mas ela apenas me deu um olhar de conhecimento, como se entendesse mais do que eu lhe dei crédito. Para aliviar o clima, ela disse — Tudo bem; você pode admitir.

— O que eu estou admitindo?! — Eu tive que levantar a minha voz sobre os gritos dos caras.

Fomos levados à plataforma vazia naquele ponto, e dois funcionários checaram nossos arreios, prendendo mais correias às nossas pernas e me prendendo a ela. Cara a cara. Eles nos prenderam juntos com outro mosquetão na cintura.

— Que você está com medo. — Ela fez um gesto para baixo, um olhar brincalhão em seus olhos.

— Fofa.

— Fofa porque é preciso. — Ela balançou as sobrancelhas novamente.

— Fofa porque é impreciso pra caralho. — Minha mão deslizou para a parte de trás de sua cabeça, e senti seu corpo reagir de uma forma que a surpreendeu. Eu recuei apenas uma fração, meus lábios perto do ouvido dela. Eu sussurrei — Eu não estou com medo de você. — Se ela queria mergulhar de cabeça, eu ia mergulhar logo atrás dela.

Ela sabia que isso era verdade.

Ela inalou profundamente, seu peito subindo contra o meu.

Quando os funcionários terminaram de nos amarrar juntos, eles instruíram — Se segurem um ao outro. Quanto mais apertado, melhor, então seus membros não baterão nos dela.

Eu passei meus braços firmemente ao redor de seus ombros, não hesitante sobre isso. Os braços dela escorregaram ao redor da minha cintura, também não sendo cautelosa. Seu batimento cardíaco martelava contra o meu peito. Correndo a cada segundo que passa.

Com Cancún como nossa paisagem, nós nos abraçamos no céu. Ela se levantava e abaixava na ponta dos pés em antecipação enlouquecida. Eu observei seu foco ir para baixo, contemplando a distância entre seus pés e o chão.

Então eu apontei para o sol subindo no horizonte. Assim que o céu escurecido começou a clarear. — Mantenha seus olhos lá.

Seus olhos verdes piscaram para mim antes de seguir o meu dedo. Seu pulso acelerou. — E o que acontece quando ele desaparecer?

Eu adoraria dizer a ela que isso nunca aconteceria. Que não importa onde estivéssemos, o sol estaria sempre presente. Mas não teria sido verdade.

A única coisa em que poderíamos contar era que o sol se levantaria novamente.

— Espere até ele voltar, — eu disse a ela.

Ela me deu o sorriso mais triste que eu já vi. — Isso vai levar muito tempo.

Para algumas pessoas, eu sabia que um minuto poderia parecer infinito. Então talvez uma noite parecesse uma eternidade para Daisy.

— Ei, Calloway, — eu disse baixinho, colocando uma mecha do seu cabelo atrás da orelha, uma que escapou de seu rabo de cavalo.

— Ei — ela sussurrou de volta.

— Você está pronta para sentir seu fodido coração explodir do seu peito?

Seu rosto se iluminou dez vezes mais. E ela disse baixinho — Sim.

Eu mal ouvi o instrutor nos dizer para pular antes de nós dois saímos juntos da plataforma. Nossos corpos pressionados, meu peito contra o dela, o dela contra o meu. Nós cortamos o ar, e ela gritou alegremente. Como se ela estivesse no banco da frente de uma montanha-russa.

Ela riu.

Eu sorri. *Porra* - eu realmente estava sorrindo.

Eu nunca pulei de bungee jump com outra pessoa, e fazer isso com Daisy de repente tinha se tornado melhor do que cada vez que eu pulei sozinho. Quando diminuímos o ritmo - pendurados de cabeça para baixo, giramos um pouco - nos encontramos o olhar um do outro.

Ela usava esse sorriso honesto que eu odiava ver ir embora. — Obrigada — ela ofegou, sem fôlego por causa da excitação e adrenalina.

— Pelo quê?

— Por fazer isso comigo — ela disse — então eu não precisava ficar sozinha.

Foi aí. Que eu realmente percebi o quanto eu fodidamente entendia ela. O quanto eu me relacionei com a solidão em seus olhos. Eu me senti mais perto dela de uma forma que eu não conseguia articular. Não foi físico. Ou mental. Foi espiritual, algo que eu não conseguia afastar.

Eu assenti com a cabeça algumas vezes e ela praticamente irradiou. Como se ela sentisse o ar mudar, mais brilhante e mais leve.

Eu também senti isso.

E eu fodidamente pensei*, graças a Deus.*

Graças a Deus o sol vai nascer novamente.

QUATRO ANOS DEPOIS

< 1 >

RYKE MEADOWS

Eu escalei montanhas com minhas próprias mãos, sem arnês ou corda. Eu corri de estradas abaixo de moto por mais de cento e sessenta quilômetros por hora. Uma vez eu pulei de um penhasco de doze metros, nadei com tubarões, pulei de um maldito avião, fiz uma ultramaratona em um deserto remoto chileno e, alguns meses atrás, passei por uma cirurgia de transplante.

Todos esses momentos combinados parecem fáceis em comparação ao que está acontecendo agora. Eu balanço para frente e para trás - pelo amor de Deus, eu não consigo lembrar da última vez que eu balancei em meus pés.

Eu paro e corro minha mão pelo meu cabelo pela milionésima vez. Eu examino o quintal enquanto o sol cai atrás de árvores de piceas. A piscina está vazia, apenas as boias de braço flutuando na superfície. *Boias de braço* - estou acostumado a ver essas coisas em todos os lugares.

Acontece quando estou morando com meu irmão, sua esposa e seu bebê de um ano. Embora ultimamente, vendo cadeiras altas, fraldas, brinquedos de pelúcia e chocalhos envia minha mente em uma pirueta de merda. Eu expiro e limpo minha testa com a ponta da minha camiseta cinza, contendo a vontade de pular na piscina e me refrescar do calor de agosto.

A porta de vidro se abre e eu olho por cima do meu ombro. Meu irmão mais novo e Connor passam por ela com esses sorrisos irritantes pra caralho. Meu sangue bombeia mais em minhas veias.

— Calem a porra da boca, — eu digo a eles.

O sorriso de Connor se estica mais, esticado tanto que acho que rasgaria seu rosto. Não rasga. Ele ainda parece bem assim. *Foda-se ele*. E ele diz, — Para calar a boca exigiria falar.

— Você está falando agora. — Tenho minhas mãos na minha cabeça. Estou muito perto de andar de um lado para o outro e não faço isso. Rose anda de um lado para o outro. Loren anda de um lado para o outro. Até mesmo a Lily às vezes anda de um lado para o outro, porra.

Eu não ando... eu ando?

Estou enlouquecendo.

Lo coloca a mão no ombro de Connor, o cortando antes que ele responda. — Não vamos transformar isso em uma palestra. Ele já parece um merda.

Fantástico pra caralho.

— Eu deveria fazer a barba? — Pergunto, passando a mão pelo meu queixo. Eu costumo cortar mais, especialmente no verão, mas eu tenho mantido essa aparência *desalinhada/desleixada*, desde março.

— Você poderia começar com isso, — diz Connor, seu sorriso de merda me cegando. Ele enfia os punhos nos bolsos dos shorts cáqui. — O cabelo precisa de um trabalho também. — Seus olhos azuis voam para o meu cabelo castanho desgrenhado, os fios grossos apenas fazendo sua merda natural.

Quando eu não discuto com Connor, mas em vez disso, passo a mão pelo meu cabelo - tentando achatar os fios - a compostura dele muda.

Ele arqueia uma sobrancelha. — Você parece com você mesmo. Apenas deixe isso assim.

— Então você está dizendo que eu sempre pareço um merda? — Eu achato os fios mais longos sobre a minha testa. Eu nem sei que porra estou fazendo.

— Sim, — ele diz facilmente. — E pare de mexer nele.

Lo faz uma careta para a franja que acabei de criar. — Quem é você? E para onde você levou meu irmão?

Eu não tenho uma resposta do caralho.

Connor se aproxima de mim, confiança em cada passo deliberado. Quando ele está a centímetros de distância, no nível dos olhos comigo, eu percebo qual é o plano dele.

Ele ainda está sorrindo quando diz, — Não me morda.

— Não me dê uma fodida razão para isso.

Sem hesitar, ele começa a arrumar meu cabelo. Eu cruzo meus braços sobre o peito. A última vez que estive tão perto de Connor Cobalt, lhe dei um soco no rosto. Era tão complicado naquela época quanto isso é agora. Eu não odeio o cara, mas nunca em um milhão de fodidos anos eu imaginei que o deixaria arrumar o meu cabelo.

— Jesus, — diz Lo, rindo. — Por favor, deixe-me registrar isso.

— Se você quer um fodido soco na sua cara, — eu murmuro.

Connor está praticamente exultante. Estou a segundos de empurrar o peito dele, mas ele não me faria parecer pior - não hoje. Não para isso. Nem sempre podemos parecer amigos, mas somos. Somos provavelmente melhores amigos do que a maioria.

E por que eu me importo tanto com cabelo?

Loren inclina a cabeça para mim, seu colar de ponta de flecha contra a camisa preta de gola V. — Eu sou seu irmão, — diz ele secamente. — Você não iria me bater. — Ele me dá um sorriso sarcástico. Sua despreocupação mora em algum lugar abaixo de tudo isso.

E sim, já eu bati nele. No calor do momento. No deserto de Utah. Até que a poeira vermelha nos cobrisse tanto de exaustão quanto de fúria. Tudo isso no passado, junto com o sangue ruim entre nós.

Ele só diz merda por dizer merda.

Connor toca o cabelo mais comprido na minha testa e eu o empurro agora. Ele mal balança. Em vez disso, ele propositadamente dá um único passo para trás.

— Apenas deixe — digo a ele. Então eu passo minha mão pelo meu cabelo sem perceber. *Fantástico pra caralho*.

Connor arqueia outra sobrancelha para mim. — Você é uma causa perdida. Eu não sei porque eu ainda tento.

Eu mostro o dedo do meio para ele e deixo o meu cabelo natural. Bagunçado. Desgrenhado. Nenhum sistema ou ordem. Eu sei que eu pareço mais comigo mesmo, mas esse dia está me deixando desorientado, mais do que eu já fiquei.

Com uma olhada insatisfatória, Connor aponta para as minhas roupas: jeans, uma camiseta cinza e um relógio à prova d'água. — Seu traje precisa de trabalho.

— Eu não vou para um fodido encontro com você, Cobalt.

— Claro que você não vai. Eu tenho altos padrões. Aqueles que você não consegue atender.

Eu balanço minha cabeça para ele algumas vezes e então eu pulo um pouco nos meus pés, sacudo minhas mãos e estalo meus dedos. Eu só tenho dificuldade em soltar as coisas, verbalmente, e se eu preciso fazer isso de um jeito certo, tenho que fazer hoje.

— Você precisa de uma bebida? — Lo se afunda em uma cadeira do pátio, seus antebraços descansando em seus joelhos. — Ajudaria esses nervos.

Eu encontro seus olhos cor de âmbar e ele me dá outro meio sorriso para mostrar que está brincando. Eu nunca encontro o humor nessas piadas, e talvez seja por isso que ele continua. De qualquer forma, eu me acostumei com essa fodida oferta indiferente de álcool, e eu nunca o vi tão saudável quanto ele esteve nesse último ano.

Se voltássemos para Paris naquele bar, acho que o Loren Hale de hoje se bateria por tomar um drinque e me dar um. Na verdade, eu sei que ele faria isso.

Se isso não é força, então eu não sei que porra é.

— Isso é um sim? — Lo pergunta.

— Vai se foder.

Connor entra em cena, — Cinquenta e dois *palavrões* em vinte minutos. Só para você saber o quão redundante é o seu vocabulário.

Meu celular vibra, me salvando de falar com Connor. Eu o tiro do meu bolso e verifico a mensagem.

Almoço amanhã? - Pai

Meu estômago revira e eu rapidamente respondo: *não*.

Eu solto um suspiro tenso. — Esse é um fodido sinal. — Eu levanto o celular para mostrar a Connor e Lo a mensagem. — Ele manda uma mensagem agora? Não é um bom momento...

— Desde quando você acredita em superstição? — Connor me pergunta em uma de suas vozes irritantemente calmas.

— Sim, você soa como a Rose. — Lo nem se concentra na mensagem. Seus olhos estão em mim e vejo mais sinceridade neles. Algo que diz, *não tenha medo*.

Eu tenho medo de ver as pessoas que eu amo se machucarem. Eu tenho medo de machucar as pessoas que amo. Às vezes eu sinto que não importa o que eu faça, eu vou cair em um dos dois.

Eu acabo dando de ombros e, em seguida, apontando para os dois. — Querem saber? Eu vou entrar. Vocês dois podem ficar aqui fora.

Passo por cima do carro de plástico do *Batman* de Moffy, um brinquedo que Lo reclamou por uma boa semana antes de aceitar. O amor do Lo pela *Marvel* foi finalmente superado pelo amor de seu filho por um brinquedo da *DC*.

Eu ouço Lo falando *alto* enquanto abro a porta. — Você acha que ferimos os sentimentos dele? — *Fodidos*. Mesmo quando penso nisso, quase sorrio. Eu amo meu irmãozinho. A verdade é que eu pensei que nós iríamos nos matar vivendo juntos, mas isso nos aproximou ainda mais no último ano e meio. Ele também é muito menos agravante do que Connor Cobalt.

Eu não fiquei chateado ao ver Connor se mudar para o final da rua. Na maior parte, é uma droga de manhã cedo quando estou na academia. Connor costumava malhar comigo já que Lo não acorda tão cedo.

Eu sinto falta dele me incomodando por informações sobre as sessões de terapia da Daisy? Não. Sinto falta dele me perguntando sobre literatura e idiomas? Não. Eu sinto falta da constante necessidade dele de fazer tudo parecer um show? Absolutamente não.

Mas sim... às vezes sinto falta daquele filho da puta.

Porém, não hoje.

Eu fecho a porta de correr. O sol já desapareceu do lado de fora.

< 2 >

DAISY CALLOWAY

Eu coloco sorvete de chocolate em um cone de açúcar. Três colheres. Ele derrete um pouco e pinga dos meus dedos até o chão de madeira. Enquanto eu chupo da minha mão, minha husky siberiano branca se levanta da posição enrolada, aninhada ao lado dos armários.

Oh-oh.

Ela animadamente se aproxima das gotas de chocolate e tenta envolvê-las com a língua.

— Coconut, não. — Eu agacho e a empurro um pouco para trás. — Eu sei que é um fato *horrível* - terrível, na verdade - mas o chocolate é tóxico para cães. — Ela olha para mim com um olhar vazio. — Eu posso dizer que você está levando isso mal. — Eu insensivelmente lambo minha casquinha de sorvete, mas está derretendo rápido. — Aposto que no céu dos cachorros você pode ter todo o chocolate que você quiser. — E acrescento: — Mas não pense em me deixar tão rapidamente, ok? — Eu coço atrás das suas orelhas com a minha mão limpa.

Ela se senta em obediência e prazer, empurrando a cabeça mais perto da palma da minha mão para eu continuar. Eu a amo muito, talvez porque seu temperamento é uma mistura de doce, carinhosa e destemida. Eu gostaria de poder ser assim todos dias, sem compromisso ou hesitação.

Eu congelo e ouço o som crescente de passos, mas eu não pulo ou entro em pânico com o barulho. Em parte por causa da presença de Coconut - mas principalmente porque acredito neste momento que ninguém pode me machucar.

Eu apenas me levanto, e Ryke Meadows surge na cozinha. Eu não o vi o dia todo, o que não é incomum. Algumas semanas estamos juntos vinte e quatro horas por dia e outros estamos fazendo as nossas próprias coisas, permanecendo em contato por mensagem e telefonemas.

Mais cedo eu fui às compras e saí para jantar com Lily, Willow e Rose, e elas estão de volta na casa de Rose no final da rua. É difícil para mim estar com os bebês das minhas irmãs ultimamente, e já que Jane e Moffy estão lá, eu acabei vindo embora.

Eu acho que elas sabiam que eu iria de qualquer maneira.

Ryke passa pelo balcão da cozinha e se aproxima de mim.

Um metro e noventa e três com um olhar sombrio, barba por fazer e sobrancelhas pensativas - ele é absolutamente lindo. O tipo de beleza que grita *perigo*, mas eu sei que seu coração é suave e quente e um lugar que eu sempre quero estar.

Nós não falamos.

Nós apenas olhamos um para o outro, o silêncio girando a tensão no meu núcleo. Eu sorrio enquanto lambo o sorvete, e o vejo me observando, seu olhar descendo até minhas longas pernas nuas, minha calcinha do biquíni, a parte azul que diz *Adios Pantalones* e até o *seu* boné azul de beisebol, virado para trás na minha cabeça. Meu cabelo bagunçado, naturalmente marrom está solto, parando em camadas no meu peito.

Quando seus olhos finalmente se fixam nos meus, eu finjo parecer perplexa. — Eu não acho que nós nos conhecemos.

Ele quase sorri, o que faz meu sorriso crescer mais antes de eu lamber o sorvete de novo.

— Você tem fodida certeza? — Ele se aproxima, poucos metros de distância. — Porque eu tenho uma namorada que se parece muito com você.

Eu inclino minha cabeça, fingindo confusão. Eu varro seu corpo com um longo olhar. — Você sabe, não está clicando para mim. — Eu divertidamente levanto o canto de sua camiseta cinza e inspeciono seu abdômen, um abdômen de seis gomos que é basicamente um de oito, se eu

estou sendo técnica. Seu olhar forte penetra em mim, preso a qualquer beleza interior que possuo.

Uma corrente elétrica passa pelos meus braços até o meu pescoço, os minúsculos pelos subindo.

— E agora? — Pergunta ele com voz rouca. Sua voz profunda e rouca quase me derrete. Eu solto o canto da camisa dele.

— Meu namorado tem um abdômen com dez gomos — eu respondo, tentando manter a minha compostura sedutora, mas estou perto de rir.

Suas sobrancelhas se levantam. — Sério?

— Sim — eu provoco.

— Isso soa impossível pra caralho.

Eu zombo ofegante. — Você está tirando sarro do meu namorado?

Ele rapidamente empurra a minha mão no meu rosto, e o sorvete gelado bate nos meus lábios e nariz.

Eu imediatamente rio, meu sorriso aumentando. — Você deve ser ele, — eu determino. — Ryke Meadows totalmente faria isso. — Eu tento lamber meu nariz, mas minha língua não alcança.

Ele se aproxima de mim ainda mais, seus pés bem ao lado dos meus, seu peito pressionado contra mim. Minha respiração diminui. E diz, — Ele faria isso? — Ele beija meu nariz, lambendo o chocolate, e então ele chupa meu lábio inferior, a força enrolando uma dor dentro de mim.

Eu o beijo de volta com a mesma força, e nós colidimos um com o outro como se não nos beijássemos há séculos. Sua mão sobe pelas minhas costas; meus dedos livres seguram seu cabelo espesso e desgrenhado. *Deus*, *eu amo o cabelo dele.* Eu mantenho o sorvete estendido para que ele não bata entre nossos corpos.

Minha pélvis se curva avidamente em direção a ele, e sua mão cai na minha bunda, minha coxa, içando minha perna ao redor de sua cintura. Nossos lábios nunca se separam e nos atacamos avidamente com um desejo carnal e animalesco que penetra em minhas veias. Eu o exploro com a mão, passando a palma da mão pela mandíbula não barbeada, os ombros - os bíceps dele.

Ele levanta minha outra perna e, em seguida, me coloca contra o balcão. Um barulho estridente rompe minha garganta em um só fôlego, e seu peito sobe e cai pesadamente. Minha cabeça se afasta para pegar ar, e eu tomo um momento para recuperar o fôlego enquanto seus olhos passam por minhas feições. Os meus dançam sobre ele todo.

— Oi — murmuro.

— Oi — diz ele e, em seguida, sem esforço, me levanta mais alto, me segurando contra ele, meu corpo saltando com o movimento abrupto. Então ele me leva para fora da cozinha. Eu envolvo minhas pernas firmemente em torno de sua cintura e irradio com curiosidade. A emoção do lugar e do destino desconhecido me excita, mas não tanto quanto estar tão perto do homem que amo.

Eu espio por cima do meu ombro. Estamos indo em direção ao quintal. Quando me viro para Ryke, vejo um sorriso que levanta os cantos de seus lábios. É uma visão linda, mesmo que seja momentânea.

Eu trago meu sorvete para minha boca e lambo o lado. Então eu seguro mais perto dele. Com as mãos debaixo da minha bunda, ele dá uma mordida no cone e no chocolate.

Ele levanta as sobrancelhas para mim e depois engole. — Isso é doce pra caralho.

— É por isso que é o melhor sabor em todo o mundo.

Ele tira uma mão debaixo mim e abre a porta, o lado de fora já está escuro. — Eu conheço alguém que tem um gosto melhor.

Eu sorrio largamente, um pulso latejando dentro de mim. Eu quero provocá-lo, mas ele me coloca em pé.

Ele inclina a cabeça para baixo e dá outra mordida no meu sorvete excessivamente doce e no cone crocante. Eu termino e limpo o resíduo pegajoso com a parte de baixo da minha camisa enquanto ele me guia ao redor da piscina, com a mão na minha cabeça. A água parece preta sem as lâmpadas do quintal. Estrelas cobrem o céu, mas as janelas da casa atrás de nós são a melhor fonte de luz.

— Devemos ir nadar hoje à noite mais tarde, — eu digo como se o ato fosse totalmente ousado e perigoso, mesmo que não fosse. Eu lambo meus dedos pegajosos. — Podemos brincar de tubarões e peixinhos.

Ele apenas beija o topo da minha cabeça e então ele abre o portão de ferro preto. É quando percebo que estamos saindo da área da piscina e indo em direção à floresta. Hesito e ele aperta minha mão, me observando atentamente. Não é como se eu nunca tivesse estado na floresta do quintal antes. É que raramente saímos à noite, pelo menos não sem uma lanterna.

Eu olho de volta para a casa para Coconut. Ela está sentada pacientemente na porta de vidro, olhos em mim.

— Eu posso ir buscá-la — diz Ryke. Ele não fica chateado com a ideia de trazê-la para a nossa misteriosa aventura.

Eu mordo meu lábio em pensamento e olho entre Ryke e nosso husky. Eu confio em Ryke mais do que qualquer outra pessoa, e enquanto Coconut é uma segurança extra, eu não quero depender dela o tempo todo. Eu prefiro que ela seja mais uma amiga do que uma tábua de salvação.

Eu aperto a mão dele. — Estou bem.

Seus olhos piscam para a floresta escura, cheia de pinheiros e abetos. Eu realmente não consigo ler a expressão dele, mas é como se os pensamentos dele estivessem a milhão. — Nós podemos voltar para dentro se você...

— Não. — Eu recuso essa opção e, em seguida, puxo-o para frente. — Vamos lá. Uma aventura espera por você.

Ele facilmente vai para o meu lado e, em seguida, envolve seu braço em volta dos meus ombros. A grama está úmida por causa dos irrigadores e, no escuro, mal consigo distinguir a linha das árvores onde a floresta começa.

Eu piso em algo... estranho. Eu paro e cutuco com o meu pé. Um cordão? — Eu pisei em algo, — digo a ele.

Ryke se abaixa. — Espera aí.

Eu espero.

E então, de repente, lâmpadas penduradas iluminam o local. *O que?*

Maiores e mais redondas que luzes de Natal.

Dezenas delas. Tudo de uma vez.

Meus lábios se separam. Elas estão amarradas horizontalmente ao longo dos troncos, criando um caminho brilhante para o emaranhado de árvores. Levando a algum lugar.

Eu perco a minha voz com a atmosfera bonita, como algo de um conto de fadas. Até os vagalumes piscam essa noite. Percebo o cabo de extensão laranja abaixo dos meus pés, estendendo-se de volta para a área da piscina. A caixa de controle está ao lado das botas de Ryke.

Ele se levanta e estuda minha reação.

Estou chocada em silêncio. Eu não consideraria Ryke um cara tão romântico. Ele me encanta do seu próprio jeito, preparando almoços de piquenique, indo para as montanhas no fim de semana. Mergulhando de manhã cedo em uma primavera quente. Fazendo amor no telhado.

É tudo muito romântico para mim, mas isso está em outro nível. Isso exigiu um grande planejamento e tempo. Não é meu aniversário. Não é o dia dos namorados. Mas eu tenho estado triste ultimamente, e Ryke faria mais esforço se ele pensasse que isso me animaria.

Missão bem-sucedida. Eu praticamente flutuo para frente em admiração, meu corpo e espírito sem peso e arejado. Eu olho para ele novamente. — Onde isso leva?

Ele tira meu boné de beisebol e mexe no meu cabelo com carinho. — Eu vou te mostrar. — Ele coloca meu boné de volta, e então ele me guia direto para a frente. — Toma cuidado pra caralho aonde você pisa.

Eu esqueci de colocar sapatos, e ele xinga em voz baixa, irritado que ele não se lembrou desse detalhe. Ele até olha para a casa.

— Eu não preciso de sapatos. São só os pinheiros. — Ele está realmente tentando hoje à noite. Eu tento olhar para frente enquanto seguimos o caminho iluminado, tecendo entre as árvores. Eu penso em correr em frente e tê-lo correndo atrás de mim, mas ele parece mais nervoso do que o habitual, seus dedos constantemente penteando seu cabelo.

Talvez ele esteja realmente excitado, e ele está preocupado que eu não esteja hoje à noite. — Eu quero fazer sexo, — lhe digo sem rodeios. Eu quero, não apenas para agradá-lo, mas porque a sessão do que fazemos na cozinha terminou rapidamente e meu sangue ainda está bombeando.

Suas sobrancelhas se contraem, pego de surpresa. Leva um segundo para se reagrupar, e ele pergunta o que sempre pergunta, — Por mim ou por você? — *Por mim* é a resposta certa.

Eu sou conhecida por tentar agradá-lo quando não estou sentindo tanto, meu desejo sexual nunca é tão alto quanto o dele. O problema: Ryke fica sem tesão se eu não estou recebendo prazer, ou pelo menos no meu caminho para ficar excitada.

Às vezes é difícil chegar a esse lugar, mas eu sei que ele prefere não fazer sexo se eu não estou querendo. Eu amo que ele se importe tanto com o que eu sinto.

— Por nós dois, — eu digo com sinceridade.

Ele procura meus olhos por um segundo e então assente com a cabeça. Eu tenho a sensação de que ele não estava nem pensando em sexo até eu falar sobre isso. Ele beija minha bochecha, aquela com a longa cicatriz, e então nós entramos em uma clareira circular, as lâmpadas formando uma borda ao redor das árvores externas.

Eu não posso deixar de notar o que está no meio. Pétalas de rosas cor-de-rosa espalhadas sobre uma cama: um edredom branco com almofadas macias brancas. Todos acima do chão com um colchão de ar por baixo.

Eu me solto de Ryke, me aproximando em transe. Uma caixa de chocolates caros está ao lado de binóculos. Eu olho para cima, as estrelas cintilantes, perfeitamente claras.

Eu inalo o ar fresco e puro, os grilos chiam ao longe. É mágico. — Você fez tudo isso sozinho? — Eu pergunto, ainda examinando as luzes e os chocolates.

— Eu tive ajuda.

Ele teve ajuda. Minhas irmãs, percebo. Lo e Connor. Eles estavam todos nisso. Eu acho que... talvez, eu esteja começando a ter uma ideia do porquê agora. Porque hoje.

Eu lentamente me viro para encarar Ryke. Eu detecto a seriedade em seu olhar, em sua postura aberta, e nosso passado parece se levantar do túmulo. Duas pessoas que não podiam se amar. Duas pessoas que agora se amam sem pedir desculpas.

Ele caminha em minha direção, meu coração acelerando com seus longos passos. Eu vejo a mão dele desaparecer no seu bolso, e eu não consigo falar, uma força com alma puxando partes trancadas de mim.

Por um raro momento, fico totalmente imóvel.

— Eu estive sozinho a maior parte da minha vida. — Ryke começa. Eu me seguro a cada palavra. Ele tem quase vinte e sete anos. Eu posso ver os duros e solitários anos atrás de seus olhos, mas ele nunca usa exaustão. Ryke pertence à natureza, capaz de suportar as estações e o tempo assim como as rochas que sobe. Ele continua indo em frente, ele continua se movendo, e ele ajuda todo mundo quando eles não conseguem acompanhá-lo.

É essa força inflexível que *sinto* agora, nos aproximando.

— E então eu conheci você — diz ele com a voz rouca. Ele segura meu rosto com sua grande mão calejada. *Eu realmente amo essas mãos*. Ele faz uma pausa para reunir seus pensamentos, e quanto mais ele demora, mais meus olhos começam a lacrimejar.

— Eu fiz sua vida ser louca, — eu sussurro.

Ele acena como se fosse uma coisa boa. — Sim, Dais. Você a fez louca pra caralho e eu estou tão louco de amor por você. — Ele respira profundamente comigo. Toda vez que ele faz uma pausa, nossos olhares vagam um pelo outro, dizendo tanto em silêncio quanto em palavras.

Seus dedos roçam pelo lado do meu cabelo, roçando minha orelha. Ele remove meu boné de beisebol novamente, desta vez o colocando no bolso de trás.

— Na faculdade, — ele diz, — eu costumava querer semanas para mim mesmo. Eu costumava apenas marcar a fodida presença e saia.

Meus lábios se levantam, lembrando dele me dizendo como ia escalar e desligava o celular por alguns dias, então ninguém da faculdade o incomodava. Então ele ficava mentalmente em paz, só por um tempo, de qualquer maneira.

Ele cresceu dependendo só em si mesmo. Ele cresceu em solidão. Estar perto de pessoas, constantemente, deu-lhe uma dor de cabeça naquela época. Eu posso entender querer estar longe de todo o barulho. Modelar era assim para mim. Eu só queria sair, parar. E respirar.

Depois de outro momento, posso dizer que ele juntou seus pensamentos, concentrado e seguro. Levanto-me na ponta dos pés, como se pudesse alcançar sua voz, como se pudesse encontrar o amor dele de frente.

— Eu fico dois dias sem ver você, Dais, e isso me mata pra caralho. Eu nunca pensei que amaria alguém assim. — Seus olhos duros quase amoleceram. — Eu nunca pensei que poderia, mas você me fez *amar* minha vida mais do que eu fodidamente quis. Eu não posso nem imaginar passar o resto dela sem você.

Estou cheia de sentimentos que abalam a terra, que vibram meus ossos, minhas pernas fracas, mas meu corpo está sem peso.

Ele tira a mão do bolso, revelando uma caixa preta. E de repente eu me preocupo - eu aperto minhas mãos ao redor das dele.

— Espera — eu digo, meu estômago em nós.

Ryke empalidece, mais do que eu já vi. Ele está congelado, e uma dor já torce no meu núcleo, se enterrando em mim. Eu nunca quero ser aquela que o machuca, mas também não posso impedi-lo de viver uma vida plena.

— Você quer uma *família* — eu o relembro. Minha voz se quebra em família. Eu pisco uma vez, e as lágrimas reprimidas deslizam pelas minhas bochechas. Trilhas quentes, pingando da minha mandíbula e queixo.

Suas feições endurecem, entendendo por que eu o parei agora. — Não, Daisy.

— Eu posso não ser capaz de te dar isso...

— Essa porra *não* importa, — ele diz apaixonadamente.

Eu engulo um nó na garganta, lembrando o que os médicos disseram sobre os cistos nos meus ovários. Como minhas chances de ter filhos são pequenas. Como eu poderia começar a tentar, quanto mais cedo melhor, mas é uma estrada esburacada que pode acabar sem sucesso ou esperança.

— Você precisa ter certeza — eu digo rapidamente. — Você *tem* que ter certeza. Podemos sempre esperar para ver se consigo ter um filho primeiro. Você não precisa se comprometer, caso eu não possa ter.

Eu quero dar a ele uma saída. Eu não quero ligar Ryke a mim, se mais tarde ele perceber que ele quer *mais* - mais do que eu não posso nem oferecer a ele. Ele merece tudo o que sempre sonhou, e eu não poderia viver sabendo que eu o impedi disso.

Ele cobre meu rosto com as duas mãos, me puxando para mais perto de seu corpo em uma maneira forte de Ryke Meadows que diz, *me ouça, amor.* — Eu te amo pra caralho. — Lágrimas crescem em seus olhos. Eu estou chorando mais e seu polegar roça minhas bochechas. — Tudo que eu preciso é *você*.

Eu tento cobrir meu rosto, acostumada a proteger minhas emoções, mas se alguém já as viu, foi Ryke. Ele gentilmente puxa minhas mãos para baixo e pressiona sua testa contra a minha. Ele me abraça com força, seu corpo quente e seguro.

Ele diz carinhosamente, — Você é minha família, Dais. E se for apenas nós dois no final, eu ficaria igualmente feliz pra caralho.

Quando minhas lágrimas caem novamente, elas são de um lugar diferente no meu coração. Eu assinto com a cabeça e então o beijo, inalando sua declaração. Eu seguro seu cabelo, me agarrando a ele, sua energia forte alimentando a minha. Ele me beija de volta com tanta força e vigor.

Eu não exponho o que se origina dentro de mim. *Eu quero bebês no futuro*. Ele sabe que eu quero. Eu sei que ele também quer. Nós falamos sobre isso muitas vezes para pensar de forma diferente.

Eu me afasto primeiro, minhas mãos em ambos os lados do seu rosto, seu olhar mergulhando direto em mim. — Eu te amo, — eu digo com um sorriso choroso. — Eu te amo muito.

Ele me beija levemente, e enquanto seus lábios viajam para o meu ouvido, sua mandíbula não barbeada desliza na minha bochecha, formigando meus sentidos. Enquanto estou embrulhada em seus braços, ele murmura profundamente, — Você vai fodidamente se casar comigo?

Meu sorriso se alarga. — Sim. — Não há outra resposta no meu coração que essa.

Quando ele se afasta para ver minha expressão, ele usa um largo sorriso. É uma visão rara, me enchendo de felicidade crua. Eu aceito cada um desses sentimentos que passam, em total felicidade por esse momento, por essa noite.

Ninguém salta dos arbustos ou de trás das árvores, e estou muito feliz por ele não ter convidado meus pais ou irmãs e fazer disso um espetáculo. Isso pertence a nós.

Ele abre a caixa preta aveludada e pega um anel delicado, não muito grande ou muito extravagante. Eu estendo minha mão, tremendo enquanto ele desliza o anel de ouro no meu dedo. Se encaixa perfeitamente, e aposto que ele perguntou a Rose sobre o tamanho. Quando estudo o anel, eu congelo, chocada com o design único. Diamantes retangulares formam raios ao redor de um diamante amarelo circular.

É o sol.

E estou sem palavras novamente. Eu continuo acenando como se dissesse *isso é perfeito*; *isso realmente está acontecendo. Estou noiva do Ryke Meadows.*

Ele murmura outro ‘eu te amo’ antes de beijar minha bochecha, depois meus lábios. O meu peito incha embaixo dele. Meu corpo canta enquanto suas mãos vagam e se acomodam em meus quadris, me guiando para o edredom macio. Meus braços estão em volta do pescoço dele, como se estivéssemos dançando lentamente enquanto ele me leva para trás.

Nossos lábios nunca se separam, sua língua emaranhada com a minha em um ritmo natural. Tudo com Ryke parece assim. *Natural*. E na floresta, eu finjo que somos selvagens e primitivos. Sozinhos neste mundo juntos.

Eu sorrio contra seus lábios, e então ele me levanta pela cintura e me coloca no meio da cama.

Ele sobe, nossas pernas enroscadas, meu sangue quente e meu cabelo em desordem. Nós nos encaramos por um segundo, e eu latejo simplesmente com seu intenso olhar.

— Eu tenho essa teoria — começo, e seu sorriso volta.

— Vamos ouvir. — Ele abre mais as minhas pernas com seus joelhos, e então ele descansa as palmas das mãos em ambos os lados da minha cabeça. Meu lobo está olhando para mim.

Eu me apoio nos cotovelos, me aproximando mais do rosto dele. — Coisas mágicas acontecem na floresta. — A primeira vez que eu realmente gostei de sexo foi na minha primeira vez com Ryke - e isso aconteceu na floresta. Agora isso. Eu sei que é mais sobre a pessoa do que sobre o lugar, mas eu não posso negar a energia primitiva que nos rodeia, que grita jubilantemente, *estamos vivos!*

— Eu gostei, — diz ele, levantando a minha camisa. Ele vai até a metade, revelando a parte de baixo dos meus seios pequenos. Ele faz uma pausa e levanta as sobrancelhas para mim. — Que porra você estava vestindo, Calloway?

Eu fico boquiaberta. — Você não gosta do meu sutiã? — Eu não estou usando um, é claro. Seu irmão mora na mesma casa com a gente, mas Ryke não se importa se eu ficar sem sutiã enquanto eu estiver confortável.

Ele quase sorri e então tira minha camisa, o ar beliscando minha pele. Seus lábios aquecem meu mamilo, beijando e chupando. Suavemente.

Eu corro minhas mãos pelo seu abdômen e tiro sua camisa.

Ele massageia meu outro seio, e o botão sensível endurece sob sua língua. Meus músculos se contraem.

— Ryke… *ahhh*. — Meu gemido se transforma em um suspiro afiado. Eu seguro seus ombros largos. Enquanto ele dá atenção aos meus mamilos, ele tira sua calça jeans, agora apenas de cueca boxer preta. Eu beijo a base do seu pescoço. Um barulho profundo sai de sua garganta, e então ele me levanta em seus braços fortes.

Ele sai da cama comigo pressionada contra o peito dele, e antes que eu faça sentido de algo, minhas costas encontram a casca áspera de uma árvore. Minha pélvis está alinhada com a de Ryke. Sua dureza pressiona contra o meu biquíni.

Eu estou tonta; minhas terminações nervosas acesas. — Ryke, — eu gemo seu nome, minha voz carente, e minhas pernas balançam em ambos os lados dele, sempre em movimento. Mesmo se não houver para onde ir.

Suas mãos estão em cima de mim. As minhas estão em cima dele, e sua boca trilha meu pescoço, meu peito. Seus dedos lentamente descem pela minha barriga, mergulhando sob o meu biquíni e em um feixe de nervos. Assim que ele toca, eu respiro rapidamente, me eletrificando por inteira.

Eu choramingo, lábios entreabertos, e eu me pressiono nele. Ele cava em mim, balançando como se estivéssemos fazendo amor agora, mesmo quando duas peças de roupa nos separam. Eu deslizo minha mão em sua cueca boxer, sua bunda flexionando sob a palma da minha mão enquanto ele empurra para frente.

Oh Deus. Oh Deus.

— Vamos lá, amor — ele sussurra, me incentivando a chegar a este pico e deixar ir completamente. Eu espero sentir isso. Eu quero ficar encharcada. Eu quero ele dentro de mim.

A maneira como ele me toca em todos os lugares, a maneira como a força de seu corpo pressiona o meu - isso faz minha cabeça girar. Eu choramingo novamente de prazer. — Ryke! — Seus dedos escorregam profundamente em mim, seu polegar ainda massageando meu clitóris. Misturado com o balanço dele, começo a perder o rumo. Eu gemo em seu ombro, agarrando suas costas. — Ryke… — Meu ruído agudo fica ofegante. Eu tremo contra ele, e ele se move com mais força, a casca da árvore contra meus ombros.

Eu levanto minha cabeça em um torpor, e ele me beija, sua língua deslizando em minha boca ao mesmo tempo em que ele empurra para frente. O suor se acumula em nós dois, e eu pulso e pulso.

Eu ganho vida.

Quando minhas costas se arqueiam e meu clímax amarra minhas pernas, ele libera seu pênis, saindo de sua cueca boxer. Ele está muito duro. Ele sabe exatamente o que ele quer e como me agradar. Ele é muito mais velho, meu protetor e meu melhor amigo. Ele é meu futuro e minha felicidade.

Ele é tudo o que eu não tinha certeza de que ele seria, e eu quero ele todo agora. Me enchendo. Me amando.

Eu começo a tirar minha parte de baixo, mas ele termina de me despir. Ele se afasta da árvore, esfregando meus ombros. Ele me dá um único olhar que pergunta, *você está bem?*

Eu aceno para ele e beijo seus lábios avermelhados. Ele me beija de volta. Com as mãos firmemente nos meus quadris - com o meu corpo ainda içado em volta da sua cintura - ele magistralmente me abaixa em sua ereção. Tão devagar que sinto cada centímetro me preencher.

Eu gemo na metade do caminho, e ele faz uma pausa, atormentando com sua dureza. Eu olho para baixo, minhas mãos puxando seu cabelo. A imagem dele em mim faz sua mágica. Eu tenciono, da melhor maneira. Minha boca se abre e se recusa a fechar.

Ele usa sua força insana na parte superior do corpo para me manter levantada, e eu desço mais e mais em seu eixo, observando-o desaparecer dentro de mim. Eu balanço minha cabeça algumas vezes, as sensações esmagadoras. — Eu não posso...

Eu não posso gozar tão rápido assim de novo. Eu não posso. Eu não posso. Eu não posso...

— Ryke, Ryke... *ahhh Aimeudeus*, — eu explodo com um grito ofegante, lágrimas escorrendo pelos cantos dos meus olhos.

— Porra — ele resmunga. Ele se segura, então isso dura muito, muito mais tempo, e ele enfia seu pênis em mim, me levando ao clímax *novamente*.

Eu luto inalando oxigênio suficiente para o meu cérebro, tonta e sublime. Nós acabamos de volta na cama. Ele penteia meu cabelo para fora do meu rosto, me beija e empurra em mim em um movimento profundo e melódico. — Porra — ele diz no meu ouvido. — Dais...

Eu amo como isso parece. Nossos corpos nus sob as estrelas. Minhas pernas abertas. Ryke entre elas. Eu amo a sensação disso. Nossas pélvis balançando juntas, sua dureza me dando prazer. Eu o amo mais do que tudo. Seu olhar sombrio e protetor. Eu me agarro a ele, meus quadris se levantando quando ele desce, cada centímetro alcançado entre nós.

Ele me puxa rapidamente, até que nós dois estamos em pé. Ele faz o trabalho, empurrando para dentro de mim enquanto nos beijamos, e quando eu gemo contra seus lábios, eu sorrio. Ele sorri também porque é isso.

Alegria.

Felicidade. Eu sinto tudo ao meu redor. Por mais fugaz que seja, eu o capturo agora. Eu me seguro e aproveito esse momento.

< 3 >

RYKE MEADOWS

Daisy descansa a cabeça no meu peito, parada por um breve momento, suas pernas longas e nuas emaranhadas com as minhas debaixo do edredom branco. Cerca de duas horas atrás, apaguei as luzes usando uma segunda caixa de interruptores perto do colchão de ar - as estrelas mais vivas sem elas.

Ficamos em silêncio nos últimos trinta minutos, mas toda vez que suas pálpebras tentam se fechar, ela as abre e olha por cima do ombro para a floresta escura como breu.

Eu mantenho um braço ao redor de sua cintura, esperando que ela deixe sua mente cochilar, já que ela está exausta.

Então ela se move, apoiando o corpo nos antebraços. — Meus pais...

— Eles sabem — digo a ela. — Eu perguntei a eles.

Suas sobrancelhas se erguem de surpresa. — Pediu permissão? — Ela está prestes a se sentar, mas eu agarro sua cintura e a puxo para baixo, suas costas batendo no colchão de ar. Ela sorri enquanto eu rapidamente monto em sua cintura. Não estou planejando fazer nada com ela, além de criar a ilusão de que vou. *O perigo,* eu a ouço ofegar na minha cabeça.

Eu acho que ela quer ficar acordada por dois motivos.

1. Hoje à noite é uma grande noite, e ela é o tipo de garota que gostaria que durasse até a manhã.

2. Ela está com medo do escuro.

Desde que ela mudou de terapeuta, ela está bem melhor, dormindo de seis a sete horas por noite. Acampar é sempre mais difícil para Daisy, a floresta carregando sons erráticos e estranhos. Ela me disse várias vezes que gosta demais de ficar do lado de fora para deixar o medo afastá-la.

O objetivo é sempre dormir. Até a mesmo na noite que nos noivamos.

Eu tento explicar mais sobre o que aconteceu com os pais dela. — Na festa de aniversário da Janie, perguntei se ficariam bem se eu me casasse com você. — Foi em junho. Eu tenho tentado descobrir *como* fazer essa porra. Lo disse que achava que eu levaria mais seis meses para finalmente escolher um dia, já que eu continuava desistindo no último minuto. Eu não estava com medo que ela dissesse não. Eu não teria pedido se eu achasse que ela não queria dar o próximo passo comigo. Nós dois conversamos sobre isso de forma direta e profunda, então eu sabia dos sentimentos dela.

Eu estava preocupado com o fato de que isso iria dar errado de alguma forma - que algo iria arruiná-lo, e eu queria que esse momento fosse perfeito para Daisy. Eu gostaria de poder dar a ela um milhão de dias perfeitos pra caralho.

Ela sorri mais, suas pernas balançando para frente e para trás. — Você perguntou a eles desse jeito? Sem *porra* anexado?

Minhas sobrancelhas endurecem, não tendo ideia se eu xinguei ou não. Escapa como qualquer outra palavra, e eu mal noto quando digo isso. — É com isso que você está fodidamente preocupada? — Eu bagunço o cabelo dela.

Ela morde meu pulso de brincadeira e diz — É o detalhe mais importante. — Ela está inquieta, suas mãos continuamente se movendo, e ela coloca uma mecha de cabelo acima do lábio superior e arqueia a sobrancelha.

Ela realmente é fofa pra caralho.

Embora eu saiba que minha mandíbula está tensa e meus olhos sombrios, o oposto de quão efervescente ela está abaixo de mim. — E sobre se eles disseram sim ou não? — Pergunto.

Eu nunca quis criar animosidade entre Daisy e seus pais. Eu tentei pra caralho ser aceito por seu pai. Ele a vê como sua filhinha mais nova, e ele me viu como um bruto que mais ou menos a contaminou - e não era uma sensação boa para mim. Não quando eu a amo e a protegeria de todos os fodidos caras assim.

— Você não ouviu? — Ela sorri. — Lily disse que eu tenho poderes especiais da mente depois que eu previ a cor dos olhos do Moffy. Então eu já sei que meus pais disseram *sim*. — Ela sopra a mecha do lábio superior.

Eu dou a ela uma olhada. — Quase todo mundo imaginou que ele teria olhos verdes.

Daisy finge choque. — Então eu não sou especial? Porque achei que te dei um especial... — ela para, incapaz de dizer a porra da palavra. Ela não me fez um boquete, então não tenho certeza de onde ela está indo.

— Vá em frente, Calloway. O que você me deu? — Eu me movo, então estou ajoelhado entre as pernas dela, empurrando-as para abrir. Nós dois estamos nus, e mesmo que eu realmente amo a porra dos seus seios pequenos, pernas longas e bunda redonda, vou endurecer mais pela visão de seu sorriso contagiante. Aquele que puxa a cicatriz ao longo de sua bochecha.

Ela está cansada demais para fazer sexo de novo, então estou tentando não pensar com meu pau, que quer ficar bem dentro dela. Eu não gosto de deixar Daisy dolorida, mas sempre que a gente fode, não há como evitar isso. Então isso também me impede de empurrar minha ereção entre suas coxas nuas.

— Hmm? — Ela olha diretamente para mim, mas se faz de boba para manter nossa conversa viva.

— Hmm, — eu digo. — Você me deu um muito especial...

— Orgasmo, — ela termina em uma voz sedosa. — Um orgasmo muito especial que derrotou todos os outros. — Ela estende a mão e pega um chocolate do pacote aberto, comendo tudo. É mais bonito do que qualquer coisa, e eu não posso deixar de pensar - *vou ter isso para sempre, porra.*

Eu beijo sua bochecha e, em seguida, me deito de lado, puxando-a em meus braços, ela sussurra em meu ouvido sobre gambás em um episódio de seu programa favorito, desviando de qualquer emoção que ela não quer que eu veja. Eu penteio seu cabelo úmido para trás, sua testa suada de mais do que o sexo que tivemos.

Ela está com medo, porra.

— Dais, — eu a corto, e eu a tenho tão perto, eu posso sentir seu coração batendo contra o meu peito.

Ela tenta me apaziguar com um pequeno sorriso. — Eu vou ficar bem, sério. — Seu pé sobe e desce pela minha perna, ansiosa. Ela espia por cima do meu ombro, seu rosto caindo, e então ela enfia a cabeça mais perto do meu peito.

— O que você precisa de mim? — Eu pergunto, meus dedos perdidos em seu cabelo.

Daisy sussurra, — Você pode continuar falando? — Eu forço meus ouvidos para ouvir suas próximas palavras. — Eu ouço algo lá fora.

Eu não quero desacreditar do seu medo e dizer que ela está louca por ouvir ruídos que não estão realmente lá. Eles provavelmente existem, em algum fodido nível, mas sua mente está a fazendo acreditar que é pior do que realmente é. Que não é um animal - um cervo ou um esquilo - mas uma pessoa.

— Feche os olhos primeiro — digo a ela.

Ela respira fundo antes de fechá-los, suas mãos deslizando dos meus ombros, para os meus braços, de volta para os meus ombros. Eu a pressiono mais perto de mim, e ela esfrega a cabeça no meu peito novamente.

Se eu contar uma história interessante, ela vai se forçar a acordar, então acabo falando sobre técnicas de escalada: a importância de equilibrar o peso em todo o seu corpo, pontos de apoio tão vitais quanto a força do seu núcleo e braço; quando o fluxo sanguíneo é restrito, uma sensação fodida circula para os dedos e antebraços (um acúmulo de ácido láctico), e eu conto detalhadamente sobre como me livrar dele enquanto subo - usando G-Tox (gravidade) e o método de sacudir.

Eu realmente acho que a entediei até dormir, e levo um segundo para examinar a floresta.

Ela sacode contra o meu corpo, seus olhos se abrindo. — Você ouviu isso? — Ela imediatamente se senta antes que eu possa a deitar de novo. O edredom cai até a sua cintura.

Estou prestes a dizer algo, mas ela agarra meu braço. — Shhh, — diz ela em pânico.

Porra. Eu imediatamente estico meu braço para o lado da Daisy na cama e pego um estojo preto de capa dura.

— Ryke, — diz ela. — Você ouviu isso?

Eu tenho ouvido a mesma coisa. — Soa como um fodido animal para mim. — Eu abro o estojo. — Dais, olhe para mim.

Seus olhos arregalados mal piscam e seu rosto empalidece de medo.

— Daisy, *olhe para mim.* — Estou prestes a segurar sua mandíbula, mas ela finalmente tira o olhar da floresta.

Ela sussurra com a voz trêmula, — Acho que algo está lá fora.

Eu tiro minha Glock e carrego a arma. É mais para sua paz de espírito do que para qualquer animal que se esconda no escuro. — Você vê isso?

Ela assente com a cabeça, inalando um breve suspiro.

— Eu não vou deixar nada nessa porra te tocar. Ok?

Ela assente novamente, os olhos enchendo de lagrimas. — Me descul...

— Ei. — Eu beijo sua bochecha e, em seguida, sussurro em seu ouvido, — Você não tem nada para se descul...

As luzes se acendem.

Todas as que estão ao nosso redor, as que fazem uma trilha da casa até onde estamos sentados - eu não toquei na caixa ao nosso lado. O que significa que alguém tocou lá na casa.

As clavículas de Daisy sobressaem, lutando para respirar.

Eu toco sua bochecha com uma mão. — Dais, respire. Você está bem. Você está bem e segura pra caralho. — Me dói fisicamente sair do lado dela, mas estou começando a acreditar que alguém está lá fora. Eu não posso ficar aqui sentado, porra. Eu puxo o edredom até o pescoço dela. — Se esconda para mim?

Ela sacode a cabeça. — ... Eu não posso… — Ela vai ter um ataque de pânico completo, e eu estou nervoso pra caralho comigo mesmo por não trazer a nossa husky junto, uma cadela treinada para lidar com o TEPT da Daisy.

— Então segura aqui, — eu instruo.

Sua mão se aperta em torno do cobertor, segurando-o como uma rede de segurança. Eu saio da cama e pego minha cueca boxer, colocando-a rapidamente. Eu ouço o barulho dos pinheiros. Com a *Glock* na minha mão, eu vou para frente, cerca de quatro metros à frente de Daisy.

Eu distingo uma figura na sombra, se movendo em um ritmo moderado. Eu estendo meu braço, a arma apontada para a pessoa, o sangue correndo através de mim. — EI! — Eu grito,

fúria ultrapassando qualquer tipo de medo mínimo. Estou *furioso* pra caralho. Fumegando no lugar.

Meu queixo endurece, minha postura fechada e pulmões prontos para explodir. E então eu reconheço a pessoa na luz.

Você tem que estar brincando comigo, porra.

Eu estou fervendo e meus dedos quase *apertam* o gatilho.

< 4 >

RYKE MEADOWS

Ele para a cerca de seis metros de distância, nem mesmo tentando levantar as mãos em sinal de rendição. Ele as tem casualmente enfiadas nos bolsos da calça preta. É corajoso porque agora uma grande parte de mim quer estourar a porra dos seus joelhos. A única razão pela qual ele recebe um passe livre é porque eu não quero explicar ao meu irmão por que eu aleijei nosso pai.

— Que *porra* você está fazendo aqui? — Meu queixo dói de apertar meus dentes. Eu verifico Daisy com um rápido olhar. Ela respira mais normalmente, seu rosto menos vermelho, e ela tem o edredom enrolado em volta do corpo. Lembrando-me que ela está nua. Eu estou praticamente nu. Nós acabamos de fazer sexo.

Eu acabei de pedir ela em casamento.

E aqui está meu pai. A única pessoa que não consigo olhar agora.

Seu cabelo está grisalho nas suas têmporas, e ele tem uma leve camada de barba por fazer, seus olhos constantemente estreitados e seu rosto em linhas severas e rígidas.

— Ninguém estava atendendo a porta, então eu dei a volta — ele explica em uma voz aguda, como se *eu* fosse culpado. — Eu vi o cabo de extensão, liguei, aqui estou. — Seu tom está quase entediado agora. Ele gesticula para mim e depois para as luzes. — Você realmente acha que eu esperava entrar nisso? — Ele se inclina para o lado para ter uma visão melhor da Daisy. Ele olha entre ela, eu e depois as luzes, a cama, as pétalas de rosas cor-de-rosa, de volta para mim. — Eu não posso dizer que eu já interrompi alguém fodendo na floresta.

— O que você quer? — Leva toda a porra da minha energia, mas eu abaixo meu braço. Eu não posso atirar nele, não importa o quanto eu veja meu pai como um veneno.

Ele não tira os olhos de mim. — Eu vim atrás do seu conselho, mas vendo que há duas garotas esperando à sua porta, eu acho que é mais uma preocupação.

Eu balanço minha cabeça, confuso. — De que porra você está falando?

— Elas chegaram quando eu estava batendo na porta. Disse que são amigas da Daisy e precisam falar com ela. — Ele mal olha para Daisy. — Elas iam me seguir até aqui, mas eu disse a elas para esperar na varanda, ou então elas iriam invadir a porra da propriedade privada. — Ele sorri amargamente. — De nada, a propósito.

Eu corro a mão pelo meu cabelo. Que porra está acontecendo? Primeiro, por que meu pai precisaria de um conselho *meu*? Segundo…

Eu olho para trás para Daisy, e ela já está de pé, segurando o cobertor em volta do peito e abraçando-o com força. Ela se inclina ao meu lado. — Eu vou me arrumar e depois falar com elas, — diz ela. — Talvez seja apenas Willow e Maya ou algo assim… — Sua voz se interrompe, sabendo que pode não ser essas amigas.

Willow mora com a gente, porra. E ela está passando essa noite no Connor e na Rose, porque ela sabia sobre todo o plano de noivado. Porra, ela ajudou Lily e Rose a acender as luzes das árvores. Não tem como ela estar na nossa porta, esperando por aí.

Meus músculos se contraem quando penso nas *outras* amigas da Daisy.

— Por que você não pega Nutty e se veste — eu sugiro — e eu vou ver o que as garotas querem. Se for algo importante, eu vou buscar você.

Cor retorna ao seu rosto, talvez apenas pela menção de Nutty - ou Coconut. Eu chamo a husky por um nome diferente, só porque na primeira semana que a cadela ficou com a gente, ela continuou deslizando através das madeiras enceradas como uma expressão boba que dizia *que*

porra está acontecendo. Lo, Connor, e eu não conseguíamos parar de rir, e é uma imagem que ficou com nós três desde então.

Então ela é Nutty para nós e Coconut para as meninas.

Daisy assente uma vez. — Ok, sim… — Ela franze a testa de repente. — Tem certeza de que quer falar com elas? Eu posso lidar com isso.

Eu sinto os olhos de aço do meu pai disparando dela para mim.

— Eu sei que você pode, — digo baixinho, colocando minha mão em sua cabeça.

Ela solta outro suspiro, mas não declara se quer ou não que eu enfrente as meninas antes dela. Eu interpreto seu silêncio como *você pode cumprimentá-las*, e nós dois caminhamos de volta para a casa.

Meu pai segue como uma sombra, e todos nós saímos da floresta juntos. Eu garanto que Dais não está entre meu pai e eu. Eu mantenho as duas mãos em seus ombros enquanto ela cuidadosamente pisa na grama úmida.

Quando eu abro o portão da piscina, não aguento mais. — Que porra de conselho você quer? — Eu preciso que ele saia, porra. Quanto antes melhor.

Ele inclina a cabeça para Daisy, seu olhar endurecido dizendo *não na frente dela.*

— Fala, — eu forço.

Ele empurra o portão, para não ser deixado para trás ou trancado. Eu mal posso olhar para ele sem estourar a porra de um vaso sanguíneo. Então eu sigo Daisy ao redor da piscina, minha mão caindo para a dela. Ela tropeça no cobertor uma vez, e eu a seguro pela cintura, puxando-a contra o meu peito para que ela não acidentalmente mostre alguma coisa para o meu pai.

— Oops — ela sussurra, tentando dar um nó melhor no cobertor.

Foda-se isso. Eu a levanto em meus braços e seu sorriso retorna, mas desaparece mais rápido do que eu gosto. Assim que ela vê o nariz de Nutty pressionado contra a porta de vidro, sua expressão se ilumina.

Eu a carrego pela porta e então ela bate no meu braço para colocá-la no chão. No momento em que eu faço, ela gira em minha direção, dando um beijo quente na minha bochecha.

— Eu vou me vestir enquanto você fala com seu pai.

Eu odeio deixá-la quando estamos confusos pra caralho sobre o que está acontecendo.

Ela deve ver a preocupação em meus olhos porque diz — Eu ficarei bem sozinha. Eu tenho Coconut. Ela é fodona.

— Você é fodona pra caralho também, sabe?

Ela sorri. — O suficiente para ser um pirata?

Beijo-a carinhosamente nos lábios, depois mais agressivamente.

Ela ofega, e quando nos separamos, ela diz suavemente, — Hoje foi perfeito.

Isso quase me faz sentir melhor, mesmo que não seja completamente a fodida verdade. Eu a vejo sair, a cauda da nossa husky branco balança de um lado para o outro, e ela continua caminhando com Daisy.

Volto para a área da piscina, fechando a porta de correr. A água ainda está negra no escuro. E tem meu pai. De pé perto da grelha com as mãos enfiadas nos bolsos.

— Eu vou fazer isso rápido, — ele me diz. Então ele muda seu peso, inquieto. Ele consegue enfrentar o cano da minha arma sem nem piscar, mas agora, ele está nervoso.

O que está acontecendo?

Eu passo minha mão pelo meu cabelo. Pelo amor de Deus, nós passamos por muita coisa. Meu pai e eu. Crescendo, eu o desprezei por praticamente me negar e criar Loren Hale. Então eu o enterrei com todos os meus fodidos demônios. Meu pai, tanto quanto eu estava preocupado,

estava morto para mim. Quando eu conheci Lo, tudo mudou. Meu ódio por Jonathan ressurgiu. Eu odiava como ele tratou meu irmãozinho. Eu o odiava por ser um pai de merda.

Anos se passaram. Lutas. Conversas

Então eu o perdoei.

E eu acho que é a coisa mais difícil sobre toda essa porra. Eu perdoei o bastardo. Eu dei a ele uma parte do meu fígado. Eu salvei a porra da sua vida.

E então, alguns meses atrás, ele cagou em sua segunda chance tentando machucar Connor, divulgando sua sexualidade para a mídia - tudo para quê? Para ganhar poder sobre Lo novamente? Para proteger Lo de Connor? Está tudo distorcido e errado em sua cabeça.

Eu fui aquele que acreditou que ele se tornaria um homem melhor, apenas para ser chicoteado pelo pai vingativo e rancoroso que eu sempre conheci.

Agora é só complicado pra caralho. Eu não tenho energia para odiar o cara como eu costumava, mas eu não posso ficar aqui e ficar *bem*. Nós não estamos bem.

E eu não sei o que nos levará a esse lugar novamente.

Então bem aqui, ao lado da minha piscina no meio da noite, esperando por ele para pedir algum tipo de conselho é a coisa mais estranha pra caralho que acontece comigo em um tempo. Imaginei que minha primeira vez sozinho com ele seria mais volátil. Gritos e mais gritos. Talvez alguns punhos voando.

Mas as coisas são sempre diferentes em nossas mentes, amplificadas até o milésimo grau. Na realidade, ele quase parece fraco. Como um rei que abandonou seu trono.

— Eu fiquei sabendo de algumas informações ontem — ele me diz. — Você conhece Emily Moore?

Eu conheço Emily Moore? Pessoalmente não. — A mãe biológica do Lo — eu digo com um encolher de ombros. — Mãe da Willow. — Só que Emily criou Willow no Maine, antes que Willow se mudasse para cá para ficar mais perto de seu meio-irmão.

— Eu tenho entrado em contato com Emily uma vez ou outra para entregar seus cheques para manter o Loren em paz — explica meu pai. Ele respira fundo e coça o pescoço. — Aparentemente, Emily decidiu que a noite passada era um bom momento para me dizer que Willow também é minha filha. — Ele revira os olhos. — Todo esse tempo eu deveria ter forçado um teste de paternidade. Mas ela não tinha motivos para mentir para mim. — Ele aponta para o peito. — Eu sou o bilionário. Mas ela escolheu uma vida no Caribou, no Maine, com um homem comum e uma família normal. É patético.

Minha mente está a milhão, mas eu não tento pará-lo. Ele gesticula descontroladamente enquanto fala, animado, como se eu fosse a primeira pessoa que ele escolheu para desabafar.

Eu acho que posso ser.

Ele bufa em uma risada seca e amarga. — Willow fugiu para a Filadélfia para se encontrar com seu meio-irmão perdido - meu filho, Loren. E isso... isso aconteceu. — Ele balança a cabeça. — Qualquer que seja a vida que Emily quisesse para Willow, ela falhou em proteger. Aquela vida de classe média. Se foi. E agora ela vê sua filha lutando nesse estilo de vida, cercada pelos ricos, e ela sabe que tenho os meios para dar a Willow uma vida melhor. Eu posso oferecer o que ela precisa. — Ele olha para mim, seus olhos escuros. — Eu deveria ter criado ela em primeiro lugar. Aquela puta egoísta.

É uma fala final que quase me empala, e meu nariz se inflama. Eu engulo um *vai se fuder*, embora eu esteja querendo liberar o fodido inferno. Minhas mãos se fecham em punhos.

Estou muito preocupado com Willow e meu irmão - que estão emaranhados nessa porra de notícia - para acender um fogo de outra coisa. Quero perguntar se ele tem certeza de que Willow é sua filha, mas isso é algo que Jonathan já teria confirmado cem vezes.

Isso realmente pode ser verdade, e se for…

Willow é irmã completa de Lo.

Willow é *minha* meia-irmã.

No momento, eu apenas faço a pergunta mais lógica. — Que tipo de fodido conselho você precisa de mim? — Se ele abrisse a porta para qualquer coisa, eu começaria com *pare de degradar as mulheres*. Isso me deixa fisicamente doente. Mas não é como se eu não tivesse gritado com ele por dizer essa palavra antes. Eu costumava brigar com ele quando eu tinha dezessete anos por chamar minha mãe daquilo e pior.

Existe pior. Eu ouvi.

Ele olha sinistramente para mim, mas eu não me encolho. — Você já esteve nessa estrada antes — ele diz, como se compartilhássemos algo juntos. — Você teve que se reconectar com alguém. Você e Lo, vocês estão próximos agora...

— Ele é meu irmão, — eu digo. — Não meu fodido filho. Não é a mesma coisa. — Eu aceno entre nós. — Não tente comparar isso. Não é comparável, porra.

Ele revira os olhos, frustrado. — Eu vim aqui para perguntar o que você acha que eu deveria fazer, não para que você pudesse me humilhar.

Um estilhaço de culpa se aloja no meu estômago. Ele está tentando. Parece que está, mas pelo amor de Deus, se eu sequer tivesse um momento para pensar sobre como será a vida de Willow com Jonathan Hale nela - eu fico com frio. Seu assim chamado "amor" é mergulhado em lâminas de ferro. Ele cortou seu outro filho. Eu não quero ver o que ele pode fazer com uma filha.

Estou com medo que ele canibalize a felicidade de Willow.

— Ela está bem sem você, — eu digo rapidamente. — Meu conselho: deixe-a sozinha.

Ele me atira uma careta afiada. — Ela é minha filha. Eu quero estar em sua vida. Isso não está aberto para negociação. Eu só preciso saber *como* fazer isso. A única coisa que tenho perto de criar uma filha acabou sendo uma viciada em sexo, então você pode ver, estou disposto a pegar algumas dicas.

A menção a Lily dói mais do que ele entende. — Vai se foder — eu digo, sentindo a dor do meu irmão com esse comentário.

— Vou deixar você pensar sobre isso — diz meu pai. — Como eu disse, queria que isso fosse rápido. Você tem companhia. — As garotas na varanda. *Porra*. Ele se dirige para o portão dos fundos. — Eu não vou confrontar Willow até que você venha com um plano. Eu só... — Ele faz uma pausa, a mão no ferro. — Eu quero fazer isso direito.

Ele está me manipulando para gostar dele de novo? Esse é o seu truque? Ele me dá todas as cartas porque ele sabe o que eu penso de suas relações com seus filhos. Eles estão todos manchados com algo escuro e preto e talvez ele pense que este é seu pedido de desculpa para mim. Não tenho certeza.

Antes de sair, eu falo, — Espera! — Ele para do lado de fora do portão. — E quanto a Lo? Você contou a ele ainda?

— Não. — Jonathan balança a cabeça. — Só para você.

Apenas para mim.

* * *

Eu coloco uma calça jeans e uma camiseta antes de voltar para fora. Eu ando ao redor da casa em vez de abrir a porta da frente. Isso me dá tempo para avaliar em que porra eu estou entrando.

Quando chego à varanda da frente, vejo duas garotas sentadas nos degraus de tijolos. Uma loira razoavelmente baixa se levanta e cruza os braços com hostilidade, impaciência por todo o seu rosto comprido.

Eu a reconheço.

Só que ela era quatro anos mais jovem, com menos maquiagem, e também curtia relaxar em um iate. Na festa de dezesseis anos da Daisy, anos atrás.

Cleo.

A outra garota tem cabelos mais escuros e lisos e uma expressão mais irritada. Seu vestido preto contrasta o suéter pastel e os shorts brancos da Cleo.

Harper.

Eu nunca imaginei confrontar essas duas - nunca me deixei construir uma ideia sobre o que faria se isso acontecesse. Meu nariz se inflama de novo porque tudo o que elas fizeram para Daisy ataca meu cérebro e meu fodido coração.

Eu fico rígido, meu sangue fervendo.

Elas a aterrorizaram em um fodido elevador, pelo amor de Deus. Elas exigiram que ela colocasse um vibrador dentro dela. *Alguns dos caras queriam saber quantos centímetros caberiam dentro de você. Nós dissemos a eles que descobriríamos.*

Cleo disse isso a ela, e eu ouvi Daisy contando tudo isso para mim, chorando. Eu vi a garota que eu amo desmoronar.

Daisy tem TEPT. Não apenas do motim de Paris ou porque algum fotógrafo de merda entrou em seu quarto durante o reality show. Embora todos esses sejam motivos suficientes para ser fodido.

Cleo e Harper disseram a ela que elas fariam seus seis meses finais na escola preparatória um inferno. Preservativos no armário. Idiotas fodidos chegando até ela e tentando tocar seus seios. *Torcedores de mamilo*. Código para agressão sexual, *seus filhos da puta.*

Ver alguém que você se importa lentamente e então rapidamente se assustar com o mundo ao seu redor é como ser um passageiro em um acidente de carro. Com nenhuma maneira de apertar os freios. É um fodido inferno.

E é exponencialmente pior para ela.

Elas esperam que eu me aproxime delas, seus corpos banhados pelas luzes da varanda da frente. Eu me aproximo alguns passos, parando na base das escadas de tijolos. Eu sei que eu não as quero em qualquer lugar perto da Daisy hoje à noite, mas eu também sei que tenho que dar a ela a escolha.

Eu não posso tomar essa decisão por ela.

— Como diabos vocês conseguiram passar pelo portão da vizinhança? — Eu pergunto, minha voz mais áspera.

Cleo está um degrau abaixo da Harper e mais perto de mim, mas noto a pequena caixa nas mãos da Harper. Embrulhada com papel branco e um laço azul.

O fundo do meu estômago cai, pensando que não pode ser bom. Seja lá o que for.

— Nós temos amigos na vizinhança — Cleo diz casualmente, como se ela fosse dona dessa entrada de carros e essas escadas e a casa atrás dela.

Foda-se isso. Eu passo por ela, subindo a porra da escada. Eu estou bem na frente da porta. Ambas as meninas seguem para o degrau mais alto, mas ficam em pé.

Cleo tem que esticar o pescoço só para encontrar meus olhos.

— Que porra vocês querem? — Eu não consigo suavizar minhas palavras. Não para elas.

— Viemos falar com a Daisy, — diz Harper. — Somos velhas amigas. Não sei se você se lembra da festa de aniversário dela.

— Sim, e ela me contou coisas pra caralho sobre vocês duas.

Harper troca olhares de preocupação com Cleo, e então a loira se vira para mim.

Eu continuo, — Daisy está...

— Na verdade, — Cleo gesticula para Harper — talvez você pudesse dar isso a ela. É tarde, e nós deveríamos estar no jantar do meu pai em cinco minutos.

Harper oferece a pequena caixa embrulhada para mim.

Eu pego.

Cleo sai com um sorriso forçado, e Harper sussurra em seu ouvido, apressadamente pulando os degraus de tijolos.

— Porra — eu murmuro para mim mesmo e depois me retiro para a casa.

Não me surpreendo quando vejo Daisy sentada sozinha na escada com o queixo nas mãos. — Eram fadas que vieram entregar chocolates? — Ela pergunta com o menor e mais triste sorriso, seus olhos indo para a caixa.

— Mais como dois fodidos demônios — murmuro, sacudindo a caixa, mas incapaz de ouvir muita coisa. — Cleo e Harper.

Ela está sem expressão, e ela deve entender minha confusão porque diz — Eu as vi pela janela. Eu imaginei que fossem elas de qualquer maneira.

Eu levanto a caixa de presente. — Podemos jogá-lo fora.

Ela se levanta da escada. — Não. — Nutty vem em seus calcanhares, e ela para no hall, bem na minha frente. Seus olhos estreitos se fixam na caixa. — Vamos sentir o cheiro primeiro.

Eu franzo a testa. — Por quê?

— Há uma boa probabilidade de que é uma bosta. — Sua boca se curva para cima. — E eu quero dizer literalmente, uma bosta.

Eu reviro meus olhos, mas meu corpo ferve novamente. Ela não deveria nem pensar que alguém poderia a presentear uma caixa cheia de merda.

O mundo está fodido.

— Eu posso sentir o cheiro se você não quiser... — Suas palavras morrem quando eu levanto a caixa para o meu nariz.

— Não tem cheiro de nada.

Ela mal relaxa. — Ok, então que outras coisas terríveis poderiam me dar? Um hamster morto. Absorventes com sangue. Unhas incrustadas.

— Pare. — Eu coloco uma mão em sua cabeça.

— Eu só não quero ser surpreendida.

— Eu posso olhar primeiro — sugiro.

Ela contempla essa ideia antes de colocar a mão na minha, seus dedos roçando a caixa. — Eu quero fazer isso com você.

Isso parece bom para mim. Ela puxa o papel enquanto eu seguro a caixa. Eu digo a ela — O que quer que seja, provavelmente não é tão ruim quanto o correio da Lily.

Eu sei que é um comentário fraco. Cleo e Harper eram as melhores amigas da Daisy, não uns fodidos aleatórios. Ela conhecia Cleo desde que ela tinha seis anos.

Daisy assente. — Connor me disse que uma vez Lily recebeu um preservativo usado pelo correio. — Eu nem mesmo peço o contexto dessa conversa entre Connor e Daisy. Tenho certeza que foi para explicar algo ou fazer um ponto.

Daisy desata a fita e depois levanta a tampa.

Sua boca cai e ela pega uma pulseira de diamantes muito cara. — Eu não... entendo. — Suas mãos tremem, provavelmente pensando que é um fodido truque.

Eu pego a pulseira dela, e a caixa escorrega e bate no chão. Uma nota voa para fora. Eu pego e entrego para ela, mas ela atordoadamente retorna para a escada, sentando ao lado de Nutty.

A husky branca cutuca as pernas de Daisy até que seus olhos fiquem focados na cadela. Não mais distantes e perdidos.

— Leia — ela me diz.

— Você está bem? — Eu pergunto, olhando para sua pele pálida.

— Apenas confusa.

Com um nó no peito, me volto para a carta. — *Oi Daisy*, — eu começo — *já faz alguns anos desde a escola preparatória, e tivemos muito tempo para pensar e crescer desde então. Nós sabemos que você também teve. Sabemos que sua família está planejando outro reality show e gostaríamos de fazer parte dele. Isso definitivamente poderia nos ajudar a reparar a amizade que perdemos. Sentimos sua falta, de verdade!* - Puta que pariu — eu xingo, as palavras delas deixam um gosto sujo pra caralho na minha boca.

— Continua, — Daisy incita.

Eu mudo meu peso e leio com uma voz agitada, — *E parabéns por ter capturado Ryke Meadows. Nós sempre soubemos que você gostava de caras mais velhos.* — Eu olho para Dais como se dissesse *isso é besteira*. Espero que ela veja isso também, mas ela está sem expressão novamente. Eu olho para a carta — Elas desenharam uma cara piscando depois. E então elas terminam com, *por favor, nos dê uma chance. Amamos você sempre, Cleo e Harper.*

Daisy solta um suspiro e esfrega as bochechas como se seu rosto estivesse úmido. — Elas estão apenas tentando entrar em um reality show inexistente. — Ela balança a cabeça uma vez.

As irmãs Calloway foram abordadas várias vezes para uma segunda temporada de *Princesas da Filadélfia*. Não é nada novo. Mas Cleo e Harper não receberam o memorando de que isso nunca vai acontecer, porra.

Eu ando para frente e coloco minhas mãos no topo de sua cabeça. Ela olha para mim, de olhos arregalados e linda. Eu quero protegê-la da fodida dor que suas amigas trazem, mas eu não posso protegê-la das pessoas. Eu não consegui fazer isso há quatro anos atrás. Eu não posso fazer isso agora, porra.

Eu só estou aqui para quando ela precisar de mim. Qualquer fodida coisa que ela quiser. Estou aqui.

< 5 >

DAISY CALLOWAY

Jane Eleanor Cobalt está falando francês. Devo esclarecer: um bebê de *um ano de idade* está proferindo palavras francesas, amarradas juntas para soar como frases completas.

— Ela é mais esperta do que eu, — declara Lily, acenando com espanto. Vestindo uma camiseta folgada e leggings com estampas geométricas, Lily olha com admiração para a bebê fashion vestida com um macacão azul claro abraçando um leão de pelúcia.

Eu ajusto a faixa na cabeça da Jane que começa a cair, algo puxando dentro de mim. Não é um bom puxão. Dói mais do que um pouco e tento esconder qualquer sinal dessa dor silenciosa. Eu não gosto que algo tão lindo, como minha sobrinha bebê, traz essas emoções sombrias e contemplativas para fora de mim.

Ela só deve trazer alegria. Isso é o que os bebês fazem. Eles são fofos conjuntos de felicidade com espíritos mais vivos do que todos os adultos juntos.

É minha culpa. Eu não deveria pensar na possibilidade de ter filhos quando estou com Jane.

— Se isso faz você se sentir melhor — eu digo a Lily, — eu estive na França uma tonelada de vez e eu não consigo entender ela.

— Eu ainda sou estúpida. — Lily coloca outro salgadinho de churrasco em sua boca e mastiga alto. Estou prestes a dizer à minha irmã mais velha que ela é tão esperta quanto eu, quando Moffy anda em direção à Jane. Ele parece elegante em calças cinza, uma camiseta preta e minúsculos All-stars brancos.

Ele senta ao lado da Jane, um livro de colorir na mão. Eu mexo no pezinho dele e uso um sorriso que sei que parece feliz.

Moffy abre uma página e murmura para Jane, palavras que claramente não são em inglês. Oh-oh.

Lily tosse com o salgadinho. — Ele falou...

Eu bato nas suas costas, sem saber como ela vai receber essa notícia. — Eu acho que ele pode ter falado francês — digo. — Ou talvez tenha sido espanhol. — Quando tomamos conta dele, Ryke lê livros para Moffy em espanhol. Lo e Lily não sabem, mas nós imaginamos que eles não se importariam.

Eu assisto a reação dela de perto, e ela vai de surpresa para um sorriso exultante, radiante de animação. Eu até sorrio mais, feliz que ela está feliz. Lily quer o melhor para seu filho, e a perspectiva de Maximoff Hale conhecer uma língua estrangeira deve deixá-la orgulhosa.

— Ei — Willow acena para nós depois de descer as escadas.

— Oi, — Lily e eu dizemos em uníssono.

Willow empurra os óculos de aro preto para o alto da ponte do nariz. Ela enfia o celular no bolso do macacão jeans gasto e vai para a cozinha, desaparecendo de vista. Meu estômago se agita, desconfortável com a verdade da noite passada.

Ryke e eu nem fomos dormir até às quatro da manhã. Eu estava sobrecarregada com energia animada do pedido de casamento e energia nervosa da visita improvisada de Cleo e Harper. Em vez de ficar acordada em silêncio - tentando e não conseguindo adormecer - Ryke me abraçou na cama e explicou as novidades de seu pai.

O fato de Willow ser a filha de Jonathan *e* a meia-irmã de Ryke é uma loucura. Não é uma loucura ruim. Apenas uma loucura normal dos Hales.

Até agora, ninguém tem ideia de que Jonathan veio aqui na noite do pedido. Ryke me disse que queria contar ao seu irmão antes de apresentar um “plano” para Jonathan. O problema:

Ryke sempre teve problemas para contar qualquer tipo de notícia para Lo, e eu sei que ele está apenas tentando encontrar um bom momento.

Mesmo que nunca haja um momento perfeito para dizer: *Ei, adivinha, sua meia-irmã é na verdade, sua irmã por parte de pai e mãe, e nosso pai quer um relacionamento com ela. E... ele quer que eu o ajude. Surpresa!*

Não soa bem nem na minha cabeça. Além disso, há muita *porra* deixado de fora dessa proclamação.

Felizmente para mim, minha amizade com Willow não deve mudar. Ela é a única boa amiga que tenho em minha vida, especialmente quando minhas velhas e horríveis amigas estão se levantando do túmulo. Aquela pulseira está na minha cômoda, praticamente me assombrando. Não tenho certeza do que fazer com ela. É muito cara para simplesmente jogar no lixo, e o pensamento de usá-la me faz querer vomitar.

Como Ryke, eu tenho meus próprios planos para inventar, só que o meu envolve braceletes de suborno e ex-amigas.

— A escolha do anel dele te surpreendeu? — Lily pergunta, estilhaçando meus pensamentos.

— Hmm? — Eu digo distraidamente.

Lily franze a testa e seus olhos piscam para os bebês e voltam para mim em contemplação. Seu cabelo está cortado curto em seus ombros, e balança quando ela olha entre nós. Eu não quero que a Lily pense que estar perto do filho dela me deixa triste, mesmo que isso esteja começando a ficar óbvio.

Eu sorrio maior e cutuco o lado dela.

Ela pisca algumas vezes e depois sorri de volta, apontando para a minha mão. — Seu anel.

— Ah, sim — Eu olho para o sol de diamante. Eu teria aceitado até um pedaço de corda, honestamente, mas isso me lembra muito do nosso relacionamento.

— Porque, — Lily diz, — eu achei que Ryke ia te dar uma linha ou algo assim.

— Fico feliz em saber que porra você pensa de mim. — A voz rouca do Ryke emana do hall. Ele aparece com dois capacetes de moto na mão, o jeans rasgado no joelho e o cabelo maciçamente desgrenhado. Só de encontrar seu olhar, aquele olhar sombrio e perigoso, ilumina partes solenes de mim.

Eu salto para os meus pés, meu sorriso se alongando.

— Você deu isso para ela de aniversário! — Ela rebate. — É uma previsão honesta. — Lily mastiga um punhado de salgadinhos.

Ryke revira os olhos. — Eu dei a ela um fodido bracelete de *cânhamo*. Que tal parar de tentar prever o nosso futuro?

Lily faz beicinho e murmura, — Eu achei que estava ficando boa nisso.

— Você está. — Eu defendo minha irmã. — Julian era horrível. Você previu isso, lembra?

— Eu previ. — Lily acena em triunfo e aponta para Ryke. — Ha!

Ryke olha entre nós, uma careta se formando à simples menção do meu ex-namorado. — Eu pensei que nós tivéssemos banido o fodido nome dele. — Essa foi uma declaração do Lo. Ele o odeia quase tanto quanto Ryke.

— Desculpa, — Eu estremeço de brincadeira.

Ryke me entrega um capacete e depois beija o topo da minha cabeça. — Precisamos conversar, — ele diz tão baixo, quase não ouço as palavras.

— Ok — eu sussurro de volta e, em seguida, viro para a sala de estar. — Tchau, Lil!

— Tchau! — Diz ela. — Boa sorte!

— Tchau tchau! — Moffy diz com uma risada anexada.

— Tchau — Jane ri.

Meu coração aperta, e sinto a mão de Ryke na parte inferior das minhas costas, me guiando pelo hall e saindo pela porta. Nós caminhamos pela calçada até a entrada da garagem, duas motos esportivas Ducati em seus apoios. O Escalade da Rose está estacionado no meio-fio, com o motor ligado.

— Minhas irmãs não ajudaram você a escolher o anel então? — Eu pergunto, mudando um pouco o assunto dos bebês, embora eu saiba que isso vai me atingir em breve. Com força total. Sem parar.

— Eu só perguntei a Rose o tamanho. — Ele para na frente da moto vermelha, sua mão deslizando para o meu quadril. Ele me puxa para o peito e percebo a seriedade de suas sobrancelhas franzidas. — Se você quiser mudar de ideia, você ainda pode, Dais.

Estou confusa. — Eu quero casar com você. — Eu agi de forma diferente para que ele pensasse o contrário? — Eu te amo, — eu o lembro, sabendo que eu não digo isso tão frequentemente quanto ele. Quando digo essas palavras, o sangue corre para todos os meus membros, como se me lembrasse da vida.

Eu sou uma coisa viva que respira.

Apaixonada por ele.

— Eu estou falando sobre tentar ter filhos.

Certo.

Nós tivemos duas conversas sérias no mês passado sobre ter bebês. Uma curta. Uma longa. Cada vez chegamos à mesma conclusão.

Nós queremos tentar agora.

— Porque, — ele diz, — eu vou fazer vinte e sete anos. Você tem apenas vinte e eu entenderia se você quiser esperar...

— Não, — eu o paro antes que ele continue. Ele já disse isso antes: eu *poderia ter filhos amanhã. Eu estaria bem se tivesse filhos aos vinte e cinco anos. Eu só preciso saber se você está. E se você precisar esperar mais, eu ficarei feliz pra caralho com isso também*. Eu enfio meu capacete debaixo do meu braço.

— Dais…

— Eu sei o que eu quero. — Essas são palavras mágicas. Elas carregam tanto poder.

Minha vida sempre esteve à milhão e, embora pareça idílico voltar atrás e experimentar uma infância que perdi - não posso ter isso por completo. Eu recuperei o suficiente nos últimos dois anos com Ryke que estou pronta para seguir em frente com ele.

— Você sabe do que está desistindo? — Ele pergunta. — Você não vai poder dar estrelinhas, Calloway.

Eu acho que atrás de todo o seu apoio e encorajamento, Ryke está mais preocupado com esse desconhecido. Antes que eu possa responder, as janelas do Escalade se baixam.

Rose bate no relógio como se dissesse *estamos atrasados*.

Eu aceno para ela e volto minha atenção para Ryke com um sorriso crescente. — É verdade — eu digo, — mas você sabe no que eu acredito?

Ele balança a cabeça uma vez, ouvindo atentamente.

— Que ter bebês com você seria uma aventura muito grande. — Então eu coloco meu capacete e levanto o visor, piscando antes de ir para a minha moto vermelha.

Ele envolve seus braços em volta da minha cintura, puxando minhas costas para seu peito, e diz — Então vamos fodidamente começar, amor.

A triste constatação: não será tão fácil para nós. É dolorosamente claro só vendo para onde estamos indo.

Um médico de fertilidade.

< 6 >

DAISY CALLOWAY

— Alguém diz alguma coisa. — Eu não aguento mais o silêncio tenso. Eu tentei preenchê-lo com digressões sobre donuts polvilhadas e Wake Boarding. Ninguém mordeu a isca nessas conversas, permanecendo quietos em relação às minhas verdadeiras intenções. Que não envolve rosquinhas bonitas ou a emoção dos esportes aquáticos.

Eu estou nervosa. Muito nervosa. Eu me contorço na cama do hospital, papel enrugando embaixo da minha bunda. Eu não gosto de consultórios médicos, as paredes sem graça e o espaço apertado. Eu me sinto confinada, como se estivesse sentada em uma caixa estéril.

Connor está sentado em uma das duas cadeiras, mandando mensagens. Ele não olha para cima quando diz — Sua teoria sobre rosquinhas sustentando a população de Marte foi tão sem sentido que fiquei sem palavras.

— Graças a Deus, — Ryke diz, com os braços cruzados enquanto ele fica ao meu lado.

Normalmente, é difícil ler as expressões do Connor, mas ele propositalmente lança um olhar irritado para Ryke antes de guardar seu celular.

Eu balanço minhas pernas, impaciente. Essa consulta significa mais do que todos as outras. O Dr. Yoshida é o melhor médico de fertilidade na cidade de Nova York e em toda a costa leste. Se ele não pode me ajudar, eu posso muito bem pegar minha esperança e enviá-la para longe.

Eu sinto Ryke observando meus pequenos movimentos em preocupação. Eu mostro-lhe um pequeno sorriso e ele esfrega meus ombros. Seu olhar cai para minha camiseta branca e fina com o slogan *carpe esse fodido diem* imprimido no peito.

Ele toca na bainha.

Meu celular continua vibrando na minha perna, mensagens do assessor da minha família, Corbin Nery. No caminho até aqui, um paparazzi tirou uma foto clara do meu anel de noivado. *Celebrity Crush* e outros tabloides continuam entrando em contato com Corbin para um comentário. Nós dissemos a ele para falar *sem comentários por enquanto*, mas ele quer que façamos um grande anúncio ou, pelo menos, que ele diga à mídia que estamos noivos.

Ryke não está interessado em trabalhar com Corbin ou qualquer outro assessor, então provavelmente vamos simplesmente fazer um anúncio no Instagram ou no Snapchat em nosso próprio tempo e do nosso próprio jeito.

Eu giro meu anel de noivado algumas vezes, apenas brincando com meus dedos. Olho para Ryke e sua mandíbula endurece. Ele engole e passa a mão pelo cabelo.

Paro rapidamente, colocando as palmas das mãos nos joelhos.

— Ei, — eu digo com um sorriso forçado, preocupada. No fundo da minha cabeça, me lembro de como ele me explicou o que Loren fazia quando estava nervoso. Perguntei a Ryke imediatamente como ele sabia que seu irmão mais novo estava tendo um dia ruim, já que ele parecia o mesmo Loren Hale sarcástico para mim.

Aparentemente Lo gira seu anel de casamento quando ele anseia por álcool, e deve ter sido o que Ryke imaginou quando me viu torcer o meu.

Ele levanta as sobrancelhas conscientemente, e seu olhar sombrio se dirige para minha irmã. — Que porra você está fazendo?

Ela anda de um lado para o outro no consultório, e agora parou, o celular apontado para os certificados e diplomas pendurados na parede.

— Me certificando de que esses são reais, — ela responde, seu tom áspero e cheio de gelo.

Eu sorrio, feliz por ela estar aqui.

Connor diz — Eu nunca recomendaria um médico que tivesse trapaceado o seu caminho através da escola de medicina. — Ele parece mais entediado do que qualquer coisa, o braço sobre a cadeira vazia ao lado dele.

Rose o ignora e revida tirando mais três fotos, flashes saindo em sucessão.

Connor sorri. — Eu sinto hostilidade.

Rose joga o cabelo por cima do ombro e fica de costas para ele. Seu silêncio parece estar deixando-o louco. Ele se desloca no assento e olha para a porta e para o relógio.

E então a porta se abre, aspirando o ar. Eu respiro fundo. *Aqui vamos nós.*

Rose retorna seu celular para sua bolsa, mas permanece em pé. Na verdade, Connor se levanta quando o Dr. Yoshida se espreme para dentro, com os óculos redondos empoleirados no nariz. Ele sorri gentilmente, carregando duas pastas e um arquivo de papel pardo. — Parece que temos um quarto cheio hoje.

Eu apresento todo mundo, não me importando se ele já nos conhece da mídia. — Esse é meu cunhado, Connor Cobalt.

Sua postura é cheia de confiança desenfreada, e ele estende a mão para apertar a mão do Dr. Yoshida.

— Minha irmã, Rose.

Seus olhos verdes-amarelados o perfuram e seus lábios permanecem em uma linha predatória. Ele só parece um pouco assustado, o que é melhor que a maioria. Ela, no entanto, oferece um aperto de mão - que é um sorriso no mundo de Rose Calloway.

Por fim, eu aperto a mão de Ryke ao meu lado. — E esse é o meu noivo, Ryke. — Os cantos da minha boca se levantam imediatamente, incapazes de se conter. *Noivo*.

Eu sou a futura esposa de alguém.

Se eu pensar sobre isso no contexto de Ryke, minha cabeça quase gira. É a sensação de nunca acreditar verdadeiramente que algo vai se concretizar, mas finalmente *sentir* o momento que aconteceu.

Dr. Yoshida aperta a mão de Ryke. — Prazer em conhecer todos vocês. — Ele levanta o arquivo de manila. — Quem quer o acordo de não divulgação?

— Eu. — Connor avança e pega o arquivo dele. A normalidade desapareceu. Eu não fui aos advogados da minha família para pedir ajuda. Eu não estou exatamente "cortando laços", mas no último ano, tenho me distanciado lentamente das "pessoas" da minha mãe e do meu pai - eu tenho meu próprio contador, não um escolhido por ela. Eu tenho meu próprio consultor financeiro.

Agora eu tenho meu próprio advogado. Ele escreveu o acordo para todos os meus médicos. Pode haver leis e juramentos da HIPPA exigindo confidencialidade médico-paciente, mas nenhum de nós gosta mais de arriscar. Todos nós já fomos queimados de maneiras diferentes.

Dr. Yoshida puxa duas imagens de ultrassom de uma pasta e as coloca em uma luz de fundo. Meus ovários exibidos para todo mundo ver. Eles são bolinhas cinzentas, as imagens são difíceis de ler, mas eu não iria surtar nem se fossem desenhos detalhados do meu sistema reprodutivo.

Eu cresci basicamente sendo dita que minha forma humana pertencia a fotógrafos e designers, uma simples tela para que outras pessoas fizessem o que quisessem. Eu costumava ser insensível ao *meu* corpo. Levou anos, mas sou a dona da pele que uso. E me sinto livre para tirar a roupa quando *eu* quiser agora. Nos meus termos.

Ninguém está me deixando nua em uma multidão de pessoas. Eu não vou deixá-los fazer isso sem o meu consentimento. Não mais.

Dr. Yoshida limpa a garganta antes de gesticular para as imagens. — Estamos mais preocupados com o cisto no seu ovário esquerdo. É maior que o do lado direito. — Ele aponta para eles, delineando os padrões escuros. — Eles estão localizados dentro dos ovários, não em cima deles, o que os torna Endometrioma. — Ele se vira para mim. — Também conhecido como cistos de chocolate.

Eu congelo, já sabendo o apelido deles. Quando ouvi pela primeira vez, achei que alguém estava fazendo uma piada cruel comigo. *Cistos de chocolate*. — Meu tipo favorito, — eu digo alegremente.

Ninguém acha meu humor divertido agora. Literalmente há um silêncio mortal. Normalmente, sou melhor em aliviar a tensão, mas acho que sou melhor quando o assunto não é sobre mim.

Ryke coloca a mão na minha coxa - um lugar perigoso. Eu começo a sorrir, gostando de tudo. Ele pergunta ao médico — Você está recomendando a cirurgia? — Seu tom é grosseiro. Eu gosto disso também.

Dr. Yoshida clica em uma caneta. — Se o cisto fosse menor, eu não recomendaria, mas, neste momento, a cirurgia é a melhor diretiva. Todos os casos são diferentes, e eu não gosto da aparência de seus ovários e tubos esquerdos. Eles só vão piorar.

É o que o outro médico aconselhou também.

Rose reajusta sua bolsa em seu braço, suas clavículas sobressaindo enquanto ela segura a respiração. Me sinto sem fôlego, incapaz de lembrar as perguntas que deveria estar fazendo.

Ryke acena para o médico. — Ela ainda pode engravidar se for submetida a cirurgia?

Isso é importante. *Obrigada Ryke.*

— Vai ser difícil, por uma série de razões, mas não se torna impossível. — Ele olha para mim novamente. — A idade diminui sua reserva e a cirurgia terá o mesmo efeito. Durante a remoção do ovário esquerdo e do tubo esquerdo, gostaria de retirar o cisto menor do ovário direito. Se parecer muito arriscado na hora, não tocarei no cisto. O importante seria preservar o seu ovário direito enquanto pudermos.

Concordo com a cabeça, entendendo com base na explicação do outro médico. Com o tempo, eles acham que meu ovário direito vai combinar com a feiura do esquerdo, o que me deixará sem opção a não ser a remoção.

— Você está atualmente tomando pílula anticoncepcional, — afirma, lendo meu arquivo.

— Eu vou parar de tomar hoje, — digo a ele.

Ryke acrescenta, — Queremos tentar ter um fodido filho. — Eu não acho que ele percebeu que ele adicionou um *fodido* ali, e eu não consigo parar de sorrir.

Rose e Connor não parecem surpresos nem com o palavrão nem com sua admissão. Acho que todos sabiam em silêncio que íamos tentar em breve. Tem sido um assunto triste, então ninguém realmente fala sobre isso com frequência.

Dr. Yoshida faz uma anotação. — A pílula anticoncepcional pode às vezes ajudar a suprimir o desenvolvimento de cistos nos ovários. É uma razão pela qual engravidar com cistos preexistentes pode ser complicado. — Ele examina os arquivos. — Sua menstruação irregular provavelmente é devida aos Endometrioma. Uma vez que passarmos por uma cirurgia, seu ovário direito deve assumir em dois ou três meses e sua menstruação deve se tornar mais regular.

Eu aceno de novo, me sentindo um pouco robótica.

— Como tem sido a dor?

Todo mundo olha para mim.

— Só fica ruim mesmo quando eu menstruo e piora quando paro de tomar a pílula. — Essa parte me assusta já que eu obviamente preciso parar de tomar a pílula para ter um bebê.

Ele assente com a cabeça como se já esperasse essa minha resposta. — A maior parte da dor deve diminuir após a cirurgia. — Eu foco no *deve* - é mais uma possibilidade e menos como uma certeza.

Ryke coça a mandíbula e pergunta — Quão doloroso será para ela fazer sexo?

Dr. Yoshida folheia meu arquivo. — Ela sente dor durante a relação sexual agora?

Eu bloqueio Connor, que também está ouvindo essa informação, e amarro meu cabelo em um coque alto. — Eu não sabia que tinha cistos, então pode ter havido algumas vezes em que achei que doeu um pouco apenas porque ele é grande.

Ryke fica rígido.

Na época, eu nunca disse a ele que sentia dor porque durava talvez um minuto ou dois e depois ele mudava de posição de qualquer maneira. Não parecia algo tão importante quanto se tornou.

Seus olhos escuros voam para mim e depois voltam para o médico. Ele está com raiva. De si mesmo por não ter visto minha dor e de mim por não o ter deixado saber. Ele nunca quer me machucar. Eu daria a ele mais detalhes agora - para mostrar que isso foi no passado e não memorável - mas eu não quero pintar retratos vívidos da nossa vida sexual para o médico, minha irmã e *Connor*.

Eu toco na sua mão que está na minha coxa e, em vez de se distanciar de mim, ele entrelaça os dedos nos meus. Isso me lembra de como ele é maduro, nunca deixando as pequenas coisas se enraizarem.

— Se eu remover o cisto direito, deve ajudar com a dor — diz o Dr. Yoshida em pensamento, fazendo outra anotação.

Connor parece um pouco irritado por todas as anotações e pelo compartilhamento insuficiente, mas ele surpreendentemente fica quieto.

— Então eu sugiro a cirurgia o mais rápido possível antes de tentar engravidar. Como isso soa?

— Bom — eu digo a ele. Lembro-me do que Ryke e eu já discutimos e do que concordamos durante nossa longa conversa. Ele disse que eu precisava tomar conta do Endometrioma antes de considerar filhos. Que minha saúde supera a gravidez. Palavras do Ryke: *Bebês ficam na porra do banco de trás, amor.*

Eu respondi: *Literalmente*. *Eles estarão sentados no banco de trás se dirigirmos com nossos bebês por aí.*

Ele me jogou por cima do ombro por isso.

— Sempre há uma chance de você ser infértil, — diz o médico, — independentemente da cirurgia. Nesse caso, recomendo a fertilização in vitro. Não há garantia de que a fertilização in vitro funcionará e há um alto risco de romper o cisto durante a recuperação do óvulo. Mas… com seu histórico médico, é provável que a gravidez possa ser difícil em seu corpo, independentemente.

Ele explica mais, delineando os prós e contras e listando palavras gigantes que embaçam minha mente. Os riscos para a gravidez com Endometrioma são aterrorizantes: *pré-eclâmpsia, parto prematuro, hemorragia ante parto, aborto espontâneo, natimorto.*

Ele termina com: — Então você precisa decidir se quer tentar por conta própria ou ir direto para a fertilização in vitro ou a barriga de aluguel.

Os prós da barriga de aluguel: meu corpo é poupado de todas as dificuldades de uma gravidez de alto risco. Nenhuma possibilidade de dor, aborto espontâneo ou hemorragia.

— Então, — começo, tentando envolver minha cabeça em torno disso, — se eu não for com fertilização in vitro ou barriga de aluguel, então o risco será de infertilidade e talvez um pouco de dor?

— Já que você obviamente precisa fazer sexo durante a ovulação - e isso tem sido doloroso para você no passado - será inevitável quando você estiver tentando conceber. — Ele acrescenta: — Como mencionei, a cirurgia deve ajudar. — *Deve.* — Existem outros métodos para se sentir mais confortável. Posição papai e mamãe pode ser dolorosa para alguns, então você pode tentar o estilo cachorrinho e de lado. O pênis entra em um ângulo melhor.

Não olhe para Connor Cobalt.

Todo mundo está quieto, remoendo essas opções. Eu quero fazer uma piada sobre sexo, mas acho difícil falar.

Dr. Yoshida pega as imagens de ultrassom e fecha as pastas. — Eu gostaria de programar sua cirurgia, e enquanto isso, vocês podem pensar sobre suas opções para conceber. — Seu olhar salta entre Ryke e eu. — Quando vocês decidirem a rota que querem, podemos ir de lá. Eu preciso enfatizar que sua gravidez será de *alto risco* se você escolher ter o bebê. Para evitar a maioria das complicações, a barriga de aluguel é uma ótima alternativa.

Eu aceno uma vez, e ele dá um tapinha no meu ombro antes de nos deixar sozinhos para discutir. Meu instinto diz para tentar sozinha primeiro. Nenhuma fertilização in vitro, nenhuma barriga de aluguel. Nós ainda não vimos se eu sou totalmente infértil ainda. A cirurgia pode ajudar com isso. Eu sei que é a opção mais arriscada - mas quando é que eu já fugi de um pequeno perigo?

Mesmo pensando nisso, tenho certeza de que esse será um dos maiores riscos da minha vida. E eu nem estou correndo por uma estrada ou mergulhando em um penhasco.

Estou brincando com as capacidades do meu corpo e pode não ser adequado para trazer vida a esse mundo. Rose me disse que isso não me faz menos mulher. Eu chorei quando ela disse isso - porque me sinto estranha ultimamente. Talvez seja por isso.

Eu continuo tentando navegar esses sentimentos, e acho que o *tempo* será a maior ajuda para escalar sobre eles. Tempo para lidar. Tempo para aceitar a experiência que posso perder. Tempo para perceber que sou uma mulher como *todas* as mulheres.

Antes de fechar este capítulo e resolver meu destino, quero seguir o que está em meu coração. Sem ficar na linha de segurança. Eu quero tentar. Eu quero correr a duzentos quilômetros por hora sem frear.

Eu quero correr esse risco.

Mesmo que isso me mate.

A porta se fecha e Connor fala primeiro, como se estivesse prestes a explodir por conter por tanto tempo. — Você precisa pensar sobre a possibilidade de aborto e o que isso significa para sua saúde mental. — Ele está mais severo e fraterno do que jamais esteve comigo.

Eu olho para Ryke - não tenho ideia de onde sua cabeça está, mas pelo jeito que ele olha nos meus olhos, vejo que ele percebe que caminho vou seguir. Eu uso uma expressão cheia de malícia e excitação, meus lábios se curvaram, o que geralmente aparece na face do perigo.

Se esse processo não pudesse ferir à minha saúde, eu diria que ele ficaria confiante do meu lado. No entanto, ele se preocupa com o que vai acontecer comigo. Eu costumo esquecer de mim mesmo e me concentrar em coisas maiores.

— Você acha que eu não estou mentalmente estável o suficiente? — Pergunto a Ryke.

— Eu fodidamente não sei, — ele admite.

Eu tento animá-lo, agarrando sua cintura enquanto ainda estou sentada. — Frederick me disse que eu era sua *melhor* paciente no outro dia. — Eu levanto minhas sobrancelhas para ele.

— Eu passei Connor Cobalt. Portanto, eu deveria estar apta para qualquer coisa. — Nós compartilhamos o mesmo terapeuta, mas por diferentes razões. Eu fui diagnosticada com depressão e TEPT, então é seguro assumir que eu seria mentalmente afetada por um aborto espontâneo.

Connor não se diverte. — Eu sinceramente duvido que essas foram as palavras exatas de Rick. — Ele pega seu celular, provavelmente para enviar uma mensagem para Frederick.

Ryke cruza os braços, não brincando sobre isso.

Minha mão se fecha, agarrando sua camisa. — Duzentos quilômetros por hora. Sem freios.

Seus olhos ficam vermelhos. Nossos olhares estão fixados, todas as nossas experiências juntas correndo através de nós, cada momento em que nós beijamos a morte, mas nunca a provamos. Toda vez que vivemos a vida tão terrivelmente - *tão plenamente.*

E então ele pega meu amarrador de cabelo, meus cabelos castanhos caindo do coque. Sua mandíbula desliza pela minha bochecha, sua mão protegendo a parte de trás da minha cabeça, sua respiração aquecendo meu ouvido. E ele diz — Estou do seu lado, Calloway.

Eu sorrio abertamente, e tudo parece certo e bem - ter Ryke firmemente de acordo - mas é difícil quando duas das pessoas mais espertas estão ao contrário de nós.

Rose violentamente limpa sua garganta até que nós viramos para ela e seu marido. Ela está com as mãos nos quadris, e ele guardou o celular no bolso, todo o foco deles em nós dois.

— Vou tentar ter o bebê primeiro — digo a ela.

— Você não pode simplesmente decidir isso agora — ela retruca, como se estivesse declarando a lei.

Ryke estreita o olhar. — Nós acabamos de fazer essa porra.

— O médico disse para pesar suas opções. — Rose parece mais do que nervosa, lutando contra lágrimas reais. — E se algo acontecer com você? Hemorragia ante parto e pré-eclâmpsia podem ser *fatais*. Isso é a morte, Daisy. — O medo dentro da minha brilhante e descaradamente confiante irmã quase me tira o fôlego.

— Sempre haverá riscos para *qualquer* gravidez — eu digo, tentando me manter firme.

Rose estreita os olhos. — Esses não são riscos normais. Isso não é saltar de um prédio em uma piscina. Se você engravidar e algo acontecer, você se foi. Fim de jogo. — Seus dramas habituais são dolorosos quando dirigidos a mim, especialmente no contexto de minha morte hipotética.

Eu tento ser mais positiva sem parecer ingênua. — Esse não é o século dezoito, — eu a lembro. — Temos médicos e tecnologia e minhas chances não são terríveis. Se elas fossem, o Dr. Yoshida não recomendaria isso.

— É a nossa fodida escolha, — acrescenta Ryke, o que faz meus lábios se levantarem. Ele coloca o braço em volta dos meus ombros, o polegar desenhando círculos na minha pele.

— Ela é minha irmãzinha.

— Rose, — eu sussurro, — eu não morri. Por favor, não chore.

Ela abre a boca, quase escarnecendo. — *Eu não estou chorando*. — Ela rapidamente limpa embaixo dos olhos, checando por lágrimas involuntárias, e então levanta o queixo mais alto.

Connor balança a cabeça. Connor Cobalt - a voz da razão - é cheio de severidade, seu exterior normalmente calmo é interrompido por isso. — Eu tenho uma filha e uma esposa agora, — ele diz, — então eu vou te fazer a cortesia e dizer o que eu diria a elas se elas estivessem na sua situação.

Os músculos de Ryke se flexionam, sua mandíbula se contraindo. Não tenho certeza se quero ouvir a opinião de Connor, mesmo que seja cheia de sabedoria.

— Você está cometendo um erro, — diz ele categoricamente. — Vocês dois estão.

Ryke se agita ao meu lado. Eles têm quase a mesma idade e, apesar de Ryke não ser um gênio certificado, ele é experiente, inteligente e quem está apaixonado por mim.

Connor dirige essa próxima declaração para Ryke. — Você vê os riscos como uma fita que pode atravessar e não como paredes que podem te bloquear. Eu não estou dizendo que você é cego porque você não é. Você vê suas vulnerabilidades. Mas você simplesmente não se importa. Nenhum de vocês se importam. É como se a morte fosse outra emoção, e é quase doentio assistir.

— Nós não pedimos uma porra de palestra quando nós convidamos vocês aqui, — Ryke rosna. Connor está se aprofundando mais em nossa situação. Isso não é somente sobre a nossa escolha de carregar uma criança. É sobre as escaladas do Ryke.

É sobre nós dois.

Connor nunca recua ou perde tempo se defendendo. Ele apenas continua: — Suas vidas têm valor e suas mortes não têm nenhum. Não vale a pena carregar um bebê a termo, escalar uma pedra sem arreios, ou qualquer outro risco que vocês correm em seus tempos livres.

Eu imagino viver *para sempre* dentro de um espaço esculpido com segurança. Imagino nós dois batendo nas paredes, tentando nos libertar.

Eu recolho meus sentimentos e os transformo em palavras. — Talvez essas coisas valem mais a *nossos* olhos do que aos seus.

Connor abre a boca, mas Rose toca o braço dele e sussurra em seu ouvido. Um leve aborrecimento atravessa suas feições antes que sua compostura retorne, em branco novamente.

Eu pulo da cama do hospital, meu braço em volta da cintura de Ryke. — Rose, — eu digo.

Ela coloca seu brilhante cabelo castanho sobre um ombro, seu elegante vestido preto abraçando seu corpo de ampulheta. — Sim?

— Se o médico disse que eu posso carregar um bebê, eu estava planejando te perguntar uma coisa… — Ela se ofereceu para ser minha barriga de aluguel, mas agora que eu talvez não precise dela assim - eu ainda quero que ela faça parte disso de outra maneira.

Ela ouve atentamente.

— Você consideraria tentar engravidar ao mesmo tempo que eu? — Eu pergunto com um sorriso. Não é nenhum segredo que Connor e Rose querem mais filhos. Eles estão adiando por causa da minha situação, e eu não quero que ela espere muito mais.

— O quê? — Rose empalidece, seus olhos parecendo orbes e cheios de confusão e perguntas.

— Lily teve essa experiência com você, e uma grande parte de mim adoraria tê-la também. — Além disso, se ela estiver grávida ao mesmo tempo que eu, haverá menos foco nos meus problemas - menos ansiedade e preocupação para todos os envolvidos.

Parece uma solução pacífica. Feliz.

Connor está olhando diretamente para mim, vendo *todas* as minhas intenções. Eu encontro seus olhos, e os dele estão totalmente impassíveis, apenas me deixando absorver o que eu atiro nele.

Eu não gosto de ser um problema na vida das pessoas, e eu só quero que elas sejam felizes. Dessa forma, se algo acontecer comigo, elas ainda terão boas notícias. Eu vejo coisas boas. Ele não vê?

Rose toca sua testa, estressada por tudo hoje, eu posso perceber. Esse foi um mau momento. — Tudo bem, — eu digo rapidamente. — Não é um grande ne...

— Nós vamos ter que planejar muito bem — declara Rose, abaixando a mão.

Eu pulo na ponta dos meus dedos do pé. — Sério? — Meu peito sobe e meu sorriso se estica. Deve ser contagioso porque ela também começa a sorrir.

Ela assente com a cabeça e depois se vira para o marido. Eles começam a falar em francês abafado, indistinguível de onde estamos.

Meu celular toca na minha mochila de couro marrom. Ryke está mais próximo, então peço a ele para pegá-lo, já que ele já está no meio do caminho.

Ele coloca a senha e vê a nova mensagem. — Da sua mãe. — Sua voz é mais forte. — Incrível pra caralho.

Eu me inclino para seu corpo e leio a mensagem.

A festa de noivado está marcada para o final de semana do aniversário do Ryke. Nenhum cancelamento. Vocês vão estar lá. Você é minha última garotinha. Amo você. - Mãe

— Eu posso dizer não… — Eu digo a ele.

Ryke esfrega os lábios e depois balança a cabeça. — Devemos dar isso a ela.

Eu franzo a testa, imaginando onde ele está indo com isso. — Por quê?

Seu olhar escurece em mim. — Porque nós não dissemos a seus fodidos pais que estamos tentando ter um bebê.

Eu suspiro. — O horror.

Ele não pisca nem sorri. Ele está estoico, seu olhar varrendo meu corpo de maneira sedutora. Minha respiração diminui, e estou tentada a flertar de volta.

Ryke é quem termina tudo antes de começar. — Precisamos dar algo a ela antes de contarmos. — Ele não quer enraivecer minha mãe ou estar na lista de merda dos meus pais novamente. Estamos todos em um bom lugar um com o outro, e seria algo ruim perder todo esse progresso por causa disso.

Então eu aceno de acordo. — Você está mais preocupado com a minha mãe ou com o meu pai? — Eu pergunto.

Ele me dá uma olhada como se dissesse *eu não estivesse fodidamente preocupado*. Então ele mexe no meu cabelo, os fios frisados. Eu sorrio, já sabendo que o respeito do meu pai significa mais para ele. Todo mundo ama Greg Calloway, então quando ele nem *gosta* de você de volta, dói um pouco mais.

Estou mais preocupada como uma festa de noivado dada por Samantha Calloway pode ser.

A conhecendo, tudo é possível.

< 7 >

RYKE MEADOWS

Eu corro em torno da pista da academia no segundo andar, que tem vista para uma quadra de basquete coberta abaixo. Vazia às 4 da manhã de um sábado. A chuva cai no telhado de metal, e meu irmão corre dois passos atrás de mim. Ele pega o seu passo algumas vezes para recuperar o atraso, mas eu dobro o meu facilmente.

Eu olho por cima do meu ombro, e ele franze a testa antes de me dar um meio-sorriso seco.

Eu quase rio. — Talvez você devesse correr muito mais rápido, porra.

— Talvez você devesse quebrar a perna, — ele sugere. Ele já me venceu antes, mas isso não significa que ele faz isso o tempo todo. Antes que eu me concentre na minha frente, eu o vejo bocejando em seu ombro. — Ou me peça para correr durante uma hora normal. Eu sou apenas um humano, mano!

Eu desacelero para uma caminhada, e Lo combina com o meu ritmo ao meu lado. Eu não falo no começo. Preciso dizer algo a ele - sei que não posso manter isso para mim como costumava fazer. Em vez de "me expressar", apenas sigo no meu lado da pista.

Lo me dá um olhar estranho, como se eu tivesse crescido uma porra de antena no meio da minha testa.

— O quê? — Eu pergunto.

— Você está respirando como se tivesse fumado cinco pacotes de cigarro. — Ele toca seu peito. — Eu sei que estou em uma forma *muito* melhor que a sua, mas nós só corremos oito quilômetros. Eu já vi você correr duas vezes isso sem arfar.

— Eu não estou *arfando.*

— Que seja, cara. Você está fazendo essa coisa de respiração. — Ele me imita, soando como uma baleia encalhada.

Eu mostro o dedo do meio pra ele.

Ele finge que está pegando o meu dedo e o guardando. — Obrigado. Eu precisava de uma *foda-se* de você para mais tarde.

— Você está de bom humor. — Eu alongo meu braço enquanto continuamos andando, meus músculos tensos de ansiedade. Eu sou ruim pra caralho em dar más notícias.

Lo assente com a cabeça. — Os números chegaram ontem e a nova linha de roupas de bebê da Hale Co. aumentou nossa margem de lucro. Outra vantagem, eu posso ver Rose insultando alguns dos seres humanos mais *fodidos* que eu já conheci. A América corporativa é suja. — Ele se encolhe com o pensamento. — Não diga a Rose que eu a elogiei.

Eu quase rio. Estou feliz por a parceria de negócios deles ter funcionado sem grandes problemas. Eu acho que ninguém esperava que fosse tão bem, nem mesmo Lo.

Ele coça a nuca, os olhos âmbar mais suaves, mas a mandíbula ainda afiada. — Você já pensou em trabalhar lá? — Ele rapidamente acrescenta — Eu não quero que você pense que eu preciso de você. Porque eu *não* preciso. Eu só estou querendo saber se você virá a bordo.

Lo está dirigindo a Hale Co. por conta própria, e quando nosso pai deixou o cargo, tive a oportunidade de ser CEO com ele. Meu irmão provou que ele poderia fazer isso sozinho e que ele queria o emprego. Então eu o deixo ter tudo.

Eu sempre quis administrar um império multibilionário que vende produtos para bebês? — Não — digo a Lo. — Por mais que eu goste da ideia de trabalhar com você, acho que nós mataríamos um ao outro até o final dessa porra. — Eu só posso ver um relacionamento comercial prejudicando a confiança e o respeito que construímos por tanto fodido tempo.

Ele assente algumas vezes, de acordo. Então ele para completamente, apoiando o braço no corrimão da sacada que tem vista para seis quadras de basquete abaixo. Eu posso me ouvir respirando - *puta que pariu*. *Ele estava certo*.

De repente, Lo diz — Quero dividir minhas ações e dar a você parte da empresa.

— Não, — eu imediatamente rejeito essa ideia.

Lo estreita os olhos, seu olhar perfurando buracos em mim. — Você nunca nem me disse que ele não lhe deu uma parte da empresa.

As pessoas podem acessar essas informações, assim como Lo provavelmente fez quando assumiu a Hale Co. — Ele não queria que ninguém soubesse que eu era seu fodido filho, Lo. Ele não poderia ter um fodido garoto aleatório chamado *Jonathan Ryke Meadows* como acionista.

Lo solta um suspiro agitado. — Então por que não me deixa ajudá-lo agora?

— Porque eu não preciso de fodida ajuda. Você me disse o valor que está em sua poupança antes - e o meu é o triplo do seu. Nosso pai fez isso para compensar o que perdi em ações. Estamos quites.

Lo olha para as quadras de basquete e depois para mim. — Ele tem controle sobre sua conta, Ryke.

— Sim, eu sei. — Nosso pai tem uma enorme estipulação ligada à minha conta que Lo está ciente, mas eu não quero que ele se preocupe com minhas finanças. Posso não valer bilhões como ele, mas ainda tenho milhões - muito mais do que o suficiente. — Olha, eu economizei muito dinheiro com patrocínios...

— Você tem que escalar para fazer isso, — ele me corta com uma risada curta e dolorida. — Esqueça isso. — Ele começa a andar novamente em uma corrida.

Eu o alcanço rapidamente, percebendo sobre o que isso é de verdade. Ganho dinheiro com comerciais e anúncios quando escalo, atualmente sou o rosto da bebida esportiva da *Fizzle,* o *Ziff: River Rush*. — Ei — eu digo, descansando a mão em seu ombro até que ele diminui a velocidade até parar.

Ele se vira para mim, olhos piscando rapidamente. — O que?

É aqui que eu conto para ele tudo na minha cabeça. Onde eu deixo toda essa porra sair. Ainda não sou bom nisso, mas não vou enterrar tudo como costumava fazer. — Eu vou escalar se alguém me pagar ou não por isso. Você tem que aceitar essa porra.

Ele olha através de mim, tendo problemas em me olhar diretamente. Seus olhos começam a ficar vermelhos, sem piscar e tensos.

— Eu escalei praticamente toda a porra da minha vida, e não posso desistir por nada. — É uma parte de quem eu sou, e eu não sei viver sem isso. Eu não sei se posso.

— Você está autorizado a ser egoísta. Eu entendo isso — diz Lo. — Quero dizer, eu deveria entender isso, eu sou o mais egoísta de todos nós.

Eu faço uma careta - sentindo a dor de cada palavra. Fico surpreso quando ele não lança nada sobre *ter um filho* para mim. Talvez ele esteja se segurando para não ir tão baixo, mas estou pensando nisso de qualquer maneira. *Ter um filho enquanto assume esses riscos.* Minha vida está fluindo mais agora do que nunca, e não tenho certeza se posso me enraizar do jeito certo.

— Vamos esquecer isso — resmunga Lo, se acalmando um pouco.

— Espera — Eu pego seu braço antes de ele sair. — Há algo que eu preciso te contar. — Willow. Nosso pai. Essa é a conversa que me aterroriza, mas tem que acontecer. De todos, Lo merece respostas. Eu só não sei como ele vai lidar com elas, porra.

Suas sobrancelhas se levantam em surpresa seca. — Ah, quer dizer que sua rotina de hipopótamo desidratado não foi porque você está fora de forma e precisa de um tanque de oxigênio na carona para casa?

Eu reviro meus olhos e depois descanso minhas mãos na minha cabeça. — Olha...

— Estou olhando. — Ele na verdade está estreitando os olhos para mim - mas não tanto quanto antes.

Eu abro minha boca, pronto para acabar logo com isso.

Seu celular toca. *Porra*.

Eu corro a mão pelo meu cabelo enquanto ele procura no bolso dele. — É provavelmente apenas um dos meus funcionários irritantemente superdotados que precisam saber como são incríveis a cada minuto do dia. — Ele olha para a tela. — Não, não é a Rose. — Ele aperta um botão e coloca o celular no ouvido. — Ei, Lil. Por favor, me diga que você gravou o novo episódio de *Teen Wolf*, e por favor me diga que você não assistiu sem mim.

Ele percebe meu olhar furioso e levanta um dedo, seus olhos suavizam em um pedido de desculpas. E então eles se transformam em pura preocupação. — Espera, desacelera, amor. Respira fundo.

— O que há de errado? — Eu pergunto, preocupado. Minha suposição por uma fração de segundo é que ela está desejando sexo. Leva um momento para eu me lembrar que ela não liga para o Lo chorando sobre querer sexo ou precisar disso por um muito fodido tempo.

A voz de Lily deve aumentar porque eu ouço as próximas palavras dela. — Ele tem essa coisa nele. É tipo uma área vermelha irregular e ele continua coçando. Eu nunca vi isso antes. E se for realmente *muito* ruim?

— Estou a caminho de casa agora, — diz Lo, já se movendo em direção à saída. Eu estou bem atrás dele, então eu posso ouvir Lily novamente.

— E se eu tiver alguma forma de herpes silenciosa e eu acidentalmente passei para ele o beijando na bochecha? E se eu fiz isso, Lo? — Sua voz se quebra em um soluço com o nome dele.

Todo o rosto de Lo quebra. — Você não tem herpes, — ele sussurra enquanto caminhamos para fora. Ainda é cedo para as pessoas saírem, mas há alguns olhos cautelosos na calçada. Nós provavelmente devíamos ter trazido nossos guarda-costas, mas às vezes é legal fingir que a gente é normal para variar, porra. — E em segundo lugar, — continua Lo, — você não fez nada de errado. Pelo amor de Deus, é provavelmente só uma alergia da fralda.

— Eu vou dirigir, — digo a Lo quando ele começa a ir em direção ao lado do motorista de seu Audi preto. Ele balança a cabeça e me dá um olhar de *não hoje*. Eu não posso dizer que eu culpo ele. Às vezes eu o deixo mais nervoso quando estou atrás do volante.

Eu subo no banco do passageiro e quando ele fecha a porta, ele coloca o telefone no viva-voz. Eu posso ouvir Lily fungando claramente agora.

— Não é uma... alergia… da... fralda... — ela murmura com o nariz entupido. — Eu vi... fotos.

— Devo chamá-la de Doutora Lily Hale agora? — Lo pergunta, ligando o carro.

— Sim. — Ela assoa o nariz.

— Você está sozinha, Lil? — Eu questiono.

— Sim.

As mãos do se Lo apertam no volante. Moffy começa a chorar alto. — Tudo bem, bebê, — Lily sussurra. — Vamos consertar isso. Eu prometo. — Seu foco volta ao celular. — Vocês podem continuar falando comigo até chegarem aqui? Eu só... eu não quero ficar sozinha.

Lo mal consegue falar. Sua mandíbula afiada, seus dentes rangendo, e seus olhos carregam tanta empatia que quase avermelham. Eu não hesito.

— Então, sei que pode parecer um choque, mas assisti a um episódio desse programa *Teen Wolf* semana passada. Aquela porra não foi horrível. Aquele, é... menino, foi o meu favorito. O bobão com cabelos escuros.

— Stiles — ela responde por mim, sua voz um pouco mais leve. — Qual episódio foi?

Eu começo a explicar o que vi. Daisy e eu encontramos o show gravado, e ela foi seduzida pela palavra *lobo*, então ela colocou um episódio aleatório. Continuamos jogando almofadas um no outro e acabamos na porra do chão de alguma forma. Eu lembro de duas cenas.

Eu continuo falando e olhando para o meu irmão, me certificando de que ele está bem.

Quando chegamos na casa, ele anda na minha frente, praticamente correndo. É aquele fodido momento que percebo que esqueci completamente de contar a ele sobre Willow. Mas agora, é a última coisa que ele precisa ouvir.

< 8 >

DAISY CALLOWAY

Eu ouço o chuveiro correndo enquanto eu estou deitada na cama, debaixo da nossa colcha branca e um cobertor cinza de malha. Coconut ocupa o travesseiro de Ryke já que ele está no banheiro e ela mal se mexe.

Se eu forçar meus ouvidos o suficiente, posso distinguir os sons de gemidos baixos e prazerosos entre a água batendo nos azulejos.

Em um dia normal, eu iria para o chuveiro com ele, mas tentar isso agora, ele ficaria extremamente nervoso. Ryke me buscou do hospital ontem - um ovário e uma tuba uterina a menos após a cirurgia. Estou dolorida de um lado do quadril ao outro e mal consigo me virar sem sentir dor, mas a medicação para dor ajudou um pouco.

Eu não estou em condições de receber prazer, e ele não quer que eu o dê depois que eu voltei para casa.

Deitada aqui. Na quietude sem Ryke ao meu lado. Eu tento não pensar nas más notícias de ontem. Continua queimando na minha mente. Não importa o quanto eu feche as cortinas dos meus pensamentos.

O Dr. Yoshida não conseguiu remover todo o cisto direito.

Pelo menos não sem potencialmente prejudicar meu último ovário restante no processo. Ele disse que tirou o máximo possível, mas eu não consigo parar de imaginar essa *coisa* monstruosa ligada ao meu órgão reprodutor, crescendo lentamente para destruir tudo o que sobrou.

Eu não sou a única com doenças médicas recentemente. Maximoff teve uma alergia louca e depois de alguns testes, eles determinaram que era urticária. Relacionada à alergia. Os médicos chegaram à conclusão que é alergia a formigas, o que fez com que Lily ficasse extremamente paranóica com o inseto. Porém, eu não a culpo. Ouvir aquele bebê chorar de desconforto é suficiente para partir o seu coração.

O chuveiro desliga, acabando com esses meus pensamentos. Eu estico meu braço em direção ao interruptor de luz. O movimento puxa a pele da minha barriga, então eu acabo me sentando de joelhos para alcançá-lo. Eu desligo a luz, e lanternas de papel verdes penduradas se iluminam, lançando um brilho quente em todo o nosso quarto bagunçado.

Há roupas por toda parte.

Junto com armas Nerf, bolas de tênis, frisbee e uma bicicleta real. Eu não consigo nem lembrar como ou por que isso acabou no porão conosco.

A porta do banheiro se abre. Gotas de água rolam pelos ombros e pelo abdômen de Ryke, uma toalha branca de algodão amarrada muito, muito baixa na cintura. Meu corpo pode não cantar agora, mas minha mente está definitivamente apreciando à vista.

Ryke imediatamente me pega ajoelhada em nossa cama. — Qual é o problema? — Pergunta ele, empurrando o cabelo molhado para fora do rosto. *Você é tão atraente*. — Você precisa de mais analgésicos?

Coconut levanta a cabeça, olhando entre nós.

— Não agora. — Eu suavemente e gentilmente coloco meu corpo contra a cabeceira da cama e estendo minhas pernas. Eu uso uma de suas camisas de algodão cinza, a bainha alcançando minhas coxas, nua sob o tecido.

Ele se aproxima do seu lado da cama, colocando um joelho no colchão para ficar ainda mais perto. Eu foco no que está por trás de sua toalha enquanto ele examina meu corpo com um

longo olhar. — Precisa de alguma coisa? Posso pegar um fodido copo de água ou...

— Você poderia se masturbar na minha frente. — Eu abano minhas sobrancelhas de brincadeira.

Suas sobrancelhas se franzem, como se ele estivesse tentando entender se eu estou falando sério ou apenas brincando. Eu pensei que estava brincando, mas eu me pergunto se uma parte de mim deseja que ele apenas se masturbe abertamente em vez de se esconder de mim.

Enquanto ele examina minha expressão, meus olhos passam por sua intrincada tatuagem que é um lembrete para superar o autocontrole. Uma fênix coberta de tinta cobre suas costelas e o peito direito, uma corrente cinza amarrada ao redor dos tornozelos do pássaro, e o início de uma âncora repousa por seu quadril, o final escondido por sua toalha. Eu nem acho que ele perceba o quão sexy é o posicionamento.

Eu também noto sua cicatriz em forma de L de sua cirurgia do transplante, um pouco avermelhada depois do banho. Ela trilha entre as duas costelas e sai por baixo de uma.

— Ou, — eu digo, — você poderia abrir minhas pernas e me foder com tanta, tanta força. — Eu desmorono na cama, minha cabeça caindo no meu travesseiro, e eu teatralmente coloco minha mão na minha testa. — Me foda agora, Ryke Meadows. Ah! — Eu choramingo por ele de brincadeira com uma respiração pesada.

Ele está me olhando atentamente. Não faço ideia de onde está a cabeça dele - provavelmente tanto quanto ele não faz ideia de onde a minha está agora.

— Você está bem comigo se masturbando? — Ele finalmente pergunta.

Não foi o que eu pensei que ele concluiria. Eu me apoio nos meus braços. — Eu não me importo. Eu nunca me importei. — Eu não sou ingênua em pensar que ele pode passar dois meses sem sexo e sem se masturbar.

— Algo está incomodando você, Dais. Eu posso ver essa porra em você. — Porque eu desviei com humor desde o começo.

Ele empurra o cabelo molhado para trás novamente. *Ryke…* eu gostaria de me sentir melhor.

Talvez seja isso.

— Eu simplesmente não gosto disso, — eu sussurro.

Suas sobrancelhas se franzem enquanto ele escuta atentamente.

— E eu estou com medo de perder experiências com você… — Eu paro porque sei que isso é apenas uma amostra do que pode acontecer quando eu ficar grávida. Descansando na cama se for uma gravidez difícil. Deitada. Ficando parada. Eu quero acreditar em mim, e eu não quero que ele se preocupe se eu posso ou não passar por isso. — Eu estou apenas pensando demais.

Sua mandíbula endurece e ele retira o joelho do colchão, com mais de 1,90m de altura e imponente. — O que você está perdendo? Me vendo se masturbar?

— Tão literal — murmuro com um sorriso fraco.

— Então me ajude, Dais.

— Estou tentando, — eu sussurro, sem saber como expressar o que sinto. Eu não sou boa com palavras e nem ele é, e meu corpo está fora de comissão, então eu não posso usar ele para falar o que quero dizer. — Eu não gosto disso — repito o que está batendo em mim.

De repente ele sobe na cama, e eu percebo que estou chorando, trilhas quentes escorregam pelas minhas bochechas.

— Por que eu estou chorando? — Eu digo através de uma avalanche de lágrimas, meu peito arfando. *Eu odeio isso.* — Eu odeio isso. — Ele me puxa em seus braços, e eu cubro meu rosto com as minhas mãos.

— Tudo bem, — ele sussurra no meu ouvido e acaricia meu cabelo.

— Eu odeio isso — eu digo de novo, tentando limpar essas lágrimas involuntárias. Ele me segura com força, e sou muito grata por seu caloroso abraço, acalmando minha enxurrada de emoções. — Eu odeio… estar fora de comissão. Nem mesmo sexualmente. Só fisicamente... quebrada.

É tudo.

É o cisto estúpido. Os dois meses de espera para tentar um bebê. O fato de meus órgãos reprodutivos poderem falhar novamente. É sentir que eu *o* decepcionei de alguma forma. Como se eu não estivesse tentando o suficiente

Como se ele pudesse estar com alguém um pouco mais inteira.

— Ei — Ele arranca minhas mãos do meu rosto e levanta minha cabeça. Meu queixo treme, tentando manter tudo junto. E ele diz com tanta força: — Você não está fodidamente quebrada.

Meus olhos queimam. Demoro um momento para responder. Eu estou tão quieta e parada. Eu respiro — Diga isso de novo.

Ele coloca a mão na minha bochecha, seu polegar escovando as lágrimas sob meus cílios molhados. — Você não está fodidamente quebrada, amor. E você não está perdendo nada comigo.

Eu aceno com a cabeça, esfregando meus olhos. — Você vai se masturbar na minha frente então? — Eu digo levemente, tentando levantar o humor.

Suas sobrancelhas se levantam. — Você quer que eu faça isso?

— Eu não sei… — Meus olhos avermelhados voam até suas feições escuras que também me preocupam muito. Eu o beijo e ele instantaneamente retribui sinceramente, seus dedos perdidos no meu cabelo. Eu mordo seu lábio, puxando um pouco. Ele fecha a distância, me atraindo, sua língua separando meus lábios até que um barulho faz cócegas na minha garganta.

Gaiolas de oxigênio dentro dos meus pulmões, mas ele não está nem perto de ficar sem fôlego.

Ryke Meadows suporta todas as coisas como se ele tivesse nascido para durar para sempre.

Sua perseverança pode me enganar alguns dias. Porque o que ele enfrenta quando ele escala pode acabar com ele. Toda vez. Eu só não quero ver isso dessa maneira. Eu prefiro ver o homem que *vive* cada segundo que seus dedos tocam a rocha, não o homem que pode morrer.

Ele quebra o beijo. Para me deixar respirar.

Meu peito desce em uma expiração pesada. *Me desculpa*, quase digo em relação ao meu desabafo. Eu me paro. Eu já ouço sua resposta. *Não se desculpe por suas fodidas emoções, Calloway. Você pode ficar chateada.*

— Obrigada, — eu sussurro, beijando sua bochecha. Eu deslizo para fora dele para que ele possa retornar às suas próprias atividades e não debruçar sobre mim.

Seu olhar se afasta por um momento e depois volta para mim. — Quando começamos a fazer sexo novamente, você precisa me dizer se está com dor.

Eu me pergunto quanto tempo isso tem estado em sua mente.

Eu coloco uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Não é fácil, sabe. — Minha voz suaviza para um sussurro. — Eu não quero te machucar. — Emocionalmente, quero dizer, mas ele sabe disso.

Ele cobre minha bochecha, a que tem a cicatriz, o suficiente para chamar minha atenção da cama para ele. — Eu não quero que você minta sobre a dor porque você está tentando me fazer feliz - porque você tem medo de ferir meus sentimentos. Não é assim que essa porra funciona. *Você* importa.

Eu o ouço dizer uma versão disso para mim aos dezesseis anos. Aos dezessete anos. Aos dezoito e dezenove anos e agora aos vinte. Ele tentou me fazer sentir mais valor do que eu me

permiti ter. Todo esse tempo.

Mesmo quando o assunto era sobre eu dormir com outros caras. Mesmo quando eu compartilhei detalhes. Ele ainda me escutou.

E sua resposta sempre teve o mesmo batimento cardíaco. *Você importa.*

Estou prestes a jogar uma piada despreocupada, mas as palavras ficam presas na minha garganta e nos meus olhos de novo. Eu aceno repetidamente.

— Venha aqui. — Ele me puxa de volta para o seu colo, apertando os braços ao redor do meu corpo, e eu enterro minha cabeça em seu peito quente. — Todos nós temos partes de nós mesmos que nos mordem na porra da bunda.

Eu olho para ele. — E o que está mordendo minha bunda?

Ele quase sorri. — Você é muito doce, Calloway. — Eu gostaria de ter uma falha fatal melhor, algo destrutivo como *luxúria* ou *ganância*. A bondade parece tão fácil de conquistar, e eu deixo isso me dominar.

— Você sabe o que está mordendo a sua? — Eu pergunto.

— Eu sou teimoso demais. Talvez muito agressivo.

— Ou muito atraente, — observo. — Sua beleza é *terrivelmente* perturbadora.

Ele me dá o olhar mais sexy e severo que eu devoro com olhos gananciosos. — É? — Ele diz profundamente.

— Sim, — eu ecoo, — todas as princesas da terra evacuaram seus castelos em busca deste ferreiro robusto que tem essas mãos… — eu levanto suas mãos nas minhas, suas palmas calejadas de todas as pedras que ele escala. — …essas mãos *masculinas* que elas querem acariciando lentamente suas peles sensíveis. Você involuntariamente esvaziou reinos, Ryke Meadows. Como você se sente sobre isso?

Seu exterior áspero dificilmente muda. Mesmo quando ele diz: — Eu já encontrei a porra da minha princesa.

— Aposto que ela está orgulhosa de estar com um homem como você.

Ele me beija nos lábios, e eu retribuo antes de separar, deixando o ir, saindo de seu colo novamente. Ele hesita, me checando e decidindo ficar em pé. Ele segura a toalha na cintura.

Eu o vejo me observando, e eu gentilmente rolo de barriga para baixo, abraçando meu travesseiro contra a minha bochecha. Meu corpo lateja, uma dor surda com a nova pressão, mas eu não quero deitar de costas novamente.

Sua pele bronzeada está quase seca, seu cabelo castanho escuro ainda úmido. E ele continua segurando meu olhar, a cerca de um metro da nossa cama.

— Você não deveria me olhar assim — eu provoco.

— E como estou olhando para você?

— Como se você me amasse.

— Eu te amo pra caralho. — Ele remove a toalha, usando-a para secar o cabelo. Eu não posso conter um sorriso quando seu pênis aparece. Quente de repente, eu chuto a colcha e o cobertor em direção à borda do colchão. Sua camisa que eu estou usando rolou e se agrupou na minha cintura, deixando minha bunda completamente exposta.

Seus olhos vagam pelo meu corpo, e seus movimentos diminuem enquanto ele observa meu corpo.

— Como se você quisesse fazer bebês comigo — acrescento com um sorriso crescente que ilumina lugares escuros dentro de mim.

Sua excitação pulsa em seus olhos castanhos. — Me diga porque eu não deveria olhar para você assim?

— Meu namorado ficaria nervoso - aquele com o abdômen de dez gominhos. — Eu seguro a bainha da minha camisa cinza, provocando a possibilidade de puxá-la mais para cima, revelando mais da minha parte inferior das costas.

Ryke continua a secar o cabelo novamente, mas seus olhos saltam da minha bunda ao meu olhar. — Tentando me deixar com fodido ciúmes, Calloway?

— Talvez. — Eu sorrio. — Está funcionando?

— Não — ele diz, seus olhos escuros e as sobrancelhas tensas. Nós dois estamos em silêncio, meu corpo quase *vibrando* em vez de latejar. Eu acho que nós dois estamos imaginando-o me levando por trás, beijando entre as minhas pernas, entrando em mim...

A porta se abre. *Nós esquecemos de trancar*.

< 9 >

RYKE MEADOWS

— Jesus Cristo. — Lo xinga assim que ele entra, abruptamente se virando e colocando as mãos em sua cabeça. — Pensei que vocês já saberiam o que é uma tranca agora. Connor ver você *gozar* na sua namorada não foi o suficiente?

— Vai se foder. — Eu jogo a coisa mais próxima que eu tenho nele - que acontece de ser a porra da toalha que eu estava segurando contra o meu pau. Coisas que eu nunca planejei fazer hoje: ficar pelado na frente do meu irmão mais novo. Mas ele não pode continuar usando esse momento como munição, e a verdade é que eu não me importo o suficiente com essa porra para pegar outra toalha.

Nutty late uma vez.

Meu foco imediatamente muda para Daisy. Eu a estudo rapidamente, preocupação endurece minha mandíbula. Ela está sentada, segurando um cobertor no queixo, parecendo mais jovem que o normal. Parecendo ter a idade que tem. Ela não está tão em pânico quanto poderia estar por um intruso, e eu relaxo somente um pouco.

Eu questiono Lo, — Que porra você quer? E pensei você acha saberia o que é *bater* na porta

Ele se vira e seu olhar instantaneamente pousa no meu pau. Seus olhos irritados e cor de âmbar me perfuram. — Eu não quero ver isso, mano.

— Então dê o fora daqui porra.

— Com prazer. Eu tenho merdas para me preocupar de qualquer maneira - que vergonha querer incluir você.

Meu rosto cai. — O que isso significa? — Eu pergunto, mas ele já bate a porta ao sair.

— Incrível pra caralho — eu xingo bruscamente e me viro em direção a Daisy. — Você está...

— Eu estou bem. — Ela deve ver a minha dúvida, porque ela acrescenta: — Não abalada, mas mexida. — Ela me dá um sorriso real. — Eu tenho Coconut, e talvez eu ligue para Frederick para conversar.

Eu gosto que ela tenha melhores saídas para ajudá-la a superar medos simples que impedem a vida cotidiana.

Nutty cutuca o braço e Daisy esfrega seu pêlo espesso. — Vá — Daisy me diz.

Hesito por um breve segundo, a examinando mais uma vez - me certificando de que ela está bem - antes de fechar a porta atrás de mim. Corro pela sala de entretenimento e subo o lance de escadas, só agora percebendo que estou nu.

Fantástico pra caralho.

Eu só apareci nu para Lily uma vez desde que começamos a viver juntos. Foi minha bunda. Não foi um nu frontal completo. Ela diz que suas retinas ainda queimam, mas eu me preocupo em deixá-la desconfortável por causa de seu vício. É algo que fodidamente me mata. Porque eu não quero ser a causa de um dia ruim para ela. Eu a quero tão saudável e tão livre de estresse quanto meu irmão.

Então, quando eu vou para a cozinha, sem ninguém por perto, eu ando um corredor curto até a lavanderia. Eu literalmente pego o primeiro item preto que encontro na secadora. Andando de volta para a cozinha, eu tento o meu melhor entrar em um par de cuecas boxer.

Elas estão apertadas como o inferno.

Olho para elas e paro perto da ilha da cozinha. Pequenas impressões de morcegos amarelos estão espalhadas na porra do tecido.

Que porra é essa?

Eu acho que eu posso estar usando roupas íntimas da Lily.

Foda-se. Eu continuo meu passo, empurrando a porta da cozinha para a sala de estar - muito preocupado com o comentário do meu irmão para trocar de roupa. Eu não dou a mínima como eu pareço de qualquer maneira.

A televisão mostra *Ursinho Pooh*, Moffy e Janie assistindo o filme em seus coloridos pufes amarelos e rosa. Connor e Rose são os primeiros a me ver, um olhar direto do sofá deles. Ela está com as pernas apoiadas na almofada, esparramada sobre o colo de Connor, sem salto.

O sorriso dele começa a fodidamente crescer, e eu já estou de saco cheio antes mesmo de ele começar. A diversão de Rose também é palpável, seus olhos brilham com humor.

Eu ando mais para a sala de estar, sem perguntar por que eles estão aqui. Está claro que eles pararam para que a filha pudesse passar um tempo com seu primo. Ambas as crianças se inclinam umas para as outras, balbuciando e apontando para a tela. Janie ri mais de uma vez.

— Cadê o Lo? — Eu pergunto.

— Cadê as suas calças? — Connor diz em sua voz irritantemente calma. Rose, na verdade, ri, o som ampliando o sorriso de milhões de dólares do Connor.

Rose tenta controlar suas cordas vocais e estreita um olhar penetrante em direção a ele. — Pare de sorrir assim.

— Assim como?

— Como se você tivesse criado o meu riso, Richard.

— Eu não criei? Porque, se bem me lembro, minhas palavras fizeram você rir.

Ela rosna. — Você é impossível.

— Eu teria ido com preciso, mas podemos falar sobre definições para o meu charme mais tarde. — *Pelo amor de Deus.*

Ela tenta aprimorar outro olhar, mas seu sorriso brilha. — Eu te odeio.

— Diga isso um pouco mais alto, querida, e nossa filha vai crescer acreditando que o ódio é realmente amor.

— Talvez seja, — ela reflete, — pelo menos para mim.

Ele esfrega as pernas dela e depois se inclina mais perto, sussurrando algo em seu ouvido. Eu me aproximo do sofá e finalmente espio meu irmão na porra da poltrona. Me ignorando.

Seu celular está apertado na mão e seu olhar desce para a minha *roupa de baixo*. — E eu pensei que um maldito urso Pooh sem calças era estranho. — Lo se vira mais para a minha direção, suas sobrancelhas franzidas. — São da Willow?

Meu estômago cai. *O que.* — Elas têm que ser da Lily — eu digo, mas Willow também vive conosco.

Lo fica em pé. — Batman é da DC.

— E daí...?

Lo me dá um olhar de que ainda não consigo compreender os fatos simples de quadrinhos depois de cinco anos. — Eu odeio a DC.

Certo.

— Lily não possui nada da DC — ele explica para mim, mesmo que eu já tenha entendido isso um momento atrás.

A cor deve drenar do meu rosto porque Lo franze a testa com a minha reação. É um pouco estranho usar a roupa de baixo da minha meia-irmã. Eu sempre vi a Lily como uma amiga. Uma que eu conheço há muito mais tempo.

Eu levanto minhas mãos para a minha cabeça, na verdade pensando em tirar a roupa agora, mas já que duas crianças pequenas estão na sala, eu destruo a porra da opção.

— Não enlouqueça, — Lo diz, sua tentativa de me acalmar, mesmo com sua voz áspera e afiada. — Não é como se ela fosse sua irmã.

Poorraaa. Eu esfrego meus lábios, nauseado quando esse segredo começa a se transformar em uma mentira. Eu planejei em contar para ele antes, mas Daisy acabou de passar por uma cirurgia e minha preocupação está com ela há tanto tempo que eu realmente, honestamente, esqueci.

Não vou repetir os erros do passado e guardar isso por mais tempo do que deveria. — Na verdade, — eu digo, chamando a atenção de Connor e Rose também. — Willow é filha do Jonathan. — Com tão poucas palavras, explico tudo o que nosso pai me revelou, pintando uma imagem do meu pedido de casamento sem muitos detalhes.

Connor e Rose se endireitam, ouvindo com grande atenção às novas informações.

Quando eu termino, Lo visivelmente se encolhe e começa a andar o comprimento do hall para o sofá, silencioso e com os nós dos dedos brancos segurando seu fodido celular.

O único som vem da voz chorosa do Leitão, me irritando mais do que aquele desenho já irritou. Empurrar Lo para o silêncio pode ser mais aterrorizante do que suas explosões. Eu só não estava preparado para isso.

— Ei. — Eu pego seu braço em seu caminho de volta para mim, parando-o no meio de um passo. — Porra, fale comigo.

Ele me empurra e aponta para o peito dele. — Eu tive bombas caindo em mim nos últimos cinco anos. Você acha que eu não questionei isso uma ou duas vezes? Eu questionei. Eu pensei sobre isso, e o que eu continuo pensando agora - de tudo - é que eu estou feliz que *ele* saiba como é ser enganado por décadas. Acreditar que seus relacionamentos familiares estão gravados em pedra, apenas para descobrir que é uma mentira do caralho. E isso é tudo culpa dele. Toda a maldita culpa *dele*. Então, sim, estou feliz que nosso pai tenha uma filha que ele nunca conheceu.

Ele solta um suspiro pesado, parando por um segundo antes de acrescentar, — Não muito feliz por Willow, mas... é. — Seus olhos ficam vermelhos, simpatizando com ela já que ele já esteve no mesmo lugar.

Eu o vejo olhando para o chão de madeira. — Você não está irritado comigo?

— Por que estaria?

— Por esperar para lhe contar.

Ele inclina a cabeça com uma expressão irritada. — Daisy acabou de passar por uma cirurgia. Você acha que sou tão egoísta assim?

Ele não é mais o mesmo cara que já foi. Ele cresceu, não tão ressentido com as menores coisas mais. Enquanto eu processo isso, ele me dá um de seus olhares mortais de Loren Hale, o tipo que provavelmente aterrorizaria todos os seus inimigos corporativos bilionários.

— Muito obrigado, — diz ele amargamente. Ele solta um suspiro e passa a mão na nuca. — Já que agora você é irmão dela também … — Seu rosto se contorce como se isso fosse fodido. É um pouco. — Você realmente precisa saber o que está acontecendo.

A merda que ele está se preocupando. — O que é?

Seus olhos piscam para seu celular. — Então, Willow me ligou cerca de meia hora atrás. Ela foi jantar com a Maya. — A gerente da *Superheroes & Scones,* mas mais importante, ela costumava ser a colega de quarto da Willow. Elas são boas amigas, mas eu não vejo a parte perturbadora aqui. — Willow estará aqui em cerca de cinco ou dez minutos, mas ela disse que tinha novidades para nos contar. E ela parecia nervosa pra caralho.

Sento-me no braço da cadeira Queen Anne. — Você perguntou a ela sobre o que era?

— Ela disse que era melhor se eu não tivesse nenhuma dica.

Connor se envolve, — Suas teorias anteriores sobre o carro dela ser roubado, ela se mudar para o Maine e a ilógica sobre ser raptada por alienígenas parecem menos plausíveis do que o que Ryke trouxe para a mesa.

O cenário alienígena soa mais como uma teoria de Lily Calloway. Eu entendo o que Connor está sugerindo. — Você acha que ela sabe que Jonathan é seu fodido pai?

Lily de repente aparece da escada com uma grande tigela de pipoca, incapaz de ver minha roupa por causa da tigela. — Vocês estão criando um universo alternativo de *Star Wars* da família Hale? — Ela abaixa a voz, imitando Darth Vader, — Willow, eu sou seu pai.

Ninguém ri.

Um grão de pipoca cai da boca de Lily. — ...isso não foi uma piada?

— Não, amor — diz Lo, seu braço deslizando em torno do ombro dela. Ele rouba um punhado de pipoca da tigela dela.

Eu me levanto de novo, pensamentos rolando na minha fodida cabeça sobre as novidades da Willow.

— Pense dessa maneira — diz Connor, — se ela já sabe sobre Jonathan, vocês não precisam dar a notícia para ela.

— Ainda é uma merda, — digo a ele, — não importa de que jeito você soletre.

— Você seria o especialista em palavras de quatro letras, já que seu vocabulário consiste quase inteiramente delas.

Eu lanço um fodido olhar em sua direção. — De que lado você está, Cobalt?

— O lado inteligente. Se você vem para ele ainda está para ser visto. Você costuma ter uma média de quarenta por cento, então ainda está no ar.

Ele já está me dando uma dor de cabeça.

— O que é isso? — Lily quase grita, olhos arregalados na cueca boxer apertada de garota, não deixando muito para imaginação.

Eu esqueci de ficar sentado. Eu estou até inclinado para ela, e estou prestes a me virar, mas o braço dela voa para os seus olhos, manchas vermelhas de vergonha florescem em seu pescoço.

Ela diz para si mesma — Acorda, Lily. Acorda*!* — *Porra*

Seu canto faz com que Lo proteja seus olhos com as mãos, deslizando para trás dela.

Ele a guia até o sofá vago na frente dos pufes das crianças. — Eu sei, sinto sua dor, amor. É uma visão tão feia. — Seu tom é leve com sua esposa, e quando deixa cair as mãos dos olhos dela, ele mostra o sofá para ela relaxar.

Ela fica em pé em vez disso, abraçando a porra da tigela de pipoca. — Me desculpa, Lo — ela pede desculpas com tanta mágoa em seus olhos.

Um buraco se crava no meu estômago.

As costas de Rose se endireitam como uma tábua rígida, e ela afasta as pernas do colo de Connor, com os pés escorregando em seus saltos. Pronta para estar lá para sua irmã.

Eu me concentro em Lo, assistindo a confusão distorcer seu rosto. Eu dou alguns passos em direção a ele, mais perto do pufe amarelo do Moffy.

Pronto para estar lá para o meu irmão.

— Desculpa pelo quê? — Lo pergunta hesitante.

Lily lambe os lábios secos, os olhos cheios de culpa caindo na pipoca algumas vezes.

— Lil? — Lo diz, sua voz quebrando um pouco. — Desculpa pelo quê?

— Eu pretendia devolver, — diz ela em um sussurro suave. — Eu realmente pretendia. Mas elas eram tão fofas. Foi culpa da internet por me mandar roupas íntimas da Batgirl em vez da Spider-Girl.

Acho que todos nós, coletivamente, soltamos um suspiro de alívio, a tensão imediatamente enfraquecendo.

Lo se afunda no sofá, sem fôlego por um segundo. — Eu pensei que algo ruim tivesse acontecido, Lil — ele quase grita.

— Eu pensei que isso era ruim.

— Mas ruim, *ruim* — ele diz a ela, seus olhos suavizando.

Ela cai ao lado dele. — Na faculdade, comprei uma capa de celular do Super-Homem e você disse que não poderíamos ser amigos se eu ligasse para você.

Lo se esforça em recordar essa lembrança, mas eu me pergunto se ela se foi por causa do álcool.

— Você também queimou minhas orelhas de morcego de Halloween, que nem sequer era um produto da DC.

— Você foi um morcego no *meu* aniversário — ele retruca. — Isso foi pior do que eu colocando fogo em suas pequenas orelhas.

— Eu tinha nove anos, — diz ela, cutucando-o no peito, — e você comeu todas os meus Pop-Tarts favoritos de propósito no dia anterior.

— Hum, então foi uma fantasia de morcego de vingança — ele diz como se seu ponto tivesse sido feito.

Lily aperta os olhos para ele.

Lo começa a sorrir e eu estou grato pra caralho que nada sério aconteceu. E que eu não estou vestindo a calcinha da minha meia-irmã.

Passos soam ao longo do chão de madeira, e todos nós vemos Daisy emergir pela porta da cozinha. Ela usa minhas roupas: uma de minhas camisas cinza parcialmente enfiada na minha calça preta de algodão. Eu não posso nem fodidamente explicar o quanto eu a amo nelas.

Mas meu corpo definitivamente pode. Meus músculos quase se contraem instantaneamente, o sangue correndo para o meu pau, e eu engulo em seco para reprimir qualquer coisa um grau a mais.

Eu me concentro em coisas que importam mais do que a minha fodida excitação. Se ela está ou não com dor. Se ela precisar de mais remédios. Como ela está andando por aí.

Quando ela se aproxima de mim, ela tem cuidado em ampliar seus passos. Quando ela percebe que todo mundo está olhando para ela, não apenas eu, ela oferece a suas irmãs um sorriso apaziguador. — Eu não vou me autodestruir, — Daisy diz para elas. — Estou apenas um ovário e uma trompa de falópio mais leve

Rose revira os olhos. — Eu não gosto das suas piadas.

— Que pena — Daisy sorri. — Você está presa a elas.

Meus lábios se levantam uma fração, feliz por ela estar disposta a fazer piadas impopulares, se é isso que ela quer fazer.

Rose deve sentir o mesmo, porque ela diz — Enquanto você estiver bem.

Daisy encolhe os ombros, dor queimando em seus olhos, e isso quebra meu maldito coração. Não sei dizer se é emocional ou física, mas quero levar tudo embora.

Eu estou prestes a acabar com a distância entre nós, mas a atenção dela volta para mim, para a minha cueca boxer. Seu sorriso lentamente se eleva, e seu ritmo acelera até que ela está bem na minha frente, minha mão deslizando suavemente pela sua cintura.

E ela diz — Você sabe que sua bunda diz *Bat Girl*, né?

Eu não sabia.

— Isso te excita, Calloway?

— Isso faz um monte de coisas para mim. — Seu sorriso bobo pra caralho aumenta e ela abana as sobrancelhas sugestivamente, provocando sobre sexo, mesmo quando ela não está com disposição para isso. A maior parte da nossa amizade foi com flertes sem um fim de jogo. Então eu estou acostumado com isso no nosso relacionamento, e eu não quero que acabe.

Eu a puxo para mais perto, o peito dela pressionado contra o meu. — Como o quê?

Ela descansa os braços sobre meus ombros, seus dedos correndo pela parte de trás do meu cabelo. — Como agora me sinto cem por cento melhor. Sem mais dor lá embaixo, qualquer que seja a dor.

Se essa fosse a porra da verdade, eu usaria essa calcinha todos os dias. — Eu tenho mais remédio para sua qualquer se seja a fodida dor, — eu lembro ela.

Ela zomba ofegante. — Você adicionou um 'fodida' à minha dor. Como você pôde? — Ela finge desmaiar, e eu a seguro quando ela cai contra mim.

— Como você conseguiu entrar nesse mundo com dois fodidos pés? — A garota nunca fica parada, nunca para. Eu sacudo minha cabeça. Eu a amo, a cada minuto do dia e ela nem percebe, nem sabe o quanto.

— Você está dizendo que eu voei pra cá? — Ela descansa o queixo contra o meu peito, e eu acho que ela está passando muito tempo com a Lily.

Antes que eu possa responder, a porta da frente se abre e todo mundo fica parado, Daisy enrijecendo em meus braços. Eu sussurro em seu ouvido tudo o que aconteceu, a deixando a par o mais rápido que posso. Ela relaxa um pouco, percebendo que Willow tem que estar no hall, não Cleo ou Harper ou qualquer outra pessoa horrível que ela possa imaginar.

Assim que Willow aparece no hall, outra pessoa segue bem atrás dela.

— O que é isso? — Pergunta Lo, apontando de Willow para Garrison, um cara que esteve em todas as nossas listas de merda em algum momento. Até na de Lily e Daisy, que mal conseguem acumular cinco nomes.

Todos nós temos mais paciência com Garrison depois que ele começou a trabalhar na Superheroes & Scones com Willow. Eles são amigos, mas eu não achei que ele se juntaria a ela hoje à noite.

Garrison aponta para Willow. — Bem, essa é Willow. — Sua voz é espessa com sarcasmo. — Eu sou Garrison Abbey. Prazer em conhecê-los. — Ele enfia as mãos em sua jaqueta de couro, seu cabelo castanho escondido debaixo de um boné de beisebol preto para trás.

Connor se envolve, — No que diz respeito às primeiras impressões, você agora está abaixo desse aqui. — Acho que ele vai apontar para Lo, mas o dedo dele está direcionado para *mim*.

Eu mostro o dedo do meio das duas mãos para ele.

— Então, eu preciso contar uma coisa para vocês, — Willow fala, redirecionando a atenção de todos. Ela levanta um pouco os óculos de armação preta, uma tira do macacão escorregando do ombro. Sua trança marrom-clara está frisada, e noto que ela compartilha a cor de cabelo do Lo, mas seus olhos - eles são castanhos com cor avelã ao redor do centro.

Igual os meus.

Talvez agora, mais do que antes, isso realmente processa. *Ela é minha irmã.* De repente, significa algo mais do que antes, me conecta a outra pessoa de uma maneira mais significativa. Ainda assim, é tudo irregular e fraturado e duro como o inferno. Eu não tenho certeza de como o conhecimento irá afetá-la, se isso vai mudar sua percepção sobre mim. Deixar as coisas pior entre nós.

Ela continua — Eu achei que seria uma boa ideia se Garrison estivesse aqui também.

Lo fica de pé enquanto Lily fica sentada, segurando as pernas dele para impedi-lo de perseguir Garrison fora de casa.

— *Ele* é uma parte da sua notícia? — Lo pergunta hesitante, e o fundo do meu estômago cai.

Daisy mantém um braço em volta da minha cintura e percebo que é pela mesma razão que Lily está segurando o marido.

— Sim… — Willow empalidece um pouco, seus nervos aparentes pra caralho.

Garrison se aproxima dela e aperta sua mão em conforto.

— Você está grávida? — Lo pergunta.

Eu prendo minha respiração por um segundo, preocupado pra caralho, e então os olhos dela se arregalam.

— O quê? — Ela engasga com sua surpresa.

— Sim, *o que*? — Garrison estreita os olhos e gesticula para o quarto inteiro. — Se alguém está engravidando alguém, é um de vocês, e honestamente, o que diabos você está vestindo? — Ele faz uma careta para mim.

— Roupas íntimas — eu digo. Não é um grande problema, porra.

— Eu vejo isso, obrigado — diz ele secamente.

Willow engole, — Então, hum... isso realmente não está saindo como pensamos que sairia.

— Por que você está dizendo *nós* como se ele fosse parte disso? — Diz Lo, apontando um dedo acusador para Garrison.

— Não é o que você está pensando. — Willow se esforça para falar as palavras. — Eu sou...

Garrison aperta a mão dela, examinando seu estado imóvel e congelado antes de terminar por ela, — Virgem.

Lily espia por cima do sofá. — Você é virgem?

Garrison geme. — Não, *ela* é virgem. Bom Deus, é como sintonizar cinco estações de rádio diferentes ao mesmo tempo quando eu venho aqui. Vocês nunca se cansam um do outro?

— Estou cansado de você — diz Lo, um tiro direto na porra da cabeça.

Machuca Garrison mais do que eu acho que ele está deixando, sua postura se fechando. — Que seja, — diz ele.

O arrependimento aperta o olhar do meu irmão, mas ele tenta se concentrar apenas em sua irmã - ou *nossa* irmã. — Sua notícia não pode ser que você é virgem e seu amigo não, então o que é? Porque eu continuo pensando que você está indo embora...

— Eu não vou embora — diz Willow. — Eu não tenho planos de voltar para o Maine. Eu prometo que te direi se pensar nisso.

Ele assente com a cabeça lentamente. — É... Sobre outra coisa com seus pais?

É cauteloso o suficiente, mas ela balança a cabeça, dispensando-o tão rapidamente. Ela não tem ideia de que Jonathan Hale é seu pai. Não é disso que se trata.

— Então o quê? — Lo pergunta.

— Estamos juntos — diz Willow, levantando brevemente a mão para cima com a do Garrison.

Meu rosto espelha a expressão enrugada de Lo como se dissesse *isso não pode ser uma fodida coisa boa*. Eu o ouvi dizer algumas coisas depreciativas para as mulheres antes. Posso ter deixado passar no calor do momento - talvez ele tenha crescido desde então. Mas ainda não faço ideia de como ele trata as mulheres. Se ele vai machucar a Willow, fisicamente, emocionalmente.

Isso é tudo que me importa. Sua segurança. O bem-estar dela.

— O que você quer dizer com juntos? — Retruca Lo.

Connor coloca o braço atrás de Rose no sofá. — Eles querem dizer isso no sentido coloquial. Eles são um item, indo firme, namorado-namorada, *baes*...

— Que porra é um *bae*? — Eu interrompo.

— Uma das tendências mais estúpidas da internet, — Garrison responde, — e eu sou pró-internet e pró-memes, então você sabe que tem que ser horrível.

O fato de que Connor está atualizado sobre a gíria é realmente aterrorizante pra caralho. Ele geralmente está um passo atrás de Lily e Lo na cultura pop. Eu prefiro que o Connor Cobalt *não* seja onisciente.

— Eu meio que gosto de baes, — diz Lily solenemente, como se estivesse baixando o termo para o túmulo enquanto falava.

— Isso é ridículo — Rose anuncia. — Eles acabaram de declarar o status de relacionamento deles, e todos estão mais preocupados com uma palavra inventada. — Está claro que ela não tinha ideia do que isso significava antes, mas duvido que ela admita em voz alta, não com Connor aqui.

— Não eu, — Lo diz, sua malícia dirigida a Garrison.

— Faz só uma semana, — Willow explica rapidamente. — Eu sei que não faz muito tempo, mas eu realmente não queria me esgueirar por aí, especialmente porque eu moro com alguns de vocês.

Garrison estuda suas emoções, sua preocupação por ela é bastante aparente. Isso diminui minimamente minha porra de preocupação.

— Nós temos regras — começa Lo.

— Se divirtam, — Lily declara, seu sorriso esmagador. Ela previu esse relacionamento algumas vezes, mas ninguém queria falar sobre sua possível concretização. Agora aqui estamos nós.

— Não, não se divirtam - que diabos, Lily? — Lo olha para sua esposa.

— Eles têm dezoito anos.

— Sim, temos dezoito anos. — Garrison ecoa.

Lo estreita os olhos para ele. — Que eu me lembre você ainda está no ensino médio. — Ele reprovou no último ano e precisa repetir.

Garrison suspira pesadamente. — Você não é o fodido pai dela.

— Você está certo, — diz Lo, — sou o irmão dela e a primeira pessoa em quem ela deve confiar enquanto estiver na Filadélfia. — Ele dá um passo para mais perto de Garrison. — Ela é minha responsabilidade, e enquanto eu confio em você com muitas coisas, eu não quero você lá em cima no quarto dela depois das duas da manhã - e duas da manhã é mais do que eu daria a qualquer filho meu. — Outro passo. — E mantenha a porta aberta.

Eu gosto da fodida regra.

Embora eu provavelmente diria meia-noite, mas não é meu lugar.

Willow relaxa um pouco contra a parede, não abalada por essa declaração. Talvez ela esteja nervosa com a perspectiva de algo mais íntimo. Eu acho que, se o que Daisy me disse está certo, esse é seu primeiro namorado. Eu não tenho nem certeza se ela já foi beijada.

Eu estou no fodido modo protetor, quase inclinado a mostrar a Garrison a porra da porta mais cedo ou mais tarde. Eu acho que ele sente o desconforto dela porque ele se afasta também, as mãos lentamente se desconectando.

Ele acena com a cabeça para ela. — Eu vou mandar uma mensagem para você, ok?

Ela acena de volta. — Você vai checar meus gifs antes de ir para a cama? Quero postá-los, mas acho que um não está funcionando.

Garrison quase sorri. — Sim. Vou ver assim que chegar em casa. — Ele reconhece o resto de nós com um aceno curto e então sai pela porta.

— Quando? Onde? Como? — Lily solta primeiro para Willow.

Willow sorri e relaxa um pouco. — Então vocês não estão chateados? — Ela olha mais tempo para Lo.

— Você pode fazer melhor, — diz Lo.

Daisy dá um passo à frente. — Ela conhece Garrison de uma forma que nenhum de nós conhece, então devemos realmente confiar em seus instintos. — Willow parece agradecida a Daisy, e elas trocam sorrisos.

— Você sabe no que eu não confio? — Lo diz, — No instinto de um filho da puta com tesão de dezoito anos de idade.

— O mesmo — acrescento.

— É por isso que existem regras, certo? — Willow diz. — Então nada vai dar errado?

Se isso não acertar você no fodido coração - o que acertaria?

É melhor Garrison Abbey não a pressionar ou empurrá-la mais longe ou mais rápido do que ela quer ir. Maus-tratos a mulheres é o meu ponto de ebulição número um, e se ele o despertar - cercando minha irmã ainda - eu vou perder a porra da minha cabeça.

< 10 >

DAISY CALLOWAY

Você recebeu o presente? – Cleo

Eu continuo abrindo a mensagem, me torturando. Após a quinquagésima vez olhando para ela, clico em *excluir*. Um peso insignificante se solta dos meus ombros. Como uma partícula de poeira desocupando uma duna de areia de ansiedade. Não quero me arrastar pelas minhas amizades passadas e desenterrar esses sentimentos. Não há mais gravetos para reacender nada com Cleo ou Harper. Elas destruíram tudo o que havia, provando que minha teoria estava certa, afinal.

Amigos não são para sempre. Eles não são nem por um tempo.

É uma teoria que odeio com toda as minhas forças e então me apego à única pessoa que tem a única chance de reverter sua validade.

Willow está sentada do outro lado da pequena mesa rosa. É escondida na parte de trás do *FroYummy* - meu local favorito de iogurte congelado em Fila. Estava ansiosa para escapar de casa desde a minha cirurgia e, quatro dias depois, com o mínimo de dor lá embaixo, eu finalmente me movi para além do meu bairro fechado.

Eu localizo Mikey, meu guarda-costas, algumas mesas de distância, gastando mais tempo folheando um livro desgastado de James Patterson do que prestando atenção em nós. Não que eu o culpe. É uma visão muito chata aqui.

Ninguém nos viu e contou o meu paradeiro aos paparazzi, então a loja só tem alguns corpos circulando. Eu estou com meu boné de beisebol como o vencedor do disfarce aqui. Além disso, é muito mais fácil ser discreta quando não estou com Ryke ou minhas irmãs.

Willow olha para a caixa aberta na mesa, os olhos arregalados de alarme. A pulseira que Cleo e Harper me deram praticamente brilha na luz.

— Eu não posso acreditar que elas estão subornando você — diz ela, balançando a cabeça. Seu rosto se levanta para mim. — E eu não posso acreditar que elas fizeram aquelas coisas com você na escola.

Eu levanto minhas sobrancelhas. — Depois do seu *incrível* último ano na Dalton Academy, você não pode acreditar que elas encheram meu armário com preservativos? — Ela confiou em mim sobre todas as suas tribulações na escola preparatória. Eu também compartilhei minhas histórias de horror, mas deixei de fora a parte sobre a maioria das ações sendo o produto indireto das minhas melhores amigas virando as costas para mim.

Até agora.

Eu não queria que ela tivesse medo de fazer amigos na Dalton. Ela havia se mudado do Maine e era sua chance de começar de novo. Tinha que haver esperança lá, certo?

— Absorventes enfiados no meu armário não parece tão ruim assim... em retrospecto — ela murmura e empurra os óculos no nariz. Ela não menciona como os absorventes foram mergulhados em corante vermelho, e eu também não.

Desviando do assunto, eu digo, — Rose costumava comprar absorventes para mim quando eu estava no ensino médio. Eu ficava com vergonha de ir à loja e passar no caixa. — Eu levanto minha colher revestida de chocolate froyo. — Em defesa, o menino mais fofo do mundo sempre foi o caixa, e os garotos do ensino médio são sempre estranhos sobre absorventes. — Porém, Ryke nunca ficou envergonhado sobre eles. Ele me disse que sempre foi descaradamente sem vergonha. Não é algo em que ele cresceu. Ele apenas foi.

— Eu sinto por você — Willow acena. — Você tem muita sorte de ter uma irmã mais velha. Eu sempre costumava comprar com uma revista ou algo realmente grande para esconder a caixa na minha cesta. Então eu rezava para uma menina estar no caixa. — Ela se encolhe com sua memória. — Nunca realmente funcionou.

— Os deuses da sorte vão te abençoar um dia, Willow. Eu sinto isso em meus ossos. — Eu tomo uma grande colherada do meu iogurte e, em seguida, fecho a caixa de jóias ao lado da minha xícara.

Eu já convenci Connor a doar a pulseira, então vou para o escritório dele depois que deixar Willow no trabalho dela. Ele jurou não me dizer para onde está indo, e eu confio que ele não deixará acidentalmente a localização sair. Eu não queria pressionar Ryke, especialmente porque falo com ele muito mais sobre minhas ex-amigas do que com qualquer outra pessoa.

— Então… — Willow diz com um tom sinistro, seus olhos se iluminando. — Quando você vai me contar sobre o seu plano? — Ela pega um monte de morango na colher.

— Quando você me contar sobre o seu.

Ela já sabe das minhas estratégias, balançando a cabeça. — Não é verdade. Você conhece meus planos. Estou trabalhando na *Superheroes & Scones* por tempo suficiente para pagar a faculdade. Ainda não sei nada sobre seus planos. Apenas aquele diário misterioso em que você continua escrevendo.

Meu diário. É o novo item na minha vida em que eu traduzo meu futuro em listas. E essas listas, na verdade, estão sendo completadas. Meu futuro está sendo moldado por minha vontade e é algo emocionante. Eu sei exatamente o que vou fazer daqui a cinco, dez, vinte anos. Só de pensar nisso, meu peito estufa e eu poderia jogar minhas mãos no ar e uivar.

— Em tempo. — Eu lambo o lado da colher. — Vai ser uma surpresa divertida. E, de qualquer forma, quero falar de *você*. Você tem grandes novidades. — Também tenho novidades para ela - que ela é filha de Jonathan - mas não é minha para compartilhar. Eu odeio manter esse segredo dela, mas Ryke disse que contaria quando fosse a hora certa. E ainda não é. Então eu só tenho que confiar nele.

Willow parece confusa. — Que notícias?

— Você tem um namorado. Já esqueceu? — Eu cutuco seu cotovelo com o meu. Esse é o seu primeiro namorado de verdade. Ela nunca foi beijada antes e tem dezoito anos. Um fato que eu acho precioso. Todos os seus primeiros estão se aproximando da realidade, e estou muito feliz por ela.

— Sim, mas... não há novidades ainda — ela me diz com um sorriso. — Porém, você vai ser a primeira a saber... ah, espera. — Ela faz uma careta.

— Lily te pegou, não é?

— Ela me fez prometer de dedinho que eu iria contar a ela primeiro — diz Willow.

— Ela faz isso. Eu fico em segundo, certo?

— Definitivamente.

Eu paro por um momento, pensando em algo importante. Mikey se levanta da mesa, fecha o livro e vai para o banheiro.

Meus pensamentos se transformam em uma pergunta. — Você está bem com as regras do Lo? — Uma parte de mim se preocupa que Lo está sendo rigoroso por minha causa. Eu tive experiências terríveis com meus ex-namorados enquanto crescia, e eu sou a única figura de uma irmãzinha que ele realmente teve em sua vida. Eu odiaria que Willow fosse afetada pelo meu passado.

— Nós conversamos muito, então ele me conhece muito bem — explica Willow. — Eu acho que ele sabia que eu iria querer as regras. É só... isso é novo para mim. Estou acostumada a ter

Garrison no meu quarto, mas não como meu namorado. E eu estou preocupada que eu não saiba como dizer *não*. Ou não consiga dizer. — Ela pega outra colherada do copo. — É legal poder culpar algumas coisas em um toque de recolher ou em um irmão superprotetor.

Loren Hale. Quem imaginaria?

Estou prestes a perguntar sobre seu trabalho, mas algo úmido e frio cai no meu ombro e desliza pelo meu peito até meu short branco. Eu pulo, minha cadeira batendo no chão atrás de mim em um barulho.

Iogurte congelado rosa.

A garota que derramou sua sobremesa parece que acabou de cometer um ato de assassinato. Seus olhos são pires e seu rosto está branco. — Me... des… — Suas mãos voam para sua boca. — Eu tropecei... e… — Meu breve pânico começa a diminuir.

— Tudo bem. — Eu digo rapidamente. — Por favor, não chore. — Eu levanto minhas mãos em sinal de rendição quando as lágrimas começam a escorrer. — Sério, está tudo bem.

Ela assente com a cabeça algumas vezes, enxugando os olhos com os nós dos dedos e depois se arrastando para trás. Antes que eu possa processar o que aconteceu, duas garotas se aproximam de mim com guardanapos na mão.

— Daisy, ai meu Deus, você está bem?! Nós acabamos de entrar e vimos o que aconteceu? — *O que?* O cabelo loiro é inconfundível.

Cleo.

Minha ex melhor amiga.

Eu pisco como se eu tivesse a construção da minha imaginação ferida. Como se ela fosse apenas uma estranha simpática e não a garota que me prendeu em um elevador. Quem tentou me humilhar. E me assustar.

Mas quanto mais eu pisco, a trança de rabo de peixe e diamantes de Cleo entram em foco.

Quão real ela é.

Quão real tudo isso é.

Ela estende a mão, tentando freneticamente limpar as manchas da minha camisa. Suas mãos em todos os lugares. Tudo de uma vez. Eu levanto as minhas em defesa. *Espera…*

Harper tira o iogurte congelado no meu ombro como se estivesse esfregando óleo de uma panela. — Não parece acidental. Ela provavelmente reconheceu você e queria ter quinze minutos de fama. — *O que você está fazendo aqui?*

Me tocando.

Suas mãos estão por toda parte. *Espera…*

Minha cabeça está a milhão, meu sangue gelado em minhas veias. Cleo dá um tapinha com o guardanapo perto do meu peito, e eu tropeço para trás, minhas mãos empurradas mais na minha frente.

— Cuidado, — Cleo diz, suas unhas bem cuidadas arranhando meu braço. — Você provavelmente está em estado de choque. É totalmente normal. Estranhos são esquisitos pra caralho. Chupadores de fama ainda mais. — Ela tira meu cabelo do meu ombro. — Ah merda, está no seu cabelo.

— Deveríamos cortar? — diz Harper com um sorriso tímido.

Eu empalideço.

— Brincadeira — Harper me diz, colocando o próprio cabelo escuro para o lado. — Jesus, onde está o seu senso de humor?

— Ei. — Willow - a quieta e tímida Willow - se coloca na minha frente. — Chega pra trás. — Ela entra entre nós e as mãos delas são arrancadas de mim. Eu respiro pelo nariz, nauseada, e só percebo agora que meus braços e pernas tremem.

Eu tenho que sair daqui.

Tantas pessoas falariam para essas garotas se foderem depois do que fizeram comigo, mas o trauma de suas ações ainda está comigo, todos os dias da minha vida. Começar uma nova guerra gritando *vai se foder* soa como se fosse a pior ideia do mundo, enquanto fugir pode parecer a opção covarde - é o que acalma *cada* parte de mim.

É o que eu preciso.

— Tudo bem, querida — diz Harper, — Daisy é uma amiga nossa.

Amigos não humilham outros amigos.

Harper estende a mão para colocar o guardanapo sujo em mim novamente, mas eu também recuo, tropeçando em uma cadeira. Ela bate no chão, mas eu giro em direção à saída. Bloqueando suas vozes.

Eu não estou dando a elas o benefício da dúvida. Elas leram minha linguagem corporal. Eu só não acho que elas se importam com o que sinto. Elas nunca se importaram.

Eu passo por uma mesa. Mais três para ir e depois a porta.

Fora. Eu só quero ir pra fora.

Nosso carro está estacionado perto da entrada, e assim que eu passo a quarta mesa, Mikey corre para o meu lado. Seus olhos arregalados de repente se estreitam com a visão das manchas, em toda a minha camisa.

— Estou tirando você daqui. — Ele coloca a mão no meu ombro, me guiando para fora.

— Daisy — Willow chama, se aproximando de mim. Eu me viro levemente e aperto sua mão antes de sairmos, trazendo-a para mais perto enquanto nos dirigimos para o carro. Assim que subimos na parte de trás, trancamos as portas, lágrimas picam meus olhos.

Eu nunca quis vê-las novamente.

A escola preparatória foi difícil o suficiente, e eu nunca pensei que elas estariam no *Fro Yummy* no mesmo momento que eu. Prontas para limpar minha camisa, suas mãos "ajudando".

Eu puxo o tecido branco, manchas rosas esfregadas no decote e na cintura. Eu acreditaria, sem pensar duas vezes, que elas enviaram a garota primeiro. Elas disseram a ela para derramar iogurte congelado em mim. Apenas para que elas pudessem agir como minhas salvadoras. Elas traçaram coisas muito piores e mais complicadas do que isso, então por que não?

As pessoas podem mudar, mas vê-las novamente, ouvir suas vozes, foi como ser varrida pelo vento para um dos piores momentos da minha vida.

Eu não quero voltar pra ele.

Willow limpa as lentes do óculo com a manga antes de colocá-lo. — Você vai ficar bem? Eu posso falar pro Garrison cobrir meu turno.

Eu balanço minha cabeça, meus olhos inchados e queimando, sem lágrimas ainda. Mikey desacelera o carro perto da loja da *Superheroes & Scones.* — Não, tudo bem — digo em uma voz áspera e tensa. — Eu vou ver Connor hoje, lembra? Eu não vou ficar sozinha.

Ela hesita, olhando minhas pernas que balançam com ansiedade.

— Ei. — Eu lhe dou um sorriso fraco. — Você não precisa se preocupar comigo.

— Amigas se preocupam com amigas — ela diz suavemente. — Quero dizer... assumindo que somos amigas.

Meu sorriso se transforma em algo mais genuíno. — Nós somos amigas — eu digo, as palavras bombeando sangue quente em minhas veias. Ela me conhecia como uma celebridade antes de me conhecer como a Daisy normal, então ela sempre pergunta se alguém como ela poderia ser amiga de alguém como eu.

Eu não conseguia pensar em ninguém melhor para ser minha amiga. Eu não conseguia pensar em mais nada. Willow colocou um rosto corajoso para mim. E eu odeio que ela teve que ser

minha guarda-costas enquanto Mikey fazia xixi. Eu só quero que ela seja o tipo de amiga com quem eu possa rir.

Não o tipo que tem que me salvar.

Eu sou grata por ela hoje, no entanto. — Obrigada por me defender.

— Você faria o mesmo por mim — diz ela.

Minhas sobrancelhas se juntam um pouco. Foi pedir muito o que ela fez? Ou era o que qualquer tipo de amiga leal faria? Eu estaria lá para ela se ela estivesse com dificuldades em qualquer situação, eu tentaria.

— Envie uma mensagem para mim quando chegar lá — diz Willow ao abrir a porta, o carro estacionado no meio-fio da rua.

— Prometo.

Ela faz uma pausa, segurando a maçaneta da porta, e a percepção ilumina seus olhos castanhos. — Era a Cleo e a Harper, não era?

Minha garganta se fecha e tudo que posso fazer é acenar com a cabeça.

Seu rosto se quebra. — Eu sinto muito, Daisy. — Ela olha para as mãos por um segundo e depois se inclina para trás em seu assento, mexendo um anel de prata brilhante de seu dedo mindinho. — Então, você conhece os quadrinhos do *Quarto Grau*?

Eu concordo com a cabeça. Eles são os super-heróis do gigante universo da *Halway Comic*, bem como os Vingadores e X-Men da *Marvel*. Acho que Lo e Lily lançaram a linha por volta de dezembro, e ela só cresceu desde então. A *Lionsgate* comprou recentemente todos os direitos do filme.

Todos nós comemoramos na *Superheroes & Scones* no dia em que foi anunciado.

— Meu super-herói favorito usa esse anel… — Ela finalmente o puxa e, em seguida, me mostra a faixa de prata simples com um quadrado preto esculpido no centro. — Isso protege *Tilly Stayzor* de qualquer pessoa fora do Quarto Grau, basicamente seus inimigos pessoais. — Ela vira a peça de joalheria entre os dedos. — Esse anel é apenas um lembrete de que há pessoas que te protegem. E todos nós precisamos de proteção em algum momento. — Ela coloca na minha mão. — Eu quero que você tenha o meu.

Agora estou chorando. Eu escovo minhas lágrimas com uma pequena risada, deslizando o anel no meu mindinho, apenas um pouco apertado, mas não o suficiente para tirar ou redimensionar. Então eu estendo minha mão para a dela, me preparando para o nosso aperto de mão.

Ela bate os nós dos dedos nos meus e nós deslizamos nossas mãos uma contra a outra antes de agarrar com nossos dedos. O bate-passa-agarra, eu chamo isso. Um pequeno gesto de despedida para substituir um abraço.

Eu amo o nosso aperto de mão, que é algo único para a nossa amizade. Algo que só nós compartilhamos, e isso me lembra a Willow.

Quando ela sai, me viro para o banco do motorista. Meus olhos ainda queimam, mas não caem mais lágrimas. Eu meio que gostaria que elas caíssem. É melhor quando eu solto tudo.

Minha garganta tenta se fechar novamente, e Mikey começa a dirigir em direção ao escritório de Connor. — Mikey — eu digo, colocando minha cabeça entre os dois bancos da frente. — Você pode fazer um desvio?

Meu olhar flutua para longe e me imagino no precipício de uma ponte. Mergulhando em águas geladas. Peso pressiona meu peito, me amarra, me puxa para baixo. Eu seguro a parte de trás do banco do passageiro.

— Para a praia? — Mikey pergunta, suspeitando que eu possa precisar de uma saída.

Eu preciso de uma, mas também *preciso* falar com alguém sobre o que aconteceu primeiro. Então talvez eu vá correr com o Ryke. — Não — eu digo. — Não é realmente perto do escritório do Connor também. — Minha decisão foi tomada. Eu falo o endereço e, em seguida, deito, me estendendo no banco.

A pessoa que está ouvindo meus pensamentos e histórias está na cidade de Nova York. Posso agradecer a Connor Cobalt por me emprestar seu terapeuta. Sem Frederick, não tenho certeza de como lidaria de verdade. Eu gostaria de pensar que eu não iria visitar uma ponte ou um penhasco para me deixar sem peso, mas eu não sei ao certo.

Ao final de minhas conversas com Frederick, sempre me sinto mais preparada para enfrentar o mundo e lidar mentalmente com Cleo e Harper.

Porque agora, vejo e ouço e sinto o pânico e a ansiedade da escola preparatória. O tormento era minha vitamina diária. A raiz dos meus problemas começou aqui. Em algum lugar entre agora e aquela época, sou menos humana aos olhos das pessoas com quem eu cresci.

Elas podem me tocar sem pensar. Elas podem me usar sem se importar.

Às vezes, quando realmente penso no que aconteceu, sinto que já morri. Como se eu fosse apenas essa concha vagando por aí, e é isso que elas veem quando olham para mim.

É um pensamento terrível.

Eu me viro de lado, trazendo meus joelhos para o meu peito no assento de couro preto.

Querendo chorar.

Talvez então, tudo pareça melhor.

< 11 >

RYKE MEADOWS

É quase o final de setembro.

É também o sábado antes do meu aniversário de vinte e sete anos, e estou acelerando na entrada dos Calloway na minha Ducati. Uma enorme mansão de tijolos se aproxima. Peônias cor-de-rosa em potes gigantes de ouro espalham-se pelo quintal bem cuidado, e carros caros enchem a entrada circular, um manobrista coletando as chaves.

Não é exatamente o que eu previ ou esperei.

Daisy está sentada atrás de mim e, quando nos aproximamos de sua casa de infância, ela tira o capacete. — Ah não.

Os hóspedes saem de seus veículos em vestidos longos e ternos. Adequado para o Oscar, não para uma festa qualquer com o meu nome anexado aos convites.

Então me atinge.

Nesse fodido momento. Eu fui aceito em um mundo que nunca me quis. Não como criança. Não como adolescente e nem como adulto. Para ser celebrado *formalmente* com Daisy por seus pais, seus amigos - todo esse círculo social - é insano.

Eu sou o filho invisível.

Posto de lado e esquecido. Ser o centro de tudo me serve como uma jaqueta três vezes menor, mas ainda tem um significado que reconheço.

Eu ando do lado de fora dos carros alinhados, me aproximando da entrada, desviando entre um Rolls-Royce preto. Coloco a moto em ponto morto usando a embreagem e paro no meio-fio. Daisy pula antes de eu estacionar, e eu rapidamente removo meu capacete, preocupado com como ela está levando isso.

Estamos mal vestidos. Não há maneira de contornar esse fodido fato.

Ela está com um top de malha branca, duas conchas verde azulada estampadas sobre o peito com as palavras *criada por sereias* escritas embaixo. É muito fofo, mas em short jeans curto, ela não está nem perto de roupas formais. Eu não estou melhor: uma calça jeans e uma camisa verde escura, as mangas curtas.

Nós dois apenas assumimos que a festa seria discreta e só para família quando sua mãe nos mandou os detalhes no último minuto. Ela não reservou um salão de baile ou um fodido castelo. A locação dizia, *Villanova*, o rico bairro da Filadélfia, onde Greg e Samantha moram.

— Ei, — eu falo para Daisy.

Ela não se vira.

Deixo meu capacete na moto e alcanço Dais nas escadas da frente. A música clássica filtra pela porta, cada vez menos como nós - tudo é. Mas nós sabíamos que hoje seria mais sobre seus pais do que sobre nosso relacionamento.

Eu coloco a mão na cintura de Daisy e a viro para me encarar. Ela cruza os braços como se estivesse com frio, mas está muito quente aqui fora. Quinze minutos atrás, ela estava pulando de emoção ao andar de moto, a primeira vez desde sua cirurgia em agosto. Agora ela está enfiada em si mesma, mais fechada - e ela continua tocando no cabelo, passando os dedos pelos fios marrons.

Depois que Cleo e Harper a confrontaram naquela loja de iogurtes semanas atrás, ela ficou um pouco nervosa. Mas eu não posso fodidamente culpá-la.

Minhas sobrancelhas franzem para ela como se perguntasse *você está bem?* Leva um momento para ela assentir em resposta, e continua segurando meu olhar, como se preferisse ir

para casa, mas sabe que não podia.

— Eu amo fazê-la feliz, — diz ela suavemente. — Eu só queria que ela me ouvisse, e eu poderia jurar que eu disse para manter tudo *pequeno*. Ela sabe que eu não vou reclamar, e eu não quero fazer confusão, não por algo assim.

Eu a abraço mais perto do meu lado e ela arranha a grama com sua sandália.

Daisy passou muito tempo descobrindo o que ela quer, o que ela deseja - quem ela é por dentro. Cerca de uma hora antes, quando estávamos nos vestindo para a festa, estávamos descobrindo quando dizer a seus pais que estamos tentando ter um bebê.

— Acho que não devemos falar disso hoje — disse ela, abotoando o short jeans.

Enxuguei meu cabelo molhado com uma toalha. — Você vai elaborar?

Sua voz se acalmou quando ela disse — Estou com medo de que ninguém me escute. É fácil rejeitar minha opinião quando sou mais nova que as minhas irmãs, e também costumava fazer o que todo mundo me dizia de qualquer maneira... — Ela colocou as mãos nos quadris e olhou para as lanternas de papel em nosso quarto. — Qual é o sentido de falar quando ninguém te ouve?

Isso partiu meu coração.

Eu me aproximei dela. — A porra do sentido é para as pessoas entenderem que você *tem* opiniões, que sua voz conta, e se eles não te ouvirem, grite mais alto. — Seus olhos voaram para mim, e eu disse profundamente — Nunca desista ou recue das coisas que enchem sua alma, Calloway. Não há vida pior do que uma vida vazia.

Imaginando alguém andando por cima de Daisy - isso me mata. Ela passou por muita coisa para atingir esse tipo de obstáculo.

Fora da mansão de seus pais, Daisy me dá um sorriso solene. — Eu acho que poderia ser pior. Ela poderia ter convidado todos os meus ex-namorados. — O sorriso dela desaparece rapidamente, os olhos se arregalando. — Ryke, e se ela...

— Não. — Eu dispenso a ideia, mesmo que Samantha Calloway me odiasse por mais dias do que ela alegou que fodidamente gostava de mim. Eu não quero nem entreter a possibilidade de encontrar Julian ou o cara sueco que tirou a virgindade de Daisy ou o idiota que a fez fazer anal.

Se Samantha trouxe um deles, então ela realmente deve querer uma fodida briga nessa festa - porque eu me vejo socando-os sem hesitação o bastante para me impedir.

Olha, eu escutei histórias detalhadas sobre seus ex-namorados, sentados lá com uma careta e um olhar feio, pensando *Deus, espero que esses filhos da puta tenham seus paus esmagados.*

Eu tive que vê-la namorando um punhado deles, os piores tipo de caras: aqueles que não cuidam da sua menina, que não se importam com o que ela precisa ou quer. Ouvindo só a cabeça de baixo.

Meus traços devem ter ficados sombrios porque uma mulher de vestido azul de veludo diz parabéns a Daisy, mas nem olha para mim. Eu a vejo desaparecer do lado de dentro.

Eu não posso ficar surpreso por ter uma careta feia pra caralho e inacessível quando estou pensando em quebrar paus.

Antes de ficarmos presos cumprimentando os convidados, levo Daisy para o hall de seus pais, minha mão na parte inferior das costas dela. A música clássica fica mais alta à medida que passamos pela porta, e os músculos dela ficam tensos sob a palma da minha mão.

— Ei. — Eu a giro para mim, seus grandes olhos verdes brilhando. — Não se preocupe em fazer com que todos se sintam à vontade. Esse não é o seu fodido trabalho hoje à noite.

— Isso significa que posso esperar atos inapropriados de aventura?

Meu sangue esquenta. Eu levanto minhas sobrancelhas para ela.

Ela sorri mais, balançando na ponta dos pés.

Eu me inclino, segurando a parte de trás de sua cabeça, e eu sussurro profundamente, — Não na frente do seu fodido pai, Calloway.

Ela descaradamente olha meu corpo de um metro e noventa, flerte em seus olhos. — Eu pensei que tinha você exatamente onde eu queria, Ryke Meadows.

Seus olhos brilham maliciosamente, e meu pau lateja, minha excitação me agarrando. Tudo sobre ela, eu quero perto do meu corpo, a tocando lentamente. Pele contra a pele. Eu quero pegá-la e jogá-la por cima do meu fodido ombro.

Se estivéssemos sozinhos, eu me moveria agressivamente.

Sem segundos pensamentos.

Eu teria ela contra a parede, pernas içadas e minha língua abrindo os seus lábios rapidamente. Robusto e intenso. Ela sempre tenta me encontrar no meio, lutando por ar pelo mesmo objetivo.

Nosso relacionamento é animalesco e visceral pra caralho, mas baseado na confiança e amizade que construímos primeiro. Como nós dois somos muito físicos, as pessoas só podem ver nossa conexão sexual, mas a confiança é inquebrável. É pelo que eu me apaixonei no começo.

Faço a Daisy andar de costas, ciente do que posso e não posso fazer nesse tipo de ambiente público. A coisa é que eu não me importo com essa porra na maior parte do tempo - então, naturalmente, vou empurrar essa linha mais um pouco, esticando-a sem cruzá-la.

Meu passo é maior do que o de Daisy e, em segundos, meu peito colide com o dela. Ela quase cai para trás, mas eu a seguro facilmente e deslizo a mão no seu bolso de trás, segurando sua bunda.

Seus pulmões se expandem contra mim e eu a puxo para mais perto, observando suas feições. Eu vejo o olhar dela brilhar, como se eu tivesse dado a ela uma fatia de bolo de chocolate.

— Isso é um ato inadequado — diz ela, suas mãos se movendo do meu bíceps para a minha cintura em um estado inquieto.

Minha expressão endurece como se eu não tivesse ideia do que ela está fodidamente falando.

O sorriso de Daisy se expande. — Como está minha bunda? Em uma escala de um até melhor que chocolate.

Eu deslizo minhas chaves no seu bolso de trás. — Segure a porra das minhas chaves — eu digo a ela antes de retirar a palma da minha mão.

— Segure-a-porra-das-minhas-chaves é meio quente. Eu aceito essa nova medida. — Ela faz uma reverência.

E então um garçom nos interrompe. — Champagne? — Ele pergunta, com uma bandeja na mão.

Daisy pega uma taça e eu automaticamente recuso. Enquanto procuramos as irmãs de Daisy entre rostos desconhecidos, ouço os sussurros e sinto a porra do calor de seus olhos.

Estou muito insensível para deixar suas opiniões me incomodarem.

Elas podem sussurrar como eu sou sete anos mais velho que Dais, como eu não sou certo para ela. Eles podem circular um fodido boato que dormimos juntos quando ela tinha apenas dezesseis anos. Eles podem dizer tudo.

Mas não vai me tocar.

O problema é que reconheço que Daisy fica machucada com os julgamentos sobre nosso relacionamento, *sobre mim*. Então eu a afasto dessas pessoas, esperando que esses sussurros não cheguem nas orelhas dela hoje à noite.

É óbvio, com o bar ao lado da grande escadaria, que Samantha moveu a mobília para a festa. A casa está cheia principalmente em cada bar e corredor estreito.

Passamos por um arco, entrando no maior cômodo de sua casa: tetos abobadados, janelas cobertas por cortinas douradas e cerca de trinta a cinquenta fodidas pessoas andando por aqui - eu conheço menos de dez delas.

Um harpista e violinista tocam no canto, garçons com bandejas de champanhe e canapés andando entre os convidados.

Estou confiante de que direi a coisa errada em algum momento.

Conversa fiada não é o meu fodido forte. Porém, eu não poderia me importar menos. Eu não estou aqui para impressionar ninguém. Eu só quero ter certeza de que Dais tenha um bom tempo.

— Lá estão elas. — Daisy pula na ponta dos pés ao ver suas três irmãs e Willow. Elas também a observam, acenando para Daisy se aproximar - e eu encontro os olhos da Willow por um milésimo de segundo antes que ela vire as costas para mim e abaixe a cabeça.

É uma nova reação, algo com que eu não estou fodidamente acostumado ainda. Alguns dias atrás, Lo deixou escapar que ela é filha do Jonathan. Eu não estou chateado com ele por isso, especialmente porque ele é mais próximo dela. Eu me sinto mal por não ter contado a ela antes.

Mas a sua reação... não é realmente uma que eu esperava.

Ela não fala sobre Jonathan e está me evitando. É meio óbvio já que nós moramos juntos e ela nem sequer encontra meus olhos quando estamos na mesma sala. Eu não sei porque.

Eu coço meu queixo, sem saber como fodi tudo. Meu pai disse que precisa do meu conselho para iniciar um diálogo com ela, mas eu definitivamente não sou especialista em Willow Moore.

— Ela pode precisar de mais alguns meses — Daisy me diz quando percebe o meu olhar.

— Para quê? — Eu pergunto. — Eu não estou indo a lugar nenhum.

— É estranho para ela — explica Daisy.

Eu franzo a testa, não entendo. — O que é estranho sobre isso?

Daisy se esforça para não sorrir.

Eu dou a ela uma olhada e coloco uma mão em sua cabeça. — Eu não sou bom em entender algumas fodidas coisas, Calloway. É por isso que eu tenho você.

— Você sempre a intimidou, e eu não acho que ela tenha pensado em você como um irmão - então é difícil para ela começar a pensar assim. Além disso, sabe, ela está namorando pela primeira vez e experimentando coisas novas sem os pais por perto, mas agora ela tem *dois* irmãos em vez de apenas Lo.

— Eu não vou tornar as coisas mais fodidamente difíceis para ela — eu digo.

— Eu sei, mas ainda é estranho.

Estou feliz pra caralho que Willow e Dais sejam amigas. Eu acho que as duas precisam uma da outra de maneiras diferentes.

— Daisy! — Rose grita do outro lado da sala, e em algum lugar, Samantha Calloway sem dúvida está atirando uma porra de um olhar feio na direção da sua filha.

Rose acena novamente, batendo o salto alto no chão. Todas as irmãs dela estão reunidas perto da lareira, usando vestidos. Eu ainda não sei como perdemos o fodido código de vestimenta.

Daisy se afasta do meu lado para se juntar a suas irmãs.

E então alguém dá um tapinha no meu ombro, com força.

`

< 12 >

RYKE MEADOWS

Ei, irmãozinho, eu penso, antes de enfrentar um cara de vinte e cinco anos com punhais nos olhos cor âmbar, e lâminas de aço como mandíbula. Vestido de preto com características que fodidamente matam, ele poderia ser o filho do diabo. De certa forma, ele é.

De outras formas, eu também sou.

Nós realmente devemos ser irmãos. Eu quase sorrio em lembrança. Eu disse essas palavras exatas para ele no dia em que ele descobriu que éramos parentes.

Cinco anos atrás.

Nós dois parecemos mais velhos. Ele parece mais forte. Não há mais lugar para ir além de para frente.

Sua mão aperta em torno de um copo de água gelada, e seu olhar cai para minhas roupas. Ele ri e dá um tapinha no meu ombro novamente. — Foi bom ter conhecido você, mano.

Eu empurro a mão dele. — Hilário. — Ele está se referindo a palestra que Samantha Calloway vai me dar quando ela ver meu fodido traje. Eu puxo sua jaqueta formal. — O que é isso?

Agora ele empurra minha mão para longe, sua água derramando em seus dedos. — Merda — ele xinga. — É uma maldita fantasia de coelho. O que parece ser? — Suas maçãs do rosto afiam quando ele limpa a mão no lado de sua calça preta.

— Você sabe que moramos juntos?

— Não, eu não fazia ideia. Eu só pensei que a garota da Wendy's estava comendo todo o bacon e ovos da nossa geladeira.

Eu lhe dou um olhar irritado.

Ele bebe sua água, olhando para mim como se eu estivesse fodidamente sorrindo para ele. Claramente a minha cara de *eu vou quebrar um pau* não tem efeito no meu irmãozinho.

— Você teve tempo suficiente para me dizer que esse é um evento formal — eu digo. — Então, que porra é essa?

— Vocês sumiram a manhã toda.

Eu balanço minha cabeça, tentando lembrar de tudo. Fomos à pedreira para uma caminhada essa manhã. Daisy finalmente recuperou sua energia desde a cirurgia. Ela não queria desperdiçar isso ficando dentro de casa - nem eu. — Você poderia ter me mandado uma mensagem.

Lo toca seu peito. — Eu não mando mensagem.

— Besteira — eu digo, pegando um copo de água da bandeja de um garçom.

— Sério — diz Lo, — achei que vocês soubessem. Samantha mandou uma mensagem para Lily e Rose - acho que todos nós assumimos que ela mandou uma mensagem para Daisy também.

Eu tomo um gole de água e aceno. — Ela mandou uma mensagem para Daisy, mas ela convenientemente deixou de fora a porra do número de convidados. — Eu estudo a sala com um rápido olhar, observando celebridades perto de outro bar: cantores e uma atriz, talvez. Eu não os conheço.

Eu mal consigo acompanhar essa merda, e geralmente tenho que me lembrar de que também faço parte disso. Em revistas. Em notícias de entretenimento.

Eu deliberadamente tento não prestar atenção em nada disso. Não vale a dor de cabeça.

Quando eu estudo as multidões novamente, eu me vejo procurando pelos exs da Daisy - *porra, pare com isso.* Eu esfrego meus olhos, não gostando dessa paranoia.

Volto minha atenção para meu irmão. Ele está me examinando como eu normalmente faço com ele. Eu não estou acostumado com a preocupação dele - nem mesmo uma fração disso.

Ele diz — Aposto que Samantha achou que vocês abandonariam a própria festa se soubessem de todos os detalhes.

Isso soa mais como algo que ela faria com a Lily, quando eles deixavam seus vícios administrarem suas vidas. Eu não teria abandonado esse evento se significasse algo para Daisy.

Eu estou surpreso que ele está inventando desculpas para Samantha, mas eu não digo nada sobre isso. Eu apenas tomo o resto da minha água. Ao mesmo tempo que ele termina a dele.

Ele verifica o copo vazio, cerrando os dentes. Eu posso dizer que ele deseja que sua bebida fosse algo forte. Uísque ou Bourbon.

— Você está bem? — Eu pergunto por impulso. Normalmente suas sobrancelhas se franzem em irritação.

Elas ainda fazem.

Isso não mudou, mas a postura segura dele mudou. — Eu estou melhor do que você fodidamente parece. — Ele levanta o copo em um aceno amargo. Quando ele vai tomar um gole do copo vazio, ele murmura — Jesus Cristo.

— Isso é seu. — Connor aparece ao lado de Lo com um copo cheio de água gelada. Meu irmão coloca o seu vazio em uma bandeja de um garçom passando.

— Obrigado, amor. — Lo toma um gole.

É claro que ele não me ofereceu a porra de um copo. Não espero que Connor me dê outra coisa senão um momento difícil.

Ele segura a filha de um ano ao seu lado, o cabelo castanho amarrado em um pequeno rabo de cavalo, a bochecha apoiada no braço do pai. Os profundos olhos azuis de Janie combinam com os de Connor. Ambos os pares estão atualmente presos a mim.

— Você apareceu. — Sua voz calma instantaneamente aumenta meu agravamento, todo o seu comportamento sereno e arrogante sempre me irritando. — Que surpresa.

Ele não parece remotamente surpreso.

Connor Cobalt parece entediado.

Até Janie, em um vestido azul-claro, assiste à festa e a mim com desinteresse - e ela só tem *um ano.*

Estou prestes a perguntar por que ele não encontrou uma babá, mas eu não falo muito com o Connor desde a consulta do médico em agosto. Ele pode compartilhar suas crenças, mas eu não quero que ele me trate como criança, como se eu tivesse sete anos de idade.

Ele não é minha consciência.

Ele não é meu pai.

Ele é meu fodido *amigo*.

Eu entendo todos os riscos que tomo. Eu sei o que tudo significa, então ele não precisa falar para mim como se eu não pudesse ouvir ou ver, porra.

Eu troco o meu copo de água por outro quando o garçom passa, descaradamente evitando Connor. Essa merda passiva agressiva não é a minha tática normal, mas irrita Connor mais do que gritar com ele.

— Todo esse tratamento silencioso é um pouco infantil. — Connor age como se não estivesse o afetando, como se tudo fosse a mesma coisa, mas no canto de seus olhos, percebo sua frustração combinando com a minha.

Eu inclino meu corpo para meu irmão. — Onde está o Moffy?

— Garrison é a babá hoje.

Eu conecto os pontos, como Lily e Lo devem confiar nele o suficiente para deixá-lo cuidando de seu filho, mas Connor não confia.

— Moffy? — Janie diz esperançosa, olhando para o pai.

Todos nós olhamos para ela, e a filha de Connor puxa a porra do meu coração quando ela bate palmas, ansiosa pela aparição do primo.

— Moffy não está aqui — diz Connor em sua voz calma habitual.

— Moffy! — Ela ri, sem entender.

Meu irmão está sorrindo mais do que ele sorri em um ano. Ele me pega olhando, e estreita os olhos. — O que?

— Eu não disse nada, porra.

— Meu filho é legal. A bebê gênio acha.

Eu solto uma respiração cansada. — Por que você tem que inflar a porra da cabeça dele? — Ele poderia ter deixado de fora a palavra "gênio" - mesmo que Janie esteja um pouco avançada para a idade dela.

— Porque eu gosto do rosto dele. — Lo sorri para mim.

Eu balanço minha cabeça, sentindo o sorriso ofuscante de Connor atrás de mim.

— Ryke — diz Connor enquanto Janie descansa a bochecha contra o braço dele.

Eu relutantemente dou a ele mais da minha atenção.

— O que você quer que eu faça? — Pergunta ele. — Jogar verdade ou desafio novamente? Beijar seu irmão?

Eu reviro meus olhos. O beijo deles despertou mais problemas na mídia do que eu imaginei, e me sinto parcialmente culpado por isso - porque eu os desafiei. Ele também aceitou para destruir qualquer rixa que tivéssemos na época.

Lo fica mais entre nós, tentando separar a tensão. — É por isso que nos beijamos? — Ele toca seu coração. — Eu pensei que você me amava. Depois de todo esse tempo.

Connor sorri. — Sempre.

Estou confuso com a troca.

Meu irmão acena para mim. — Referência de *Harry Potter.*

Eu fico tenso. — Você leu Harry Potter? — Eu pergunto a Connor.

— Lo me deu um box em março depois que eu perguntei sobre isso.

Eu olho para frente por um segundo, tentando não parecer magoado ou com ciúmes, mesmo que definitivamente eu sinta ambos. Connor se interessa pelos hobbies de outras pessoas para tentar entendê-los mais, e talvez eu devesse ter dado esse fodido passo também. Lo é meu irmão.

E eu odeio sentir que Connor teria feito melhor do que eu.

— Ryke — ele diz novamente, chamando meu olhar para ele, — eu não vou retirar o que eu disse no médico. É a verdade.

— Eu não pedi a suas fodidas verdades.

— E ainda assim, eu fiz um favor para você as fornecendo.

Eu rosno em frustração. — Apenas cale a boca por um segundo e me escute. — Eu tento não olhar para Janie, encostada no ombro dele. Fica mais difícil deixar isso em um tom que diz *é isso que eu quero dizer, e não estou recuando.* — Você não pode falar comigo como fez no consultório do médico, não na frente da Daisy.

Connor usa uma expressão vazia. — Eu não achei que você se importaria com a forma como você parece.

Eu me aproximo e digo para que só ele possa ouvir. — Eu sou o *noivo* dela e quando você questiona minha capacidade de tomar decisões racionais na frente dela, eu pareço longe de ser fodidamente confiável. Eu não quero que ela se preocupe com as escolhas que fazemos. — Eu levanto minhas mãos, não tentando começar algo maior. — Eu sei que esse era seu objetivo, mas pare de fazer objetivos que envolvam Dais e eu.

Ele parece genuinamente ferido.

Isso me surpreende por um momento.

— Você sabe — diz ele, — se você fosse outra pessoa, eu nem teria me importado. Não o suficiente para oferecer uma opinião ou mesmo gastar tempo pensando sobre isso. — Ele diz rigidamente — eu vou guardar para mim na próxima vez.

Quando nossas personalidades não se mesclam, é mais fácil apenas discutir e odiar um ao outro, em vez de fazer um esforço para sustentar uma amizade frágil. Eu comecei a respeitar Connor mais e mais, e ele retribui esse respeito em troca.

Mas se Rose se tornar uma barriga de aluguel para Daisy, isso nos unirá a vida toda, e talvez ele não esteja vendo isso. Ou talvez ele goste de todas as fodidas cordas que ligam as pessoas a ele.

Eu não cresci assim.

Antes de eu conseguir responder, Samuel Stokes se separa de alguns homens mais velhos e se aproxima de nós. Ele tem cerca de trinta e um ano: o marido de Poppy e o diretor de marketing da Fizzle.

Ele segura uma taça de champanhe e os vários jornalistas de entretenimento começam a tirar fotos, flashes de câmeras saindo em ondas.

— Ei, Sammy. — Lo lhe dá um sorriso seco. — Você tem algo saindo do seu nariz.

Sam nem pisca, muito acostumado com os golpes de Lo.

Antes de conhecer Sam, achei que ele poderia ter um relacionamento fraternal com Lo. Ele cresceu com meu irmãozinho mais do que eu, mas eu aprendi rápido pra caralho que esse não era o tipo de vínculo que eles compartilhavam.

Sam tinha inveja do lugar de Lo com os Calloways, a aceitação fácil porque nosso pai era o melhor amigo de Greg. Sam desejou o mesmo respeito inerente, e ele ressentiu de Lo por um longo tempo. Agora que eles são mais velhos, deixaram a maior parte disso pra trás.

E eles brigam como família.

— Quero dizer — continua Lo, — não vejo por que outro motivo as câmeras ficariam tão interessadas em você.

Eles não estão apenas interessados em Sam. Eles são atraídos por todos nós quatro. Juntos.

Sam, Connor, Loren.

Eles são todos casados com uma irmã Calloway. E estou prestes a casar com a mais nova.

No brunch de domingo, as garotas gostam de nos provocar sobre os artigos da *Celebrity Crush* - onde a mídia aparentemente fica obcecada com a nossa amizade como se nós tivéssemos formado um grupo de merda.

Porém, de todos nós, Lo é o favorito. Existem milhares de tweets como estes:

@lilycalloways: *toda vez que penso em loren hale a primeira coisa que vem à mente é "que belo espécime masculino"*

@LiLoX23Hellion: *Eu realmente não posso dizer em 140 caracteres o porquê eu amo tanto o Lo!*

@lorenhale: *DEIXE-ME TE MOSTRAR O MUNDO DO TACO LOREN*

@ryshannemia: *Loren Hale é a luz da minha vida e o menino dos meus olhos <3*

@teacupsbooklove: *Eu só quero ir a Superheroes & Scones e ficar o dia todo com Loren Hale. Isso é pedir muito?*

@lilyswampahat: *Loren Hale não tem medo de filmes de terror. Eu tenho medo de filmes de terror. Vou assistir (mas não realmente), desde que possamos ficar abraçados.*

@halwaycomics: *Eu amo Lo porque toda vez que ele está para baixo ele consegue se levantar novamente.*

@ThisJabberwocky: *Loren Hale é como um chocolate cheio de bourbon; amargo e doce*.

@lilycalloway: *Eu sempre amei quadrinhos, mas ele me inspirou a ler ainda mais e ele me ajudou a descobrir o quanto eu amo o universo x-men!*

@iHeartBigBooks: *#lorenhale nos mostra o verdadeiro significado do amor soulmate #LiLoForever*

@isaboes: *loren hale, se eu não te amasse tanto com a lily eu pediria para você ser meu*

@52_veronica: *Loren Hale é um dos meus filhos. Ninguém machuca meus filhos. #mamaeursa*

@ohlilycalloway: *loren hale é um precioso cinnamon roll que merece toda a felicidade que tem e mais*

Eu não tenho a mínima ideia de por que as pessoas o chamam de cinnamon roll - todo o fodido tempo - mas elas nunca dizem uma coisa ruim sobre ele. Algumas vão odiar a Lily em vez disso, mas as garotas são sempre recebem ódio mais do que nós sem razão justificável.

— Você sabe que eu estou cuidando de seu filho no próximo fim de semana — Sam responde facilmente ao meu irmão. É o jeito dele de dizer: *seja mais legal comigo, Loren.*

Lo não joga bem com subtexto, então não estou surpreso com a resposta dele. — Para a Lily. Porque todo mundo sabe que não é para o seu cunhado favorito. — Ele levanta sua água, tomando um gole como se fosse bourbon.

— Esse seria eu. — Connor sorri, sua arrogância fazendo sua fodida entrada.

Estou prestes a encontrar algo para comer, então não preciso ser o centro de nada.

— Ah merda — Lo amaldiçoa. — Sogro se aproximando.

— Porra. — Eu esfrego meus lábios, minha pele quente de repente.

Connor não está nem perto de suar, imune a situações mais tensas.

Sam termina seu champanhe. — Apenas fale sobre o novo comercial de produtos sabor de limão da Ziff e ele vai se distrair. — Todo mundo sabe que eu consigo colocar meu pé na porra da boca quando se trata do pai de Daisy. Sam pode realmente se relacionar com ele em algum nível já que ele teve que rastejar para obter a aprovação de Greg.

— Espera, você vai fazer outro comercial? — Lo me pergunta com uma carranca.

— Sim. — Eu luto para encontrar palavras que o consolem como *é apenas pelo dinheiro*, ou *eu não estou escalando muito por isso* ou *eu não vou morrer, irmãozinho.* Nenhuma delas escapa. Todas só ficam na minha garganta.

Sam preenche o silêncio escaldante enquanto Greg se aproxima. — *Ziff: Citrus Breeze*. Até agora, tem sido um favorito entre os pré-adolescentes.

Fantástico pra caralho. — Quanto açúcar tem?

Greg completa o nosso círculo de cinco, casualmente entre Connor e Sam. — Se você acha que está muito doce, podemos diluir sua garrafa para o comercial. — Seu tom é amigável.

Lo descansa o braço no meu ombro. — Droga, eu estava esperando que você vomitasse nos pés da Rose novamente.

Eu fiz isso quando eu bebi *Ziff: Blue Squall* e depois escalei. — Essa porra não está acontecendo. — Eu tiro o braço dele do meu ombro.

Greg nunca estende a mão para mim. Seu olhar normalmente benigno se estreita na minha calça jeans e camisa. — Samantha se esforçou muito nessa festa. Seria bom se você mostrasse a ela um pouco de respeito se vestindo adequadamente.

— Da próxima vez eu vou, mas ninguém nos disse que isso era uma po… que era formal. — Eu faço uma careta; foi preciso muita concentração para não xingar acidentalmente.

Greg não parece nem feliz nem pronto para chutar a porra da minha bunda. Eu fiz bem então.

— Eu esqueci de enviar uma mensagem para Ryke — acrescenta Lo em meu nome. — Meu erro. — Eu diria que Connor é o favorito de Greg, se não fosse pela tempestade de mídia que o rodeou. Lo definitivamente tem mais influência com o pai das meninas.

Seus ombros relaxam, menos arqueados em ofensa. — Quero parabenizá-lo — ele me diz. — Eu falei sério quando disse que estou feliz por você fazer parte dessa família. Você cuidou bem da minha filha, especialmente recentemente... — Ele engasga por um segundo.

Todos nós ficamos rígido, até mesmo Connor.

Até eu. *Por favor, não fale de filhos. Por favor, não fodidamente fale de filhos.*

Connor, Lo e Sam estão todos cientes de que Daisy e eu estamos tentando ter um bebê, e eu não preciso de um deles deixando nada escapar também.

— Acho que agora, mais do que nunca, ela pode esperar pelo futuro dela — diz Greg com alguns acenos de cabeça, provavelmente relembrando as partes bem-sucedidas da cirurgia dela. — E talvez em dez anos, ela estará estável com uma boa carreira e pronta para ter um filho.

Porra.

Eu estou imóvel, meus músculos tensos. Seu olhar perfura o meu enquanto ele bebe seu champanhe sem pressa. Eu nunca desvio o olhar ou recuo. Eu não posso dizer a ele que Daisy decidiu a sua carreira por volta de seu aniversário de dezenove anos.

Ela finalmente descobriu, e sua escolha não tem a estabilidade que ele gostaria que tivesse, o que nem deveria importar. Ela se ilumina toda vez que fala sobre isso e adora colocar tempo nisso por conta própria.

Até agora, ela não falou sobre o que quer fazer com ninguém além de mim, e não é minha novidade para compartilhar. Podem não entender. Não a menos que ela explique o que isso significa para ela e por que ela se sente compelida a gastar dinheiro e tempo fazendo isso.

Quanto a porra do assunto de filhos...

— Eu não sei sobre dez anos — eu digo, cada palavra áspera da minha boca. É tudo que posso falar sem xingar.

Lo coça a parte de trás do pescoço dele, e eu estou rezando para que ele fique de boca fechada para mim. Esse é um dos piores momentos para deixar a verdade sair para seus fodidos pais.

Sua testa se contorce com linhas irritadas. — Ela tem apenas vinte anos.

— Em dez fodidos anos, eu vou ter trinta e sete. — Eu percebo que escolhi as palavras erradas quando Connor muda sua filha para o outro lado. Tudo o que ele faz é proposital, e eu sei que ele está tentando distrair Greg sem interromper descaradamente.

Os olhos de Greg caem para sua neta.

Eu entendo ele. Ele valoriza carreiras *lucrativas* e investimentos práticos mais do que meu pai. Meu pai é mais arriscado, que fica orgulhoso quando um filho segue os sonhos dele, suas ambições, mesmo que não haja nada nisso. "*É por isso que eu me acabei de trabalhar"* ele costumava dizer. *"Eu trabalhei duro pra caralho, para que vocês não precisem."*

Lo disse que nosso pai o enchia por ser preguiçoso, mas quando ele escolheu administrar uma empresa de quadrinhos, ele o apoiou.

Também é por isso que ele raramente me incomoda sobre escalada.

Porra. Eu gemo internamente - sabendo que estou enlouquecendo quando começo a defender meu pai por causa de Greg Calloway, supostamente um dos homens mais benevolentes.

Meus músculos tensionam.

Greg se concentra em mim. — Eu não quero que você pressione ela para ter um filho só porque o tempo está se esgotando para você. Não está se esgotando para ela.

Porra de ironia.

O tempo *está* se esgotando para ela. Ela pode perder o outro ovário em um ano. Então ela vai ter que passar por fertilização in vitro. Então vai ser mais complicado.

— Eu nunca iria fodidamente pressioná-la — digo a ele. — Se ela quisesse esperar até os trinta anos, eu esperaria.

Greg parece incrédulo. — Eu acho que vamos ver se isso é verdade.

Eu respiro pelo nariz e quase me pergunto se os pais dela vão aparecer no nosso casamento se contarmos a verdade. Eu não quero abrigar mais mentiras ou fodidos segredos de novo, não por tanto tempo. Então eu sei que será a decisão deles no final.

Ele dá a todos nós um breve sorriso. — Aproveitem a festa. — Então ele sai em direção ao bar onde sua esposa fala com aquela mulher em um vestido de veludo azul.

— Isso foi bem. — diz Connor.

— Sério? — Eu esfrego meus olhos.

— Não.

Eu estreito os olhos para ele debaixo da minha mão. — Eu odeio você, porra.

— É mútuo — diz Connor, não me deixando ter a propriedade exclusiva do meu fodido ódio.

Lo balança o copo. — Greg está magoado que a filha mais nova dele está se casando com um cara mais velho.

Eu dou a meu irmão um olhar de *cala a boca.*

Ele continua — Se eu tivesse uma filha que trouxesse para casa um cara mais velho que diz *porra* mais do que todas as outras palavras, eu provavelmente iria provocá-lo até que ele cagasse nas calças e voltasse chorando para sua caminhonete feia.

Eu gemo. — O que você é, um fodido defensor de Samantha e Greg hoje?

— É diferente quando você tem um filho… — ele se interrompe, seu rosto se contrai em remorso. Eu mal tenho tempo de registrar que posso não ter um filho um dia, ou que a declaração dele em relação a mim pode ser insensível.

Sam acena para Lo. — Eu te disse, isso muda você.

— Que seja… — A atenção do meu irmão está mais em mim. — Você vai ter um filho também, Ryke. Algum dia.

— Tudo bem se eu não tiver — digo, acreditando mais do que ele.

— Você *vai* ter — diz ele, quase desesperadamente. — A vida não é tão cruel, para dar uma criança para um babaca como eu e não a alguém bom como você.

Alguém bom como você. Eu aceno com a cabeça, meus olhos queimando. *Tudo bem, Lo.* Eu bagunço seu cabelo com uma mão áspera, e ele empurra meu braço com um sorriso fugaz.

Eu não posso mentir para ele e dizer que vai acontecer quando isso pode não acontecer. Só posso lhe dar a verdade agora, e esse tipo de verdade ainda não terminou.

— Sério, em quanta merda eu vou ficar com o pai dela? — Eu pergunto a eles, guiando o tópico.

— Quando ele descobrir que você está procriando o mais rápido possível — diz Connor.

Lo reformula — Quando ele descobrir que você está engravidando a filha mais nova dele enquanto falamos.

Connor arqueia uma sobrancelha. — Quando ele descobrir que você está ativamente fazendo sexo com a esperança de seu esperma encontrar o óvulo dela.

— Quando ele descobrir que você está…

— Eu entendi — eu corto meu irmão. Eu não deveria ter perguntado essa porra.

Sam sacode a cabeça repetidamente. — Vocês todos são estranhos, e o mais triste é que eu não estou mais incomodado com isso.

— Isso é triste — diz Lo, — porque isso significa que passei tempo demais com você.

Sam solta uma risada e murmura algo antes de trocar sua bebida. Eu olho para Daisy, ainda com suas irmãs perto da lareira.

Todos os caras seguem o meu olhar para a sua respectiva mulher, mas nenhum de nós vai para lá ainda. Nós sempre tivemos esse acordo não dito por anos.

Deixe que as irmãs Calloway tenham tempo juntas.

Faz nossas meninas felizes, e no final, todos nós nos esforçamos para agradar as pessoas que realmente amamos.

< 13 >

DAISY CALLOWAY

— Seu noivado abre a porta para mais uma *centena* de possibilidades. Se você não quer que o casamento seja filmado, devemos pelo menos começar a filmar depois para capturar a vibe de recém-casados. Não se preocupe com o tempo de tela porque já falei com o GBA e eles querem quantidade de imagens iguais com todas vocês. Nenhuma esposa será esquecida no *Rainhas da Filadélfia*.

Christopher "Impressionante" Barnes - seu auto título aos 14 anos por ser "bonito demais para esse mundo" - termina seu discurso com um sorriso arrogante. Seu cabelo castanho está penteado para trás e ele segura um copo de bourbon.

Se não o conhecêssemos desde que éramos crianças, ele provavelmente já estaria congelado pela Rose e até pela Poppy - mas sua família é amiga da nossa. Ele também tem a idade de Rose e alguém com quem minha mãe tentou me juntar quando fiz dezoito anos. Meu pai dispensou a ideia por causa da idade dele.

Ironicamente, ele é tão velho quanto Ryke.

Lily franze a testa. — Então, um reality show de donas de casa?

— Sim — diz Christopher em total seriedade.

Poppy parece tão confusa quanto Lily. — Eu pensei que você trabalhava com ações.

— Eu também aproveito as oportunidades lucrativas e vejo uma com vocês quatro.

— Ok — eu digo, concordando rapidamente. Minhas três irmãs quase sofrem de parada cardíaca, até os olhos de Willow se arregalam.

Christopher sorri e aperta meu ombro. — Eu imaginei que você ficaria ok com isso. — Eu me pergunto por que ele pensa isso. *Porque eu fico ok com qualquer coisa.*

Eu faria qualquer coisa se alguém pedisse.

Qualquer coisa.

Eu franzo a testa internamente. Não é mais verdade. Eu posso colocar meu pé no chão agora. Eu sei que posso.

— Daisy — Rose diz meu nome como se eu tivesse perdido a cabeça.

Eu ignoro Rose e foco minha atenção em Christopher. — Eu tenho condições.

Ele tira a mão do meu braço. — Ok. — Seu olhar permanece na minha bochecha, a cicatriz, mas sua cara de pôquer é decente, agindo da mesma forma com sua existência. Eu poderia cobrir a cicatriz com meu cabelo.

Eu costumava fazer isso. Isso fazia com que todos se sentissem menos desconfortáveis, mas isso nunca me fez sentir melhor. No ano passado, aprendi a aceitar esses constantes olhares cautelosos e, ao fazer isso, consegui aceitar todos os defeitos e todas as minhas falhas.

Todos os dias, eu posso me sentir crescendo em minha própria pele, e eu me amo mais do que nunca. Ryke é uma variável na minha vida que me levou até aqui. Eu sei disso.

— Minhas condições… — Eu me forço a ficar parada, sem pular. Meu tom completamente sério, eu digo — Eu quero cinquenta milhões de dólares.

Christopher pisca algumas vezes. — Tenho certeza de que posso discutir isso com a emissora; eles têm sido receptivos às minhas ideias até agora...

— Por episódio — eu declaro.

Christopher estreita os olhos azuis bebê. — Isso é pedir muito.

— E eu também gostaria de um unicórnio. — Eu falo tão séria sobre isso que Lily quase começa a rir. — Não um cavalo com um chifre ou um burro com uma cenoura presa na cabeça

— digo a ele. — Um unicórnio de *verdade*. Se você não consegue atender minhas condições, não suporto a ideia de participar.

Rose gesticula para Christopher com sua taça de champanhe. — Meu contrato deve dizer, *Rose Calloway Cobalt pode cortar as gargantas de seus adversários sem penalidade*. Eu também gostaria de limpeza a seco no caso de manchas de sangue sujarem meus vestidos. — Ela bebe seu champanhe como uma fodona. Essa é minha irmã.

Lily limpa a garganta. — Eu gostaria de um bar de tacos.

Eu rio, e Rose dá a ela um olhar estranho como se ela tivesse pedido por algo medíocre quando ela poderia ter pedido o sol, a lua e estrelas em chamas.

Para a Lily, um bar de tacos é um ótimo prêmio. Provavelmente porque é algo que Loren Hale também amaria.

— Minhas condições são mais complicadas — diz Poppy no mesmo tom que todas nós. — Eu gostaria da paz mundial. — Ela então acena para ele como uma rainha de concurso.

Todos nós explodimos em risadas, o suficiente para que muitas cabeças se virem para nós.

Christopher acena com a cabeça algumas vezes, não denso o suficientemente para perder a piada. — Tudo bem, tudo bem. — Seu olhar cai no meu. — Você me pegou.

Enquanto nossa risada morre, eu olho por cima do seu ombro, observando todos os quatro caras nos observando. Ryke gesticula para mim com a boca, *que porra é essa?*

Eu mando de volta, *eu te amo.*

Isso o faz sorrir.

Isso me faz sorrir mais.

— É um não firme, então? — Christopher pergunta, escondendo sua decepção, se ele tiver alguma.

— Sim — eu digo. — É um não do tipo definitivo, sem dúvida, que não vai mudar de ideia.

Enquanto ele digere isso, seus olhos descem lentamente pelo meu corpo, provavelmente tomando nota do meu traje estranho. Mesmo que eu ame minha camiseta e shorts, minha mãe tomou como uma bofetada na cara. Eu ainda odeio aborrecê-la, mesmo que ela seja uma das pessoas mais difíceis de agradar.

Eu procuraria algo no meu closet no andar de cima, mas tirei tudo quando me mudei, e não quero deixar Ryke sozinho em algo casual enquanto uso um vestido formal.

— Quando é o casamento? — Christopher pergunta, quando se concentra em mim. Eu gostaria que ele abrisse o diálogo para todas as minhas irmãs.

— Nós ainda não escolhemos uma data — eu respondo honestamente. Com meus problemas de fertilidade em primeiro plano, planejar um casamento ficou em segundo plano. Nós não estamos com uma pressa enorme. Evidentemente, estamos um pouco preocupados com o drama que um casamento causará.

Nós até pensamos em fugir, o que parecia mais fácil em teoria. Essa discussão foi encerrada por sua declaração: "*Eu quero meu irmão lá.*" Então a minha, "*Eu quero minhas irmãs lá como damas de honra.*"

— Vou receber um convite? — Pergunta Christopher.

— Eu não sei — eu digo. — Você vai me presentear com um unicórnio que caga arco-íris?

Ele aperta os olhos para mim e inclina a cabeça. — Você está flertando comigo?

Ai meu Deus. Meus lábios caem, esperando que ninguém mais pense nisso, a não ser ele. Eu imediatamente me distancio e começo a andar para longe dele, assim que Lily diz — Ela não está flertando com você. Essa é a personalidade dela.

Rose acrescenta um superficial, — Christopher *Impregnado* Barnes.

— *Impressionante* — ele corrige como se elas fossem adolescentes.

— Não, eu lembro de ser *Impregnado* — diz Poppy.

Sorrio, feliz por ter essas irmãs mais velhas - aquelas que sempre, sempre me defendem. Eu faço uma fuga rápida de Christopher e pego um morango coberto de chocolate da bandeja de um garçom. Eu mordo todo o chocolate, indo em direção à mesa cheia de doces pequenos.

Quando eu deslizo entre os corpos sem ninguém me ver, eu pego partes de conversas entre quem minha mãe convidou: socialites, celebridades e jornalistas.

— Ouvi dizer que eles assinam acordos pré-nupciais. Dou um mês para se divorciarem.

O último pedaço de chocolate desce áspero. Os pessimistas não são uma nova força de oposição. Sempre tivemos mais descrentes do que apoiadores, mais do que qualquer um dos relacionamentos de minhas irmãs.

Eu simplesmente não posso acreditar que essa oposição está *aqui*, na minha festa de noivado. Eu acho que não importa para onde vamos, não importa o quão longe nós viajemos, *sempre* haverá pessoas que querem que nós fracassemos, caiamos - tropeçar mais e com mais frequência.

Ryke me diria que isso não importa. Que não importa o quanto as pessoas torçam contra nós, nossa crença implacável em nós mesmos, em nosso amor, supera tudo.

— Eu aposto que eles nem chegam ao altar.

Dói - dói tanto que eu reconheço o dano na dúvida e a tragédia no amor que deve enfrentá-lo. Como Romeo. Como Julieta. Ryke pode dizer que é um amor duradouro, mas a história mostra que romance proibido nunca termina bem. Eu só me pergunto qual será o nosso final. Se o passado irá se repetir.

Eu ando atrás de algumas mulheres tagarelas e dou outra mordida no meu morango.

— Kathy me disse que ele a proibiu de fazer cirurgia plástica.

Meus ombros endurecem e diminuo meu ritmo, só para ouvir o resto. Estou a cerca de seis metros da mesa de comida, as harpas e violinos continuam a tocar forte, mas eu forço os meus ouvidos a ouvir.

A outra mulher fica boquiaberta. — Isso é horrível. Samantha disse que os médicos poderiam tentar diminuir a cicatriz se ela fizesse uma cirurgia, mas eu não tinha ideia de que Ryke estava controlando sua decisão.

Eu quase engasgo com o morango. Eu engulo em seco assim que desce.

— Aparentemente, ele não quer que outros homens olhem para ela. Se ele a manter desfigurada, então ele a tem toda para si.

Meu peito explode com mais raiva do que eu já senti em muito tempo, meu pescoço quente. Eu decidi não fazer a cirurgia. Eu. Ninguém mais. Por que isso é tão difícil de acreditar? Que eu tenho uma voz. Que eu faço minhas próprias escolhas.

Eu não sou uma pessoa que confronta, mas uma parte gigante da minha alma está implorando para dizer a essas mulheres a verdade. Para provocar uma cena e alertar a mídia, subir em uma cadeira e gritar — Eu, Daisy Petunia Calloway, me recusei a passar por cirurgia por conta própria! Ninguém me influenciou e estou feliz, *verdadeiramente* feliz, como eu sou!

Eu posso fazer isso. Eu sei que posso fazer isso, e assim que dou um passo em direção às mulheres, sou cortada por um *dink, dink, dink*! O som de uma faca batendo em uma taça de champanhe.

É como se o universo estivesse dizendo, *sente-se, Daisy Petunia Calloway. Não é hora de se levantar. Não é sua hora de gritar.*

Eu solto um suspiro apertado, me rendendo. Chego à mesa de comida enquanto a sala se acalma e a música para. Estou procurando por qualquer coisa de chocolate quando Ryke se aproxima de mim.

— Ei — ele sussurra, seus dedos roçando os meus, se entrelaçando antes de apertar minha mão inteira.

Dink, dink, dink!

— Eu não vejo nenhum chocolate — eu digo desanimada, olhando por cima do meu ombro. Minha mãe está no meio da sala com uma taça de champanhe e uma faca. As pessoas começam a se afastar de nós para que ela tenha uma visão direta de Ryke e eu.

Ele pega um doce delineado de quatro camadas e depois se vira para encarar minha mãe. Sua mão esquerda cai para as minhas costas, e uso a sobremesa como uma distração, comendo o arco decorativo de chocolate da cobertura de baunilha. O interior parece um bolo amarelo clássico.

— Primeiro, — minha mãe começa, — eu gostaria de agradecer a todos por estarem aqui para celebrar o noivado da minha filha. — Então, seu olhar se foca em mim. Seu comportamento é estrito, lábios de um tom escuro de vermelho, cabelos castanhos apertado em um coque, e sobrancelhas definidas com arcos altos. Três fios de pérolas negras e brancas se penduram sobre seu peito como pedaços de sua alma: bom e ruim.

Eu não posso prever como ela vai ser hoje. Se ela vai escolher ser a mãe que me adora, que daria a vida dela para me proteger, aquela que assistiu a sessões de fotos enquanto eu era menor para me manter segura. Ou se ela vai escolher ser a mãe que precisa de mim, aquela que me empurrou demais, que queria uma vida para mim que eu não escolhi, para desfilar minha beleza e riqueza.

Alguém dá a minha mãe um microfone sem fio. Ela me diz — Estou feliz que consegui surpreender uma das minhas filhas com uma festa de noivado. — Com um sorriso crescente, seu olhar passa sobre meus shorts e camiseta, enfatizando ainda mais seu ponto de vista.

Surpresa. É assim que ela quer jogar isso então. Eu não tinha ideia sobre a festa, então me vesti casualmente.

Funciona; muitas pessoas riem. Que engraçado, *uma festa de noivado surpresa!* Lembrando, principalmente, o quanto minha mãe odeia passar vergonha**.**

Ela ajusta o microfone na mão, quase para esconder a emoção por trás de seus olhos. — Minha filha destemida — ela diz para mim. — Eu disse ao seu pai que você seria o maior problema - que você se libertaria de nós mais rápido e mais cedo do que suas irmãs. Talvez seja por isso que me agarrei mais a você.

O chocolate derrete na minha mão, muito fascinada com a sinceridade da minha mãe para fazer muito mais do que olhar diretamente para a frente. Hesito como se houvesse uma frase de efeito vindo, como se alguma coisa fosse me bater no rosto.

— Você nunca ficava quieta quando criança — diz ela, a sala silenciosa, todos se agarrando suas palavras. Eu também. — Você tinha esse carrinho de brinquedo, um conversível cor-de-rosa e, se seu pai e eu não estivéssemos olhando, você saia correndo pela rua. Mesmo com quatro e cinco anos de idade, você estava pronta para fugir. E você nunca olhou para trás, não antes e não agora. — Ela respira. — Houve um tempo em que tentei contê-la do que eu imaginava que fosse o caminho do perigo, mas você me ajudou a perceber que não posso engarrafar um raio.

Lágrimas se acumulam em meus olhos e refletem as da minha mãe.

Ela estuda meu rosto e olha para Ryke. Seu pescoço parece alongar, rigoroso e autoritário. — Greg e eu sempre conversamos sobre que tipo de homem seria adequado para Daisy, que poderia ser bom o suficiente para a nossa filha mais jovem e despreocupada. A resposta sempre foi *ninguém*.

As pessoas riem de novo, mas eu estou presa à suavidade nos olhos da minha mãe, a vulnerabilidade em sua história. Ela raramente compartilha partes íntimas da nossa história comigo, quanto mais em voz alta para seus amigos.

— Ryke Meadows. — Minha mãe diz seu nome rigidamente, mas eu não ouço desdém que teria estado lá há dois anos. — Nós tivemos nossos altos e baixos. — Ela ajusta seu aperto no microfone novamente.

Eu percebo o olhar sombrio de Ryke, mas ele fica quieto, esperando como o resto de nós para ver o caminho que isso vai tomar.

Minha mãe levanta a cabeça. — E em um ponto, eu te julguei mal e até mesmo chamei a polícia pra você. — Meus olhos se arregalam com ela admitindo isso, e a sala explode em sussurros. Eu olho para Ryke e ele está quase sorrindo - o que...

Eu sigo o olhar dele para minha mãe. Sua expressão espelha a dele, um leve sorriso, concentrada nele. Nem mesmo prestando atenção às multidões fofoqueiras de pessoas.

— Claro que você não tinha motivos para estar lá — diz ela. — Você foi justamente liberado sem pagar nada, e eu tive que entregar o que eu acreditava ser uma perda. Minha filha era sua e não havia nada que eu pudesse fazer.

Ela olha para baixo em reverência, e quando ela retorna seu olhar para Ryke, há lágrimas genuínas cobrindo seus olhos. Isso é em parte um pedido de desculpas. Um que tem mais significado do que simplesmente dizer *sinto muito* para ele. Ela está admitindo suas falhas na frente de seus amigos.

— Eu esqueci que você não pode engarrafar raios tanto quanto eu — diz minha mãe. — Ela escolheu você, e eu levei tempo para descobrir *por que* e *como* vocês dois se encaixavam. Por que *você* é o único homem que é bom o suficiente para minha filha?

Meu coração está na minha garganta.

— Então, um dia, percebi que você é um raio. Você não pode ser engarrafado ou contido tanto quanto ela. E juntos, vocês dois fazem uma tempestade linda e perfeita. — Ela levanta a taça de champanhe. — Para minha filha e seu futuro marido, espero que vocês conheçam apenas a verdadeira felicidade.

Uma lágrima quente desliza pela minha bochecha, a sala explode em aplausos de acordo, esperançosamente sinceros.

Quem teria pensado que minha mãe, de todas as pessoas, veria a beleza em meu relacionamento com Ryke?

Não eu, mas estou tão insanamente feliz em finalmente tê-la do nosso lado.

Quando ela encontra meu olhar, eu digo, — Eu te amo.

Ela toca seu coração com uma mão, olhos cheios de lágrimas como os meus. Seu discurso foi um pedido de desculpas e aceitação em um todo, e eu entendi. Eu senti ainda mais forte, e pelo quase "sorriso" do Ryke - eu sei que ele também.

Agora que minha mãe não é mais nossa adversária, eu me pergunto quanto tempo levará para o mundo seguir o exemplo. Se eles vão querer. A mídia. Nossos fãs e inimigos. É uma batalha muito maior.

Eu quero dizer que estou pronta para isso, mas conflito não é o meu ponto forte.

Eu nunca posso me preparar completamente para o momento em que ele atinge.

< 14 >

DAISY CALLOWAY

Eu fico na frente de um carrinho de compras e pego as caixas de cereal mais coloridas da prateleira. O urso polar comendo salgadinhos de chocolate. O vampiro devorando alguns flocos roxos com um sorriso.

Alguns funcionários abriram a mercearia uma hora antes para nós às 5 da manhã, então podemos fazer compras sem flashs de celulares e pessoas lotando os corredores. Todos nós geralmente preferimos fazer compras nós mesmos, mas durante as más semanas com a imprensa, as rotinas normais se tornam mais difíceis.

Meu super guarda-costas descontraído, Mikey Black, permanece no final do corredor. Seu traje: bermuda floral havaiana e camisa laranja néon. No outro extremo, o desprevenido guarda-costas de quarenta e poucos anos do Ryke ouve um podcast de luta livre, tão barulhento que o barulho normalmente ecoa de seus fones de ouvido. Quinn sempre encontra audiolivros e podcasts para passar o tempo, sabendo que Ryke gosta de espaço e menos interferência.

Agora, Ryke está ocupado lendo os ingredientes de um cereal saudável. Ele segura o carrinho, me mantendo por perto. Eu provavelmente rolaria para trás se ele soltasse.

— Você sempre faz isso, sabe — eu digo com um sorriso crescente, um que ilumina meu núcleo.

— Faço o quê? — Ele coloca o cereal de volta e agarra uma mistura com passas.

— Você passa de cinco a dez minutos olhando para outros cereais, mas você sempre acaba com o mesmo tipo de granola. — Eu abro minhas mãos em ambos os lados do carrinho, me inclinando para frente. Eu adiciono com uma voz ofegante: — E é tão *irresistivelmente* previsível.

Ele me dá aquele olhar perigoso e sombrio. Aquele que diz, *você não sabe do que você está falando*. Então ele joga o cereal de passas no carrinho, fazendo seu ponto sem uma palavra falada.

— A granola não está chamando você? — Eu inclino meu peso para trás, tentando balançar o carrinho.

Seu aperto é firme e o carrinho fica imóvel.

— Não está dizendo, *oh Ryke. Me coma*. — Eu respiro superficialmente como se estivesse me aproximando de um orgasmo, não me importando se Mikey ou Quinn perceberem. — *Me coma, Ry...*

Ryke puxa o carrinho para o peito. Tão rapidamente que meu abdômen bate no metal, minha respiração presa em meus pulmões. Eu sorrio instantaneamente, mas vejo a preocupação nos cantos dos olhos dele. Ele não quer me machucar, mas nós sempre jogamos duro.

E não é como isso tivesse mudado completamente.

Eu também menstruei ontem à noite com umas cólicas leves. *Yeehaw!* Falando sério, é uma *ótima* notícia. Isso significa que podemos começar a tentar ter um bebê.

Ryke se inclina para frente agora, o suficiente para levantar meu queixo com os dedos. — Você é um fodido problema, Calloway. — Então ele me beija, um beijo carinhoso que sofre para se tornar voraz. Então nos beijamos novamente, sua mão deslizando pelo meu cabelo, sua língua habilmente provocando a minha. Meu peito sobe em uma respiração profunda e ansiosa.

E meu pulso bate em excitação.

Eu sorrio no último beijo, meus lábios formigando de baixo dos dele. — Uau — eu respiro quando nos separamos. — Eu acho que gostaria de conhecer melhor sua boca. — Eu sorrio. — Vamos fazer isso de novo.

— Quão bem essa cantada funciona para você?

— Ainda tem que ser determinado.

Ele não se move, mas ele está brincando com meu cabelo.

Eu suspiro. — Minha cantada falhou.

Eu vejo um sorriso fugaz. Então ele não pode resistir por mais tempo; ele beija minha bochecha, depois o lado de fora dos meus lábios.

Eu roubo o próximo beijo e sussurro, — Eu quero fazer sexo com você todos os dias.

Ele fica rígido. Minha declaração transformou meu noivo em pedra. Sua mandíbula endurece e ele se afasta, ficando mais ereto. O carrinho inteiro nos separa.

— Estou falando sério — digo, só para ele saber que não estou brincando.

— De onde vem isso?

— Do meu coração — eu digo um pouco teatralmente. Às vezes é mais fácil apenas ser alegre do que expressar sentimentos mais profundos.

Ryke vê através de mim. — Se você não pode me dizer a porra da razão, então como posso considerar isso, Dais?

Eu recolho meus pensamentos e começo desde o começo. Rose disse que eu faço muito isso - conto uma história inteira antes de chegar ao ponto crucial, as partes importantes. Acho que apenas gosto de preparar a pessoa antes de entregar notícias. — Então eu meio que acordei cedo essa manhã...

— Quão cedo? — Seus ombros se contraem.

— Três da manhã.

— Porra — ele xinga sob sua respiração e olha para longe de mim, um pouco aflito. Ele sabe que eu não dormi até a meia-noite, e enquanto eu tenho muitos problemas, minhas cólicas foram as principais culpadas desta vez. Eu acho.

— Foi apenas uma noite ruim — digo a ele. — Estou bem. Eu me sinto energizada. Isso é além do ponto de qualquer maneira... — Eu paro quando sua atenção retorna para mim.

— Tudo bem, continue. — Ele gesticula com a mão para eu continuar.

— Eu estava pesquisando sobre meus períodos férteis e basicamente mapeei quando eu deveria estar ovulando - e eu digo *deveria*, porque provavelmente vai mudar com a minha menstruação irregular. — Eu tomo uma respiração muito necessária, um pouco mais nervosa sobre sua resposta do que eu percebi. — E cheguei a uma conclusão. O planejamento prévio de um bebê é ordenado e clínico. Eu quero que seja confuso e espontâneo, mas ainda me certificando de que durmamos juntos dentro desses períodos — Faço uma pausa. — Então... você vai fazer sexo comigo todos os dias?

Ele não diz nada e meu pulso bate.

— Eu preciso ficar de joelhos? — Eu pergunto com um sorriso que desaparece rapidamente por apreensão.

Ele esfrega sua mandíbula não barbeada, algum sinal de vida ali.

Eu desço do carrinho de compras, menor que ele agora. Então eu ando ao redor do carrinho, ficando mais no meio do corredor e mais perto de Ryke. Eu pego a bainha de sua camisa, e ele olha para mim, pensamentos circulando por trás de seus olhos castanhos.

Eu sussurro: — Você não quer me foder?

Ele inala fortemente, sua excitação aparente em seu olhar. O que também é aparente: ele está tentando acabar com ela. — Eu poderia te foder várias vezes ao dia, amor. Eu poderia até te

foder agora mesmo contra as prateleiras.

Essa imagem irradia em todo o meu cérebro, quase causando curto-circuito e superpotência. Meu sorriso revela minha satisfação. — Você iria me foder contra os *Lucky Charms?*

Eu espero que ele adicione *Sim, porque eu acho você magicamente deliciosa.*

Ele não está mordendo a isca, ficando ainda mais severo.

— É difícil falar sério — eu digo a ele honestamente, — porque eu sei para onde você está indo, e eu não gosto disso.

— Eu tenho que te dizer imediatamente. — Ele é um especialista em comunicação no nosso relacionamento, sempre garantindo que nada seja perdido na tradução entre nós. Então, eu entendo onde ele está mentalmente. Mesmo quando é ruim ouvi-lo com tanta franqueza.

Eu aceno para ele continuar.

— Desde que estamos juntos, você nunca esteve com vontade de fazer sexo por sete dias consecutivos, muito menos na porra do mês inteiro. — Eu admitidamente sempre tive um baixo desejo sexual, e eu pensei que apenas não tinha encontrado a pessoa certa ainda. Então eu conheci Ryke, e enquanto estou mais excitada com ele do que com qualquer outra pessoa, há alguns dias que é extremamente difícil para Ryke me fazer gozar às vezes.

Eu nunca quis sentar, ficar quieta e juntar esses pequenos pedaços de mim: os dias em que eu sinto vontade de me *sentir* viva, de acender uma luz dentro de mim que está queimada. Os dias em que parece impossível fazer exatamente isso. Os dias em que eu posso estar no precipício da vida e da morte e não pestanejar se eu simplesmente... pulasse.

Há uma guerra dentro de mim, onde as nuvens de tempestade rolam sobre o sol e não importa para o quão longe eu corra, não importa quão alto eu pule, só fica mais frio e mais dormente. Eu odeio me sentir vazia, mas pior que isso é o vazio que não pode ser preenchido.

É estranho que agora eu tenha um nome para esse monstro. Eu tenho dado mais vida à depressão quando eu queria que fosse embora.

— Eu não tenho que estar de bom humor para fazer sexo — eu digo para Ryke.

— Não me diga isso, porra.

Eu toco em seu zíper. — Ryke, você tem que perceber que, mesmo se calcularmos quando eu estou ovulando, eu posso não estar de bom humor durante esse período de tempo, mas ainda temos que fazer sexo. — Antes de ele me interromper, eu acrescento: — Eu não quero que seja uma exigência mais do que você, mas acho que vai ser divertido se acontecer com mais frequência.

— Parece ótimo na teoria, Dais, mas eu não tenho certeza de como isso vai realmente dar certo. — Ele faz uma pausa. — Você já fez esse tanto de sexo na porra da sua vida? — Ele tem toda essa postura de *eu tenho agora 27 anos e sou muito mais velho do que você e mais experiente* sobre ele.

— Eu acho que vou começar. Pelo bem da nossa família. — Eu sorrio. — Que trabalho duro esse de fazer amor com você. — Eu quero atraí-lo para mais perto, mas ele o faz instintivamente, indo para frente até que seus braços envolvam meus ombros.

Ele beija minha cabeça, mas ainda não concorda.

Então eu digo uma última coisa do meu coração. — Eu gosto da ideia de estar perto de você todos os dias durante esse processo, não apenas por uma semana curta a cada mês. — Eu olho para ele. — Isso é tão ruim?

Ele sacode a cabeça. — Mas não tem que ser todos os dias. Podemos fazer sexo a cada dois dias, se você precisar de uma pausa.

Eu começo a sorrir. — Você pesquisou isso?

Baixinho, ele diz: — Estou tentando te engravidar, porra, é claro que eu pesquisei.

Estou tentando te engravidar, porra. Meu coração incha. — Diga isso de novo.

Suas sobrancelhas sobem e sua mão forte vai para o bolso de trás do meu short. — Se você sentir dor, pulamos o dia, semana, o que você precisar. Se você quiser brigar comigo sobre isso, precisamos fazer isso em nossa casa porque eu não vou recuar.

É tentador - só porque nossas explosões curtas e aquecidas terminam com sexo épico. Nossas brigas nunca passam a marca dos trinta minutos. Não sou eu quem sempre perde também. Na maioria das vezes, Ryke cede para o que eu quero primeiro, mas tópicos que são tão sérios assim, ele raramente recua.

Eu lembro que estou menstruada e minha excitação diminui. — Eu gosto desses termos… — Eu paro quando vejo Mikey olhando para o relógio. — Que horas são? — Pergunto a Ryke.

Ele verifica seu próprio relógio. — Porra — ele xinga e imediatamente escaneia os itens em nosso carrinho, vendo o que nós esquecemos. — Temos cinco minutos antes da abertura da loja.

Eu subo no carrinho, de pé e olhando por cima da prateleira próxima. Eu tenho uma visão de toda a loja. — Eu vejo a Rose.

Minha irmã mais velha está com Connor no caixa, suas compras ainda precisam passadas e ensacadas. Eles se aproximam um do outro, Rose dando um olhar penetrante para Connor.

Ele está sorrindo em troca. Quando eles focam um no outro, eles parecem ter visão de túnel, menos conscientes de tempo e lugar.

Jane brinca com o colar de Rose, em um vestido azul-claro como uma morena *Alice no País das Maravilhas* e segura nos braços de sua mãe protetora.

Rose se adaptou à maternidade como ela faz com tudo o que ama. Com determinação, paixão e equilíbrio. Espero poder fazer o mesmo. Adaptar e conquistar.

— Estamos ficando sem suco de laranja — diz Ryke antes de empurrar o carrinho. Eu balanço um pouco mas mantenho meu equilíbrio.

— Talvez Lo e Lily tenham colocado no carrinho deles. — Eu giro minha cabeça para frente e para trás, tentando achá-los. — Eles já foram embora?

— O quê? — Ryke franze a testa, preocupado com seu irmão quase instantaneamente. Ele empurra o carrinho com uma mão e pega o celular.

— Não, espera. — Eu finalmente vejo Lily e Lo perto dos leites e ovos. Eles saem do banheiro juntos, uma bolsa de fraldas no ombro de Lily. Ambos estão concentrados no garotinho que caminha entre eles, o sorriso dele iluminando o mundo extraordinário e seus olhos verdes iluminados de excitação.

Maximoff Hale tenta correr em direção ao seu carrinho cheio pela metade, mas suas pernas minúsculas não acompanham seu momento. Ele tropeça e depois começa a cair. Lo o pega em seus braços antes que seu filho caia com a cara no chão.

Eu quero aquilo.

— Dais? — Ryke pergunta.

— Eles estavam trocando a fralda do Moffy. — Eu coloco minhas mãos em torno da minha boca e grito para minha irmã, — Lily Calloway se apresente no corredor dez!

Lily vira a cabeça, me encontrando em um segundo rápido. Eu aceno para ela, e ela aperta os olhos, em confusão. Eu devo parecer estranha, minha cabeça flutuando acima da prateleira.

As sobrancelhas de Lo se franzem com um olhar que diz *que porra é essa*. Estou tão acostumada com esses olhares.

Eu bato meu pulso como se dissesse *já ta na hora* e grito: — Vocês têm suco de laranja?!

A boca de Lily continua se abrindo, não me ouvindo muito bem já que estamos longe. Eu finjo que estou bebendo de uma caixa de suco de laranja. Acho importante notar que nunca fui bom

em mímicas. As bochechas de Lily ficam vermelhas e ela sussurra no ouvido de Lo.

Ele puxa o celular.

— Ei. — Ryke puxa minha camisa e eu caio de bunda no carrinho, esmagando o pão de trigo. Eu me levanto um pouco, então não estou destruindo o resto de nossas compras. — Lo disse que Garth vai pegar uma caixa ao sair.

O guarda-costas de Lily é o mais forte, mais alto e mais careca de todos. Ele também é super vigilante e tem prioridade sobre o resto, então quando saímos em grupo, ele é como o almirante da frota de guarda-costas.

Ryke está prestes a guardar seu celular, mas eu pergunto: — Por que Lily estava corando?

— Seria mais fácil perguntar por que diabos ela *não* está corando. — Ryke hesita em mandar uma mensagem para seu irmão, já que a Lily cora bastante.

— Você não a viu — eu digo. — Eu só quero saber o que eu fiz que a deixou desconfortável. — Eu paro. — Estamos bem com menos demonstrações de afeto na frente dela, certo? — Às vezes, esqueço que o ato de *assistir* se relaciona ao vício em sexo tanto quanto ao ato de *fazer*, e eu não quero que ela regrida.

— Sim, eu acho que sim. — Ele manda mensagem para Lo, e eu me pergunto se nós dois somos culpados por nos afastar quando começamos a flertar intensamente. Lily sempre diz para não mudarmos por ela, especialmente porque ela gosta de demonstrações de afeto com Lo e seria hipócrita da sua parte nos dizer *não.*

Enquanto somos colegas de quarto, ainda quero ser respeitosa e consciente de seu vício.

Ryke revira os olhos com um breve sorriso antes de guardar o celular.

— O que?

Ele começa a empurrar o carrinho para o caixa. — Ela pensou que você estava fazendo um movimento de masturbação

Eu dou risada. — Clássico de Calloway.

— Clássico de *Lily* fodida Calloway.

Eu suspiro. — Esse foi o *meu* movimento de masturbação. Todos nós deveríamos receber crédito.

— Fofa. — Ele mexe meu cabelo com a mão. Logo quando ele empurra o carrinho pelo corredor novamente, eu pego duas caixas de seu cereal de granola favorito, sabendo que ele vai querer mais tarde.

Não estamos longe do caixa quando a comoção do lado de fora bate na entrada, exclamações emaranhadas que eu acho que é *eu te amo, Loren Hale!!* Ou *casa comigo, Ryke Meadows!!*

Os gritos mais frequentes. Assim que as portas de entrada e saída de vidro entram em vista, meu estômago se afunda.

Eu não poderia estar mais errada.

— MORRAM, IRMÃS CALLOWAY, MORRAM! — Gritam várias pessoas, um cartaz com tinta vermelha para combinar. Um arrepio percorre minha espinha e os pelos se erguem em meus braços. Cerca de trinta ou talvez cinquenta fãs irritados se reúnem do lado de fora, com a entrada bloqueada por sinais de *fechado*.

A hostilidade deles me atinge como um pontapé forte nas costelas. Eu olho cada rosto volátil, cheio de malícia que me varre para trás. — O que nós fizemos? — Eu murmuro, tão confusa.

E talvez até um pouco assustada também.

< 15 >

RYKE MEADOWS

— Ei, fique comigo. — Eu toco a bochecha de Daisy, não suavemente.

Ela ainda está agachada em nosso carrinho de compras e olha atordoada para a multidão de pessoas do lado de fora. Eu já a vi se desligar quando as situações combinam com o pandemônio de Paris, transportando-a para o tumulto. A verdade é que eu voltei a esse lugar algumas vezes, mas só quando imagino Dais... sem vida em meus braços, gritando o nome dela de novo e de n- *para. Porra, para.*

Eu não preciso ser empurrado para lá também.

— Daisy. — Eu estalo meus dedos em frente ao seu rosto.

Ela pisca algumas vezes, afastando o olhar. Então ela lentamente sai do carrinho e fica ao meu lado.

Eu olho por cima do meu ombro enquanto Lily empurra seu carrinho ao lado de Rose, todos nós perto do caixa número quatro. Nossos guarda-costas e Lo ficam na entrada conversando com os funcionários.

— Quantas pessoas vocês acham que estão ali? — Daisy pergunta baixinho. Sua voz soa estoica, mas posso dizer que ela está com medo. Ela puxa uma respiração e nunca exala totalmente.

— Talvez dez — eu minto.

— Sua matemática está errada. — diz Connor entre o meu carrinho e o dele. — Da próxima vez, você também deveria usar suas patas traseiras para contar. — Ele enrola as mangas de sua camisa social preta para cima, não para lutar. Ele raramente dá um soco.

E eu realmente não estou no humor para seus fodidos gracejos. Talvez ele possa ver isso porque ele acena para Daisy. — Como você está se sentindo?

— Estou bem. — Por algum motivo, ela parece mais jovem agora, com a diferença de sete anos de idade um pouco mais clara. Isso só me faz querer cuidar dela, e eu a trago para perto do meu peito, minha mão nas suas costas. Ela aperta minha cintura, seus dedos apertando enquanto os gritos se intensificam.

Connor a observa um pouco mais, sua expressão vazia. Ele sempre foi capaz de ver através dela o máximo que posso, mas é óbvio que ela não está indo tão bem, sua pele está pálida.

Lo se aproxima do meu carrinho. — Então, temos um problema enorme. Os guarda-costas não podem checar todas as pessoas por uma arma porque os funcionários vão abrir a loja em cinco minutos. — Sua irritação o faz franzir as sobrancelhas. — Basicamente, é um fodido caos. — Ele estreita os olhos para mim. — Essa é a última vez que eu acordo às cinco da manhã infernal para ser saudado por um bando de malucos.

A gritaria aumenta do lado de fora. — NÓS ODIAMOS VOCÊS! NÓS ODIAMOS VOCÊS!

Lo aponta para a janela da entrada gigante. — Esses devem ser os fãs do *Time Raisin.*

Eu lanço um olhar para ele, mas posso dizer que ele está apenas se desviando, seu olhar se voltando para seu filho e Lily. Ele está tentando não assustá-los.

Eu vou perder a porra da minha cabeça se alguém tornar isso físico. Com Daisy. Com Lo ou Lily, o filho deles. Rose e Janie. Até Connor. Eu vou perder a porra da minha cabeça.

— MORRAM, IRMÃS CALLOWAY, MORRAM!! — Esse cântico está me matando. Eu repetidamente corro minha mão pelo meu cabelo grosso.

— Por que eles estão com raiva? — Daisy pergunta a Lily e Rose, ambas mulheres ocupadas colocando plugs de espuma nos ouvidos de seus filhos.

— Eu não sei — Lily murmura, suas bochechas vermelhas em mágoa enquanto ela se esforça para acalmar Moffy. Ele está se debatendo no banco da frente do carrinho, rejeitando os tampões de ouvido e chorando. Janie está em um estado similar.

Connor e Lo vão ajudar suas esposas.

— MORRAM, IRMÃS CALLOWAY, MORRAM!!

— Jesus Cristo. — Lo diz e se vira para Connor. — Me fala que você tem um plano.

Connor enxuga as lágrimas da filha com o polegar. — Eu tenho, mas tem variáveis não respondentes.

— O que diabos isso significa? — Eu pergunto.

— Isso significa que não posso levar em conta o comportamento de todos que estão do lado de fora. É um plano imperfeito.

— Ótimo — diz Lo secamente. — Alguém tem alguma coisa perfeita?

Eu não vou dizer isso em voz alta, mas se o plano de Connor é marginalmente imperfeito, então não haverá nada melhor.

Do nosso silêncio coletivo, todos nós devemos perceber isso.

* * *

Três funcionários destravam a entrada e levam nossos carrinhos para o Escalade da Rose e a BMW da Lily, estacionados lado a lado perto da frente da mercearia.

Nós temos sete guarda-costas. Todos eles escoltam Rose e Lily para os carros, seus bebês pressionados contra o peito, e o resto de nós espera por um segundo, os gritos perfurando o fodido céu.

Daisy olha os cartazes, os que dizem: *Inúteis + Ingratas + Pedaços de Merda = Irmãs Calloway.* Ela permanece calma, mas seus lábios estão revirados em mágoa.

— É mais fácil quando eles estão com raiva de um de nós — ela diz para mim. Nós ficamos com Lo e Connor perto dos vasos de plantas e cadeiras plásticas multicoloridas para venda, todas empilhadas perto da saída.

— Eles vão superar isso. — Eu coloco uma mão em sua cabeça, e ela dá um passo para trás até que seus ombros descansem contra o meu peito. Eu envolvo meus braços em volta dela e beijo sua bochecha.

— Onde ela está? — Lo pergunta, inclinando a cabeça e se abaixando para tentar ver além da multidão de pessoas e nossos guarda-costas. Todo mundo está na frente da sua esposa, bloqueada por corpos.

Ele está prestes a sair sem nós, e antes que eu mova um músculo, Connor o agarra pela sua camisa preta, puxando-o para trás. — Espera.

— Eu não posso vê-la! — Lo grita, apontando para a multidão.

— Ela está bem — diz Connor friamente.

Lo gira seu anel de casamento algumas vezes, veias pulsando em seus braços enquanto seus músculos se flexionam.

— Lá está ela. — Daisy fala. Nós seguimos seu olhar para o Escalade, observando Lily entrar com Moffy e fechar a porta. Rose sobe na BMW com Janie, seus guarda-costas pairando atrás dela. Eu sei porque elas trocaram de carro. A BMW da Lily teve problemas de direção a caminho daqui, e em uma crise, Rose iria querer suas irmãs no veículo mais seguro.

Mikey, Quinn e Garth voltam para nós.

— Agora podemos ir — declara Connor.

Abro a porta de saída e Lo sai primeiro com Daisy do outro lado. Connor e eu andamos bem atrás. As cinquenta pessoas se dispersam dos nossos carros e voltam correndo para a loja. Para nós.

— INGRATAS! — Grita alguém. Eles praticamente nos circulam, agitando seus cartazes maníacos para nós lermos. Um quase bate no rosto do meu irmão.

— Para trás! — Eu grito, batendo no cartaz.

Nossos guarda-costas tentam criar uma barreira entre eles e nós, estendendo seus braços, mas algumas dessas pessoas escapam facilmente.

Eu sou alto o suficiente para que eu possa ver quase todo mundo, e há cerca de cinco ou seis garotas chorando perto do carrinho em frente aos nossos carros. Seus cartazes caem ao lado delas. Eu estremeço, instintivamente, desejando que eu possa fazer algo para que elas se sintam melhor, mas sabendo que não posso.

— Nós amamos vocês! — Uma menina choraminga em grito para Daisy.

Dais limpa a testa úmida com as costas da mão pálida. Meu estômago aperta. Eu mantenho a mão em seu ombro, guiando-a para frente.

Lo olha para mim. — O que vocês dois fizeram?

— Você acha que isso é por nossa causa? — Eu estreito os olhos. *Nós não fizemos nada.*

— VADIA!

— Ei! — Eu grito, procurando a voz hostil. — Ninguém é uma fodida vadia! — Tudo isso está me comendo por dentro, e eu tenho que me concentrar em colocar Daisy em um dos carros.

— NÓS TAMBÉM O ODIAMOS! — Grita outra pessoa.

Mikey se aproxima do meu lado. — Eu vou escoltar Daisy para o Escalade. Tente não deixar ninguém nos seguir. — Eu aceno, e ele segura Daisy pelo cotovelo, puxando-a de volta para o Escalade. — Vamos lá, Daisy.

— Eu posso ajudar com as compras — diz Daisy enquanto segue Mikey.

— Não se preocupe com as compras — Mikey diz a ela antes que eu possa. Os porta-malas estão abertos, e Vic e Stephen não acabaram de descarregar os sacos de papel.

Através do porta-malas, vejo Daisy subir no banco de trás, Lily sentada no meio ao lado da cadeirinha de Moffy. Meu irmão e eu rapidamente ajudamos Vic a encher o porta-malas do Escalade enquanto Connor fecha o da BMW.

— Estou checando a Rose — ele nos diz antes de abrir a porta do passageiro e desaparecer por dentro.

— Que dia do caralho. — Lo diz em voz alta, jogando os ovos e o pão sem pensar ou se importar.

— Se acalma, cara. — Estresse não vai fazer nada, além de empurrá-lo.

Ele estreita os olhos para mim. — Eu posso ficar irritado. *Você está* irritado, Superman.

— Eu não sou o Superman.

— Você está certo. Você é mais feio. — Ele dá um sorriso sarcástico.

— Vocês são tão ingratos! — Grita uma garota. Nós nos viramos e encontramos a fonte. Ela não pode ter mais de dez ou onze anos, chorando enquanto ela estende o celular. Nos gravando. *Que porra...* — Vocês são tão rudes! Eu odeio todos vocês! Eu os odeio tanto! Nós *merecemos* melhor do que vocês!

— Eu concordo — Lo diz à garota.

— Lo — eu começo.

Ele continua: — Você merece mais do que todos nós, mas foi *você* quem se apaixonou por nós. — Ele dá um passo à frente e eu agarro seu ombro. — Não se apaixone por pessoas que são humanas. Vamos desapontá-la no final.

Ela chora mais. — Eu te *odeio*...

Antes de Lo abrir a boca novamente, eu o giro de volta para o maldito porta-malas. Como esse é um SUV, podemos ver Lily e Daisy, que se ajoelharam no banco de trás, olhando para os encostos de cabeça e para nós.

— Você está chorando? — Eu ouço Lo perguntar enquanto eu coloco fraldas em cima de uma caixa de água.

Lily limpa suas bochechas vermelhas, mais lágrimas se formando. — Não — ela refuta.

— Calloway — eu digo para Dais. — Pega. — Eu jogo outro pacote de fraldas, dessa vez para ela. Atinge o meio da testa e bate no pão.

— Oops — diz ela, com um sorriso nos olhos. Ela estende as mãos. — Faça de novo.

Lo inclina a cabeça para Lily. — Sério, amor? Então, o que é essa coisa molhada correndo pelas suas bochechas?

— Catarro. — Lily fica vermelha. — Isso soou melhor na minha cabeça.

— Eu não vejo como — eu digo, jogando para Dais os pratos de papel. Ela pega dessa vez e os coloca ao lado dela.

Lo parece apaixonado por sua esposa, mesmo com gritos estridentes atrás de nós.

Eu pego mais dois sacos de papel, e Daisy se abaixou em seu assento, os cantos sobre *morte as Calloways* ganhando vida novamente.

— Quase pronto — digo a ela.

— Vocês não podem nos ignorar! — Grita outra pessoa.

Lo e eu fechamos o porta-malas ao mesmo tempo, e Vic guarda os dois carrinhos de compras. Somos os três únicos que restam no estacionamento da nossa equipe de sete guarda-costas e amigos.

Eu me viro com meu irmão e, em um único fodido momento, alguém de repente acerta ele com um projétil. Como se fosse em câmera lenta, ele levanta o braço para proteger seu rosto, mas explode em uma nuvem branca e poeirenta sobre ele.

Eu mexo meus braços no ar. — LO! — Eu grito, sem saber se ele está bem. Eu não posso ver ele, porra.

Eu o ouço tossir repetidamente e cuspir. — Merda — ele xinga, agachando por um segundo. Curvo-me com ele, seus lábios, rosto, ombros e cabelos estão cobertos pela substância branca. Eu esfrego isso entre dois dedos. *Farinha*.

Alguém bombardeou meu irmãozinho com farinha.

A porta da BMW se abre e se fecha rapidamente. Connor se aproxima com uma garrafa de água, abrindo a tampa.

Eu vou enlouquecer. Enquanto ele se inclina para cuidar de Lo, eu me levanto, colocando minhas mãos na minha cabeça, meu olhar se estreitando nas garotas com os cartazes. Quem fez isso? Eu as examino rapidamente, incapaz de identificar a pessoa.

Eles todos se aquietaram, cerca de vinte celulares apontados para nós, gravando.

— Por que *diabos* vocês fariam isso? — Não faz sentido eles bombardearem meu irmão. Ele é amado por todos nas redes sociais. Ele é a porra do favorito. Por um momento, acho que eles erraram. Eles queriam *me* bombardear com farinha.

Então alguém diz — Nós apoiamos e *amamos* vocês. Nenhum de vocês se importa com a gente!

— De que porra você está falando?! — Meu grito violento faz com que três garotas se afastem com medo. Eu imediatamente me sinto um merda. Eu odeio me sentir um merda quando não sou eu quem acabou de assediar outro ser humano.

— Ryke. — Lo tenta esfregar a farinha de seus olhos, mas ele está piorando.

Eu giro em direção a ele. — Não toque na porra do seu olho.

— Incline a cabeça para trás — diz Connor em uma voz bem controlada que polariza completamente a minha. Eu quero me acalmar, eu simplesmente não consigo. Não depois disso.

Lo segue ambas as nossas direções, lutando para manter os olhos abertos, e Connor os enxagua com água.

— Pisque — diz ele.

Lo pisca, seus olhos vermelhos e água escorre por sua mandíbula, criando trilhas na farinha. Eu tiro minha camiseta e entrego para ele. Ele a usa como uma toalha, esfregando o rosto, e então ele assente com a cabeça, se levantando com a gente.

— Vamos. — Ele tenta me entregar a minha camisa de volta.

— Fique com ela.

Ele assente novamente e faz um gesto para Connor. — Você não vai me dar a sua camisa também? — É leve o suficiente para esfriar meu sangue fervente.

Os olhos avermelhados de Lo piscam para mim como se dissesse *estou bem.*

Não está. Eu não gosto de vê-lo machucado, nem por um fodido milésimo de segundo, e se tivesse que ser alguém, eu preferia que fosse eu.

— Da próxima vez, querido — diz Connor. — Eu acabei de pegar ela da lavanderia. — Ele passa a garrafa de água para Lo. — Nós nos encontraremos na casa de vocês.

— Você mereceu! — Grita uma mulher enquanto Connor caminha de volta para o carro de Lily.

Estou prestes a confrontá-la, por fodido instinto - para contar a ela por que meu irmão não merece nada dessa merda, e que aquelas garotas também não - mas Lo aperta meu braço e me puxa para longe.

— Eu realmente só quero ir para casa — ele me diz, sua voz tão honesta que eu imediatamente desisto.

— Eu vou dirigir — digo ao meu irmão, indo em direção ao lado do motorista. Eu posso ter destruído o carro dele no passado, mas mesmo assim ele ainda me deixa ficar atrás do volante dessa vez.

Eu tranco a porta e coloco o cinto de segurança ao mesmo tempo que meu irmão.

— Lo! — Lily se inclina para frente no banco do meio.

— Eu estou bem — Lo diz a ela, mas ela se solta e tenta tirar o pó de seu cabelo e bochecha.

Eu saio do estacionamento atrás do SUV dos guarda-costas, uma mão no volante assim que estamos na rua. Eu olho no retrovisor para Daisy. Ela está quieta, só olhando pela janela.

— Calloway — eu chamo.

Leva um longo tempo para ela desviar o olhar da janela e se virar para a frente. Seus olhos estão avermelhados, mas por uma razão diferente da do meu irmão.

E ela diz baixinho — Nós sabemos por que estão com raiva de nós.

< 16 >

RYKE MEADOWS

Eu fico tenso. — Sabe?

— *Celebrity Crush* — Lily sussurra, seus braços em volta de Lo. Ele beija o cotovelo dela. Tanto quanto eu sei, ele adora tê-la perto dele assim - mas eu preciso dela viva.

— Coloque a porra do seu cinto de segurança, Lil.

Ela relutantemente se desloca do marido, recostando-se no assento. Moffy balbucia algo para ela, suas pernas chutando para fora em sua cadeirinha. Ela responde com sussurros abafados e um grande sorriso.

Lo me lança um olhar agitado e se desloca desconfortavelmente. — Eu não tinha percebido que não usar cinto de segurança é mais perigoso do que escalar sem arreios. Ah, espera... — Suas maçãs do rosto ficando mais acentuadas.

Eu ignoro o comentário dele, mas sinto a porra da picada. — Sobre o que *Celebrity Crush* mentiu? — Pergunto.

— Eles não mentiram — Daisy me diz.

Estou tão fodidamente confuso. Meus dedos embranquecem contra o volante. — Então o que?

— Na nossa festa de noivado — Daisy esclarece, — Christopher Barnes nos perguntou se queríamos fazer um reality show de *Rainhas da Filadélfia* - para documentar nossas vidas como donas de casa. Nós dissemos não.

Lily acrescenta, — E o *Celebrity Crush* publicou um artigo dizendo a todos como tivemos várias oportunidades para reality shows e nós rejeitamos todas elas. O GBA até deixou uma citação, dizendo que eles nos procuraram por anos com contracheques de seis dígitos e nós os rejeitamos.

— Eu acho — diz Daisy, — que as pessoas achavam que a emissora não queria mais os shows, não nós, e agora os fãs estão chateados.

— Nós não devemos nada a eles — eu digo acaloradamente.

O carro fica quieto até que Lily diz — Eles apoiaram Superheroes & Scones. — A loja fica lotada de fãs todo dia, eu percebo isso. Lo também tem uma editora de histórias em quadrinhos. Rose tem uma linha de moda e butique, sem mencionar seus negócios de família: Cobalt Inc., Hale Co., Fizzle.

Claro, eles se beneficiam de fãs leais e de apoio, mas eu não quero que Lily ou Lo pensem que têm que colocar *o filho deles* na linha como pagamento ou que devem isso há milhões de pessoas. Eles não podem viver com esse tipo de dívida em seus ombros. Ninguém pode.

— Você não está em dívida com ninguém por isso — digo a Lily. — Eles podem comprar o seu produto ou não, e termina aí. — Eu tento olhar para o meu irmão, para ver como ele está lidando com isso, mas eu não posso olhar para ele e olhar para a porra da estrada também.

Então me concentro na rua, prestes a ficar preso no trânsito matinal. Para adicionar insulto à porra de uma lesão, começa a chover.

— Alguém diga alguma coisa. — Eu interrompo o silêncio tenso, quase desejando que Connor estivesse nesse carro, soltando palavras que derrubariam *Celebrity Crush* e reforçariam *nossas* escolhas. Eu estou fazendo um fodido trabalho podre.

Daisy descansa sua testa contra a janela fria, a chuva rolando pelo vidro. — Vocês estão cansados disso tudo? Tipo... realmente esgotados com tudo?

Ficamos todos em silêncio até Lo dizer — Todo maldito dia.

Não tenho certeza de quanto tempo dirigimos sem mais palavras entre nós. Não até que Daisy começa a falar novamente.

— Eu não posso repetir *Princesas da Filadélfia* — admite Daisy. — Então, se Rose, Poppy e Lily quiserem...

— Eu não estou fazendo isso sem você — interrompe Lily.

Eu olho para Daisy pelo retrovisor. Ela parece em conflito, querendo estar lá para suas irmãs, mas *Princesas de Filadélfia* foi uma loucura. Fora das câmeras, Daisy ficou irritada durante esses seis meses. Ela estava sendo sobrecarregada pela modelagem, e ela sentia que tinha que colocar um sorriso no rosto toda vez que chegava em casa. Os paparazzi ficaram loucos. Então ela teve problemas para dormir.

Eu não quero que a história se repita.

O carro desacelera até parar no trânsito e tenho tempo de me virar para o meu irmão.

Ele toma um gole de água, as sobrancelhas polvilhadas com farinha. — Eles nos odeiam — diz ele, não parecendo afetado por isso.

Então ele encontra meus olhos, e eu vejo a confiança sob suas írises âmbar, aquelas que parecem prontas para algum tipo de guerra.

— Eles acham que estão sendo ofensivos ao nos odiar — diz ele, — mas passei mais da *minha* vida sendo odiado do que sendo amado. Não é novidade. É só mais uma merda.

— Merda — diz Moffy no banco de trás, sacudindo um brinquedo.

Lo começa a sorrir. — Isso mesmo, garotinho.

— Então, o que você quer fazer? — Eu pergunto ao meu irmão.

— Acho que devemos dizer a eles por que não estamos fazendo outro reality show, ser honestos sobre isso e se eles ainda ficarem furiosos - então essa prerrogativa é deles. Eu não quero ativamente estabelecer e fazer com que eles me amem. Se nossas empresas afundarem um pouco por causa disso - que seja. Eu só quero viver minha vida. Com minha família. Em algo próximo da paz. — Ele faz uma pausa. — Que tal isso?

Eu assinto com a cabeça algumas vezes, orgulhoso da decisão do meu irmão, e mesmo que Rose e Connor sejam os mais ambiciosos de todos nós - eu tenho certeza que eles vão querer o mesmo. Eles simplesmente amam Jane mais do que suas empresas, e eu vi os dois arriscarem aspectos de suas reputações e negócios para protegê-la.

— E se eles forem físicos novamente? — Daisy pergunta. — Quando as pessoas não gostavam de Ryke e eu, eu era atacada umas três vezes só entrando na Lucky's.

Minhas sobrancelhas se franzem. — Eu pensei que tivesse sido apenas uma vez? — Uma vez já era muito pra caralho.

— ...houve outras vezes, mas não foram memoráveis. De qualquer forma, — ela diz rapidamente, então nós não focamos nisso. — Tudo o que estou dizendo é que é provável que isso não acabe aqui, sabe. Não são apenas os caras vizinhos que fazem brincadeiras. Esse é ódio verdadeiro de milhões de pessoas.

— Temos mais guarda-costas agora — diz Lo. — E a maioria dessas pessoas só falam, de qualquer maneira. Basta se desconectar das redes sociais se estiver te incomodando. Acabe com isso logo.

— Ninguém vai te machucar — eu digo. — Eu prometo a você, Dais. — Durante *Princesas de Filadélfia*, eu estava menos vigilante do que eu poderia ter estado, e quando as pessoas estavam tuitando *Raisy está morto*, eu só conseguia me preocupar com Dais - eu não conseguia acompanhar o mundo.

Eu sei que essa promessa é alta e aparentemente impossível, mas eu faria qualquer coisa por ela, pela *minha* família. Lily uma vez me disse que iria "ficar até o fim com ship *Raisy*" - e

mesmo que eu revirasse os olhos, é como me sinto todos os dias da minha vida.

Eu iria com Daisy até o fodido fim.

< 17 >

RYKE MEADOWS

Eu vejo Daisy tirar o capacete e sacudir o cabelo, um sorriso já puxando seus lábios com a nossa localização. Para o norte. Cerca de cinco horas da cidade. Nossas motos estacionadas no meio da floresta. O tempo está claro. O sol está fora. Eu estou com a garota que eu amo pra caralho.

Eu inalo esse momento, por mais simples que seja, por todo o seu valor.

— Para onde, homem alpinista? — Ela pergunta balançando suas sobrancelhas e com mãos em seus quadris. Sua camisa branca folgada diz: *Escale minha montanha* em letra cursiva verde, a cor combinando com as meias até o joelho.

Eu lhe jogo uma garrafa de água de aço inoxidável, e ela se atrapalha com ela antes de pegar a coisa.

— Você também está escalando, Calloway.

Ela se esforça para não sorrir enquanto eu conecto as fivelas da minha mochila no meu peito, distribuindo o peso. Eu a sinto me dando uma longa olhada, o que bombeia sangue ao meu pau. Eu tento me concentrar no meu equipamento e verificar tudo antes de sairmos.

Os mosquetões estão presos a uma alça de zíper e chocalham quando ando em volta da minha moto, escondendo-a com um galho caído. As folhas cobrem a tinta vermelha brilhante da sua Ducati.

Ela abre e fecha a garrafa de água. — Eu só estou escalando se a montanha não estiver parecendo uma merda — ela repete o que eu lhe disse anteriormente.

— Conhecendo Adam Sully, poderíamos estar caminhando para uma festa de aniversário sem a porra do bolo e uma piñata já quebrada no canto. — Eu nunca estive aqui. Eu nunca nem vi esse rochedo, mas meu velho amigo de escalada me ligou, disse que encontrou uma boa, e eu dirigi cinco horas com a ligeira esperança de que essa parede deserta não seja cheia de pedras soltas e detritos. Que o penhasco seja mesmo escalável.

Seu jipe verde-floresta está escondido a cerca de um metro e meio das nossas motos, posicionadas entre dois arbustos e cobertas de folhagem.

Daisy toma um gole de água. — Que triste metáfora. Uma festa de aniversário sem bolo. — Ela sorri em pensamento. — Sully seria atraído por piñata.

— Sim, ele seria. — Eu verifico as coordenadas no meu telefone e aponto para o norte. — Você lidera a porra do caminho.

Seu sorriso explode, e ela caminha com prazer à minha frente, empurrando galhos de árvores para fora do nosso caminho e pisando em pedras e troncos caídos. Fica mais denso quanto mais para o norte vamos.

Um quilômetro e meio a dentro, Daisy começa a olhar timidamente por cima do ombro para mim. O sangue bate em minhas veias e circula em meu pau, e minha excitação aumenta mais do que eu deixo transparecer.

Eu levanto minhas sobrancelhas para ela, como se ela não estivesse me afetando. — Você tem algo a dizer?

Ela sacode a cabeça e tenta conter outro sorriso. Quando ela se vira para as árvores novamente, eu foco na sua bunda em shorts jeans desgastados. Ela passa por cima de uma pedra, sua pele exposta abaixo deles. Sexo começa a ocupar noventa e nove por cento do meu cérebro, um desejo carnal que eu não distancio.

Eu desço da pedra atrás dela e, em seguida, coloco uma mão firme em seu ombro, guiando-a em direção a uma grande árvore. Nosso silêncio canaliza a tensão, tão extrema que meu pulso bate com cada batida. Eu me elevo acima dela, observando seu peito cair mais pesado em antecipação.

Eu empurro seu corpo contra o tronco branco de uma bétula e levanto suas as mãos acima da sua cabeça. — Se segura.

Ela faz isso, e me observa por cima do ombro. Estou atrás dela, com as mãos na sua cintura, e abro as pernas dela como um policial prestes a revistar um suspeito.

Ela sente isso, seus lábios se levantando. — Estou com problemas?

Minhas mãos mergulham na frente de seus shorts, e meu peito se funde nas costas dela. Eu sussurro em seu ouvido: — Um grande fodido problema. — Eu desabotoo e abro o zíper de seu short. Pressionando uma palma na parte inferior do seu abdômen, eu empurro seu corpo mais contra o meu.

Ela retribui, sua bunda roçando em mim. Eu endureço pra caralho, e puxo seus shorts jeans para baixo. Ela tira o tênis e os chuta para longe, apertando as mãos no tronco da árvore.

— Ryke — ela diz em desejo. Seu pescoço fica tenso enquanto ela continua a observar meus movimentos. Eu encontro seus olhos mais de uma vez, meu corpo implorando para estar bem contra ela. Para sentir ela. Eu corro minhas mãos por seus quadris novamente, sua pele suave e macia. Eu puxo sua calcinha de algodão cinza para baixo.

Ela sai delas e se vira, soltando as alças da minha mochila. Eu tiro a sua camiseta e em seguida minha mochila. Ela levanta minha camiseta cinza sobre minha cabeça, nossas mãos se movem cada vez mais rápido para nos despir, prolongando um inevitável beijo.

Eu abro seu sutiã, nossos peitos pressionados juntos, enquanto ela se atrapalha com os botões da minha calça preta de escalada. Meus lábios se aproximam dos dela e ela respira profundamente. Então superficialmente. Eu deslizo as alças do sutiã de seus braços, e ela tira minha calça com as mãos na minha bunda.

Depois que eu tiro meus sapatos, eu os chuto pra longe.

Em apenas suas meias até o joelho, ela está praticamente nua na porra da floresta. Eu estou de shorts pretos de compressão, e eu a puxo contra mim, minha mão penteando seu cabelo castanho, um tom mais claro que o de suas irmãs de todo o tempo que ela passa no sol.

Ela sorri para mim e se aproxima para um beijo, mas eu afasto minha cabeça, a provocando tanto quanto ela me provoca. Eu seguro sua bunda e a empurro contra o tronco da árvore novamente.

Ela solta um barulho de surpresa, a ansiedade brilhando em seus olhos verdes. Eu massageio seu seio antes que minhas mãos caiam. Aperto seus quadris, estudando seu corpo esguio com um longo e fodido olhar inebriante.

Então eu a beijo, finalmente, e seu corpo se curva no meu, seus braços puxando meu cabelo. Minha língua separa seus lábios e ela engasga. Eu me solto rapidamente e caio de joelhos.

— Ai meu Deus — ela respira, olhos crescendo enquanto ela me observa. Eu levanto uma das pernas dela por cima do meu ombro, minha mão direita na sua bunda.

Seus dedos passam pelos meus cabelos grossos. Eu estou na posição perfeita. Eu beijo seu clitóris, lentamente. Eu uso minha língua e minha boca para levá-la para outro lugar. Sentindo seu corpo tremer me transforma em uma fodida pedra, meu pau pulsando para empurrar dentro dela.

— Ryke. — Seus dedos apertam, gritando. — Ryke... — Ela estremece, e eu olho para cima, seu olhar diretamente em mim, sua boca permanentemente aberta. Suas pálpebras vibram. — *Ahhhh*.

Porra. Eu imediatamente levanto sua outra perna no meu ombro e me levanto, ainda chupando e a beijando, só que agora ela está na porra dos meus ombros.

Ela ofega de novo, olhando para as árvores. — Eu não consigo… — Ela balança a cabeça como se fosse muito. — Eu não consigo… — Ela geme agudo. Os dedos dos pés se curvam e os músculos se contraem. Sinto suas costas arquearem contra a palma da minha mão e suor escorrega de nossos corpos. Quando ela se acalma, eu a tiro dos ombros e a coloco de pé.

Daisy se inclina exaustivamente contra mim.

— Nós não terminamos, Calloway. — Eu tenho que gozar dentro dela para fazer a porra de um bebê, e eu não estou prestes a entrar nela sem ela estar molhada.

Ela segura o meu short de compressão com um sorriso travesso, mas cansado. — Você vai colocar o seu pau dentro de mim?

— Sim, — eu digo a ela, — bem aqui. — Eu empurro dois dedos nela, e ela solta um gemido agudo que seriamente quase me faz gozar.

Eu cerro meus dentes, forçando minha própria excitação. Suas costas atingem o tronco da árvore e eu toco seus nervos sensíveis enquanto meus dedos trabalham. O olhar da Daisy desce dos meus braços e abdômen, me absorvendo tanto quanto eu estou fodidamente a devorando.

Ela puxa meu short de compressão, meu pau duro a vista. Eu saio da última peça de roupa, e ela murmura algo baixinho que soa como *Ai meu Deus*.

Sua mão toca a minha, a que está entre suas pernas, e ela olha para o jeito que meus dedos desaparecem dentro dela. Ela se estimulada visualmente e é a coisa mais fofa.

— Você gosta dos meus dedos dentro de você, amor?

Ela fica mais molhada, sua respiração se encurta. Sua mão aperta meu pulso.

— E a porra do *meu* pau? Você quer ele dentro de você em seguida, Calloway? — Com minha mão livre, eu pego a dela e coloco no meu pau.

Ela atinge um clímax e seus joelhos quase se dobram. — *Ahh!* — Ela geme. Eu a seguro pela cintura, puxando meus dedos para fora, e a viro para a árvore, sua pele escorregadia.

Eu me abaixo por um segundo, pegando meu celular da minha calça, e posiciono suas palmas contra o tronco. — Me fala se você sentir alguma dor — eu a lembro. Desde o fim da sua menstruação, ela não sentiu nenhuma quando fizemos sexo ou durante o dia. E estou esperando que continue assim.

Ela está cansada demais para olhar por cima do ombro por muito tempo, mas ela observa enquanto eu aperto minha ereção e deslizo nela por trás.

A porra do aperto me mata - da melhor maneira. Ela ofega e parece dominada pelo volume.

— Ryke. — Ela segura no meu pulso que aperta seu quadril, e eu empurro mais fundo - *porra*. Usando o meu celular, eu gravo apenas meu pau deslizando mais para dentro e para fora, um *close-up* que ela não pode ver do ângulo que está. Depois de trinta segundos de filmagem, eu entrego o celular para ela.

Ela dá play enquanto eu acelero o meu ritmo, cada impulso como se estivesse *fodendo* o sol e o céu e o paraíso. — Porra — eu gemo baixinho, sem terminar. Não estou pronto para acabar com isso.

Ela fica olhando para o celular e se contrai contra meu pau inteiro, pulsando. — Eu não consigo — eu a ouço engasgar.

Eu puxo seu corpo contra o meu, meu braço em volta da sua cintura, e eu a fodo com agressão e carinho, empurrando nela até que nós dois estamos alcançando o pico mais alto da minha fodida vida.

— Eu não con-*Ryke*!

Eu gozo, liberando dentro dela, e ela estremece novamente, se liberando comigo. Ela vira a cabeça aturdida e os lábios se aproximam dos meus, eu a beijo carinhosamente. Ela me beija de volta, quase feroz, e a mantenho dentro de mim enquanto sua fome se agita. Eu nunca fiquei com alguém como faço com Dais - como se o mundo estivesse queimando atrás de nós e isso só alimentasse mais nossos corpos, movendo-se mais rápido e mais forte.

Depois de alguns minutos, finalmente nos separamos, e eu gentilmente saio dela, olhando sua expressão. Ela nunca estremece. Enquanto nos vestimos e nos limpamos, ela diz — Esse está no meu top cinco.

— É? — Eu puxo minhas calças e sinto um fodido sorriso iluminar minhas feições sombrias.

— Eu acho que eu apaguei um minuto lá, foi tão intenso. — Ela coloca o sutiã. — Dois animais selvagens, fazendo o que os animais selvagens fazem.

— E o que eles fazem? — Eu coloco minha camiseta cinza e, em seguida, pego minha mochila.

— Fazendo amor para fazer bebês para sustentar a espécie. — Ela abotoa o short. — É o curso natural das coisas.

Eu fico quieto por um segundo, prendendo as alças no meu peito e, em seguida, guardo meu celular. — Você sabe, Dais — eu digo, tentando escolher as palavras certas, — não é não-natural se não pudermos fazer assim. É só diferente pra caralho. — Eu não quero que ela pense que é menos do que outra pessoa. Ter um bebê não determina o fodido valor de ninguém. Ela poderia não ter órgãos reprodutivos femininos e ser tão mulher quanto... mas eu não preciso dizer isso a ela.

Acho que Rose já disse, e não é algo que possa ser fácil *sentir* a princípio, mesmo que ela entenda o que isso significa.

— Eu sei — diz ela com um sorriso bastante genuíno. Ela coloca sua camiseta e, em seguida, amarra o cabelo em um coque alto. — Eu só quero fingir enquanto podemos. Isso é ruim?

Eu sacudo minha cabeça. — Não. — Eu ando até ela e beijo sua têmpora. — Que tipo de animais nós somos?

Ela morde meu braço de brincadeira. — Você é um lobo. — Então ela uiva, muito fofa. Estou prestes a mexer no cabelo dela, mas meu celular vibra.

Eu checo o identificador de chamada e ela pega a garrafa de água. — Porra. — Eu clico no viva-voz. — Estamos a dois quilome...

— Bom, porque eu estou indo até você. Veja o que eu faço por você, cara. Você pode anotar isso no quadro de *razões-por que-Adam-Sully-é-seu-melhor-amigo?* Eu sei que você tem um irmão perdido há muito tempo e tudo, mas meu cabelo ruivo e meu rosto devem me dar dois pontos extras.

— Sully — eu digo.

— Cinco pontos extras, você está certo. Eu não deveria me desvalorizar.

Eu balanço minha cabeça, mas Daisy está cheia de fodido sorrisos. Eu perguntaria quantas bebidas energéticas ele bebeu, mas ele é sempre assim. — Devagar, Sul.

— Eu não posso, cara. Eu não posso - tenho que ir até você. Ah, espera... aí estão vocês.

Eu olho para cima e vejo um tufo de cabelos vermelhos saindo da floresta e de entre as bétulas. Ele acena com um jeito desajeitado de Adam Sully que parece uma meia saudação.

— Vamos lá — digo a Daisy, descansando a mão na parte inferior das suas costas.

Sully estende os braços quando nos aproximamos dele. — Minhas pessoas favoritas!

— Ei, Sully — diz Daisy antes de ela abraça-lo.

Ele a abraça como se ela fosse um bicho de pelúcia e sussurra para mim, *eu a amo*.

Eu mostro o dedo do meio pra ele.

Ele ri e, quando se separam, eu digo — Me fala que essa pedra é boa pra caralho.

— Tem caráter. — Seu sorriso se estica em seu rosto.

— Fantástico pra caralho. — Eu sei que provavelmente ainda vou ficar tentado a subir, mesmo que pareça ruim - mas eu não quero assustar Dais também.

— Me sigam. — Sully aponta para o norte.

Eu não tenho ideia para onde ele está nos levando.

< 18 >

DAISY CALLOWAY

Um rochedo de mais ou menos trinta e cinco metros está diante de nós. Pelo menos, é do que Sully chama o penhasco cinzento que vai até o céu. Em certas seções, algumas pedras se projetam sem um lugar claro para se segurar, e eu me preocupo em virar de cabeça para baixo e perder o controle.

Quanto mais Ryke inspeciona a rocha da base, mais seus olhos se iluminam. Ele enfia *um* dedo em uma fenda e se ergue do chão, a frente de seu fino sapato de escalada encontra um suporte não tão maior que dois centímetros.

Ele sobe apenas um metro antes de descer. Enquanto ele estuda o penhasco novamente, um sorriso passa por seus lábios áspero, levantando os cantos de seus lábios. O meu cresce instantaneamente para combinar com o dele.

Assistir Ryke cercado pela *única* coisa que ele sempre amou é absolutamente inestimável. Eu nunca encontrei uma paixão, não como Ryke, mas o observar me leva a novas alturas.

Eu nunca iria querer tirar o lugar da escalada do seu coração. Seria uma pena, perder esse momento. É tão especial. Paixão. Amor. *Felicidade*. Ver tudo - fazer parte disso - é mais gratificante para mim.

Espero que quando eu mostrar a minhas irmãs e meus pais o que planejo fazer, eles vejam como estou satisfeita com o projeto e com tudo.

Eu também espero que eles percebam o quanto eu quero ter um filho agora. Ser mãe. Para ajudar suas paixões a se concretizarem. Não consigo pensar em uma maneira melhor de passar a vida.

Ryke coloca a palma da mão na rocha uma última vez antes de se virar para a mochila perto dos meus pés. Sem falar mais do que algumas palavras, Ryke e Sully começam a montar o equipamento. Cordas, dispositivos, arreios, mosquetões - mais do que eu posso contar e cada dispositivo parece vagamente diferente.

Ryke procura por alguns específicos, e Sully me joga um arreio.

Eu o coloco, não exatamente nervosa em me machucar na escalada. Eu só não quero atrasá-los, e estou com medo de que o meu nível de habilidade faça exatamente isso nessa rocha desafiadora.

— Você vai subir primeiro com Sul — declara Ryke, de pé com um dispositivo que eu nunca vi.

Eu tento não ler mais do por que não estou escalando com ele. Nos últimos dois anos, acompanhei Sully e Ryke em tantas subidas, e estar subindo com o seu amigo é tão comum quanto estar escalando com ele.

Eu aceno para o dispositivo na mão dele. — O que é isso?

— *Gancho de bloqueio anti-cross-loading*. — Devo usar minha cara de confusão, porque ele acrescenta: — Eu tenho que prendê-lo ao meu cinto de segurança. Isso ajudará a me segurar se eu cair dessa porra. Eu vou escalar livre depois que o Sully fizer uma âncora no topo. — *Escalar livre*: o ato de escalar sozinho, mas *com* medidas de segurança. Como o dispositivo em sua mão. Como sua corda e arreio.

Sully está ocupado lidando com sua corda, desembaraçando os fios. Seu cabelo vermelho desgrenhado salta quando ele balança a cabeça, como se soubesse que esse seria o plano o tempo todo.

Sempre que Ryke faz escalada livre, geralmente é para ganhar uma sensação da rocha. Assim ele pode refazer seu curso sem nenhuma medida de segurança.

Suas sobrancelhas franzem enquanto ele me examina. Acho que até enfiei um cabelo esvoaçante atrás da orelha, mostrando minha vulnerabilidade. — O que há de errado? — Pergunta ele.

Eu balanço minha cabeça como se não fosse *nada*, mas mais do que algumas coisas passam pela minha mente. — Sully normalmente não escala livre atrás de você?

— Isso é só se eu estiver fazendo solo livre em um penhasco que já escalei com segurança antes. — Ele muda o peso de um pé para o outro e esfrega a boca. *Solo livre*: o ato de subir sem arreios ou corda. Sem medidas de segurança.

— Você vai fazer solo livre nessa depois de escalar uma vez, então? — Eu pergunto diretamente.

Ele deixa cair a mão, os olhos fixos no chão enquanto ele tenta encontrar algumas palavras para mim.

— Por que você não pôde me dizer desde o começo? — Eu pergunto. — Eu não vou proibir você de escalar sozinho, e fico feliz em ajudar Sully a fixar a âncora para você, ou até mesmo vê-lo fixar ela.

Ryke passa a mão pelo cabelo e depois gesticula para mim. — Eu nunca quero que você se sinta como se eu tivesse trazido você aqui nessa porra para trabalhar para mim.

Eu tento não sorrir, achando-o *extremamente* atraente por se importar tanto. Eu nunca me senti como ele acabou de descrever, nem mesmo um pouquinho. Eu *amo* fazer parte de seu processo de escaladas livres. Em uma rocha no Norte, eu limpei grama de fendas por mais de cinco horas com Sully, apenas para que Ryke pudesse escalar livre com menos risco de possíveis ferimentos ou morte.

Cada minuto eu valorizo. Eu não diminuo a velocidade dele nem me sento à margem.

— Você está pensando nisso errado, sabe — digo a ele. — Você me incluiu em algo que ama e eu sou grata e feliz por ter compartilhado isso comigo. Eu odiaria se nunca me dissesse quando você está escalando ou se você dirigiu cinco horas sem mim e fez tudo sozinho.

Em voz baixa e rouca, ele diz — Vieni Qui. — Ele usa o italiano comigo principalmente em momentos íntimos, murmurando baixinho e suavemente. Eu já ouvi essa frase o suficiente para traduzi-la sem perguntar.

Venha aqui.

Eu me aproximo e sua mão áspera desliza contra a minha bochecha com tanta afeição carinhosa.

Meu corpo aquece. — Como diz *me abrace?*

— Abbracciami. — Ele envolve seus braços em volta dos meus ombros, me puxando até nossos peitos se encontrarem.

Eu não posso conter meu sorriso. — Como diz *me dá um beijo?*

Ele abaixa a cabeça e sussurra: — Dammi un bacio. — Então seus lábios se pressionam na minha bochecha, deixando uma marca ardente e formigante.

— Que tal *me lambe?* — Eu provoco.

Suas sobrancelhas sobem, mas há um sorriso brincando com seus lábios também. — Leccami.

Rapidamente, eu lambo seu pescoço e, em seguida, me aninho em sua mandíbula como um filhote de cachorro.

Ele me afasta um pouco, só o suficiente para que ele possa me beijar diretamente nos lábios, como se estivesse querendo estar lá todo esse tempo. Isso dura alguns segundos, e é quebrado por aplausos atrás de nós.

Nós dois nos viramos para Sully, que para de bater palmas, mas seu sorriso bobo nunca se desfaz. — Um cara não pode apreciar o romance? Haverá lenços no casamento porque eu sou sensível. Eu não sou contra usar guardanapos de pano. — Ele faz uma pausa. — Isso é, se eu for convidado. — Seus olhos pingam entre nós. — Eu vou ser convidado, certo?

— Não. — Ryke diz ao mesmo tempo que eu digo, — Sim.

Sully aponta para seu amigo. — Traidor.

— Fracassado.

Sully fica boquiaberto. — Cara de sapo.

— Cabelo de gengibre. — Ele joga um mosquetão para Sully, e eu quase posso ver a amizade deles aos oito e nove anos de idade, bem diante dos meus olhos.

Sully faz um barulho de desdém e dá um tapinha no cabelo dele. — Você bem que queria fazer parte do clã Weasley.

Ryke quase sorri. — Não deixe a porra da minha noiva cair.

Ele fica mais sério quando diz, — Juro pela minha vida, cara. Eu não vou.

* * *

Eu cheguei com segurança até o topo com Adam Sully. Ele já colocou uma âncora e Ryke escalou livre uma vez e repeliu. Agora, na base do penhasco, ele tira seu equipamento para o solo livre.

Eu assisto do topo, a superfície principalmente plana e gramada. Eu estou perto da borda, o vento chicoteando meu cabelo, me lembrando que as condições de hoje são "justas, mas não ótimas" (palavras de Sully).

Ryke prende sua bolsa de giz em volta da cintura, prestes a subir. As pontas dos meus sapatos de escalada saem da borda, o medo se extingue, mas eu apaguei as ideias cheias de adrenalina que causariam danos se eu deixasse elas tomarem conta.

Sully segura meu cinto por trás. — Ei, louca. — Ele me puxa para trás até que eu esteja a um metro e meio da borda. — Ele pode ficar sem uma corda, mas você não. — Ele prende um mosquetão ao meu arreio. Seguindo a corda, estou presa à âncora que Ryke não usa mais. Sully também.

Eu sorrio. — A menos que — eu digo, — minha morte seja iminente, nesse caso eu provavelmente poderia ir sem um. Eu só vou, você sabe, *morrer*. A tragédia de tudo isso.

Sully balança a cabeça para mim. — Tão mórbida.

Uma parte gigantesca de mim deseja ter *medo* da morte. Temo que as pessoas me machuquem. Que machuquem Ryke. Que machuquem minhas irmãs, mas eu não temo o fim.

Porém, ser uma grande parte da vida de alguém me faz parar e pensar na dor. Eu odeio imaginar Ryke sozinho, então eu tento não me afundar ou deixar a tristeza me consumir. Eu tenho muito a viver, e não estou pronta para desacelerar.

Eu cutuco o lado dele com o cotovelo. — Não é você quem disse que em idade de alpinista, você está chegando aos setenta e Ryke já tem cem anos e deve morrer até o ano que vem?

Sully pensa sobre isso olhando para o céu. — Sim, bem... a morte é relativa a quem brinca com ela. — Ele encontra meu sorriso e diz — Somos todos um grupo mórbido, não somos?

— Parece que sim. — Eu balanço em meus pés. — Então, onde você está morando? — Eu pergunto, mudando de assunto. Tenho a sensação de que Ryke está subindo, mas não quero incomodá-lo subitamente aparecendo na borda.

— Em todo lugar e em qualquer lugar. — Sully abre os braços. — Eu sou um nômade certificado sobre rodas. — Ele ainda vive em seu jipe, escalando todos os dias, onde quer que

ele pode. Ele gesticula para a face da rocha. — Eu só volto para a Pensilvânia por causa desse mal-humorado.

— Ele gosta mais de escalar quando você está aqui — digo a ele.

Os lábios de Sully se erguem. — Você acha?

— Definitivamente — eu digo. — Todo o seu comportamento fica diferente.

— Sim, ele fica mais ranzinza.

— Ele fica mais feliz.

Sully olha para mim. — Ele fica mais feliz com você também, sabe.

Ficamos ambos sorrindo por um longo momento. Sendo a causa da felicidade de alguém, bem, isso parece amor, não é?

Meu celular vibra no meu bolso. Eu checo a mensagem.

Você tem que reconsiderar o reality show, Daisy. Você e suas irmãs estão recebendo grande atenção dos tabloides. A última que li te chamou de pirralha mimada. Idiotas. - Cleo

Desde a minha festa de noivado e a rejeição de *Rainha de Filadélfia,* Cleo e Harper têm me mandado mensagens sem parar. Dando-me atualizações sobre o que o Twitter e as revistas de fofocas estão dizendo. Eu nunca pedi suas opiniões ou atualizações, e nunca respondo as suas mensagens. Elas não pegam a indireta.

Um segundo depois, mais algumas mensagens.

Merda. Alguém começou uma hashtag #IrmasCallowaySaoUmaMerda - Cleo

Não leia o mais novo posto do Celebrity Crush. Eles tiraram uma foto horrível de você. Tipo você tá feia pra caralho e você é uma supermodelo. Ou… era. - Harper

Por favor, reconsidere o show. Estou lhe dizendo isso como sua amiga preocupada. - Cleo

Eu já vi o Twitter e, para tantos fãs que nos odeiam por dar as costas ao programa, ainda existem aqueles que entendem nossas escolhas. É só que o ódio tende a ser mais alto e mais volátil.

Meu estômago dá um nó quando Cleo envia uma terceira mensagem.

Te amo para sempre, garota - Cleo

Eu poderia responder, pela primeira vez, e dizer-lhe para parar de me mandar mensagens. Mas eu não quero abrir um diálogo com ela, então faço um plano para mudar meu número. É a opção que parece certa.

Estou prestes a guardar meu celular quando ele apita de novo. Minha cabeça lateja, mas assim que vejo a tela, percebo que não são minhas ex-amigas.

Más notícias. Seu guarda-costas se demitiu. Preciso que você fique em casa ou mande Garth sair com você até que eu encontre um novo. - Papai

Por que Mikey pediu as contas? Especialmente sem me contar primeiro?

Eu releio a mensagem, meu estômago afundando. Mikey nem *sempre* me segue quando estou com o Ryke. Tipo hoje. Meu pai não tem ideia, mas duvido que ele aprove. Eu gostava de tudo sobre o Mikey, e eu me preocupo que o substituto dele será dez vezes pior.

Prefiro escolher o novo guarda-costas do que entregar isso para o meu pa...

— Ryke! — Grita uma garota, uma voz que eu nunca ouvi.

Sully xinga e nós dois vamos para a borda, um nó subindo pela minha garganta.

— Ryke, olhe aqui! — Grita um homem em seguida.

O que é isso? Sully me puxa para baixo, então nós dois estamos sentados, nossas pernas pendendo do penhasco. Ryke está no meio da rocha, em um ritmo lento, já que é uma escalada difícil. Ele está prestes a chegar à seção onde ele tem que ficar ligeiramente invertido.

— Sul — Ryke diz uma vez, sabendo que seu amigo apareceria. O suor escorre pela sua testa e ele abaixa uma das mãos para mergulhar os dedos no giz.

— Vocês dois! — Sully grita, meu pulso disparando. Um homem e uma mulher com câmeras caras estão ao lado do nosso equipamento e da mochila de Ryke, tirando fotos. — Vocês precisam sair!

Eu fico quieta. Se eu protestar também, vou acrescentar à preocupação de Ryke e provavelmente quebrar sua concentração. Muito mais do que o Sully. Ryke está mais acostumado a escalar com Sul falando do que comigo.

O homem digita em seu celular e depois tira mais algumas fotos.

Isso é uma loucura. Eu não tenho ideia de como eles nos encontraram, a menos que eles estivessem nos seguindo ou nos acompanhado com um drone estúpido. Temos sido cautelosos com isso toda vez que fazemos sexo do lado de fora depois de vermos um na vizinhança.

— Ryke Meadows, olhe aqui! — A garota diz novamente.

A frustração cruza os traços de Ryke, e ele estranhamente enxuga o suor de sua testa usando seu bíceps.

Eu sussurro para Sully, — Diga a eles que eles vão matar seu amigo se eles não saírem. — Meu estômago se contorce. *Não é verdade*. É, no entanto. Eu sei que é.

Sully fica de pé. — Vocês vão matar meu amigo! Ele não está com arreios, então vão *embora*. — Sully é tão pouco ameaçador. E eu também. Isso seria mais fácil se Lo estivesse por perto.

— Você pode nos contar mais sobre o seu amigo?! — o homem grita para nós.

— Vai se foder! — Sully grita, seu rosto avermelhado. — Você não ouviu o que eu disse?! Você vai matá-lo!

Eu respiro e engulo em seco. Estou ao lado de Sully, meus dedos se contorcendo ao meu lado. Eu aperto o final da minha camisa. Ryke sobe em um ângulo estranho, seu corpo quase horizontal sob um pedaço de rocha que se projeta.

Clique, flash, clique, flash, clique, flash, as câmeras nunca param.

As costelas de Ryke se expandem e colapsam com uma respiração habilmente controlada. A luz intermitente deve perturbar uma caverna próxima porque um enxame de morcegos sai. Passando bem perto de Ryke.

A floresta fica em silêncio. O ar está parado e as árvores estão paradas.

Sully está deitado de bruços, a mão estendida para ver se ele pode alcançar seu amigo. Ele não está perto. Ninguém está perto. Eu perco Ryke de vista até seus pés deslizarem embaixo dele, apenas pendurado pelas pontas dos dedos.

Ele tenta se balançar e encontrar uma posição para que ele esteja na horizontal novamente. *Usar seus fodidos pés é quase mais importante do que suas mãos,* ele me disse na noite do noivado, tentando me fazer dormir. *Você tem que distribuir seu peso. Você não consegue aguentar muito fodido tempo se estiver usando apenas a parte superior do corpo.*

Meus olhos estão tão arregalados quanto pires, queimando de emoção que não estou pronta para enfrentar ainda. — Ryke — eu sussurro. *Não caia. Por favor, não caia.*

Ele grita em agressividade enquanto usa *toda* a força de seu braço para se erguer nessa rocha. Ele está a 20 metros do chão.

Não caia.

Isso me atinge nesse momento. Quando ele ainda não consegue encontrar um ponto de apoio. Isso me atinge. Que eu possa testemunhar sua morte.

Minha vida com ele me pega, me machuca, me rasga - a primeira vez que ele sorriu para mim. A primeira vez que ficamos sozinhos juntos. A primeira vez que nos beijamos. Todos os lugares que estivemos. Todas as coisas que vimos e fizemos. Todos os momentos solitários que nós enchemos um ao outro.

Tudo isso é…

Seu pé atinge uma fenda e ele passa da seção difícil. Ele também coloca o pé direito e sacode os braços. Então olha para mim, e lágrimas quentes caem pelas minhas bochechas.

Obrigada. Eu exalo, o alívio me cobre.

— Eu estou bem, Dais — diz ele, não muito abaixo de mim. — Só me dê mais cinco minutos.

— Leve o tempo que precisar — eu respondo, limpando minhas bochechas rapidamente. — Por favor, não se apresse por minha causa.

Sully solta uma respiração profunda audível e se ajoelha. — Eu estou suando. — Ele sacode sua camisa.

Ryke resmunga como se dissesse *eu sou a fodida pessoa que está escalando.* Ele mostra o dedo para o amigo antes de deslizar os dedos em uma fresta e levantar o corpo mais alto. Ascendendo. Novamente.

O homem e a mulher ainda estão lá, mas eu não quero mais dar-lhes a hora do dia. Então eu me arrasto para trás e me deito na área gramada, olhando para o céu nublado.

Cerca de cinco minutos depois, um corpo desmorona ao meu lado, cabeça na grama como a minha. Ele está aqui. Lágrimas quase espremem dos meus olhos novamente. Ele está vivo. Eu olho para Ryke, sua respiração mais pesada que o normal, e ele vira a cabeça para mim.

— Ei, — eu sussurro.

Ele respira. — Ei.

Você me assustou. Eu te amo. — Você está vivo.

Ele me beija, com tanta fome, e meu coração explode, meus pulmões em chamas. Nossas pernas emaranham e minhas mãos deslizam através de seu cabelo úmido. Ele tira meu amarrador, meus cabelos castanhos frisando ao redor do meu rosto. Sua língua luta com a minha e minha cabeça flutua pelos meus ombros.

Ele se separa e diz — Eu não vou a lugar nenhum, Calloway. Lembre-se dessa porra, ok? — Seus olhos seguram um único pedido de desculpas, como se dissesse *me desculpa por não pegar leve com você.*

Ele não precisa. — Lembrarei. Eu prometo. — Beijo sua bochecha, minha mão deslizando por sua mandíbula não barbeada. Eu me sinto menor contra ele, e ele me puxa para perto como se eu fosse a razão pela qual ele escalou.

Sully de repente se deita ao lado de Ryke, com a cabeça na grama. Ele olha para o céu enquanto diz — Estou começando a perceber algo.

— O quê? — Ryke pergunta, sua mão acariciando meu cabelo. Eu descanso meu queixo no peito dele.

Ele se vira para nós. — Vocês dois são seriamente famosos.

Ryke revira os olhos.

— Então, vocês vão transmitir o casamento de vocês na televisão também, porque eu não tenho certeza se a América está pronta para mim. Não me entenda mal. Eu ainda vou. Eu só preciso de alguma preparação. — Ele definitivamente não é o tipo de pessoa que busca holofotes. Criado por advogados com uma irmã mais velha que seguiu os passos de seus pais, ele procurou viver livremente e em privado. Ele diz que tenta manter contato quando pode, mas não é frequente.

Estou tão perto das minhas irmãs e Ryke está tão perto do irmão dele. Nós dois não podemos imaginar perder essas conexões e relacionamentos. Com essas viagens, podemos sempre voltar para casa. Melhor dos dois mundos.

— Ninguém está filmando nosso fodido casamento — Ryke diz a seu amigo.

Parece impossível torná-lo privado, especialmente depois de hoje escaparmos um pouco e mesmo assim repórteres apareceram. Mas nós temos um plano que deve ajudar.

Eu falo em voz baixa (apenas no caso): — Estamos nos casando fora do país.

Sully se senta e levanta os punhos no ar. — Sim! Onde? — Ele animadamente esfrega as mãos juntas. — Venezuela? Porto Rico? Madagáscar? Coloque isso em mim com força, Daisy Calloway.

Ryke lhe dá uma olhada e chuta sua canela.

Sully o chuta de volta.

Eu me sento agora. — Meninos. — Eu sorrio. — Eu preciso separar vocês dois?

— Sim — Sully assente com a cabeça.

— Porra, não — Ryke xinga, se sentando com a gente. Ele me puxa para o seu colo, seu braço em volta da minha cintura.

Sully é todo sorrisos. — Itália? Espanha?

— Nós reduzimos a um continente — digo a ele, — mas ainda estamos tentando escolher um país.

Sully olha para Ryke para a resposta final.

E ele diz: — América do Sul.

Nós vamos nos casar na América do Sul.

Em algum lugar seguro, longe de paparazzi.

Em algum lugar onde a felicidade reside.

Essa é a esperança, pelo menos.

< 19 >

RYKE MEADOWS

— Não é justo, e não me diga *que a vida não é justa, porra.* Eles não podem gritar seu nome quando você está escalando uma montanha de trinta metros de altura — meu irmão mais novo reclama do outro lado da linha. Eu pressiono meu celular no meu ouvido. — O que há de errado com a humanidade? Todo mundo perdeu completamente a cabeça? — Ele fez uma queixa contra o *Celebrity Crush* por me perseguir há uma semana, mas isso não importa.

Eu estava em propriedade pública. Eles poderiam fazer o que quisessem na hora, e eles teriam que me perseguir novamente para serem presos.

— Apenas deixe pra lá — digo a Lo. Eu estou irritado pra caralho com isso. Um morador avisou aos repórteres que estávamos na área. Eles encontraram nossas motos e seguiram nosso rastro prestando atenção aos galhos quebrados, esmagados de nossas fodidas solas de sapatos.

— Você poderia ter *morrido* — ele enfatiza. — Ou isso não te preocupa mais? — Sua voz seca e amarga arranha meus tímpanos.

Eu me mexo no banco de trás do Escalade da Rose, Daisy espremida no meio. Willow do outro lado. Lily dirige, e eu tenho uma visão da Rose no banco do passageiro, seus lábios se elevando enquanto ela digite rapidamente em seu celular. Para o marido, provavelmente.

— Ryke. — Lo se estressa com meu silêncio.

— Eu não vou ficar pensando nessa porra. Eu estou vivo, Lo. Está tudo bem.

— Devemos começar a procurar caixões para você? — Connor pergunta calmamente, sobre o viva-voz.

Eu reviro meus olhos. — Eu estava no viva-voz? — Os dois não puderam estar aqui porque é uma quarta-feira e tiveram reuniões na Hale Co. e na Cobalt Inc. - cada uma delas na Filadélfia, acontecendo durante o dia.

Foi difícil para mim, em primeiro lugar, saber que Connor passa mais tempo com meu irmão do que eu. Agora eu apenas tento lembrar que não estamos competindo pela atenção dele, mesmo que Connor às vezes aja como se estivéssemos

Eu ouço o barulho de um fodido chip. Eles estão almoçando juntos. Esse tempo todo. Lo diz — Sim, e isso não deveria importar para você. Você estará morto no próximo mês.

— Vai se foder — eu digo levemente.

— Não vai acontecer, irmão mais velho. — Ele mastiga outro chip.

Meu estômago doendo resmunga pra caralho. — Você está comendo comida mexicana?

— Sim. — Ele vai em frente e morde em voz alta novamente. — Três tacos de frango, salsa assada, chips e latas de Fizz. — Eu praticamente ouço o *espero que esteja com inveja* ao final.

Eu estou em um carro cheio das irmãs Calloway e com a minha meia-irmã que não fala mais do que duas palavras para mim, muito reservada e tímida para se abrir. Cerca de cinco anos atrás, eu forcei Lo a começar um relacionamento comigo, mas ele era um alcoólatra que precisava da maior dose de amor.

Eu não posso fazer isso com Willow. Eu vou acabar com ela, e ela vai correr na direção de Jonathan fodido Hale.

— Parabéns, a propósito — digo ao meu irmão.

Há uma longa pausa. — Pelo quê?

— Você sabe o que. — É a primeira semana de outubro. Hoje marca o fodido dia em que meu irmãozinho ficou sóbrio... por dois longos anos.

Eu acho que ele vai dizer algo mordaz em troca. Depois de outra pausa, ele diz — Obrigado, você sabe, por tudo. — Sua voz afiada é cheia de sinceridade.

— Você fez isso sozinho. Eu apenas fiquei ao seu lado.

— Sim, bem... eu precisava de uma *força.* — Com a boca cheia de comida, ele diz: — E agora eu vou desligar.

A linha fica quieta e sinto os cantos da minha boca subirem.

Rose ainda usa um sorriso satisfeito, e eu a vejo cruzar as pernas e se endireitar no assento. Flertando por mensagem com Connor Cobalt. Esses dois são mais aparentes do que eles gostariam.

— Por que eu estou dirigindo mesmo? — Pergunta Lily, apertando as mãos no volante.

Daisy tamborila minha coxa com os dedos, mais fodidamente perto do nosso destino. Eu coloco um braço sobre os ombros dela enquanto ela responde a sua irmã.

— Porque você é a melhor motorista de todos aqui.

Eu sou definitivamente o melhor motorista do caralho.

Lily se anima com o elogio e Daisy sorri ainda mais.

Rose tosse dramaticamente em seu punho. O ar morto paira onde Lo escorregaria com um comentário como *o seu demônio interior está tentando escapar, Rose?* ou *não toque nela. O mal é contagioso.*

Não tê-lo aqui é estranho pra caralho. Estar em um carro cheio de garotas é ainda mais estranho para mim, mas não é ruim. Não é algo que eu pediria para mudar.

Rose solta um som mais agravado quando ninguém a convida para a conversa. Ela levanta o queixo. — Eu sou uma motorista melhor.

Ela dirige esse gigantesco carro na cidade e o estaciona em lugares quase impossíveis, mas ainda não é melhor que eu. E se Connor estivesse aqui, ele provavelmente contestaria o fato apenas para incitá-la.

Eu não sou o marido dela. — Não é um fodido concurso — eu digo, terminando qualquer coisa antes de começar.

Rose bufa e retorna ao celular para enviar mensagens. Ela não vai dizer isso, mas sente falta de Connor e Lo. Quando eles não estão por perto, ela não tem com quem discutir.

Rose gira em seu assento para me encarar. — Você poderia pelo menos nos dizer para onde estamos indo. — Suas unhas pintadas de vermelho-sangue seguram o console do meio. — Como sua futura cunhada, você não está ganhando nenhum ponto me mantendo no escuro. — Seus olhos verde-amarelados me perfuram, pensando que ela pode me assustar o suficiente para obter respostas.

Ela não pode.

Isso é uma fodida surpresa.

Surpresa da *Daisy*.

Eu não vou ceder isso. — Se vira para frente — eu digo categoricamente.

Seus lábios se franzem e eu rompo o contato visual antes que ela possa começar uma disputa pela supremacia. Ela consente e se vira de volta em seu assento.

Willow vira o celular na mão e empurra os óculos de aro preto para cima do nariz.

— Você pode checar minhas mensagens? — Lily pergunta a Rose. — Eu quero saber o que Moffy está fazendo. — Seus filhos estão passando o tempo com Greg e Samantha, que pensam que estamos fazendo compras o dia todo.

Rose murmura algo como, *eu deveria estar dirigindo*. Ela não está acostumada a ser ordenada por Lily.

Eu tento chamar a atenção de Willow batendo nas costas de seu assento, mas ela me evita. Qualquer um que tenha conseguido com sucesso construir um relacionamento familiar depois de tantos anos - eu preciso de uma ajuda. Porque nunca foi fácil para mim.

Ela não está com raiva por eu não ter contado sobre o pai dela antes, mas acho que pode estar confusa porque Lo e eu dissemos a ela para esperar um pouco antes de entrar em contato com Jonathan Hale. Eu acho que ela precisa processar as coisas antes que o veja.

Nosso pai, no entanto, está mais do que pronto. Ele continua me mandando fodidas mensagens, perguntando quando ele deveria vir e vê-la. Eu apenas continuo dizendo para esperar. Mas isso não é algo que ele fará para sempre.

Mas tenho a sensação de que esse silêncio tenso não tem nada a ver com o nosso pai. É o que Daisy disse; ela acha *isso* estranho. Eu sendo o irmão dela. Estou começando a sentir isso também.

— Ei — eu digo a ela.

Daisy se encosta mais no assento, deixando Willow ter uma visão melhor de mim.

Ela me dá um sorriso tímido e depois se ocupa trançando seu cabelo castanho claro.

— Como você tem estado? — Eu pergunto.

— OK. Lily e Lo estão dando a todos os funcionários da Superheroes & Scones a chance de criar um novo super-herói para o universo do Quarto Grau.

Eu já ouvi do meu irmão o suficiente para entender o *Quarto Grau*. Ainda não li nenhum, mas o slogan deles, *o quarto grau de você e eu*, e o super-herói original chamado Extent (Vic Whistler) vendeu muito mais do que o esperado.

Agora eles estão lançando mais histórias originais, quadrinhos em grupos e criando toneladas de mercadorias. Estou muito orgulhoso desses dois. Lily e Lo percorreram um longo fodido caminho para chegarem até aqui.

— É muito competitivo — Lily diz.

Willow acena com a cabeça. — Os funcionários estão levando isso a sério. — Ela passa o celular de uma mão para a outra. — Maya fez um fluxograma em seu apartamento. — Ela faz uma pausa. — Então... Jonathan, ou - quero dizer, nosso pai, me deixou uma mensagem de voz ontem.

Eu imediatamente fico tenso. — É? — Eu esfrego minha boca. — Sobre o que? — *Ele não esperaria para sempre*. Eu cerro os dentes porque ele pode ter acabado de abandonar meu conselho antes mesmo de eu oferecer. E estou com medo que ele esteja cheio de caos e faça o que seu cérebro fodido pensa ser amor.

Seus olhos voam para mim e depois de volta para suas mãos. — Ele quer me encontrar para almoçar em algum clube de campo.

O carro fica quieto.

Eu seguro a maçaneta da porta, meu estômago revirando com cada lembrança que tenho. Onde eu encontrava Jonathan Hale em um clube de campo toda segunda-feira. Onde ele me servia álcool quando criança. Onde eu o reverenciei pra caralho e depois o desprezei.

Eu não quero que Willow vá, mas eu não quero controlar a porra da vida dela também.

Daisy desliza a mão na minha e aperta. Ela levanta os pés até o assento, as pernas encostadas no peito. Então ela se vira para Willow: — Você vai aceitar a oferta dele?

— Ele parecia sincero — Willow diz baixinho, considerando conhecê-lo.

— Eu tenho alguns fodidos problemas com isso — eu expresso o melhor que posso. — Ele vai fingir ser um cara legal, mas ele não é.

Willow solta um suspiro. — Tudo o que eu realmente sei sobre ele é da mídia, e não é tão bom assim...

Eu procuro em meu cérebro, lembrando que Jonathan foi acusado de molestar Lo. *Falso*, eu acredito agora. Não duvido do meu irmão, e ele disse que era tudo mentira.

Lily acrescenta rapidamente, — Não é verdade. Nada disso era verdade.

— Eu sei — diz Willow. — Eu sei, mas é difícil para mim ver qualquer outra coisa. E eu realmente, realmente quero já que ele está entrando em contato comigo. Ele é meu pai...

Eu me inclino para frente no meu assento. — Posso ir com você? — Eu pergunto a ela diretamente. Eu não digo, *por favor, deixe-me ir com você.* Ou *eu tenho que ir com você*. Estou tentando fazer isso da melhor maneira possível. Se ela disser não, eu vou pelo menos pressionar o Lo para ir com ela.

Surpresa levanta suas sobrancelhas e arregala os olhos. — Você quer ir?

Eu concordo. — Sim.

— Eu pensei... Lo disse que você não gosta dele.

— Eu não gosto, mas eu quero estar lá para você. — Eu adiciono: — Você é minha irmã, porra.

Seus olhos voam para o celular novamente. — Você acha que Lo vai querer ir também?

— Sim. — *Sem uma fodida dúvida.*

— Talvez vocês dois possam ficar lá apenas por uma parte do tempo? — Ela pergunta. — Tudo bem?

Eu sei que tenho que aceitar isso, mesmo que não seja tudo que eu queria. — Sim, tudo bem.

— Esquerda, Lily! — Daisy diz.

— Merda. — Lily vira o Escalade bruscamente para a esquerda. O SUV atrás de nós desvia no último minuto também. É mais seguro ter nossos guarda-costas por perto, e já que Mikey se demitiu depois de quebrar a perna surfando (em uma curta viagem para Malibu), Daisy pediu a um dos guarda-costas de Connor para segui-la temporariamente.

Nós estávamos indo encontrar um substituto, mas Greg me ligou e disse, *por favor, deixe-me lidar com isso*. O *por favor* me atingiu. Ele soava mais como um pai que queria cuidar de sua filha mais nova, e eu queria respeitar isso.

Rose se vira de novo no assento, os olhos queimando em mim. — Isso, — ela aponta para a angústia e a postura rígida da Lily — é melhor valer a pena.

Elas não têm absolutamente nenhuma ideia para o que estamos dirigindo. Nem mesmo uma porra de noção. Dais quer observar o olhar em seus rostos quando nos aproximarmos de seu novo empreendimento comercial.

Lily solta um longo suspiro. — Estou bem. Eu sou a melhor motorista desse carro. — Ela assente com a cabeça resolutamente, como se acreditasse também.

— Segunda melhor, — Rose corrige, reposicionando o ar condicionador para que o ar resfrie Lily.

— Isso não é o que Daisy disse. — Lily começa a sorrir.

— Hmmm? — Daisy finge confusão e depois começa a tirar o cinto.

— Não! — Lily grita, olhando para a irmã pelo retrovisor. — Ninguém se solta no meu carro. Regras da motorista.

Daisy abana as sobrancelhas. — Parece emocionante. — Ela ignora sua irmã e começa a se virar na minha direção, se apoiando no meu colo, sua mão deslizando sobre as minhas coxas e virilha antes de abaixar a janela.

Seus olhos verdes e maliciosos piscam para mim, praticamente dizendo *como isso pareceu?* e *eu não fiz nada, juro*. Meu sangue aquece enquanto ela fica de quatro, e eu levanto minhas sobrancelhas para ela, não pegando sua porra de isca. Não enquanto estivermos em um carro cheio com suas irmãs.

Eu digo baixinho então só ela ouve. — Você é um fodido problema, Calloway.

Ela sorri, seu cabelo já está voando enquanto a janela desce. — Logo você não poderá me chamar de Calloway, sabe.

— Você sempre será Calloway para mim. — Eu puxo sua camisa amarela para baixo que sobe até a parte inferior das costas, e o tecido esconde sua pele novamente.

Esse gesto faz com que seu peito se levante em uma respiração profunda. Ela se senta no meu colo, as mãos segurando o vidro da janela, e ela diz baixinho, audível apenas para mim. — Você é um cara bom, você sabe disso? — Seus olhos estudam minhas feições.

Eu a vejo me observar. — Você parece feliz pra caralho, você sabe disso?

— Eu tenho um segredo — ela sussurra. Então ela se inclina para perto, com os lábios no meu ouvido, ela sussurra: — Eu estou muito, muito feliz. — E então a janela se fecha. — Hey! — Daisy desliza para fora de mim e aperta repetidamente o botão. Está trancado.

Lily grita: — Você não está pulando!

— Eu só queria um pouco de ar fresco. — Dais pisca olhos para sua irmã e faz um beicinho fofo e bonito. Eu a empurro para o banco do meio e Daisy abre um sorriso. Eu tento empurrar o rosto dela, mas ela morde a porra da minha mão.

— Sem flerte no banco de trás. — Rose anuncia.

— Não estamos flertando — diz Daisy enquanto ela olha diretamente para mim.

Eu levanto minhas sobrancelhas novamente, querendo jogá-la por cima do meu ombro, mas estamos presos em um maldito carro.

Rose bufa: — E eu não sou Rose Calloway Cobalt.

Daisy zomba ofegante. — Não acredito. Quem é você?

Rose não se diverte. — Eu quase trouxe esmalte, mas eu pensei 'não, eu não quero que o cheiro asfixie minhas irmãs.' Agora eu estou repensando a minha lealdade. — Ela dá um olhar para Daisy como se dissesse *eu te culpo por me fazer repensar lealdades.*

Eu estou com calor, porra. — Ligue o ar de volta? — Eu mexo com as aberturas na frente dos joelhos da Daisy.

— Lil, outra esquerda novamente! — Daisy grita. — Ah, espera, você perdeu… — Ela liga o celular.

— O quê? — Lily choraminga. — Como? — Seus olhos voam para o retrovisor. — Vocês dois estão tateando um ao outro enquanto eu estou dirigindo? Nova regra. Nenhum toque permitido.

— Para todos — diz Rose, — em todos os carros. — Ela passa um batom vermelho escuro, usando o espelho.

— Espera? — Os olhos de Lily se arregalam. — O que? Não…

— Você não pode ser hipócrita sobre isso. — Ela tira o excesso do batom.

— Ok. — Daisy está com o Google maps aberto. — Vamos só voltar. Estamos honestamente bem perto. — Ela fala para Lily onde dar a volta e, menos de cinco minutos depois, chegamos.

— Vire à esquerda e depois estacione. — Daisy anuncia.

Lily desacelera o carro em uma estrada de cascalho, árvores de abeto cobrindo os dois lados. Ela dirige até um ponto de vigia não marcado. Uma placa enferrujada diz *propriedade privada* e *apenas residentes*.

Suas irmãs e Willow trocam olhares inquisitivos.

— Descendo! — Daisy exclama batendo palma

Eu saio primeiro, minhas botas encontrando cascalho e depois grama, indo em direção ao cume. A cordilheira da costa leste é cheia de tons verdes e amarelos, que se estendem até onde os olhos podem ver. Não há telhados, casas ou prédios altos. Natureza intocada e desobstruída.

No outono, as cores serão mais ricas e mais vibrantes. Eu inalo ar fresco, esse lugar é surreal - que algo tão bonito possa existir a poucas horas da cidade.

— Eu não entendo — diz Lily enquanto ela tranca o carro. O SUV chega e estaciona atrás do Escalade, mas os guarda-costas não saem.

— Não é nem pavimentada — diz Rose. — Tem certeza que deveríamos estar aqui?

Daisy está em cima de uma pedra perto da placa enferrujada, prestes a responder às irmãs, mas Lily aponta para *propriedade privada.*

— Estamos invadindo! — Lily anda de costas desse jeito estranho pra caralho. Parece que ela está fazendo o moonwalk.

— Reúnam-se aqui. — Daisy movimenta com a mão para todas elas irem para a frente.

Rose borrifa repelente em torno dela e, em seguida, cruza os braços, seus saltos de dez centímetros estão firmemente fixados no cascalho.

Eu fico para trás enquanto suas irmãs e Willow se aproximam da pedra. Essa exibição é só para elas.

— Eu tive essa grande ideia por um longo tempo — Daisy começa, às mãos em seus quadris. O vento balança seu cabelo escuro e meu amor por essa garota simplesmente me invade pra caralho. — Vai parecer grande demais para mim, mas prometo que entendo *tudo*. Apenas me ouçam primeiro?

Todos elas ouvem.

Daisy estende os braços. — Eu comprei isso.

O nariz de Lily se franze. — As árvores?

— A terra — Rose percebe. De repente, ela fica muito quieta, e Daisy se concentra mais nela.

— Há coisas na vida — Daisy tenta expressar, — que eu perdi e experiências que nunca tive, amigos que nunca consegui fazer. Ryke uma vez me contou essa história sobre um menino que passava o ano todo esperando até o verão. Esse menino fez uma amizade duradoura e uma experiência para *toda a vida.* Vocês conseguem imaginar um lugar onde amigos se juntam e aventuras são feitas?

Ela está descrevendo Adam Sully e eu. Meu amigo de acampamento de verão.

— Eu posso nunca ter estado em um acampamento, — diz Daisy, — mas estou mais determinada a construir um. Onde os campistas de verão farão novos amigos e viverão suas mais loucas aventuras.

É a coisa mais Daisy Calloway na porra mundo inteiro. Um lugar que traz felicidade para as crianças através da vida selvagem, amizade e emoções como tirolesa e cursos de cordas.

Lily bate palmas junto com Willow e eu sorrio enquanto lágrimas escorrem pelas bochechas de Lil. Ela sabe que Daisy passou por muita coisa, incluindo a traição de amigos próximos, e agora planeja construir um lugar que valorize a amizade.

Ela tem um coração gigante e misericordioso, e não importa quantas vezes as pessoas tentem queimá-la, ela encontrou uma maneira de se elevar.

Daisy gesticula para Willow e Lily se juntarem a ela na pedra, e elas se aproximam enquanto Rose vem até mim rigidamente, frieza e preocupação se misturando em seu olhar aguçado.

Ela para ao meu lado. — Eu preciso de detalhes.

Eu preciso que ela fique feliz pela Daisy. Ela colocou muito da sua alma nesse fodido projeto, e esse é apenas o começo do acampamento. — Ela comprou a terra — eu digo rispidamente.

Dais tenta ajudar Lily, a puxando enquanto Willow empurra sua bunda para que ela alcance o topo. Lily Hale não tem força na parte superior do corpo.

— Eu ouvi isso — diz Rose, preocupação enrugando sua testa por dois segundos. — Quanto isso custou?

— Ela tinha a porra do dinheiro. — Eu estou tentando não ficar na defensiva. Eu sei que as perguntas de Rose vêm de um lugar de amor, mas ela tem que confiar em sua irmãzinha.

— Eu sei que ela tem o dinheiro — Rose sussurra, abaixando a voz. — Mas quanto ela está usando para construir *isso*? — Ela cruza os braços novamente.

Tudo. — Estamos bem — digo a Rose. — Eu guardo tudo que ganho nas escaladas...

— Isso vai acabar com o dinheiro dela, não é? — Rose pergunta, seus lábios se voltando para baixo. — Tudo o que ela ganhou modelando?

— Sim. — Ela ainda tem uma poupança e herança, mas o primeiro é como uma mesada e o segundo é imaginário, a menos que seus pais morram. — Se isso falhar e não tiver nenhum *lucro* no final, ainda poderei sustentá-la sem a ajuda de Greg.

Mas como a irmã mais velha protetora que ela é, Rose quer que Daisy seja capaz de se sustentar. Ela está em silêncio, e eu corro a mão pelo meu cabelo, tendo um vislumbre de Willow agora tendo dificuldade para subir na pedra. Tanto Lily quanto Daisy agarram cada braço e a colocam no topo.

— É um acampamento de verão? — Ela diz baixinho.

— Sim. Andar a cavalo, um lago, cabanas - tudo isso. — Eu observo Rose pensar sobre isso com uma preocupação imensa pela irmã que eu realmente entendo. Se fosse com meu irmão, acho que eu também faria essas perguntas. E eu esperaria que alguém me desse os detalhes reais. — Olhe para o rosto dela, Rose. Então me diga que ela cometeu um erro.

Rose não se mexe, seus teimosos olhos verde-amarelados em mim. — Por que ela não pediu meu conselho?

— Porque pela primeira vez em sua vida — eu digo, orgulho por ela me preenche, — ela sabia o que realmente queria. E ela não precisava de conselhos de ninguém para isso.

Seu rosto cai em realização e ela finalmente se vira. Daisy olha para o horizonte, os braços sobre os ombros de Willow e Lily, todas em pé na pedra, pitoresca e linda.

Seu sorriso ilumina a porra do sol.

Não há nada mais feliz no mundo do que esse momento.

Rose pode ver isso. Ela limpa uma lágrima que cai e coloca o cabelo sobre um dos ombros. — Não diga a ela que eu estava irritada. — Antes mesmo de eu responder, ela caminha até sua irmã mais nova em saltos altos de dez centímetros, o orgulho corando suas bochechas.

— Eu não vou — eu digo sob minha respiração.

É uma promessa que será fácil de manter.

< 20 >

DAISY CALLOWAY

Depois de um período de turbulência, o piloto anuncia que podemos deixar nossos assentos. Ryke e eu nos soltamos quase ao mesmo tempo, e com a expressão de *eu tenho vinte e sete anos e sei a porra do que eu quero,* Ryke aperta minha mão e me conduz pelo corredor. Para o banheiro.

Passamos pelos outros assentos de couro creme no jato particular do Connor Cobalt. Todo mundo está aqui para as nossas férias de Natal. Bem, todos, exceto nossos pais, mas considerando o que estou prestes a fazer, eu sou *muito* grata por meu pai não estar nesse avião.

Eu vejo Jane no colo de Rose, Connor arrumando um lindo laço em seu cabelo castanho enquanto Rose fala com seu bebê. As bochechas de Janie estão manchadas de choro, ela não é fã de aviões ainda.

Pelo menos não como Moffy, que está dormindo no peito do pai. Lo mantém a mão em suas costas e, ao mesmo tempo, rola a tela do celular enquanto lê uma revista em quadrinhos por cima do ombro de Lily. Willow decidiu voltar para o Maine apenas para o feriado, para ficar com sua irmã e mãe. E Poppy, Sam e sua filha de oito anos, Maria, montam um quebra-cabeça de art déco em uma mesa mais afastada do banheiro.

É difícil não focar nas crianças durante as escapadas de família. Às vezes me pergunto: *é assim que sempre será?*

Ryke e Daisy: a tia e tio legais sem quaisquer encargos ou responsabilidades. Sem pequeninos para criar ou cuidar. Esse pode ser o nosso título para sempre.

Ryke olha para mim por cima do ombro, seu exterior áspero nunca se abrandando. Concentro-me no momento e na dureza de sua mandíbula com a barba por fazer, o perigo em suas características masculinas. *Você sabe no que está se metendo estando comigo, Calloway?*

Sim. Sim eu sei.

Eu arqueio minhas sobrancelhas para ele, e ele se vira, não entrando na minha brincadeira. Eu gosto que ele não seja externamente desejoso por isso, mas mesmo assim misterioso. *O que você está pensando, Ryke Meadows?*

Ele abre a porta do banheiro e espera que eu entre primeiro, nem uma palavra passou entre nós por um longo tempo. O suspense toca meu núcleo, e eu o vejo fechar a porta, o espaço minúsculo e apertado. Enquanto ele caminha para frente, minhas costas pressionam contra a borda da pia.

Ele coloca uma mão em cada lado do balcão, me enjaulando. Elevando-se acima de mim. Olhando para baixo. Nossos quentes olhares se conectam enquanto eles descem lentamente uns sobre os outros. Eu levanto uma mão e roço seu ombro com meus dedos. Ele nunca recua ou derrete. Ele fica estoico, robusto.

Minha respiração falha, e eu puxo sua camisa ao mesmo tempo em que ele se inclina para frente, sua bochecha áspera deslizando contra a minha. Ele cutuca meu rosto para que eu levante meu queixo, nossos corpos se comunicando de maneira crua, prazer aquecendo minhas entranhas. Assim que eu levanto minha cabeça, seus lábios encontram os meus e nós devoramos um ao outro, nossas mãos em todos os lugares.

Tudo de uma vez.

Nós nos exploramos, tão carnais que eu me esforço para respirar. Ele levanta minhas duas pernas, minhas mãos segurando seu cabelo. As deles estão debaixo da minha camisa, depois

dentro do meu jeans. Ele o desabotoa. Eu belisco sua orelha. Ele encontra meus lábios e me beija mais forte.

Eu gemo contra ele, e seu corpo pressiona em mim, agora desabotoando minha camisa xadrez de fácil acesso.

Meus dedos se atrapalham com suas calças, e ele beija meu colarinho, seus lábios arrastando uma linha escaldante entre meus seios, abaixo da minha barriga.

Ryke fica de joelhos.

Eu estou sem fôlego, me apoiando nos cotovelos, apoiada na pia. — Eu tenho essa teoria — eu ofego. Ele tira a minha calça jeans e beija a linha acima da minha calcinha antes de subir novamente. Antes de colocar minhas pernas em volta em sua cintura.

Com minhas pernas abertas e apenas com calcinha branca de algodão, estou perfeitamente alinhada com seu pênis, mas ele olha para mim, esperando que eu declare minha teoria. Eu respiro pesadamente. — Eu perdi meu pensamento.

— Você perdeu, — ele ofega, sua voz baixa e profunda e extremamente atraente.

— Espera... achei. — Eu quase estremeço em seus braços e acabo apertando seus bíceps. *Eu amo esse homem.* Eu sou muito pequena contra ele, até mesmo nos meus 1,80 parece pouco perto dos seus 1,90m.

Sua mão faz a perigosa descida pelo interior da minha coxa, mas suas sobrancelhas duras e seu olhar escurecido ficam presos a mim.

— Minha teoria — continuo, — é que, se você faz sexo no ar, está um passo mais perto de alcançar o status divino.

Ele *quase* sorri.

Eu estou sorrindo mais por nós dois. — Zeus e Hera fodem nas nuvens, certo?

Ryke me dá um olhar de *que porra é essa* que eu aprecio. Eu amo tudo isso.

— Você quer se tornar um deus comigo? — Eu pergunto, correndo meus dedos pelo cabelo dele novamente.

Uma de suas mãos desliza pela parte inferior das minhas costas e me puxa para mais perto de seu corpo. Uma respiração aguda escapa dos meus lábios entreabertos, se dividindo em um grito curto e prazeroso. Eu me contraio, gozando mais rápido do que nunca. *Puta merda*

Ele diz — Eu não acho que foder no ar é como os deuses são feitos.

Eu tremo, meu peito subindo e descendo enquanto recupero o fôlego novamente. — Talvez devêssemos perguntar a Connor Cobalt. — *Ele é praticamente um deus.*

Ryke estreita os olhos pra mim. — Ei, Calloway?

— Sim?

— Não diga o nome dele enquanto estou fazendo você gozar.

Eu tento não sorrir. — E sobre bebês? — Eu ofego, ainda sem fôlego. — Posso falar sobre fazer bebês com você? — Eu procuro seus olhos que percorrem minhas feições, e ele coloca a mão na minha bochecha, segurando meu rosto.

É um sentimento de sonho. Fazer amor com a *esperança* de procriar. Nem toda vez foi selvagem, monumental e bem-sucedido - eu até pulei alguns dias por causa da dor. Mas é cheio de valor sentimental que nós não podemos ignorar.

Tem sido... *emocional*, tanto quanto físico.

Antes que ele responda, ele me beija fortemente, seu abdômen forte contra o meu corpo, e eu empurro minha cintura para mais perto dele e abaixo suas calças. Seus músculos se contraem e eu envolvo meus braços ao redor dele. Ele faz carinho na minha cabeça por um segundo e sussurra, — Todo dia, porra.

Fico feliz que ele ainda tenha alguma esperança, mesmo depois de um teste de gravidez fracassado e alguns *não*, com base na minha menstruação regular. Nenhuma dor durante o sexo, outra vantagem. O outro *cisto de chocolate* restante ainda não me venceu.

— Levante-se. — Ryke instrui, sua mão firmemente na minha bunda.

Eu não posso conter meu sorriso. Eu subo no balcão, um pouco instável. Eu tenho que virar minha cabeça um pouco, então eu não estou batendo no teto. Eu latejo mais de uma vez.

Ele segura meu quadril e minha perna para que eu não caia. Sua cabeça está perto do meu abdômen, e ele enfia a mão na minha calcinha antes de puxá-la para baixo. Ryke beija meu quadril antes de me pegar pela cintura, me colocando de pé mais rápido do que eu pensei que ele conseguiria.

Ele levanta minha calcinha, e um buraco se abre no meu estômago. Eu noto o olhar mais sério em seus olhos castanhos, e seu foco continua caindo na minha calcinha.

— O que? — Eu respiro e, em seguida, espio dentro dela. Eu noto algumas gotas de sangue imediatamente. Eu não deveria estar menstruada agora.

Ele beija minha bochecha, me abraçando mais perto, para que eu não enlouqueça. Eu fico meio assustada e meio chateada com o que parece ser um sangramento de escape.

— Tudo bem — ele me garante. — Quando pousarmos, ligaremos para o seu médico.

— Deve ser sangramento de escape… — Não é o suficiente para ser menstruação. Estou tensa e a preocupação está em todo o seu rosto. — Talvez devêssemos tentar ainda? Eu poderia estar ovulando hoje. A menos que você ache que é nojento...

— Você sabe que não é fodidamente isso — ele diz. Ele não quer me machucar.

Eu estou excitada, e desperdiçar esse momento parece errado. Ele deve sentir meu humor porque me beija novamente e gentilmente me coloca contra a pia.

Eu envolvo meus braços ao redor de seus ombros, e ele me levanta com sua força na parte superior do corpo e resistência incomparável. Apenas em cueca boxer verde escura, ele libera sua ereção e puxa parte da minha calcinha para o lado, empurrando lentamente dentro de mim.

Eu suspiro contra seu ombro na plenitude. — Ryke… — Eu olho para baixo. Ele está apenas na metade do caminho. *Ai Deus*. Eu balanço para frente e me contraio em torno de sua dureza. *Ahhh... ai meu deus.* Eu ofego, e ele empurra para frente, enfiando tudo.

Todo o caminho dentro. Meus dedos cravam nele, segurando como se ele fosse minha montanha russa. *Leve-me. Leve-me*.

Seu ritmo aumenta, criando suor em nossa pele, o atrito é tão incrível.

— Dais, — ele grunhe em um ponto, sua mão agarrando a pia por um segundo, os nós dos dedos brancos, antes de retornar as mãos ao meu quadril.

Parece tão...

Ai. Eu inalo nitidamente, a plenitude virando uma dor aguda. *Ai ai ai ai* — Aí — eu estremeço, inalando novamente.

— Porra. — Ele para imediatamente e examina meu corpo. — O que há de errado? Dais?

— Isso dói.

Ele penteia meu cabelo úmido para fora do meu rosto e então suavemente sai de mim, a dor não desaparece imediatamente. Ele coloca meus pés no chão e eu lentamente me sento no assento do vaso sanitário, tremendo um pouco.

Nenhum de nós gostou disso.

— Ei, do que você precisa? Fale comigo. — Sua preocupação cresce a cada segundo que fico quieta. Também devo estar pálida porque ele tira a camiseta, molha na pia e torce. Ele dá um tapinha com o tecido frio contra a minha bochecha e testa, se elevando sobre mim.

Eu fecho meus olhos, a frieza me acalmando um pouco. — Eu acho que eu me causei má sorte — sussurro. — O tempo todo eu estava praticamente me parabenizando pela falta de dor e as menstruações regulares... agora *isso* acontece.

— Você não causou a porra da *má sorte* — ele refuta.

Só de calcinha e camisa xadrez, eu sei que preciso me vestir, mas estou exausta. — Você promete que ainda vai fazer sexo comigo depois disso? Não hoje, quero dizer, só no futuro? — Não consigo ler as feições dele, então acrescento: — Não quero que você tenha medo de mim.

Ele estreita os olhos como se isso estivesse longe da verdade. — Eu nunca tive medo de você, amor. Essa porra não está mudando agora.

Eu sorrio fracamente. — Bom.

— Agora eu vou te ajudar a vestir a porra da sua roupa, e então eu vou carregar você pela porra dessa porta. Como isso soa?

Eu sorrio mais. — Bom *pra caralho*.

Ele bagunça meu cabelo e me deixa segurar sua camisa fria enquanto ele pega meu jeans do chão. Seus músculos das costas ondulam, especialmente quando ele pula em seu próprio par de calças e os fecha.

Ryke se vira e levanta as sobrancelhas para mim. — Você está fodidamente me observando, Calloway?

— Tanto quanto você me observa.

Ele realmente sorri, mas desaparece com a visão da minha calcinha. — Você consegue ficar de pé?

Eu assinto com a cabeça e me levanto. Ele verifica o tecido mais uma vez, sem mais sangue do que antes de fazermos sexo.

— Se fôssemos as duas últimas pessoas na Terra, você acha que poderíamos sobreviver? Só você e eu. Sem médicos por perto para nos salvar.

— Ver você dolorida de qualquer forma não está na porra da agenda. Com médicos ou sem médicos. Últimas pessoas na Terra ou cercadas por *milhões* - eu não dou a mínima. — Ele me ajuda a entrar no meu jeans.

— Eu acho que é o máximo que você disse o dia todo.

Ele me mostra o dedo do meio.

Eu rio, me sentindo melhor. Estou dolorida, de um jeito diferente do normal, mas tenho quase certeza de que é apenas o cisto de chocolate buscando vingança contra mim.

Eu vou te pegar na próxima vez. Antes de você me pegar.

Ele abotoa minha camisa enquanto olhamos nos olhos um do outro. Eu fico na ponta dos pés e o beijo. Ele me beija de volta e, em seguida, rapidamente me levanta em seus braços, embalando meu corpo.

Eu pressiono as costas da minha mão na minha testa e finjo desmaiar. — Como eu vou recuperar a consciência novamente? — Eu estico minha mão para o rosto dele. — Farmacêutico, o re...

Ele bate na minha mão para longe, habilmente me mantendo em seus braços antes de escorregar o braço por debaixo dos meus joelhos mais uma vez.

Eu suspiro. — Você é um horrível farmacêutico. Essa é a *segunda* vez você me negou um final feliz.

— Então eu fiz o meu fodido trabalho direito.

— É?

— É, — ele diz, — você não está morrendo enquanto estiver comigo. — Então ele abre a porta e ficamos cara a cara com um rapaz que conhecemos hoje.

Enquanto eu ainda estou firme nos braços de Ryke, ele está mandando um olhar furioso que diz *volte para porra de onde veio* a esse cara novo.

Tudo o que posso pensar: quanto meu novo guarda-costas ouviu?

< 21 >

RYKE MEADOWS

Price Kepler.

Esse é o fodido nome dele. Mantive a mente aberta sobre o novo guarda-costas da Daisy nas últimas três horas, mas agora que ele está fisicamente bloqueando minha porra de caminho e ouvindo do lado de fora da porra do banheiro - para não mencionar que estou segurando Daisy em meus braços - estou começando ter um grande problema com ele.

Adicione esses fatos:

1. Greg Calloway o contratou.

2. Ele está com os cabelos penteados para trás, castanhos claros e compridos, rosto delicado e gentil, e ostenta uma camisa social azul-escura combinada com calça preta. Limpo. Um corpo decente. Nada como eu, mas algo que Greg iria bajular em um piscar de olhos.

3. Ele tem vinte e dois.

O pai de Daisy contratou um guarda-costas perto da idade dela. Ele é *cinco anos* mais novo que eu. O dia todo meu instinto disse que algo estava errado com Price. Ele está pairando em volta de Daisy como se o ar a infectasse. Agora isso. Eu não acredito em coincidências com muitos fatores.

— Está tudo bem? — Ele pergunta a Daisy, seus olhos cinzentos nos varrendo e fixando na minha camisa molhada em sua mão.

— Indubitavelmente. — Daisy lhe oferece um sorriso enquanto balança as pernas. Ela tem o hábito de cortar a tensão antes de começar, mas eu não estou pronto para deixar esse cara sem questionar.

Ele muda seu peso de um pé pro outro. — Parecia que você estava ferida.

— Dor de estômago, — ela mente com facilidade e toca sua barriga. — Eu comi salada de atum essa manhã. Má escolha.

Price finalmente encontra meu fodido olhar. — É apenas o meu trabalho. Estou tentando cuidar dela. Proteger e servir.

— Ela estava na porra do banheiro comigo, — eu digo categoricamente, controlando minha raiva que ferve minhas veias.

— Eu sei.

Você tem que estar brincando comigo, porra. — Então do que você está protegendo ela? Estamos em um fodido *avião*.

Daisy diz baixinho, — Com fodidas *serpentes*.

Minhas sobrancelhas franzem para ela. *Que porra é essa?*

— *Serpentes a Bordo?* Samuel L. Jackson? — Ela pergunta. — Nada. Não está soando familiar para você?

— Não.

— Oh, Ryke. — Ela balança a cabeça com um sorriso largo.

— Esse filme parece horrível pra caralho.

Price diz — Realmente, não é bom.

Daisy ofega dramaticamente. — Que golpe baixo, Price Kepler, já está falando das minhas escolhas de filmes. A próxima coisa que vai dizer é que nunca assistiu *A Pequena Espiã.*

— O que é isso? — Ele se vira para mim em busca de respostas, mas toda essa troca entre eles solidificou minha porra de ossos, e estou pronto para acabar com isso.

Daisy provavelmente sente o meu aborrecimento porque ela se adianta, deslizando para fora dos meus braços. Ela balança contra mim por um segundo, e eu mantenho a mão em seu quadril.

Price realmente se aproxima, o que a Daisy *não* quer, porra. Por mais difícil que seja para mim, eu de bom grado a solto. Ela gesticula para os assentos de couro. — Vou me deitar por um segundo.

— Cookies ou salgadinhos? — Eu pretendo pegar um lanche antes de me juntar a ela depois.

Seus lábios se levantam. — Ambos.

Eu beijo o topo de sua cabeça antes que ela se afaste, e quando Price tenta segui-la, eu o agarro pela parte de trás da camisa e puxo-o para mim.

Ele se endireita, olhos cinzentos voando *atentamente* entre Dais e eu. — Vou pegar os cookies e salgadinhos...

— Não, — eu forço. — Isso não faz parte da descrição da porra do seu trabalho. — Ou faz? Não faço ideia do que Greg Calloway disse a Price. Parte de mim sente que esse é o teste final. Talvez o pai dela ainda não confie em mim tanto quanto eu pensei que ele fizesse.

— Estou aqui para ajudar, — diz ele, meio sincero, meio agressivo. — Sou um segundo ou terceiro par de mãos. Caso vocês dois precisem de mim.

— Essa é a coisa, você *tem* que dar a ela algum fodido espaço.

Ele suspira como se isso fosse desconfortável para ele. — Eu tenho que fazer o meu trabalho aqui. Eu não vou apenas sentar em um canto. Se algo acontecer a...

— Eu não acho que nós nos apresentamos corretamente. — Connor Cobalt interrompe Price ao meu lado, um copo de vinho tinto na mão.

— Price Kepler, — ele cumprimenta. Seu nome parece que ele vem de uma família aristocrática. Ninguém mais acha isso estranho pra caralho?

Observo Price apertar a mão de Connor e fazer contato visual mais do que a maioria das pessoas. Eu corro minhas mãos pelo meu cabelo, pronto para fodidamente pousar já. Ligar para o médico da Daisy. Eliminar algum estresse, já que não posso eliminar esse cara.

— Você parece muito benigno para um guarda-costas.

Price franze a testa. — Muito o que? — Eu não posso dizer se ele realmente não entende a palavra ou se ele não entende porque Connor o chamaria assim.

— Benigno. Não maligno. *Inofensivo*, — responde Connor. Eu quase espero que ele explique a origem de cada palavra. — Em outras palavras, você é mais baixo e mais jovem do que qualquer um dos nossos outros guarda-costas. Também um pouco menos forte. — Ele nunca elabora o que isso poderia significar ou por que Greg o contratou de todas as pessoas do caralho.

— Eu posso ser jovem, mas sou bom no que faço.

— Isso ainda precisa ser visto e pode depender da definição de *bom* que estamos usando. Sua ou minha. — Connor toma seu vinho, sua aura arrogante nublando meu espaço.

Ainda assim, estou um pouco feliz por ele ter se intrometido nisso. Não está tudo só na minha cabeça.

Connor continua: — Embora seja difícil para mim concordar com alguém que prefere renunciar às conveniências modernas para poder beber leite direto da embalagem — estreito os olhos para ele; esqueça tudo o que eu acabei de pensar — Ryke tem razão.

Ou não.

— Estamos em um avião — diz Connor, com mais calma e eloquência do que eu. — A menos que uma das irmãs de Daisy se torne homicida nas próximas três horas, ela ficará segura enquanto você se senta com os outros guarda-costas.

Price range os dentes, o rosto rígido e tenso. Ele assente com a cabeça uma vez antes de ir para a parte de trás do avião, passando por cortinas azuis para o outro lado com sofás.

— De nada — diz Connor.

Eu reviro meus olhos. — Eu estava lidando com isso, porra.

— Nada bem.

Estou frustrado demais para brincar ou até entretê-lo com palavras. — Foda-se.

Connor termina seu vinho com um grande gole. Ele coloca o copo em uma mesa vazia perto da janela. — Enquanto estamos negociando favores…— Ele levanta as mangas de sua camisa social branca. — Desde o momento em que você foi ao banheiro para fazer sexo...

— Eu estou tentando engravidá-la, — eu digo baixo e mais rudemente do que o habitual.

— Eu percebo isso. — Sua voz é mais calma, e ele examina meus músculos faciais e postura por muito tempo.

— Pare de me analisar como um fodido psicólogo — sussurro em um grunhido.

Connor pisca como se a frase fosse mais irritante para ele do que eu sequer percebo. — Meu cérebro tenta retaliar cada vez que você insere *fodido* antes de uma palavra real. — Ele acrescenta: — Daisy está bem?

Ele vê minha preocupação. — Eu não sei — respondo honestamente. — Veremos.

Eu não dou a ele mais do que isso, e é a vez de ele revirar os olhos, o que ele normalmente só faz na minha presença. — Como eu estava dizendo antes, desde que você foi para o banheiro, Lo esteve na cabine de trás. — Ele faz uma pausa enquanto a minha adrenalina sobe. — Ele está no telefone com a Hale Co. e eu não consigo fazer com que ele termine a ligação.

É uma grande admissão para Connor e meus músculos se tensionam novamente. Sem sequer uma pergunta, eu rapidamente ando pelo corredor. Nós tínhamos uma regra para a viagem. *Sem trabalho.* Todos deveriam delegar seus deveres a seus assistentes e assessores antes de partirmos.

São as férias de inverno, e se Loren e Lily não puderem descobrir como administrar seus negócios e passar um tempo com Moffy e sua família agora, talvez nunca encontrem equilíbrio.

Connor acompanha meu ritmo.

— Você tentou arrancar o celular da mão dele? — Eu pergunto.

— Eu não vou fisicamente arrancar um celular de seus dedos. Eu pedi gentilmente, e isso não pareceu funcionar. Então achei que você seria útil. Seu linguajar é mais incivilizado que o meu. — Ele sempre me obriga a fazer isso com Lo. Ele não suporta arruinar a amizade deles, então ele me dá essa merda.

— Estou farto pra caralho de ser o cara mau aqui. — Eu deslizo através das cortinas, os guarda-costas todos conversando nos sofás, algumas jogando cartas.

Eles olham brevemente para nós, mas não dizemos uma palavra. Eu abro a porta da cabine, não deixando muito tempo para Connor responder em privacidade. Então ele fica quieto.

Eu imagino que vou ver meu irmão andando de um lado para o outro. Virando seu anel de casamento. Um celular no ouvido, alternando agressivamente entre olhar para o teto e condenar o tapete com seus olhos âmbar.

Quando Lo fica totalmente à vista e a porta se fecha atrás de nós, estou... chocado.

Ele está sentado na cama queen size, um grande bloco de brinquedo e letras maiúsculas multicoloridas espalhadas no edredom azul-celeste. Seu filho está deitado de bruços ao lado dele, pegando vários blocos com interesse.

— Tente esses, homenzinho. — Lo passa algumas letras para Moffy. Quando meu irmão nos nota, seu olhar se estreita em Connor. — Sério? Eu pensei que você fosse o esperto, amor. Eu te

disse que estava bem. — Ele mexe no cabelo castanho escuro de Moffy. — Paul O'Hare estava apenas sendo um idiota indefeso.

— Idiota! — Moffy ri animadamente e empurra a letra L em seu encaixe de tamanho correto.

Lo se encolhe. — Eu deveria ter imaginado isso.

Eu me viro para Connor, irritado, ele me assustou por nada. Lo está bem... mas Connor está focado no canto da sala, não em mim. Sua expressão é vazia, feita para impedir que as emoções passem.

Eu sigo o seu olhar de qualquer maneira.

Lily está sentada de pernas cruzadas no chão. Não há cadeiras nesse quarto, apenas a cama, e ela estreita os olhos para o livro em suas mãos. Eu reconheço a capa - o mesmo livro que ela presenteou Connor para o Natal. O mesmo que ele retornou com suas anotações. *Crônicas de Nárnia.*

Ela se concentra no texto, nos evitando.

O cômodo é pequeno, mas ela ainda é a Lily. E ele ainda é Loren. Eles estão quase sempre ao lado um do outro, lado a lado, esmagados com os braços emaranhados por toda parte. A cama queen-size é grande o suficiente para ela ficar normalmente ao lado do marido e do filho.

É tão estranho. Ver ela no chão.

— Vocês dois podem parar de olhar para mim — ela diz suavemente, nunca levantando a cabeça. — Eu posso sentir seus olhos… ou eles queimando em mim. O que quer que vocês chamem isso... — Ela ergue o livro um pouquinho para cobrir o rosto que fica vermelho de vergonha.

Meu estômago desaba. — Que porra você está fazendo no chão? — Eu pergunto.

— Ficando longe de Lo. — Então ela deixa cair o livro em seu colo e o fecha suavemente. Um segundo passa antes que ela ganhe a força para encontrar meus olhos. — Sei que tínhamos toda essa regra de 'delegação' antes de sairmos, mas a pessoa a quem deleguei meu trabalho decidiu fazer uma viagem de última hora a Vegas. Por isso, estava no celular com *cinco* estagiários de marketing da Halway Comics para ver se um deles pode lidar com os anúncios de fim de ano de Vic Whistler em *Quarto Grau*. Estou colocando minha fé em um grupo de universitários que não estão sendo pagos e que eu nunca conheci.

Seu rosto fica mais vermelho com o pensamento, só que desta vez eu posso dizer que está irritada.

— Vou foder com isso, — ela diz, — eu sei. Só tenho que ficar longe de Lo um pouco, porque a única coisa que soa bem agora é sexo. — Ela não cora com a palavra. — E eu estou bem ciente de que não posso me automedicar com sexo quando sinto que tudo está fora de controle. Então... aí está. — Ela solta um último suspiro.

Eu nunca a vi admitir ter desejos. Não completamente. Não diretamente assim ou honestamente. Não para uma sala cheia com Connor, Lo e eu.

Eu vejo a força dela. Mesmo que ela se sinta uma merda agora. Eu vejo isso.

— Se isso faz você se sentir melhor, — eu digo a ela, — eu fiz sexo no avião com Daisy, e seu novo guarda-costas nos ouviu.

Ela se esforça para não sorrir. — Não…

— Porra, sim. — Eu corro a mão pelo meu cabelo novamente. — Esse dia só me fode - e não do jeito bom.

Ela sorri de verdade. — Ele não tem... vinte e três anos?

— Vinte e dois — corrige Connor.

Eu aperto meus olhos, cansado de olhar furioso para ele e para o chão e tudo mais. Eu me sinto como meu irmãozinho. — Por que Greg o contrataria?

— Porque é o Greg, — Lo diz da cama. — Ele contratou um pervertido nojento para ser o terapeuta da Lil sem saber. — Eu me lembro disso.

Lily balança a cabeça rapidamente. — Ele *realmente* se sentiu muito mal com isso. Ele até pediu desculpas para mim, e eu não acho que ele cometeria o mesmo erro duas vezes.

— Isso ainda tem que ser provado, — diz Connor, inclinando um braço contra a parede, os tornozelos vagarosamente cruzados.

Lo deixa escapar uma risada curta e seca. — É por isso que você não é o genro favorito dele. — Ninguém diz a verdadeira razão pela qual Connor caiu do pedestal de Greg.

Greg Calloway chegou a um acordo com o fato de que Connor dormiu com homens em seu passado, mas as notícias infelizmente prejudicaram como Greg o vê. Não prejudicou o jeito que eu o vejo. Ele ainda é o babaca de bilhões de dólares que eu sempre odiei e amei.

— Ele está me testando. — Eu estendo meus braços. — Eu sei disso, porra. Estou prestes a casar com a filha dele, então ele contrata um jovem guarda-costas que pode tomar o meu lugar. Talvez ele pense que eu vou ficar com ciúmes e levar sua filha embora ou talvez ele pense que Dais vai me trair - qualquer coisa para mostrar como não estamos preparados para esse compromisso.

Não acredito que qualquer uma dessas coisas aconteça, mas a incerteza das motivações de Price é um estresse que *nenhum* de nós precisa.

Todo mundo fica quieto, e então Lily levanta a mão.

— Nós não estamos em uma sala de aula, amor, — diz Lo com um sorriso crescente. Ele a olha como se quisesse se juntar a ela no canto - só para estar mais perto.

— Estava muito quieto, — resmunga Lily. Ela faz essa coisa de jogar o cabelo que Rose faz com mais gosto. Nos cabelos curtos da Lily, é cômico, mas talvez mais cativante. — Eu tenho uma teoria alternativa. — Ela limpa a garganta. — E se ele for um espião?

Lo começa a rir primeiro.

Lily franze a testa. — Ei! É um bom palpite. — Dais provavelmente pensaria assim também. Ela quase coloca as mãos nos quadris, mas elas caem no colo. — Pense nisso. Papai não está perdendo apenas Daisy. Ele está perdendo todas nós. Rose, Poppy e eu também. Estamos viajando juntas, construindo famílias e com os fãs contra nós, talvez ele sinta que está no escuro. Ter alguém como Price seguindo Daisy por perto é uma boa desculpa para ficar de olho em nós.

Porra.

Eu me agacho por um segundo, nó no peito - só esperando que ele não tenha escutado nossa conversa no banheiro. Se ele estiver espionando, ele contará tudo para Greg.

— O que aconteceu? — Lo me pergunta, preocupação em sua voz.

Eu me levanto e esfrego minha boca. — Dais e eu estávamos conversando sobre fazer bebês no banheiro, e Price estava do lado de fora da porta.

— Fazer bebês? — Lo olha para mim como se eu tivesse sido sequestrado. — Quem diz isso assim?

— Ele está adotando o jargão de sua noiva, — explica Connor.

Eu mostro os dois dedos do meio para eles.

Lo levanta a mão agora, o que faz com que Lily tenha um sorriso completo. Ela abraça o livro contra o peito, provavelmente para evitar de se lançar para a cama.

— Um problema com Greg Calloway, — diz Lo. — Quando ele se importou com o que qualquer uma de suas filhas está fazendo? — Ele olha para sua esposa. — Ele sempre esteve no escuro, Lil. E sim, os fãs nos odeiam agora, mas a mídia sempre foi louca assim. Não mudou muito. Greg ainda é um maldito sentimental sem noção.

— E você é o favorito dele, — diz Connor. — Eu acho que isso diz mais sobre o caráter de Greg que do meu.

Fantástico pra caralho. — Então, qual é a sua teoria? — Eu pergunto a Connor.

Ele arqueia uma sobrancelha, mas não diz nada, e percebo que ele não vai "compartilhar sua sabedoria" comigo. Porque eu a rejeitei na última vez no consultório do médico de fertilidade.

Eu não estou curioso o suficiente para força-lo e implorar por isso. Mesmo que ele tente amenizar minhas preocupações dizendo, *provavelmente não é nada,* eu nem tenho certeza se acredito nele. Ou se ele disser, *ele provavelmente está espiando por Greg* ou *ele está aqui para testá-lo*, eu ficaria louco pra caralho com o conhecimento.

Provavelmente é melhor que ele mantenha sua "sabedoria" só para si.

Não estou mais perto de saber o que Greg quer com Price. Eu não posso simplesmente demitir Price e contratar um novo guarda-costas para Daisy. A base sólida que construí com Greg seria esmagada com o ato.

Eu só tenho que ser cauteloso com Price.

E rezar para que ele não esteja aqui para nos foder.

< 22 >

DAISY CALLOWAY

— Neve! — Moffy grita alegremente, com os joelhos e as mãos no chão, antes que seus pais possam o levantar em seus esquis. Aninhado em tantas camadas, ele anda pela estação de esqui do Lago Tahoe como um pinguim fofo. A área estéril é basicamente plana para crianças pequenas aprenderem a ficar de pé, não preparadas para a pista de esqui para iniciante.

Ou realmente qualquer pista. Moffy e Jane são jovens demais para estar em uma aula de esqui.

— *Boas, boas, boas.* — Jane canta, tentando dizer *botas*. Mesmo que ela tenha aprendido uma tonelada de palavras aos dezoito meses, ela tem dificuldade em pronunciar o "t".

Jane está sentada, acariciando suas botas, sem esquis como Moffy.

Ryke e eu colocamos nossas pranchas perto da descida, a poucos metros atrás dos bebês e dos pais deles. Nós geralmente corremos para as montanhas cheias de sinais como *Perigo: Não entre! VOCÊ VAI MORRER!*

Brincadeira.

Não somos tão destrutivos, porém gostamos de fazer *snowboard* em trilhas de diamante negro, mas nunca vimos os bebês esquiarem antes. Nós dois queremos testemunhar esse momento histórico.

Lo se inclina para o filho, apertando seus esquis enquanto Connor coloca os da Janie.

Eu inclino meu quadril contra Ryke e aposto: — Cem no Moffy.

— Janie tem isso, — Ryke conclui.

— Vocês estão apostando nas crianças de novo? — Lily pergunta, estreitando os olhos para mim através dos flocos de neve caindo. Ela puxa o gorro Wampa branco e fofinho que combina com o pequeno na cabeça do Moffy.

— Eu? — Eu tento dizer inocentemente, mas eu bocejo em minha jaqueta de esqui, listrada com rosa brilhante, laranja, verde-limão e azul. Lo me chamou de doce de criança. Tomei isso como um elogio.

O gorro preto de Ryke cobre o seu cabelo, óculos de proteção na testa. Sua preocupação brilha em mim por um milésimo de segundo, e meu celular vibra no meu bolso.

— Sim, você. — Lily pousa as mãos nos quadris, em modo investigativo. — Eu te ouvi. Você disse... — Ela pensa muito, mas não consegue lembrar minhas palavras exatas. — Você disse *algo.* Eu sei que você disse algo. — Ela assente com a cabeça.

Eu amo minha irmã e não consigo parar de sorrir. — Depende se o Moffy vai se levantar em seus esquis primeiro — eu digo a ela. — Então, estamos totalmente apostando neles.

Ryke coloca meus óculos sobre meus olhos, e eu quase rio, mas lembro que tenho que ler minhas mensagens. Há cinquenta por cento de chance de ser Harper ou Cleo inundando minha caixa de entrada.

Meus lábios se retraem e eu removo minha luva, clicando no meu celular.

Se você precisar conversar novamente, não hesite em me ligar durante as férias. Estou sempre livre. - Frederick.

Mensagem antiga. A nova:

Eu não posso determinar se o cisto está crescendo sem um ultrassom. Não é algo que deve arruinar suas férias. Espere até você voltar para a costa leste e verificaremos. - Dr. Yoshida

Por telefone, ele me disse: — *Provavelmente é um pouco de sangramento de escape do cisto. Nada para se preocupar*. — Ontem à noite, meio que me atormentou, e eu mandei uma

mensagem para ele, perguntando se o cisto estava aumentando.

Ele está dizendo que não é urgente, então eu só preciso compartimentalizar isso e deixar cair no esquecimento por enquanto.

A voz gelada de Rose de repente interrompe meus pensamentos. — Você não está apostando na Jane? — Eu ouço a careta em suas palavras.

— Eu estou. — Ryke acena para ela.

Rose estreita os olhos para *mim* como se eu tivesse traído a irmandade.

Alegremente, eu declaro minha lealdade: — Eu sou Time Lily por enquanto, mas Time Rose mais tarde.

Lo me dá um olhar lateral afiado. — Suave.

Eu diria que Rose pensa assim, mas a neve a desviou totalmente das coisas de irmandade e planos de vingança contra Loren Hale. Ela literalmente fica tirando os flocos de neve dos cadarços de suas novas e ousadas botas vermelhas. Eu me pergunto se o estresse das férias a deixou mais ansiosa ou se é outra coisa.

Vendo seu TOC chamejar cria um buraco no meu estômago.

— Ei, Rose. — Eu dou um sorriso largo quando ela encontra meus olhos. — Eu gosto da cor vermelha que você escolheu.

— Eles estavam sem preto, — ela estala e, em seguida, se agacha para arrumar os cadarços de suas botas.

— Que pena, — diz Lo, fechando o esqui de Moffy. — Agora suas botas *não* combinam com seu coração.

Ela rosna e amarra seus cadarços. Eu sinto falta dos seus retornos de fogo.

Connor observa sua esposa por um segundo, mas Jane joga seu corpinho em seu pai como se ela estivesse pulando de um trampolim. Ela grita com um riso e chama a atenção de Connor imediatamente.

Ele a levanta.

— Abraço, — ela sorri, suas bochechas avermelhadas pelo frio.

O sorriso dele combina com o dela. — Obrigado, querida. — Ele beija sua testa antes de colocar seu traseiro de volta na neve. Então ele pode colocar seus esquis.

— Porra, — Ryke resmunga. Ele está espiando por cima de seu ombro para o alojamento, cafés, fogueiras e teleférico de onde acabamos de sair. A cerca de seis metros de nós, nossos guarda-costas bloqueiam nossa pequena área, não deixando ninguém se aproximar de nosso grupo.

Price se distancia da frota, aproximando-se de nós.

Ryke não está feliz com isso.

Se a mídia ainda não descobriu onde estamos, provavelmente descobrirão dentro de uma hora, por isso precisamos nos apressar. Capturar uma foto de Moffy e Jane esquiando é digno da primeira página de um tablóide, e todos querem que isso seja uma experiência agradável para eles.

O que significa sem lentes contra seus rostos ou jornalistas gritando perguntas em seus ouvidos.

— Eu estou bem! — Eu grito para Price e dou-lhe um sinal de positivo.

Price hesita mais a meu comando do que Ryke, que está fervendo ao meu lado. Irradiando calor. Sua linguagem corporal tensa e fechada diz o suficiente.

Eu ainda não tenho uma opinião sobre o Price, além de que ele não é nada como Mikey, que era mais amigo e menos *pai*.

Eu odeio fazer isso, mas eu afasto Price com o aceno da minha mão, adicionando um sorriso apologético com o movimento. Ele pega a sugestão e se afasta com a frota.

Ryke está imóvel.

Eu coloco uma das minhas palmas nas bochechas frias dele. Apenas a cabeça dele mexe, apenas para olhar para mim. Meu noivo é uma estátua de pedra. Não como Adônis. Ryke é o javali que matou o deus mais divino da mitologia grega, matando todas as coisas bonitas.

Então ele puxa meu gorro branco sobre meus olhos.

— Ele se move! — Eu levanto o gorro, e Ryke me mostra o dedo do meio. Com o celular já na minha mão, eu tiro uma foto, imortalizando o *vai se foder* dele pra mim.

Tanto amor.

Suas sobrancelhas se levantam. — Sério, Calloway?

— Tão sério quanto torta de abóbora, — eu digo como se fizesse todo o sentido do mundo. Na verdade, faz zero sentido, talvez seja por isso que eu gosto tanto. Eu repito minhas palavras na minha cabeça e uma risada sai em voz alta, minha respiração fazendo fumaça no ar.

Ele me dá uma olhada. — Que porra é tão engraçada?

— Torta de abóbora. — Eu aperto minha cintura, um ponto no meu lado, e eu rio de novo.

Ele de repente rouba meu celular e tira uma foto, digitando também. Assim que eu recupero a compostura, ele joga o celular de volta para mim.

Eu consigo pegá-lo, e minha risada se acalma enquanto eu curiosamente vejo a tela.

O Instagram dele aparece, ambas as fotos postadas lado a lado com a legenda: *minha futura esposa #amor #tortadeabobora*

Meu peito incha porque Ryke não gosta de redes sociais, a não ser que eu o lembre.

O vento chicoteia, esfriando meu nariz. — Ryke...

— CALLOWAYS SÃO PÉSSIMAS! — Grita alguém de longe, sua voz carregada com o vento e roubando meus pensamentos e o momento.

— Adorável, — murmura Rose, colocando seu cabelo castanho brilhante sobre um ombro. Ela examina diligentemente seus arredores enquanto Connor levanta Janie em seus esquis.

Ryke observa a área com um olhar sombrio também. — Você pensaria que eles iriam fodidamente se acalmar por agora.

— Eu não sei, — diz Lily, ajudando Moffy a subir em seus esquis com Lo. — Se eu amasse *Princesas da Filadélfia* tanto quanto eu amo *X-Men*, então eu acho que talvez entenderia quão chateados eles estão. Tipo, se a *Marvel* decidisse parar de escrever *X-Men* ou parasse de fazer filmes sobre mutantes, eu poderia me revoltar.

— Sim, amor, — diz Lo, — mas nós não dirigiríamos até a *Marvel* e começaríamos a chamá-los de nomes feios. — Moffy se agita no aperto deles, tentando se libertar. Eles não estão prontos para deixá-lo ir ainda.

Lily fica boquiaberta por um bom tempo.

Lo suspira. — Ok, talvez eu faria isso. — Ele faz um gesto para a multidão que se forma atrás de nossos guarda-costas. — Mas *isso* é excessivo. E sem ofensa para vocês, meninas Calloway, mas vocês não são legais o suficiente para provocar esse tipo de reação.

Meu queixo cai com Lily e Rose. Somos irmãs. Irmãs são legais de natureza por serem *irmãs*.

Rose fecha a boca rapidamente para estreitar os olhos para ele. — Eu me ofendo com isso, *Loren*.

Estou tão feliz por ela ter respondido ele, ao contrário do silêncio dela antes. Eu me envolvo, — Eu também. — Eu tento não sorrir com a minha declaração, mas é tão poderoso que quase força meus lábios para cima.

— Eu também. — Lily assente com a cabeça.

Lo zombeteiramente coloca uma mão em seu coração como se ela o tivesse perfurado. Ela está muito ocupada se concentrando em Moffy para ver a reação dele.

— Mamãe, — ele reclama. Se ele soubesse as palavras *me solta*, aposto que ele as diria agora. Eu amo o quão protetores e atenciosos ambos Lily e Lo são com seu filho. Lily está com medo de que ele caia, mas ela relutantemente solta seu aperto depois de Lo. Connor retira as mãos de Janie, e as duas crianças imediatamente caem em suas bundas.

É tão fofo, especialmente porque nem Moffy nem Jane choraram ainda. Meus olhos brilham, felizes pela monumental primeira vez deles. Eu aprendi a engavetar os sentimentos mais sombrios, a tristeza silenciosa. Eu não quero nunca os anexar à minha sobrinha e sobrinho.

Ryke me observa, e quando eu me viro para ele, tantas coisas passam rapidamente em seu olhar: reverência, amor e dor.

— O quê? — Eu pergunto.

Seus músculos se contraem em sua mandíbula. Ele não consegue encontrar a palavra para o que ele sente. Mas eu consigo. *Eu sei*. Ele é um consertador, e ele não pode me dar um bebê como uma xícara de chocolate quente, uma camisa, um abraço ou um beijo.

Isso não tem uma solução fácil e o mata.

Antes de um caroço subir para a minha garganta, ele empurra o meu braço de brincadeira.

Eu empurro seu braço para trás, mais forte do que seu empurrão para mostrar que eu estou falando sério.

Ele balança e depois me dá outro olhar. — Você sabe com quem você está fodidamente brincando, Calloway?

Eu me aproximo dele. — Um grande… lobo… mau.

Ele coloca a mão no meu peito como se ele fosse me empurrar. Meus olhos brilham como se dissesse *sim*, *por favor, faça isso*. *Envie-me voando para a neve.*

— VOLTEM PARA FILADÉLFIA! — Alguém grita, fazendo com que nossas cabeças se virem para nossos guarda-costas novamente.

Um cartaz rabiscado lê: *Rainhas da Filadélfia! FAÇAM PELO SEUS FÃS!!!*

Ryke tirou a mão do meu peito, mas o braço dele desliza pelos meus ombros, me abraçando. Pequenos momentos entre nós estão tomando desvios por causa das crescentes massas. Eu me pergunto o quão diferente hoje seria se eles fossem menos vocais.

Lily percebe o cartaz também. — Vocês já pensaram em talvez fazer outro reality...

— Não, — todos dizem juntos.

Rose limpa a jaqueta de Jane. — Não se preocupe com eles. Eles estão tentando puxar as cordas do seu coração. É o truque deles. — Ela então *sorri* para a filha que tenta se levantar sozinha.

— Rose é obviamente imune, visto que ela não tem alma. — Lo fala.

— LOREN! — grita um guarda-costas. Soa como Garth.

Todos nós nos movemos em direções diferentes, e eu me concentro principalmente na segurança dos bebês, enquanto as mãos de Ryke protetoramente se apertam nos meus ombros. Eu tento não temer o que não posso ver.

Lo e Connor levantam seus filhos em seus braços e eu olho para todos os lados procurando a fonte do pânico de Garth. Parte da frota de guarda-costas bloqueia as multidões, mas Price corre em minha direção, o vento avermelhando suas bochechas.

Eu instintivamente olho para os meus pés procurando Coconut, mas lembro que a deixamos na Filadélfia para essa viagem. Então, com o canto do olho, vejo uma figura *em alta velocidade* em nossa direção. Esquiando pela encosta da montanha, com o rosto coberto por roupas de inverno, ele segura... algo em sua luva.

Eu recuo instintivamente, encontrando o corpo duro de Ryke. Ele me empurra para trás, para que ele enfrente o esquiador, mas percebo Rose tentando ajudar Lily na neve.

Ela deve ter caído, e Lily se esforça para ficar de pé em sua jaqueta grande e calças.

Rose quase tropeça nela. — Pegue minha mão — Rose diz a Lily.

Minhas irmãs.

O esquiador está indo para minhas irmãs.

Minhas pernas congeladas ganham mais vida e tento caminhar na direção delas. — Rose! — Eu grito, me sentindo pesada com a neve profunda, mas percebo que Price está segurando a parte de trás do meu casaco.

Solta.

Ryke passa por mim para ajudar. Rose está na linha direta de fogo, o esquiador derrapando em direção a ela. Eu acho - não, eu sei. Ela está protegendo a Lily. De propósito.

— ROSE! — Connor grita, e é quando eu sei que é tarde demais.

O esquiador mascarado arremessa um objeto em sua cabeça e uma substância branca e calcária explode no rosto dela. Rose acena as mãos em frente as suas bochechas como se ela precisasse limpá-las, mas teme espalhar mais o pó. Seu estado frenético e congelado cai contra meus pulmões.

Lily começa a ajudar Rose desesperadamente a limpar com a manga e a neve, os olhos da nossa irmã mais velha apertados dolorosamente.

Connor corre até Rose com Jane, enquanto o esquiador passa direto por nós sem a intenção de jogar mais nada. Os olhos do esquiador encontram brevemente os meus e eu juro que há um sorriso neles.

Algo furioso e doloroso se quebra dentro de mim. Eu vou para cima dele, saindo do aperto de Price. — NÃO MACHUQUE MINHAS IRMÃS! — Eu grito, agarrando punhados de neve no meu caminho até ele. Eu jogo bolas de neve que se deterioram antes do impacto.

Ele vai ficando longe e vai embora.

— VOLTE AQUI! — Eu quero machucá-lo como ele a machucou, e esse *ódio* estranho passa por mim. Ele pega, queimando minha garganta crua com o frio. Eu jogo mais bolas de neve enquanto alguns guarda-costas o perseguem também.

Alguém me pega. Enquanto ele me joga por cima do ombro, eu sei que é Ryke.

— VOCÊ NÃO PODE NOS MACHUCAR! — Eu grito tão alto, praticamente arranhando as costas de Ryke para alcançar o esquiador, um pontinho à distância.

— Diga essa porra um pouco mais alto, Calloway! — Ryke provoca.

— VOCÊ NÃO PODE NOS MACHUCAR! — Lágrimas queimam meus olhos. Ele *nos* machucou. *Ele machucou Rose*. Eu luto contra a restrição de Ryke. — ME DEIXA IR ATÉ ELE!

Ele me agarra mais apertado e caminha em direção ao chalé de esqui. — O que você quer fazer? Bater nele, porra? — Minha cabeça está perto de sua bunda, deslizando para baixo para fugir, e ele me puxa para cima, meu abdômen em seu ombro.

— Ele machucou minha irmã, — Minha voz falha e eu congelo.

Eu cubro meus olhos porque estou chorando mais do que queria, mais do que o esquiador mascarado merece.

Ryke faz uma pausa por um segundo; talvez ele me ouça chorando. — Ei. — Ele me coloca em pé e, em seguida, envolve seus braços em volta do meu corpo, me abraçando em um casulo quente e seguro.

Isso não muda o que aconteceu.

Minha irmã mais velha, mais feroz e obsessiva-compulsiva foi bombardeada com farinha.

< 23 >

RYKE MEADOWS

Isso está em algum lugar entre um desastre e um pesadelo.

Apressadamente passamos por várias pessoas e nos trancamos no banheiro do lodge's - não o das meninas (que está em manutenção e fechado), mas da porra dos homens - estamos cercados por mictórios com mijo seco e pisos de azulejos sujos com papel higiênico.

O que não seria tão ruim, mas Rose recuou da porra das paredes como se ela fosse pegar uma doença incurável. Eu não sei como Connor fez isso, mas ele a acalmou o suficiente para ela enfiar o rosto na pia. Olhos fechados, a protegendo da sua realidade.

Eu tenho a porra dos seus cabelos enrolados em minhas mãos, impedindo que os fios toquem a pia "repulsiva". Connor está do outro lado e lava uma parte do cabelo de cada vez, concentrando-se nos fios que não estou segurando. Ele cuidadosamente tenta livrar o máximo de farinha possível.

Nunca pensei que estaria lavando qualquer parte de Rose com o marido dela. Nunca. Nem mesmo se você fodidamente me dissesse que eu faria isso.

— Eu vou matá-lo, — Rose repete pela quarta vez, sua voz tremendo de raiva e angústia. A beira das lágrimas.

Meus músculos queimam paralisados. — Junte-se à porra da fila.

— A polícia está procurando por ele, então por que vocês não esquecem todos os seus planos de vingança por pelo menos mais uma hora — diz Connor, seu rosto mais tenso do que eu já vi em um longo tempo. Ele me pega olhando e depois sussurra, *Concentre-se*.

Volto minha atenção para o cabelo castanho brilhante da Rose. Se eu deixar cair um único fio e ela perceber, ela pode entrar em algum tipo de pânico. Ela só está segurando o balcão da pia porque eu "sacrifiquei" minha jaqueta e a estiquei sobre ele. Suas mãos estão no tecido, não em qualquer outra coisa.

Ao fundo, Janie está soluçando, mas parou de chorar, Daisy balança a bebê no quadril. Moffy está chorando pior que Janie depois que nossos guarda-costas se aglomeraram em volta dele do lado de fora do banheiro. Lily e Lo estão fazendo o melhor para acalmá-lo, embora meu irmão encara de forma assassina todos os fodidos objetos.

Ele parece como eu me sinto.

Connor aquece a água um pouco.

Eu estudo os trajes de Rose, farinha em toda a sua saia de lã justa, meia-calça cinza ou leggings - não importa o que porra elas sejam. Ela tirou o casaco, então pelo menos sua blusa preta está um pouco limpa.

Connor pode ser capaz de impedi-la de olhar para baixo até voltarmos para nossa cabine privada, a cerca de trinta minutos da estação de esqui. Rose estava mais preocupada com o cabelo, dizendo repetidamente *eu quero tirar. Eu quero tirar.*

— Respire fundo, Rose, — Connor ordena, suas mãos parando na parte de trás da cabeça dela.

Ela inala, o colarinho ainda mais rígido.

As mãos dele se movem mais rápido, passando por cima das minhas para lavar a farinha que gruda e adere com a água adicionada.

— Já saiu? — Ela pergunta em uma voz anormalmente alta. — Connor?

— Quase, querida.

Rose, em seguida, tira as mãos da pia e começa a esfregar o rosto como você limpa uma panela. *Porra* - tanto Connor quanto eu a puxamos da pia quase instantaneamente.

Ela nos empurra e levanta as mãos. — Parem. — A palavra nos faz congelar. Com os olhos bem fechados, ela respira profundamente, tensa. Seu cabelo molhado encharca sua blusa de gola alta. O ar está parado, e todos nós estamos imaginando como ela vai reagir quando se concentrar nessa realidade.

Por favor, não entre em pânico. Assistir Rose desmoronar é como ter o mundo fisicamente atacado por meteoros e cometas, empalando de maneira imprevisível, infrequentemente e fodidamente violento. Geralmente vem nas mãos de alguma outra força - e isso é o que mais me destrói.

Ela abre os olhos.

Puta merda.

Seu olhar amarelo-esverdeado se estreita.

Em mim.

— Nós temos que ir atrás dele. — Suas palavras retumbam com raiva. — Não podemos ficar aqui e não fazer *nada*.

Ela está buscando minha afirmação. Porque sou agressivo. Porque se eu olhasse para o espelho, eu encontraria a mais severa carranca, o mais fodido olhar sombrio - e músculos que cortam como se eu estivesse pronto. *Estou fodidamente pronto pra acabar com isso.*

Connor não mostra sua sede de sangue, mesmo quando ele sinta os mesmos sentimentos brutais que nós. E Rose só se voltaria para Lo como uma última escolha.

Eu passo a mão pelo meu próprio cabelo. — Assim que eles me derem um nome, Rose — aponto para trás — Eu estou fora dessa fodida porta. — A polícia está interrogando os hóspedes do resort neste exato segundo.

— Temos que ir *agora*, — Rose conclui. — Eu vou reconhecer os olhos dele. — Veias saltam de seu longo pescoço enquanto ela inala profundamente.

— Eu estou dentro, — anuncia Lo. Ele está agachado perto do Moffy, mas lentamente se levanta. — Ele merece pior que o inferno.

Eu não posso discordar.

Embora eu saiba o que isso significa. Quando Rose, Lo e eu nos juntamos, nossas emoções ficam no nível mais volátil. Nunca indica o modo *correto* de ação. Apenas o mais fodidamente fervoroso.

— Ele merece ser assado no fogo e queimado até ficar crocante e irreconhecível, — diz Rose em um de seus exageros mais vívidos. Suas mãos tremem.

Enquanto observo ela, percebo que a raiva dela superou a minha, e estou preocupado porque ela está compartilhando companhia com meu irmão e eu. Quando se trata de nós três, eu realmente penso que somos melhores em provocar um ao outro.

Porra.

Connor se aproxima de sua esposa, um centímetro longe dela. Estou surpreso para caralho que ela o deixe.

A altura de um metro e noventa e três dele se choca com a dela, mas, por alguma razão, Rose relaxa com a proximidade dele, a respiração dela fica mais natural e os ombros menos rígidos.

Ele segura o rosto dela gentilmente, o polegar acariciando sua bochecha. — Assieds-toi. — *Sente-se*.

Ela sussurra em francês: — Nous n'avons pas le temps de nous asseoir. — *Não temos tempo para sentar.* Um fogo ferve sob suas palavras.

Connor arqueia uma sobrancelha, mas seus olhos estão estranhamente estreitos. — Tu veux aller poursuivre un fou? — *Você quer perseguir um louco?*

Ela inclina o queixo para cima. — Peut-être, oui. — *Talvez, sim.*

Inabalavelmente, ele diz — Alors tu es folle aussi. — *Então você também está louca.*

Eu solto uma respiração quente pelo nariz e balanço a cabeça. — Estemos todos locos, — conto a Connor em espanhol. *Nós estamos todos loucos.*

Surpresa passa por seu rosto por um milissegundo. Eu não falo com ele em línguas estrangeiras com frequência, mas pareceu certo pra caralho.

Ele responde na língua que prefere — Peut-être que nous les sommes, mon ami. — *Talvez estejamos, meu amigo.*

— Está decidido. — Rose muda para o inglês e se aproxima da porta. Connor estende o braço e agarra seu ombro antes que ela possa passar por ele.

— Há centenas de pessoas nesse resort. — Connor invade nossos planos e afunda um peso sobre nós. — Todos irão reconhecer seu rosto. O que você está planejando fazer que não envolva todo mundo te pedindo autógrafos e selfies? Me dê um plano melhor, e eu vou deixar você ir.

Fogo brilha em seus olhos e ela visivelmente treme. — Eu não vou escrever uma proposta de negócios para você, Richard. Eu estou me defendendo e a nossa criança não nascida.

Criança não nascida.

Simples assim, o meteoro explode contra o fodido mundo.

Ela deve perceber a escorregada porque rapidamente diz: — Eu estou protegendo Jane. E Moffy. O esquiador também poderia atacá-los. Nossa única chance de entrar com uma ação judicial é pegar esse *monstro*. Nós não conseguimos fazer isso para o primeiro bombardeio, mas temos uma oportunidade agora e eu não vou estragá-la. — Ela levanta o queixo mais alto como se tivesse declarado a porra da lei. Mesmo que ela já tenha dito tudo isso antes.

O ar tensiona no banheiro sujo.

Eu dou uma rápida olhada para Daisy: sobrancelhas franzidas em confusão e boca ligeiramente entreaberta.

Eu acho que estamos todos do mesmo jeito.

As bochechas de Lo estão afiadas como lâminas e ele é o primeiro a dizer isso. — Sua *criança não nascida*. É uma nova maneira de se referir a filhos demoníacos metaforicamente no seu futuro ou você está...

— Estou grávida, — Rose afirma.

Lo solta um grande suspiro. — Droga.

Nós geralmente estamos todos na mesma fodida página. Nós seis. Prontos para ficarmos felizes um pelo outro, prontos para escolher um ao outro. Chorar juntos. Pra fodidamente rir juntos. Nesse momento, no silêncio deste banheiro, estamos todos confusos sobre o que sentir.

É complicado pra caralho. Tudo isso.

Sem hesitar, eu me afasto de Rose e vou para o lado da Daisy. Janie, ainda apoiada no quadril de Daisy, dorme com pequenos roncos, suas lágrimas já secas.

Daisy está com esse sorriso fraco. Em algum lugar entre felicidade e dor. Eu só quero abraçá-la, porra - dizer que nada mudou. Nossas vidas ainda estão em sintonia com as deles. Nós não estamos sendo empurrados para trás.

Nós não estamos sendo catapultados para trás de nossos amigos.

Você realmente acredita nisso, Ryke?

Eu tenho que acreditar, porra.

Daisy descansa a cabeça no meu ombro, se inclinando para mim. Eu envolvo um braço firmemente em torno de sua cintura.

— Isso é uma coisa boa? — Lily finalmente pergunta.

Os fatos: Connor e Rose planejavam adiar a tentativa de ter um bebê até Daisy engravidar. Assim, Rose poderia ser a barriga de aluguel se sua irmã tivesse problemas. Agora, podemos tirar a barriga de aluguel como uma opção para o próximo ano ou até dois anos.

Outro fato: Connor e Rose devem ser felizes. Todos nós devemos ser felizes pra caralho. Adicionar outra criança à família deles - esse tem sido um dos seus sonhos e objetivos. Ninguém deve diminuir a alegria deles.

Nós podemos, porém, e temos que corrigir isso.

Daisy toma as rédeas. — É uma coisa boa, — ela diz as palavras do fundo de sua alma. — É sim.

Rose luta contra lágrimas em seus olhos vermelhos.

— Não, não chore, — Daisy diz rapidamente, se afastando de mim. Ela passa Janie para Connor e depois confronta sua irmã mais velha. Cara a cara, Daisy um pouco mais alta que Rose sem saltos. — Estou feliz por você, Rose. Por favor, você tem que acreditar que eu estou. Eu realmente estou.

Agora as lágrimas transbordam dos olhos da Daisy. *Porra do inferno*.

— Eu não estou chorando. Eu *não* choro. — Rose estala, olhando para o teto e tentando secar todas as suas lágrimas com a força de vontade.

— Eu vou abraçar você agora.

— Não se atreva. — Rose passa os dedos sob os olhos. — Vá abraçar a Lily.

Daisy pressiona os braços do lado do seu próprio corpo. — Estou *muito* feliz por você, e sei que pode não parecer que estou, mas não consigo pensar em nada mais feliz para você do que uma família grande e *destemida*. É uma ótima notícia, Rose. Então você não pode ficar triste por mim. — Ela estende a mão e afasta a última lágrima de Rose.

— Eu sou a irmã mais velha, — diz Rose. — Eu estou aqui para *você*. — Ela não esperou por Daisy, e eu não acho que Rose jamais se perdoará por isso. Não é culpa dela.

Nós não esperamos que as pessoas parem suas vidas enquanto as nossas fazem um fodido desvio.

— Sim, você está. — Daisy sorri com os olhos cheios de lágrimas. — Você *sempre* está. Eu não seria capaz de lidar com nada disso sem você. — Sua voz falha.

Isso me empala, mas eu tenho que ficar onde estou.

Rose de bom grado e abruptamente abraça Daisy. No mesmo exemplo, Daisy retribui.

Lo descruza os braços. — Parece que Connor ainda tem esperma super-humano.

— Na verdade, — diz Connor, — não foi um acidente.

Eu não sei que porra estou sentindo agora.

Connor foca seu olhar em mim. — Nós não estávamos sendo tão cuidadosos quanto poderíamos ter sido. — Ele poderia ter me deixado acreditar que toda a coisa foi um fodido grande erro. A honestidade é legal, mas eu não agradeço por ela.

O ar tensiona de novo, uma fodida tensão desconfortável.

Connor continua, aliviando um pouco dela — Daisy desenhou todo esse cenário de Rose e ela engravidando ao mesmo tempo sob falsos pretextos. — Ele se vira para Daisy. — Você quer que Rose também esteja grávida, porque você está com medo de machucá-la se algo catastrófico acontecer - se você morrer. Você não quer causar dor na sua irmã, então talvez, dessa forma, o próprio filho dela seja uma distração se algo acontecer com você.

Ele não pergunta se ele está certo. Ele já sabe que está.

Antes que Daisy tenha a chance de explicar, Rose pega as mãos da sua irmã e aperta. — Quero que você saiba que eu *nunca* poderia ser feliz se você morresse, nem mesmo se eu tivesse

esperando um bebê. Eu nunca poderia ficar bem em te perder. — Ela pisca para conter as lágrimas.

Eu desligo toda vez que alguém diz *morte* e *Daisy* na mesma frase. É um ruído branco.

Eu não vivo com medo do próximo passo. Eu não me preparo para o *e se* e conecto as fodidas variáveis como Connor.

Eu caio de joelhos na frente da única garota que já amei. E eu vivo o fodido momento com ela.

Por mais curto que seja, por mais tempo que tenhamos.

Eu aceno para Connor. — Então você apenas ignorou o fodido plano porque você não gostou do raciocínio por trás dele?

— Sim. — Sua palavra é final.

— Só pareceu feliz, — diz Daisy, com os olhos nublados de lágrimas novamente. Eu solto um suspiro pesado. *Dais…*

Connor não hesita. — Um mundo onde somos cinco, em vez de seis, nunca será feliz.

Rose descansa as mãos nos ombros de Daisy, encarando-a completamente. É difícil acreditar minutos antes que Rose estava com o rosto em uma pia, perturbada.

Nesse momento, ela está equilibrada e assertiva pra caralho. Tão inabalável que eu esqueço que algo a desequilibrou, para começar. — Eu estou sempre deixando a barriga de aluguel como uma opção para você, Daisy. *Sempre*. — Ela faz uma pausa. — Talvez essa mudança na linha do tempo seja a melhor. — Acho que ela também está tentando se convencer disso. — Quando você souber se pode ter um bebê ou não, talvez eu já tenha dado à luz, e estarei pronta para ser sua barriga de aluguel.

Nesse futuro, Daisy é infértil. Talvez chegue a isso, mas ainda não estamos prontos para desistir dessa maneira.

Daisy assente. — Eu só quero que todos sejam felizes.

Eu interrompo, — Nós todos queremos que *você* seja feliz pra caralho, amor. — É para isso que tudo se resume. Ela tem que se colocar em primeiro lugar dessa vez.

Ela sorri para mim, as lágrimas caindo pelas suas bochechas. — Eu sou e eu serei.

Eu vou até ela.

— O que nós aprendemos? — Pergunta Connor, prestes a me dar nos nervos.

Lily diz fortemente, — Que nenhum de nós quer que Ryke e Daisy morram. — Meu pulso se acalma, e eu assinto para mim mesmo. *Eu sei.*

— Que farinha não pode me derrotar. — Rose pega Janie dos braços de Connor.

Eu levanto minhas sobrancelhas para Dais, e ela começa a sorrir, sem saber o que estou prestes a fazer.

Lo acrescenta — Que os Cobalts nunca anunciam uma maldita gravidez como as pessoas comuns.

Connor sorri, e eu praticamente o ouço dizer: *comum é chato, querido.*

Eu rapidamente pego Daisy pela cintura e a atiro por cima do ombro. Ela ri, suas mãos descendo para o cós da minha calça.

— Que Ryke tem a melhor bunda — diz ela antes de apertar minha fodida bunda.

Os cantos da minha boca se curvam e, quando me viro para a porta do banheiro, um policial entra. Por um segundo, eu realmente me esqueci do esquiador.

O homem uniformizado sacode a cabeça para nós.

O que aprendi: *a justiça nunca vem facilmente.*

< 24 >

DAISY CALLOWAY

Nossa viagem de férias pode não ter sido completamente arruinada pelo bombardeio, mas com a véspera de Natal amanhã, o clima mudou. Estamos todos lidando com o segundo ataque de forma diferente.

Connor e Rose ligaram para a polícia repetidamente, mentalmente ativos na tentativa de caçar o esquiador mascarado. Lily se escondeu na cabana alugada, recuperando seu status de eremita há algum tempo esquecido. Lo se juntou a ela, emocionalmente gasto.

Isso foi motivo suficiente para Ryke e eu tomarmos a parte *física* da captura desse cara.

Então começa.

Ryke e Daisy em a grande e ousada vigilância #1

— Envie o que você puder por mensagem. É... — Ryke fala com nosso investigador particular que contratamos recentemente (sem o conhecimento de todos), e ele tem nos dado informações sobre o agressor.

Vasculho as prateleiras de uma loja de conveniência decadente, vazia, exceto pelo caixa e por nós. Eu pego barras de chocolate, pães de mel, beef jerky e outros suprimentos para a vigia. Imagino que talvez podemos passar muito tempo em nossa minivan alugada (não o carro de escolha do Ryke) - então eu pego uma pilha de revistas, uma de cada na prateleira.

Com o celular no ouvido, Ryke acena para mim e depois aponta para as bebidas. — Certo — diz ele ao investigador, abaixando a cabeça em concentração. Seu boné azul de baseball esconde a maior parte do rosto.

Meu disfarce: uma peruca loira platinada na altura do ombro.

Eu corro meus dedos pelos fios grossos, adrenalina já bombeando com nossos novos planos. Ryke e Daisy na estrada. Ryke e Daisy prendem um cara horrível e nada legal. Ryke e Daisy salvam o dia!

Eu gosto de quão bobo isso soa. Como o slogan de uma história de aventura infantil.

Minhas irmãs pensam que estamos passando o dia nas pistas de esqui, então ninguém deve questionar nosso paradeiro. Como ainda não confiamos em Price, dissemos a ele que estaríamos na cama o dia todo. Os guarda-costas não ficam dentro da nossa cabine, então ele não saberia o contrário.

Na loja, vou até o refrigerador e equilibro algumas águas nas revistas. Quando vou para o caixa, Ryke se despede do investigador particular e coloca o celular no bolso.

— E?

— Eu vou te dizer no carro. — Ele parece esperançoso.

O caixa passa nossos produtos, e Ryke pega algumas notas, pagando por tudo. Cerca de um minuto depois, nos acomodamos na minivan prateada, e Ryke dirige em direção a... algum lugar.

— Aqui está o fodido negócio. — Ryke procura em uma das sacolas plásticas no console do meio, pegando um caramelo e uma barra de chocolate. — Ele tem uma dica sobre um cara, que fazia parte de um fórum na internet… — Ryke abre a barra de chocolate, usando o joelho para manter o volante reto por um segundo.

Eu franzo a testa. — Que tipo de fórum?

— Ele disse que o nome muda. Costumava ser *Callo-Haters*, mas agora pode ser tão simples como *Maçaneta*. — Ele dá uma grande mordida na barra de chocolate, e eu noto sua mão direita, branca, apertando o volante. Eu acho que a comida ajuda a distrair sua raiva.

Eu me inclino para trás e estendo minhas pernas no painel.

— Ele não acha que o primeiro fodido bombardeio no Lo está ligado a esse, — explica Ryke. — O primeiro foi um verdadeiro fã chateado, mas esse parecia um copiador. No grupo, as fodidas pessoas falavam sobre como seria *engraçado* replicar o que aconteceu. Então eles estão trocando informações sobre onde estamos. Perguntando uns aos outros quem está na área - tudo isso. — Seus olhos estão fixos na estrada com neve.

Eu coloco minha mão em sua perna. — Nós deveríamos saber quem fez isso então. A polícia não consegue rastrear quem é o dono das contas?

— Essa porra não é tão fácil assim. Ele disse que os endereços de IP mudam constantemente, e eles continuam mudando para onde vão na internet. Muitos deles são... anônimos. É uma plataforma *destinada* a esconder identidades.

Minhas expectativas se afundam. Soa como capturar uma sombra.

Então lembro que tudo começou com *esperança*. — Porém, nós temos uma dica sobre um cara, né?

— Sim. — Ryke assente algumas vezes. — Ele conectou algumas fodidas coisas a esse cara chamado James B. Allen. — E ele vira a minivan no *Motel Lazy Peak* e estaciona ao lado de um velho sedã.

Eu me endireito, alerta na única fileira de portas de motel verde lascadas.

Ele procura no bolso e me mostra o celular. A imagem é de James B. Allen. Vinte e poucos anos, cabelos louros e barba por fazer, e esses olhos azuis metálicos. Eu estudo esse olhar e tento compará-lo ao que tenho na minha cabeça.

Pode ser compatível.

— Então agora nós esperamos? — Eu pergunto a ele.

Ele concorda com a cabeça. — Nós esperamos.

Duas horas depois.

Eu aperto o botão de trava da porta, o carro apertado perdendo seu valor de entretenimento. Embalagens de doces estão sobre o painel, pernas cruzadas sob minha bunda e olhos vidrados nas portas verdes lascadas - apenas dois hóspedes saíram.

Um cara com uma caixa de 12 latinhas de *Coors Light.* Uma montanha de homem com uma barba de nove centímetro.

— Daisy, para, — Ryke rosna, irritado com o *click, click* do botão de trava.

Ele me irritou há meia hora atrás, constantemente mexendo no meu cabelo. Normalmente eu amo isso, mas confinada em uma minivan - se transformou de *Oh, Ryke* para *Ugh, Ryke.*

— Aqui. — Ryke joga minha pilha de revistas no meu colo. — Leia algo em voz alta. Vou ficar de vigia. — Ele olha para o motel.

Sem dúvida, ele me deu a tarefa mais agradável das duas. Eu folheio as cinco revistas. Todas de fofocas. Todas com manchetes com um de nós para os feriados. Talvez porque gostem de fazer variações da história, estendendo-a de maneiras falsas.

Na minha voz mais dramática, anuncio nossas opções, — Nós temos *Uma Catástrofe Raisy: Por quê Daisy Calloway vai quebrar o coração de Ryke no Natal!* — Eu mostro a capa para ele. Uma foto ampliada do lado de fora da *Lucky's Diner*: eu olhando para longe com o braço dele sobre o meu ombro.

— Porra, não. — Ele joga metade de seu beef jerky na revista.

Eu sorrio, feliz por ele não acreditar nesse cenário. Mesmo que o mundo pense que meus gostos por homens mudam como a cor do meu cabelo.

Deixando de lado esse tablóide, eu leio o seguinte, — *Gelo na Cama! Todas as razões pelas quais Connor Cobalt não pode satisfazer Rose Calloway.* — Eu prefiro não embarcar nessa

história super falsa.

— Próximo, — Ryke concorda.

— *Caso de Natal: Lily Calloway está de olho em outras coisas*. — Eu solto um som chocado. — Eles são tão rudes. — Eu viro a revista para ele. Na foto, Lily tem Moffy em seus braços do lado de fora de um café no lago Tahoe. Ao lado dela tem uma placa com menu: *Warm Chili Hot Dog*. Ela mal está olhando para isso.

Ryke faz uma careta sombria. — Foda-se esse.

Eu jogo esse tablóide pra trás. — Esse não é tão ruim… — Eu limpo minha garganta e recito: — *Melhor Pai! Loren Hale...* — Eu paro, vendo o resto das palavras. — Tudo bem, fica ruim. *Loren Hale quer outra criança, mas Lily Calloway diz que não*.

Ryke balança a cabeça algumas vezes, ainda olhando para as portas. — Isso definitivamente não é verdade.

— Você falou com Lo sobre isso? — Eu espano essa revista do meu colo.

— Sim. Ele disse que concordam que saberão quando quiserem.

Eu inclino minha cabeça. *Eles saberão quando quiserem.* Essa resposta vaga e pouco clara soa como algo que Lo ou Lily diriam. — Última — digo a ele. — Por favor, rufem os tambores.

Ele joga um chiclete no meu rosto.

Ugh, Ryke. Eu o jogo de volta mais agressivamente, e bate na testa dele, seu olhar se estreitando em mim.

Eu vou para frente e tamborilo no volante. O que realmente o irrita o suficiente para roubar minha última revista de mim e ler, — *Três é demais…* — Sua voz desaparece quase que imediatamente. Seu rosto cai e ele enfia o tablóide entre suas costas e o assento.

— O que foi? — Eu me afasto.

— Não se preocupe com essa porra. — Sua mandíbula tenciona, mas ele está olhando nos meus olhos, não para o motel. — Você quer se esticar do lado de fora? Nós podemos andar por aí...

Rapidamente, eu estico minha mão para trás dele e recupero a revista.

— Daisy.

Eu me inclino contra a porta do meu carro e o chuto para trás com os pés, mas ele agarra minhas pernas e apenas me observa, sabendo que eu vou descobrir de uma forma ou de outra.

Eu leio silenciosamente: *Três é demais! Como Lily Calloway toca os sinos de Ryke e Loren nesse Natal.* A imagem: as mãos de Ryke nos ombros dela, afastando-a de um trecho de gelo no estacionamento do resort. Lo anda do outro lado dela, os dedos entrelaçados.

— Ei. — Ryke estende o braço na parte de trás do meu assento, se aproximando de mim. — Ninguém acredita nesse fodido lixo, e se eles acreditam - foda-se eles.

— Eu sei. — Minha voz sai menor do que eu esperava. Os rumores do triângulo amoroso entre Ryke, Lo e Lily não são novidade. Eles já estavam aqui antes mesmo de eu entrar na foto, mas achei que, no final das contas, *nosso* amor seria forte o suficiente para dissuadi-los.

É decepcionante descobrir que as pessoas preferem juntá-lo com a minha irmã do que comigo. Assim que eu folheio as páginas, Ryke arranca a revista da minha mão.

— Por que você está chateada? — Ele pergunta, sua preocupação me atingindo. Ele quer consertar isso.

— Como você se sentiria se *todas* essas revistas dissessem que eu estava fodendo Connor Cobalt? — Me sento mais reta, meu peito a um centímetro do dele. — Que eu o amo. Que eu *prefiro* ele. Que eu não me importo com você. — Cada palavra apunhala meu núcleo, e essa dor se traduz em seu olhar sombrio.

— Não diga isso, porra.

— É o equivalente ao que vejo o tempo *todo*.

Ele diz devagar: — Não é real, Daisy.

— Não significa que não dói. — Eu vejo sua respiração se aprofundar, mais compreensiva, mas ele não pode apagar o que as pessoas sentem ou pensam. Ryke nunca se importou com sua própria reputação ou como outras pessoas o vêem. Isso está fora de seu círculo.

— Então, o que eu deveria fazer, porra? — Ele pergunta, frustração sob sua voz áspera. — Não há *nada* que possa mudar isso.

— Abbracciami, — eu digo a palavra italiana que ele me ensinou não muito tempo atrás. *Me abraça.*

Seus olhos duros quase se acalmam. Ele me puxa para o seu colo, minhas pernas encostadas no meu peito. Enquanto ele envolve seus braços em volta do meu corpo, eu me sinto mais como *dele*. Como se pertencêssemos juntos desse jeito.

Eu descanso meu queixo em seu ombro, olhando para ele. — Dammi un bacio. — *Me dê um beijo.*

Seus lábios quase se erguem para cima, mas ele me beija no nariz, depois no canto da minha boca. Eu começo a sorrir enquanto ele passa a bochecha na minha, mas ele desvanece, meu olhar deslizando para o para-brisa. Do lado de fora.

Uma porta do motel se abre. — Ryke. — Eu acaricio seu braço até que ele segue a minha linha de visão.

Cabelos louros surgem, jaqueta de esqui e um par de esquis sob o braço. Como se ele estivesse a caminho do resort para as pistas de esqui. Enquanto assisto, percebo que nunca discutimos um plano para *depois* de o vermos.

Ryke me tira do seu colo, me colocando no banco do passageiro. Determinação e urgência em sua testa.

— O que você vai fazer? — Eu pergunto quando ele destrava o carro.

— Falar com ele. — Ele está com o celular na mão. Talvez ele registre a conversa?

Estou prestes a ir também, mas por alguma razão, meu traseiro fica colado ao banco. Meus instintos estão dizendo: *não se mexa, Daisy Petunia Calloway. Sente-se bem aí.*

Não se mexa.

Não se mexa? É um impulso estranho, mas eu ouço meu instinto, especialmente quando Ryke fecha a porta. Ele não olha por cima do ombro como se esperasse que eu participasse.

É estranho que eu esteja preocupada com ele? Não temos ideia se James vai reconhecer Ryke. Eu apenas assisto do meu lugar, parada e quente. Eu vou ligar o ar, especialmente quando Ryke corre até o cara, acenando para ele.

James para no lugar, confuso.

O carro ainda está desligado e Ryke está com as chaves. Eu desabotoei meu casaco. Deve estar um pouco abaixo de zero graus lá fora, mas meu calor interior não me deixará até que ele retorne.

Ryke fala, mas não consigo ouvi-lo. James responde. A cabeça balança. Aceno de cabeça. Gesticulações com a mão. Eu não consigo ler o que está acontecendo.

Eu espero pelo pior.

Mais três minutos, mais dois acenos, e Ryke se afasta de James com um olhar descontente. Ele balança a cabeça para mim como se dissesse *nada*.

A porta se abre. — Foda-se isso, — diz Ryke, ligando o carro e batendo a porta.

— O que aconteceu?

— Ele disse que nem consegue lembrar sua senha do Facebook - que nunca esteve em nenhum fórum como eu descrevi.

— Você acha que ele estava mentindo?

— Eu agi como se eu fosse parte dos fodidos fóruns, então não. Ele parecia genuinamente confuso. — Quando Ryke sai do estacionamento, percebo que estamos de volta à pista. Apesar de ter sido curto, gostei do tempo sozinha e me senti travessa com Ryke.

Eu me viro para ele. — Essa é a última tocaia?

Seus olhos voam para mim, um sorriso atrás deles. — Quando é que fizemos alguma coisa só uma fodida vez?

< 25 >

RYKE MEADOWS

Manhã de Natal. Lareira iluminada, fodida neve caindo. Na cabana no lago *Tahoe*, todo mundo está enrolado em cobertores de lã, espalhados entre móveis de couro. Todos nós revezamos abrindo presentes debaixo de um pinheiro de dois metros e totalmente decorado.

O problema é que começamos a abrir presentes de casal, e Daisy e eu continuamos passando nossa fodida vez. Até que não sobre ninguém mais além de nós.

Compartilhamos uma poltrona reclinável, todas as quatro irmãs Calloway vestidas com macacões vermelhos de natal. Ideia da Lily, que Rose amou por causa do aspecto de companheirismo, e Daisy finalizou sua roupa com uma toca de elfo.

Os sinos do seu gorro tocam enquanto ela aponta para Lily. — Moffy não tem outro presente?

No chão, Lily estreita os olhos para Daisy como se pudesse ver por trás de sua fachada. — É a rodada de *casal*. Você precisa compartilhar seu presente com Ryke e ele precisa compartilhar o dele com você - espera... — Seus olhos se arregalaram de horror. — Vocês dois se esqueceram de comprar os presentes um do outro? — Ela procura debaixo da árvore ao lado dela.

— Sim, nós esquecemos, — Daisy assente com a cabeça. — Desculpa.

Lo também está no chão, seu filho brincando com uma nova action figure da Viúva Negra, e então seu olhar se volta para nós. — Por que o sigilo? Não é como se não soubéssemos que Ryke não dá presentes bons para você.

Eu estico meus braços. — Que porra é essa, cara?

Lo inclina a cabeça para mim. — Você deu uma *corda* no décimo nono aniversário dela. — Pelo amor de Deus. Não o Lo também.

Eu encaro ele, mas antes de me defender, Daisy diz — Ei, eu gosto da minha pulseira. — Ela toca a corda de cânhamo em torno de seu pulso, que ela usa quase todos os dias.

— Eu encontrei! — Lily acena um envelope no ar. *Porra*. Eu esfrego meus lábios enquanto ela fica de pé e entrega a coisa para mim. *Para o meu lobo.*

Daisy já sussurrou em meu ouvido que eu não deveria abri-lo na frente do meu irmão.

— Onde está o presente dela? — Poppy pergunta, bebendo gemada perto da lareira com o marido e a filha de oito anos.

No sofá, Rose está ocupada arrumando o cabelo de Janie com um novo arco, e Connor lhe mostra um novo quebra-cabeça.

— Sim, onde está o presente da minha irmã? — Lily diz com as mãos nos quadris. Ela age como se estivesse investigando meus motivos por trás do meu dom horrível de dar presentes.

Ok, eu admito porra, eu não sou o melhor, mas eu tento. Não é como se eu não me importasse. — A porra do presente dela está do lado de fora, e *não*, vocês não podem ver ele, porra. — Eu realmente planejei isso com bastante antecedência.

Lo me dá uma olhada. — Sexo não é um presente de Natal, mano.

Lily pondera isso. — Isso significa que… não vamos...?

Lo segura sua cintura e a puxa para o colo dele. — Claro que vamos, mas eu não lhe daria algo que eu possa dar em qualquer outro maldito dia.

Eu lanço minhas fodidas mãos no ar. — Não é sexo.

— Então o que?

— Você quer que eu estrague a porra da surpresa dela? — Eu pergunto ao meu irmão porque ele *nunca* estragaria um presente de Natal para Lily.

Isso o cala, e ele acena para o envelope nos meus dedos apertados. — Abra.

Daisy dá de ombros para mim como se dissesse *talvez ele ficasse bem com isso.*

Eu sinto que não tenho escolha, então eu abro o envelope e encontro uma passagem de avião... para a Noruega. Sem pausa, começo a sorrir. Estou prestes a dizer-lhe obrigado, mas Lo estica o pescoço para ver melhor o que está na minha mão.

— Onde você vai?

É suspeito porque é apenas uma fodida passagem. Não é como se a Daisy tivesse me dado uma férias de casal. — Noruega. — Eu digo e falo tudo de uma vez. — Sully vai escalar no gelo em março, e eu falei sobre ir, mas ainda não tinha feito planos...

Toda a alegria do natal abandonou meu irmão mais novo. Ele atira os olhares mais desagradáveis para Daisy.

— Ei, — eu quase grito para ele. — Eu provavelmente teria ido, mesmo que ela não me comprasse uma porra de uma passagem. — Eu amo o que ela fez - seu incentivo significa a porra do mundo para mim. O que eu mais odeio é que minha decisão de fazer o que eu amo começou a ferir as pessoas de quem gosto.

Eu não posso desistir disso. Não importa quantas vezes eu diga ao meu irmão, ele ainda não entende. Eu não sei se ele vai entender um dia.

Lo foca seu despeito e mágoa em mim, mas ele tenta morder a língua e trucidar. No final, ele cospe: — Vá voar até sua morte, Jonathan Ryke Meadows - veja se eu me importo.

Eu balanço para trás como se ele tivesse me acertado. Pego de surpresa pelo uso do meu nome de nascimento. Ele quase *nunca* fala ele. Talvez três vezes em todos os anos que o conheço. Eu tenho que me lembrar que ele está apenas chateado.

Todo mundo está quieto, exceto pelo murmúrio de Janie e Moffy.

O que é pior: eu mantive algo de Lo por talvez... duas semanas agora. Eu não queria contar a ele hoje, não assim, mas se ele descobrir que eu fiquei em silêncio aqui - será pior. Quando nós brigamos em Utah, uma enorme fonte de sua dor era sobre eu mantê-lo no escuro.

Eu não quero atormentar meu irmão, mas estou preso.

Daisy fica em pé. — Alguém quer chocolate quente ou talvez biscoitos? — Ela sabe o que eu fiz há duas semanas, e ela está tentando aliviar a porra do humor antes que piore.

— Biscoitos! — Moffy se anima.

Daisy ofega, de brincadeira — Você gosta de biscoitos também?!

Ele assente com a cabeça vigorosamente.

Lily se levanta e levanta Moffy em seu quadril, seguindo Daisy até a cozinha próxima. O ar ainda está tenso, e Lo abaixa a cabeça, respirando pesadamente, encarando o papel de presente amassado.

Antes que o arrependimento o agrida, eu digo, — Eu não sou…— Paro por um segundo. *Apenas diga essa porra.*

Todos os olhos se fixam em mim, e eu sinto Daisy e Lily no arco da cozinha, demorando só para assistir. Na verdade, encontro o olhar de Daisy e leio as palavras por trás dele, *tem certeza de que quer fazer isso agora?*

Eu assinto com a cabeça para ela. Eu tenho certeza.

— Você não é o que? — Lo pergunta.

— Eu não sou mais Jonathan Ryke Meadows — eu anuncio para a porra do cômodo.

Rose dá uma inalada audível de surpresa.

— O que disse? — A mandíbula de Lo é a porra de uma navalha. — Porque eu pensei que você disse que não é mais Jonathan Meadows.

— Eu mudei legalmente meu nome, Lo.

Lo parece homicida e com dor de uma só vez. — Me fala que você é um Hale. — Ele sabe que não é isso.

— Eu sou apenas Ryke Meadows agora. — Levei cerca de *dez anos* para finalmente tomar essa decisão. Eu *sempre* quis mudar meu primeiro nome para me desassociar do meu pai. Para me tornar mais a pessoa que sou e menos como a pessoa que ele queria que eu fosse. Como todas as coisas ligadas ao Jonathan, ele nunca fez isso fácil pra mim.

Minha herança e meu fundo fiduciário estão ligados a uma simples estipulação.

Eu não podia legalmente mudar meu primeiro nome sem perder os dois. Meu pai sabia que não conseguiria me controlar pelo meu sobrenome, então ele se certificou de que poderia fazer isso com meu primeiro. No final, isso foi tudo o que realmente nos conectou.

Agora acabou.

— Seu estúpido, idiota! — Lo levanta do tapete, lágrimas queimando seus olhos. Eu me levanto com ele - a sala se estreitando na minha mente para apenas nós dois. Ele aponta para mim. — Você jogou fora *todo* o seu fundo fiduciário por orgulho! — Ele está preocupado comigo. Todo o meu dinheiro agora vem da escalada.

— Eu joguei fora todo o meu fundo fiduciário para ficar *livre* dele. Se você acha que posso construir algo real com o nosso pai quando ele tem esse tipo de poder sobre mim, você está louco pra caralho! — Isso me corroeu por dentro depois que Jonathan foi à imprensa e esfaqueou Connor pelas costas. Depois que eu dei a ele metade do meu fodido fígado e aprendi que ele ainda pode manipular as pessoas para adquirir o que ele quer.

Agora não está me corroendo mais, porra.

É simples pra caralho na minha cabeça.

Lo estreita os olhos e grita para mim: — Você não entende?

Minhas costelas estão pegando fogo. — Lo...

Ele se aproxima de mim, pés esmagando papel de presente e caixas. Ele abaixa a voz. — Você quase morreu da última vez que escalou.

— Eu não morri. — Eu estava perto de cair, mas eu *não* cai. Já está na porra do passado.

— Você se ouve? — Lo ri, lutando contra as lágrimas que avermelham seus olhos. — Se ouve, Ryke? Porque você está apenas se enganando, cara. Você está se *enganando* e pensando que nunca vai morrer.

— Estou ciente pra caralho dos riscos...

— Não, você não está. — Lo cospe. Mais dois passos no meu caminho. Apenas alguns passos nos separando. O calor irradia entre nós, e eu não sei como dar a ele o que ele quer. Eu sei que não posso.

— Não, eu não estou? — Eu repito, um rosnado na minha fodida garganta. — Eu *entendo* todas as coisas que você está me dizendo. — Eu estendo meus braços. — Eu sou humano. Eu posso morrer toda vez que eu escalo. Há sempre essa chance. Eu sei. Eu sei. Eu sei, *porra*.

— Então pare de escalar! — Grita Lo.

— Eu não posso! — Eu grito de volta.

Seu rosto se despedaça. — Nem mesmo por ela? — Ele aponta para Daisy no arco da cozinha.

Eu não quero ela envolvida nisso, então passo pelo meu irmão, alguns metros, e giro, então minhas costas estão para Daisy e para a árvore de Natal. — Não transforme isso sobre ela.

Lo vira para me encarar e solta outra risada curta e dolorida. — Você não acha que isso é sobre ela? Não é sobre o bebê que você está tentando ter também? Porra, Ryke, se você morrer, deixará Daisy *sozinha*. Você deixa aquela criança sem pai. Você, de todas as pessoas, deveria saber como é crescer sem um pai. — Ele faz uma pausa enquanto esses fatos que eu sei me

atingem. — A menos que seja isso o que você espera; sabe, deixar seu filho experimentar exatamente o que foi feito para você…

— *Vai se foder,* — eu rosno.

Ele me empurra. — Não, vai se foder você! — Eu nem tropeço para trás. — Por pensar que nenhum de nós se importa com você. Por pensar que não seremos afetados se você se for. Vai se foder *você*, cara. — Ele me empurra de novo, tão forte que eu caio contra a árvore de Natal.

Eu trago meu irmão comigo, puxando a camisa dele.

A árvore se choca contra as paredes, enfeites de vidro e luzes quebrando. Metade da árvore escurece com fios apagados. Maria, a filha de Poppy, grita e corpos saem da porra da sala de estar.

Galhos de árvores se fincam em minhas costelas, e enfeites quebram abaixo de mim. *Porra*. Eu xingo em minha cabeça, talvez em voz alta.

Lo e eu violentamente rolamos da porra da árvore para o tapete. Esmagando presentes. Eu tento endireitar a árvore antes mesmo de ficar de pé, mas Lo diz algo sobre *deixar isso* ou *pegar mais tarde*. Nós não terminamos com isso, nós dois muito exaustos emocionalmente para nos levantarmos.

— Vai se foder, — ele diz para mim. Mais uma vez. Como se eu fosse a causa de toda a dor dele.

Isso me rasga e nós respiramos pesadamente. Olhando um para o outro.

Uma lágrima quente desce por sua bochecha.

Algo molhado desce pela minha. Eu pressiono Lo o tempo todo. Muitas poucas pessoas me pressionam. E talvez eu precisasse disso, mas ainda estou em conflito. Ninguém além de Daisy entende o que a escalada realmente significa para mim. Ela nunca me pressionou para desistir. Ela não quer que eu desista disso.

Silenciosamente, digo a Lo, — O que você está me pedindo é *como* cortar meus joelhos. — Sempre vivi para escalar. Quando criança, era a única coisa que rangia em meus ossos, que me fazia acordar, que me empurrava para frente.

Eu nunca fiquei um ano sem escalar desde então.

Isso me motivou. Me desafiou. É uma parte de mim. Do jeito que eu sigo na vida, eu faço como um alpinista - autodisciplinado, agressivo, tenaz, *persistente*.

É uma parte de mim.

Mas eu sento aqui e sei. Não é meu maior amor. Não é por isso que acordei hoje. Não é o que vai ranger nos meus ossos amanhã. Não vai me manter seguindo em frente daqui há um ano.

Quando viro a cabeça e encontro os olhos cheios de lágrimas da Daisy no arco da cozinha, ela me dá um sorriso fraco e choroso de apoio. Ela significa mais para mim - nossa vida *juntos* significa mais para mim. Eu não deveria ter que desistir da coisa que eu amo para provar isso.

Egoísta, eu ouço meu irmão me chamar.

Isso é o mais egoísta que eu já fui, e está me rasgando porque eu não acho que posso viver sem escalar. Eu não sei como.

A maioria das garotas estão chorando agora, algumas na cozinha, visíveis daqui.

— Mamãe? — Moffy sussurra para Lily, o menino pendurado em sua perna. Ela enxuga as bochechas com a manga do seu macacão.

Lo puxa uma caixa embrulhada debaixo de sua bunda e a chuta. Depois de um longo momento, sua cabeça se vira para mim. — Quando você tem uma fodida criança, você faz muitos sacrifícios, Ryke.

— Você já amou *alguma coisa*? Não alguém, mas *alguma coisa.*

— Uísque.

Eu rosno. — Beber não é um hobby. — Embora para Lo, talvez fosse.

— É uma *coisa*, — ele diz.

Eu balanço minha cabeça para ele. — Quando você ama algo *demais*, parece impossível deixá-lo ir. É como uma criança. Você consegue entender isso? — *É uma parte de mim, Lo. Por favor, me ouça*.

Sua garganta balança. Depois de uma longa pausa, ele diz: — Não.

Eu não quero olhar para isso como perdas e ganhos e pesar meu amor por todos contra um esporte. Connor Cobalt pode fazer isso.

Eu sempre encarei a minha vida diretamente na porra do olho e segurei a linha. Não tenho pavor de ser interrompida. Eu prefiro viver completamente e brevemente do que viver muito e ser vazio.

Eu não tenho certeza se posso ficar satisfeito sem escalada.

— Então...? — Lo pergunta.

— Vou pensar em tudo. — Escalar é mais seguro em outras áreas: escalada esportiva, escalada em ginásio. Elas nunca foram minhas favoritas, mas são alternativas.

Lo solta um suspiro ferido e exausto. — Você está me matando aqui. — Do jeito que ele diz, é como se eu estivesse caindo com ele em árvores de Natal por anos. Ele está com medo de me perder.

Eu esfrego a porra dos meus olhos. — Eu sinto muito. — Eu gostaria de poder desistir da escalada.

Isso seria muito mais fácil se eu pudesse dizer adeus.

< 26 >

DAISY CALLOWAY

O colapso emocional entre os irmãos que aconteceu duas horas atrás foi arrasado pelo meu presente de Natal que é inequivocamente, extraordinariamente melhor que chocolate.

Eu disse isso para Ryke, e ele revirou os olhos como se eu estivesse brincando com ele.

Eu não estava.

No momento, estou sentada em um icônico trenó vermelho no meio dos bosques nevados e pitorescos. Um majestoso cavalo castanho lidera o caminho. Eu nunca estive em um passeio de trenó. Ryke sabe disso. E então ele conjurou esta cena digna de cartão postal do nada.

Não há guarda-costas. Nenhum paparazzi. Por enquanto, pelo menos.

Nós dois estamos sentados na frente do banco esguio, com as mãos entrelaçadas enquanto ele guia o cavalo. A parte de trás do trenó está cheia de cobertores verde-escuros, e sinos de ouro tilintam enquanto o cavalo trota ao longo de um caminho não marcado, entrelaçando-se entre pinheiros que se parecem com arranha-céus.

Ryke até me deixou dirigir, mas passei as rédeas de volta depois que quase derrubei o trenó inteiro. Não é como se ele tivesse alugado isso para nós. Ele disse, *eu conheço um cara que é dono de uma fazenda e dá passeios de trenó. Ele gosta muito de escalada.* Eu entendi instantaneamente.

A comunidade de escalada é pequena e, em todos os lugares em que viajamos, vi Ryke ligar para pessoas para se encontrarem e escalarem. Eu não fiquei surpresa que ele conhecesse alguém aqui ou que essa pessoa confiasse nele com coisas valiosas.

Uma vez na vida, tenho certeza que esse homem já confiou em Ryke a sua vida. Como a maioria dos escaladores eventualmente faz.

Aninhada perto de Ryke em minhas roupas de inverno, seu braço aquecendo meus ombros, eu o observo por um segundo e pergunto: — Como você sabia?

Seus olhos voam de mim para a estrada empoeirada, plana no *sopé* da montanha. — Sabia o que?

— Que eu sou *a única.* Que isso é o 'não consegue comer, não consegue dormir, é bola fora do alcance, por cima da cerca, é o que se sente nas finais dos campeonatos.' — cito *As Namoradas do Papai* com o máximo da performance original.

Ele revira os olhos, mas eu tenho *certeza* de que ele entende do que estou falando desta vez. Porque ele assistiu ao filme comigo.

— Você quer saber quando eu soube? — Eu pergunto a ele, girando mais em direção ao seu corpo, menos na direção da estrada, e seu braço cai do meu ombro.

O trenó fica mais lento e, quando olho para o meu entorno, percebo que estamos em um campo nevado, um celeiro vermelho ao longe. O resto é apenas o nada branco, algumas árvores magras e nós.

Ele remove o gorro e arruma o cabelo achatado. Agora está apontando para todos os lados. *Muito, muito bonito*. — Que tal fazermos a porra de um pacto?

Eu me endireito, muito curiosa. — Ok.

Ele levanta as sobrancelhas. — Eu nem disse o que é. Você pode odiar isso para caralho.

— Estou disposta a apostar, — digo com um sorriso crescente. — O perigo!

Ele joga seu gorro na minha cara antes de se levantar e pular no chão. Então ele começa a tirar o cavalo do trenó enquanto diz: — Eu lhe direi quando soube pela primeira vez que este era o 'não consegue comer, não consegue dormir, é bola fora do alcance, por cima da cerca, é o

que se sente nas finais dos campeonatos' no dia do nosso casamento. E aí você também pode me dizer.

— Como nossos votos? — Estou realmente surpresa que ele estaria disposto a compartilhar isso na frente de todos.

Ele afirma com a cabeça e depois amarra o cavalo a uma das árvores mais magras.

— Você está tentando enrolar para descobrir uma resposta? — É uma pergunta honesta. — Tudo bem se você estiver...

— Eu não preciso descobrir — ele me corta, subindo de volta para o trenó. — Eu sei isso por um fodido longo tempo. — Ele remove as luvas e, em seguida, segura minha mão, me colocando de pé. Me sinto pequena por algum motivo. Talvez seja porque ele tem tanta certeza do nosso relacionamento. De onde estamos. Sua confiança me puxa para mais perto.

Então ele me guia para a parte de trás do trenó.

— Vou ganhar uma dica? — Estou ainda mais curiosa. Como vou sobreviver até o dia do nosso casamento sem saber *quando* ele sabia que eu era a única?

— Você já fez a porra do pacto.

Eu balanço nas pontas dos meus pés até que ele me leva até os cobertores peludos. Nós nos sentamos lado a lado, e eu chego ainda mais perto. Nossos joelhos batem juntos, sua masculinidade me cobrindo. Maior, mais alto, mais grosseiro.

— Eu tenho essa teoria, — eu começo, — que os pactos não estão realmente vinculados até… — paro com um sorriso iluminado.

Ele cobre minha bochecha com uma mão, olhando meus lábios rosados. — ...até? — Ele me pressiona.

— Até que a gente foda. Faça sexo. Faça amor. Tudo de uma vez.

Sua mandíbula aperta em excitação, me deixando ver tudo isso. Então Ryke abre minha jaqueta. Vinte e sete anos, experiente e robusto no meio da selva - eu aprecio sua estrutura enquanto ele aprecia a minha. Ele me segura de forma protetora, como se ele me quisesse perto, para o caso de algo acontecer.

— Vamos testar minha teoria? — Eu sussurro quando ele puxa o meu casaco e eu abro o zíper dele, nós dois começando a tirar as roupas um do outro.

Ele levanta as sobrancelhas para mim novamente, o mistério vivo.

Então ele puxa meu tornozelo e minhas costas batem no monte de cobertores. Meu sorriso vertiginoso se estica. *Que aventura*. Eu respiro profundamente e ele paira acima de mim.

— Eu vou foder você, — diz ele, arrancando minhas calças. O frio morde minha pele. — Eu vou fazer sexo com você. — Ele me beija fortemente enquanto passa meu suéter pela minha cabeça. — Eu vou fazer amor com você. — Seus olhos perfuraram os meus. — Tudo de uma fodida vez. — Seu olhar dança sobre minhas feições. — Não por causa de uma teoria do caralho. Eu não consigo pensar em um lugar que eu preferiria estar agora do que com você. A verdade é que não consigo pensar em um lugar que eu preferiria estar em cinquenta anos do que ao seu lado.

Minha respiração fica fraca, e estico minha mão, roçando sua mandíbula áspera e forte. — Você acha que vamos viver até os setenta anos? — Eu nunca nos imaginei tão longe. Além do planejamento do bebê, sempre fomos um casal de "viver o momento", e ver além de alguns anos é estranho para mim.

— Sim — diz ele com um aceno reverente. — Nós vamos ser velhos pra caralho com ossos fracos e dores.

Eu me apoio nos cotovelos, meus lábios tão perto dos dele. — Eu gosto dessa teoria, mas... está faltando alguém.

— É? — Ele começa a se despir até a sua cueca boxer.

— É, — eu sussurro. Assim que eu tremo, ele abaixa seu corpo quente no meu.

Seus lábios chegam ao meu ouvido enquanto ele murmura: — Ele ou ela? — Desde que eu descobri sobre meus cistos, esta é a primeira vez que nós fingimos ou imaginamos esse futuro distante juntos onde uma criança existe. Por que agora - que nos sentimos fortes o suficiente para fazer isso - creio que é a faísca da mágica do Natal.

Contos de fadas ganham uma vida tão maravilhosa em dias como estes, e eu agarro o momento, sorrindo.

— Ela, — eu respiro quando seu polegar desce a cicatriz na minha bochecha. Minhas pernas estão em ambos os lados dele, e ele puxa uma manta de flanela vermelha sobre nós, bloqueando o frio do inverno.

Dez vezes mais escuro, mas também muito mais quente. Eu passo minhas mãos ao longo de seus bíceps e braços, cintura e abdômen, descobrindo cada parte dele mais uma vez.

— Qual é o nome dela? — Ele pergunta, penteando meus cabelos desgrenhados para fora do meu rosto.

Eu aqueço meus pés contra as pernas dele, não pensando muito. — Você é melhor em nomes do que eu. — Eu nomeei Coconut por causa de seu pelo branco, mas Ryke nomeou seu cão de infância Kina por causa do Monte Kinabalu, uma montanha que ele escalou em Bornéu quando criança. A escolha dele tinha valor sentimental e eu gostaria disso para o nome do nosso bebê.

Ele deve entender isso porque diz: — Eu não quero que ela tenha o nome de algo que fiz sozinho. Eu amo o nome de Coconut porque vejo você nela.

— Mesmo que você a chame de Nutty? — Eu pergunto, como se isso fosse evidência de que eu não sou ótima em nomes.

— Nutty é um apelido da Coconut. Prefiro que você escolha, Dais.

Isso é tão difícil, até mesmo nomear um bebê imaginário que pode nunca aparecer.

Ele diz: — A primeira fodida coisa que vem a você.

Primeira coisa?

— Dais.

— Minnie, — eu digo rapidamente. — Minnie Meadows. — Eu tenho que avisá-lo. — É bobo. — Tudo o que eu já nomeei está mais para o lado peculiar.

Ele me beija, o poderoso movimento balançando nossos corpos. Nos movendo juntos. *Ryke.* Eu me penduro em seus braços, me encostando nele. Sua língua naturalmente se enrosca com a minha, suas mãos criando atrito entre minhas pernas tanto quanto nossos membros errantes.

Eu mal o ouço sobre o baque da minha pulsação. — É fofo pra caralho.

É fofo pra caralho. Estou sorrindo no próximo beijo e aperto seu cabelo, o calor se acumulando sob o pesado cobertor.

Muitas vezes, ele me trata com uma carinhosa ternura, como se reconhecesse a jovem que ele não quer quebrar em dois. Ele acaricia minha bochecha e sussurra: — Em uma escala de um a porra-não, diga-me onde você está.

Eu não consigo recuperar o fôlego e só estamos nos beijando por um segundo ou dois. Eu me sinto molhada, eu me pergunto se estou fisicamente pronta. *Espero que sim*. Eu acho que sua escala está se referindo a dor do meu cisto. — Em termos de... você me penetrando? — Eu pergunto enquanto meu peito sobe e desce.

Seus olhos voam para os meus mamilos endurecidos, em seguida, para baixo do meu corpo, arrastando por minha cintura e quadris e pernas. Os pelos levantam nos meus braços, sua longa checada me dando arrepios. Meu sorriso continua crescendo.

Sua voz é sexualmente baixa e rouca. — Em termos de eu enfiando meu pau em você por pelo menos quinze fodidos minutos.

Um barulho fica preso na minha garganta e eu me contorço debaixo dele. — Um. Definitivamente *um*.

Ryke coloca dois de seus dedos na boca por um segundo, a ação indescritivelmente quente. Especialmente quando ele segura meu olhar. Então ele desliza os dedos agora quentes entre as minhas coxas, bem na...

— Porra, — eu suspiro, apertando o pulso dele com ambas as minhas mãos. Eu contraio e pulso tão rapidamente em torno de seus dedos, meu corpo realmente respondendo *bem*. Ryke me examina por um segundo antes de entender que isso é glorioso e nem um pouco angustiante.

Ele me levanta, o cobertor caindo dos nossos corpos. O frio rouba minha respiração, uma sensação nova e súbita que contribui para essa experiência sobrenatural. *Ryke…* eu quase me perco quando seus movimentos hábeis encontram o ponto mais sensível.

A pressa do frio. O calor do meu sangue. O atrito da nossa pele contra pele. Tudo combina em cima de mim. Ele puxa um cobertor sobre meus ombros, me virando de modo que minhas costas estão contra o trenó, como uma cabeceira de madeira vermelha.

Ele está de pé no chão de madeira do trenó, mas um de seus joelhos repousa no assento. Ele se eleva sobre mim, mas seu pulso ainda está em minha posse, seus dedos ainda desaparecem dentro - *Ai meu Deus*...

Minhas pernas tremem e minhas costas arqueiam. — Ryke, — eu gemo, minha respiração fazendo fumaça no ar. Sua respiração é tão controlada, melhor em suportar todos os elementos. Eu me aqueço no frio do inverno, me deixando levar.

Eu estendo a mão e puxo para baixo sua cueca boxer. Seu pênis já está semiduro, e imagino essa força maior e mais forte dentro de mim. *AiMeuDeus*.

No minuto em que começo a acariciar seu pênis, ele endurece mais, ficando mais quente e mais firme. Eu assisto sua mão entre as minhas pernas, e me perco ao ver tudo dele: seu corpo esculpido, seu pênis, seus dedos grossos - tudo do Ryke Meadows - bem na minha frente. Bem em mim.

Eu explodo, e antes mesmo de recuperar o fôlego, ele remove a mão e me levanta até que a parte inferior das minhas costas se curvam sobre o topo liso do trenó.

Eu estou de cabeça para baixo, com sangue correndo para a minha cabeça. Frio mordendo minha pele. Olhando para o amplo horizonte nevado.

Eu estou viva! Meu corpo grita.

Eu não consigo parar de sorrir. É Natal. Com Ryke.

De cabeça para baixo.

Eu estico meus braços. — Bom dia, Califórnia! — Meu rosto dói com o meu sorriso perpétuo. *O orgasmo de hoje é trazido a você por Ryke e Daisy.* Eu uivo para o céu.

Ryke agarra meus quadris, me abaixando na parte de trás do trenó até meus ombros encontrarem a madeira. Ele ainda está de pé, e neste ângulo com as mãos na minha bunda, minha pélvis está alinhada com a pélvis dele.

Meu pulso acelera.

— Ainda em *um*? — Ele me pergunta rudemente, sua ereção *muito* perto do meu calor.

Eu concordo com a cabeça.

Lentamente, ele empurra cada centímetro de sua dureza dentro de mim, o volume esmagador. No segundo em que ele está completamente dentro, uma pequena dor me belisca. *Não*.

Meus dedos cravam em seu ombro, o beliscão se transformando em uma dor aguda. Pouco antes de ele entrar e sair, eu sussurro: — Não...

Ele fica completamente imóvel por um segundo e depois observa meu corpo com uma preocupação sombria.

O medo aperta meu estômago. Eu tenho medo... que isso vai doer mais. Eu pedi a Ryke que não tivesse medo de mim, mas eu nem levei em conta que eu teria medo de mim mesma.

Ryke cuidadosamente me tira da parte de trás do trenó e me pressiona contra seu peito. Ele poderia me foder de pé, apenas me segurando - sem precisar de qualquer suporte. Então ele é forte o suficiente para simplesmente me manter em seus braços como um cavalinho na frente. Só que ele está dentro de mim.

Eu odeio arruinar momentos, e me pergunto se eu abati e destruí este.

Eu fecho meus olhos, pensando em como consertar isso. O instinto está me dizendo para dizer a ele que *estou bem*. *Continue*. Eu não posso. Porque eu não estou bem, e se ele continuar, ele vai me machucar.

Quando eu tinha quinze, dezesseis, dezessete anos - eu deixaria um cara continuar. Apenas com Ryke aprendi a usar minha voz.

Ainda assim, não posso consertar esse momento, posso?

— Segure isso. — Ryke joga um cobertor verde sobre meus ombros, e eu o seguro para não cair. Então ele se senta comigo em cima da sua cintura... e pau. Eu tenho uma visão melhor dele entre as minhas pernas. Suas mãos descansam protetoramente no meu quadril e bunda, garantindo menos movimento agora.

Eu coloco meu cabelo atrás da minha orelha, lutando para não dizer *me desculpa.*

— Onde você está, Dais? — Ele pergunta.

Mesmo em seu colo, seus lábios e olhos estão um pouco acima dos meus. Ele termina de alisar meu cabelo para mim enquanto eu monto uma resposta. — Dois ou três, — eu sussurro. — Eu só estou… — *com medo*. Eu tremo. Frio me ataca quando não estamos criando calor juntos. — Eu não quero ter medo de fazer sexo.

Ele se senta mais reto, muito focado nas reações do meu corpo. — Nós vamos conquistar seus fodidos medos, Calloway. Você só precisa decidir uma coisa.

Eu ouço com cuidado.

— Você vai se mover primeiro ou eu vou me mover primeiro. O que você quer?

Eu coloco a palma da minha mão em seu peito, seus músculos contraídos e prontos para trabalhar e brincar. — Eu... — eu absorvo minha posição: *em cima.*

Flashbacks começam a passar na minha mente. Momentos no tempo. Caras me colocando em cima deles e esperando com aquele olhar faminto e nojento que só dizia *garota*, *me foda agora.*

Na minha primeira vez, tão inexperiente, tive que descobrir o que fazer sem a ajuda dele. Eu queria estar nas mãos de alguém com mais conhecimento. Que poderia me guiar e me ajudar.

Alguém que se importasse comigo.

Talvez em outra vida, eu gostasse de cavalgar em um cara, mas toda a grandeza foi maculada desde o começo.

No trenó, Ryke diz, — Ei, onde você está?

— Eu não gosto… — já descrevi o meu problema de estar por cima - ou pelo menos ser a única se movendo em cima - algumas vezes para ele, e isso deve clicar porque ele não pede minha resposta. Ele apenas sabe.

Sua mão viaja da minha bunda para o meu quadril.

Ainda assim, faço questão de falar desta vez. — Eu quero que você se mova, — digo baixinho.

Seu peito roça o meu e ele beija minha bochecha antes de me levantar alguns centímetros. Meu coração pula, mas tudo parece bom, o atrito me aquecendo. Eu aceno para ele continuar.

Enquanto agarra meus quadris, Ryke balança sua pélvis para cima, empurrando todo o caminho para dentro de mim novamente. Meus lábios se separam, o volume bem melhor. Eu aceno de novo e vejo seu pênis sair, só um pouco, antes de desaparecer novamente. Ele repete o movimento melódico, a velocidade aumentando a cada vez.

Eu me vejo baixando para ele, encontrando-o mais rápido, e ele me aperta contra o corpo dele. *Ahh*... — Ryke — eu choramingo.

— Porra, — ele grunhi, socando em mim como prometeu. Cuidando de mim. Eu tento me segurar em seus ombros, meu corpo pulando cada vez que ele me adentra. Isso dura por muito mais tempo do que eu posso quantificar. A cada minuto, eu penso, *estou gozando agora, agora mesmo.*

Então outro minuto chega.

O ciclo continua, pura adrenalina correndo por mim. *Ai meu Deus.*

— *Poorra* — eu choramingo em uma voz estridente, feliz por não ter deixado o medo me dominar. As sensações me cegam e meu corpo aperta contra Ryke. *Puta merda.*

Eu gemo contra seu ombro, minha pele lisa e quente.

— Dais, — eu ouço sua voz profunda e rouca na boca do meu ouvido, seus braços me segurando.

Eu explodo, membros vibrando, coração batendo. Seus músculos flexionam quando ele atinge um orgasmo chocante.

Ele bombeia para dentro de mim para prolongar o clímax, e eu ofego contra seu pescoço, segurando a parte de trás de sua cabeça. Ele me segura como se ele nunca fosse me deixar ir.

E mesmo que o universo raramente aja a nosso favor, neste segundo, neste trenó mágico, eu finjo que vamos viver para sempre.

Que teremos uma Minnie Meadows.

E ninguém vai nos ferir por conta do nosso amor.

Só desta vez.

< 27 >

RYKE MEADOWS

Os lençóis estão emaranhados no final da porra da nossa cama, nossas lanternas de papel penduradas apagadas, e nosso husky está dormindo ao lado de nossas malas desfeitas, enrolada em sua almofada de cachorro com estampas de sol.

Me sento nu na beira do colchão, com um dos joelhos dobrados. Daisy também está nua, só que ela descansa na cabeceira da cama. Suas longas pernas se movem de todas as maneiras até que ela se segura em seu joelho para ter algo para fazer. Sua pele brilha com suor, mas não tanto quanto deveria - não tão fodidamente quanto a minha.

Eu quebro o silêncio estendido e tenso. — Vamos deixar essa porra pra depois. Acabamos de voltar de Tahoe...

— Seis horas atrás — ela me lembra. — E nós não podemos deixar para depois quando você disse que eu provavelmente estou ovulando.

Eu posso dizer pela cor da umidade dela, que é *quase* inexistente, mas sim - eu acho que ela está ovulando para porra.

— Nós pulamos o sexo ontem — ela também me lembra.

Eu passo a mão pelo meu cabelo úmido, destruído sobre isso. — Você não está excitada. Nós acabamos de nos pegar por *três* fodidas horas, e você ainda está muito seca, Daisy.

Sou confiante e fodidamente experiente em preliminares e em aumentar a excitação de uma garota, mas não posso fazer com que uma pessoa que fisicamente e psicologicamente está sem vontade, sinta prazer de repente. Se ela está assim agora, não tem como ela atingir um clímax comigo dentro dela.

Eu odeio que eu não posso ajudá-la, mas esta não é a primeira vez que nós dois decidimos jogar a toalha. Esta é apenas a primeira vez que estamos lutando para desafiar o que o corpo dela está dizendo. *Pare. Hoje não. Saia daqui, Ryke*. Isso é o que eu estou ouvindo, e eu nunca desobedeci a esses pedidos.

Eu solto uma respiração agravada e levanto meu olhar para ela. — Você conhece a frase que às vezes eu sussurro para caralho para você? — Il tuo piacere è il mio. Isso significa que *o seu prazer é o meu prazer.*

Dor pisca em seus olhos. Ela está chateada.

Porra.

Ela coloca a bochecha no joelho. — Eu disse a você que isso poderia acontecer — diz ela suavemente, traçando uma ruga no lençol, seus olhos verdes tristes comendo na porra do meu coração. — Você acha que Rose já estaria grávida se nossas posições fossem trocadas?

— Não, porra — eu digo com força. — Dais, estamos dando tudo o que temos. Estamos tentando para caralho, e *não* é sua culpa se demorar mais. Não houve algo que você tenha perdido ou algo que tenha esquecido de fodidamente fazer. Só não era a nossa hora, ok?

Ela balança a cabeça, mas parece tão triste quanto há três horas, exaustão nos cantos dos olhos, mas não do tipo que vai colocá-la para dormir. Então ela se deita, suas costas batendo no colchão. Ela estende suas longas pernas para mim e depois as abre.

Em uma voz suave, implorando, ela diz: — Por favor. — Seus joelhos balançam. — Eu não quero mais brigar com você sobre isso. Eu só quero que isso aconteça.

— Nós estávamos fodidamente brigando? — Eu pergunto rudemente, levantando da cama.

Ela me observa. — Eu acho que houve uma briga.

Isso é provavelmente mais sério do que qualquer outra coisa sobre a qual discutimos. Eu abro a última gaveta da cômoda, pegando uma embalagem vermelha de lubrificante. Então eu me ajoelho na cama entre as pernas dela, e ela apresenta um sorriso que parece forçado.

— Não faça isso, porra, — eu digo a ela, esfregando lubrificante no meu pau endurecido.

— Fazer o quê? — Sua garganta balança, e seu sorriso diminui tão rápido.

— Fingir estar gostando disso. — Eu me preocupo que ela vá começar uma rotina de fingir, pensando que vai me agradar mais. Isso faz exatamente o oposto.

— Então você só quer que eu deite aqui com uma careta?

— Se é isso que você está fodidamente sentindo, então sim.

Seu peito sobe em uma inspiração aguda. — Eu posso virar de barriga?

— Não. — Eu quero ser capaz de dizer se eu estou machucando-a, então eu preciso dela fodidamente de frente para mim.

— Por favor, não fique bravo. — A voz dela racha.

Eu me inclino para frente. — Hey, — eu digo rapidamente, retirando levemente uma lágrima que sai dos seus olhos. Eu beijo sua bochecha, sua testa, seu nariz. — Dais, eu não estou com raiva de você. Olhe para mim.

Seus olhos vidrados encontram os meus.

Eu não posso suavizar minhas feições. Eu não consigo me livrar da porra da minha carranca ou das linhas que enrugam minha testa. — Eu nunca foderia você enquanto estou com raiva. — Pelo amor de Deus, é quase impossível ficar com raiva de Daisy por mais do que alguns minutos. Eu acabo simpatizando mais com ela do que com qualquer outra pessoa.

— Diga-me o que devo fazer, — diz ela em voz baixa. — Eu quero tornar isso mais agradável para você.

Minha mão percorre o lado de fora de sua perna lisa, meu outro antebraço descansando ao lado de sua cabeça. Eu levanto sua bunda apenas uma fodida fração de centímetro, o suficiente para estar em sintonia com a minha ereção. — Você não precisa fazer a porra de nada. Apenas relaxe.

Ela tenta, as mãos correndo ao longo do meu abdômen, mas seu corpo está rígido, as articulações travadas.

Eu empurro dentro de Daisy, com cuidado, já que ela não está molhada. *Porra*. Sua tensão aperta a pressão ao meu redor, e eu fodidamente pulso. Eu balanço contra ela e ela aperta meu bíceps. Eu a observo de perto, minha temperatura aumentando, e ela faz o que eu pedi, sem fingir estar excitada.

Ela fecha os olhos e vira a bochecha no travesseiro.

É um sinal de que ela está esperando que isso termine, e isso me mata para caralho por um momento. *Não pense nisso*. Em vez de agonizar com a reação dela, tenho que aumentar meu ritmo. Minha bunda flexiona cada vez que eu empurro mais fundo. Quando eu beijo sua têmpora, seus olhos se abrem. Há gotas de suor ao longo do meu corpo, e ela me observa bombeando dentro dela por um minuto.

Então seus lábios encontram os meus. Eu a beijo de volta, mais agressivamente, e um sorriso fraco aparece em sua boca. Eu a ouço murmurar: — Meu lobo.

Ela é a porra do meu sol, e mesmo que ela se ponha hoje à noite, não significa nada menos para mim. Eu a amo pra caralho.

Meu ritmo acelera, rápido, até que eu gozo com um último impulso. Ela morde meu lábio em um beijo feroz, e eu coloco minha mão debaixo da sua cabeça, levantando-a do travesseiro e a beijando fortemente.

Depois que eu puxo para fora e meu batimento cardíaco diminui, viro para o lado e, em seguida, a puxo de volta para o meu peito. Eu envolvo meus braços ao redor dela, e ela os agarra.

Eu estou feliz para caralho que acabou. Não estou feliz por ter que fazer isso de novo, mas espero que chegará um tempo em que estaremos com uma criança.

Onde olharemos para trás relembrando e pensaremos, *fizemos tudo o que pudemos para fodidamente ter isso.*

< 28 >

DAISY CALLOWAY

Contemplando a vista da cidade de Nova York na véspera de Ano Novo. Uma visão atualmente realizada por mim e centenas de socialites no evento de caridade *black-tie* de Connor Cobalt em um arranha-céu da cidade. Todos nós nos reunimos no salão de baile clássico, garçons passando com bandejas de champanhe rosa e dourado..

Eu bebi muita água na limusine no caminho até aqui, então eu me separo das minhas irmãs para ir ao banheiro. Um mar de pessoas se parte criando uma pista para o banheiro, seus olhares quentes em mim.

Eu puxo as mangas longas do meu vestido branco brilhante que tem um decote profundo e uma fenda alta na coxa. Com lábios vermelhos e maquiagem nos olhos, eu provavelmente pareço mais a "Daisy supermodelo" mais do que a "Daisy normal", mas eu queria me vestir bem para o evento formal.

Quando estou há cinco passos do banheiro, alguém abruptamente corta meu caminho. Eu quase bato em seu peito, mas dou um passo para trás.

Eu levanto minha cabeça.

E eu sinto um calafrio.

Cara a cara com um ex-namorado.

Um que esteve comigo durante o reality show *Princesas da Filadélfia*, e assim sinto o calor dos celulares nas minhas costas. As pessoas sabem que já estivemos juntos.

Julian parece um pouco diferente, um pouco mais velho. Seu rosto está mais redondo, barbeado e seu cabelo está penteado para trás com gel ou algum outro produto. Ele ainda é bonito o suficiente para ser um modelo, e depois de ver seu comercial para uma fragrância masculina, eu sei que o mundo da moda também pensa assim.

— Podemos conversar? — Ele pergunta baixinho.

Eu não quero estar perto dele, honestamente. Eu tinha dezessete anos quando namorei ele. Eu pensei, talvez, que eu poderia ter algum tipo de amor por ele. Eu era ingênua. Eu confiei nele e ele se aproveitou de mim de mais maneiras do que eu posso contar.

Eu sei disso agora.

Eu sou forte o suficiente para manter minhas convicções, e não vou aplacá-lo. Eu não vou agradá-lo. Eu não vou dar tempo a ele porque eu tenho que ser legal. Eu não *tenho* que ser. Não para ele. Não agora.

— Não, Julian, — eu digo, prestes a me perder na multidão. Estou com muito *medo* de ir ao banheiro agora. Com medo de que ele me siga. Eu faço um movimento para me afastar dele.

Ele me agarra pelo braço.

Eu puxo para trás. — Não… — Alguns flashes piscam e eu me preocupo em causar uma cena no evento do Connor.

Julian abaixa a voz. — Isso é sobre aqueles vídeos. Estou sendo *investigado*, Daisy. Eu não quero ser acusado de estupro só porque você me deu uma chupada. — É com isso que ele está preocupado? E que tal sobre a parte que eu tinha dezessete anos, era menor, e Scott Van Wright me filmou sem o meu consentimento enquanto eu me despia e fazia sexo oral em Julian? E quanto à parte em que Scott salvou a filmagem para assistir repetidamente com seus amigos? Abrangendo anos.

E quando eu descobri? Como me senti tão *violada* que mal conseguia falar, entorpecida ao meu próprio corpo. Quando Ryke soube o que Scott fez, ele enloqueceu. Eu não podia

verbalizar minha mágoa ou mostrá-la imediatamente, e Ryke parecia canalizar a nossa dor.

Ele não podia bater em Scott já que ele tinha ido para longe em um carro policial, condenado por pornografia infantil, e Ryke estava fumegando em fúria gutural. Ele quase bateu em Lo e Connor, mas eles o levaram para a academia do porão. A próxima vez que vi Ryke, seus dedos estavam machucados e uma bolsa de pancadas ensanguentada.

Passamos a semana seguinte basicamente ligados um ao outro, o que não é normal para nós - é uma coisa da Lily e do Lo. O evento revelou momentos cruéis do nosso passado, onde nos separamos - onde eu deixei algumas pessoas andarem em cima de mim - e isso nos fez segurar um ao outro um pouco mais.

Antes das minhas irmãs, seus maridos ou Ryke perceberem essa cena, eu procuro terminar rapidamente. Em uma voz forçada, eu digo: — Você pode ligar para o meu advogado.

— Isso poderia arruinar a minha vida, — ele sussurra, os olhos com raiva se estreitando em mim.

Eu não estou tentando arruinar a vida de ninguém. — Meu advogado pode ajudá-lo. Por favor, eu não quero falar com você. — Eu odeio sentir uma pontada de culpa, só por ser dura. Não é tão cruel como Rose seria. Ela cortaria as bolas dele com suas palavras geladas, e ela levantaria a cabeça. Ela só sentiria triunfo.

Eu não quero me importar, mas eu me importo. Eu vejo o jeito que meu tom pode machucar alguém, e então eu sofro para suavizá-lo, para fazer a pessoa se sentir melhor, mesmo quando eu me sinto pior.

Você importa, Calloway.

Estou tentando sentir isso. Eu estou.

Sem perder mais tempo, eu me envolvo na multidão, rapidamente me distanciando do Julian. Em Nova York, nossos círculos sociais se cruzam, então não é alarmante vê-lo.

É apenas alarmante ser confrontada por ele.

Eu bato nos peitos de um homem de meia-idade, seu champanhe escorrendo pelo meu colarinho nu e entre os meus seios.

— Desculpa, — peço desculpas ao mesmo tempo que ele. Ele remove seu lenço do bolso e eu o vejo ir para limpar a bebida. — Não, *não*. — Eu rapidamente peço desculpas novamente, faço uma piada curta sobre eu ser tão desajeitada, e então eu freneticamente passo por mais pessoas e conversas.

Procurando.

Então eu vejo Lily perto de um grupo com pessoas da faculdade, a maioria com expressões não impressionadas, jovens de Ivy League e garotas com faixas de cabeça de Blair Waldorf.

Eu pego a mão da minha irmã mais velha. — Me desculpem, — eu corto com um sorriso brilhante. — Eu tenho que roubar essa aqui.

Elas parecem gratas por perdê-la.

Eu sou grata por tê-la.

O nariz de Lily se enruga em confusão, mais para eles do que para mim. Eu respiro fundo e caminho com ela até as janelas que vão do chão até o teto.

— Essa festa está tão chata — ela sussurra para mim, puxando seu vestido preto que vai até o chão. Seus tênis visíveis por baixo.

Eu sorrio, um sorriso mais genuíno. — Porque? — Nós paramos perto da janela, perto o suficiente para eu sentir que estou do lado de fora, voando acima das ruas lotadas da cidade, o show anual abaixo.

— Eu contei para eles a minha resolução de Ano Novo e todos olharam para mim como se eu fosse burra. — Ela murmura: — Lo teria entendido.

Eu pego um vislumbre de seu marido se demorando na mesa de queijo com Ryke e Sam. Lo está todo vestido de preto. Seus sapatos, camisa, gravata borboleta, paletó e calças. Até suas abotoaduras são de ônix. Ryke está mais casual, ostentando uma gravata preta magra, camisa branca, paletó preto e calças. Sam está em frente com um smoking clássico azul marinho.

Nenhum deles parece nos notar, então me concentro na minha irmã, surpresa por ela ter se aproximado de estranhos sozinha. Então, novamente, ela está lentamente saindo de sua zona de conforto desde o início da *Superheroes & Scones* e *Halway Comics.*

Eu bato o quadril dela com o meu. — Eu aposto que os convidados de Connor fazem a mesma velha e chata resolução todo ano. — Eu aceno para ela. — Me conta a sua.

Ela puxa os ombros para trás, se preparando. — Ok, a minha resolução de Ano Novo é não ter uma resolução de Ano Novo. Dessa forma, não haverá decepção quando não for cumprida.

Esse definitivamente não é o modo de pensar de uma pessoa ambiciosa, mas eu gosto porque me lembra a Lily. — Você está falando minha língua.

Ela sorri mais e só agora parece perceber o quão perto estamos da janela. — Hum… — Ela dá quatro passos para trás, com medo da altura. — E se alguém nos empurrar e cairmos pelo vidro?

Eu suspiro. — Será que teremos essa sorte?

Lily tenta estreitar os olhos para mim, mas ela está apenas apertando os olhos. — Isso não é engraçado.

— Só estou brincando, — eu digo a ela, me sentindo um pouco claustrofóbica. Eu me inclino para tirar meus saltos vermelhos de tiras.

— Você se lembra da véspera de Ano Novo no apartamento do modelo? — Lily me pergunta, sorrindo com a lembrança. Foi uma das primeiras vezes que saímos sozinhas juntas. — Você tinha apenas dezesseis anos, eu acho.

— Quinze, — eu corrijo, o tempo me inundando em uma onda quente. Parece que foi há uma eternidade atrás, os detalhes embaçados já que eu desmaiei por causa de um punch batizada. Ryke apareceu. E me levou para fora do apartamento.

— Pelo menos não há punch. — Lily agacha para amarrar o cadarço do sapato e cai de bunda.

Eu tento não rir. — Pelo menos Lo está aqui.

Ela sopra um fio de cabelo que gruda em seus lábios e seu sorriso é incrivelmente fofo. Loren Hale estava na reabilitação durante o Ano Novo, e ela não ficou sem ele desde então.

Assim que eu removo meus saltos e me levanto com Lily, Rose se aproxima de nós com Poppy. Sinto falta de Willow, mas ela está ocupada cuidando do Moffy e Jane. Ela se ofereceu para ficar com eles já que ela realmente não queria ir a uma festa de Ano Novo. Aparentemente, é o feriado que ela menos gosta.

Ainda assim, gostaria que ela estivesse aqui. Sua presença é totalmente bem vinda. Eu acabo pegando meu celular e mandando mensagens para ela, só para ela saber que estamos pensando nela.

Rose coloca o cabelo sobre um ombro e, antes de falar, Poppy diz: — Eu vi Julian.

— *Nós* vimos Julian, — Rose altera.

Poppy toma um gole de champanhe. — Queríamos que você soubesse para que você não cruzasse com ele. — Minhas irmãs são muito protetoras comigo quando se trata de Julian.

Os caras desprezam Julian e minhas irmãs o detestam.

Eu quero dizer, *tarde demais*, mas refazer a curta conversa soa como acrescentar um fogo desnecessário a um incêndio. — Contanto que ele não chegue perto de mim, eu estou bem, — eu as deixo saber.

As mãos de Rose estão em seus quadris, seu lindo vestido vermelho-vinho abraçando seu corpo. — Connor está lidando com ele.

Connor Cobalt está lidando com Julian. Parece *muito* sinistro. Eu espero ser iluminada pelo mistério e intriga - todas essas coisas excitantes. Porém eu só me sinto um pouco oca, e eu quero encontrar essa faísca dentro de mim que está meio que sumindo hoje à noite.

Eu sorrio, mas não é tão animado quanto eu esperava poder sentir.

Lily franze a testa. — O que isso significa?

Eu digo em voz baixa, — Você não sabia que Connor Cobalt é um matador de aluguel?

Os lábios de Lily se separam, sem saber se estou falando sério ou não. — Hã?

Rose revira os olhos. — Connor está apenas falando com ele, e esperançosamente ameaçando seus órgãos genitais e sua língua até que ele saia.

— Rose, — Poppy diz com a sacudida de sua cabeça.

Eu acrescento, — Soa como uma coisa que um matador de aluguel faz.

— Ou uma coisa que Rose Calloway Cobalt faz, — observa Lily. — Eu pensei com quase certeza que Connor Cobalt era um alienígena, não um assassino.

Eu rio com Poppy. Eu tento segurar essa explosão de energia cintilante na minha barriga. *Não vá embora.*

Rose não parece divertida, sua unha pintada de preto apontada para Lily. — Se meu marido é um alienígena, o seu nasceu no submundo.

— Bem, — eu digo, — Loren Hale em smoking *é* quente.

Lily aponta para Rose. — *Ha!*

Rose bufa como se isso *não* fosse o que ela estava sugerindo, e sua atenção se cimenta em mim. — Como vai a busca do urso panda? — Soa bobo vindo de Rose, mas ela confiantemente é dona de cada palavra. Se alguém se *atrever* a tirar sarro dela, ela seria rápida em calá-los.

Urso Panda é um código para engravidar. Seria devastador se a mídia descobrisse antes que eu contasse para os meus pais, então uma noite sobre esmaltes e uma maratona de *One Tree Hill*, todos nós inventamos termos secretos.

— Eu não tenho certeza — eu admito. — Eu não tenho nenhum *bambu* há seis semanas, então... eu acho que é promissor?

Lily olha para o teto com as sobrancelhas franzidas. — Estou perdida. — Ela esqueceu os códigos.

Poppy sussurra em seu ouvido. Minha irmã mais velha usa um vestido vintage prateado de lantejoulas - o que Rose chamou de *inspirado em 1920.* Adapta-se à natureza despreocupada de Poppy.

Rose estala os dedos para mim e eu sorrio para ela, a atenção recuperada. — Seis semanas? — Ela diz como se eu fosse louca. — Por que você não… — Ela abaixa a voz. — Fez um teste?

Eu dou de ombros. — Eu não sei. Eu acho que só quero esperar. Caso algo aconteça. — Estou nervosa em fazer mais um após o punhado de testes negativos. Não consigo imaginar que alguém gostaria de sentir rejeição repetitiva.

— Você precisa fazer um — Rose diz para mim incisivamente.

Eu olho para a janela, as ruas da cidade vivas. — Agora? — Eu pergunto, a missão mais cativante do que o ato real de fazer um teste. *Vamos ver o mundo. Todas nós juntas.* Meus lábios começam a subir.

— Só se você quiser.

— Connor irá perceber? — Eu pergunto. Estamos aqui em solidariedade, e eu não quero sair se isso machucar seus sentimentos. Embora quando se trata de Connor Cobalt, é muito *difícil* fazer exatamente isso.

Rose pega minha mão. — Não. De modo nenhum.

Eu aceno, ansiosa para sair. Ela me conduz para as grandes portas duplas e eu agarro a mão de Lily para ela nos seguir. Ela é rápida para segurar a da Poppy.

— Onde estamos indo? — Lily nos pergunta.

— A farmácia, — eu digo e, em seguida, percebo olhares maliciosos. Meus lábios se levantam e eu levanto minha voz. — Estamos indo comprar camisinhas.

As pessoas nos dão olhares feios, mas não recuamos ou nos escondemos. Juntas, nós quatro, somos mais invencíveis contra o julgamento do mundo.

Mas no fundo eu sei que a noite só pode terminar de duas maneiras:

Positiva ou Negativa.

< 29 >

RYKE MEADOWS

Uma quarta bandeja de champanhe passa por nós, e Lo pega o cotovelo do garçom e aponta para a mesa com queijo em cubos. — Essa é toda a comida*?*

O garçom acena para nós, em reconhecimento, como se ele entendesse quem somos da mídia. — Champagne? — Ele oferece.

— Não, — eu digo rudemente. Ele deve saber que meu irmão mais novo é um alcoólatra em recuperação, e ainda assim, ele estava disposto a lhe dar uma bebida.

Lo coloca uma mão firme no meu ombro. — Perdoe meu irmão, nós dois sofremos da mesma doença hereditária chamada *ser um idiota*. Nem os Idiotas Anônimos poderiam nos curar. — Ele dá a o garçom um meio sorriso que diz *adeus.*

O garçom pega a dica.

Lo gira de volta para a mesa, e meu estômago resmunga.

— Connor me deve uma. — Ele pega um palito com uma almôndega do tamanho de uma azeitona. — Que diabos é isso? — Eu estou igualmente ofendido pra caralho com a coisa. — Ele disse que haveria *comida* aqui.

Sam gesticula para o palito com seu champanhe. — Como você chama o que você está comendo? — Ele tem ficado à nossa volta a noite toda, a maioria dessas pessoas conhecidas de Connor.

— Um lanche, — responde Lo.

Não vejo Connor desde que chegamos, e examino a multidão em busca de qualquer sinal dele.

— Ele achou que não viríamos ou algo assim? — Pergunta Lo. — Porque nos provocar, falando que ia ter uma refeição de cinco pratos essa manhã, foi insensível pra caralho.

Eu me concentro novamente em Lo. — Desde quando o Connor Cobalt é sensível, porra?

Ele dá de ombros e come a pequena almôndega. — Ele contou para você?

Eu franzo a testa. — Contou o que?

Lo hesita antes de dar a notícia. — Nosso pai escreveu uma carta para ele, pedindo desculpas pelo que aconteceu.

Minhas sobrancelhas franzem. — Espera, *o que?*

— Eu quase não acreditei também — ele diz naquele jeito de Loren Hale que diz - *sempre vou perdoar meu pai, mesmo quando ele é abusivo pra caralho.* Isso me coloca em guarda. Isso é apenas o Jonathan manipulando-o novamente. É isso.

Jonathan não é uma boa pessoa, porra. Se eu tenho que continuar me lembrando desse fato, isso o torna menos verdade?

Lo acrescenta: — Connor me mostrou a carta.

— Onde eu estava? — Eu rosno.

— Lidando com a sua própria merda, — Lo diz com força. — Isso realmente importa?

Eu balanço minha cabeça. — Não… — Eu nem sempre tenho que fazer parte de tudo como Connor e Rose. Eu estou bem em não carregar a bagagem de todos, mas eu quero estar lá para o meu irmão mais novo.

Eu não sei o que pensar da carta de desculpas do nosso pai para Connor. Eu não estou em pé de igualdade com Jonathan. Mudar meu nome foi um grande negócio, e eu não tinha certeza de como ele reagiria. Especialmente já que adiei ajudá-lo com Willow - ao ponto em que ele fez sua própria fodida coisa sem a minha ajuda.

Ele não mencionou minha mudança de nome em nossas breves conversas, e uma parte minha se pergunta se ele está ignorando isso.

Tudo para não me afastar ainda mais.

Nosso pai uma vez me disse que ele estaria disposto a fazer qualquer coisa se isso significasse proteger Lo e eu. Seus filhos que ele ama. Ele ficaria sóbrio. Ele até machucaria Connor se ele pensasse - em sua mente iludida - que isso salvaria Lo de um inimigo que nunca existiu.

Ele tem me entregado ramos de oliveira. Eu tenho jogado de volta na cara dele.

— Connor aceitou o pedido de desculpas dele, — Lo me diz.

Minha cabeça se vira em surpresa. E eu vejo as palavras que meu irmão não está dizendo: *Por que você não pode ficar bem com ele como o Connor?*

Eu não sei.

Talvez seja o fato de que ele conseguiu pedir desculpas a Connor, por machucá-lo, mas ele nunca se desculpou comigo. Nem uma vez na vida ele pronunciou essas duas palavras na minha cara. *Me desculpe, filho. Por te deixar de lado como um bastardo*.

Eu nunca vi o remorso dele pelo que ele fez.

O julgamento nos olhos âmbar do meu irmão parece quente em mim. Eu coço minha mandíbula não barbeada e depois solto minha gravata. Ele revira os olhos, esquecendo a conversa e procura no salão de baile.

— Onde está Lily? — Ele pergunta, virando a cabeça para um lado e para o outro. Eu não vejo nenhuma das meninas também, e meus músculos começam a enrijecer.

— Eu vi as garotas saírem cerca de dez minutos atrás, — Sam só agora fala para nós.

Lo bate com força no ombro dele. — Obrigado por nos avisar dez minutos depois, Sammy.

— Parecia que elas queriam ficar sozinhas, — rebate Sam.

Lo pega outro palito. — Eu aposto que elas estão comendo comida de verdade.

Rose não deixaria a festa do marido por um fodido hambúrguer. Pego meu celular e envio uma mensagem para Daisy: *Para onde você foi?*

Eu digito outro para a Lily: *Se você está pegando comida, pegue algo para o seu marido. Ele está praticamente espumando pra caralho pela boca.*

Assim que eu mando a mensagem, um homem de smoking tradicional e um fidodo cachecol se aproxima do meu irmão mais novo. Eu não pego o nome dele, mas eu ouço a parte em que ele é o CEO de uma start-up promissora na Califórnia.

Essa é a razão pela qual nos separamos das meninas a noite toda. Embora Rose e Lily sejam donas de empresas, ninguém as procura por referências ou apresentações de negócio como procuram Sam, Lo e Connor. Não, a menos que seja sobre *Rainhas da Filadélfia*. É sexista pra caralho, mas estou feliz que as garotas não tenham essa dor de cabeça na véspera de Ano Novo.

Lo ainda *me* disse para "sair de perto dele e me divertir" - mas eu não posso deixar meu irmão. Ele passou a primeira parte da noite ouvindo apresentações de negócio, mas agora ele está praticamente acabado. Ele procura um cartão de visita com os contatos de seu assistente e entrega para o homem.

— Ligue ou envie um e-mail para mim, — diz Lo em um tom que interrompe a conversa, até mesmo afastando o corpo dele. Ele é bom pra caralho nisso.

O homem murmura: — Obrigado. — E se afasta.

Sam toma o resto de seu champanhe, seu leve aborrecimento queimando em seus olhos.

Lo estreita os olhos para ele. — Se você quer dizer alguma coisa, Sammy, apenas diga.

Sam olha por cima do ombro atrás de mais bebida. O garçom mais próximo está ajudando um grupo de mulheres.

Meu celular toca.

Do outro lado da rua. Nós estamos em uma missão. - Daisy.

Segundos depois, Lily responde.

Nós estamos indo para a farmácia. Eu posso pegar alguns lanches para ele. - Lily

Minhas sobrancelhas se franzem. A farmácia?

— Eu não pedi por isso, sabe, — Lo diz Sam. — Geralmente, eu acho que tenho o tipo de cara que diz: *foda-se, não se atreva a falar comigo.* Aparentemente, essas pessoas acordaram cegas ou estúpidas porque simplesmente não estão entendendo.

Eu mando mensagem em grupo na minha próxima resposta, a enviando para Lily e Daisy. *Que missão? E por que a fodida farmácia?*

Apenas Daisy responde.

Coisas de garotas. Eu vou te contar daqui a pouco. - Daisy.

Eu confio nela o suficiente para deslizar meu celular de volta no meu bolso, também tentando guardar minha porra de preocupação, especialmente já que seus guarda-costas deveriam estar seguindo elas...

Price. *Porra*. Sim, Price não me faz sentir melhor.

Quando olho para Sam, fico surpreso ao vê-lo sorrindo. — Eu teria dito algo assim, mas não seria desse jeito.

— Um insulto a menos, — concorda Lo. — Você é muito preciosamente puro para o seu próprio bem, Sammy.

Sam solta uma risada curta, uma troca bem leve entre eles. Sam se encaixou em nosso grupo tanto quanto ele conseguiu. Melhor do que ele fodidamente costumava se encaixar, pelo menos.

Lo acena para mim. — Eu vou procurar as meninas e comer alguma coisa.

— Elas estão na farmácia.

Lo me dá um olhar estranho. — Por quê? — Ele revira os olhos como se não se importasse. — Eu vou pegar Doritos ou algo assim. — Ele está prestes a sair, mesmo com a lógica insana de que os salgadinhos são de alguma forma melhores que os aperitivos cinco estrelas aqui.

A verdade é que acho que ele só quer ver a esposa.

Lo imediatamente se vira novamente para a mesa de queijo assim que ele vê Connor. Vestido com um smoking preto feito sob medida e andando na nossa direção como nada e ninguém pudesse tocá-lo, ele nunca diminui ou recua.

Ele age como os bilhões que ele vale.

Eu não estou tão descontente com Connor hoje à noite. Não quando estamos cercados por pelo menos uma centena de pessoas dispostas a pisar umas nas outras para escalar a fodida escada pré-verbal corporativa. Pelo menos Connor vai te dizer o que ele pensa de você na sua cara.

— Não olhe nos olhos dele, — diz Lo secamente. — Talvez ele não descubra o quanto odiamos a festa dele.

Saúdo Connor com um único aceno de cabeça. Ele não retorna o aceno, sua atenção fixa em Lo, que olha para a pirâmide de queijo - ou qualquer que seja o nome chique que todos tenham para eles.

Connor arruma sua abotoadura. — Eu vim para dizer olá, mas sinto que há um problema.

Lo vira para mim. — Você ouviu alguma coisa?

Normalmente eles me irritam juntos, então eu aproveito a porra da oportunidade de encher o saco do Connor. — Não.

Connor diz para Lo, — Fingir surdez está abaixo de você, querido.

Lo cede, reconhecendo o futuro-cara-com-vinte-e-oito-anos-de-idade. — E mentir está abaixo de você, amor.

Connor nunca pisca, mas ele se vira para mim. — Me dói procurar você atrás de uma tradução, mas o que diabos está acontecendo?

— Você nos disse que haveria fodida comida aqui, — eu explico.

— E você está me matando de fome, — diz Lo. — A menos que haja uma refeição de cinco pratos nos fundos esperando por nós, eu vou sair. Me veja ir.

Connor deixa uma careta incomum passar por cima de suas feições. — Você está falando sobre o jantar de Ano Novo?

Lo usa um maldito olhar que diz *dã*. — Sim. E *você* deveria ser o esperto. Não mude para mim.

— O jantar é no *dia* do Ano Novo, — enfatiza Connor. — Você estava claramente confuso. Hoje é a *véspera* de Ano Novo. Eu diria que é um erro comum, mas, na verdade, não é.

Lo atira um olhar assassino para o teto, percebendo que estamos esperando por comida inexistente o tempo todo.

— Ok — eu interrompo. — Não insulte o Lo, porra. Você não deixou claro, Cobalt.

Connor estoicamente se mantém firme. — Eu deixei claro. Eu disse exatamente o que estou dizendo agora. Se você interpretou mal o significado das minhas palavras, talvez você deva comprar um dicionário.

As maçãs do rosto de Lo estão afiadas. — Nós pulamos o *jantar*.

— Eu não, — Sam proclama.

Lo fixa seu olhar nele.

Estou por aí, com fome pra caramba.

— Obviamente, temos diferentes definições de Ano Novo, — continua Connor. — A minha se alinha com o resto mundo, e a sua se alinha com você e... ele. — Connor acena com a cabeça para mim.

— Vai se fuder, — eu perco a paciência, e em seguida, um rosto indesejado entra no meu campo de visão, a cerca de três metros do outro lado da sala. Quando Julian começa a andar em minha direção, eu quase não consigo acreditar.

— Ele já deveria ter ido embora, — diz Connor, sua voz tão controlada que eu tenho dificuldade em entender o que está acontecendo - ou o que aconteceu.

— Você sabia que ele estava aqui, porra? — Eu quase grito.

— Acalme-se, — diz Lo.

— Eu estou calmo. — Eu não estou nem perto.

— Sério? Então, por que suas mãos estão em punhos?

Eu não consigo abri-las. Lo já foi confrontado por ficadas anteriores da Lily antes, mas isso é diferente para mim - eu *conhecia* Julian. Eu assisti ele namorar Daisy e tentar tirar vantagem dela quando ela era menor de idade e praticamente desmaiou bêbada.

Nós discutiamos constantemente, e isso se transformou em uma briga grande no final. Ou não a porra do fim... agora ele está aqui, se aproximando de mim.

— Precisamos conversar. — Julian diz no minuto em que ele para na minha frente, os flash dos celulares piscando. Nós não ficamos tão próximos assim desde que o reality show foi cancelado. Anos atrás.

— Não, porra, não precisamos. — Não tenho nada a dizer para ele que não tenha sido dito.

Connor interpela, — Quando eu lhe disse para sair *agora*, eu quis dizer o momento presente. Eu não achei que precisaria delinear uma palavra que minha filha de um ano entenderia.

Julian o ignora, fixado em mim. — Você tem que falar para a Daisy ligar para quem quer que resolva esse négocio do vídeo, cara. Não é minha culpa termos sido filmados.

Eu vejo vermelho pra caralho.

Julian continua rapidamente, — Recebi uma carta de um tribunal, perguntando sobre o que aconteceu. Isso pega mal para mim, e eu preciso que ela conserte isso. É culpa dela que eu esteja nessa bagunça para começar. Eu não pedi por nada disso.

— Cala a porra da boca, — eu rosno. Suas palavras arranham meu crânio.

Connor diz calmamente a Julian sobre a necessidade de sair, e eu desligo tudo.

Lo se enfurece. — Ei, Julius, que tal você ficar em um canto pelos próximos dez anos? Dessa forma, apenas a parede tem a dolorosa experiência de encarar a porra da sua cara de merda.

Estou feliz que meu irmão esteja aqui.

Julian está com um olhar familiar irritado e estupefato, mas ele não terminou de falar comigo. — Daisy me disse para ligar para o advogado dela, mas acho que ela pode limpar meu nome com uma declaração...

— Você falou com a Daisy? — Eu dou um passo à frente, e Lo coloca uma mão protetora no meu ombro. Eu me enfureço pra caralho, sabendo exatamente como ela se sente sobre ele. Se ela tiver ficado com medo...

— Hoje à noite, sim, — diz Julian, um pequeno sorriso anexado a suas palavras. — Perto do banheiro.

Estou prestes a bater nele, mas Lo aperta meu bíceps, me impedindo. Meu irmão briga com palavras, mas sou muito menos verbal e muito mais impaciente. — Nunca mais a encurrale de novo — eu rosno e me solto do aperto de Lo.

— Você acha que é o bonzinho nessa história? — Julian praticamente grita, para que todos possam ouvir. — O tempo todo que eu estava namorando Daisy, você estava em cima dela, cara. Se alguém deveria estar preso por estupro, é *você*.

Eu fodidamente vou pra cima dele. Lo e Connor me seguram. Eu me agito em seus braços e aponto para Julian, xingando. — Seu pedaço de merda, *filho da puta!* Vai se foder seu fudido... — eu continuo sem parar, nem mesmo registrando o que diabos eu estou gritando. Veias se projetam em meus braços e eu grito até que minha cabeça lateja com excesso de fúria.

Julian pressiona o dedo no peito dele. — Eu não fiz nada de errado. Ela é a vagabunda que não conseguiu manter a porra da roupa. — *Eu vou matá-lo, porra*. — Eu não vou ser punido pelo *pior* boquete que já recebi - aquela puta pode apodrecer no inferno.

Tanto Connor quanto Lo me soltam.

Eu acerto Julian na mandíbula, e antes que ele recupere o equilíbrio, eu o acerto *repetidas* vezes, meus ouvidos zumbindo. Se a raiva tem uma frequência, eu estou a ouvindo. Um segurança agarra meus braços primeiro, dando a Julian tempo suficiente para acertar um soco em mim. Meu lábio começa a sangra, e eu vou para cima dele apenas para ser puxado para trás.

— Vá se casar com aquela puta! — Ele grita com a boca cheia de sangue, o olho inchado e a bochecha avermelhada. Um segurança o segura pelo braço.

— Vai se fuder, seu filho da puta... — O segurança bate na parte de trás da minha cabeça e ameaça me algemar. Meu nariz se inflama, e eu mal ouço suas ordens: *sossegue, você precisa sair agora, você está fora de controle*.

— Você pode libertá-lo, — Connor diz com calma. Como se eu não tivesse tentado aleijar um de seus convidados.

— Nós podemos acompanhá-lo para fora.

Eu respiro profundamente pelo nariz, meus dedos queimando. Lo tem uma mão no meu ombro, perguntando se eu preciso de gelo. Eu balanço a cabeça rigidamente.

— Isso é desnecessário. — Connor segura o olhar confuso do segurança principal e tem que acrescentar: — Ele é meu amigo. Ele vai ficar comigo.

O subtexto abaixo de sua declaração me atinge mais do que qualquer outra pessoa poderia. Connor está atestando por mim depois que eu dei um soco em um homem em sua festa, o que significa que ele me valoriza acima de sua reputação.

Acima dessas pessoas.

Da empresa dele.

Do dinheiro dele.

Eu nunca, nem em um milhão de fodidos anos, imaginei que eu significava tanto para ele.

Eu pensei que ele faria uma piada sobre Rottweiler e me empurraria para fora da porta ao lado de Julian, sem ficar ao meu lado.

O segurança está de acordo com a instrução do Connor, e eles apenas escoltam Julian para fora do salão de baile. Percebo que os celular com câmera se ergueram indiscretamente para nós. A mídia acredita que Connor e eu meio que nos odiamos, e eu sinto que o mundo está prestes a ver a verdade por trás da nossa amizade.

Lo joga um pano molhado no meu rosto. Eu não vi quem entregou a ele. Eu pressiono o pano contra o meu lábio aberto.

— Não posso acreditar que Daisy namorou esse cara — diz Lo. — Eu não posso acreditar que a *deixamos* sair com ele.

— Ela estava modelando muito na porra da época, — eu lembro a ele, minha voz grossa. Ela fazia parte de uma indústria e de um mundo em que nenhum de nós pisou, mas Julian sim. Ele estava fodidamente lá com ela.

— Havia pouco que pudéssemos fazer — concorda Connor.

Meu celular toca de repente.

— Espero que Julius seja atropelado no meio da rua, — diz Lo no limite, olhos ardendo de malícia, e quando encontram os meus, posso dizer que sua fúria é em parte por mim e em parte por Daisy.

Eu aceno para ele e bagunço seu cabelo. Ele me empurra com um sorriso fugaz. Eu não tenho nenhuma intenção de ver Julian novamente, e não tem como ele entrar em contato com Daisy. Eu não vou deixar.

Eu finalmente pego meu celular.

Meu rosto cai.

— O que aconteceu? — Pergunta Lo.

Connor se aproxima de mim.

— É a Lily? — Lo tenta ver a mensagem, mas meu mundo gira, uma sensação perto de estar a quinze metros do chão. Sem segurança.

Sem cordas.

Apenas meus dedos segurando a rocha, se agarrando a minha própria vida. Consciente de todos os músculos, todos os membros, alongando, ardendo e gritando. Minha respiração parou nos meus pulmões. Cada um me mantendo forte.

É a sensação de estar vivo.

Eu releio a mensagem, garantindo que isso está acontecendo.

Eu acho que posso estar grávida. – Daisy

< 30 >

DAISY CALLOWAY

Entramos no banheiro da farmácia, eu com minhas quatro irmãs, nos amontoamos perto da privada para que nossos guarda-costas não possam ouvir através da porta. Eu deslizo meu celular em minha bolsa vermelha, o teste de gravidez descansando na bacia da pia.

Eu espio novamente. — É tão fraco. — As duas barras não são ousadas e proeminentes. Todos os três testes parecem exatamente o mesmo. Talvez eu tenha brincado muito sobre a vida que agora a vida está encontrando maneiras de fazer piadas sobre mim.

Rose está sorrindo e também é muito cuidadosa para não tocar em *nada* no banheiro unissex, papel higiênico molhado preso nos azulejos cinza.

— Seu médico confirmará o teste de gravidez, — ela me diz, mais otimista do que eu costumo ser. Seu raro sorriso em um banheiro imundo fala por si, já feliz por mim.

Lily acena um bastão de plástico no ar, antecipando os resultados. Ela fez um teste de gravidez logo depois de mim. *Vai que*, ela disse. Com Rose grávida, acho que a Lily está preocupada que ela tenha outro acidente como da última vez.

Nós esperamos Poppy fazer xixi, tendo um tempo mais fácil com seu vestido mais curto, diferente de nossos vestidos longos. Contanto que não haja papel higiênico preso no meu, eu estou bem.

"Sweet Disposition" do The Temper Trap começa a tocar na minha bolsa e eu rapidamente pego meu celular - o toque do Ryke que coloquei há cerca de um ano. Ele demorou muito para escolher, e eu nunca mudei.

Eu coloco o celular no meu ouvido. — Ei.

— Você está bem? — Ryke pergunta primeiro, sua preocupação me fazendo sorrir.

— Sim, estou bem. As barras estão muito fracas no teste, mas Rose parece esperançosa.

— Mas você não está esperançosa? — Pergunta ele.

Eu dou de ombros e então percebo que ele não pode me ver. — Eu não tive enjoos e não me sinto diferente. Parece bom demais para ser verdade. — O celular é instantaneamente arrancado da minha mão.

Rose o segura em frente a sua boca. — Enviaremos fotos do teste. Ela está sendo pessimista.

— Cautelosa — Lily refrasa.

Poppy dá descarga. — Realista.

Rose lança um olhar ardente para nossa irmã mais velha. — Você não acha que eu sou realista?

— Eu acho que você quer que ela esteja grávida ao mesmo tempo que você. — Poppy lava as mãos.

Os lábios de Rose se abaixam, não gostando da realidade de eu não estar grávida com ela, de que ela está carregando um bebê antes de mim. Se ela pudesse, ela trocaria de lugar. Eu sei que ela trocaria, e eu a amo por me amar e querer isso para mim. Simplesmente porque eu quero que isso se torne realidade.

— Ei! — Ryke grita através do celular, capturando a nossa atenção. — Vocês todas estão escutando, porra?

— Sim, — Rose diz. Eu coloco os testes de gravidez na caixa uma vez que estamos planejando jogá-los no lixo em nossa casa. Rose tem uma bolsa grande o suficiente para levá-los para fora sem ser notado.

Eu ouço a voz abafada de Lo no receptor antes que Ryke solte uma respiração frustrada e pergunta: — Quando vocês vão voltar?

— Dez minutos — diz Rose.

Nós trocamos um *até logo* antes que Ryke desligue, e então Rose me entrega o celular.

Uma mensagem aparece no meu celular.

Vocês todas são loucas pra caralho. - Ryke

Então outra.

Todas as irmãs Calloway. - Ryke

E outra.

Eu te amo. - Ryke

Eu não posso conter meu sorriso.

Lily suspira. — Eu não estou grávida — ela sussurra animadamente. Então ela pula e dança um pouco, sua bunda se mexendo muito.

Eu sorrio mais e dou-lhe um *toca aqui.*

Ela acrescenta seu teste de gravidez na caixa, e Rose os coloca em sua bolsa Chanel preta. Assim que Poppy abre a porta, meu guarda-costas quase tropeça para trás, ficando suspeitosamente próximo, *de novo*.

Minhas irmãs mais velhas lhe dão olhares de advertência; mais forte e mais feroz do que qualquer coisa que eu possa reunir. Até Lily acrescenta o dela, e Price limpa a garganta, parecendo um novato de vinte e dois anos. Os guarda-costas das minhas irmãs estão espalhados pela farmácia.

Se misturando.

Eu fico perto do banheiro enquanto Lily examina uma fileira de comida, Rose vendo a seleção limitada de maquiagem nas proximidades. Poppy cheira as poucas velas que tem, e o velho funcionário da loja nos olha com curiosidade. Estamos fora do lugar. Vestidas em vestidos de mil dólares em uma loja com papelão sobre uma janela quebrada, o letreiro em néon queimado, soletrando *berto*.

Eu diria que tudo isso está colocando o Price em alerta máximo, mas ele sempre foi excessivamente vigilante. Eu não tive muita chance de falar com ele, e meu velho guarda-costas eu conhecia como amigo.

Enquanto espero por minhas irmãs, tento sentir as intenções de Price um pouco mais. Ver se consigo entender por que ele quer ser guarda-costas. — De onde você é? — Eu pergunto, percebendo que eu não sei essa resposta simples.

— Daqui, — ele diz vagamente, examinando os arredores.

— Cidade de Nova York?

— Não, quero dizer, Filadélfia, originalmente. — Price faz contato visual rapidamente, e eu meio que sinto que estou o interrompendo, mesmo que ele só esteja parado aqui.

Eu inclino meu corpo mais para Price. — Você já usou um smoking antes? — Eu adicionaria um *fica bem em você* se eu achasse que seria platônico, mas eu tenho muito medo de dizer isso.

— Eu posso lhe enviar meu currículo se você precisar. — Ele verifica seu relógio e examina um jovem casal comprando champanhe.

— Seu currículo vai me dizer se você já usou um smoking em sua vida? — Eu me inclino para verificar as fivelas nos meus saltos. — Ou se você prefere pratos de polvo e pular de moto dos penhascos? — Eu suspiro. — Eu saberei se você coloca cubos de açúcar no seu café?

— Ok. — Seus olhos caem para mim com um leve sorriso, seu cabelo castanho suavizado para trás, mais charmoso do que sua personalidade retrógrada. — Eu sei que não sou aberto, mas estou apenas tentando cuidar de você hoje à noite.

— Você já é um sucesso. Eu estou em um pedaço. — Eu me levanto.

— Yale, — ele diz de repente.

— O que?

Ele examina a loja novamente, olhando para todos os lugares, menos para mim. — Eu recentemente me formei em Yale, *Magna Cum Laude* em Justiça Criminal. Eu usei smokings na formatura. Cresci em uma casa de família de classe média na Filadélfia. Antes do meu pai morrer, construímos carros clássicos do zero na nossa garagem, às vezes motos. Seu pai me fez dirigir uma Ducati na maior velocidade em uma pista antes de me contratar. Só minha mãe realmente poderia garantir minha experiência com carros e motos, e ele não confiava em sua opinião imparcial. Sou fluente em francês, espanhol e alemão. Eu queria estar na CIA ou no serviço secreto, mas Greg me contou o quanto sua filha viajava, a segurança que você teve no passado e como planeja criar raízes em Filadélfia. No geral, esse trabalho parecia um ajuste melhor para a minha vida. — Sem perder um único suspiro, ele acaba compartilhando detalhes pessoais. Soando autoconfiante em cada passo que ele fez desde então até agora.

— Uau — eu respiro, minha mente correndo com tudo o que ele disse, especialmente a parte em que Price perdeu seu pai e onde meu pai o fez andar de moto a velocidades alucinantes, antes mesmo que ele tivesse o emprego. — Sinto muito pelo seu pai.

— Ele está em um lugar melhor — diz Price. — Parece que suas irmãs estão satisfeitas.

Eu me junto a elas no caixa, Lily comprando um pacote de tamanho médio de Doritos. Seus olhos verdes voam para Price então para mim. Ela gesticula com a boca, *espião?*

Eu dou de ombros, sem saber se ele está realmente aqui para ser um espião para o nosso pai.

O instinto me diz para confiar mais nele, mas Ryke acha que ele pode estar aqui para testar nosso relacionamento. Isso ainda é uma possibilidade também. Price pode andar de moto e conhece idiomas estrangeiros como o Ryke. Ele também é tão jovem quanto. Eu acharia que meu pai iria querer contratar um veterano, não um aspirante a agente de serviços secretos.

A menos que haja mais na história.

Lily recolhe seus Doritos e o guarda-costas de Poppy, Dave, abre a porta para nós. Saímos para a calçada estreita. A comoção lá fora é muito mais alta e mais intensa do que quando entramos pela primeira vez na farmácia. Eu posso ouvir uma famosa cantora pop em um palco distante. As pessoas estavam cambaleando, as ruas bloqueadas para o caos da véspera de Ano Novo, mas agora está lotada, quase nenhum espaço para atravessar para o outro lado. Onde o arranha-céu fica.

— Fiquem perto de mim, — Rose nos diz enquanto nossos guarda-costas reiteram a mesma coisa. Sem dúvida, ela será a primeira a empurrar as massas.

Eu pulo em meus pés e seguro a mão de Lily, a mais próxima de mim. Ela aperta, assim que a calçada se enche de mais pessoas, se empurrando para ver melhor a queda da bola. Não está nem mesmo visível de onde estamos, mas uma tela da cidade próxima exibe o *Ano Novo da GBA*.

Lily morde o lábio, parecendo um pouco assustada. Aperto a mão dela e digo sobre a cacofonia: — Pelo menos não há carros!

Ela assente com a cabeça algumas vezes.

— LILLY CALLOWAY! AI MEU DEUS! É LILY CALLOWAY!! — alguém grita de excitação, fazendo com que o interesse se desvie para nós.

— Vamos! — Rose levanta a cabeça, ombros arqueados, pronta para a batalha. Nós a seguimos para o meio das multidões, seu guarda-costas na verdade liderando o caminho, mas Rose é a primeira de nós a entrar no desconhecido.

Aquele grito feliz - bem, esse foi o único bom.

— Vocês são uma merda! — Um homem grita no meu ouvido. Sua proximidade me perfurando mais do que suas palavras, invadidas por *pessoas*. Até mesmo o Price não consegue eliminar os grupos tão espessos quanto de um show.

— Pirralhas mimadas!

— Vá foder um pau!

Rose grita algo gelado antes de seguir seu curso.

— Licença, — Lily murmura enquanto nós tecemos entre as pessoas.

— Desculpa, — eu peço desculpas a outra pessoa, mas praticamente paro quando mãos ao redor deslizam pelos meus quadris e bunda. Meus pulmões encolhem e meu pulso bate tão rápido.

Eu não posso nem mesmo dizer quem está me tocando já que acontece muitas vezes. Como se eles pudessem ir para casa e dizer, *eu toquei em uma irmã Calloway!*

Não é certo.

Um cotovelo nate no meu lado e eu estremeço - de repente com medo pela Rose. Que está grávida*. E se você estiver grávida, Daisy?* Eu não sei…

— NÓS ODIAMOS VOCÊS!

— VOLTEM PARA FILADÉLFIA!

— DAISY, VOCÊ É UMA VADIA!

Garth, o guarda-costas veterano, agarra Lily e a puxa para longe de mim, e percebo Rose longe, muito à frente com seu próprio guarda-costas. Poppy está fora de vista, e Price flanqueia meu lado direito, colocando uma barreira entre alguns corpos e eu.

— Está ficando louco! — Eu grito para ele.

— Qual lado é pior?! — pergunta ele.

— Esquerdo!

Ele se desloca para a minha esquerda, ao mesmo tempo que alguém cospe em mim, mas o cuspe se espalha em sua bochecha. Ele é firme em seu dever de me proteger, nem mesmo fazendo uma careta ou vacilando por um segundo.

— DAISY! — Alguém grita. — DAISY!

Eu instintivamente olho para a direita, para seguir a fonte da voz, e no minuto em que viro a cabeça, uma nuvem branca explode no meu rosto. Meus olhos queimam, minha garganta está seca e a língua grossa com... *farinha*. Ai meu Deus.

Não consigo ver.

Não consigo ver.

Eu tusso repetidamente, tendo dificuldade para respirar.

Não consigo ver.

Eu pisco e pisco. As mãos estão em mim. Nos meus ombros. Meus quadris. Minha bunda. Eu entro em pânico. Estou em pânico. Eu corro, empurrando as pessoas cegamente, tropeçando.

Alguém toca no meu cabelo.

Para.

Eu tusso. *Para*.

Eu não consigo distinguir o que me rodeia. Eu inalo farinha. Eu corro e tropeço, empurrando as pessoas para o lado. Mãos nas minhas costas. No meu peito. No meu seio.

— Para — eu sufoco em uma tosse áspera.

Eu não consigo respirar.

Minhas mãos tremem, e no meio dos meus olhos ardendo, eu distingo uma lasca de luz brilhante. Piscando. Câmeras. *Eu não consigo respirar. Não consigo ver.*

— DAISY!! — Ryke grita, o som distante como uma lembrança. — DAISY!

Eu aperto meus olhos fechados. Eu espero por uma batida rasgar minha bochecha. O medo me paralisa. Eu não consigo...

— DAISY! — Ryke grita, as mãos no meu rosto, tecido limpando os meus olhos e rosto. — Sou eu.

Lágrimas escorrem quando eu começo a ver verdadeiramente o que está na minha frente. *Onde*… eu tusso de novo, minha garganta ficou espessa com farinha. Eu tremo, só agora notando meus salto na calçada e as mãos de Price em meus ombros.

E tenho certeza de que ele estava me guiando para Ryke o tempo todo.

Eu aponto para a minha garganta, lutando por uma respiração real, quente de um grave ataque de pânico. Ryke me levanta em seus braços, me embalando, e eu engasgo algumas vezes. Ele corre para o restaurante mais próximo, os sinos tinindo quando a porta se abre.

— Banheiros só para clientes pagantes! — Grita a recepcionista.

— Então vamos pedir algo, porra — Ryke rosna antes de entrar no banheiro feminino, Price logo atrás.

Ele me coloca no chão xadrez preto e branco, cabines de espuma verde alinhadas atrás de mim. Eu descanso meus antebraços no balcão da pia, e Ryke rapidamente abre a torneira. Eu enxugo minha boca, cuspindo bolas de farinha na bacia.

Eu engasgo algumas vezes e acabo vomitando. Ryke puxa meu cabelo para fora do meu rosto, e eu murmuro um *desculpa,* percebendo que acabei de vomitar em uma pia, não em uma privada, e alguém terá que limpar se eu não fizer isso.

— Ei, eu vou lidar com essa porra. Basta respirar algumas vezes, Dais. Seu coração está acelerado.

Eu agarro o balcão com os braços enfraquecidos e olho para o espelho, olhos vermelhos e borrões de farinha ainda nas bochechas riscadas de lágrimas. Minha cicatriz visível do motim de Paris.

De alguns anos atrás.

Eu respiro fundo e digo: — Eu preciso que você ligue para Frederick. — Eu me viro para Ryke, seu paletó espanado com farinha branca de mim. Sua gravata já desfeita e seu cabelo bagunçado. Ele mantém a mão nas minhas costas. Aqui para mim. E vivo.

O caos está todo na minha cabeça e, ao mesmo tempo, não está.

Sem questionar, ele disca o número do meu terapeuta. Price tem um pouco de farinha no cabelo, e na maior parte fica perto de um par de cabines ocupadas.

As pessoas estão aqui. Eu não percebi, mas estou feliz que ele tenha percebido.

Eu esfrego meus olhos com o lado da minha mão, e de repente vejo as juntas avermelhadas de Ryke, seu lábio machucado. Meu estômago cai. — O que aconteceu? — Eu estendo a mão para tocar seu lábio, mas ele empurra a minha mão para baixo.

— Essa porra não importa.

Eu franzo a testa. — Você não pode me dizer?

Sua mandíbula endurece e ele passa a mão pelo cabelo, tentando não rachar na minha frente, pelo menos não agora. — Daisy, eu sei que porra acabou de acontecer com você. — Ele aponta para a porta, referindo-se às ruas da cidade, a *algo mais.*

Sinto as lágrimas se acomulando, meus olhos queimando. Eu estou surpresa que elas ainda não tenham caído. Eu não consigo nem fazer a piada em voz alta. — Você sabe? — Eu sussurro, emoções crescendo porque *ele* estava lá em Paris comigo. Se alguém sabe a dor daquela noite, é Ryke.

— Sim, — ele assente com a cabeça fortemente. — Eu fodidamente sei. — Sua mão encontra a minha, e ele me puxa para o seu peito enquanto o meu celular chama. Ele passa para mim.

Alguém dá descarga em uma cabine.

A outra segue o exemplo.

Duas garotas saem em vestidos de festa, e seus olhos se arregalam para os homens no banheiro - depois para mim. Price as observa enquanto lavam as mãos.

Eu acho que elas vão me xingar, mas a menina loira seca a mão e pergunta: — Você está bem, Daisy?

Eu assinto com a cabeça.

— Você precisa de alguma coisa? — A outra garota pergunta.

— Eu estou bem — asseguro-lhes com um sorriso fraco. — Obrigada por perguntar.

As duas saem e Frederick finalmente atende. Eu coloco o celular no meu ouvido. — Algo aconteceu — digo-lhe, dor no peito. Eu tento exalar melhor. — Paris… e…

— Tem alguém ao seu redor? — Frederick pergunta primeiro. Eu ouço a transmissão da GBA em segundo plano e depois ela é desligada.

— Ryke está aqui.

— Ok, que bom — diz ele. — Fico feliz que você me ligou. Tome duas respirações grandes.

Eu faço, o aperto sendo liberado do meu peito. Eu expressei a Frederick o quanto eu quero deixar de lado esses momentos que continuam me aterrorizando. Cleo e Harper me assediando em um elevador. Paparazzi invadindo meu quarto. Um pedestre destruindo minha moto e depois me batendo. O motim em Paris. Vizinhos fazendo brincadeiras de mau gosto. Scott Van Wright me filmando.

A combinação de cada ato sujo.

Frederick me disse que a mente é frágil. Pois tão rapidamente quanto pode ser quebrada, pode levar uma vida inteira para ser reparada. Eu posso nunca conseguir realmente deixar isso de lado, mas ao invés de ser aleijada cada vez que eu sou arrastada para trás, eu encontrei uma maneira de ficar mais forte.

Eu falo sobre isso. Eu explico a Frederick o que aconteceu, e sua voz suave transmite todas as redes de segurança ao meu redor. Como eu não estou sozinha. Como eu posso perseverar. Como ninguém vai me machucar.

Não é como se eu estivesse estóica. Estou chorando agora, ao telefone com meu terapeuta, mas é melhor liberar isso. Eu sei disso. Manter tudo dentro de mim dói mil vezes mais.

— Eu simplesmente não gosto de como...

— De como o quê? — Pergunta ele.

Lavo os olhos por um segundo e desligo a água. Ryke e Price agem como se não estivessem ouvindo, para meu benefício. — Eu só quero ser tratada como uma pessoa — eu sussurro. — Todo mundo estava me agarrando...

Ryke está de costas para mim, mas suas mãos descansam em sua cabeça.

Price olha para o chão, assombrado e tomado de culpa.

— Não é culpa de ninguém — acrescento a Frederick. — Acho que todo mundo está condicionado a me ver como uma coisa e não como uma pessoa. Não é culpa de ninguém.

Ryke balança a cabeça, mas nunca se vira.

— Você pode ficar com raiva, Daisy. Você pode querer ser tratada como um ser humano. Você deveria, não acha?

— Sim — eu respiro. — Eu sei.

— Ok. Não se esqueça disso.

Eu aceno para mim mesma e tomo outro suspiro profundo e controlado. — Eu preciso ir encontrar minhas irmãs.

— Você pode me ligar de novo quando chegar em casa? — Frederick pergunta.

— Sim, isso seria bom. — Nós desligamos ao mesmo tempo, e eu rastejo para cima do balcão, em seguida, levanto, elevando-se em meus saltos.

— O que você está fazendo? — Price pergunta, fazendo Ryke girar e me ver.

Eu coloco minhas mãos nos meus quadris, e eu digo em lágrimas: — Você vai gritar comigo?

Sem hesitar, Ryke sobe facilmente no balcão. Ele tem que abaixar a cabeça para evitar bater no teto. Ele olha para mim, suas mãos deslizando contra minhas bochechas.

Meu peito sobe em uma inspiração mais animada, grata por Ryke. Meu pilar. Meu lobo.

Meu mundo. Minha vida.

Fortemente, ele diz: — Você está pronta, Calloway?

— Sim, — eu respiro.

E nós dois gritamos. Toda a escuridão ondulando para fora de mim.

* * *

No minuto em que passamos pela porta do banheiro, vejo uma longa cabine de vinil vermelha, cheia com todas as minhas irmãs e seus maridos. Conversando *alto*. O restaurante está lotado e as pessoas estão os gravando com celulares e tirando fotos. Mas eles estão em sua própria bolha, sem se importar com os espectadores.

Eu sorrio, tão feliz por eles estarem aqui, e quando me aproximo, eles se calam, examinando-me da cabeça aos pés.

Lo é o primeiro a falar, mastigando um canudo. — Eu acabei de perder cinquenta dólares.

— Por quê? — Ryke pergunta.

Rose e Poppy ficam em pé, deixando-me deslizar para o meio da cabine ao lado de Lily. Connor e Sam fazem o mesmo para Ryke do outro lado, enquanto Price senta na mesa mais próxima com os outros guarda-costas.

— Eu pensei que vocês dois estavam sendo *assassinados* no banheiro. — Eles podiam nos ouvir gritando. Eu comecei a rir com Ryke no final, mas talvez isso não tenha sido tão audível. — E eu apostei com Lily que vocês nunca sairiam.

As sobrancelhas escuras de Ryke se erguem em seu irmão. — Obrigado por apostar na porra da minha vida.

Lo toca seu peito. — Eu queria ir ajudar vocês. Todos os outros disseram que não.

Rose bebe água através de um canudo. — Isso é falso, Loren. Eu também votei para ir buscá-los.

— Hum, — diz Lo, — eu esqueci de você.

Rose dispara um olhar gelado para ele, mas a cabine fica em silêncio mais uma vez agora que eu cheguei com Ryke. Barulhos de pratos batendo saem da cozinha barulhenta, os cozinheiros gritam ordens e a maioria dos clientes do bar tomam milkshakes.

Lily empurra o copo de água para perto de mim, como se dissesse *isso é seu*.

— Obrigada. — Dou-lhe um sorriso e ela abraça o meu lado. Eu bagunço meu conjunto de talheres, dobrando o guardanapo em uma flor intrincada.

Todo mundo está me observando.

— Eu estou bem, — eu os deixo saber. — Então, ei, eu ainda não morri. — É uma piada de mau gosto, que não cai bem com ninguém.

Todos eles soltam um gemido coletivo que realmente faz meus lábios se levantarem. Eu percebo que ninguém pediu refrigerantes, apenas alguns cafés, preto para Ryke e um com creme para Connor.

— Você não conseguiu uma *Fizz Life*?— Pergunto a Lily, que definitivamente teria pedido uma ao invés de água.

Seu rosto está um pouco vermelho, talvez do frio. — Eles só têm Coca-Cola.

— Ah… — Eu estremeço. Nosso pai não ficaria satisfeito que um estabelecimento de Nova York não tem produtos *Fizzle* e não há nenhuma maneira de bebermos de outra marca em público.

Sam bate na mesa com a faca. — Estou trabalhando nisso. — Como diretor de marketing, ele é mais envolvido e apaixonado por *Fizzle* do que qualquer um de nós jamais será. Eu acho que todos nós sabemos disso em nossos corações.

Eu encaro Ryke assim que ele levanta sua caneca de café até o lábio machucado. Suas juntas cruas estão à vista novamente. — O que aconteceu? — Eu pergunto para todo mundo, onde eu sei que alguém vai revelar o segredo.

Seu olhar endurece e então ele me mostra o dedo do meio com a mão livre.

Eu sorrio, e eu o mostro os dois dedos do meio. Os flashes de câmeras estão insanos ao nosso redor.

Depois que ele bebe seu café, ele empurra a caneca para mim. Eu tomo um gole, meus lábios subindo enquanto eu olho para ele.

Desde, provavelmente, meu aniversário de dezesseis anos, talvez até antes, Ryke sempre compartilhou sua comida e bebida comigo. No começo, apenas para me incitar a comer *algo* (problemas de modelagem), mas agora é um hábito entre nós.

— Ele espancou seu ex-namorado de merda, — Lo revela o segredo de repente.

Meus olhos se arregalam.

— E ele não vai dizer, mas eu vou, — continua Lo, — *De nada*. — Ele ostenta um meio sorriso. — E você tem um gosto *horrível* para caras. Fora esse aqui. — Ele gesticula com a cabeça para o irmão.

— Eu definitivamente concordo, — eu digo com um buraco no estômago porque eu continuo imaginando Julian dizendo coisas grosseiras e Ryke me defendendo. — ...Julian disse alguma coisa para você? — Pergunto a Ryke.

Sua mandíbula endurece e depois de um longo momento, ele solta as palavras. — Ele mencionou que você falou com ele.

— Brevemente. Antes que eu pudesse usar o banheiro na festa.

— Eu não posso acreditar que ele confrontou você.

— Eu acho que ele só quer que eu tuíte algo para limpar o nome dele.

— Não faça isso — Ryke força.

— Eu nunca disse que faria. — Eu empurro sua caneca de volta para ele e, em seguida, continuo moldando minha flor de guardanapo. — Devo fazer uma rosa ou uma tulipa?

— Isso não deveria nem ser uma pergunta, — Rose diz.

— Claro que uma rosa, — eu digo com sinceridade. — Sempre uma rosa.

Todos eles devem sentir minha mudança de assunto para fora do tópico de Julian, mas ninguém o redireciona de volta para ele, felizmente.

Está em silêncio novamente.

— Alguém pode dizer alguma coisa? — Pergunto. — Vocês todos não têm que me observar. Eu não vou a lugar nenhum, prometo.

Lily arremessa seus braços ao redor da minha cintura, e eu só vejo as lágrimas em seus olhos. Eu a abraço de volta e Rose usa meu guardanapo em forma de rosa para passar por baixo dos olhos dela. Eu acho que é a maneira de Rose dizer que ela estava com medo, e ela está muito feliz por eu estar bem.

Poppy estende o braço, segurando meu ombro em um gesto materno e amoroso.

É quando duas garçonetes chegam com pratos de panquecas, waffles, ovos e torradas, omelete e parfait de frutas. Eles devem ter pedido enquanto Ryke e eu estávamos no banheiro.

Eu rio quando uma tigela de cereais é colocada na frente de Ryke.

Ele dá uma olhada ao irmão.

— Você não pode reclamar. Isso é o que você sempre come, mano.

— Eu como ovos também, porra... — Assim que ele diz isso, um prato de ovos é colocado ao lado de sua tigela.

— Você estava dizendo?

Anos atrás, Lo não conseguiria dizer uma coisa boa sobre Ryke. Não em voz alta, pelo menos. Agora ele o ama o suficiente para pedir sua comida favorita para o café da manhã. Ele o conhece bem o suficiente para acertar.

Isso significa muito para Ryke. Eu posso ver isso em seus olhos, e ele apenas acena para Lo, incapaz de falar.

Eu estou esperando pelo que eu acho que serão waffles de chocolate. O último prato é colocado na frente de Lo, um burrito de café da manhã com hash browns, sua fome aparente já que ele imediatamente dá uma mordida.

Eles esqueceram de pedir para mim, eu acho. Estou prestes a acenar para a garçonete, mas as duas saem rapidamente antes que eu possa chamá-las.

Ryke desliza seu prato de ovos para mim.

Eu empurro de volta para ele. — Eu vou pedir alguma coisa. — Eu roubo outro gole minúsculo de seu café, principalmente preferindo bebidas energéticas, mas o Dr. Yoshida disse para diminuir minha ingestão de cafeína. Isso ajudará a fortalecer minhas chances de engravidar.

Rose estica o pescoço por cima do ombro, apontando para a garçonete. O olhar penetrante de minha irmã está murchando a garota mansa.

— Tudo bem — digo a Rose. — Eu espero.

Ninguém diz nada e só Lo está comendo.

— Todos vocês podem comer. Pode demorar um pouco... — Eu paro quando um garçom aparece, um prato na mão. No minuto em que para na minha frente, começo a chorar.

É uma fatia de bolo de chocolate.

Lily se aproxima mais do meu lado e diz: — Bolo conserta tudo, lembra?

Eu sorrio através das minhas lágrimas. *Eu lembro*.

— Obrigada, — eu sussurro. Que bobagem pensar que minhas irmãs esqueceriam de mim. Elas não esquecem.

Não em muito, muito tempo.

< 31 >

DAISY CALLOWAY

No frio de meados de janeiro, vou até a exposição de elefantes no zoológico. Em uma missão de alta prioridade:

Ryke e Daisy na grande & ousada emboscada nº6.

Meu disfarce: peruca loira frisada e óculos escuros em forma de coração.

Informações limitadas sobre o último bombardeiro de Ano Novo - apenas "trabalhador do zoológico, cabelos castanhos, olhos cinzentos, longas costeletas" - significa que nossa probabilidade de encontrá-lo é de cerca de 4%. Ryke ainda insistiu na viagem ao zoológico mais do que qualquer uma das últimas emboscadas.

Eu quase me pergunto se ele inventou tudo para me dar alguma esperança e uma extravagante aventura no zoológico. Eu não quero estragar a fantasia, então eu não pergunto.

Assim que eu me inclino contra o corrimão, elefantes se arrastando lentamente em seu habitat artificial atrás de mim, giro em direção a um homem lindo. Ele vasculha a área, o boné de beisebol azul cobrindo seus olhos castanhos.

Eu bato no ombro dele. — Oi, senhor, você sabe se há pintinhos nesse zoológico? — Pergunto como se nunca o tivesse visto em minha vida.

Ryke abaixa seu olhar sobre mim. — Você quer ver a porra de um pinto?

— Sim. — Eu tento não sorrir. — Eu sou um grande fã de *pintos*.

Ele tão estoicamente mantém a compostura como nas últimas quatro vezes em que tentei flertar com ele. Na exposição dos pinguins, os ursos polares, os leões e os gorilas.

Eu espero que os elefantes me tragam mais sorte.

— Que tipo de malditos pintos? — Pergunta ele, seu exterior áspero não desmoronando.

— O tipo grande. — Eu movimento com as minhas mãos, cerca de quarenta centímetros de comprimento. — Grande desse jeito.

Suas sobrancelhas se levantam. — Grande assim? — Nós inconscientemente nos aproximamos, até que nossas pernas se tocam.

— Ah, sim. Eles são os melhores pintos. Sempre pronto para brincar de manhã. — Faço uma pausa. — Você não teria visto esse pinto por perto, não é?

Ryke estuda meu corpo, me aquecendo no frio, e então ele puxa meus óculos de sol em forma de coração até a metade do meu nariz, olhos nos meus olhos. — Talvez verifique sua maldita imaginação. Porque não há *pintos* desse tamanho.

Eu finjo descrença. — Não, esse pinto é real. Sua coisa favorita de fazer é estar dentro de um campo de margaridas.

Ele empurra meus óculos escuros de volta no meu nariz. — Mantenha seus pintos para si mesma.

Eu sou aquela que acaba sorrindo de orelha a orelha. Adoro flertar com ele porque ele me cala e passo metade do tempo cutucando-o enquanto ele tenta manter a cara séria.

— Isso parece muito triste. Todos que querem ver um grande pinto, deveriam poder ver pelo menos uma vez.

Uma mãe que está perto de nós empurra seu filho para longe de mim. Eu finjo falar com ela, mas mantenho minha voz suave: — Estamos falando apenas da exposição de galinhas.

Quando eu me viro para Ryke, ele finalmente está sorrindo.

Eu suspiro. — Você gosta de pintos também?

Ele prende o braço em volta dos meus ombros, me trazendo para seu peito. Ele beija o topo da minha cabeça e seu calor me envolve de uma forma muito protetora.

Eu olho para ele. — Então, foi decidido.

— O que?

— Você gosta de cantadas de pintos.

— Vai se foder, — mas ele está sorrindo quando diz isso.

Eu trouxe meu melhor jogo quando estávamos vendo os pinguins. *Tem certeza de que você não é uma ovelha? Porque seu corpo é* maaaa*ravilhoso.* Isso foi um grande fracasso com Ryke, mas uma adolescente riu ao meu lado. Ela entendeu a grandeza dessa cantada.

Caminhamos juntos até a próxima exibição, meu olhar vagando por todos os trabalhadores de calças caquis. — O que você acha dele? — Eu não aponto, mas Ryke segue meu olhar para um vendedor de pipoca de trinta e poucos anos. Ele tem pequenas costeletas e cabelos castanhos.

Com apenas um rápido olhar para o vendedor, Ryke já balança a cabeça. — Não se parece com ele.

Percebo um grupo de pré-adolescentes nos olhando em vez de olhar para as girafas. Somos mais discretos separados, o que é em parte a razão de eu me aproximar dele como uma estranha. A outra razão: é simplesmente muito, muito divertido.

— Você quer se separar e se encontrar no próximo lugar? — Eu pergunto a ele, leões rugindo distante. No zoológico, todo ruído humano é acompanhado por um animal.

— Você acabou de pegar um cara e você já quer dispensar ele, — ele me provoca.

Eu deslizo meus dedos no cinto do seu shorts, girando para encará-lo. Eu ando para trás enquanto ele caminha para frente. — Só para pegá-lo de novo e de novo e de novo. — Eu sorrio mais amplo, subindo na ponta dos meus dedos. — A emoção de tudo.

Eu só agora percebo que nós paramos no meio do caminho, seu olhar brilhando em mim. Me observando enquanto eu assisto ele. Sua mão desliza contra a minha bochecha.

— Você gosta desse cara? — Ele me pergunta em voz baixa e rouca.

— Mais do que chocolate, — eu sussurro.

Assim que ele se inclina para me beijar, uma multidão entra em erupção com aplausos. Nós nos separamos como se tivéssemos sido eletrocutados, mas ninguém está virado para nós. Grandes grupos de famílias, casais e amigos são transferidos para a exposição mais próxima.

Ficamos a uns três metros dos pandas e um zelador pega um microfone. — É uma menina! — Ela exclama e todo mundo aplaude, correndo mais perto da barreira para ver. Uma velha senhora esbarra no meu ombro a caminho de lá, e Ryke me puxa para mais perto do seu lado.

O panda acabou de ter um bebê.

Meus lábios se retraem, a decepção que eu empurrei para as partes mais distantes da minha alma começa a borbulhar para a superfície.

Ryke sussurra em meu ouvido: — Vamos ver os malditos pássaros.

Eu sorrio fracamente para ele. — Está tudo bem.

Não está bem.

Eu não estou grávida. Novamente. O teste falso da véspera de Ano Novo pode ser adicionado aos outros. Eu não deveria nem ter acreditado que poderia ser verdade.

Ele cobre meu rosto. — Ei, olhe para mim.

Eu devo estar olhando para o cimento. Eu levanto meu olhar entristecido.

— Vai ficar tudo bem, — diz ele muito lentamente, para que essas palavras afundem dentro de mim. — Seja qual for a fodida estrada que a gente seguir, *tudo vai ficar bem*.

— Como você sabe? — Eu pergunto. Como ele pode sentir isso e por que eu não posso?

— Porque eu tenho você, Calloway. Eu não preciso de mais ninguém.

Eu esfrego meus olhos com lágrimas, mais triste do que o habitual nos últimos dias. Quando começamos esta jornada, nunca percebi quantas vezes o tapete seria puxado debaixo de nós. Quantas vezes o universo gargalharia em nossos rostos. Para alguém que muitas vezes mantém suas emoções sob controle, esse processo fez elas subirem rapidamente à superfície.

Eu não conseguiria fazer isso com ninguém além de Ryke.

No fundo, o tratador está descrevendo todas as maneiras pelas quais a mamãe panda cuidará de seu bebê. De repente, digo a Ryke: — Não posso deixar de sentir que estou falhando com você.

— Não. — Seu nariz se inflama. — Nunca acredite nessa porra, porque isso não é verdade. — Sua mandíbula não barbeada se flexiona estritamente.

— Se o tempo se revertesse, — eu pergunto, — e você soubesse desde o começo que eu poderia ser infértil, você me beijaria na escada em Paris?

Eu começo a chorar pesadamente porque imagino esse cenário - onde ele nunca me escolhe. Isso empurra uma cunha fria através das minhas costelas.

Ele me segura com força, a mão pressionada carinhosamente na parte de trás da minha cabeça enquanto eu choro em seu peito. — Eu estou sempre te beijando em Paris, Dais. Toda as fodidas vezes, estou te beijando. Não há nada que mudaria meu rumo.

Eu sinto ele plantar um beijo quente na minha bochecha molhada. Eu tento limpar algumas das minhas lágrimas. Preciso de mais garantias nos dias de hoje, e já pedi desculpas uma vez por isso - e ele me disse para nunca mais pedir desculpas. Que ele me daria tantas verdades sobre nós quanto eu precisasse. Tudo o que eu tinha que fazer era perguntar.

Então eu não me desculpo.

Repito todas as palavras dele na minha cabeça, sentindo a confiança dele na estrada sinuosa que aceleramos. Eu tiro meus óculos de sol e ele limpa as lentes embaçadas com a sua camisa verde.

— Nós estamos bem? — Ele me pergunta, como se fosse matá-lo se eu dissesse alguma coisa além de sim.

Eu concordo com a cabeça. — Estamos bem.

— Daisy Calloway! — Alguém grita.

Eu instintivamente viro minha cabeça, e o grupo de pré-adolescentes grita como se eu tivesse entregado a evidência final de um mistério contínuo.

— Oh-oh, — eu murmuro. Nosso disfarce foi descoberto.

Ryke segura a cintura e então me ergue em seus ombros. Eu começo a sorrir, alto e longe de qualquer mão maliciosa.

Eu aceno para as garotas daqui - já que elas parecem fãs legais - e elas tiram fotos. Ryke se dirige para a saída, segurando minhas canelas enquanto eu brinco com seu cabelo. Ele literalmente anda três metros antes que grandes massas de pessoas nos circulem.

Tirando fotos. Fazendo perguntas uma atrás da outra. Apontando.

— Estamos tentando sair, porra. — Ryke diz, mas ninguém parece ouvir ou se importar.

Então alguém puxa meu casaco para que Ryke se vire, mas *me* puxa para trás. Meu coração está na minha garganta. — Não puxe, — digo à pessoa.

Outra pessoa tenta em vez disso.

Ryke sente o impulso puxando-o e, instantaneamente, ele me levanta de seus ombros. Minhas botas batem no chão, e ele envolve seus braços em volta de mim, me protegendo do ataque de corpos e olhos.

— Saiam da frente, porra! — Ele grita. — Estamos tentando sair.

Uma garota legal tenta criar uma saída estreita para nós, gritando para que as pessoas nos deixem passar.

Acho que agora, quando um garotinho com algodão doce aponta para mim, percebo que sou um animal neste zoológico.

Ryke me guia através de um buraco na multidão. Empurrando adiante. Nós batemos ombros e cotovelo, mas não há tempo para desculpas ou desculpas com os olhos. Nós só queremos sair em segurança.

Quando chegamos à saída, alguém familiar está a espera. Em um terno preto caro e óculos escuros, seu ombro está apoiado com confiança na parede de uma loja de presentes, com os tornozelos cruzados. Cercado por quatro guarda-costas, ele aproveita a atenção.

Ninguém o incomoda, apesar de tirarem fotos de longe.

— Eu estava indo encontrá-los perto das exposições, mas achei melhor ver como vocês lidam com as multidões. Eu precisava de um lembrete de como um completo desastre se parece. — Connor Cobalt se endireita na parede e, em seguida, acena para a loja de presentes. — Está vazia. — Ele entra, seus guarda-costas esperando na porta.

— Nós devemos segui-lo? — Eu pergunto a Ryke.

— Sim, — Ryke diz com agitação. — Que babaca do caralho. — Porque Connor não podia nem dizer *vem comigo*. Ele demonstra muito mais poder quando você o segue de livre arbítrio.

Verdade seja dita, ele parece um pouco com um Deus. Apenas não o tipo que eu quero em meus braços. Eu aperto a mão de Ryke e entramos na loja.

* * *

— Meu investigador particular tem rastreado seu investigador particular, — explica Connor perto do balcão de leões de pelúcia. — Meu IP também disse que vocês dois estão perseguindo potenciais agressores.

Ryke franze a testa. — Ninguém está perseguindo *ninguém*, porra.

Estou tão sem energia que quase dou risada. É claro que Connor encontrou nosso investigador particular. É claro que ele veio para dar um tapa nos nossos pulsos por nossas escapadas perigosas. Que outro cenário existe?

É assim que todos nós partimos.

Eu bufo.

Connor arqueia uma sobrancelha para mim. — O que é divertido nisso - além do fato de vocês dois estarem procurando em um zoológico?

Eu percebo Ryke murmurando as palavras, *cala a boca, porra.*

Eu sempre soube, Ryke. Nós nunca deveríamos estar no zoológico. Eu acho que o amo mais por isso. Ele só queria me animar.

— Você achou sua estadia com os primatas satisfatória? — Connor pergunta a ele. — Ou não havia bananas suficientes para você?

Ryke abre os braços. — Você veio aqui apenas para encher a porra do meu saco? Você poderia ter feito isso pelo telefone.

— Parem de procurar por esses bombardeiros de farinha. Não vai levar vocês a lugar nenhum. É uma perda de tempo, e eu deixaria vocês dois desperdiçarem os seus, mas eu não posso... — Ele faz uma breve pausa, apertando os lábios como se sentisse mais emoção em ascenção do que ele previa. — Eu não posso ver vocês dois colocando excesso de energia nisso porque não vai ter um final bom, e vocês dois precisam de um.

Ele está nos dizendo que estamos perseguindo as sombras.

Parar parece uma derrota ainda maior. Como amassar um mapa do tesouro. Destruindo a mensagem em uma garrafa antes de deixá-la flutuar no mar.

Eu prefiro manter a menor esperança viva. Mesmo que estejamos nos enganando. Isso é tão ruim?

— Eu pensei que você fosse manter suas fodidas opiniões para si mesmo, — Ryke rebate, seu tom um pouco menos antagônico, mas ainda nervoso.

— Eu sei. Essa foi a última vez. Considere isso como um bônus. Eu não dou isso com frequência, então aproveite enquanto você pode.

Ryke deve sentir o mesmo que eu sobre toda a provação, porque ele diz: — Diga ao seu investigador para deixar a porra do meu investigador particular sozinho.

Connor está com o rosto em branco. — Você é um teimoso, meu amigo.

Eu sorrio para a parte do *meu amigo*. — Vocês viram o nome do shipp de vocês dois no Twitter? — Eu pergunto a eles.

As suas estaturas masculinas-alfas giram completamente para mim.

Ryke franze a testa. — O que diabos você quer dizer?

Connor começa: — Um nome de *shipp* é...

— Eu sei o que é essa merda, — Lily e Lo descreveram isso há muito tempo, quando a cultura de fandom era bem nova para todos nós. — Eu não entendo porque temos um.

Eu pego um leão de pelúcia com uma etiqueta que diz *meu nome é Leo*. — Durante a véspera de Ano Novo, — eu explico, — quando Connor deixou você ficar na festa depois da… — Eu não menciono a briga, mas Ryke acena, entendendo essa parte. — Willow disse que o Twitterverso enlouqueceu e começou a chamar vocês de *amigos*. Agora vocês tem um shipp.

Connor está 0% surpreso.

Eu sorrio para ele. — Você sabe disso, não sabe?

As sobrancelhas de Ryke se franzem. — Que porra de nome é?

— CoKe, — responde Connor em um tom nivelado, mas um leve aborrecimento cruza seu rosto. Provavelmente com a perspectiva de compartilhar *qualquer coisa* com Ryke.

Ryke sacode a cabeça repetidamente. — Inacreditável!

A Coca-Cola, como a Pepsi, sempre foi inimigo da Fizzle e, de certo modo, é meio errado que Ryke e Connor tenham um nome de shipp baseado no concorrente de nossa família.

Embora quando você se lembra o quanto eles não se misturam. Quanto eles nunca parecem se juntar. Dois homens que vêem o mundo de maneiras muito diferentes e cores muito diferentes. Forçados a ficar perto um do outro. Forçados a cultivar algo. Eu acredito que qualquer nome para Ryke e Connor teria que ser um pouco errado para ser certo. Quer eles gostem ou não, isso realmente se encaixa.

E a amizade deles não é tão frágil ou tão quebrável como eles gostam de imaginar que é. Você vê, eu tenho essa teoria.

Relacionamentos que precisam de mais esforço e de mais tempo tornam-se os elos mais *poderosos* e resilientes no final. Então, se essa teoria estiver correta, a amizade deles será a mais forte de todas.

Enquanto o tópico do Twitter morre e ficamos com o persistente caso dos investigadores privados e possíveis bombardeiros de farinha, Connor estuda minha expressão que eu tento esconder com paredes altas de trinta metros e barras de ferro.

Se alguém pode ver através de tudo isso, são esses dois homens.

— Eu realmente gostaria que você considerasse esperar por Rose para ser uma barriga-de-aluguel, — diz ele. — É um objetivo que pode trazer mais felicidade no final do que esses.

Eu brinco, — Você quer que sua esposa carregue o bebê de Ryke?

— Para vocês dois, faríamos quase tudo.

Connor foi quem descobriu os vídeos de pornografia infantil sobre mim. É por isso que Scott Van Wright foi preso e por que os amigos de Scott nunca mais reproduzirão esses vídeos e me violarão.

Eu nunca disse obrigada a Connor, mas sou imensamente grata pelo que ele fez. Eu aceno com a cabeça para ele e sussurro: — Eu sei que vocês fariam. Obrigada.

Se alguém é inteligente o suficiente para ver a profundidade das minhas palavras, é ele.

Eu só queria que ele também pudesse oferecer uma bandeja de falsas esperanças.

Você vai engravidar em pouco tempo, Daisy!

Você vai pegar os atacantes de bombas de farinha e impedir que outra coisa aconteça, Daisy!

Você vai salvar o dia!

Por que a realidade não pode ser tão doce e vitoriosa quanto os contos de fadas? Eu só posso apertar a mão de Ryke e desejar a uma estrela que um dia ela seja.

< 32 >

RYKE MEADOWS

Mais um mês já passou e ela ainda não está grávida.

A única coisa que está crescendo é a porra da luta. A última menstruação de Daisy a colocou em uma dor excruciante. Eu tive que vê-la se enrolar em uma bola e abraçar um travesseiro como se estivesse *morrendo*. E eu não podia fazer muito, além de carregá-la para onde ela precisava ir e dar-lhe uma bolsa térmica quente.

Nenhum de nós disse isso em voz alta, mas sabemos que o cisto dela é o fodido culpado. Estou preocupado com a reserva de óvulos dela. Quando ela fez uma cirurgia no ovário esquerdo, seu médico disse que o "fluido de chocolate" poluía a qualidade dos óvulos. Então, o ovário direito é tudo o que ela realmente tem para a maternidade e a fertilização in vitro.

Eu já li o suficiente e liguei para o médico muitas vezes para ficar cego para a situação dela. Se o cisto crescer até 3 cm (atualmente é 2 cm), ele precisará ser removido antes da fertilização in vitro. Então os riscos são exponencialmente mais altos, levando à infecção e possivelmente diminuindo sua reserva de óvulos novamente.

Conforme os meses passam, a barriga de aluguel parece ser a opção mais segura, mas Dais não está pronta para desistir. No final, estou muito fodidamente preocupado com a saúde dela.

Ela é minha primeira prioridade.

E nossas vidas têm que seguir em frente *juntos*.

É por isso que estou prestes a sair para a casa do Connor e Rose, onde ela está atualmente com meu irmão e Lily. Estou preso na sede da Fizzle com Greg Calloway, Samuel Stokes e quatro outros empresários cujos nomes não lembro. Todos reunidos em uma longa mesa de conferência. Imagens das primeiras latas de Fizz estão emolduradas nas paredes atrás de mim.

Eu coloco minha jaqueta de couro, pensando que eles vão pegar a porra da dica que eu preciso sair.

— Esse tem que ser o rochedo mais desafiador que você já escalou, — um homem com um bigode grisalho me diz, deslizando uma pilha de papéis sobre a mesa. Nós estamos discutindo meu próximo comercial para Ziff, onde eu devo escalar solo livre. Eles continuam repetindo palavras como "surpreendente" e "de cair o queixo" e "extraordinário" - enquanto Greg e Sam ficam fodidamente quietos.

Eu folheio os papéis, passando sobre algumas das faces rochosas que eles escolheram. Eu balanço minha cabeça devagar e depois mais rapidamente. — Essas são *impossíveis* de escalar sem um arnês. Nunca foi feito.

O que eu fiz antes - a Triple Crown de Yosemite - foi a coisa mais difícil que eu já realizei enquanto fazendo solo livre. Mas eu não fui o primeiro a fazer isso.

— Esse é o ponto, — um homem mais jovem me diz. — Estará em todas os noticiários. Isso dará mais exposição à bebida esportiva que *você* está promovendo.

Eu odeio como ele enfatiza essa palavra. Como se estivesse reforçando que isso é um fodido trabalho. Eu entendo que não estou escalando apenas por diversão quando endosso a Fizzle, mas eu só comecei a fazer isso porque o Greg me pediu.

O homem de negócios mais velho com o bigode desliza um cheque. Eu nunca fui atraído por dinheiro. Eu escalaria até se eles me dessem 10 dólares, mas quando eles estão impacientes para aumentar a dificuldade, tudo muda, porra.

Eu tenho que pensar no futuro. Eu tenho que pensar em Daisy. Eu tenho que pensar nas consequências e no meu irmão. O dinheiro me convencerá? Será que vai me empurrar para

uma rocha que eu nunca consideraria tentar? Não tenho certeza.

E eu sei... isso é o que Lo temia.

Eu viro o cheque e ele me bate. *Porra*.

— Você vai ter isso depois de filmar o comercial, — ele me diz.

Minha vida vale dez milhões de dólares.

— Essa é uma soma anual, — ele elabora. — Você vai receber isso todos os anos até que o comercial não esteja mais no ar. É o mesmo tipo de contrato que os outros.

Sam finalmente fala. — Você acha que há um penhasco que você pode escalar que tem o mesmo... apelo que o Yosemite, mas é mais fácil para você?

— Passei anos praticando antes de escalar a Triple Crown. Eu não posso simplesmente imitar a fodida mesma coisa sem o tempo. — Desafios desafiadores geralmente me tentam, mas o tempo de preparação para esse tipo de subida não é atraente agora.

Eu estou em um lugar diferente na minha vida. Eu prefiro escalar faces de rocha que não levam anos para mapear - que não são mentalmente desgastantes.

Greg se inclina para a frente em sua cadeira de couro. — Não podemos esperar mais de um ano para filmar isso. — Ele entrelaça os dedos juntos, as sobrancelhas cheias de contemplação. — Qual é o risco se você escalar em solo livre algo como o Yosemite?

Ele não percebe, porra? Eu coço minha mandíbula e apenas digo. — Morte.

Seu olhar se fixa em suas mãos, a cor se esvaindo de seu rosto. Todo mundo está assistindo ele. Todo mundo está quieto.

— Eu quero ajudá-los aqui, — eu digo a eles quando o meu celular vibra.

Eu acho que é alguém me xingando por estar atrasado. Eu já estou trabalhando nisso, minha cadeira empurrada para trás da mesa, pronto para sair daqui. Hoje não é apenas um dia normal.

Preciso ter certeza que você é meu namorado. Me manda uma prova. - Daisy

Eu quase sorrio, mas na verdade, a mensagem me faz ficar de pé.

— Espera, — diz Greg, gesticulando para que eu me sentasse.

— É a porra do aniversário da Daisy, — lembro a ele. Nós tomamos café da manhã com os pais dela essa manhã e eles não fazem parte dos eventos dessa noite, então eu não estou surpreso que ele ache que o aniversário dela já passou.

— Você pode nos dar uma lista de escaladas comparáveis que você acha que são factíveis no tempo previsto? — Greg me pergunta.

Eu agarro as costas da minha cadeira, ainda de pé. — Se você quer que eu faça *qualquer coisa* parecida com escala da Triple Crown, eu preciso de mais de um ano e tempo que eu fodidamente não tenho.

— O que você vai fazer? — Greg pergunta. — Uma vez que o seu casamento passar, você vai ficar disponível.

Meu queixo endurece.

Estou tentando ter um bebê, porra.

Eu não posso dizer isso.

Eu tenho ajudado Daisy nos estágios iniciais de seu acampamento de verão.

Eu não posso dizer isso.

No meu tempo livre, eu prefiro escalar coisas que eu tenho certeza que não vai me matar.

Eu não posso dizer isso.

— Se isso não for importante para você, me avisa, — diz Greg do meu silêncio. — Podemos encontrar outra pessoa para ser o rosto da Ziff.

Ele está brincando comigo, porra? — Você quer que eu morra? — Eu pergunto à queima-roupa.

— Ryke, — Sam avisa como se eu tivesse cruzado uma linha. Se alguém cruzou, foi o Greg.

— Quero que você seja comprometido com essa empresa, — explica Greg. — Você não tem outro emprego além deste, e é importante para mim que você tenha motivação. Você está prestes a casar com minha filha de 21 anos.

Tudo o que ouço é um pai dizendo: *não quero que minha filha mais nova se amarre a um vagabundo.*

Eu tenho motivação para as coisas que eu amo, e eu tenho medalhas, prêmios e artigos sobre corridas que eu ganhei, escaladas que fiz. Nada disso importa para ele. Nem mesmo minha paixão por correr ou escalar.

Ele só se importa com o cheque.

E ele é o único fornecedor.

Eu continuo balançando a cabeça, discordando dele em tantos fodidos pontos. Eu conheço meus limites. Estou sempre confiante de que posso fazer uma subida quando a começo. Qualquer coisa menos é porra de suicídio.

— Isso é besteira, — eu digo em voz alta.

Greg se encolhe de surpresa, mas eu não me importo.

— Eu disse *sim* a praticamente tudo que você jogou em mim desde que eu assinei com a Ziff, e estou fodidamente aqui, no aniversário da minha noiva. Eu estou dizendo *não* agora, e você vai me ouvir.

Sam cobre o rosto com a mão.

Eu também não me importo com ele.

O homem mais velho da sala limpa a garganta. — Que tal pesquisarmos mais? Podemos encontrar uma rocha que todos concordamos?

— São dez milhões de dólares por ano, — outro empresário diz como se eu fosse um idiota.

Não pense no dinheiro, digo a mim mesmo. Meu celular vibra novamente.

Você sabe onde eu posso encontrar meu lobo? - Daisy

— Eu tenho que ir, — eu digo, e quando me viro para a porta, Greg fala.

— Você pode checar seu e-mail e atender o telefone quando Sam ligar? Vamos tentar encontrar algo comparável, mas mais seguro. Eu não quero perder você em uma escalada, Ryke. Estou apenas tentando entender.

Concordo com a cabeça, concordando com isso, mas sei que meu irmão vai odiar, mesmo que o rochedo esteja ao meu alcance.

Depois que eu saio, começo a andar o corredor acarpetado em direção aos elevadores. Eu mando mensagem para Daisy de volta: *prova* e adiciono uma foto no meu rolo da câmera que tirei alguns dias atrás para ela. Nu, um close-up no meu abdômen e pênis, gotas de água rolando depois do meu banho.

Eu pressiono enviar.

Meu celular vibra rapidamente.

Ai meu deus você é totalmente meu namorado! - Daisy

E então outra mensagem.

Eu lembro desse pau dentro de mim. Eu lembro de tocar nesse abdômen. - Daisy

Eu quase endureço. Enquanto eu espero pelo elevador, eu mando uma mensagem para ela: *Eu sou seu fodido noivo*.

Preciso de outra foto para confirmar esse título ;) - Daisy

Fofa, eu respondo ela e depois eu mando para ela outra foto que eu tirei, parecida com a outra, só com mais do meu rosto.

Ela me perguntou antes se eu quero que ela envie fotos de volta, mas eu prefiro arriscar que só fotos minhas apareçam online. Eu não me importo se o fodido mundo ver meu pau, mas ela se importaria se o mundo visse seu corpo. Ela é visualmente estimulada, então eu fodidamente amo fazer isso.

Assim que as portas do elevador se abrem, meu celular vibra novamente.

Você é ele. Eu reconheceria essa carranca super bonita em qualquer lugar. (Mesmo na lua.) - Daisy

Meus lábios se levantam, pronto para estar perto dela. Então me lembro dos planos de transformar seu aniversário em uma festa de despedida de solteiro.

Eu só espero que tudo sobre esta noite não dê fodidamente errado.

< 33 >

DAISY CALLOWAY

Eu fico do lado de fora da casa de Connor e Rose enquanto Coconut fareja um bom lugar para fazer o seu negócio. Eu pulo na ponta dos pés, tentando me aquecer já que deixei meu casaco lá dentro.

Coconut faz xixi com orgulho na fonte congelada dos Cobalt.

— Vamos manter isso entre você e eu, — digo a Coconut.

Sua cauda sacode, gostando do nosso segredo.

Tulipas de ambos os lados da calçada estão esqueléticas no frio do inverno de fevereiro, mas a mansão de dez quartos de Rose e Connor ainda captura uma aura de contos de fadas que eu nunca senti ou vi antes. Tapume branco com pedra cinza, portas duplas colossais, molduras majestosas e roseiras.

Não consigo imaginar nada que seja melhor para eles, e é na mesma rua que a casa acolhedora de oito quartos de Lily e Lo. Onde eu moro atualmente.

Ryke e eu realmente não falamos em sair.

Não porque não queremos ou temos medo de dizer adeus à minha irmã e ao irmão dele. É só que não há muito para venda agora - não apenas na Whisper Ridge Road, mas em todo o bairro fechado. Por motivos de segurança, não queremos nos arriscar em nenhum outro lugar.

Uma moto acelera na entrada da garagem, assim que Coconut termina de fazer xixi. Ela salta ao redor da fonte.

Assim que ele para, Ryke remove seu capacete, seu cabelo castanho escuro desgrenhado. Ele examina meus braços nus como se eu fosse louca. — Está congelando, porra.

De repente me lembro das fotos que ele me enviou por mensagem, e meu pescoço se aquece. — Eu tenho essa teoria… — eu começo.

Ele inclina sua Ducati em seu suporte. — Você está com os pés fodidamente descalços? — Ele pergunta, vindo para mim.

Eu olho para os meus dedos não pintados. — Talvez da próxima vez eu me lembre deles, né?

Ele mexe no meu cabelo e, em seguida, envolve o braço em volta do meu ombro. Eu assobio e Coconut nos alcança acima dos degraus de pedra.

— Qual é a sua fodida teoria? — Ele pergunta enquanto nos aproximamos da porta da frente.

Ah, certo. — Se eu ficar no frio por muito tempo, meus óvulos vão congelar e durar *para sempre,* — digo teatralmente e estico meus braços como se estivesse pegando flocos de neve.

Ryke não acha engraçado. Quando entramos na casa, ele bate a porta um pouco alto demais. O lustre de cristal chacoalha do teto abobadado. Nós ficamos embaixo, e Coconut desce na escada de contos de fadas ao nosso lado.

Vozes ecoam da sala de estar próxima, mas o foco de Ryke está todo em mim.

— Essa é a coisa mais idiota que eu ouvi de você a semana toda.

Eu coloco minhas mãos nos meus quadris. — Lily me disse que o Capitão América ficou congelado por anos e nunca envelheceu quando ele acordou.

— Você não pode congelar seus fodidos óvulos quando eles ainda estão dentro de você.

Recuperação de óvulos e minha reserva de óvulos têm me incomodado muito, especialmente porque a gravidez parece mais improvável sem a fertilização in vitro. — Eu gosto mais da lógica da Lily do que da sua, — eu digo. — Sem ofensas.

De repente, ele aperta minha mão e me conduz rapidamente, quase correndo, por um corredor escuro, em direção a uma porta dos fundos. Meu pulso aumenta a velocidade e já

começo a sorrir.

Antes de perguntar para onde estamos indo, ele diz: — Vamos fazer algo louco pra caralho, Calloway.

Algo louco pra caralho.

Eu gosto do som disso.

< 34 >

RYKE MEADOWS

Estamos realmente congelando agora.

Depois de pegar Daisy pela cintura e jogá-la na piscina gelada do Cobalt - nunca tirei meus braços dela, então pulei também - corremos de volta para dentro, direto para a lavanderia. Encharcados, dentes batendo.

Sorridentes.

Eu a despi rapidamente, tirando suas roupas frias, e seus dedos se movem rapidamente por cima de mim. Tirando a minha. Nós não falamos, mas nossas mãos falam. Me preocupando com a porra de seu calor, eu aperto seus cabelos ensopados e, em seguida, tiro seu jeans e sua calcinha. Ela sai deles.

Depois de menos de trinta segundos, estamos fodidamente nus e não vejo toalhas nas proximidades...

— Essas parecem limpas. — Daisy se refere à pilha de roupas dobradas em cima de um balcão de granito.

Afasto meu cabelo molhado da porra do meu rosto. — Não me entregue a cueca de Cobalt. — Eu nunca ouviria o final disso, ainda mais do que quando eu usei a calcinha de Lily.

Ela sorri maliciosamente e depois me joga algo preto enquanto escolhe uma peça de roupa para si mesma.

Desdobro o material preto. *Calças de moletom*. Eu rapidamente as coloco, gotas de água ainda rolando pelo meu peito e abdômen.

Daisy estremece ao vestir uma camiseta muito grande com o logotipo preto e dourado da Fizzle. Depois de morar com Rose, eu a vi usar essas camisas fora de moda e desbotadas dos anos 90 quando ela limpa os banheiros. Não estou surpreso que uma esteja na pilha de roupas.

Assim que a camiseta cai em suas coxas, sento Daisy em cima da secadora. Jogo todas as nossas roupas molhadas dentro e ela pressiona o botão de *iniciar*. A máquina ronca para a vida, e eu esfrego seus braços, tentando criar mais calor.

Ela chuta os pés para frente e para trás, me observando fervorosamente. O cabelo dela ainda encharca a blusa, na parte superior dos seios, então torço os fios marrons novamente. Tirando a água.

Ela está sorrindo, porra.

E então suas pernas se separam para acomodar meu corpo entre elas.

Eu endureço, o comprimento do meu pau claro nas calças de moletom do Connor. Eu assisto seus olhos abaixarem e depois voltarem para cima. Ela deve notar que os meus olhos estão fazendo o mesmo com ela, permanecendo nas suas coxas. Sua pele está fria, e eu acaricio sua perna nua, indo em direção a sua bunda.

Olhamos um nos olhos do outro e então sinto um puxão nos cordões da minha calça, me puxando ainda mais perto.

A lavanderia fica ao lado da sala de estar. Vozes abafadas passam pela porta fechada, mas tudo fica bloqueado. Porque Daisy está na minha frente.

Ela vibra na secadora, os olhos acesos.

Eu seguro o lado de sua cabeça, minha outra mão acariciando sua coxa.

Ela para de tremer, cor nas bochechas. Sua palma desliza por baixo do cós da calça e para o meu pau.

Porra. Solto um grunhido baixo, pressão brotando no meu pau, e me inclino para frente, minha respiração aquecendo seu pescoço. — Daisy...

— Na natureza, — diz ela, — os animais usam o sexo para aquecer seus corpos.

Eu me imagino profundamente entre as pernas dela, ouvindo seus malditos gritos. Os que perfuram com *eu não consigo*, apenas para ser reforçado que ela *consegue*.

Eu tiro o cabelo frio do rosto dela. — É mesmo? — Pergunto.

Ela assente lentamente. — Essas são apenas as regras do reino animal.

Eu tiro a mão dela do meu pau, não tendo controle suficiente neste maldito segundo para deixá-la me esfregar. Seguro sua outra bochecha com a mão e a beijo com ternura. Então, mais forte e ardentemente. Separando seus lábios com a minha língua.

Minha mão volta para sua coxa, amassando e esfregando sua carne.

Um gemido apanha em sua garganta, fazendo todo o meu sangue ir para baixo. Eu brinco com a língua dela novamente e, lentamente, meu polegar sobe e escova seu clitóris. Levemente. Mais *forte*.

Ela treme contra o meu peito, não encharcada, mas também não seca.

Deslizo um dedo dentro de seu calor.

Ela empurra o quadril para frente com o meu toque. *Porra, Dais*. Meu corpo roça contra o dela.

— Ryke, — ela respira, um choramingo ligado ao meu nome. Ela se agarra a mim e eu beijo a base do pescoço, a clavícula.

Prestes a cair de joelhos. Eu congelo quando meus lábios pressionam seu mamilo na parte externa de sua blusa.

O falatório, na sala de estar, se amplifica. Ficando cada vez mais perto. *Porra*. Eu rapidamente me afasto dela, empurrando suas pernas fechadas.

Os lábios de Daisy estão inchados e vermelhos, mas ela me dá o maior sorriso torto e segura a minha cintura. Eu mantenho um braço em volta do ombro dela, assim que a porta se abre.

— Pergunta séria. — Lily aparece, mas ela está no celular olhando fixamente para a tela. — Devo postar o vídeo de vocês dois no Snapchat, Instagram ou Twitter?

Os olhos de Daisy se arregalam, provavelmente pensando que sua irmã acabou de me filmar fodendo ela. — Que vídeo?

Lily olha para cima, intrigada por um momento rápido. — Eu... interrompi alguma coisa? — Suas bochechas coram e ela espia minha virilha.

Inclino meu corpo mais na direção da secadora - para que ela não possa ver o contorno de nada.

Ela relaxa um pouco, mas seus ouvidos ficam vermelhos.

Nesse momento, meu irmãozinho passa pela porta aberta, com uma tigela de salgadinhos de cebola e salsa na mão. Ele os coloca na boca. — Eles não transariam na lavanderia do Connor e da Rose, amor. Está muito limpo aqui. — Ele aponta para o lugar impecável, exceto por poças d'água. — Não há sujeira e não há vista da lua. Definitivamente não é a coisa deles.

— Hilário pra caralho.

Ele me dá um meio sorriso e olha minha roupa. — Parece que você ama Connor o suficiente para usar as calças dele. Elas ficam bem em você, mano.

Eu mosto o dedo do meio pra ele e depois aceno para Lily. — Que fodido vídeo?

Não sei ao certo quantos ela gravou até agora, mas ela tem nossa permissão para gravar o máximo que puder a noite toda. Estamos documentando a festa para as redes sociais.

Por uma fodida razão.

Se o mundo acreditar que estamos tendo nossa despedida de solteiro *agora*, eles vão pensar que nosso casamento será dentro de uma semana.

Nós estamos nos casando no dia 15 de julho, nem mesmo perto de fevereiro. O dia que escolhemos se encaixa nos horários de trabalho de todos e na data do parto em setembro da Rose. Ela estará grávida durante nosso casamento, mas ela disse que não a impedirá de voar. O médico dela tem a palavra final, e todos estamos cruzando os dedos.

E a rede social hoje à noite é a *nossa* chance de ter uma cerimônia sem paparazzi. Eles vão achar que perderam algum evento secreto e apenas seguirão em frente.

Lily gira seu celular para nós e reproduz um vídeo.

No clipe curto, finjo jogar Daisy na piscina, mas a seguro uma vez e depois duas vezes. Ela não está lutando para ficar no cimento. Ela chuta em *direção* à água com uma risada, e então eu a jogo enquanto ela ainda está em meus braços. Sua voz desaparece com a nossa caída na água.

Eu posso ouvir Lo ao fundo dizendo, *porra*.

Daisy sorri e aperta os cordões da minha calça, os amarrando em um laço.

— Estou pensando no Twitter, mas não sei, — contempla Lily.

— Qualquer um está bom, — digo a ela, me curvando para verificar nossas roupas na secadora. Minha camisa ainda está encharcada. A calcinha de Daisy está muito úmida para vestir, e eu bato a porta, um pouco nervoso que não pensei em tirar antes de pularmos.

Não é como se eu quisesse dar um mergulho pelado na porra da casa do Connor e Rose.

Lo mastiga um salgadinho. — Hashtag raisins precisam de mais amor.

Mostro meu dedo do meio para ele novamente e levanto Daisy da secadora, colocando-a de pé. Ela rapidamente puxa a barra da camisa para baixo, cobrindo a bunda e as coxas.

— O problema começa com o nome do seu shipp, — Lo nos diz.

Lily olha para cima do telefone. — É Raisy.

Aqui vamos nós novamente.

Ignorando-a, Lo diz: — Você sabe o que acontece quando vejo passas (raisins em inglês) em um biscoito ou uma fatia de pão? Eu penso, *afaste-se de mim. Você arruinou minha comida*. Você não quer essa negatividade associada ao nome do seu shipp.

Sua lógica é tão estranhamente estranha quanto a de sua esposa. Eu odeio pensar nisso, mas eu preferiria a do Connor agora.

— Você é chamado de um fodido cinnamon roll (rolo de canela), — eu respondo como se isso fizesse tanto sentido quanto passas. É a sobremesa favorita dele, mas Daisy disse que Willow explicou que o “rolo de canela” não tinha nada a ver com o que ele come. Apenas uma coincidência "incrível".

Na verdade, estou realmente muito confuso.

— Sim, — Lo rebate, — e quem não ama um rolo de canela?

Lily me diz: — Cinnamon roll, bom demais para esse mundo, puro demais.

É isso aí. Todo mundo perdeu a porra da cabeça.

Daisy sorri. — É um meme, Ryke.

— Não tente explicar isso para ele, — diz Lo. — Levou seis meses sólidos para ele funcionar plenamente no Twitter.

— Vai se fuder.

— Hashtag Raisin Hell.

— É *Raisy*, — Lily enfatiza pela milionésima vez desde que Dais e eu começamos a namorar.

— Parece um monte de passas para mim.

Lily, distraída, olha para o celular com um biquinho, levando a postagem de vídeo muito mais a sério do que nós. Penso em todas as manchetes de revistas sobre *triângulo amoroso* entre Lil,

meu irmão e eu. Às vezes, esqueço quanta tensão invisível e irregular tem entre Lily e Daisy.

Lily se sente culpada e quer fazer *tudo* ao seu alcance para mostrar o quanto "Ryke e Daisy" devem ser. E não ela e eu.

Daisy se sente culpada pelo remorso de Lily. Lily se sente responsável pela dor de Daisy. Esse ciclo vicioso do mal vem agitando há anos. Eu odeio que esses rumores e percepções tenham apodrecido tão profundamente e por tanto tempo. Eu nem sei se as meninas conseguem superar tudo isso.

Lily começa a digitar. — Eu vou fazer uma hashtag com *Raisy is Alive.*

— Eu gosto, — diz Daisy, dando à irmã dois polegares para cima.

#TeamRaisy é uma das únicas coisas que as unifica contra a merda de *triângulo amoroso*. Por mais que Lo provoque sobre *raisins*, ele também sabe disso.

— É melhor voltarmos, — diz Lo. — Não podemos manter o Rei e a Rainha esperando.

Quando voltamos para a sala, imediatamente vejo Moffy olhando para uma revista em quadrinhos ao lado da lareira apagada, enquanto Janie inspeciona um brinquedo de chocalho verde-azulado. Moffy luta para virar as páginas muito finas, e Lo coloca sua tigela na mesa de café para ajudar seu filho.

Guio Daisy pelo sofá, minhas mãos firmes nos ombros dela, e depois paro assim que Connor carrega uma banheira de plástico cheia de boás de plumas, tiaras e o que parece uma piñata de pênis. Rose aparece e lança uma enxurrada de balões rosa e pretos com as palavras *Blow Me* e *Pop Me*.

Eu as assisto flutuar no teto.

— Porra, sério? — Estou surpreso com o fato de eles terem feito tudo isso para nos ajudar a enganar o mundo. Por outro lado, Rose gosta mais do ato de decorar uma festa do que a porra da festa.

Connor coloca a banheira de plástico ao lado do sofá. — Eu responderia, mas isso seria reconhecer sua afirmação como uma pergunta real e viável. O que eu não reconheço. — Seus olhos voam para a camisa de Daisy e depois para as minhas calças. Diversão ilumina seus olhos, e seu sorriso é palpável pra caralho.

— Não pergunte, — eu estalo.

— Não preciso perguntar para saber, — diz ele com facilidade. — E Ryke?

— Sim?

— Não goze nas minhas calças.

Lo começa a rir tanto que acho que ele pode rolar para a lareira. O corpo de Daisy vibra com risadas crescentes também.

Eu a giro. — Você acha isso engraçado, Calloway? — Eu tento fingir que estou falando sério, mas um sorriso brinca com meus lábios, quanto mais eu a assisto com prazer.

Ela tenta engarrafar os sentimentos e colocar uma cara séria. — Essa foi a coisa mais *sem graça* que eu já ouvi. Quem ia dar risada de uma coisas dessas? — Seus lábios se curvam e então ela bufa.

Eu empurro seu ombro, e então ela empurra o meu, um sorriso perverso crescendo no rosto.

Rose estala os dedos para nós. — Menos flerte, mais concentração. — Ela passa faixas de prata para nós. *É a porra da minha despedida de solteiro* em uma e *É a porra da minha despedida de solteira* em outra. Lily e Lo já estão arrumando suas coroas de papel que dizem *Madrinha* e *Padrinho,* respectivamente.

É como se estivéssemos fazendo uma peça e, de alguma forma, isso é teatro para o mundo exterior.

— Willow e Garrison estão presos no trânsito, — diz Lily, seu celular ainda em concha nas mãos. — Eles estão pegando o bolo. — Meu relacionamento com Willow não saiu da fase "embaraçosa", e eu dei muito tempo para essa porra mudar naturalmente. *Não seja agressivo com ela*, eu disse a mim mesmo. Agora estou começando a me perguntar se algum dia será diferente do que é.

Daisy puxa minha faixa, capturando minha atenção, e quanto mais meus traços permanecem fixos e duros, mais ela se aproxima. Eu empurro seu ombro levemente novamente.

Ela abre um sorriso e depois tenta me empurrar de volta - eu agarro seu pulso e a puxo para o meu peito. Em segundos, levanto Daisy por cima do ombro e a jogo nas almofadas do sofá. Uma respiração prende em sua garganta como oxigênio chicoteia seus pulmões.

Eu subo em cima dela, garantindo que a porra da sua camisa extra grande não suba. Então coloco minhas mãos no braço do sofá acima da cabeça dela. Seus olhos verdes, cheios de curiosidade, brilham para mim.

Lo diz, — Onde está o seu celular?

Levo um longo momento para processar sua pergunta, incapaz de desviar meu olhar dela. — Na minha jaqueta.

Daisy se contorce debaixo de mim e tenta agarrar meus braços. Para me prender. Eu acaricio sua bochecha com minha mandíbula e pego sua cintura, levantando seu corpo contra o meu.

— Qual é a sua senha? — Lo pergunta.

— 2108.

Eu pergunto a Lo: — Por que você precisa da porra do meu celular?

Daisy agarra meu pulso esquerdo, nossas pernas entrelaçadas, e então de alguma forma rolamos da porra do sofá, lutando. Como animais.

Ela arfa de emoção, levantando meus braços, pensando que pode me prender dessa vez. Então eu deslizo em cima dela, invertendo a porra da posição. Passo meus dedos pelos seus cabelos e ela agarra meus grossos fios castanhos. Eu belisco sua orelha com meus dentes, e seu sorriso se estende mais.

Eu continuo puxando sua camisa para baixo, cobrindo suas coxas. Meus músculos flexionam, meu peso quase todo sobre ela, mas eu apoio metade do meu corpo para fora do corpo esguio e longo de Daisy.

Ela levanta a cabeça, seus lábios se aproximando dos meus. E ela sussurra: — O que você vai fazer comigo, líder da matilha?

Meu sangue esquenta e, na sua orelha, murmuro: — Vou fazer filhotes de lobo com você.

Daisy quase solta um grito ofegante, mas minha mão corre sobre sua boca, silenciando o barulho.

— Porra, onde está seu aplicativo de fotos? — Lo pergunta, percorrendo meu celular.

Fico rígido e percebo que ele nunca respondeu à minha pergunta anterior. Ou talvez ele tenha respondido, e eu simplesmente não ouvi. — Você está olhando minhas fotos? — Sento-me enquanto os olhos de Daisy se arregalam de horror.

Lo se inclina contra a lareira. — Estamos tentando postar mais fotos de raisins no Twitter. Lily quer selfies de vocês.

Porra.

Eu praticamente pulo para a porra dos meus pés. Porque minhas "selfies" não são do tipo que Lily está se referindo. — Ei, para de mexer no meu celular. Deixa que eu as envio para você. — Eu não contei quantas fotos do meu pau eu salvei no meu álbum de fotos, mas provavelmente levaria menos de um segundo para acabar em uma.

Corro pela sala para alcançar meu irmão. E então ruídos *ecoam* do meu celular em volume alto.

Gritos estridentes de prazer.

Gritos da *Daisy*.

Meu gemido baixo ao fundo.

Porra.

Porra.

O fundo do meu estômago simplesmente cai, e pavor contorce o rosto de Lo antes de cimentar em uma careta. Perto da lareira, vou roubar meu celular de volta, mas horrorizado, Lo joga meu celular o mais longe possível dele.

Do outro lado da sala.

Bate no tapete. Perto dos pés de Connor.

Vislumbro Daisy, afundando no sofá com as bochechas vermelhas, mortificada.

Me foda. Ponho minhas mãos na cabeça, as abaixo e, em seguida, corro até Connor para acabar com isso. O video é reproduzido, alto o suficiente para que Rose esteja congelada em choque absoluto perto da banheira plástica de boás.

Lily cobre os ouvidos com as mãos, olhos fechados.

— *Eu não consigo...* — Sai do celular, seguido por um suspiro ofegante.

Daisy enterra o rosto em um travesseiro.

— Desliga, — digo a Connor, e quando me aproximo dele, ele pega o celular, os olhos voando para a tela e calmamente me passa o celular. Como se não fosse nada.

Eu fecho apressadamente a porra do vídeo, um close *extremo* do meu pau entrando na Daisy. Esfrego o rosto uma vez, o silêncio ensurdecedor.

Minha principal preocupação é Daisy, que está queimando de vergonha.

< 35 >

DAISY CALLOWAY

Que.

Porra.

Foi.

Essa.

Eu abro minha boca para lançar uma piada, aliviar a tensão estranha, mas minha mente está um abismo negro. Como que se fosse para me proteger de repetir um dos momentos mais embaraçosos da minha vida.

Ryke gesticula para o quarto silencioso. — Esqueçam isso. Essa porra nunca aconteceu. — Ele segura seu celular em um punho apertado e sua preocupação sombria está focada em mim.

Eu duvido que ele se importaria tanto se ele achasse que eu não me importo, mas eu não posso fingir ser indiferente sobre isso. Porque Connor Cobalt e Loren Hale acabaram de ver um close-up de Ryke enfiando seu pau em mim. Ah, e sem mencionar que toda a sala ouviu meu orgasmo.

A almofada do sofá ondula quando Ryke afunda ao meu lado. Ele segura meu corpo horrorizado, e eu enterro meu rosto na curva de seu braço e murmuro, — Que porra foi essa. — Eu raramente xingo, mas esta é a frase mais precisa para descrever a situação e como me sinto.

Que. Porra. Foi. Essa.

Ryke pressiona a palma da mão na minha bochecha e testa em chamas e depois beija o topo da minha cabeça.

Meu ritmo cardíaco diminui um pouco com sua compaixão e preocupação, mas, é claro, alguém piora o pior momento.

— Olha, amor, — Lo diz para Lily. — Dois terços de nós têm vídeos de sexo, e nós não somos um deles.

Ryke estreita os olhos para ele, com raiva. — Não é um vídeo de sexo.

Lo inclina a cabeça como se dissesse *você está brincando, porra*. — Só porque tem uma qualidade de merda não significa que não é um vídeo de sexo, mano. Tem áudio e nudez gráfica. Eu conheço pornografia quando vejo uma.

Ai meu Deus. Por favor, pare de falar sobre isso, Lo.

Todo mundo começa a se sentar ao redor da sala, e a piñata em formato de pênis cai da banheira. Um balão escrito Me Chupe aparece, e eu me recuso a fazer contato visual com Connor. Além de Ryke, o lugar mais seguro para olhar é para Rose.

Ela cruza os tornozelos na cadeira Queen Anne, descendo de seu ataque inicial de choque. — Temos que deixar isso pra trás.

Por favor, sim.

Ryke acaricia meu cabelo e eu respiro fundo.

Lo diz, — Isso é fácil para você dizer. Você não *viu* o vídeo nem as fotos do pau do seu irmão.

Ugh, a vergonha deste momento não vai acabar.

— Isso seria impossível, — retruca Rose, — eu não *tenho* um irmão.

Lo lhe lança um olhar aguçado. — Por que você sempre tem que ser tão sabichona, Angélica?

— Porque eu te odeio. — Ela tira o cabelo do ombro esquerdo e, em seguida, aperta as mãos.

Ninguém nos censura por termos filmado o vídeo. Se vazar online, as pessoas não saberão quem está no clipe, estava muito de perto. Ryke também poderia correr nu por Philly com

paparazzi tirando fotos e ele nem se importaria. Ele me disse isso uma vez, junto com: “Meu corpo é a porra do meu corpo, mesmo que alguém o veja, ainda é meu.”

Eu percebi algo então. Cada um de nós se enquadra em diferentes espectros do que nos faz confortáveis e desconfortáveis. Eu gosto que eu tenha encontrado meus limites e que Ryke saiba os seus.

A sala se cala.

Através do tenso silêncio e seus breves olhares para mim, tudo o que ouço é *acabamos de ver sua anatomia e a anatomia de Ryke unir forças da maneira mais íntima possível. Como você se sente sobre isso?*

Nada bem.

Nada bem mesmo.

Se apenas o bolo chegasse agora. Bolo consertaria isso.

Eu arrisco uma espiada no Connor. Suas sobrancelhas se arqueiam para mim em saber, nem um pouco desconfortável.

Meu pescoço queima, e Ryke beija minha têmpora, tentando consertar isso, então eu não estou mais super vermelha.

— Então… — Lily diz no sofá ao lado do marido, sua coroa de *dama de honra* torta. — ... vocês assistem enquanto vocês... fazem sexo?

— Hummm? — Minha mente está tipo *não computa*. *Não é possível computar*. *Machos chamados Connor e Loren na sala*. Eu fiz muitas piadas sexuais no passado, mas eu fico totalmente em branco quando minha vida sexual real é explodida em seus rostos. — Hummhumm. — Eu aceno com a cabeça. — Sim. Você sabe... tudo isso. — Eu tento dar em um sorriso.

Cave essa sepultura, Daisy.

— Eu não posso dizer que isso é algo que eu nunca vi antes, — Connor diz para Ryke. Já que ele viu Ryke gozar em meu rosto? — Pessoalmente, eu gostaria de parar de ver seu pau assim.

— Vai se foder, — diz Ryke.

Lo começa a rir, sua revista em quadrinhos na mão.

Lily bate no peito dele. — Não é engraçado. Minha irmã está chateada.

Ele finge estar triste, com a mão em seu coração.

Ela vai para a jugular tentando roubar a revista em quadrinhos. Ela só agarra uma extremidade e ele puxa a outra, transformando-se em um cabo de guerra. As bochechas de Lily ficam vermelhas em esforço, enquanto Lo quase não faz nada.

— Solta... isso, — ela bufa.

— Isso é um bíceps? — Ele aperta o músculo inexistente dela. — Porra, amor, não vire o Hulk comigo.

— Você está sendo um idiota.

— Eu sou sempre uma idiota, Lily Hale, e eu não gosto de compartilhar meus brinquedos. — Ele puxa o quadrinho, e ela perde o controle completamente.

Eu aplaudo seu valente esforço, feliz pela distração.

Rose se levanta em seus saltos e depois fica no meio da sala. Eu me endireito, percebendo que ela está tirando os holofotes de mim também. Ela tem uma varinha de pênis na mão, tão confiante e equilibrada.

Eu sorrio imediatamente, menos e menos mortificada.

Ryke parece relaxar também.

— As apostas estão abertas. — Rose declara e gesticula a varinha de seu peito para Connor. — Decidimos não saber o sexo do bebê, para que todos possam começar a adivinhar.

— Depende do que você quer, — diz Lo, — e então eu vou apostar exatamente no oposto.

Rose revira os olhos dramaticamente. — Juvenil como sempre, Loren.

Antes que Lo possa responder, Lily interrompe com um gesto de levantar a mão. Rose aponta a varinha para minha irmã mais velha. — Vai.

Lily olha para a varinha de pênis por um segundo a mais, os olhos se estreitando - provavelmente não acostumados a serem chamados assim. Pelo menos, esta é minha teoria.

Lily limpa a garganta. — Vocês ainda estão deixando quantos filhos vocês terão para o destino? — Boa pergunta. Um tempo atrás, Rose declarou que teria tantos filhos até Jane ter uma irmã. Isso significa que se ela tiver uma filha em seguida, a família Cobalt terminará de crescer.

— Sim, — diz Rose. — E eu quero o que for que o destino me trouxer. — Seus olhos voam para Lo. — Então, eu vou ser feliz com um menino ou uma menina. — Minha irmã mais velha sempre foi supersticiosa e crente no destino e assim por diante, por isso sua proclamação não surpreende ninguém.

— E você, amor? — Lo pergunta a Connor.

Ele sorri. — Eu gostaria de ter um menino. — Ele não explica mais, mas todos nós sabemos que ele quer uma família grande. Um menino significaria que eles tentariam novamente por uma garota. Eu me pergunto por que ele concordou com todo o "plano de destino" dela se ele realmente quer o grande império Cobalt. Mas, novamente, acho que já sei. Eu vejo isso na maneira como ele olha para ela, como se ele desistisse de qualquer coisa em sua vida se isso agradasse a Rose.

É amor.

— Apostas? — Rose pergunta, acenando a varinha do pênis ao redor. Lily vai para trás como se estivesse com medo de bater no rosto dela.

Meus olhos caem para a barriga de Rose e eu franzo a testa. Ela parece... um pouco maior do que da última vez. Talvez? Eu não sei. Não é como se eu encarasse muito a barriga de grávida de Rose, especialmente não recentemente.

Eu tenho que perguntar, embora.

— Rose, — eu digo, meu sorriso desaparecendo, — você tem mentido sobre quantos meses você está? Tudo bem se você estiver...

Seu rosto cai e o arrependimento me assola por um segundo quente. Eu chamei Rose de mentirosa, que está em algum lugar parecido com “trapaceira” em seus anéis do inferno.

— Eu sinto muito, — eu digo com toda a sinceridade, — eu só...

— Não, — diz ela com firmeza. — Eu não mentiria para você sobre a minha gravidez.

Eu posso dizer que a machuquei, mesmo pensando que ela teria me enganado. Esta é Rose Calloway. A irmã que pularia em um navio afundando com Lily e eu. Apenas para ser outro par de mãos, urgente e incansavelmente retirando água até que todos nós nos afogamos juntas.

E não só isso - ela acabou de desviar um momento incrivelmente embaraçoso meu com facilidade e sem questionar.

Eu me explico o melhor que posso. — É só que você parece um pouco maior do que da última vez.

Lo estremece de maneira audível. — Foi bom conhecer você.

Rose levanta a mão para Lo calar a boca, mas seu olhar forte nunca me deixa. — Eu ia te contar amanhã. Eu não queria tirar a atenção da sua festa.

— Ok… — estou perdida para onde ela está indo.

Connor usa um olhar que já sabe de tudo, mas todo mundo parece tão confuso quanto eu.

— Cristo, não diga, — Lo interjeita, — o bebê tem cascos.

— *Bebês*, — Rose corrige.

Minha mente mal consegue processar a palavra. Ou até mesmo a forma plural da mesma. Lo imediatamente estreita os olhos. — Você ia nos deixar apostar no gênero quando você está tendo malditos gêmeos? Essa é a coisa mais suja que vocês dois fizeram em um tempo.

Eu desligo o resto da conversa deles, mas o ar se enrola em fios tensos. Eu me levanto para abraçar minha irmã, querendo que as pessoas fiquem tranquilas. Fiquem felizes. Estamos todos felizes. Eu não sei porque tenho que continuar repetindo.

Rose aponta aquele pênis para mim ameaçadoramente. — *Sem* abraços. — Ela não está sorrindo e eu me pergunto se a machuca olhar para mim. Se sempre vai doer olhar para mim.

— Parabéns, irmãzona, — eu digo, meu sorriso subindo com a minha alegria. Embora entorpecida, ainda está lá para ela. — Espero que sejam dois garotos, então vocês podem ter seu império.

Ela me dá um olhar que diz *o que diabos você está falando* e vira a varinha do pênis para si mesma, apontando para o peito dela. — Eu não disse nada sobre um império.

Antes que eu possa dizer mais alguma coisa, Lily a abraça de lado, saindo aparentemente do nada. Rose olha para ela como se ela fosse uma craca que se ligou ao S.S. Rose Calloway Cobalt.

Ryke toca a parte de trás da minha coxa e me viro para vê-lo. Meu sorriso diminui quando vejo suas sobrancelhas franzidas e aqueles olhos castanhos que refletem todas as nossas lutas. Ainda estamos tentando ter um bebê, e Rose teve a sorte de ter *dois*.

A pontada de ciúmes desliza abaixo da minha felicidade por ela, mas não posso ignorar sua existência. Eu odeio que esteja lá, honestamente. Eu só queria que isso fosse mais fácil.

Eu me afundo ao lado de Ryke e cutuco seu ombro com o meu. Ele empurra meu ombro direito com mais força.

Eu sorrio e empurro ele de volta.

Ele me empurra contra o sofá, me prendendo lá.

Eu ouço suas palavras não ditas, *quer lutar, Calloway?*

Quer fazer alguma coisa louca pra caralho, Calloway?

Quer fazer filhotes de lobo comigo, Calloway?

Com você. Com você.

Só com você.

Se o destino estará do *nosso* lado. Esse é outro assunto.

A porta da frente se abre e todos nós viramos nossas cabeças. Ryke se levanta um pouco para que eu possa levantar a minha.

— Desculpe, estamos atrasados! — Willow grita, carregando um bolo na forma de um pênis gigante. Não sei se ela está branca pelo frio ou pelo fato de ter que andar com um pau ereto nos braços.

De qualquer maneira, estou feliz em vê-la.

E o bolo.

Porque eu tenho uma teoria que nunca foi provada errada.

* * *

— Eu não sei se posso comer isso, — diz Lily, estreitando os olhos quando Ryke corta a cabeça do bolo peniano.

Estamos todos reunidos na cozinha e acabamos de postar uma foto do bolo no Instagram com as hashtags: #bolodedespedidadesolteira #naughtynaughty

— É apenas a porra de um bolo, — Ryke diz a ela. *Porra de um bolo*. Meu coração canta por um momento, meu foco se desviando rapidamente para Willow.

Ela levanta os óculos e fica perto de seu agora-namorado. Os dois, juntos, fazem todos nós observar furtivamente seu relacionamento.

Bem, alguns de nós estamos olhando furtivamente.

Lily sempre olha com um grande e bobo sorriso no rosto.

Garrison se inclina casualmente contra a geladeira, um cigarro apagado espreitando do bolso de sua jaqueta de couro. Ryke está dando a ele um olhar como se dissesse *você não vai se esgueirar lá para cima com a porra da nossa irmã*. Ele não é muito furtivo também, mas isso é proposital.

— Por que vocês demoraram tanto? — Pergunta Lo em tom acusador.

— Nós paramos para foder, — diz Garrison secamente. *Oh-oh*.

A mandíbula de Ryke endurece. A de Lo se aguça. Eu gosto quando eles estão do mesmo lado das coisas. Quando nada os separa. Nem a raiva ou dor ou outra pessoa.

Willow engasga com a respiração. — Nós... não fizemos isso.

— Eles sabem disso, — diz Garrison.

Connor faz um bule de café. — É como se você quisesse que eles te odiassem.

Garrison fica quieto como se Connor atingisse a alma de seu sarcasmo. — Isso é estúpido.

— Você quem disse, não eu, — afirma Connor.

— Quem quer a cabeça? — Eu pergunto, levantando um prato com uma fatia de bolo, tentando suavizar o que está prestes a acontecer.

— Estou tentando lembrar por que gosto de você, — Lo diz a Garrison, me ignorando, — mas está tudo nublado por uma imagem minha te esfaqueando, então tenha sorte de eu não estar segurando uma maldita faca agora.

Garrison quase sorri. — Você ainda gosta de mim?

Lo enuncia: — *Eu* te apunhalando até a morte. Valorize sua própria vida por mim, para que você possa pelo menos ter medo.

É doce. Quanto eles querem proteger Willow.

Ao abrir um pote de sorvete de baunilha, Willow se inclina e sussurra em meu ouvido: — Estou tão envergonhada. — Suas bochechas estão um pouco pálidas, e eu definitivamente entendo a palavra *envergonhada* hoje mais do que a maioria dos dias.

Eu a abraço de lado e digo super baixinho: — Eles amam você, sabe?

Seu olhar cintila para Ryke, mas no minuto em que ele se vira para ela, ela rapidamente gira de volta para mim, ainda mais pálida. Eles ainda estão em condições difíceis.

Ryke sussurra para mim, *que porra eu fiz?*

Eu balanço minha cabeça e sussurro, *está tudo bem*. Ele quer consertar tanto esse relacionamento, mas isso vai levar mais tempo. Eu agarro meu prato com o pedaço de bolo. Eu acho que estou comendo a cabeça.

Apesar de essa festa ser feita apenas para enganar as redes sociais, tem sido incrível (menos a parte do vídeo). Rose entrega a Lily um pedaço do meio do bolo e Lily apenas balança a cabeça. — Eu não posso comer isso.

— Lil. — Lo encosta seu corpo atrás do dela. — É um *bolo*.

— É um pênis.

— Não, amor, *isso* é um pênis. — Ele pega a mão dela e a coloca em sua virilha.

— Lo! — Um sorriso acompanha seu grito.

— Daisy! — Meu nome faz com que eu vire o meu olhar um pouco. Ryke fica ao lado do pênis alto. Rapidamente, ele pega o bolo na palma da mão - *ah não* - e joga um pedaço no meu rosto.

Ela bate no meu nariz, boca e olhos.

Meu sorriso se alonga, saboreando a doce cobertura rosa. Cai dos meus cílios o suficiente para ver Ryke lamber o bolo de chocolate do dedo dele.

Eu nunca desperdicei bolo assim, mas eu gosto de pensar que está indo para um lugar divertido, mesmo que não seja para o meu estômago.

— Isso significa guerra, — eu o aviso.

— Venha para mim, Calloway.

Eu pego um pedaço e jogo na testa dele. Atinge o bem na sua bochecha e então a guerra de comida explode. Nós atingimos Lily e Lo com bolo, e eles se juntam, Lo e Ryke lançando mais e mais em nós.

— Lo! — Lily diz quando ele derruba sua coroa de *dama de honra*. Eu não consigo parar de rir, e Ryke me agarra pela cintura, me pegando e me girando.

Eu mordo seu ombro e ele me joga sobre ele. De cabeça para baixo, vejo Garrison desenhar um coração na bochecha de Willow com cobertura. Então ela desenha uma estrela na dele.

Rose e Connor bebem café perto do bule, de mãos dadas. Eles permanecem limpos e fora de perigo. — Rose, — eu canto com um sorriso mais amplo. Ryke me gira para que eu possa coletar outro punhado do bolo destruído.

Ela libera seu aperto da morte em Connor, talvez ansiosa sobre a bagunça em sua cozinha. Ela aponta sua unha bem cuidada para mim. — Se você jogar isso em qualquer lugar perto da minha roupa, você rapidamente se tornará minha irmã menos favorita.

— Devidamente anotado. — Então eu jogo o pedaço de bolo mutilado... no marido dela. Atinge-o bem no coração, sua camisa branca suja com bolo de chocolate e cobertura rosa.

Rose abre um sorriso.

Connor mal se move. — Sua felicidade está aparecendo.

— Que bom, — diz ela.

— Mesmo com o meu sofrimento? — Seus lábios se levantam.

— Sim. — Ela aperta a mão dele.

Ele a beija como se a amasse ainda mais por essas palavras.

Ryke me coloca de pé, e eu respiro pesadamente quando nos encaramos. Nosso cabelo pegajoso com glacê e bolo de nossa despedida de solteiro e solteira. Seu sorriso cresce e o meu acompanha.

Eu olho para o som de um corpo batendo em um armário.

Garrison está pressionado contra Willow, os olhos fechados e os lábios se encontrando. Ele aprofunda o beijo, e as mãos dela vacilam, sem saber para onde ir, até que ele as levanta. As palmas das mãos pousam na parte de trás da cabeça dele, o chapéu de basebol caindo no chão. No momento, eles não percebem isso ou nós.

É o primeiro beijo dela.

E eu amo que é no meu aniversário. A felicidade reina hoje.

Ryke beija minha bochecha, puxando meu olhar para ele. Eu jogo meus braços ao redor de seus ombros, meu sorriso ainda está cheio e seus olhos anormalmente leves. Amanhã tudo pode mudar. Provavelmente mudará. Mas aquela dor surda em meu coração foi pisoteada por agora.

Ele abaixa a cabeça e seus lábios roçam minha orelha.

— Feliz aniversário, Calloway.

< 36 >

DAISY CALLOWAY

Eu estico minhas pernas no colo de Ryke, espremida no banco da frente do meu minúsculo carro esportivo por três horas e contando. Estacionamos do lado de fora dessa gigantesca loja de equipamentos para caça & camping, e de acordo com nosso investigador particular, um possível membro anônimo do fórum a freqüenta.

Olhos azuis.

Altura mediana.

Cabelos castanhos compridos.

Um braço coberto de tatuagem.

Nós entrariamos e olhariamos de dentro, mas fomos vistos há uma semana em uma vigia - e isso criou muita confusão. O que nos leva a:

Ryke e Daisy na grande & ousada emboscada #48

Cinco meses de emboscadas e gravitei em direção a perucas loiras, mas eu misturei e escolhi uma longa peruca rosa dessa vez.

Eu puxo minhas pernas e as cruzo embaixo do meu traseiro, inquieta. Eu sinto o calor do olhar de Ryke em mim, mas ele fica relativamente quieto, terminando uma garrafa de água. Ele a joga no banco de trás.

Meu celular toca e meu estômago se encolhe.

Onde foi seu casamento? Você pode me enviar algumas fotos! Queria ter estado lá. Te amo. - Cleo

Eu pensei que tinha bloqueado o número dela? Não tenho ideia de como ela continua encontrando maneiras de me mandar mensagem, mas é desconfortável. E não, meu casamento ainda não aconteceu. Já é maio, meses se passaram desde meu aniversário em fevereiro, e o mundo acha que nosso casamento também passou. Ryke tem que usar seu anel, quebrando a tradição pelo bem de uma cerimônia calma.

Sem qualquer remorso, apago a mensagem.

— Cleo e Harper?— Ryke pergunta apenas baseado em minha expressão. Isso é o quanto elas me contataram.

Eu concordo com a cabeça. — Vou falar com o advogado sobre a providência cautelar novamente. — Talvez elas ouçam dessa vez?

Ryke estende o braço sobre as costas do meu assento e me estuda. Eu engulo minha animosidade com minhas ex-amigas e inspeciono a caixa de donuts no painel. A geleia sai de alguns, e só temos um donut de chocolate.

— Então, eu estava pensando, — começo um tópico que ainda não abordei, — você acha que Coconut parece solitária?

Suas sobrancelhas se franzem. — O que você quer dizer?

Eu dou de ombros. — Tipo desanimada ou triste.

— Ela lambeu o seu fodido rosto esta manhã e praticamente correu para fora na primeira oportunidade que ela teve - isso não é um cachorro triste. — Ele puxa para trás algumas mechas da minha peruca rosa para tentar ver abaixo do meu olhar.

Não escondo tudo o que sinto, mas sei que escondo algumas partes.

— De onde vem isso?

Eu dou de ombros novamente. — Eu só pensei que talvez pudéssemos ir ao abrigo de animais.

Ele fica rígido. — Você quer ter outro fodido cachorro?— Ele pergunta, como se eu estivesse sugerindo a mudança para Júpiter.

Eu puxo minhas pernas no meu peito e aceno, ambos de frente para o outro. — Você não acha que ela gostaria de outro amigo?

Os músculos da sua mandíbula se flexionam, os olhos escurecendo como uma tempestade. *Eu não estou com medo*. — Não foda comigo, — ele diz. — Isso não é sobre outro cachorro.

— Estou falando sério, — eu expresso, meu tom quase se elevando em um grito. — Acho que deveríamos pensar em pegar outro filhote de cachorro. — Talvez três horas em um pequeno espaço confinado com quase nada para fazer tenham ligado uma panela de pressão silenciosa.

— Por quê? — Ele rosna.

— Porque filhotes de cachorro são fofos, — eu replico e chuto alegremente o braço do assento dele.

Seu nariz se inflama. — Isso não é bom o suficiente.

Eu suspiro pesadamente. — Tem que haver uma razão melhor?

— Sim, porque há uma, você simplesmente não está falando ela, porra.

— Eles são muito, *muito* fofos. — Eu abro meus braços. — Meu motivo! — Eu grito, não de um jeito legal.

— Isso não é uma fodida razão!

Eu deixo escapar um som de frustração que quase nunca faço. — Por que você não pode simplesmente dizer *não, eu não quero um cachorro* e termina a conversa em vez de me importunar?

— Porque eu não consigo te *ouvir*.

— Eu estou gritando! — Eu grito para ele, meu corpo quente com sentimentos que eu normalmente não compartilho, com *ninguém*. — Como você não consegue me ouvir?

— Você não está dizendo nada, Dais! *Filhotes são fofos* não é o que está te corroendo!

— Como você sabe?! — Eu respondo, ajoelhando no meu assento para estar mais perto de sua altura. — Você não sabe o que está acontecendo na minha cabeça!

— Eu estou tentando fazer você me dizer, porra! — Ele coloca o braço de volta na curvatura do meu assento.

Eu empurro seu braço, não querendo que ele toque meu assento por algum motivo. Ou talvez eu só o queira a uma temperatura exasperada e feroz como a minha.

— Daisy.

A ansiedade está forte no meu peito. Eu não gosto desse sentimento. — Só pare de falar sobre isso. — Eu estou me fechando. — Eu sinto muito por ter mencionado isso, ok?

— Eu não sinto muito, porra, — ele retruca. — O que há de tão especial sobre outro maldito cachorro?

— Para, — eu imploro. — Apenas pare. — Estou pronto para deixar isso pra lá, mas Ryke é muito assertivo para deixar algo assim cair no mar.

Segundos depois, um donut de geléia em pó bate na minha bochecha.

Eu lentamente me viro para encará-lo como se dissesse *o que você fez*.

Ele tem toda a caixa de donuts em seu colo e ele morde meu último donut de chocolate. *O perigo*…

Eu pego o donut de geléia do meu colo e o jogo no Ryke. Eu rastejo até a metade do console do meio e roubo todos os donuts, atirando-os um a um nele. Esse peso desconfortável voa do meu abdômen com cada doce jogado.

— Eu não consigo ouvir você, Calloway! — Ele grita.

Eu grito tão alto, tão ferozmente, e gradualmente o som se transforma em uma risada, especialmente quando seu sorriso envolve seu rosto. Quando o último donut atinge sua mandíbula e cai em sua coxa, eu seguro seus ombros. Meus joelhos no console do meio, olhando diretamente para seus olhos brutalmente honestos. Pó e geléia grudam em sua bochecha, chocolate em sua testa, mas eu nunca me separo do olhar dele.

Eu respiro profundamente e tudo o que eu enterrei se impulsiona para a superfície. Estou apenas *procurando* por algo melhor. Por algo mais. Por algo que possa substituir a dor que vamos sentir. A decepção que já conhecemos. Eu estou procurando pela leveza em nossos mundos, e tenho medo de nunca ver o nascer do sol novamente.

E eu sussurro: — Eu não quero outro cachorro... eu quero um bebê.

Seu olhar diz, *eu sei, Dais*. Ele cobre minha bochecha com a mão, aquela com a cicatriz.

— Estou com medo, — eu respiro.

— Eu sempre vou estar aqui, — ele me lembra. — Você não vai ficar sozinha, amor.

Eu aceno com a cabeça repetidamente, suas palavras me confortando. Me facilitando. Envolvendo-me com força.

Ryke me beija, tão apaixonadamente que eu me afundo em seu corpo. Ele tem gosto de geléia de morango e meus lábios formigam com a nova fricção. Ele me puxa, meu peito no seu peito, e então me empurra para que minhas costas fiquem encostadas no assento. Eu puxo sua camisa, querendo ele mais perto e mais próximo. Bem contra mim.

Meu coração bate mais rápido neste segundo do que quando estou no precipício de um penhasco ou prestes a saltar de bungee jump. Eu o quero tanto. Eu me empurro contra ele enquanto ele me beija mais forte, mais feroz.

Sob meus lábios, ele murmura: — Eu te amo, porra. — *Eu te amo. Eu te amo. Eu te amo*. Minha alma diz gentilmente. Eu tento expressar isso através dos meus lábios, mas eu quero que ele ouça as minhas palavras também.

— Eu te amo, — eu sussurro em seu ouvido. Suas mãos grossas correm pelas minhas costas e ele beija a cavidade do meu pescoço. Então ele tira minhas roupas, tira meu sutiã e eu tiro sua camisa, meu corpo cantando.

Meu pulso gritando. Eu seguro seu cabelo, percebendo que estou montada em seu colo agora enquanto ele se senta no banco. Nus, açúcar em pó e geléia de morango por toda a nossa pele.

Nossas respirações se entrelaçam e embaçam as janelas. Sentimentos efervescentes lacrimejam meus olhos, a água se espreme dos cantos. Eu envolvo meu braço em volta do pescoço dele e sussurro contra sua mandíbula.

— Ryke.

Suas mãos queimam trilhas ao longo das minhas coxas e parte inferior das costas, sua língua separando meus lábios. *Ryke*. Eu aperto para ele, e ele esfrega entre as minhas pernas, iluminando as partes sensíveis do meu corpo.

Ryke me levanta, trazendo-me para o lado do passageiro. Ele inclina o assento em um ângulo mais baixo. Minha cabeça está tonta e minha respiração irregular tenta alcançar sua resistência. Ele descansa meus ombros ao longo das costas do assento, e ele paira sobre mim, uma mão segurando o encosto de cabeça. Ele abre minhas pernas com o joelho, e seus dois dedos me preenchem.

Eu seguro seu pulso, minhas coxas tremendo.

— Ryke, — eu choramingo.

Sua cabeça está pendurada para evitar bater no teto. O carro é tão apertado, não há lugar para irmos além de um para o outro. Incrivelmente perto. Ryke descansa a mão nas minhas costas, levantando meu corpo contra o seu, em vez de forçar seu peso em mim.

Que força na parte superior do corpo você tem. Eu poderia sorrir, mas estou remando no calor desses sentimentos explodindo. Compartilhado entre nós.

Eu me agarro a ele e meus lábios incham e formigam sob seus lábios. Meus seios pressionaram seu peito e a pélvis em linha com sua dureza. Seus dedos se apressam rapidamente, acordando meus nervos. Meus dedos se curvam e suor se acumulam em minha pele.

Eu pulsiono novamente e gozo devagar mas com segurança.

E enquanto eu subo o pico, vejo sua ereção percorrer todo o caminho até mim. Nos conectando juntos. Ele segura meu rosto de novo e sua testa encontra a minha. Nossos lábios entreabertos doem para se tocar, mas permanecem separados enquanto ele entra e sai.

Lágrimas escorrem dos cantos dos olhos dele. O peso de nossas emoções cai como um relâmpago, intensificando a maneira como sua pele toca minha pele. Ele enfia mais forte, como se ele precisasse estar mais fundo, *mais profundo*. Como se ele estivesse se enterrando no meu íntimo.

Eu agarro seu cabelo, minha respiração superficial. — Ryke! — Eu choro. — Ryke.

— Dais. — Ele empurra para trás os fios rosa da minha peruca, sufocando em um gemido. — Porra. — *Mais fundo. Mais fundo*.

Meus olhos reviram. — Ry… — Eu pulso em torno de seu pênis, e quando minha cabeça se debruça, vejo o quão rápido, quão longe, quão profundo ele vai. Sua ereção em mim. Ele está dentro de mim. Vendo isso me leva para outro nível.

Sua bunda flexiona com cada impulso.

Meus lábios entreabertos pressionam seu ombro, cegos.

— *Porra*, — ele grunhe, atingindo seu próprio clímax. Ele empurra com mais força minha parte inferior das costas, então eu estou bem contra ele. Ele me segura lá enquanto nossos corpos pulsam com prazer.

Ele beija minha bochecha e nossos olhares se encontram por um momento, ambos cheios de reconhecimento e amor. Eu nunca tive sexo emocional assim, não com ninguém além dele. Ele me disse, mais de uma vez, que eu sou a única que ele já fodeu dessa maneira. Tão profundamente, tão *inteiramente*.

Mesmo quando descemos do nosso clímax, ainda me sinto sensível. Minha pele e meus braços e...

Alguém bate na janela embaçada.

Eu pulo e envolvo meu braço em volta do meu peito. Ryke protetoramente me puxa para mais perto dele e me segura, ambos grudados com suor e geléia de morango.

Outra batida contra a janela e depois uma voz alta que diz: — Preciso que vocês dois saiam do veículo. É a polícia do condado.

Ai.

Meu.

Deus.

— Porra, — Ryke murmura, passando a mão pelo cabelo. Nós procuramos por nossas roupas, e ele me ajuda a vestir, principalmente, enquanto ele apenas coloca seus jeans.

— Ryke, — eu sussurro, — podemos ir para a cadeia por isso? — Eu nunca fui para a cadeia, e quando eu disse *grande & ousada* emboscada, eu queria que o possível bombardeiro ficasse atrás das grades.

Não nós.

— Ei, não se preocupe com isso, Dais. — Ele puxa minha camisa sobre a minha cabeça e arruma minha peruca rosa, mas nunca diz de uma forma ou de outra. — Vai ficar...

— Por favor, saiam do veículo. — O policial bate na janela novamente.

Meu estômago se aperta.

— Porra, *caralho*, — Ryke xinga duramente antes de fechar o jeans. Quando estou completamente vestida, Ryke abre a porta, a luz do dia caindo sobre nós.

Um policial está com sua viatura estacionada ao lado do nosso caro, uma caderneta já nas mãos. — Vocês dois sabem o que estavam fazendo no meio do dia?

Sim. Orgasmos múltiplos. *Obrigada Ryke*. Eu apenas aceno com a cabeça, um pouco mais do que nervosa, já que ele tem algemas no cinto. E uma arma.

Eu balanço de um lado para o outro.

O braço de Ryke se curva em volta dos meus ombros, lembrando-me de que ele está aqui.

Nós praticamente somos o dobro do policial, que deve ter apenas um metro e meio de altura. Por alguma razão, sua baixa estatura alivia alguns dos meus nervos.

Eu sorrio para ele.

Ele me lança uma cara feia.

— Eu estava patrulhando o estacionamento e vi suas janelas embaçadas, lá, a parte de trás clara como o dia. — Ele aponta para a loja de caça e camping à direita de nós. — Esta é uma área de *família*.

Eu olho para Ryke, geléia por todo o seu peito nu e braços. Uma faixa de chocolate corre ao longo de sua bochecha. Ele deve sentir meu olhar porque ele olha para mim. Então passa o dedo no meu nariz. Ele chupa a geléia de morango e levanta as sobrancelhas para mim como se dissesse *você tem um gosto bom pra caralho, Calloway*.

Meu sorriso explode.

— Eu estou falando com vocês dois, — o oficial estala, me assustando.

— Nós ouvimos você, porra, — Ryke diz em seu tom habitual.

— Não xingue, senhor. — O oficial pede nossas identidades e todo esse jazz. Nenhum de nós tenta não receber a multa.

Eu só não quero ir para a cadeia.

Eu acho que Ryke sabe que se ele abrir a boca novamente, nosso caso piorará. Apenas pelo modo como as pessoas o vêem. Sozinho, posso vê-lo tentando falar mais com o policial. Comigo a reboque, ele nunca arriscaria uma viagem para uma cela.

Nós damos nossas identidades, e se o policial reconhece nossos nomes, ele não deixa transparecer. Eu nunca usei a frase *você não sabe quem eu sou?* e eu não pretendo começar agora.

Eu coloco uma mecha da minha peruca rosa atrás da minha orelha. — Vamos para a cadeia?

— Vocês dois estão recebendo uma multa.

— Pelo quê? — Existe uma multa por *sexo em público*?

Antes do policial responder, uma van de notícias vira a esquina da loja. Minha boca fica entreaberta. Nossa sorte deve gostar de encontrar buracos de drenagem. Estou realmente *muito* preocupada agora.

Porque meu *pai* vai ver isso no noticiário.

Ele não pode ser ingênuo em pensar que Ryke e eu ainda não fizemos sexo. Eu moro com ele. Nós dormimos no mesmo quarto. Mas meu pai é conhecido por enfiar a cabeça na areia. Ele me vê como jovem e selvagem, mas acho que ele esperava que eu gravitasse em direção a um homem que me domasse.

Não alguém que comece uma guerra de donuts, reforce-me a usar minha voz e faça amor comigo em um carro.

Deus.

Eu amo o Ryke.

A van estaciona quase paralelamente ao carro da polícia.

Ryke revira os olhos para o jornalista de uma rede de notícias local e murmura outro *porra* em voz baixa. Ter isso no rosto do meu pai - quando eu ainda não soltei o *estamos tentando ter um bebê!* e *estou construindo um acampamento de verão!* para ele ainda não é bom.

Eu só não quero machucá-lo, mas talvez seja inevitável que todos nós machuquemos quem amamos eventualmente, mesmo que seja só um pouquinho.

O policial entrega a multa para Ryke. — Indecência pública. É uma multa séria.

Sem cadeia. Sem confinamento. Minhas articulações afrouxam e Ryke aperta meu ombro.

O policial acrescenta, — Também é cara. — Aí vem a equipe de filmagem.

Ryke lê a multa. — Quão cara?

— Quinhentos dólares cada. — É muito mais do que eu pensava que seria.

Mas o policial está errado sobre uma coisa.

Sexo com Ryke - naquele carro, naquele momento em particular, naquele lugar em particular - foi totalmente e absolutamente *sem preço.*

< 37 >

RYKE MEADOWS

— Precisamos de um plano, — Lo diz quando o manobrista pega as chaves do seu Audi preto. Estou fixado nesse fudido clube de campo privado.

Me lembro daquela parede de pedra cinzenta e daquelas enormes portas duplas de cedro. Eu me lembro desses mesmos corpos de lazer que nos passam agora. Vestidos com camisas de colarinho, retirando as luvas de golfe. Consertando as viseiras de tênis. Eu me lembro do cheiro diferente de grama e bronzeador.

Lo coloca a mão no meu ombro e me empurra para acordar. — Você parece uma merda.

Eu sinto que estou me encontrando com um fantasma. — Faz dez anos que eu não venho aqui, — eu lembro a ele. Todas as segundas-feiras eu encontrava meu pai neste clube de campo. Eu parei de encontrá-lo quando eu tinha dezessete anos.

— É por uma boa causa, — diz Lo com as sobrancelhas franzidas como se dissesse *não me deixe agora*.

Eu não faria isso.

Eu começo a andar em direção às portas, mostrando a ele que não estou com medo de rever o passado ou deixá-lo ir.

Meu celular vibra.

Mais fotos (eu sou o bonito) - Sully

Ele me envia fotos extras da escalada no gelo de março. A Noruega estava fria pra caralho, mas muito divertida, e mesmo com uma leve culpa, sabendo que meu irmão me odiava por estar lá, acho que faria de novo.

Eu verifico a segunda mensagem perdida.

Eu encontrei mais de seus antigos cartões de baseball. Você quer que eu leve para o café da manhã na próxima vez que você vier? - Mãe

A mensagem reacende memórias vívidas. De como minha mãe costumava me levar ao Citizens Bank para ver o Philadelphia Phillies quando eu tinha seis, sete, oito, nove anos - durante toda a minha adolescência. Eu tinha essa caixa de sapatos cheia de cartões de beisebol, e eu insistia em levá-los para todos os jogos.

Eu os chamava de *meus amigos* porque eu não tinha permissão para andar com amigos reais em público, não com ela por perto. Porque ela tinha que ser a mãe de Loren Hale. Não minha. Porque eu não poderia ter nenhum amigo verdadeiro descobrindo nossa relação.

Minha mãe. Sara Hale

Já faz cinco anos, cinco malditos anos, desde que minha mãe divulgou o vício em sexo de Lily para a imprensa e a assediou por mensagem de texto. Cinco anos desde que fomos todos empurrados para a mídia. Cinco anos desde que o mundo descobriu minha relação com Jonathan Hale. Com Sara Hale.

Cinco anos desde que tudo mudou.

No minuto em que ouvi que minha mãe feriu Lily, eu jurei que a tinha cortado da minha vida, mas depois que os anos começaram a passar, enquanto ela continuava me contatando, continuava tentando se desculpar, decidi desenterrar os destroços e tentar juntar algo que nós dois poderíamos ficar em cima.

Uma mensagem enviada para dizer *olá*.

Um telefonema para falar mais do que algumas palavras.

Ouvir que ela voltou para Nova Jersey.

Um bate-papo por vídeo para ver seu rosto.

Para vê-la chorar quando viu o meu.

Um par de cafés no Foghorn Café, onde ela trabalha como garçonete.

Para saber que ela *finalmente* removeu "Hale" de seu sobrenome legalmente. Para saber que a conta bancária de Sara Meadows foi apagada com essa decisão, graças ao meu pai.

Uma visita ao Foghorn tornou-se duas, depois três, e depois muitas para contar. Cerca de dois anos, isso é quanto tempo eu tenho visto minha mãe. Ninguém sabe, exceto Daisy. Porque ninguém se atreve a perguntar e trotar memórias antigas.

A verdade é que ela não é santa nem a melhor. Mas ela é mais o tipo de mãe que eu quero lembrar do que a que eu desejo esquecer.

O mais triste é que, não posso convidá-la para o meu casamento. Eu não faria isso. Eu nunca posso *ligar* o que tenho com ela ao que tenho com todos os outros. Está para sempre cortado.

E em toda a minha vida... toda a porra da minha vida, eu nunca imaginei que era *nessa direção* que o vento sopraria. É um doloroso lembrete de que nossos futuros são frágeis. A qualquer momento, alguém pode ficar para trás.

Desligo meu celular, não quero sentir a vibração. Eu responderei a ela mais tarde, mas não é um bom momento para mais memórias de infância se chocarem comigo.

Lo acompanha meu passo em direção à entrada do campo e eu digo a ele: — É um pouco tarde para a porra de um plano de jogo. Nós já estamos aqui.

Os paparazzi ficaram nos portões do clube de campo. Eu nunca pensei que me importaria, mas estou sinceramente cansado das perguntas “Você faz sexo em carros com frequência?" Eu poderia dizer *sim, porra e daí* e eles ainda repetem a pergunta várias e *várias* vezes. Sem mencionar a porra da plateia composta por Loren Hale e Connor Cobalt.

No mesmo dia, a mídia divulgou *Escândalo Ryke Meadows & Daisy Calloway Fazendo Sexo No Estacionamento*. (sem fotos incluídas) - Connor me disse: — Se você precisava do meu conselho sobre como fazer sexo em um estacionamento, sem conseguir uma multa, tudo o que você precisava fazer era perguntar.

Ele chupou sua esposa em um estacionamento. Eu realmente não precisava ser lembrado disso, nem mesmo em um esforço para impulsionar o seu próprio ego.

Ninguém nos incomoda a caminho das portas duplas do clube.

Os funcionários deve nos reconhecer como celebridades porque eu pensei que seríamos expulsos por nosso traje casual. A camiseta com decote em V preto e os jeans escuros de Lo não estão à altura das camisas polo e dos casacos esportivos. Minha regata verde e shorts são ainda piores.

Está calor pra caralho. Á tarde. Em maio.

— Só não seja um idiota, — diz Lo.

Eu franzo a testa. — Eu não sou um idiota. — Mas eu sei que na cara do nosso pai, eu posso ser um idiota. Em alguns casos, sou eu quem tem o pavio mais curto.

Um funcionário do clube abre a porta para nós. A lembrança me leva ao restaurante cinco estrelas, bons restaurantes com toalhas de mesa e taças de vinho vazias já prontas. Eu levanto minha camiseta muscular do meu peito, suando.

— Você é um pouco idiota, — diz Lo. Uma linha formada em frente a recepcionista nos impede de entrar no restaurante. Enquanto esperamos, ele sacode as partes mais compridas do cabelo, os lados curtos.

Ele finalmente me pega olhando para ele.

Lo aponta para o peito dele. — Ei, eu sou o bastardo. Eu posso te chamar de idiota. — Ele franze a testa e faz uma longa pausa. — Eu acho que nossa irmã é uma bastarda também. As

garotas podem ser bastardas?

— Que tal você não ser um idiota, — sugiro.

— Boa dica, — diz Lo secamente, — vamos ambos não ser idiotas.

Eu reviro meus olhos ao tom dele. Isso não vai dar certo. Eu me lembro de que estamos aqui para Willow. Para apoiá-la e protegê-la. É isso aí.

Chegamos ao pódio da recepcionista e o reconhecimento enche seu rosto. Ela pega alguns menus e nós a seguimos até o canto de trás do restaurante.

Ali está meu pai.

Na mesma mesa do caralho. Do lado mesma fodida janela. Olhando as mesmas quadras de tênis vermelhas e verdes.

Ele não está sozinho.

Eu vejo Willow. Na cadeira que eu costumava sentar, bem em frente do nosso pai. E um arrepio serpenteia pela minha espinha.

Este era o maldito plano. Nós deveríamos encontrá-la aqui depois de meia hora. Então ela poderia ter tempo para conversar sozinha com ele.

Quando chegamos mais perto, espero ver um uísque de cem anos na frente do meu pai. O que ele sempre bebeu. Mas apenas uma caneca de café está lá.

Ele ainda está sóbrio.

No entanto, continuo esperando que isso se reverta também. Para ele, cometer um terceiro erro. Um quarto e quinto. Para o ciclo continuar, e talvez eu precise parar apenas por uma fodida vez. Parar de esperar o pior dele. Mesmo quando isso acontece.

Lo sai na minha frente para cumprimentar nosso pai.

Eu fico atrás como uma sombra.

— Vocês chegaram, — exclama o nosso pai, parecendo surpreso que tenhamos aparecido, mas seus lábios se levantaram. Feliz que nós viemos. Ele está de pé para apertar a mão de Lo e dar um tapinha nas costas dele.

Passo para o lado e sento-me ao lado de Willow.

Seu cabelo está amarrado em uma trança, e ela pegou emprestado um vestido azul com estampa de âncora de Daisy. Ela bebe água gelada do copo de vinho, a mão tremendo. A cor está perdida em seu rosto.

— Você está bem?— Pergunto sob a minha respiração.

Eu forço meus ouvidos para pegar sua resposta sussurrada. — Ele é realmente intimidante. — Ela treme levando a água para a mesa. — Estou feliz que vocês estejam aqui.

Quase me surpreende - que ela ficaria feliz por *eu* ter chegado com Lo também, que ela está mais confortável comigo. Pelo menos o suficiente para falar comigo de novo. Eu sussurro: — Não se sinta pressionado a dizer uma fodida palavra. Podemos falar se você não quiser mais.

Ela assente com a cabeça e coloca as mãos no colo.

— É bom ver você também, Ryke. — A voz áspera do meu pai redireciona minha atenção, assim que ele se senta ao lado de Lo, de frente a Willow e a mim.

Não seja um idiota, Ryke. Eu não sei o que dizer.

— Embora eu tenha visto muito mais de *você* ultimamente do que você viu de mim. Você sabe, Greg ficou chateado com o 'escândalo sexual' do estacionamento, mas qual é, — meu pai realmente usa aspas no ar — eles nem tinham fotos. Foi malditamente manso.

Eu não estou conversando sobre isso com ele. Eu já passei uma hora no telefone com Greg. Primeiro, era sobre a minha reputação como o rosto das bebidas esportivas da Fizzle. (Ele não me demitiu.) Então rapidamente se tornou uma palestra sobre "ser responsável por minha

filha" e "você está prestes a se casar com ela" e "você precisa protegê-la" - essa porra explodiu minha cabeça.

Eu amo Daisy *mais* do que ele jamais entenderá. Às vezes para sermos felizes em nossas peles, não podemos jogar dentro de restrições. Temos que ser um pouco ousados e escalar para fora delas.

Eu relaxo na minha cadeira, não respondendo a nada que meu pai tem a dizer sobre a coisa da polícia.

Lo acena entre Jonathan e Willow. — Como isso foi? — Ele desvia a conversa. *Obrigado, Lo*. — Eu estou supondo que bom. Eu não vejo nenhuma lágrima.

Willow dá a ele um sorriso fraco.

Nosso pai abre um pacote de açúcar. — Hales são mais fortes que isso.

Lo se recosta na cadeira. — Ah sim, nós somos indestrutíveis. — Ele olha para o nosso pai. — Você sabe o que eu penso, pai?

— O que? — A cautela aperta seus olhos escuros, esperando pela resposta de Lo com o resto de nós.

— Hales são feitos de vidro. Somos afiados, mas nós quebramos facilmente.

Ele não está me descrevendo. Não é a primeira vez que estou ok com o fodido fato de que não sou um Hale. Eu nunca serei um. Não nessa medida.

Espero que nosso pai xingue, chame seu filho de bicha e use uma cara de ferro. Em vez disso... ele sorri. E ri. Ele quase parece mais jovem, menos cansado. Ainda assim, meu pulso dispara como se eu estivesse esperando uma porra de uma cortina cair.

— Estou feliz que você esteja aqui hoje, Loren. — Ele dá um tapinha no ombro de Lo. É amistoso e acolhedor pra caralho. Seus olhos endurecidos encontram os meus. — Você também, Ryke. — Então ele olha para Willow, observando todos nós aqui como se estivesse pintando um retrato de família em sua cabeça.

Nós somos seus filhos. Todos juntos.

Isso me lembra que ele lutou para todos nós nos conhecermos. Ele queria isso, mesmo que ele estivesse fora de cena. É fácil ver as piores partes do meu pai, e reconhecer as partes boas que existem - é difícil pra caralho para mim. Houve um tempo em que só vi o mal, mas reconheço o melhor homem dentro de Jonathan Hale.

Eu só não tenho certeza de quanto tempo ele ficará por aqui.

O garçom corta a tensão e anota nossos pedidos.

Lo pensa um pouco, olhando para o menu por um segundo mais longo. — ...eu vou tomar uma Fizz. — Ele mexe em sua aliança de casamento.

Eu engulo quase toda a minha água e tento relaxar. O celular de Willow começa a vibrar em sua bolsa perto da minha cadeira.

— Você vai querer atender isso? — Eu pergunto a ela com uma carranca.

Ela balança a cabeça uma vez, seus olhos voam rapidamente para o nosso pai, depois de volta para mim. — Sem telefones na mesa, — ela sussurra.

Fantástico pra caralho.

— Por que ela não pode atender o maldito celular? — Eu pergunto a ele desde que ele obviamente falou algo para ela sobre isso. — Você faz ligações de negócios o tempo todo enquanto comemos. — Ele também não é o tipo de pessoa para impor boas maneiras, a menos que nosso comportamento o envergonhe.

O garçom traz uma cesta de pães quente e nossas bebidas.

Ele diz: — Eu pensei que ela ligaria para você dois para vir buscá-la mais cedo. Eu nunca estive no caminho da moralidade, mas todos vocês merecem a minha honestidade. Então é isso.

Meu queixo cai como se ele apenas acabasse de ter confessado que a segurou como sua refém por meia hora. Enquanto Lo passa manteiga em um pedaço de pão com um olhar que diz *agradeço pela sua honestidade.* Foda-se isso.

O celular dela vibra de novo e de novo, e ela toca o final de sua trança nervosamente. Eu normalmente pegaria o celular ou a pressionaria a responder, mas eu não quero forçá-la a fazer nada ou ultrapassar meus limites.

Está me matando não fazer isso.

— Quem é? — Eu pergunto.

— Eu acho que é só o Garrison, mas não tenho certeza.

Lo geme. — Jesus, ele te manda mil fodidas mensagens vezes por dia?

Ela encolhe os ombros. — Nós enviamos uns aos outros links do Tumblr.

— Links para o que? — Seu pão congela perto de sua boca.

— Gifs.

Lo deixa cair o pão no prato, fazendo uma careta e estreitando os olhos. — Ele te envia gifs de sexo?

— O quê? — Seus olhos se arregalam em horror.

Fantástico pra caralho.

Nosso pai bebe seu café como se fosse vinho, entretido pela nossa proximidade.

— Não, não, por que você acha isso? — Willow pergunta.

Eu mexo em uma faca para frente e para trás na mesa. — Sim, Lo, por que você acharia isso? — Eu estou totalmente ciente de por que ele pulou para essa conclusão. Lily costumava percorrer o Tumblr atrás de gifs de sexo.

Lo aponta seu garfo para mim. — O que eu disse sobre ser um idiota?

Eu estou apenas com um humor fudido hoje.

— Eu sou virgem, — diz Willow e acrescenta rapidamente, — quero dizer... os links não são gifs de sexo. Nós não… fazemos isso. É legal se outras pessoas quiserem, mas não é coisa minha. Eles são apenas conjuntos de gifs de programas de TV, você conhece esses?

— Não, — eu digo.

Lo acena com a cabeça e morde um pedaço do seu pão.

— Você tem um namorado? — Nosso pai pergunta.

Willow afunda em sua cadeira. — Sim…

— Ele está no ensino médio, — diz Lo depois de engolir.

— Ele é mais jovem?

Lo bebe seu Fizz. — Não.

— Ele meio que foi reprovado em sua última escola, — Willow explica, — e ele deveria se formar em maio, mas eles o estão mantendo até dezembro, já que ele perdeu mais aulas do que frequentou.

Jonathan bate na mesa com dois dedos. Você sabe aquele ditado: *se você não tem nada de bom para dizer, não diga nada*? Sim, os Hales não fazem isso. — Ele soa como um perdedor.

Lo se envolve, — Eu fui reprovado. Eu sou um perdedor, pai?

— Da faculdade, — ele corrige seu filho. — E você é um Hale, o que significa que eu te amo, não importa a merda que você faz ou o quão apático você é.

Willow pega sua água, sua mão tremendo. Cubos de gelo batem contra o vidro.

— Enquanto estamos no assunto, — nosso pai diz, olhando para sua bebida.

— Nós não estávamos em nenhum fodido assunto, — eu digo. Eu deveria me arrepender. Eu obviamente estou dando a ele um tempo difícil, e ele está sendo legal. Mas ser legal e Jonathan Hale são duas categorias que quase nunca compartilham espaço em um diagrama de Venn.

Eu tenho que me acostumar com isso.

— É relevante. — Seu foco pousa em Willow novamente. — Você tem dezenove anos e eu sei o que fazem as pessoas de dezenove anos fazem já que criei um.

Willow empurra os óculos para cima. — Eu não sou nada como Lo era aos dezenove anos.

— Um brinde a isso. — Lo levanta o copo e toma sua Fizz.

Jonathan descansa um cotovelo na mesa. — E como você sabe como Loren era?

Leva um minuto para ela responder. — Hum… eu fui para a Dalton Academy no meu último ano, e muitas crianças tinham irmãos mais velhos que iam para a escola com ele. Elas tinham histórias... e Lo também me contou algumas coisas.

Lo mexe o gelo em seu copo. — Apenas as melhores. — Ele troca um sorriso com Willow.

Eu não tenho conversas de coração para coração constante com meu irmão mais novo, mas ele descreveu sua infância para mim. Ele sofreu bullying. Ele era malvado pra caralho. Ele buscou vingança mais de uma vez. Ele estava disposto a fazer qualquer coisa para proteger Lily.

Contanto que ele pudesse continuar bebendo.

Jonathan faz um gesto para Willow com sua faca. — Eu suponho que você vai a festas?

— Na verdade não. Simplesmente não é... a minha praia.

Nosso pai passa manteiga em um pedaço de pão. — Esta família tem uma história de dependência de álcool, — ele começa como se essa fosse uma conversa ele também nos deu.

Não está nem perto da fodida realidade.

Meu rosto começa a cair. Desde que o conheço, ele sempre teve dificuldades para se identificar como alcoólatra. Admitindo que ele tem um maldito problema. Conversando sobre isso. Alto.

Ele continua: — Você deve evitar o álcool se puder. Será mais fácil a longo prazo. Tome de alguém que não seguiu esse caminho e de alguém que seguiu. — Sua faca aponta para mim. — Ryke tem a ideia certa.

Eu não tenho certeza do que fazer com a porra do elogio. Por baixo de tudo, sinto orgulho do meu pai. É esmagador pra caralho. Eu apenas olho para o meu copo de água enquanto o garçom o enche.

— Há quanto tempo você está sóbrio? — Willow me pergunta quando o garçom sai. Esta pode ser uma das primeiras perguntas pessoais que ela já fez para mim. Ela me perguntou sobre o Lo muitas vezes, embora.

Lo mastiga um cubo de gelo, mas ele não faz contato visual comigo. Se não fosse por Paris, onde ele me deu álcool, eu estaria sóbrio por quase doze anos agora.

Não é culpa dele, não inteiramente. Eu sabia no que estava me metendo naquela noite. Então eu apenas digo: — Um tempo longo pra cacete.

— Não foi tão difícil para você desde que você parou cedo? — Ela se pergunta.

— Eu não tinha o mesmo tipo de atração ou tentação ao longo dos meus vinte anos, como Lo, mas parar inicialmente foi muito difícil. — Eu usei álcool como uma forma de lidar com meus sentimentos e parei com tudo aos dezessete anos. Ser consumido por trilhas e escaladas ajudou a me distrair dos desejos.

— Então você entende? — Jonathan pergunta a Willow.

Ela acena com a cabeça. — Sim, Lo na verdade mencionou ficar longe do álcool. Ele disse que não existe apenas uma cerveja para pessoas como nós.

Minhas sobrancelhas franzem para Lo como se eu dissesse *você falou*?

Ele encolhe os ombros, mais timidamente do que o habitual.

Eu não posso deixar de sorrir. *Estou orgulhoso de você também.*

Ele revira os olhos para mim.

O celular de Willow vibra *novamente*. Ela reajusta sua bolsa na cadeira, mas não pega o celular. — Eu na verdade não gosto do sabor do álcool, então eu nunca planejei ser uma grande bebedora de qualquer maneira. — Lily é assim também. — Então... você sabe que eu não estou no ensino médio ou na faculdade, então você não precisa se preocupar comigo bêbada em uma festa ou ser pressionada por colegas também.

— Sobre a faculdade... — Jonathan é cortado pelo celular vibrante de Willow novamente.

— Perdão, — ela pede desculpas, trazendo a bolsa para o colo.

— Eu realmente quero que você considere se inscrever em uma das Ivy Leagues. Posso encontrar alguém digno de escrever uma recomendação e você entrará, não importa as notas das suas provas. Se você se formar em Princeton ou mesmo na Universidade da Pensilvânia, vai dar uma vantagem para o que você quiser fazer.

— Eu não tenho o dinheiro, — ela murmura, distraída enquanto procura seu celular.

— Pai, — Lo diz, — ela não quer as coisas entregues em uma fodida bandeja. Ok? Você precisa deixar isso para lá. É a escolha dela...

— Eu posso apoiar todas as suas escolhas, contanto que elas não sejam desagradáveis ou estúpidas. Isso cai em algum lugar no meio. Por que não aproveitar todos os seus recursos? A menos que você planeje fazer algo que não beneficiaria da faculdade?

Ela sacode a cabeça, finalmente pegando seu celular. — Eu não tenho certeza do que quero fazer ainda.

Jonathan estende os braços. — Que melhor maneira de descobrir do que a *faculdade*?

Willow empalidece. — Eu não quero receber nada. De qualquer um de vocês. — Seus olhos se voltam para Lo e depois para mim. Antes de nosso pai falar, ela acrescenta: — Eu sou apenas uma garota do Maine que apareceu na porta de vocês, e eu não quero ser a pessoa que fica por perto para sugar de seus irmãos e pai há muito tempo perdidos. Não pode ser assim.

Eu sou o primeiro a dizer: — Você não é apenas uma garota. Você é a nossa fodida irmã.

Deve batê-la com força porque seus olhos umedecem por trás de suas lentes.

— Eu não vou mentir, — interrompe nosso pai. — Eu não entendo as decisões éticas. — Então ele faz uma merda de um ponto olhando diretamente para mim. — Como meu filho legalmente mudando seu primeiro nome por algum princípio absurdo.

Meu queixo se flexiona. Eu escolhi isso ao invés do dinheiro, e ele ainda não consegue entender o porquê. Talvez ele nunca entenda, mas me sinto melhor com isso - e isso é tudo que importa para mim.

— Ryke, — Willow pega seu celular, olhando de olhos arregalados para a tela. — Daisy continua me mandando mensagens. Você tem seu celular com você?

— Porra. — Eu pego meu celular e o ligo novamente. Cinco chamadas perdidas. Mais mensagens que dizem: *Me liga. Eu sinto muito por incomodar você.*

Porra. Eu imediatamente me levanto e disco o número de Daisy.

Ninguém me para. Eu ando em direção a janela do chão ao teto e uma mesa vazia próxima, o telefone ao meu ouvido. Chamando.

Apenas chamando, porra.

Atende, Dais.

Um instrutor de tênis roda um carrinho cheio de bolas em direção à quadra central. As crianças, com no máximo oito ou nove anos, saltam em frente com pequenas raquetes e sorrisos radiantes. Nuvens rolam sobre o sol, lançando sombras na quadra e o telefone continua chamando.

Vai para o correio de voz, mas eu ligo para ela novamente.

No segundo toque, ela finalmente atende: — Ryke? — Ela está quase sem fôlego.

— Sim, sou eu.

Há uma longa pausa.

— Daisy, — eu forço, preocupado pra caralho.

— Você pode me encontrar no consultório do Dr. Yoshida? — Há um tremor em sua voz.

O ar sai de mim e eu descanso a mão na janela. — Algo está errado? — Pergunto.

Seu cisto se rompeu.

Ela está sangrando.

Ela tem que fazer cirurgia.

Com seu silêncio, o pior me fere.

De novo e de novo, e então...

— Eu posso estar grávida. — Diz ela, apagando meus pensamentos terríveis.

Eu fico completamente parado.

— Eu ia esperar até você chegar em casa, mas não saber tem mexido com a minha cabeça o dia todo. Eu só... se for um teste falso de novo - eu não sei. Eu só preciso rasgar isso como um Band-Aid, eu acho. Eu não ia te tirar do seu almoço, mas...

— Estou feliz pra caralho que você me ligou. — Todas essas emoções dominantes tentam emergir. Eu tenho que mantê-las afastadas. Porque é provavelmente falso, e eu prefiro estar com ela quando ela descobrir. Ela ficou destruída da última vez, e eu não quero que ela fique sozinha. — Estou a caminho.

— Se você não pode vir, eu entendo...

— Ei, apenas respire, chore se você precisar, e eu vou estar lá em dez minutos.

Eu a ouço chorar, e isso me mata, mas é melhor do que ela segurar isso. Eu digo a ela que eu a amo, e então nós dois desligamos. Eu rapidamente volto para a mesa.

— Eu tenho que ir, — eu digo a eles.

— Por quê? — Jonathan usa tanto ceticismo, e eu não vou admitir que estou tentando ter um bebê. A informação vai direto para Greg, seu melhor amigo.

— Daisy está em terapia, e ela está realmente muito emocional, — eu minto. Seus pais sabem que ela vê Frederico por causa do TEPT e depressão.

Sem mais questionamentos, Lo me joga as chaves do carro. — Tente não dirigir meu carro direto em outro fodido carro novamente.

— Obrigado, — eu digo, muito tenso para mostrar o dedo do meio ao dizer um *vai se foder*.

— Diga a Daisy que eu disse oi, — Willow acena com a mão.

Eu aceno e dou a ela o melhor olhar de desculpas que eu posso, o que pode ser uma merda. A verdade é que ela provavelmente está melhor com Lo mediando o almoço do que comigo aqui. Quase nunca dou a Jonathan Hale o benefício da dúvida.

Mesmo agora, quando ele mostra sinais de ser um ser humano decente, continuo a esperar que ele falhe. Eu não sei se isso diz mais sobre ele ou sobre mim.

As chaves cavam na palma da minha mão enquanto eu praticamente corro de volta para o manobrista, só pensando na Daisy.

Meu coração nunca bateu tão rápido.

< 38 >

DAISY CALLOWAY

Eu me contorço na cama do hospital, o papel sendo amassado preenche o silêncio tenso. Eu já rasguei uma seção do papel e dobrei as bordas para formar uma palmeira.

Ryke fica ao lado da cama e brinca com meu cabelo enquanto massageia minha cabeça, mas mesmo isso mal solta meus ombros tensos.

— Eu estou completamente sem piadas, — eu sussurro.

Suas sobrancelhas sobem e meu coração em queda livre faz uma pausa no ar. — Toc Toc.

Meu pequeno sorriso levanta minhas bochechas. — Quem é?

— Fode. — Ele coloca meu cabelo atrás da minha orelha.

— Fode quem? — Eu brinco junto, meus pulmões mais leves.

Ele inclina a cabeça para baixo, os lábios ao meu ouvido enquanto ele sussurra: — Me fode.

Meu sorriso cresce um ou dois centímetros. — Como essa cantada funcionou para você?

Ele examina meus traços, pousando nos meus lábios que se curvaram para cima. — Muito bem pra caralho.

Dois minutos depois, quando o silêncio tenso se aproxima de nós novamente, eu digo: — Sinto muito. — Pela décima quinta vez. Eu tenho contado, e gostaria de poder retratar este também.

Eu não estou nem mesmo dissuadida pelo *não se desculpe, porra* dele ou por aquele olhar sombrio e irritado que ele troveja em cima de mim. Nossa realidade é esta: em alguns minutos, o Dr. Yoshida voltará para o consultório e me declarará estéril ou, no mínimo, *não* grávida.

Novamente.

Eu sei que eu arruinei o importante almoço de Ryke com sua meia-irmã e pai e irmão por *nada*. Willow precisava dele. Eu não.

E não é mesmo nada, na verdade. Esta será uma notícia *terrível*.

Me vejo olhando para a pior palmeira de papel que já fiz e depois para a paisagem da cidade de Nova York, nuvens sombrias cobrindo o céu e escurecendo a sala.

— Daisy, — Ryke quase rosna meu nome.

Meu lobo vai me morder hoje. Talvez eu deixe.

Sua expressão nunca suaviza. — Eu quero estar aqui, porra.

Meus olhos estão vermelhos por chorar mais cedo. Estou farta de estar triste, mas pelo menos expelir essas emoções me dá uma liberação melhor do que as engolir.

— Eu só quero prepará-lo, — eu digo devagar. — Que isso é noventa e nove por cento nada, e eu sinto muito por isso também...

— Para. — Ele cobre minha boca com a mão. — Para, porra. — Ele está irritado, seu olhar despedaçado, mas estreito, ainda firme.

Eu toco seu pulso, puxando sua mão para baixo e liberando minha boca. Ele deixa ir muito facilmente. Esse é o Ryke para você. — Eu deveria me sentir diferente se estou grávida, eu acho, — eu respiro. — Eu apenas me sinto a mesma.

Quase um ano tentando engravidar. Mentalmente, eu poderia tentar outro ano com Ryke, da mesma forma que estivemos fazendo, mas meu corpo tem agendas mais curtas. Fisicamente, o tempo está se esgotando.

— Está tudo bem, — ele diz com força, mas seus olhos avermelhados mostram um tipo diferente de história. *Cansado*. Estamos ambos muito cansados. — Qualquer que seja a porra que aconteça, está tudo bem.

Eu aceno, a palmeira de papel mole em minhas mãos.

Ele esfrega minhas costas e, em seguida, a porta do consultório se abre.

Dr. Yoshida carrega um arquivo, seu rosto tão impassível quanto de Connor Cobalt, o que é uma droga, porque não consigo determinar nenhum tipo de resposta.

Ele nos cumprimenta com um simples aceno e se aproxima. — Espero que vocês estejam bem.

Tenho certeza que ele viu as notícias. Nós já passamos por isso.

Fetiches de Daisy Calloway: Quantas vezes ela fez sexo ao ar livre?

Daisy Calloway é como a irmã dela! Viciada em sexo!

Urgente: Lily Calloway e Ryke Meadows fizeram sexo no carro. Não era Daisy!

Essa foi a pior.

Espero que o Dr. Yoshida só tenha prestado atenção às manchetes do casamento.

Casamento Secreto de Raisy! O que sabemos sobre!

Eles não sabiam muito. A maioria é especulação com fontes falsas alegando ter participado. Aparentemente havia um bolo de chocolate gigante e nos casamos em Praga. O bolo estava no certo. A cidade, nem tanto.

Eu tento varrer a mídia da minha mente, e tudo parece se resumir a esse momento. Dr. Yoshida vai falar sobre minhas outras opções.

Ele vai propor a barriga de aluguel. Eu vou ter que esperar alguns anos, até que Rose esteja fisicamente pronta para ter outro bebê.

Eu limpo uma lágrima do canto do meu olho, antes mesmo de cair. Eu passei sua voz em minha cabeça a manhã toda, com esses diferentes cenários. Eu nunca posso estar totalmente pronta para a picada do veredicto, mas pelo menos Ryke está aqui.

Meu pilar, me apoiando da queda. *Você se levantará novamente, Daisy,* eu me lembro. *Você é uma irmã Calloway.*

Eu posso fazer qualquer coisa.

Dr. Yoshida empurra os óculos para cima do nariz. — Eu tenho alguns panfletos e artigos que gostaria que vocês lessem.

Minhas veias correm frias, esperando pelo golpe. O braço de Ryke envolve meus ombros.

— Os próximos meses serão muito importantes, — diz Yoshida. — Ficar grávida foi o primeiro passo, agora carregar o bebê até a hora do parto será seu próximo grande desafio.

Sangue sai da minha cabeça, como se eu estivesse pendurada de cabeça para baixo. — Eu não entendo.

O Dr. Yoshida finalmente sorri. — Parabéns, Daisy, você está grávida.

Eu balanço minha cabeça uma vez, sentindo como se uma brincadeira estivesse sendo feita comigo. — Eu... como... você tem certeza? — Eu franzo a testa, não querendo acreditar nisso ainda. — Você tem cem por cento de certeza? — A água se forma em meus olhos, com medo de que ele vá puxar o tapete embaixo dos meus pés e dizer, *pegadinha!*

Eu vou cair com força.

— Eu fiz os testes, — explica ele. — Você está sem dúvidas, grávida. Um pouco mais de duas semanas. Você precisará voltar em breve para a sua primeira ultrassom. Eu quero fazer isso cedo, já que esta será uma gravidez de alto risco.

Meu coração bate rápido, suas palavras fluindo através de mim e depois flutuando para longe. Eu me viro para Ryke, seus olhos avermelhados nunca me deixando. Ele parece tão sobrecarregado quanto eu me sinto. E então eu vejo quando lágrimas deslizam por suas bochechas.

Ele está chorando.

Ryke tem agido com muito cuidado sobre todo o conceito de “família de três”, nunca pulando de alegria. Se isso nunca se tornasse realidade, ele não queria que eu sentisse que eu não era boa o suficiente para ele ou que eu neguei a ele algo que ele poderia obter em outro lugar.

Eu quase esqueci o quanto isso significa para ele.

— Nós vamos ter um bebê, — eu sussurro, lágrimas escorrendo pelas minhas bochechas.

Ele acena com a cabeça e sorri, maior do que já sorriu antes, e ele diz: — Sim, Calloway. Nós vamos ter uma porra de um bebê.

Eu rio no meu próprio sorriso choroso. — Diga isso de novo. — Eu o seguro, minhas mãos desaparecendo em seu cabelo espesso.

Ele repete suas palavras e, em seguida, me puxa para o peito, me puxando para fora da cama do hospital e em seus braços. Estou tonta dentro do seu abraço, minha mente girando mil quilômetros por hora. Ele beija o topo da minha cabeça e depois minha bochecha, se afastando apenas um pouco para encontrar meus lábios.

Eu o beijo da mesma maneira selvagem e zelosamente e com alma.

Meu mundo perde o foco.

E eu posso me preocupar com o próximo grande desafio, como meu médico disse, mas eu não quero que essa experiência - que pode ser minha única - seja arruinada pelo medo.

Eu tenho medo do escuro, de estranhos e coisas que acontecem à noite. Eu nunca quero ter medo de um futuro desconhecido, de riscos. É o único medo que eu escolho nunca ter.

Nós nos beijamos rápido e depois lentamente, até que nossos lábios se separam, e então eu olho profundamente em seus olhos.

Este é o começo do nosso próximo capítulo.

Nossa próxima aventura.

< 39 >

DAISY CALLOWAY

A água cai em nós, e nós dois temos dificuldade em nos concentrar em xampus quando estamos tão perto um do outro, nus. Ele está *extremamente* em forma, as linhas de seus músculos são atingidas por gotículas de água. Sinto-me mais feminina e mais baixa compartilhando o espaço confinado com ele, mas adoro tomar banho com Ryke.

Dando banho um no outro. Confortável o suficiente para deixá-lo explorar meu corpo e vice-versa. Eu assisto seu olhar quente se mover através dos meus mamilos e quadris.

Eu sorrio quando fecho meus olhos, mergulhando minha cabeça para trás para enxaguar o xampu. Ele ajuda, suas mãos passando pelo meu cabelo castanho.

Quando as palmas de suas mãos me deixam, abro um olho. Ele pega uma esponja na borda e, quando ele se vira novamente, cuspo água no rosto dele como uma fonte.

Ele usa sua expressão de *puta que pariu* que é muito Ryke Meadows.

A água escorre pelo meu queixo e eu rio em um sorriso maior. Seus lábios imediatamente puxam para cima, e ele passa o polegar pela cicatriz na minha bochecha. Geralmente se enruga no calor, então acrescente meu sorriso, e aposto que é super perceptível.

Ele parece amar mesmo assim.

Talvez até mais, na verdade.

Eu corro meus dedos pelo meu cabelo molhado. — Estou mostrando? — Eu pergunto através do barulho da água batendo no piso.

Sua mão desliza pelo meu abdômen. Com seis semanas, não há muito para mostrar, mas tivemos nosso primeiro ultrassom ontem e ouvimos os batimentos cardíacos de nosso bebê. Até agora, o bebê Meadows está vivo e saudável. Decidimos deixar o gênero um mistério até o final. Talvez no caso de algo ruim acontecer, é melhor não saber.

— Não muito, — ele diz o que eu já sei. — Você vai ficar grande pra caralho, Dais.

— Quão grande? — Eu sorrio amplamente. Estou me segurando no que temos agora, todos os dias, o máximo que posso.

Ele joga a esponja em mim, e ela cai meu rosto, cobrindo meus olhos.

Eu suspiro. — Eu perdi meu namorado bonito! Onde para a arte tu, Rom... — Eu mal posso manter a charada viva, rindo demais, e ele não tem mais nada para jogar em mim.

Ryke arranca a esponja do meu rosto. — Você percebe que você é a única que está rindo, Calloway?

— Quem disse que eu estava tentando te divertir? — Eu balanço minhas sobrancelhas. — Estou me divertindo.

Ele se aproxima de mim, com um metro e noventa e perigosamente enigmático. Meu pulso acelera com o jeito que ele está olhando para mim. — Quão divertida você está? — Pergunta ele, sua voz como sexo.

— Muito, muito divertida, — eu respiro suavemente, minhas palavras quase perdidas com o barulho do chuveiro. Pego outra esponja e, antes de começar a lavá-lo, a esponja dele toca meus braços nus. Sua outra mão desliza pelo meu quadril.

Estou tão relaxada, praticamente derretendo. O vapor enevoa a porta do box de vidro, e eu me concentro em seu corpo, minha esponja roçando os cumes de seu abdômen.

Seus lábios perto de mim, assim que a esponja desce entre as minhas pernas. Minha respiração engata no calor, e ele cutuca meu rosto com o dele, nossos movimentos falam um com o outro, e eu respondo, inclinando minha cabeça até que seus lábios encontrem os meus.

Sua outra mão descansa no meu abdômen por um segundo.

Um gemido faz cócegas na minha garganta. — Ryke, — eu sorrio contra seus lábios. — Ah… — Eu inalo bruscamente, seus dedos deslizando em mim quando ele deixa cair a esponja. Puta merda. Seu polegar esfrega meu feixe de nervos, eletrificando meu corpo inteiro.

Minha cabeça se ilumina e inclino meu peso contra ele. Ele me segura enquanto me dá prazer. Ele até levanta uma das minhas pernas em volta da cintura, ganhando mais entrada em mim.

Eu estremeço e, em seguida, olho para seu grande pênis. — Você pode empurrar, — eu respiro.

Sua expressão endurece, o que só me excita mais.

Eu gemo contra seu ombro, meus dedos apertando a esponja. — Ryke, — eu choramingo.

Ele aperta minha bunda e eu vejo seu pênis endurecer. Ai meu Deus. Eu gozo contra ele, provavelmente um dos orgasmos mais rápidos que eu já tive.

Estou com calor, mas não suada, graças ao chuveiro.

Ele me beija de novo e eu pergunto, — Isso te incomoda?

Suas sobrancelhas franzem. — O que?

— Que não estamos fazendo tanto sexo quanto antes. — Eu me perguntei isso ultimamente. Nas últimas quatro semanas, fizemos consideravelmente menos. Eu o ouvi se masturbando algumas vezes também.

— Não, Dais. — Ele lava os dedos debaixo do chuveiro. — Il tuo piacere è il mio. — *Seu prazer é o meu prazer.* Ele prefere apenas fazer sexo comigo quando estou verdadeiramente excitada.

Minha boca cai, fingindo surpresa. — Você fala italiano?

Ele me empurra levemente, e minhas costas batem contra a parede de azulejos. Eu rio e ele sorri. Ryke está prestes a ficar de joelhos na minha frente, mas eu fico primeiro.

— Callo...

— Eu quero, — eu protesto, segurando em suas coxas nuas, seu pau bem na frente da minha boca. Faz muito tempo desde que eu fiz um boquete nele. Eu disse a minhas irmãs que eu não sou fã disso e esse fato chegou aos seus ouvidos, então agora acho que ele me imagina *odiando* sempre que eu tento.

— Você odeia essa porra, — ele retruca. *Viu*. Ele tenta me puxar para os meus pés.

Sua força derrota a minha. Eu coloco minhas mãos em seu peito. — Eu tenho essa teoria, — eu digo.

— Eu já odeio sua maldita teoria.

— Boquetes ficam melhores no tempo.

— Não, — ele retruca. — Não, porra, não. Não.

Eu franzo a testa. — Mas e se eu não gostava deles, mas eu gosto de fazer agora? — Eu posso dizer que essa lógica está começando a funcionar para ele, ou talvez ele esteja realmente excitado. Ele realmente faz uma pausa para pensar.

E então ele me dá um olhar que diz *que porra é essa*. — Não.

Droga.

Eu cruzo meus braços e me inclino contra a parede de azulejos novamente. — Então é melhor você me foder, — eu digo, abrindo minhas pernas. — Eu não vou ficar satisfeita até que você esteja, amor.

Com aquela carranca sombria e pensativa, ele diz: — Eu vou chupar você, Calloway. Você gozará *de novo*, e então eu vou empurrar meu pau em você.

Meus lábios se levantam. — Diga isso de novo.

Assim que sua boca se abre, outra voz corta o banheiro.

— Daisy! — Price grita.

Meus olhos se arregalam e Ryke olha para o vidro do box. Ele não pode estar aqui. — Eu tranquei a porta, — digo Ryke. Price bate contra a porta do banheiro, confirmando isso.

Ryke mal relaxa e me pergunta. — Você ligou para ele?

Não, — eu digo. — Você ligou?

— De jeito nenhum, porra. — Estamos deixando ativamente Price para trás quando saímos. Não apenas para as consultas de ultrassom e médicos, mas para todas as emboscadas que fazemos, nós o abandonamos como um amigo indesejado. Eu quase me sinto mal, especialmente quando ele mandou uma mensagem depois do incidente do estacionamento com polícia.

Eu poderia impedi-lo de ser multada e de ser filmada pelos jornalistas. Por favor, me leve na próxima vez. Eu posso te seguir em outro carro. É para isso que eu estou aqui. - Price.

Eu quero confiar nele, mas estou com medo. Nós nos machucamos tantas vezes abrindo nossos braços para as pessoas, e um guarda-costas vê as coisas. Ouve as coisas. Sabe coisas.

Coisas que meu pai não pode saber ou ouvir. Decidimos contar aos meus pais sobre o bebê depois do nosso casamento. Vou estar com dez semanas, sem mostrar muito, e temo que, se eu disser ao meu pai de antemão, ele não virá à cerimônia.

Eu percebo.

Eu sou tão ruim quanto Ryke em entregar notícias que podem machucar as pessoas que eu amo. Eu acho que é algo que nós dois temos em comum.

— Daisy! — Price grita novamente, batendo mais alto.

Eu desligo o chuveiro e Ryke sai do box. Quando eu sigo, ele joga uma toalha verde-escura para mim. — O que foi? — Eu pergunto a Price através da madeira, me secando rapidamente e, em seguida, prendendo uma toalha em volta do meu peito.

— Eu preciso do itinerário de casamento! Acabei de descobrir que todo guarda-costas já tem um, menos eu!

Os itinerários de casamento são tão secretos que dissemos a todos para *nunca* fazer uma cópia, compartilhá-los ou colocá-los on-line. Eles são pedaços de papel e estamos enrolando para compartilhar mais informações com o Price.

Ryke *realmente* não confia nele. Ele acha que vai vazar informações para a imprensa, ou pelo menos, essa é a sua maior preocupação.

— Espera! — Eu grito de volta, meu estômago agitado e leve por causa do vapor extra.

— Eu esperarei aqui!

Ryke está carrancudo, a toalha baixa em volta da cintura, mas quando ele olha para mim, suas sobrancelhas se franzem. — Você está bem? — Ele toca minha testa.

Eu vomitei muito nas últimas semanas. Por mais que enjoo matinal seja uma droga, adoro tê-lo porque é um sinal físico de que o bebê está bem.

Eu engulo qualquer náusea transbordante e aceno, e então eu empalideço por um motivo completamente diferente. Eu sussurro, — Acho que nosso ultrassom está na penteadeira. — A foto acinzentada de nosso bebê do ultrassom.

— Porra, — ele xinga e espera por mim. — Você quer que eu pegue suas roupas?

Eu balanço minha cabeça e aperto minha toalha em volta do meu peito. — Eu estou bem. — Se eu me sentisse desconfortável, eu diria a Ryke.

Ele abre a porta, o vapor correndo e Coconut andando de um lado para o outro na entrada, abanando o rabo.

Ela nunca latiu para Price.

Isso não é estranho?

Em uma calça azul de camisa social azul-marinho, Price está próximo à nossa poltrona de vime, uma tigela de cereal meio comida na almofada. Seu olhar permanece apenas no meu, não vagando pelo meu corpo, estritamente profissional.

— Por que eu não recebi o itinerário ao mesmo tempo que os outros guarda-costas? — Pergunta ele, chateado por nossa constante falta de informação. Ele tem o direito de estar frustrado e zangado conosco, mas estamos apenas tentando nos proteger.

Meus olhos voam para a cômoda, o ultrassom espalmado. Eu não acho que ele possa ver de onde ele está.

Ryke se aproxima de Price. — Greg pode confiar em você, mas não é ele quem que você está seguindo para todo lugar.

Price suspira aborrecido como se já estivéssemos nessa estrada antes. Nós estivemos, mas ele não consegue entender o quanto todos nós fomos traídos. A própria mãe de Ryke o machucou. Meus amigos. Ryke até teve que parar de falar com as pessoas da faculdade porque elas continuavam vendendo histórias para a imprensa. Uma garota também vendeu suas cuecas boxer no eBay.

Como podemos saber quem são as maçãs podres quando descobrimos apenas os núcleos podres depois de mordermos? Estou farta de morder e querer vomitar.

— É esse o problema, eu não estou seguindo vocês para lugar algum. Vocês não deixam. — Price olha para mim. — Seu guarda-costas, Mikey, não está voltando, e você precisa de alguém, então você vai ter que me tratar como os outros. Eu deveria ter recebido um itinerário ao mesmo tempo que eles - se não *antes*. Eu sou *seu* guarda-costas.

Eu tento não desmoronar facilmente, mas me sinto tão mal.

— Ei, — Ryke diz asperamente para Price, — isso não é como contratar um fodido contador. Temos *todo* o direito de ser cautelosos, especialmente porque não contratamos você.

Eu ando até a cômoda, pensando que posso pegar algumas roupas e esconder o ultrassom de uma só vez.

Claro, Price me segue. — O que mais eu preciso provar? Eu ajudei Daisy durante o Ano Novo. Eu poderia ter difundido várias situações antes de virarem uma confusão - como no zoológico.

Eu descanso o cotovelo no ultrassom e viro para encará-lo. — Eu só preciso de espaço, como você me dar espaço para respirar.

Ele dá alguns passos para trás. — Isso é melhor? — Pergunta ele com seriedade.

Eu concordo com a cabeça. — Sim.

Ryke se aproxima da cômoda também, mas ele tira um par de cuecas boxer. Ele sussurra para mim: — Se dermos o itinerário para ele no dia anterior ao casamento, ele terá menos tempo para vazar.

— Se nós dermos a ele agora, será um bom teste, — eu sussurro de volta, deslizando devagar o ultrassom na minha gaveta de roupas íntimas.

Ryke pensa sobre isso enquanto ele coloca sua cueca boxer verde escura, mal se importando com a presença de Price quando se trata de ficar nu.

Coconut salta ao redor dos meus pés, seus grandes olhos azuis redondos sorrindo para mim.

— Posso ter o itinerário agora? — Price pergunta. — Eu nem sei para que país estamos viajando.

Ryke acena de mim para o closet, onde guardamos os itinerários. Nossa decisão foi tomada. Quando vou pegar um, ele pergunta a Price, — Greg te perguntou alguma coisa estranha durante a sua entrevista?

— O que você quer dizer com estranho?

Ryke ainda acha que existe uma possibilidade de que Price foi contratado para nos separar. — Sobre sua vida pessoal.

Eu ligo as luzes do closet e procuro por uma caixa de papelão no chão, mas ainda posso ouvi-las do lado de fora, especialmente porque Price se aproxima mais de mim por instinto.

— Ele me perguntou se eu gosto de snowboard e esportes aquáticos. Ele também queria ter certeza de que eu não tinha medo de altura e que eu estava disposto a tentar coisas novas. — Ele faz uma pausa. — É claro que ele também perguntou se eu sou solteiro, meu histórico de namoro...

— O quê? — Ryke diz com raiva.

— Você não entende, — Price diz facilmente. — Emparelhar guarda-costas com celebridades é um modo de formar casais. Daisy vive um estilo de vida sem ser ligada a ninguém, de solteira - sem ofensas.

Eu posso sentir Ryke fumegando.

Hesito em pegar o itinerário.

— Nós não estamos em um relacionamento aberto, porra, — retruca Ryke. — Ela está ligada a mim. Ela não é solteira! Eu não estou transando com a irmã dela! — Ele está lívido e eu espio para fora do armário. Veias se projetam em seu pescoço. Eu não achei que todos esses rumores - onde eu não estou realmente com ele, onde eu poderia facilmente passar para outro homem - o corroíam tanto assim.

Talvez ele nem tenha percebido até agora também.

Price não parece assustado com o conflito, o que provavelmente é um bom traço de guarda-costas. Ele levanta as mãos para aliviar a tensão. — Eu não quis dizer isso assim. Eu só quis dizer que ela vive *em movimento*. Ela combina bem com alguém como eu, que é solteiro e sem ligações, para que eu possa ir livremente para onde vocês precisam ir. Garth, que tem três filhos e uma esposa, nunca conseguiria acompanhar vocês dois.

Ryke esfrega sua mandíbula não barbeada e, em seguida, olha por cima do ombro. Para mim.

Devemos ainda dar o itinerário para ele? Eu pergunto através dos meus olhos. Essa decisão envolve nós dois e eu não posso fazer isso se ele não estiver confortável.

Ryke pensa por um segundo e então ele concorda com a cabeça.

Eu pego o itinerário para dar ao meu guarda-costas. Neste gesto eu imploro, *por favor, não quebre nossos corações.*

< 40 >

DAISY CALLOWAY

Quando começamos a namorar, pés de milho entre nós como testemunhas do momento, Ryke me perguntou o que eu queria. Naquele milharal, eu disse a ele, *quero estar totalmente comprometida a alguém, para me casar, provavelmente mais cedo do que tarde. E eu quero bebês. Talvez três. Eu também quero viajar e visitar as sete maravilhas do mundo e mergulhar e ficar debaixo de uma cachoeira na Costa Rica, beijando você*.

Eu sorrio, lembrando da sua resposta. *Não nessa ordem*.

Não nessa ordem, ele começou a me dar tudo o que eu queria.

É o que penso enquanto olho para uma montanha de tirar o fôlego no Peru, os cinzas e marrons cobertos de musgo. Machu Picchu é a nossa visão para o jantar de ensaio. Uma longa mesa de madeira é colocada ao longo da grama mais verde, privada e espetacular. O chalé está muito atrás de nós, perdido entre a folhagem.

Amanhã vou me casar aqui.

Entre uma das sete maravilhas do mundo.

Temos muita sorte de nos casar em um lugar como esse, e esse fato nunca se perde em mim. Ryke e eu já pedimos a nossa família para doar para as nossas instituições de caridade favoritas, em vez de nos comprar presentes de casamento. No entanto, suspeito que algumas pessoas vão quebrar nossas regras e fazer as duas coisas.

Também está livre de paparazzi até agora. Isso me ajuda a confiar em Price um pouco mais, porém depois de toda aquela conversa de "solteiro e desapegado", Ryke ainda está com suas guardas levantados. Me protegendo.

Quando a noite cai, as chamas da tocha tremulam ao nosso redor. Meus pais acabaram com três garrafas raras de Merlot com Sam, Poppy e Connor. Todo mundo parece estar à vontade e recheado de carne de frango, carne bovina e costeletas de porco com macarrão e queijo. Nós consumimos a nossa sobremesa lentamente, dois tipos no menu para todos os haters de chocolate.

Lo destrói seu bolo de morango em tempo recorde.

Para mim, eu só quero extrair a experiência de brownie quente o maior tempo possível.

Lo se inclina para trás, sua cadeira de madeira rangendo. — É oficial. — Ele inclina a cabeça para seu irmão mais velho. — Você nasceu louco. — No gramado, um projetor mostra fotos em uma enorme tela branca. A última foto mostrada: um Ryke pequeno pendurado em um penhasco vermelho com uma mão. Ele está amarrado e em segurança, mas ele não pode ter mais de sete ou oito anos.

— Nasceu para ser selvagem, — eu provoco com um sorriso largo. Talvez em outro mundo, nós fôssemos amigos assim, tão jovens. Eu estaria mais perto da idade dele. A vida teria sido divertida crescendo com ele.

Seu braço, colocado nas costas da minha cadeira, cai de repente aos meus ombros.

Meu coração dá cambalhotas com o simples toque e sua proximidade e aquele olhar sombrio e misterioso. A energia nervosa me isola e coloco meus pés embaixo do meu traseiro. Um sentimento tão estranho. Como borboletas em um primeiro encontro.

Mesmo agora, só ficar perto desse cara - quase dois metros de altura, forte, masculino, protetor e tão carinhosamente afetuoso - faz a velocidade da minha pulsação dobrar. Como se fosse a primeira vez que seus dedos roçaram a pele do meu braço. Como se fosse a primeira vez que seus olhos vagavam por mim e depois se fixarem no meu olhar.

Os pelos da minha nuca se levantam. Eletrizante. Ele me ilumina e eu estou completamente e totalmente brilhando esta noite.

Ele está tocando em você.

Seu futuro marido está tocando em você, Daisy.

Um pensamento tão bobo, mas fazer tudo se mexer dentro de mim.

— Ei, eu me lembro disso, — Sully diz do outro lado da mesa, comendo seu brownie. *Amantes do chocolate para a vitória*. Ele aponta o garfo para a tela. — Nosso instrutor tirou a foto e ele tão convenientemente me cortou.

— Você estava enrolando e muito atrás de mim, — Ryke lembra.

Sully balança a cabeça, o cabelo vermelho desgrenhado balançando com ela. — Foi um caso claro de preconceito contra ruivos. Vinte anos depois, você ainda não consegue lidar com os fatos, cara.

— Fatos? — Eu sorrio.

— Não há nenhum, — diz Ryke.

Sully levanta o dedo, bebendo um copo de água. Todo mundo aguarda atentamente já que Sully é a única porta de entrada para a infância de Ryke.

— Aqui está o fato, — diz Sully, — nosso instrutor sempre me colocava como par de outra pessoa.

— Porque você era magro pra caralho, e ele não tinha certeza se você era habilidoso o suficiente para acompanhar alguém com o dobro do seu tamanho.

Sully aponta o garfo na direção de Ryke. — Veja, agora há um preconceito contra *magros*. Eu nunca tenho uma folga.

Ryke diz à mesa: — Não deixe Sully enganar vocês. Quando éramos capazes de escolher, sempre escolhemos um ao outro primeiro para escaladas tradicionais e esportivas.

Sully sorri na sua próxima mordida de brownie. Estou muito feliz por ele fazer parte da nossa cerimônia de casamento. Ryke estava um pouco preocupado que ele estaria do outro lado do mundo hoje e amanhã, viajando para onde quer que seu coração o levasse. Felizmente, seu coração o levou ao Peru conosco esta semana.

A apresentação de slides muda para uma nova foto. Uma que eu gosto de chamar de o sexto Halloween de Daisy Calloway. Eu estou deslizando pelo corrimão de alguém com um saco de doces, meu bigode cinza, monóculo e calça e blusa amarelas que eram super populares. Pelo menos na minha mente.

— O que diabos você deveria ser? — Ryke pergunta. Ele se inclina para frente para tentar espiar o canto da imagem. — Aquela é a Rose?

Em um vestido vermelho justo, Rose tem os braços cruzados, de pé e olhando para o quarto degrau atrás de mim.

— Quem mais seria? — Rose estala.

— O diabo, — comenta Lo.

— Você parece assustadora nessa foto, — Lily fala. — Mais assustadora do que o habitual.

Rose tem as mãos na barriga grande, o vestido azul-escuro moldando sua silhueta grávida. Ela está na trigésima semana. Ela disse que esta seria sua última semana em saltos, seus pés começando a doer neles, mas sua confiança consumidora não diminuiu. Ela age como se seus bebês ainda não nascidos fossem uma armadura de batalha e preciosos rubis, nada que a diminuísse ou a forçasse a sentar em uma cadeira.

Mesmo quando ela se cansa ou parece enjoada - o que aconteceu muito durante essa gravidez - seu brilho supremo e queixo erguido diz, *nós seremos vitoriosos, pequenos gremlins.*

Como se eles estivessem lutando com ela, não contra ela.

Eu sou muito grata pelo médico ter permitido que ela voasse, então eu posso tê-la aqui comigo.

Rose fixa os olhos verde-amarelados em Lily. — Eu pareço zangada porque quebrei meu salto naquela noite.

— Talvez meninas de treze anos de idade não devam usar saltos, — retruca Lo.

— Talvez pessoas de 26 anos de idade chamado Loren Hale devam calar a boca, — diz Rose e, em seguida, chicoteia o cabelo por cima do ombro como se eu dissesse *acabei com você.*

Ela quase destruiu. Ele rebate com: — Não foi eu quem quebrou meu salto, senhorita Scarlet.

A realização passa pelo rosto do Ryke e ele se volta para mim. — Você era o coronel Mostarda?

Eu concordo com a cabeça. — Nós tivemos uma Sra. Violeta do Detetive também, mas ela não foi no último minuto porque era o aniversário do seu melhor amigo. — Eu balanço minhas sobrancelhas para Lily e, em seguida, sorrio para Lo.

Ambos olham um para o outro, como se lembrassem do décimo primeiro Halloween de Lily e do décimo segundo de Lo. Rose foi a única que concordou em pedir doces comigo e, apesar do salto quebrado, lembro de nós duas nos divertindo. Eu troquei meus Starbursts e Skittles por todo o chocolate dela.

Do outro lado da mesa, Connor pergunta uma pequena frase a Rose em francês.

Eu me viro para Ryke para traduzir, muito curiosa e um pouco preocupada. Eu só espero que ela esteja tão confortável aqui quanto ela pode estar nessa fase da gravidez.

Em voz baixa, Ryke me diz: — Ele perguntou a ela: 'te sens-tu malade?', O que significa *você se sente enjoada?*

Nós dois assistimos Rose responder com — Pas aujourd'hui.

Ryke sussurra para mim: — *Hoje não*.

Eu vi Connor massageando o pescoço de Rose esta manhã no café da manhã, e se eles estivessem sentados um ao lado do outro agora, tenho a sensação de que ele ajudaria a derreter todos os problemas da sua gravidez.

Ryke se afasta um pouco de mim, mas sua mão grossa esfrega para cima e para baixo no meu braço. Eu sinto cócegas, a sensação passando por mim. Seguido por um arrepio, a antecipação nervosa faz um número em mim.

Ele abaixa a cabeça para sussurrar: — Você está bem?

Nós vamos nos casar.

Minha cabeça fica leve e eu fico tonta quando ele acaricia meu braço de novo, pensando que estou com frio.

Todo mundo começou a rir alto de uma nova foto: Rose, de dez anos, com saltos pretos de cinco centímetros, carregando uma criança de quatro anos em uma carroça vermelha. A pequena Lily, de oito anos de idade, está cansada no gramado, Lo tirando um pedaço de grama do cabelo dela. Estou sorrindo tanto na foto, meu dente da frente faltando.

Eu respondo a Ryke calmamente, — Estou apenas animada. — Tão animada que eu começo a sorrir como uma idiota toda vez que encontro seus olhos. Estou tão tonta.

Seu próprio sorriso cresce. — Você parece doente de amor, Calloway. — Ele mexe no meu cabelo.

— Eu acho que esta deve ser a melhor doença que existe. — Minhas bochechas doem; eu não consigo conter nada.

Tim, tim, tim de uma faca em um copo de vinho rouba minha atenção para outro lugar. Meu pai. Ele se levanta da mesa com as bochechas rosadas de todos os Merlot. — Antes de os pais

entrarem para dormir, quero compartilhar uma surpresa que está em andamento há algum tempo, e esperamos que haja apenas mais boas surpresas para Ryke e Daisy no futuro.

A ironia não se perde na maior parte da mesa.

Todos - menos meus pais e Jonathan e talvez Maria de nove anos - compartilham olhares furtivos. Bem, sabendo que eu tenho uma surpresa no meu forno, e está sendo cozido há dez semanas.

Minhas irmãs choraram quando eu disse a elas, mas não tenho certeza se minha surpresa constitui como uma "boa surpresa" para meu pai. Corpos se contorcem, especialmente Poppy e Rose, e eu penso, *por favor, ninguém deixe essa notícia escapar. Não um dia antes do meu casamento.*

Meu pai faz uma longa pausa. Muito longa para Loren Hale.

— Qual é a surpresa? — Pergunta Lo. — Todos nós vamos ser idiotas e milionários... ah, espere… — Ele dá um sorriso seco.

— Bilionário, — corrige Connor. Sentado ao lado de seu melhor amigo, ele segura o olhar de Lo.

Lo se encolhe de brincadeira. — Você percebe que minha margem de lucro é maior que a sua, amor?

Connor sorri. — Tudo meu é sempre maior, querido. — Então ele pisca.

Jonathan os examina na luz fraca das tochas, mas ele está mais relaxado do que eu pensava. Connor e Lo são claramente apenas amigos, ambos confortáveis em sua própria pele.

— Qual é a surpresa, pai? — Eu pergunto, trazendo os holofotes de volta para ele.

Ele sorri para mim, e eu volto o sorriso, leveza ainda flutuando dentro da minha barriga.

— Em agosto, eu esperava que todos pudéssemos viajar para Utah para uma viagem em família.

Tem que haver alguma coisa perdida em algum lugar porque esta viagem ao Peru é praticamente uma férias em família com todos aqui. E agosto é no próximo mês.

— O que há em Utah? — Lo pergunta com um rosto levemente dolorido. Gostaria de saber se ele está recordando o que aconteceu há muito tempo em nossa viagem em Utah. Um monte de brigas “fraternais”.

Surpreendentemente, Ryke responde: — Parque Nacional de Zion.

Sully começa a sorrir como se ele soubesse o que está naquele parque nacional. Ele sussurra para Ryke, *me leva*.

Ryke revira os olhos, mas assente com a cabeça e depois a balança como se dissesse *por que você está perguntando, porra? Claro que você está indo.*

— Eu estou perdida, — proclama Lily, cutucando seu brownie com um garfo.

— Eu estou certo nessa porra? — Ryke pergunta ao meu pai, ambos aparentemente passando boas vibrações para frente e para trás.

Eu me inclino para trás na minha cadeira, relaxando mais e mantendo as borboletas vivas.

Meu pai explica à mesa: — Fizzle quer que Ryke faça o solo livre no Escudo do Deserto, e nós sabemos que ele estará mais inclinado a aceitar essa oferta extremamente generosa se todos comparecerem em apoio.

Jonathan acrescenta para Ryke: — Não seja idiota. Isso é um bom dinheiro e uma subida que você poderia fazer no seu maldito sono.

— Primeiro, eu não sou um fodido idiota, — Ryke diz, o maxilar tenso. — Em segundo lugar, o Moonlight Buttress é uma subida melhor e na mesma área. É mais alta que o Escudo do Deserto. — Apenas pelo seu tom, posso dizer que ele não é tão defensivo sobre esses penhascos quanto o último que eles ofereceram.

Ele me disse que era "um fudido suicídio" e ele nunca se aproximaria sem equipamentos de segurança.

— Ele meio que está certo, — Sully diz aos nossos pais.

Jonathan estreita os olhos para Ryke. — Moonlight Buttress é um nome lamentável e você já fez o solo livre nela.

Sam diz: — Fizzle queria uma nova rocha para você, e o Escudo do Deserto ainda é uma ascensão de trezentos metros.

Lo empurra seu prato vazio de torta de morango para longe. — Jesus Cristo, nós temos que falar sobre isso antes do casamento deles?

— Sim, — todos os pais dizem em uníssono.

— A família precisa falar sobre isso para que possamos chegar a uma conclusão, — minha mãe esclarece. Isso realmente está acontecendo há um tempo, mas eu só quero felicidade hoje e amanhã.

Ryke acaba com isso aqui. — Eu preciso de uma semana de preparação com Sully antes do solo livre.

— Para quê? — Meu pai pergunta.

Sully é rápido para responder. — Eu vou ajudar Ryke a limpar o caminho dele e escalar com ele algumas vezes. Você não precisa me pagar...

— Sul, — diz Ryke. — É um trabalho. Você está sendo pago, porra.

Sully sorri. — Sim, mas eu faria isso de graça.

Como um martelo final, meu pai pergunta a Ryke, — Escudo do Deserto em agosto com a família lá?

Com mais luz atrás dos olhos, Ryke acena com a cabeça. — Negócio feito.

Meu pai levanta o copo em um brinde e todos nós levantamos os nossos e bebemos. Ryke parece muito feliz com o penhasco que eles escolheram, animado até.

Assim que meu pai se senta, minha mãe, com as bochechas rosadas também, faz um comentário: — Alguém mais tem mais surpresas antes de terminarmos a noite?

Ela não pode saber.

Pode?

— Você já sabe o sexo? — Sam pergunta.

Uma faca bate em um prato. Eu pensei que ele dirigiu isso para Rose, mas não, o marido de Poppy está me olhando diretamente nos olhos. Sua boca lentamente cai, observando Poppy fazer um movimento que diz *para, corta isso, deixa o assunto para lá agora, Sam.*

— Não importa, — diz ele rapidamente.

Eu tomo coragem para olhar para os meus pais.

De olhos arregalados, minha mãe tem a mão na garganta como se estivesse sufocando.

Meu pai está tão branco quanto a toalha de mesa.

— Surpresa, — eu digo com uma leve indiferença. — Estou grávida. — Por favor, não fiquem bravos.

Plateia difícil. Silêncio mortal. Estou trazendo meu melhor jogo. Ryke me abraça mais perto com conforto, nossas cadeiras praticamente uma só.

Minha mãe agora está com os dedos na boca. — Você tem certeza? — Ela pergunta.

Eu aceno de novo. — Eu estou com dez semanas.

Ela imediatamente se levanta, nem pergunta quem sabe. Lágrimas enchem seus olhos, e ela vem para trás da minha cadeira e me dá um abraço de lado. Ela até beija minha bochecha.

Porque ela achou que eu não poderia engravidar. — Estou tão feliz por você, querida. — Ela acaricia meu cabelo, e eu esfrego meus olhos que começam a lacrimejar, emocionada pela sua

resposta.

Meu pai ainda está em choque, eu acho. — Como... eu pensei que você não podia...

— Estamos tentando por um fodido ano, — explica Ryke, sem mais silêncio da nossa parte. Nós estamos realmente fazendo isso. Logo antes do nosso casamento.

Somos muito, muito loucos.

< 41 >

DAISY CALLOWAY

Meu pai lentamente e depois mais rapidamente balança a cabeça. — Você tem apenas vinte e um anos, Daisy.

Ele teve Poppy quando ele estava em seus vinte e poucos anos, mas ele não vai aceitar isso. Ele dirá, *é diferente. Eu já havia construído o império Fizzle até então. Eu tinha uma carreira estável e florescente. Você não tem nada*.

Ele continua: — Você tem a sua vida toda para ter filhos. Isso não é você. Você nunca foi esse tipo de garota. Você nunca poderia simplesmente ficar em casa com um bebê. — *Nunca* é uma palavra terrivelmente forte.

Todas as minhas irmãs começam a conversar umas com as outras para me defender, suas vozes se misturam.

Eu não consigo entender as palavras delas, mas Rose está apontando o dedo dela, olhos verde-amarelados perfurando nosso pai.

— EI! — Ryke grita, cortando a cacofonia. Todos imediatamente se acalmam. — Deixem a Daisy falar, porra.

Rose parece um pouco apologética, e ela é a primeira a acenar para eu começar a falar.

— Estou pronta, — digo ao meu pai. — E eu não sou o tipo de garota solteira. Eu não sou apenas Daisy Calloway, a garota que pula de penhascos. Ou Daisy Calloway, a garota que pula no oceano sem um colete salva-vidas. Eu sou muito mais do que isso, e eu quero uma família. — Eu luto contra as lágrimas. — Eu quero que uma menininha ou um menino sorriam para mim só porque sim. — Eu quase posso ver isso de longe, o amor incondicional que eu quero dar e a alegria que quero compartilhar - e é uma visão simples.

É apenas Ryke em uma rede. Eu sentada ao lado dele. Nosso bebê em nossos braços.

Feliz.

Por que não posso ter isso? Por que apenas certas garotas podem ser "feitas" para alguma coisa? Não deveria ser ruim querer ser mãe. Não deveria ser ruim querer apenas ter uma carreira. Não deveria ser ruim lutar por ambos ou nada.

Todos nós devemos ser apenas o que queremos ser.

Eu digo ao meu pai: — Eu não sei como mostrar a você que eu não sou uma garotinha escolhendo a próxima moda do momento ou que daqui a um mês eu estarei totalmente passado da fase de bebês. No ano passado, eu poderia ter mudado de ideia. Teria sido mais fácil porque... — Eu limpo meus olhos. — ...porque foi tão *difícil* chegar a esse ponto.

Meu pai coloca a mão nos lábios. Eu não sei dizer se ele está perturbado ou apenas chocado novamente. Ele se vira para Ryke.

— Não, — eu digo, rapidamente capturando sua atenção novamente. — Essa foi a *minha* escolha tanto quanto a dele. Ele não precisou me convencer de nada.

Eu não sou definida por cambalhotas e corridas de carros de brinquedo na estrada. Você me ouve, papai? Por favor.

Ele está olhando para o guardanapo em seu colo.

— Eu estou construindo um acampamento, — eu deixo isso sair, e a mesa coletivamente inala como se dissesse *Jesus Cristo, Daisy - você está tentando dar ao seu pai um maldito ataque cardíaco*. Ok, então isso provavelmente é só os pensamentos de Lo.

— Um o quê? — Meu pai pergunta.

— Um acampamento de verão para meninas e meninos. As cabines estão sendo construídas agora.

A preocupação empalidece seu rosto. — Você não usou sua poupança...

— Eu usei todo o dinheiro que ganhei como modelo, mas sou responsável e tenho algumas metas. — Pensei que talvez isso fosse mais atraente para ele do que o aspecto do bebê.

Em vez disso, ele toca a testa como se seu cérebro estivesse prestes a explodir.

Minha mãe se afasta da minha cadeira e corre para o lado dele. — Vamos discutir isso quando voltarmos para a Filadélfia. — Ela não tinha ideia sobre o acampamento de verão, mas acho que ela está tão feliz com a minha gravidez que isso não importa para ela. — Nós temos que acordar amanhã cedo, Greg. Chega por hoje. — Ela o ajuda a se levantar, e Jonathan empurra sua própria cadeira da mesa, seguindo seu amigo.

São dez horas da noite.

— Boa noite, — meu pai diz a todos, e seus olhos voam para mim com muita emoção para desabafar. — Conversamos depois?

Eu murmuro uma palavra de acordo.

Ryke sussurra em meu ouvido: — Essa porra não está arruinada.

Eu aceno com a cabeça, tentando acreditar que nosso casamento ainda vai ser como imaginamos. *Vai ser. Vai ser*.

Meu pai e Jonathan saem, mas minha mãe permanece por um segundo.

— Vocês não deveriam ficar acordados até muito tarde também. — Ela foca em Ryke, como se estivesse incutindo essa declaração nele: *não deixe minha preciosa pequena Daisy ficar acordada depois da hora das bruxas, Sr. Meadows.*

Ela não diria isso assim, mas parece legal na minha cabeça. E eu me sinto um pouco melhor.

Amanhã você vai se casar, Daisy.

Amanhã será um dos dias mais felizes da sua vida.

Volte, borboletas.

— Não vamos passar a porra da noite juntos, — diz Ryke em defesa.

Eu sorrio do jeito que ele diz isso. Seus dedos desaparecem no meu cabelo e meu estômago se agita. *Bons sentimentos*. Todos me lembraram da “tradição” na noite anterior ao meu casamento, e eu gosto da teoria de ficar em quartos separados.

A realidade pode ser mais assustadora, só porque estamos em um lugar estrangeiro. Eu espreito por baixo da mesa...

Ali está Coconut, dormindo perto dos pés de Sully. Ela gosta dele, e ela abre os olhos, como se pudesse sentir o meu olhar em seus lindos olhos azuis.

— Ei você, — eu sussurro. *Fico feliz por você estar aqui também*.

Ela me ajuda a me sentir segura.

— Vou deixar Greg saber disso, — diz minha mãe, como se quisesse amolecer seu marido rabugento com "boas" notícias. — Quem vai à cerimônia amanhã?

Ryke lista os poucos amigos que temos e confiamos. *Garrison, Frederick, meus avós (os que estão bem o suficiente para fazer a viagem) e Eddie - um dos amigos mais antigos de escalada de Ryke da Costa Rica, que só fala espanhol.*

Antes de sair, ela diz: — Parabéns, Daisy. — Ela sorri para mim mais uma vez, o que incentiva o meu sorriso a retornar. Eu a vejo caminhar em direção ao chalé.

E tudo o que resta na mesa: Willow, Sully, minhas irmãs, seus maridos e filhos. Jane e Moffy estão bocejando em suas cadeiras altas, e Maria adormeceu quando os garçons trouxeram a sobremesa, a bochecha no braço do pai.

— Eu sinto muito, Daisy, — Sam imediatamente diz. — Eu pensei, eu não sei por que, mas eu pensei que você já tivesse dito a eles. — Ele parece realmente chateado e cheio de culpa.

Lo diz: — Não fique surpreso se todos nós colocarmos carvão em sua meia no próximo Natal.

Eu dou risada.

A mesa inteira alivia, apenas pelo som genuíno vindo dos meus lábios.

Ryke me observa com cuidado. Eu tenho que passar por isso e vou falar com meu pai mais tarde, antes de dormir. Apenas palavras privadas para reiterar a mesma coisa.

Eu dou de ombros para ele: — É a vida, certo?

— Certo, — diz ele com firmeza. Ele sempre me disse que eu não posso mudar o jeito que meu pai se sente. Ele vai sentir o que ele sente.

Acho que estou feliz por eu ter falado por mim. Ninguém mais precisou.

Poppy de repente suspira, os dedos até a boca, assustada por algo em seu celular. — Aí Deus.

Rose arranca o celular da mão dela, os olhos dela se estreitando.

Eu amo o desvio de conversa. Também me dá bons motivos para me movimentar. Eu pulo do meu lugar, caminhando para o outro lado da mesa.

— O que foi? — Lily leva sua cadeira para perto de Rose.

Os caras estão todos sussurrando coisas um com o outro, e até *Sully* se juntou a eles, um dos poucos homens sentados ao lado de minhas irmãs.

Não deixe a televisão e os filmes enganarem você.

Meninos compartilham segredos tanto quanto meninas.

Os olhos de Rose estão com um brilho de alegria desconhecido. Eu fico atrás dela, mãos na cadeira, mas estou parcialmente distraída com Lo, que joga seus talheres em seu prato, o barulho me fazendo pular.

— Você está na Forbes de novo? — Pergunta Lo. — Ou Satanás finalmente nomeou você como sucessora dele?

Seus olhos verde-amarelados perfuram um buraco na testa dele. — Vá engasgar com sua sobremesa.

— Você estava na Forbes? — Sam pergunta sinceramente.

Lo inclina a cabeça. — Sério, onde você esteve? Ela imprimiu quinze exemplares do artigo da revista. Eu estou surpreso que ela não tenha colocado um debaixo da sua porta no meio da porra da noite.

Connor afirma: — Ser classificada na *Forbes 30 Under 30* é uma conquista rara e prestigiosa. Merece toda a fanfarra.

Rose começa a sorrir.

Connor diz algo para ela em francês, e eu me ajoelho ao lado da cadeira de Rose e sussurro: — O que ele disse?

Rose olha para mim como se dissesse *por que diabos você está no chão sujo?* Eu estou na grama, mas para Rose, o cimento, a sujeira, a grama - é tudo a mesma coisa.

Eu pisco meus olhos para ela, esperando que ela me contasse. — Por favor...

Ela sussurra de volta: — Ele disse que tem orgulho de mim.

Lily faz um barulho de *awwwn* audível que tem Rose revirando os olhos. Connor não foi sequer listado na Forbes no ano, e essa lista, projetada para os que movem e criam e os millennials que fazem a diferença, provou que Rose inspirou e impactou mulheres jovens em todo o mundo.

Rose acena o celular para Connor, apenas a tela de bloqueio aparece, e ela fala com ele em francês, a frase soando como uma pergunta. Ela deve ter dito a ele o que ela acabou de ver. Seus lábios se levantam e ele balança a cabeça, como se estivesse permitindo que ela falasse sobre.

Então percebo.

Isso é sobre o Connor.

— Se reúnam, — Rose diz para Lily, Willow e eu, já que Connor aprovou a exibição pública. Eu me coloco entre a cadeira de Poppy e Rose, meus joelhos nus cravando na grama macia. Meu vestido amarelo de tiras está a salvo de manchas, o que provavelmente irritaria Rose mais que todo mundo.

— É ruim? — Lily pergunta, olhando para o celular que está protegido pela mão de Rose.

— Não, — Poppy e Rose dizem em uníssono.

Rose tem esse olhar novamente, beirando um bufo e um sorriso.

Connor diz algo em francês mais uma vez, e ele pega seu celular. Todos os caras começam a se reunir em torno dele. Até Sully se levanta, anda ao redor da mesa e espia por cima do ombro de Connor. Maria boceja, acordando com o movimento de Sam e pega seu brownie.

Antes de Rose tirar a mão da tela, Sam e Ryke resmungam, encontrando a fonte de diversão de Rose e Poppy no celular de Connor antes de nós.

Rose fica irritada por eles vencerem ela, e a satisfação de Connor cresce, praticamente se gabando do outro lado da mesa. Ela sussurra, *eu te odeio*.

Ele sussurra, *você me ama.*

Eu cutuco o ombro da minha irmã mais velha. — Rose? — Eles se distraem mais do que qualquer um pode distraí-los.

Ela revela a tela, iluminada com um artigo do *Celebrity Crush*.

Ai meu Deus.

Meu queixo cai lentamente.

Logo abaixo de uma fotografia de Lily no aeroporto, carregando um Maximoff Hale de olhos arregalados, tem uma foto de Connor Cobalt. Ele está saindo de sua limusine, vestido com calças pretas casuais e uma camisa social azul. Eu reconheço a roupa já que ele a usou no jato particular para o Peru.

Isso deve ter sido no aeroporto há alguns dias.

A foto com photoshop inclui um círculo amarelo desenhado depois do fato - bem ao redor da virilha de Connor. A manchete: *O pênis de Connor Cobalt é muito grande para suas calças.*

Eu começo a rir alto. Lily e Willow se juntam instantaneamente, meu estômago doendo de tanto rir.

Eles têm uma segunda foto, ampliada em sua virilha, o contorno da protuberância muito claro. É engraçado porque conhecemos Connor bem o suficiente para saber que a foto não vai ofendê-lo nem ultrapassar seus limites pessoais.

Rose clica no Twitter por um segundo, e eu fico surpresa ao ver a página inicial da Poppy cheio de shippers de Coballoway pirando com essa foto. Ela deve seguir estas contas:

@rosecoballoway
@rosecobalt
@connorcalcium
@ConnorCockbalt
@connorcobaltx
@ caball0way
@cobaltconnor
@rosescalloway
@RoseCallowoah
@rosecalIoways
@connrcobaIt

@coballway
@msrosecalloway
A resposta esmagadora dos fãs: *EU SABIA #meumarido*
Lo solta um longo assobio. — Primeiro Ryke, agora Connor. Eu me sentiria um pouco autoconsciente se não soubesse que vocês dois tinham paus-monstro.
Sam se endireita. — Essa é a nossa sugestão para sair. Maria. — Ele gesticula para ela ficar em pé.
— O que? Eu já ouvi isso antes, pai. — Ela dá outra mordida no brownie.
— Ótimo. — Ele lança um olhar para Lo.
Lo toca seu peito. — Não sou eu quem foi pego na câmera com vinte e cinco centímetros de...
— Ok, ok, — Sam o interrompe e, em seguida, acena para Maria, embora eu vejo um piscar de um sorriso em seus lábios.
Maria se vira para a mãe. — Vinte e cinco centímetros é grande?
Oh-oh.
A mesa fica em um silêncio absoluto, mas Connor tem os dedos pressionados contra os lábios, seu sorriso florescente de milhões de dólares um espetáculo para ser visto.
Poppy está quase rindo, mas Sam aperta os olhos em aflição. — Nós falaremos sobre isso mais tarde, mas devemos ir para a cama. Precisamos acordar cedo amanhã.
Maria relutantemente fica de pé, apesar de pegar seu prato de brownie e levá-lo consigo enquanto sai com a mãe e o pai. E então havia… ainda muitos para contar.
Eu gosto assim. Todos nós aqui. Juntos.
— Você não é *tão* grande assim, né? — Sully pergunta como se dissesse, *cara, me fala a verdade*.
Connor diz, — Seria realmente uma surpresa se eu fosse?
— Não, — dizem quatro pessoas, a maioria de nós sob a mesma conclusão. Connor Cobalt é um deus entre os homens, então ele pode muito bem ter um pênis divino também.
— Eu deveria estar chateado com isso por você? — Lo pergunta a ele, colocando os pés na cadeira vazia de Sam ao lado dele. Não é muito diferente do que passamos. Eles tinham fotos do meu peito quando eu não usei sutiã em um vestido estranhamente cortado.
Eu não pensei nada disso na época. Só fui na rapidamente na CVS para comprar esmalte.
Connor balança a cabeça. — Eu não tenho sentimentos sobre isso, mas se você realmente quer sentir algo, eu prefiro estar em algum lugar em torno de *respeito* e *adoração*.
— Estou impressionado e adorado, — Sully fala.
— Adorado não é uma palavra, — Connor corrige.
Ryke o corta — Vai se fuder.
— Então, espera, — Sully pensa por um segundo e depois aponta para Ryke. — Isso aconteceu com você também?
Ryke tem que esticar a cabeça por cima do ombro para ver Sully atrás dele. — Sim, só que eu estava levando Nutty para uma merda de caminhada fora do bairro fechado.
— Em calças de moletom, — acrescenta Lo. — Sem cueca. Python à vista.
Eu me lembro bem da foto. A manchete: *Pênis de Ryke Meadows*
Era tão banal e direto quanto ele costuma ser, o que torna a manchete egocêntrica de Connor ainda mais cômica.
— Eu não me importo, — diz Ryke, — mas eles deveriam ser cuidadosos pra caralho com quem eles fazem isso também. Porque alguns vão se importar, e não é certo para eles postarem essa merda sem consentimento.
— Um brinde a isso, — diz Rose em concordância, levantando o copo de água.

Todos pegamos nossas bebidas e batemos de novo, o ar zumbindo com nossas energias melhores e mais otimistas. Eu estou de pé ao lado da cadeira de Willow agora, meu olhar percorrendo Ryke, tanto quanto o seu começa a me percorrer.

— Antes de entrarmos, quero dizer uma coisa. — Lo se levanta com o copo de água na mão. — Não se preocupem, não é uma fodida surpresa.

Quem teria pensado que Lo seria quem continuaria a aliviar o clima?

Eu sorrio e todos nós começamos a nos acalmar. O vento sopra pelas vastas terras peruanas, o único ruído verdadeiramente audível.

Lo gesticula de seu irmão mais velho para mim. — Eu ouvi que as pessoas passam *muito* tempo procurando suas almas gêmeas.

Eu aperto o ombro de Lily. Ela está nos braços de sua alma gêmea desde que ela era pequena.

— Vocês dois procuraram por bastante tempo, não é? — Diz Lo. — Não graças a mim. — Ele faz uma pausa. — Mas eu quero que vocês dois saibam - do fundo do meu coração preto e decadente - eu amo vocês dois, e o *único* mundo perfeito tem Ryke ao lado de Daisy e Daisy ao lado de Ryke. Qualquer coisa diferente é fodida. Lembre-se disso, ok?

Meus olhos estão cheios de lágrimas.

Vou me lembrar, Lo.

É impossível esquecer o tipo de amor que sacode meus ossos e grita que estou viva todos os dias da minha vida.

< 42 >

DAISY CALLOWAY

— Eu vou estar na suíte nupcial uma da manhã, eu prometo, — digo a Lily e Rose no corredor do hotel, esperando perto do quarto de Ryke.

Elas trocam um olhar cauteloso - como se eu fosse a zumbi Daisy amanhã, em vez da efervescente Daisy de olhos arregalados e com o rosto fresco, mas elas estão esquecendo uma coisa. — Estou acostumada a dormir pouco, mas vocês duas não estão, então não me deixem manter vocês acordada, por favor.

Já passei trinta minutos conversando com meu pai. Ele foi mais cordial e quieto e não expressou muita discordância. Então eu sei que vou vê-lo na cerimônia de amanhã.

Eu ia pedir ao meu pai que me levasse até o altar, como um pedido de desculpas, mas Ryke e Rose disseram que eu só deveria perguntar se eu realmente quisesse que ele me levasse. Não apenas para fazê-lo se sentir melhor.

Então eu não pedi a ele, e eu já disse a ele a minha decisão semanas atrás. Ele pareceu ok com isso naquela época. Não é que eu não ame meu pai o suficiente para fazer isso. É só que gosto da ideia de me entregar livremente. Sem precisar da aprovação final de ninguém além do meu próprio coração e minha própria voz.

No corredor da pousada, Ryke tem sua chave-cartão na mão, rígido perto da sua porta. — Eu não vou deixar Daisy ficar no meu quarto por muito fodido tempo, então não se preocupem.

— Viram. — Eu abro meus braços. Duvido que eu consiga dormir de qualquer maneira, muito elétrica e entusiasmada com o que virá amanhã.

— Precisamos fazer essa... *coisa* hoje à noite, — Rose diz vagamente. — Então, basta voltar mais ou menos uma hora e devemos ter tempo para fazê-lo antes de amanhã de manhã.

Eu aceno, incapaz de conter um sorriso.

— Que coisa é essa, porra? — Ryke pergunta.

— Coisa secreta, — Lily diz e então Rose pega o braço dela e eles vão até a suíte nupcial sem mim.

Eu estarei lá em breve.

Há apenas algo que preciso fazer primeiro.

Ryke destrava seu quarto e mantém a porta aberta para mim. Deslizo para sua suíte e imediatamente vou para sua bolsa de viagem na cômoda de madeira. Com o canto do olho, vejo-o puxar a camisa por cima da cabeça, o conjunto de abdômen impecavelmente tonificado e músculos esguios, algo que apenas alpinistas ávidos podem ter.

Mais tontura me enche, me levanta. Eu quase posso sentir os cabelos subindo nos meus braços. Eu não sou nem um pouco discreto, então quando ele me pega olhando, eu apenas sorrio mais.

Suas sobrancelhas se erguem para mim, sabendo que gosto de observá-lo. — Está quente pra caralho aqui.

Eu finjo confusão. — Mas eu pensei que este era o começo de um strip-tease de Ryke Meadows.

— Não, — diz ele, mas joga sua camisa no meu rosto.

Eu rio e continuo procurando em sua bolsa, mas não consigo encontrar. — Se você preferir ir para a cama, eu entendo. Você sabe que sempre podemos abandonar essa ideia. Não é um requisito.

— Eu quero fazer essa porra, Calloway. — Ryke responde daquele jeito que diz, *não discuta comigo sobre isso*. Eu assisto seu passo longo fechar a distância entre nós. Então ele abre a frente da mala de viagem e tira a caixa de som portátil. Apenas o que eu queria.

Sua proximidade faz meu estômago dar cambalhotas, e ele começa a ligar o som. Eu quase me esqueci de trazer, mas Rose imprimiu uma longa lista de viagens para mim.

Normalmente, nunca me importo em esquecer uma escova de dentes ou roupa de baixo. Tudo faz parte do meu processo de fazer as malas. Tudo o que é necessário para fazer a viagem, faz. Se estou com falta algo importante, me divirto encontrando alternativas.

Rose não gostou da minha teoria, pelo menos não para o meu casamento, então é aí que a lista entrou.

No calor do momento de silêncio, eu agarro a parte inferior do meu vestido e puxo para fora, jogando a roupa no chão. Eu fico confortável em calcinhas amarelas de algodão e um sutiã floral.

Os olhos de Ryke descem o meu corpo por um segundo rápido, parando na minha barriga.

Meu bebê de 10 semanas é muito pequeno, mas definitivamente perceptível sem roupas. Antes de qualquer grande emoção surgir, seu olhar pousa no meu.

Com um sorriso travesso, eu digo: — Está quente pra caralho aqui. — Eu gosto da idéia de estar seminua com ele, e ele deve ver a emoção em meus olhos porque ele não pede uma resposta real. Ele rapidamente começa a fechar as persianas, o brilho quente da luz da lâmpada iluminando o quarto do hotel.

Eu conecto meu celular no som e, em seguida, ligo minha música no aleatório, jogando roleta com a escolha da música aqui.

— Você está pronto? — Pergunto quando ele termina a última janela. Eu continuo balançando para trás e para frente em meus pés, inquieta, nervosa, mas leve e arejada e pronta para este momento acender. Talvez já tenha.

Ryke acena com a cabeça e retorna para o meio da suíte do hotel, um sofá de um lado e uma cama king-size com roupas de cama cinza contra paredes leves de dourado do outro. Não consigo discernir a música atual, mas é algo entre rápido e lento e alternativo.

Eu medi mentalmente o espaço entre ele e eu. Uns cavernosos três metros.

Ele cruza os braços, como se fosse esculpido em pedra.

Eu continuo sorrindo porque eu o amo tanto, cada parte dele que diz *eu não danço, porra*. Está bem documentado nos anos em que o conheço. Ryke se solidifica como uma parede de tijolos em shows e celebrações e em todos os casamentos. Para Ryke querer praticar nossa primeira dança é um grande negócio.

Também tem sido bem documentado que eu *não* sou uma ótima dançarina como Lily ou Lo ou até mesmo Rose, que sabe dançar uma valsa. Eu me desligo durante a maior parte da coisa. Eu costumo pular no ritmo, e pular não é o melhor tipo de coisa para fazer com um parceiro de dança. Então estou no mesmo barco que o Ryke.

— Tudo bem, — eu digo, caminhando para mais perto do meu futuro marido. Seus olhos nunca me deixam enquanto eu deslizo para ele. — Nós vamos ter que relaxar. — Ele me deixa agarrar uma das mãos, tirando os braços da postura fechada.

Eu foco nas diferenças entre a sua mão e a minha: muito maior e a palma da sua mão mais calejada e áspera a minha suave. Ele está olhando para mim, esse homem que cairia de joelhos se eu pedisse a ele. Que cuidaria de mim. Nunca me abusaria. Nunca me pressionaria ou tiraria vantagem de mim. Ele me tratou com mais respeito do que eu posso quantificar.

Eu quase sinto o sangue correndo pelas minhas veias. Estou muito, muito atraída por essa pessoa na minha frente.

— E então o seu outro braço, — eu digo em um suspiro suave. Enquanto eu agarro sua outra mão, sua articulação do braço anima e se move. — Então eles vão aqui. — Eu coloco suas mãos nos meus ombros.

Ele quase sorri, um brilho nos olhos escuros.

— O que? — Minhas bochechas doem do meu próprio sorriso inequívoco, e eu inalo superficialmente. Ele já está me tirando o fôlego e estamos apenas tentando descobrir como dançar juntos.

Pela primeira vez.

Ele fala com seus movimentos, suas mãos caindo dos meus ombros para os meus pulsos - seu aperto firme e garantido. Então ele levanta meus braços até que eles estejam seguros em *seus* ombros.

Meus joelhos se dobram instintivamente, saltando na ponta dos meus dedos. Ele ainda está estoico. Ele ainda é uma rocha sólida, mas ele começou a sorrir.

Suas mãos grandes e ásperas deslizam pelo meu corpo até que ele segura minha cintura. Estou hipnotizada por um segundo, sua pele na minha pele nua, tão esmagadora que um som agudo escapa dos meus lábios. Ele me puxa para mais perto, seu peito pressionado contra o meu, a batida dos nossos corações em sincronia.

Não há maneira certa ou errada de dançar, mover ou ser. Nós dois sabemos disso no final, e é por isso que tomamos nosso tempo e apenas fazemos o que nos vem. Aposto que vamos ficar em silêncio, deixar a música vibrar pelos nossos corpos.

E então…

E então a música muda. Nós dois inalamos, a melodia reconhecível passando sobre nós.

É a música que sempre me lembra Ryke.

"Sweet Disposition", do The Temper Trap, enche a sala com a mais bela e suave melodia.

Seus olhos castanhos, salpicados de avelã, perfuraram-me e, antes que eu possa pensar ou respirar, estamos nos movendo. Um pé primeiro, ele está me guiando. Então o próximo. Estes não são movimentos complexos e profissionais. Nós não nos transformamos de repente no melhor casal de dançarinos do universo. Sua confiança, sua força me faz adivinhar para onde ele irá. Eu de bom grado e seguramente o sigo.

Estou rindo. Estou sem conseguir respirar. Eu sinto que estou perseguindo ele, ou ele está me perseguindo. Enquanto nos movemos juntos. O ar corre através de mim como um túnel de vento.

Sua mão na minha cintura. Minhas pernas roçando as dele. Pulmões se expandindo.

Pés nunca parando. Corações nunca desistindo.

Ryke me envolve em ações tão simples que contêm a vastidão, a plenitude de nossas vidas e nosso amor. Bombeia meu sangue e eu vejo isso aceso em seus olhos.

As letras me estrangulam, e não estamos planando. Estamos girando loucamente. Seus olhos nos meus. Como se fossemos duas criaturas selvagens destinadas a ficar juntas. Até o fim dos tempos.

Ele me mergulha para trás e depois me solta. Meu corpo *cai*, o ar sai de dentro de mim e, antes que eu caia no chão, seus braços me pegam. Meu peito sobe e cai pesadamente, meus dedos cavando em seus bíceps. Antes que eu possa envolver minha cabeça em torno de meus membros, ele me levanta de novo, meu cabelo espalhado loucamente. Como se eu tivesse acabado de sair de uma montanha-russa.

O ritmo da música diminui, e Ryke afasta os fios das minhas bochechas, sua respiração se aprofundando com a minha. Eu corro meus dedos pelos seus cabelos grossos, e então meus braços caem de volta para seus ombros.

Estamos nos movendo novamente.

Eu sorrio. Tão largo. Tão viva.

E então o crescendo bate.

Ele me mergulha de novo, tão baixo - dessa vez me segurando. E meus pulmões - meus pulmões explodiram dentro de mim, o mundo cego de amor. Eu agarro o pescoço dele com força.

Se eu cair, ele vem comigo.

A intensidade, o *carinho* em suas feições faz meu coração bater mais do que a bateria da música, seu olhar me cobrindo em adoração e afeição. Eu não consigo desligar a luz que passa por mim e, lentamente e cuidadosamente, ele abaixa minhas costas no chão. Pairando acima de mim, seu braço apoiado ao lado da minha bochecha.

Meu lobo.

Meu tudo.

Ele está a uma respiração de distância dos meus lábios quando a música desaparece. E muito suavemente, ele diz: — Estou apaixonado por você pra caralho.

Eu apoio meu corpo nos cotovelos, aproximando-me dos lábios dele. As pessoas dizem que você não pode descrever o amor, mas eu tenho essa teoria que você pode. É só subjetivo. Você quer saber como é o amor para mim?

É respirar e sufocar. Soluçar de chorar e sorrir. Ansiar por algo e desvanecer. A dor ser mais forte. Sua vida ser maior. É cada momento. Cada minúsculo momento.

Eu senti tudo isso com o Ryke.

E não são apenas os eventos malucos e loucos que mantêm meu coração bombeando. São esses segundos pequenos e inconcebíveis de tempo juntos. Nossos sorrisos. Nossas lágrimas. Nossos corpos se movendo ou parados. No instante em que nossas almas solitárias estão cheias.

Eu nunca vivi ou amei mais selvagem e mais livre do que com ele.

Eu abro minha boca para dizer as palavras também, mas ele balança a cabeça como se dissesse *eu vejo, Dais*. Ele vê isso nos meus olhos. Estou tão apaixonada por ele. Ele me beija gentilmente e acho que *é isso.*

Nossa primeira dança.

Eu sussurro contra seus lábios: — Este momento é nosso, não é? — Eu não quero compartilhar isso com mais ninguém. Nós acabamos no chão. Como animais. Eu começo a sorrir e seu polegar acaricia a longa cicatriz na minha bochecha.

Parece que ele poderia passar o resto de sua vida no chão, bem aqui, enrolado comigo. Ele acena e diz contra meus lábios: — Isso é só nosso, porra.

Eu corro meus dedos pelo cabelo dele novamente. — Estou tão feliz que podia gritar.

Seus lábios se curvam para cima. — Então grite, Calloway.

Eu uivo em vez disso. Quando ele se junta, quando ele uiva comigo, meu mundo está absolutamente, totalmente e inteiramente completo.

< 43 >

RYKE MEADOWS

6:02.

O sol começou a subir por trás do pico da montanha de Machu Picchu, o céu escuro se iluminando com azuis suaves. Eu estou debaixo de um arco de madeira coberto com folhagem verde e uma variedade de flores brancas e margaridas amarelas.

Meu coração está batendo *rápido* pra caralho. Eu vejo os pais de Daisy ajudando o avô dela em uma cadeira de madeira antes de tomarem seus lugares. Sam, Maria, Garrison, meu pai e Frederick já estão na deles. Ao lado, um dos meus mais velhos companheiros de escalada toca sua zampoña, uma flauta de panela. Eddie se ofereceu para tocar a música em nosso casamento da última vez que visitei.

Para um recluso de cinquenta anos de idade no meio da floresta tropical da Costa Rica, foi um grande gesto que eu não recusaria.

Eu continuo passando minhas mãos pelo meu cabelo, as mangas da minha camisa social branca rolaram para o meu bíceps. Apenas calça preta e gravata preta, nada muito exagerado. O mesmo para os meus padrinhos: meu irmão mais novo e Connor.

— Se você vai vomitar, mano, você só tem dois minutos para fazer isso. — Lo está mais próximo do meu lado.

Eu esfrego minha testa com meu braço. *Fantástico pra carallho*.

Tudo no que posso pensar é que isso tem que ser perfeito para Daisy.

A sorte escapa do nosso alcance toda vez que a pegamos. No minuto em que provamos a felicidade ou algo decente e bom acontece, ela desaparece. Sua teoria sobre como ela não consegue sentir a felicidade de uma só vez, sem ser atingida no segundo seguinte, porra, me mata.

Hoje, de todos os dias, quero provar que ela está errada.

Eu quero que ela sinta a felicidade sem mais nada ligado. Apenas pura alegria não adulterada.

Deixe-me dar isso a ela.

Eu olho para o céu, esperando um helicóptero. Um maldito drone. O rompimento dos paparazzi para cair sobre nós.

Um segundo depois, um pássaro corta a luz fraca da manhã. *Ok*. Eu aceno para mim mesmo, meus ombros relaxando. *Ok*. Lo coloca a mão nas minhas costas. — Sério, você está bem?

Eu me viro, vendo a preocupação externa de Lo e a expressão tranquila e relaxada de Connor. Sully está parado à esquerda do arco, as mãos nos bolsos das calças, o cabelo desgrenhado balançando ao farfalhar das árvores. Nenhuma música ainda.

Eu nunca me imaginei casado ou um casamento futuro ou qualquer coisa como hoje. Se eu imaginei dez anos atrás, duvido que foi algo assim. Com esses amigos e familiares aqui. Querendo celebrar o amor que Daisy e eu compartilhamos. Esta não é uma imagem triste e solitária.

É o maldito oposto.

— Estou bem, — eu finalmente digo ao meu irmão. *Melhor que bem*. Esse é o tipo de vida que eu nunca pensei que teria, e ver tudo isso faz algo em mim.

— Mesmo? — Descrença nubla seu rosto. — Eu pensei que nós teríamos que dar um tempo para você vomitar.

— Mesmo, porra, — eu recuo, olhando para o relógio dele. — Ela está demorando muito. — *Talvez ela esteja doente*. — Eu deveria...

— Você deveria ficar aqui, — Lo me interrompe. — É o seu único trabalho.

— Não é de surpreender que ele esteja tendo problemas, — diz Connor.

Eu reviro meus olhos, mas fico feliz que ele ainda esteja aqui, não importa o quanto envelheçamos.

Connor verifica seu Rolex. — Ela está um pouco atrasada.

Algo terrível pra caralho aconteceu.

Eu vou verificar.

E quando estou prestes a dar um passo, Eddie começa a soprar sua flauta. A música extravagante brisa pelos jardins privados, a pousada longe e escondida atrás das árvores.

Eu permaneço rígido, meus braços ao meu lado, e me fixo na cerca onde as pessoas deveriam correr freneticamente ou graciosamente caminhar pelo corredor entre as cadeiras de madeira. *Deixe que atrase tudo, porra*.

O que parece um século passa.

A porra da real preocupação escurece meu rosto.

Então, um vestido amarelo-canário se projeta para a frente.

Poppy sai de trás da cerca. O tecido de seu vestido de decote em V desce até a grama, as camadas leves e combinadas para parecer uma pétala de flor.

Eu foco em seu ritmo lento, combinando com o som da flauta.

Ela não está correndo. Ela não está histérica. Ela carrega um pequeno buquê de flores brancas, e assim que Rose e Willow seguem atrás dela, noto uma coisa.

Todos usam coroas de flores feitas de Gipsófila. Isso me lembra muito Daisy. *Tudo vai ficar bem*. Estou começando a perceber isso.

Lily, a dama de honra, vem logo atrás com um sorriso nervoso. Sua coroa de flores está ligeiramente desalinhada. Meu irmão mais novo faz a coisa do símbolo de Spock para ela, e suas bochechas ficam vermelhas, mas seu sorriso se estica.

Ela está linda e tem mais autoconfiança do que eu jamais me lembro dela possuindo. *Estou orgulhoso de você, Lil*.

Rapidamente, todas as irmãs de Daisy se alinham do outro lado do arco, Lily a mais próxima. Em seguida, Janie e Moffy, de dois anos de idade, se arrastam pelo corredor, jogando pétalas de flores brancas de suas respectivas cestas. Depois vem um coro de "awwwns" e flashes de câmera dos pais de Daisy.

Essas duas criancinhas são fofas pra caralho.

Janie fica sem flores, e Moffy deixa ela pegar um pouco da sua cesta. Eles chegam ao final do corredor e, em seguida, Samantha levanta Moffy em seu colo, Greg pegando Janie.

Nossa husky branca aparece de repente, a cauda abanando enquanto ela corre com entusiasmo pelo corredor, um laço amarelo amarrado em volta do pescoço. Quando ela me alcança, eu agacho e acaricio seu lado e esfrego atrás das orelhas.

Lo segue o exemplo, apenas para recuperar os anéis presos ao colarinho. Então, Nutty se senta calmamente aos pés de Lo, alerta e atenta ao corredor. Como se ela soubesse quem vem a seguir.

Eu exalo.

Todo mundo começa a ficar de pé.

6:12

O sol está nascendo no Peru.

Eu não tinha noções preconcebidas do que eu sentiria hoje. Eu não pensei muito nisso, mas esperando a noiva aparecer, *minha* noiva, encurta meu fôlego. Mais do que ninguém, eu só quero vê-la.

E então ela contorna a cerca.

E quase sou derrubado. Eu puxo uma inspiração audível, meu olhar fixo em seu sorriso incomparável e seu *cabelo loiro dourado*.

Daisy se mantém firme, vibrando no final do corredor.

Meus olhos queimam porque nunca a vi tão bonita ou tão viva. Encontrar seu olhar radiante é como uma colisão com dez mil graus de calor. Quanto mais eu a observo, meu olhar brilha, lágrimas aparecendo como se eu não fosse sobreviver. E adivinha só.

Eu não estou fechando meus olhos.

Eu preferiria morrer dentro desse momento do que perder uma única parte.

Uma variedade de flores coloridas em forma de coroa está aninhada em seus cabelos dourados. Seu vestido branco cobre a grama, as mangas compridas até os pulsos. Quando ela começa a dar um passo à frente, noto o intrincado bordado de pombas de prata e videiras escorrendo por seus braços, peito e cintura.

Quando meus olhos se conectam com os dela novamente, ela sussurra, *ei você*.

Eu encontro a porra da força para sussurrar de volta, *ei, Calloway.*

Meu olhar fica mais vidrado quanto mais eu a assisto, mais ela me observa. Lentamente se aproximando.

O brilho em seus olhos verdes, a leveza em seu andar, o sorriso avassalador esticando sua cicatriz - esse é o olhar de alguém que é livre. Em algum lugar ao longo do caminho, ela encontrou sua voz. Em algum lugar ao longo do caminho, ela encontrou seu passo. Eu sou apenas o fodido cara grato que teve a chance de ficar ao lado dela.

Através de tudo.

Eu não fecho meus olhos, e algumas lágrimas escorrem pelo meu rosto.

Eu não consigo desviar o olhar.

Daisy gira no meio do corredor, no meio da caminhada, e quando ela me encara de novo, ela balança as sobrancelhas, continuando.

Fofa, Calloway.

Eu me concentro em seu cabelo loiro novamente. Ela deve ter tingido ontem à noite com a ajuda de suas irmãs, a "coisa" secreta que Rose e Lily provocaram.

Algo sobre sua *escolha* de retornar à cor que ela tinha quando nos conhecemos - isso envia toda a porra da minha alma em uma subida. A nostalgia do primeiro amor - para nós dois - voa para o primeiro plano.

Tempos em que corremos mais rápido e mais longe. Tempos em que desaceleramos um com o outro.

E eu nos vejo no céu. Eu nos vejo no sol e nas nuvens. Na grama e nas árvores.

Eu nos vejo em tudo.

— Porra, — eu xingo por baixo do meu fôlego, secando meu rosto por um segundo. Eu deixo cair a mão ao mesmo tempo em que Daisy está ao meu lado, suas irmãs fungando.

Rose está passando uma caixa de lenços entre elas.

Daisy limpa sob meus olhos com o polegar.

Não deixe ela te enganar. Ela está chorando pra caralho com um sorriso choroso. Eu acaricio suas bochechas com as mãos e afasto as lágrimas dela também.

Sully limpa a garganta, chamando nossa atenção enquanto fica atrás de nós. Daisy foi quem pediu a Sully que oficiasse nosso casamento, que eu achei que ele rejeitaria com base em todas as tarefas que o acompanhavam. Antes mesmo de ela perguntar, ela me disse: — Ele é seu melhor amigo de infância.

— Amigo do acampamento, — eu a corrigi.

Ao que Sully zombou e disse: — Cara, somos *melhores* amigos. — Ele acenou para Daisy. — Ele não acredita em mim sempre que digo isso - pensa que sou bom demais para ele ou algo assim.

É verdade. Ele escala e se encontra com mais pessoas do que apenas eu. Assumir que sou seu melhor amigo sempre me pareceu falso. Mesmo que ele me diga que não é.

Então, quando Daisy pediu para ele oficiar, ele começou a chorar. Foi quando percebi que éramos melhores amigos enquanto crescemos. Ainda somos.

— Estamos reunidos aqui hoje, — Sully começa, colocando a mão no meu ombro e depois no de Daisy, — para testemunhar a união entre duas das pessoas mais loucas do planeta Terra.

Todo mundo começa a aplaudir em afirmação e eu juro pra você, nossa husky começa a latir também.

Daisy ri e minha mão cai para a dela.

Então Sully dá um passo para trás e diz: — Então eu fiz uma pesquisa ontem entre seus amigos e familiares. — Ele usa um fodido sorriso bobo.

Eu balanço minha cabeça para ele como se dissesse *o que diabos você fez?*

— Eu percebi algo, mas eu acho que eu já sabia disso. — Ele acena para nós dois. — Vocês dois se sacrificaram muito pelas pessoas que vocês amam. Então agora, bem agora, e o momento que restar para vocês - essa é a hora de *vocês* serem felizes. Estamos todos aqui prontos para assistir vocês. — Ele faz uma pausa. — Não de uma maneira pervertida.

Nós todos rimos.

Então ele gesticula para Daisy e eu, para mostrar que é nossa hora de falar.

Eu a encaro e ela coloca as palmas das mãos no meu peito, um sorriso brincalhão crescendo.

— Então, — ela diz, — eu vou primeiro.

Eu aceno com a cabeça, minha mão na cintura dela.

Ela começa: — Durante o Natal, eu perguntei quando você sabia que eu sou *a única*, que isso é o tipo de coisa de 'não consegue comer, não consegue dormir, é bola fora do alcance, por cima da cerca, é o que se sente nas finais dos campeonatos' - você se lembra disso?

— Sim. — *Como se fosse ontem*. Fizemos um pacto de contar nossas respostas durante nosso casamento. Eu não escrevi o meu porque levaria uma década para descobrir a melhor maneira de me expressar. Eu duvido que eu encontraria as palavras apropriadas. Eu não me importo mais como isso vai sair, porra. O caminho certo será o primeiro caminho.

Suas mãos inquietas se movem do meu peito para os meus braços. — Eu pensei muito sobre isso.

Eu me perguntei qual seria a resposta dela, mas eu não tentei adivinhar.

— A resposta simples, — diz ela, — seria o momento em que você mergulhou atrás de mim, mas naquela época eu não havia descoberto a profundidade de sua compaixão, o quanto você realmente *ama* viver a vida e como parecemos nos encaixar, mesmo quando não deveríamos.

Eu a puxo para mais perto, minha mão perdida em seus cabelos, e seguro suas palavras.

Ela agarra meu bíceps. — Eu sabia. Eu sabia nos Alpes quando *corri* tão rápido lá fora na neve profunda. Descalça. Mal vestida. Você fez tanto por mim antes disso.

Eu fiquei ao lado dela depois que ela foi drogada em uma festa de Ano Novo. Eu ensinei a ela como andar de moto. Eu assistia filmes com ela até ela adormecer todas as noites. Com muito medo de ficar sozinha.

Mas ela escolheu esse momento.

Eu procuro seus olhos que contêm todas as fodidas razões do porquê.

— Você sempre se importou comigo. Você sempre esteve lá por mim, mas desta vez pareceu diferente. Você envolveu seu casaco em volta de mim, me pegou em seus braços e disse:

“Quando a vida ficar difícil, você sempre pode me procurar. Você precisa correr? Eu vou correr com você, Calloway. Basta colocar alguns fodidos sapatos primeiro”. — Ela sorri, lágrimas escorrendo pelas suas bochechas, e eu sinto outra rolando na minha. — Eu percebi então que eu nunca iria querer ser vulnerável com qualquer outro homem além de você. Alguém que me *entende*. Me respeita. Me ama, tão selvagemente. Você foi o único. Você é o único.

Ela tinha dezessete anos.

Meu corpo todo se contrai com sentimentos além de mim, e eu a trago para mais perto e sussurro: — Eu te amo. — Ela morde o meu ombro, nossa família e amigos derramando lágrimas mais rápido do que eu posso contar.

O que tenho a dizer é apenas para ela, mesmo que todos os outros possam ouvir. Eu seguro seus quadris, minha testa quase contra a dela enquanto eu digo: — Eu ganhei de você nessa porra, amor.

Confusão e curiosidade iluminam seus grandes olhos verdes.

— Eu sabia, — digo lentamente a ela, — que você era a única garota pela qual eu me apaixonaria - poderia me apaixonar - em Cancun, no México, no píer de um bungee jump.

Ela começa a soluçar, balançando a cabeça.

Eu seguro o rosto dela entre as minhas mãos. — Eu sabia naquela época, Daisy Petunia Calloway, porque você era a *única* garota que eu conheci que era tão carinhosa e tão solitária quanto eu. Se alguém ia encher meu coração, seria você. Só você.

Ela tinha dezesseis anos.

A idade desempenhou um enorme fator na supressão de quaisquer sentimentos que eu pudesse eventualmente ter - os sentimentos que eu teria. Eu sabia então que, se houvesse alguma chance de eu encontrar *a pessoa*, seria com a garota que eu me sentia emocionalmente conectado.

Era ela.

Eu não acreditei que encontraria mais ninguém nesse nível. Não por um maldito segundo.

Lágrimas molham seus cílios. — Você nunca disse nada antes.

— Eu nunca pensei que ficaria com você. — Eu sinto as trilhas quentes escaldarem meu rosto. — Eu estava contente pra caralho com a ideia de ficar sozinho pelo resto da minha vida. — Eu disse isso para o meu irmão em um ponto. — Você quer saber o que eu sou agora?

Ela acena com a cabeça.

— Eu sou mais do que feliz pra caralho, Dais. — Eu me inclino para ela e sussurro: — Obrigado.

Nós nos beijamos de repente, um *eu te amo* e *obrigada* em seus lábios que está além do que as palavras podem falar. Eu a beijo tão selvagemente quanto ela me beija.

Seu sorriso contagiante se eleva contra meus lábios.

O meu cresce, de acordo com o da minha esposa.

E eu faço um voto: — Onde quer que você vá, eu vou. — Enquanto eu estiver vivo, essa porra nunca vai mudar.

< 44 >

DAISY MEADOWS

Na minha noite de núpcias, bolhas cor-de-rosa e roxas transbordam da banheira de hidromassagem em nossa suíte de hotel, graças a uma bomba de banho de unicórnio. Eu estou com a água brilhante até o peito, me inclinando para o lado com o meu celular na mão. Ryke saiu por um momento quando seu celular tocou, desaparecendo no quarto. Sua voz abafada mal coerente da banheira.

Eu clico em alguns botões na tela do meu celular e uma voz automatizada soa: — *Por favor, aguarde o sinal sonoro e grave sua mensagem da caixa postal. Pressione um para terminar a mensagem*.

Eu limpo minha garganta.

BIIIIIPE.

— Olá, é a Daisy. Não Duck e não Duke. Definitivamente não é Buchanan. Eu sou uma Meadows. Se você não tiver ligado errado, deixe seu nome após o bipe e ligaremos de volta quando eu voltar da lua...

Ryke aparece na moldura da porta. Completamente nu. Meu sorriso se alarga enquanto ele permanece estoico e alto, deixando meus olhos viajarem por ele. Gotas de água ainda pingam de seu abdômen e de seus braços, e a visão frontal completa é bastante extraordinária.

Para o meu celular, eu digo: — Não espere por aí. Pode demorar um pouco. — Eu clico no número um e coloco meu celular de lado, descansando meus antebraços na borda da banheira e meu queixo em minhas mãos. — Marido, — eu testo a palavra. Parece muito poderosa. — Alguém interessante ligou?

Ele se aproxima da banheira, colocando o celular ao lado do meu. — Só meu maldito pai.

Eu me endireito, esperando más notícias, mas nada filtra através do seu olhar sombrio além da sua costumeira perversão.

Ele retorna para a água quente da banheira, afundando e, em seguida, deslizando em minha direção. Seus joelhos esticam para fora das bolhas de espuma roxa e rosa em ambos os lados do meu quadril. Seus braços descansam nas bordas da banheira, minhas pernas esticadas acima das suas coxas. Meu peito está quase contra o dele, a posição dos nossos corpos mil vezes mais íntima.

Eu imediatamente me sinto mais segura com ele tão próximo, tão perto. E espero para que ele me conte mais.

Depois de alguns minutos, meus dedos desenhando corações e flores na espuma, ele finalmente recolhe as palavras. — Greg e Jonathan estão indo embora hoje à noite.

Meu rosto cai. — O que? Por quê? — Eu refiz meus passos, minhas palavras, me perguntando se ofendi meu pai por não pedir a ele que me acompanhasse até o altar, ou se ele ainda está desconfortável com o fato de que eu serei uma mãe jovem.

— Ei, não se preocupe com isso. Não é sua maldita culpa...

— Eu devo ter ofendido ele, — Percebo, meu rosto se contorcendo em dor. — Eu deveria ligar para...

— Dais, — Ryke força meu nome, sua mão na minha bochecha. — É a porra da nossa noite de núpcias, e eles estão indo embora por causa de algo sobre o nosso presente de casamento. Eu não sei, porra, ele não estava fazendo sentido.

— Ele estava mentindo só para nos fazer sentir melhor?

— Eu não acho. — Seus olhos manchados de avelã fixam nos meus.

Você sabia que eu era a única *em Cancun*. O fato aparece mais de uma vez para me deixar tonta.

— Me prometa que você não vai deixar isso estragar a sua noite ou eu vou desejar que eu nunca tivesse dito uma fodida palavra até amanhã.

Peguei um punhado de bolhas e as coloquei em torno do meu queixo, mandíbula e lábio superior. Eu ergo uma sobrancelha e sorrio para ele. — Você ainda me amaria com uma barba rosa?

Com a mão firme na parte de trás da minha cabeça, ele me beija rudemente, com barba de bolhas e tudo mais. Meus lábios formigam por baixo dos dele, sua língua os separa e desliza habilmente ao longo da minha. Uma de suas mãos cobre minha bunda e, quando ele aperta, eu gemo um pouco contra sua boca.

Ele se afasta enquanto eu recupero o fôlego. Ryke carinhosamente penteia meu cabelo loiro para trás, tão reconfortante com a água quente adicionada. Eu sabia que queria voltar para o loiro depois da *grande & ousada emboscada #32*. Eu só continuei gravitando em direção àquelas perucas, mas decidi adiar a pintura do meu cabelo até o dia do meu casamento.

Para surpreender Ryke. Ele foi ainda mais surpreso do que eu imaginei.

Eu nunca vou esquecer o jeito que ele olhou para mim quando me aproximei dele. Ou das lágrimas que rolaram pela sua bochecha.

Eu agarro seus ombros, descansando meu queixo lá por um segundo, seu calor reconfortante. Eu estou nervosa, então eu me inclino para trás, tanto quanto eu avanço para frente. Eu acabo passando as mãos pelos cabelos dele, encarando-o.

— Você está cansada essa noite? — Ele pergunta. Foi um longo dia com um casamento matinal e depois a recepção interminável que durou até cerca de uma hora atrás. Todo mundo provavelmente ficou exausto, e Ryke nunca me seguraria se eu quisesse mergulhar na banheira e depois dormir.

Ainda estou ligada à adrenalina de nossa cerimônia e depois a *ele*, apenas a sua presença neste fim de semana. — Eu quero solidificar nossa união, — eu digo. — Não dá azar se não consumarmos o casamento?

— Nós não estamos vivendo no século dezessete, podemos fazer o que diabos quisermos, — diz ele em voz baixa e rouca, puxando-me ainda mais para o seu colo. Eu envolvo minhas pernas mais apertadas em torno de sua cintura.

— É? — Eu beijo sua bochecha tão levemente, tão provocante que ele encontra meus lábios e compensa a ternura com agressividade, daquele jeito que diz *eu sou líder da matilha e eu quero você agora, porra*. Suas mãos me puxam para tão perto contra o seu peito que eu perco o fôlego e minhas coxas tremem.

Sua boca vem ao meu ouvido. — Eu preciso de você para dizer as fodidas palavras, amor.

Eu instintivamente vou para a frente, muito atraída por Ryke, e seus músculos se flexionam em resposta, sua excitação aumentando. Eu descanso a minha testa contra o ombro dele, agarrando alguns dos seus cabelos. — Eu quero isso. — Eu praticamente ofego. Eu levanto minha cabeça, apenas para encontrar seus olhos, e eu digo ainda mais fortemente: — Eu quero você dentro de mim. Por favor.

Sem perder mais um segundo, Ryke se levanta, segurando-me perfeitamente em torno de sua cintura. *O poder da minha voz*, eu sorrio enquanto seus lábios ferozes devoram os meus. Ele sai da banheira, essencialmente levando-me para o chuveiro com ele.

Rapidamente, ele liga o chuveiro, a água caindo sobre nós e lavando todas as bolhas e espuma de sabão. Eu sinto como se eu não pudesse recuperar o fôlego, todo o meu corpo vibrando para um contato mais próximo, mesmo que eu esteja enrolada em torno dele.

Entre um beijo que incha meus lábios, eu ofego, — Estou tão excitada. — Mais do que o habitual para mim. Ele me segura com apenas uma mão, a outra viajando entre minhas pernas. Seus dedos roçam meu clitóris, a sensibilidade piscando em luzes de neon dentro do meu cérebro.

Eu respiro pesadamente contra ele. — Ryke. — Eu toco seu pulso, querendo que ele fique lá embaixo. *Ai meu Deus*. O que é isso?

Como se ele pudesse ler minha mente, ele diz: — Hormônios.

Hormônios? Meu sorriso se estica e eu descanso minha mão na minha barriga. — Que bebê milagroso. — Ela ou ele ajudou a transformar todas essas substâncias químicas no meu corpo que dizem, *nah, sem sexo para mim, obrigada*, na Daisy carnal-tire-a-sua-roupa. Pelo menos essa noite.

Ryke passa a mão pelo meu abdômen, a saliência é tão pequena, mas ele percebe bem, e então ele me levanta um pouco mais alto, mais protetoramente. Eu estico a mão para o seu lado e desligo o chuveiro antes que ele me carregue para fora. Seus longos passos e olhares sombrios me deixam curiosa e excitada. Eu estou de costas para onde ele está me levando.

— Daisy Meadows, — diz ele com voz rouca. — Você está pronto para ir em uma fodida viagem?

Meu pulso dispara, e eu olho para sua mandíbula dura e não barbeada, seu cabelo molhado. — Diga isso de novo, — eu ofego.

Seus lábios se levantam. — Daisy Meadows.

Eu começo a sorrir, incapaz de falar. Então ele estica mão para atrás de mim, e a temperatura de hoje à noite corre até a varanda, passando por cima de nós. A suíte fica no andar mais alto, todas as outras varandas abaixo de nós.

Quando ele *apaga* as luzes e depois vai para fora, eu viro meu pescoço por cima do meu ombro para a grade e a vista da varanda. Nuvens fofas escondem as estrelas e a ponta do pico da montanha. Eu gosto desse clima noite que está ao nosso redor. Nenhum holofote nos cegando. Escondidos da opinião de qualquer um.

Eu mal consigo distinguir o corrimão preto do ar, mas Ryke consegue muito bem, colocando minha bunda no ferro gelado.

Eu agarro sua cintura com um aperto mais solto, ousado, mas ele tem uma mão no meu joelho em todos os momentos, um vício que não está quebrando. Nosso beijo diminui por um segundo, apenas quando percebo o quão perfeito a altura do corrimão é para seu pênis endurecido.

Ele abre meus joelhos e quase começo a *pulsar* para ele. Mesmo que ele não tenha deslizado ainda. Eu continuo olhando para baixo, e ele levanta meu queixo para me beijar mais uma vez.

Eu pergunto em uma respiração superficial: — Podemos pular preliminares? — Se eu não estiver molhada o suficiente, é como perguntar a Ryke, *você pode enfiar sua lâmina de vinte e dois centímetros na minha vagina*? Ele não faz isso.

Com a mão livre, ele desliza dois dedos em *sua* boca antes de esfregá-los contra o meu clitóris. Eu mordo o meu lábio inferior, um barulho fazendo cócegas na minha garganta. *Ahhh*... — Ryke, — eu digo baixinho, para que ninguém mais possa ouvir. Seus movimentos aumentam, me provocando até seus dedos deslizarem... dentro e bombearem. Sua boca trilha meu colarinho, depois alcança meu mamilo.

Eu inalo nitidamente.

Seus dentes roçam o mamilo sensível, seus dedos dirigem-se para *mais fundo* dentro de mim e seu polegar continua esfregando. Seus talentosos lábios e língua retornam ao meu pescoço.

Minhas mãos cavam em sua cintura e minhas costas começam a se arquear, minha cabeça inclinada - olhos no céu. Meus dedos do pé se curvam e um tremor ondula pelo meu corpo. — RykeRykeRyke... — Minha boca se abre e não consigo fechar.

Eu quase começo a chorar, mas engulo o barulho. Parece um orgasmo do século, e quando eu lentamente, muito lentamente, desço dele, Ryke me observa com as sobrancelhas levantadas.

— Por que você iria querer pular isso? — Pergunta ele.

— Bom ponto, — concluo com mais uma expiração.

Ele se aproxima, sua ereção alinhada com minhas pernas abertas e uma de suas mãos se curva em minhas costas. Eu confio nele. Eu confio nele mil vezes com a minha vida. O suficiente para sentar em um corrimão fino dez andares acima do solo. O suficiente para me inclinar para trás com aquele elo desastroso e ausente na minha cabeça. Aquele que entorpece a morte e diz *não há problema em cair. Vá em frente*.

Ele me tem.

Ele me tem em seus braços. Em sua alma. E ele não vai me deixar cair.

Ele nunca fez isso.

Meu pulso está acelerando a cento e cinquenta quilômetros por hora. — Eu te amo. — Eu respiro, minhas mãos soltas em volta do seu pescoço.

Ele cutuca minha bochecha com o nariz, só para levantar minha cabeça o suficiente para beijá-lo. Eu sorrio no meio do beijo, e sua dureza lentamente me enche, a sensibilidade eletrificando meu corpo. Estremeço contra ele e ele avalia meu estado, atrás de quaisquer sinais de dor.

Eu aceno para ele algumas vezes, *estou bem. Eu estou muito bem*.

Ele empurra, balançando tão devagar, o prazer como uma linda angústia elétrica. Eu deixo escapar um barulho estridente que ele esconde com a mão grande, para ninguém nos pegar fazendo amor do lado de fora. Sua outra mão está apertada no meu joelho novamente.

Eu flexiono em torno de seu pênis enquanto o vejo desaparecer dentro de mim, depois para fora. Então, minhas mãos trêmulas caem para sua bunda, flexionando sob a palma da minha mão cada vez que ele empurra para *dentro*. Eu choramingo de novo, sua mão grossa ainda cobrindo meus lábios.

Eu murmuro, — Eu não consigo... eu não consigo… — *É demais*... eu gemo, meu corpo em alta, e eu me inclino para trás, cortando o ar, tudo correndo pelos meus pulmões.

Sua mão na minha boca de repente pega meu pulso, bem quando estou em um ângulo supino, olhando diretamente para o céu. Ele ainda está balançando para frente e para trás dentro de mim, construindo meu orgasmo novamente.

Eu não posso deixar de sorrir, especialmente quando ouço sua respiração pesada, tentando conter seu clímax para que isso dure mais. Seu olhar está em todo o meu corpo, me explorando.

Então ele gentilmente solta meu pulso.

Eu mal tenho qualquer uso dos músculos do meu núcleo agora, então eu caio para mais pra trás, olhando de cabeça para baixo no chão como uma toalha pendurada. Eu rio, felicidade flutuando ao meu redor. Eu estico a mão para a grama, mas é claro que estou a dez andares de distância.

A única coisa que mantém minha bunda no corrimão: a mão de Ryke no meu joelho. Ele poderia ter segurado meus ombros, minha cintura, meu bíceps - qualquer coisa mais substancial. Mas ele pegou meu joelho.

Porque ele sabia que eu adoraria isso. Bem aqui.

Quando o sangue começa a correr para a minha cabeça, eu levanto meus braços de volta para Ryke, e ele aperta meu pulso novamente, levantando meu tronco para cima. Eu o abraço, meus

olhos voam entre os dele e o jeito que nossos corpos se encontram.

Seus olhos fazem o mesmo, mas conseguem ficar nos meus muito mais tempo.

Eu balanço meus quadris um pouco, e a pressão, a plenitude, dentro de mim faz com que eu flexione e, em seguida, pulse tudo de novo.

— Porra, — ele grunhe, me levantando mais alto do corrimão, com os braços debaixo das minhas pernas e a mão na minha bunda e a outra nas minhas costas. Então ele pode meter mais rápido. Eu gemo em seu peito, totalmente enlouquecida. Eu quero que ele faça o que ele quer comigo, e ele me fode rapidamente. Até nós dois juntos gozarmos juntos.

Fique dentro de mim. Eu não tenho que perguntar. Ele me mantém cheia, me levando de volta para dentro e deslizando a porta e as cortinas fechadas. Ele me leva para a nossa cama. Sob as cobertas, de frente um para o outro, nos beijamos carinhosamente, minha perna subindo pela cintura dele.

Nós dois roçamos um no outro, seu pênis criando mais atrito dentro de mim. Ele me deixa recuperar o fôlego novamente, nossos corpos falando enquanto se misturam.

Então eu ouço pés andando intensamente no corredor. Como se as pessoas estivessem correndo freneticamente para frente e para trás. As vozes resmungadas são suficientes para nos fazer congelar.

Eu não penso no pior como eu poderia ter feito há três anos. Nenhum paparazzo ou maluco pronto para invadir e nos atacar. Eu ouço atentamente com Ryke. — Você ouviu isso? — Eu sento um pouco mais, e ele pressiona a mão no meu ombro, me empurrando de volta para baixo.

— Espere, Dais, — diz ele, cuidadosamente saindo de mim. O sentimento de estar completa ainda fica, mesmo que ele tenha ido embora.

Mais uma vez, eu ouço com atenção e vejo o tilintar do colarinho de coco. — Coconut, — digo a ele. Rose se ofereceu para manter Coconut em seu quarto esta noite, então "um canino babão não vai te ver foder" (suas palavras exatas). Algo está errado com nosso cachorro ou com Rose, e como ela está muito grávida, vou escolher o último.

Ryke e eu estamos fora da cama em um segundo rápido. Pego o robe de algodão branco do hotel e o amarro em volta de mim, enquanto ele puxa a calça de moletom cinza.

Eu alcanço a porta primeiro, mas hesito por um segundo brutal, a ansiedade do meu passado me sacudindo. *Você consegue fazer isso. Só você.* Ninguém vai me machucar.

Eu seguro a maçaneta e a viro.

— Para qual hospital ela está indo? — Lo grita para o celular, Lily e Willow correndo pelo corredor. Ambos batem repetidamente em outra porta.

A Coconut corre entre elas e Lo.

Um caroço se aloja na minha garganta. Moffy chorando no corredor e repetindo o que soa como *Janie*. Algo aconteceu com a Jane?

— Lo, — diz Ryke, entrando no corredor.

Lo levanta o dedo para ele. — O que você disse não foi em inglês, — ele diz para a pessoa ao telefone.

Eu assobio para Coconut para que ela se acalme, e ela pula para o meu lado e basicamente desmorona aos meus pés com um sorriso torto e ofegante. Ela é a única feliz aqui.

Eu esfrego sua barriga. — Moffy, — chamo o menininho vestido de pijama de flanela vermelha do Homem-Aranha.

Ele soluça, mas anda para mim, notando Coconut em um estado submisso, ele acaricia sua barriga e chora contra seu pelo branco.

Ela sente sua tristeza e lambe sua bochecha.

Lily e Willow acordam minha mãe de seu sono. Ela amarra um robe de seda, o rosto sem maquiagem. Sua aparência natural contém mais rugas e linhas de expressão, mas Lily diz algumas palavras em voz baixa, e minha mãe entra em ação, caminhando rapidamente para nós.

— Eles vieram para o corredor sozinhos, — diz Lo, — então você pode dizer a ela para parar de me dizer para não os perturbar, porque eles estão aqui. — Seus olhos passam de Ryke para mim. — É? Apenas me envie as instruções. Fique seguro. — Ele desliga seu telefonema com Connor, muito provavelmente.

— Que porra está acontecendo? — Ryke xinga.

Lo desliza o celular no bolso. — Rose está tendo contrações, e ela não quer ter um bebê na parte de trás de uma limusine novamente, então eles foram para o hospital. Connor acha que há uma chance de ela entrar em trabalho de parto hoje à noite.

Ela está um pouco cedo. — Devemos todos ir ao hospital? — Pergunto. Se nossas posições estivessem trocadas, Rose deixaria o mundo inteiro para estar lá para qualquer uma de nós.

— Nós vamos, vocês não, — Lo diz para mim e Ryke.

Eu troco um olhar com Ryke, nós dois lutando para aceitar esse plano. Parece errado.

— Ei, lembra daquele discurso que seu amigo disse hoje sobre vocês serem egoístas? — Lo nos diz. — Sim, isso começa agora. Vocês irão ficar aqui. Fazendo o que as pessoas fazem nas noites de núpcias. Ir ao hospital não é uma dessas coisas.

Lo pisca um meio sorriso que equivale a soltar o microfone e sair do palco à esquerda. Não há mais espaço para discussão.

Eu olho para Ryke e ele diz: — Vamos ficar, Dais.

Concordo com a cabeça, decidindo que Rose provavelmente quer que eu aproveite esta noite.

Eu só espero que nós tenhamos feito a escolha certa.

< 45 >

RYKE MEADOWS

Sentado na frente da caminhonete de Eddie, o veículo salta ao longo do terreno irregular e primitivo. Os penhascos bronzeados assomam de ambos os lados, projetando-se para o maldito céu.

Da cama da caminhonete, Sul enfia a cabeça na janela aberta entre Eddie e eu. — Eres horrible contando historias, — diz Sully para mim. *Você é horrível em contar histórias*.

Eddie ri.

Reviro os olhos, ocupado verificando os malditos mosquetões de Sully desde que encontrei um defeituoso entre eles. — Te dije la parte importante. — *Eu te disse a parte importante*. Eu encontro outro fodido mosquetão defeituoso e seguro em frente ao rosto de Sul. — Que porra é essa?

— É de outras escaladas, — ele refuta, — e eu perguntei o que aconteceu quando todos foram ao hospital para Rose. Você não pode simplesmente dizer *alerta falso*. — Isso foi há quatro dias, e é por isso que estou agora nos arredores de Cusco, no Peru, para escalar. Quando Dais e eu escolhemos o Peru para o nosso casamento, eu sempre planejei me encontrar com Sully no final da viagem.

A aventura de lua de mel com Daisy chegou ao fim nesta manhã. Ela voou uma hora para Lima com suas irmãs, Connor e Lo. Dentro de alguns dias, encontrarei Daisy na capital do país. Então, todos nós iremos para a Philly.

— Eu não fui para a porra do hospital, — eu explico. — Meu irmão disse no momento em que chegaram eles já estavam liberando a Rose. — Ela está bem. Suas contrações não eram reais, e o médico disse que ela não precisava correr para casa.

Sully começa a falar em espanhol sobre boulder, e eu o desligo para me concentrar na segurança de seu equipamento. Cerca de meia hora depois, a caminhonete desacelera em frente a uma trilha estreita, encravado entre duas paredes rochosas.

Eu saio e pego meu equipamento do caminhão, enquanto Sully pula da parte de trás. — Qué tan lejos hasta llegar a la pared? — Pergunto a Eddie. *A que distância estamos da parede?*

Ele faz movimentos com a mão, *não muito longe,* antes de dizer: — Tal vez una caminata de quince minutos. — *Talvez uma caminhada de quinze minutos*.

Sully bate com o cotovelo no meu braço. — Nada que no podamos hacer. — *Nada que não possamos fazer*. Ele conserta seu próprio equipamento nas costas. Eu arranco o mosquetão que eu rejeitei da sua corda e jogo em um arbusto.

Sully chia. — Cara, isso foi caro.

— Eu vou te comprar uma porra nova.

Ele concorda com a cabeça.

Então eu me viro para Eddie. — Seguro que no quieres subirte a la roca? — *Você tem certeza de que não quer escalar a rocha?* Ele frequenta esse local remoto desde os anos oitenta.

Eddie sorri. — Hoy no. — *Hoje não*. — Ten cuidado, amigo. — *Tenha cuidado, amigo*. Ele dá ré na sua caminhonete, pneus levantando a terra antes que ele desapareça de vista.

O sol brilha, o calor se acumulando em minha pele. Minha porra de camisa gruda no meu abdômen, e eu começo a caminhar, bebendo água do meu CamelBak. Talvez um minuto depois, meu celular vibra. — Temos sinal, — digo a Sul.

— Você acha que podemos pedir uma pizza? — Sully sorri.

— Claro. — Eu pego meu celular. — Diga ao entregador para nos encontrar no cume. — *Dois mil pés de altura.*

— É melhor ele trazer um capacete... merda. — Sully para no meio do caminho, pisoteando uma erva que floresce da terra. Sua mandíbula está entreaberta, olhando para mim no horizonte desolado. Ele atordoado bate na cabeça.

Eu tenciono e limpo o suor da minha testa com o colarinho da minha camisa. — O que?

Seus olhos preocupados passam para mim. — Eu deixei meu capacete na parte de trás da caminhonete.

— Porra, — eu xingo, girando para o lado para examinar o penhasco à direita. Nossa rota específica está próxima - do outro lado desse penhasco -, mas a área desconhecida representa ameaças reais como pedras soltas. Não temos ideia do que estamos escalando.

— Eu vou sem um. — Sully desata uma bandana verde de seu cinto.

— Não, — rejeito a ideia quase que instantaneamente. — Você pode usar o meu.

— Não, cara. — Ele balança a cabeça.

— Você está liderando, — explico meu raciocínio. — Se uma fodida pedra cair, vai bater em você primeiro. — Ele vai subir na minha frente, a posição mais perigosa entre nós dois.

— E se eu acidentalmente chutar uma pedra? — Ele responde. — Então ela está batendo em você primeiro.

— Não chute a porra de uma pedra em mim, — eu rebato, destacando meu capacete preto e empurrando-o em seu peito. Minha mente está feita.

Independentemente de quanto tempo eu conheço Adam Sully, ele é sem dúvida um dos melhores escaladores tradicionais. Nunca comete erros críticos durante uma subida. Sempre aparece uma hora antes da preparação. Traz equipamento extra, no caso de algo der errado. Ele está atento ao seu parceiro e supera dificuldades com nada além de uma atitude positiva do caralho.

Ele é alguém que você quer do outro lado da sua corda. E se alguém me pedisse para criticá-lo, eu não faria isso. Eu não poderia. O cara é um dos melhores que tem.

Sully relutantemente agarra o capacete e troca sua bandana pelo equipamento de proteção. Eu amarro a bandana ao redor da minha testa, pedaços do meu cabelo caindo sobre o tecido verde. Então eu finalmente verifico minhas mensagens.

Vocês já estão na rocha? - Daisy

Eu respondo rapidamente. *Não, o que foi?*

Meu telefone vibra com a mesma rapidez.

Você acha que é cedo para comprar coisas de bebê? - Daisy

Outra mensagem aparece antes que eu possa responder.

Eu sei que é definitivamente cedo demais. Mas seria do Peru... - Daisy

Eu respondo, *Compra*. Eu não quero que ela surte por isso. Vai doer se perdermos o bebê, independentemente disso.

Obrigada :) divirta-se sofrendo nessa rocha! - Daisy

Meus lábios se levantam. *Divirta-se na cidade, Daisy Meadows*. Eu deslizo meu telefone de volta no meu bolso, imaginando seu sorriso se esticando em seu rosto. Ela fica na minha cabeça durante toda a caminhada até chegarmos à base do nosso percurso.

Nós gastamos cerca de quinze a vinte minutos ajeitando nossos equipamentos. A laje íngreme e resistente é cheia de fendas inconsistentes. Uma das escaladas tradicionais mais desafiadoras que já fizemos juntos.

Logo antes de começarmos a escalada, Sully diz: — Sua primeira ascensão sendo um homem casado. Como é?

Eu digiro o que me rodeia, nenhuma nuvem no céu azul brilhante, a vastidão da nossa paisagem que logo será reconhecida quando subimos milhares de metros juntos. Eu estou no Peru.

Eu me casei com o amor da minha vida.

Estou prestes a subir para o paraíso.

Meu olhar se dirige para o sol. *Eu estou vivo.*

* * *

Tudo foi bem até agora. Sully coloca pedaços na rocha, conectados a uma retirada rápida. Eu agarro uma polegada com dois dedos, meus dedos do pé suportando a maior parte do meu peso.

Minha bandana verde coleta a maior parte do meu suor, mas enquanto eu espero por Sully para colocar uma nova âncora, eu ainda esfrego meu rosto com meu ombro. Com mais de mil pés de ascensão, o cenário tenta roubar minha porra de fôlego: o terreno peruano repleto de picos e vales. Cores como giz de cera derretido de vermelho, laranja e verde.

Visões remotas como essa são difíceis de conseguir, então eu me lembro o máximo que posso. Depois de um minuto, tiro meu olhar do horizonte para verificar Sully. Ele é cuidadoso com suas âncoras, mas enquanto passa o tempo ajustando uma, sua perna esquerda se desloca inconscientemente entre a rocha e a corda.

— Cuidado com a porra da sua perna, Sul! — Eu grito.

Ele murmura um xingamento, fixando sua postura. — Obrigado! — Cair daquela posição o viraria de cabeça para baixo e o faria bater na parede. A cabeça primeiro.

Meu sangue bombeia mais forte, minhas sobrancelhas se contraem, e com a minha mão livre, uma focada na segurança, levanto meus óculos escuros para o topo da minha cabeça. Eu inspeciono Sul novamente e depois eu. *Estamos bem*.

O sol já avermelhou seu nariz e bochechas. — Está um pouco molhado na sombra! — Ele grita. — Vou levar mais um minuto para definir este.

— E mais alto?! — Eu percebo uma lacuna acima de sua colocação atual.

Ele se estica para alcançá-la e faz uma careta, seu braço mais curto que o meu. Ele luta para encaixar a peça no primeiro lugar. Espero enquanto ele inspeciona o sistema que já construímos entre nós.

— Vou usar um cordão para equalizar o peso, — ele me diz.

Nós colocamos âncoras redundantes no caso de uma falhar, e colocar uma terceira é sempre uma boa idéia, se ele conseguir colocar a peça.

— Tome o seu tempo, — eu digo a ele. — Eu não estou indo a lugar nenhum.

Enquanto Sully trabalha, seu sorriso se estica acima de mim, e ele grita: — Ryke Meadows acabou de fazer uma piada?

Não tenho tempo para responder. Eu detecto uma rocha solta - caindo ao longo da parede - indo direto para nós. — ROCHA! — Eu grito para Sully, um centésimo de segundo atrasado demais. Essas situações podem reivindicar sua vida - elas acontecem com impulso persistente, incapazes de frear. Parar.

Estou à mercê de forças além de mim.

O pedregulho, do tamanho de uma melancia, *bate* em sua cabeça. O *barulho* de seu capacete quase vibra a corda, e seu grunhido abafado ecoa contra a parede. O momentum instantaneamente o empurra de seus pés. Ele cai rapidamente com a rocha.

Mais dois pedaços maciços de rocha solta seguem a primeira.

Eu reajo instantaneamente, meus reflexos trabalhando em horas extras. Rápido nos meus pés, eu pulo para trás, para fora da parede, cronometrado com a descida dele. Seu peso está sendo adicionado rapidamente à corda.

A primeira pedra roça meu braço como se estivesse sendo arrastado pelo asfalto. *Queimando*.

Sully esfarrapadamente corta dez metros de ar acima de mim. Meu salto suavemente pega a queda de Sully, mas ao fazê-lo, *rapidamente* - tão rapidamente - me puxa de volta para a rocha irregular. Eu não consigo parar.

Minha perna direita bate em uma rocha curva e saliente, suportando a porra da força bruta. Eu grito através dos meus dentes, minha garganta queimando. O impacto como um martelo de aço, amaciando carne e osso.

A água se espreme dos meus olhos.

Eu mudo todo o meu peso para o meu pé esquerdo.

Porra. Porra.

Porra.

Minha bandana encharcada não deixa mais o suor fora do meu rosto, gotas escorrendo pela minha fodida testa. O segundo pedregulho bate contra a parede de pedra, mais alto que nós, e desliza, lançando-se sobre meu corpo e Sully.

Sul é puxado para uma parada cinco metros acima de mim, sua última peça que ele colocou o pega junto com a minha segurança.

— Sully! — Eu chamo. — *Porra*. Sully!

Ele torpidamente balança a cabeça, inclinando-se para trás em seu arreio, desorientado pra caralho. Quando ele vira o rosto castigado pelo sol em minha direção, uma corrente de sangue escorre por baixo do capacete e desce pela testa. Com uma mão trêmula, ele me dá um sinal de positivo.

E então o terceiro pedregulho cai, mais rápido do que qualquer outra coisa, e entra direto em seu estômago. *Por...* a força e o peso extra instantaneamente me empurram contra a parede novamente, minha perna direita e meu ombro batendo de volta.

Eu cerro meus dentes, um estremecimento me cortando e eu respiro pesadamente pelo nariz. — Sully! — Eu grito com metade de um suspiro. Eu ouço seus ruídos, o pior som que já ouvi na minha vida. Estrangulado, borbulhando. Como se estivesse submerso e afogado.

— SULLY! — Eu grito, precisando alcançá-lo. *Fuja da merda.* No minuto em que penso isso, a pedra escorrega de seu peito e aponta diretamente para mim. Eu tento deslizar para fora do caminho, mas minha perna direita fica para trás.

A rocha solta bate no meu membro machucado. Estou quase sou arrancado da parede, mas continuo segurando com os dedos comprimidos. *Filho da puta* - eu grito entre os dentes novamente. Eu grito em voz alta, raiva e frustração fodendo o medo, minha pulsação batendo no meu pescoço. Eu fecho meus olhos com força, dor queimando da minha panturrilha para o meu joelho para a porra da minha coxa.

Eu pisco meus olhos abertos e vejo direto para baixo. Mais de trezentos metros. Para a base.

Então eu olho para cima e náusea me atinge. Os membros de Sully estão pendurados sem vida ao seu lado, mal conseguindo sustentar seu pescoço. Ele está sufocando.

— SULLY! — Eu grito. *Aguenta firme*. Eu tenho que encontrar um caminho para ele que não nos mate. Abaixando-o para mim - não é uma opção. Ele iria bater ao longo dos ângulos ásperos desta face rochosa, ferindo-o mais.

Não consigo ver a proteção mais alta. Não posso perguntar a Sully como está. Ele não pode responder. Essa âncora sustentando a queda de Sully e o peso da rocha solta.

Se a nossa última peça nos falhar, estamos ambos mortos. Cortando o ar.

— SULLY! — Eu grito de novo, minha garganta seca e crua. *Porra, diga alguma coisa*.

Eu apenas escuto ele, *engasgando*.

Eu trabalho rápido, tão rápido quanto posso, meus dedos se movendo em ritmo acelerado. — Aguenta firme, porra! — Eu grito. Eu escapo da segurança (não do arnês) enquanto arrumo a corda a uma nova âncora que eu coloquei. Depois de prender outra âncora de apoio para o caso de uma delas falhar, eu subo a corda vertical usando um nó prusik, meus músculos em chamas, minha cabeça martelando.

Eu estou encharcado de suor, meu cabelo, meu rosto, minha fodida camisa. Eu grito cada fodido centímetro que eu me puxo para cima essa porra de corda. Minha perna direita grita em agonia e eu respiro mais fundo. Eu respiro mais forte. Do que eu já respirei antes.

Não morra, porra. Não morra, porra.

Eu esqueço da dor e subo até que estou bem ao lado dele. — Ei, ei! — Eu rosno, soltando as tiras do capacete que cravam em sua traqueia.

Sully está pálido e não é o capacete que corta suas vias aéreas. Ele tosse. O sangue jorra de seus lábios azuis pálidos, manchando-os de vermelho.

— Não, — eu quase grito. — Não não. — Eu levanto-o rapidamente enquanto ele engasga novamente, o sangue escorrendo pelo queixo.

Ele faz um gesto para o peito com uma mão caída. A última pedra esmagou ele, ele está me dizendo. Sangramento interno.

— Ei, ei... — eu digo em um tom mais suave. — Eu vou tirar você dessa merda de pedra, ok?

Ele murmura alguma coisa, mas eu não consigo entender, a fodida *angústia* nos olhos dele não é como nada que eu já vi antes. Eu me concentro em salvá-lo. Porque ele vai sair dessa.

Nós dois vamos sair dessa.

Eu termino de preparar um rapel duplo para nós dois, e seus dedos, com qualquer energia que ele tenha deixado, roçam minha camisa como se quisessem apertar o tecido.

— ... Ryke, — ele engasga, lágrimas escorrendo de seus olhos. — Não.

Meus dedos embranquecem na corda. — Que porra você quer dizer com isso? — Eu sei o que ele quer dizer.

— ... me deixa, — ele choraminga. Ele está chorando, seu queixo tremendo.

Meu nariz se inflama, meus olhos nublando. Eu balanço a porra da minha cabeça. — Eu não posso. — Eu não posso deixá-lo aqui, mesmo que isso vá salvar minha vida. Sem o seu peso morto, eu posso fazer rapel solo, fixar âncoras muito mais facilmente, e garantir que eu tenha uma descida segura.

Com ele ligado a mim, tudo pode acontecer na descida.

Se alguma das âncoras falhar com nosso peso combinado, estamos ambos mortos.

Se eu calcular errado o comprimento da corda, estamos ambos mortos.

Se eu cometer *algum* erro, estamos ambos mortos.

Ele está chorando mais forte, seus dentes manchados de sangue, mas ele parou de engasgar, e eu digo com força: — Eu *não* vou deixar você aqui para morrer, porra.

— …eu... estou assustado.

Lágrimas quentes e suor queimam minhas bochechas. — Isso é o que vai acontecer. — Eu agarro seu cinto, posicionando-o no meu colo para o rapel. — Se você vai morrer, porra, eu vou morrer com você. Então, onde quer que você esteja, eu vou estar lá.

Ele continua chorando.

— O que quer que você faça, só não durma. — Eu esfrego meu rosto com o braço. Eu tenho mais de trezentos metros para fazer rapel.

Trezentas chances de morrer.

Ele finalmente acena, e depois de mais alguns minutos verificando o rapel, começamos a descer. A rota não é perfeita para o rapel. Chamar de "aproximadamente" vertical seria dar mais crédito. Eu tenho que atravessar para a esquerda mais de uma vez - o que seria difícil *sem* o peso adicionado em cima de mim. Eu reajustei as âncoras, mas quanto mais tempo eu tomo, mais a minha adrenalina se esgota - mais perceptível a dor na minha perna se torna, todo o meu membro vibrando.

Meu pulso está latejando, a veia no meu pescoço quase explodindo. Meu coração está acelerando.

Sul está uma bagunça bem na minha frente, sua respiração curta e lenta.

Eu uso um dispositivo de rapel ATC, freando a corda lentamente com a minha mão. Eu tento manter a maior pressão no meu lado esquerdo, mas Sully está me abaixando demais para dar uma folga na minha perna direita. Eu estou além de tonto.

Chegamos ao final da corda, amarrada para nos apoiar. Ainda estamos a centenas de metros acima do solo. Eu tenho que colocar uma nova âncora.

— Vamos lá, — murmuro para mim mesmo, suor correndo em meus olhos, combinado com lágrimas - mal consigo ver. — *Porra, vamos lá*. — Eu sopro uma respiração controlada e coloco a próxima âncora. Eu olho para Sully, suas pálpebras pesadas, mas elas se movem em minha direção, coerentes por enquanto.

Eu nos amarro na nova âncora e, em seguida, puxo uma ponta da corda até que ela desce até nós.

Novamente, digo a mim mesmo.

Novamente.

Novamente.

Novamente. *Ele está vivo? Ele está respirando?*

Novamente.

Meu coração está quase saindo da porra do meu peito, sangue por toda a camisa de Sully, por toda a minha. Ele tosse de novo, vomitando sangue no meu ombro. No meu rosto. Eu trabalho mais rápido, puxando a corda com velocidade determinada, meus dedos úmidos correndo sobre as peças, disposto a ser descuidado pra caralho se faz ser mais rápido e significa sua sobrevivência.

— Fique comigo, porra, fique comigo; estamos quase lá. — Mais dois rapéis. Eu tenho dificuldades com a próxima âncora, minhas mãos praticamente convulsionam e eu deixo cair - eu deixo cair o ATC. Eu grito, frustrado pra caralho. *Por quê? Por que agora?* Eu engulo o barulho violento e respiro pelo nariz, pensando.

Eu preciso de outro dispositivo de rapel. Eu procuro o equipamento de Sully, minha mão de repente manchada de sangue quando eu pego seus mosquetões.

Ele não tem tempo para seus malditos erros.

Eu acho seu ATC e conserto tudo. Eu coloquei uma nova âncora, minhas mãos ensanguentadas tingindo a corda de vermelho.

Eu mal posso respirar.

Eu me movo rapidamente. Urgentemente. *Descuidadamente*.

Para salvar a vida dele. Eu esqueci da minha.

Eu faço rapel mais uma vez, mas quando desço verticalmente pela corda, algo parece diferente. Seu ATC parece estranho. Nós *descemos* muito mais rápido que o normal, a corda correndo pela minha mão que freia. Eu não posso pegá-la, e tento segurar para parar nossa descida, meus músculos gemendo.

Porra, pare, porra. Pare caralho!! Corda queima minhas palmas, e o medo me envolve nesse momento de merda. Eu assisto a corda escorregar pela âncora muito rápido, o fim da linha perto pra caralho. Se o nó não aguentar, estamos mortos.

Com a quantidade de peso na corda, acho que vou sair dela e conhecer o chão. Caindo trezentos metros.

Caindo trezentos metros.

Eu grito, minhas mãos queimando, tentando impedir nossa queda. Meus músculos enfurecidos.

Lágrimas e suor escaldam meus olhos.

Nos últimos momentos, vejo-a andando até altar. Seu sorriso como o sol. Radiante. *Radiante.* Tudo ao meu redor. Observando ela. Iluminar o mundo.

Antes que tudo escurece.

< 46 >

DAISY MEADOWS

O happy hour das cinco horas é menos lotado em Lima do que eu previa, o pub praticamente vazio. Price *quase* parece entediado com a falta de atividade, sem enxames de paparazzi ou fãs enlouquecidos. Ele está sentado em uma mesa perto da porta com os guarda-costas de Lo e Connor, finalmente aprendendo a grande arte de relaxar.

Eu me espremo entre um banquinho e Lo, que está inclinado sobre o bar, pedindo mil coisas no cardápio.

Eu pego suas palavras quando ele diz: — ...batatas fritas, molho de queijo, seus tacos de frango, as asinhas - tempero extra… — ele continua como se estivesse prestes a alimentar um exército. Na verdade, nós o arrastamos para fazer compras o dia inteiro e nos esquecemos de parar para o almoço.

Connor está do outro lado, traduzindo o pedido de Lo em espanhol para o barman. Tempos como esses me lembram Ryke, e sinto falta dele. Ele estaria ao meu lado, pedindo comida, falando espanhol fluentemente e se misturando com os locais.

Onde quer que ele esteja nessa pedra, eu sei que é onde ele deveria estar. Imagino-o feliz e amando cada centímetro que ele sobe, e começo a sorrir, mais do que feliz também.

— Você quer uma cerveja? — Lo me pergunta.

Eu levanto minhas sobrancelhas sem fazer gestos selvagens para a minha barriga, a saliência escondida debaixo de uma camisa branca solta que diz *orgulhosa de lamber as tigelas de bolo* na estampa em arco-íris.

Seus olhos âmbar descem para o meu estômago. — Esquece. — Ele acena para o garçom. — É só isso.

Não estou surpresa que ele tenha esquecido que estou grávida. Rose fez principalmente as compras. Eu só comprei uma boneca peruana macia e artesanal em um vestido vermelho. Mesmo se eu tiver um menino, eu ainda darei a boneca para ele.

Lily e Rose saíram antes do pub, ambas voltando para o hotel para colocar Jane e Moffy para dormir. Willow e Garrison foram para um cybercafé, ansiosos por entrar em contato com o Wi-Fi.

A fome de Lo e as habilidades de tradução de Connor fizeram nosso próximo pit stop. Eu acompanhei pelas batatas e as aventuras.

— Como o acampamento está vindo? — Connor me pergunta enquanto o barman sai para a cozinha, colocando nossos pedidos.

— O refeitório acabou de ser construído. — Passo pelas fotos do meu celular e mostro o resultado final, a estrutura de madeira novinha em folha com um telhado verde.

— Você está no orçamento? — Lo realmente é o único a me perguntar isso, mais preocupado com minhas finanças já que Ryke basicamente retornou sua poupança com um bilhete escrito *vai se fuder* anexado.

Eu apoio totalmente sua decisão, a propósito. — Estou vinte e cinco milhões de dólares acima do orçamento. A estrutura de donut polvilhada, feita de um *trilhão* de donuts, acabou de derreter. Você pode acreditar nisso? Eu tive que substituí-los todos cem vezes, e então, você sabe, os ursos vieram...

— Tudo bem, — diz Lo, seu olhar estreito bastante normal. — Entendi.

Eu cutuco o braço dele com o meu. — Estou abaixo do orçamento. Eu posso não ser levada a sério para muitas coisas, mas eu sei como administrar dinheiro. — Especialmente o dinheiro

que está flutuando na minha conta bancária desde os catorze anos, quando estreei como modelo.

Suas sobrancelhas se franzem. — Você não acha que a gente leva você a sério?

— Eu brinco bastante, então eu entendo que quando eu digo algo que tem mais sentido, as pessoas não escutam tanto. — Eu olho entre eles quando eles abrem suas posturas entre mim, elevando-se acima da minha altura.

Connor usa essa impassibilidade, calma que contém muita compreensão, e Lo tem mais maturidade do que todos os anos que eu o conheci.

O tempo os envelheceu, tornou-os mais fortes e mais resistentes e melhores pessoas do que poderiam ter sido. Eu me pergunto se, em seus olhos, isso vale para mim também.

Connor fala primeiro. — Essas pessoas não a conhecem bem ou acreditam em versões estáticas de pessoas. Porque quando você quer ser ouvida, nós ouvimos você, Daisy.

— Todos nós ouvimos. — Lo diz.

Eu começo a sorrir. — Adivinha só? — Eu digo para os dois, os caras que me assistiram tropeçar em Paris e me encontrar em uma viagem americana selvagem.

— O quê? — Pergunta Lo.

— Eu encontrei minha voz.

Connor sorri enquanto Lo finge surpresa, — Jesus Cristo? Devemos levá-lo ao médico? Isso é curável?

— Não, — eu digo, — eu vou morrer uma morte muito pacífica. O que você quer meu quando eu for embora? Pranchas de surfe, patins, canhotos de ingressos para Amour, meu unicórnio Pillow Pet. — Eu suspiro. — Meu pornô.

Connor arqueia uma sobrancelha.

Lo bate na minha cabeça. — Ryke não está aqui. Tente de volta na próxima vez.

Sim, Ryke adoraria essa. *Que merda de pornografia, Calloway?*

O celular de Connor toca e ele o verifica. Eu vejo o nome de Henry Prinsloo do outro lado da tela, provavelmente alguém da Cobalt Inc. — Eu vou sair só um segundo, — diz Connor, deslizando para longe do bar e em direção aos guarda-costas para atender a ligação.

O barman empurra três copos de água para nós. Eu dou a Lo o copo dele e depois levanto o meu. — Para os cunhados de olhos cor de âmbar, que eles sejam felizes e bem alimentados.

Ele bate o copo contra o meu com uma sombra de sorriso, praticamente um sorriso no mundo de Loren Hale. Eu tomo minha água, meu olhar vagando para três dos televisores através da longa parede, mesas vazias abaixo.

A esquerda passa uma partida de tênis. O futebol do meio. As notícias nacionais na direita.

Fixo na tela da direita, com uma fita vermelha rolando na parte inferior em espanhol. A tela mostra montanhas peruanas com uma barra lateral que diz *Cusco*. Meu estômago aperta e coloco meu copo de água na mesa.

Eu estreito meus olhos na fita, esperando entender algumas palavras antes de tirar conclusões precipitadas. E depois...

— Lo, — eu digo em horror, meu corpo correndo frio de sangue. Tem o nome dele. *Ryke Meadows*. Nas notícias. Todo o resto é estranho para mim.

— Connor! — Lo grita, já seguindo o meu olhar. Sua mandíbula capaz de cortar gelo, afiando para combater a emoção.

Eu giro em direção ao bar enquanto Lo alcança Connor. Ele fala rapidamente em seu telefone, e todos os nossos guarda-costas se levantaram de seus assentos.

— Controle remoto? — Pergunto ao barman, deslocando meu peso de um pé para o outro em pânico profundo. Agarrando minhas costelas. Faço um movimento para a televisão e mímico

um controle remoto, mas ele entende antes disso, já passando para mim.

Ele está ferido. Ele está ferido. Eu tento não imaginar nada, mas falho antes mesmo de começar.

Ryke caindo... gritando... descendo a montanha - meus olhos inchando e queimando. *Pare por favor pare*. Eu fecho meus olhos para afogar essas imagens.

Ele não pode sobreviver a isso.

Ele está vivo.

Pare por favor pare.

Eu tenho que acreditar que ele está vivo.

Eu abro meus olhos e os esfrego apressadamente. Então eu começo a mudar o canal, a televisão do meio surfando através deles.

— O que diz? — Lo pergunta a Connor, apontando para a televisão da direita.

Connor tampa um ouvido para ouvir claramente a pessoa ao celular.

— Droga, Connor! — Lo grita e empurra o ombro do amigo, com força, antes de virar para mim.

Connor só balança um pouco, mas uma emoção rara realmente cruza seus traços por uma fração de segundo. *Encontre o canal, Daisy*. Eu continuo clicando através deles, esperando colocar nas notícias internacionais da GBA que passam em inglês.

De repente me lembro que Price pode falar espanhol, então eu balanço minha cabeça para ele. Ele está olhando para a tela da direita. Lendo. Seu rosto estrito, linhas em sua testa, franzindo as sobrancelhas, endurecendo o queixo. Escondendo o medo.

Não.

Meu peito inteiro aperta.

Seiscentos metros para o cume significam seiscentos metros para o chão.

Lo rouba o controle remoto de mim, lançando quase imediatamente para as notícias internacionais da GBA. O repórter fala, mas o som está silenciado. A legenda oculta pisca na tela em inglês, felizmente.

Ryke Meadows e amigo... estão sendo... transportados para o hospital em... Lima.

Ele está vindo para cá.

— Precisamos ir, — eu sou a primeira a dizer, girando em direção à porta, mas minha cabeça gira cinco vezes mais rápido, a pressa desorientadora. *Ele está ferido. Ele está ferido*. Eu agarro a banqueta, só agora reconhecendo a cascata de lágrimas quentes deslizando pelo meu rosto. Eu inalo respirações agitadas. *Pare por favor pare*. Eu olho de volta para a televisão enquanto Lo pega minha mão, me levando para fora.

Ainda estamos recebendo os detalhes... mas sabemos... que houve um sério acidente de escalada. Os dois homens estão em... condições críticas... nós lhe traremos mais informações... assim que recebermos.

* * *

Estou presa entre Connor e o Lo no banco de trás do nosso carro alugado. Price dirige, guarda-costas de Lo no banco do passageiro e o guarda-costas de Connor nos segue em uma SUV idêntica.

Enquanto eu atualizo freneticamente as notícias do GBA no meu celular, Lo espia por cima da minha cabeça, nós dois esperando ansiosamente por novas informações.

Connor está quieto, encarando o encosto de cabeça na frente dele. Depois de um minuto ou dois, o tráfego se movendo tão devagar, Connor gira em nossa direção, apoiando o braço no

encosto do banco.

Sua expressão assombrada arrepia meus ossos. Eu olho para o telefone e depois para a estrada, o hospital ainda não está à vista.

Ryke vai estar lá, xingando pra caramba.

Sully estará sorrindo ao lado dele, recordando sua aventura de uma vida.

Ambos com alguns machucados e arranhões.

Eles vão rir juntos. Nós vamos rir também e dizer, *Deus, como estávamos com medo. Tola nós. Vocês dois escalaram muito mais, penhascos muito piores em seus dias. Este não te derrubaria. Não poderia.*

Isso é o que vai acontecer.

— Vocês dois podem me olhar, por favor? — Connor pede em um tom suave e calmo para nos aliviar.

Lo está propositalmente evitando Connor como se ele fosse o precursor de coisas sombrias. Pela tensão que corre entre nós, ele pode ser.

Eu me arrisco e encontro os profundos olhos azuis de Connor. Eu agarro o cinto de segurança. Puxando-o do meu peito, mas a pressão desconfortável ainda permanece. O peso vem de uma força invisível dentro de mim. *Machucando*.

— Por favor, Lo, — diz Connor novamente. Ele ainda não está se mexendo.

Price liga o rádio, uma estação de notícias de língua inglesa dando um relatório semelhante. — Tudo o que sabemos é que Ryke Meadows estava subindo nos arredores de...

— Desligue, — diz Connor, quase acaloradamente.

— Não, — eu digo antes que Price toque no botão.

Price me escuta.

Lo estreita os olhos vermelhos e desolados para Connor. — O que você sabe? Estamos tentando descobrir o que aconteceu com nosso amigo, meu irmão, o maldito marido dela. — Sua voz falha.

Minhas coxas tremem, um tremor brutal rasgando meu corpo. Marido. Eu me inclino para frente para recuperar o fôlego.

— Acho que devemos esperar até chegarmos ao hospital, — nos diz Connor.

É como se ele já soubesse.

O rosto de Lo afunda com essa percepção. — O que essa pessoa no telefone lhe disse? O que, eles trabalham para uma estação de notícias ou algo assim?

Connor está em silêncio, sem expressão. *Pare por favor pare*.

Eu cubro meus ouvidos por um segundo, como se eu ouvisse a resposta mesmo quando ela nunca chega. Eu protejo meus olhos, machucando. *Meu marido*.

— O que foi? Que porra aconteceu?! — Lo grita. — Apenas nos diga?! — Ele está chorando, lágrimas furiosas escorrendo pelo seu rosto.

Eu estou chorando, luto me sufocando de dentro para fora.

Nós sabemos.

Nós sabemos.

E então o repórter do rádio diz: — Temos novas informações sobre o acidente de escalada envolvendo Ryke Meadows. — Eu clico no meu telefone. Eu mal vejo a resposta através de um olhar embaçado. Eu toco minha garganta que se fecha. *Não não*.

A angústia martela meu peito, mas continuo clicando.

Eu continuo clicando.

Por que estou clicando?

Meus braços tremem, quase derrubando o telefone. Eu seguro firme.

Eu vejo o mesmo resultado repetidamente. Três meios de comunicação. Quatro... depois cinco, todos relatando o mesmo resultado, citando GBA que deu a notícia.

É real.

Eu soluço, inclinando meu corpo para frente. *Não não*.

— Em trânsito para o hospital, — diz o homem no rádio, — Ryke Meadows foi declarado morto. — Price desliga o rádio.

Eu choro nas minhas mãos encharcadas, agonia ondulando em minhas veias. *Ele se foi*. — Não, — eu choro mais alto, minha garganta crua, meus pulmões gritando de dor. — Ele não pode… — *Ele pode. Ele se foi. Não não*.

Lo leva o pé até o assento, protegendo o rosto com o joelho e as mãos. Ele grita atrás deles, seu corpo balançando cada vez.

Eu não consigo respirar. Eu puxo a gola da minha camisa, chorando com força quando as facas deslizam para dentro de mim. *Eu não consigo respirar.* A dor torce meus órgãos, cortando todo o suporte de vida. Queimando minha carne, languidamente, pouco a pouco.

Ele se foi.

Nós acabamos de nos casar.

Eu acabei de andar até um altar. Nós acabamos de professar nosso amor, e ele disse que sabia - ele sabia que eu era a única por muito, muito tempo.

Ele se foi.

Eu nunca vou vê-lo novamente. Nunca vou ouvir ele xingar. Nunca vou observar ele correr mais rápido, mais longe do que a maioria dos homens pode ir. Nunca vou ver o amor levantar seus lábios. Nunca vou ver a compaixão em sua alma. Nunca. Nunca. *Nunca*.

Ele nunca segurará seu filho.

Menino ou menina.

Nunca vai ver ele de perto.

Nunca vai ver dar o primeiro passo. Ou ouvir a voz dela.

Tiro meu cinto quase instantaneamente, com náusea indo para superfície, e me alongo no colo de Connor. Ele abre a porta e eu vomito na rua, com os olhos bem fechados. *Não não*. Minha garganta queima com ácido e dor.

É muito cedo, não é? Temos décadas ainda para viver. Nossa aventura estava apenas começando.

Eu estou respirando pesadamente, perdendo energia para mover meus membros pesados. Connor me levanta e tranca a porta dele.

Eu inclino minha cabeça para trás, de um lado para o outro, procurando por uma fuga para esse desespero que me prende. Envolvendo seu vício ao redor da minha garganta.

O sistema hidráulico não para, e eu fechei meus olhos, um grito preso entre meus dentes. Pressiono o calcanhar da palma da mão na testa, minha mente empacotando todos esses momentos com Ryke e despachando-os.

Por favor fica.

Não vá.

Ainda não. Eu quero você aqui comigo.

Por favor fica.

Não posso deixar de pensar que minha teoria se mostrou correta. Para cada momento feliz, um terrível desce para nos ferir. Se nunca viéssemos ao Peru, nunca nos casássemos, ele ainda estaria vivo.

Se ele nunca me conhecesse, ele ainda existiria neste mundo.

Talvez o universo tenha nos contado alguma coisa. Nós dois estávamos destinados a sermos infelizes e sozinhos. E nós estávamos muito apaixonados para ouvir.

Connor tem seu telefone no ouvido. — Aqui é o Connor Cobalt, eu preciso saber se um Ryke Meadows chegou ao hospital ainda... ele é meu cunhado. — Uma pequena pausa, e eu ouço um abafado, *nós já tivemos quatro chamadas de Connor Cobalts.* Ele desliga o telefone, vendo o beco sem saída antes que ele chegue. Eles devem ser jornalistas, se passando por ele atrás de atualizações.

Os olhos de Connor se avermelham mais. Em uma voz controlada, ele nos diz: — Ryke gostaria que vocês mantivessem a cabeça erguida.

Eu enterro meu rosto em minhas mãos novamente, desejando que ele mentisse e dissesse que Ryke chegou em casa em segurança. É a única maneira de tudo ficar bem.

— Cristo. — O rosto de Lo torce. — Meu irmão... aquele cara… — Ele abre a boca, mas engole em seco, incapaz de terminar.

Ryke manteve-o sóbrio.

Uma rocha se aloja na minha garganta. Eu não consigo falar nada. Toda vez que tento, uma força me estrangula, e uma avalanche de lágrimas cai em cascata de novo. Eu toco minha barriga, doente. *Doente* e tão atordoada.

Alguns dizem que você não sabe o que uma pessoa significa para você até que ela se vá, mas eu sempre soube do impacto *extraordinário* que Ryke Meadows tem sobre as pessoas ao seu redor. E em mim.

Eu me apaixonei pelo coração dele.

Por seu carinho.

Altruísta. Generoso e gentil.

Ele tem as mãos nas minhas bochechas. Ele tem os pés na ponte ao lado dos meus. Ele me encontra de frente.

Calloway.

Pare de fingir que está bem quando tudo o que você realmente quer fazer é gritar pra caralho?!

Eu grito, tão forte que meus pulmões sangram e minha voz perfura o ar. Me estrangulando. Eu grito até explodir em um choro, até que meu corpo está sem peso e livre.

Eu grito. Até que eu não consiga respirar.

O ar luta para retornar aos meus pulmões. — Eu… — eu sufoco.

— Daisy. — Connor esfrega minhas costas. — Você precisa respirar.

Lo deixa cair a perna e se vira para mim, marcas de lágrimas em suas bochechas. Quando eu encontro seus olhos, compartilhando sua dor, ele acena para mim como se dissesse *eu sei*.

Você sabe? Eu me pergunto.

Você pode sentir o animal me corroendo por dentro?

Eu abro minha boca, mas nenhum som sai. A preocupação assola o rosto de Lo, e ele coloca uma mão nas minhas costas, ao lado do Connor.

— Daisy, — ele diz com força.

Molhado. Algo está molhado nas minhas pernas.

— Dirija mais rápido! — Connor começa a gritar, sua voz anormalmente alta.

Lo toca minha testa quase com ternura e então grita: — Dirija, porra!

Minha cabeça balança, meus olhos rolando, e antes que tudo fique preto, eu olho para baixo.

E vejo o fluxo de sangue vermelho vivo entre as minhas pernas.

< 47 >

RYKE MEADOWS

Quando minhas pálpebras pesadas tentam se abrir, a luz fluorescente as queima, e elas se fecham por um momento, minha cabeça latejando. Eu tento escapar da escuridão novamente, forçando meus olhos a permanecerem abertos.

Através da luz áspera e acessória, vejo cor.

Tanta cor brilhante e selvagem.

Flores de papel e pássaros pairam acima de mim.

Verde e amarelo.

Laranja e rosa. Azul e roxo. Amarradas no teto. Girando sob as aberturas de ventilação.

Dezenas delas.

Daisy. Meu peito incha.

Eu lambo meus lábios e tento me apoiar na cama do hospital, empurrando minhas memórias para baixo. Por um segundo. *Só um segundo*. Meus membros estão mortalmente doloridos, e uma intravenosa bombeia remédios para o meu corpo, entorpecendo a dor que sobe pela minha perna direita, escondida sob um cobertor branco.

— Ryke?

Aquela voz.

Eu não tenho que procurar longe. Daisy está sentada na beira de uma cadeira, no final da minha cama. Círculos escuros criam luas crescentes sob os olhos dela. Um punhado de flores e pássaros meio vincados estão espalhados ao redor dela, mas não é o que bombeia adrenalina para mim.

— Daisy? — Eu digo, preocupação na porra da minha voz. Estou prestes a tirar a porra do cobertor e ir ao lado dela, para me aproximar dela. *Daisy, que porra...*

— Espere, pare, Ryke, não se mexa! — Ela grita, quase instantaneamente, o vestido de hospital mais perceptível. Ela acidentalmente puxa a própria intravenosa, esquecendo que está presa a ela, e então ela agarra o mastro e o rola com ela até que esteja bem ao meu lado.

— Daisy. — Eu me sento, usando a força no meu núcleo e eu agarro seu quadril. Eu não consigo parar de olhar para o vestido de hospital dela. O soro...

O que aconteceu? Eu tenho medo de perguntar em voz alta.

Ela tenta encontrar o controle remoto da minha cama, então eu posso me apoiar no colchão, mas eu não me importo com isso, porra. Eu tento mover minhas pernas.

— Não, Ryke, — diz ela, afastando minhas mãos. — Por favor, pare. — Suas lágrimas vêm e ela a limpa rapidamente. — Eu sinto muito…

Eu belisco meus olhos. Ela está grávida de onze semanas, mas isso pode ter mudado a qualquer fodido momento.

Nós perdemos o bebê.

Meu rosto está molhado de lágrimas e eu as esfrego com força, engolindo um soluço fodido. Eu exalo a respiração mais profunda da minha vida, balançando a cabeça, lutando.

Eu olho para ela com os olhos avermelhados, minha mão caindo para a minha boca.

— Eu estou bem, — ela me diz repetidamente, a cama gritando enquanto as costas mecanicamente sobem com o controle remoto. — Você acabou de sair da cirurgia...

— Eu sei, — eu digo, não querendo me inclinar para trás, não querendo deixá-la ir. Eu não achei que seria capaz de tocá-la novamente. Agora ela está bem aqui. Na minha frente.

Eu me apego a isso, além de todo o resto que sumiu.

Isso mantém minha cabeça erguida.

Observo a confusão apertar seus olhos verdes, e penso - *Deus, ela parece tão jovem e tão cansada*. O que eu fiz com ela? Em questão de um dia ou dois.

— Ryke?

— Eu estava fodidamente acordado quando eles me trouxeram para a cirurgia, — eu explico e, em seguida, eu me aproximo, minha mão ainda em sua cintura, gentilmente puxando-a para mim.

Ela se enrola ao meu lado, sua bochecha descansando contra o meu travesseiro. Ela olha nos meus olhos enquanto eu olho nos dela, procurando silenciosamente um ao outro.

Ter mais um dia para vê-la significa mais para mim do que eu posso expressar. Palavras me falham com mais frequência. Saem errado na maioria das vezes.

Nós nunca precisamos de muitas em nosso relacionamento.

Enquanto descansamos em silêncio, as páginas estão sendo escritas entre nós. Contando a história de uma garota louca e triste e um cara perigoso e solitário. Eu pensei que a perdi outra vez.

Eu traço a longa linha de sua cicatriz com o polegar, e seus dedos desaparecem em meu cabelo espesso, seu peito se elevando irregularmente.

Nos aproximamos, seu hálito quente contra o meu pescoço. Eu pressiono meus lábios no topo de sua cabeça, seu cabelo loiro dourado atrás das orelhas. Eu lentamente beijo sua têmpora, depois sua bochecha, seu nariz e finalmente seus lábios.

Ela beija de volta tão fodidamente febrilmente, com tanta força fodida. Eu acaricio seus cabelos, suas lágrimas se misturando com minhas lágrimas. Seus lábios inchando abaixo dos meus lábios. Meu coração batendo contra o coração dela.

Eu me separo para que ela possa recuperar o fôlego.

Mais lágrimas dela começam a se acumular. — Eu te amo, — ela murmura, sua voz embargada. — Eu realmente amo você.

Ela é minha esposa. Meu sol.

A pessoa em quem pensei. No final.

— Eu não estou deixando você, porra. — Eu seguro seu rosto e, antes que ela pergunte, eu digo de novo. — Eu não estou deixando você, Calloway. Você está presa comigo.

Ela sorri no meio de lágrimas. *Aquele sorriso*. Eu a puxo para o meu peito, abraçando-a com cuidado, sem saber do que aconteceu com ela. Ela é tão cuidadosa ao tocar minha perna.

Eu a beijo de novo. — Eu te amo muito. Eu não vou a lugar nenhum. — Repito isso mais algumas vezes, suas articulações tensas começando a soltar-se contra mim.

Ela penteia uma mecha do meu cabelo bagunçado para trás, seu sorriso brincando com seus lábios, apenas brevemente ficando. Eu corro meus dedos pela sua espinha, onde a tatuagem de seu dreamcatcher está tatuada. Eu lembro desses momentos que passei com ela, e penso, *nós vamos fazer mais.*

Não acabou. Ainda não.

Continuamos examinando um ao outro, e posso dizer que ela está a segundos de tirar o cobertor da minha perna. E eu estou a uma batida do coração longe de olhar sob o vestido de hospital dela.

Então uma flor de papel vermelho tremula. Pousando entre nós.

Nos distraindo, pelo menos por mais um segundo.

— Rose comprou papel para mim ontem, quando você foi admitido, — Daisy explica suavemente. — As enfermeiras perguntaram se poderiam colocar no teto esta manhã. Acho que elas estavam preocupadas que eu desapareceria por baixo de todos eles.

Eu tenho que perguntar agora. — O que aconteceu, Dais?

— Você primeiro? — Ela diz como uma pergunta.

Eu não posso dizer essa porra ainda, e estou muito impaciente e preocupado demais com ela para esperar. Eu me sento um pouco mais e ela segue o exemplo.

Antes de protestar, levanto a parte de baixo do roupão do hospital e vejo uma calcinha branca enorme e desconhecida que chega ao seu umbigo.

— Eu estou bem, — ela repete o que ela disse anteriormente. — *Estamos* bem.

Meu queixo endurece e sobrancelhas franzem. — Estão? Você quer dizer...

Seus lábios se separam. — Ryke, você não acha que o bebê… — Realização passa por ela. — Quando eu disse que tudo estava bem comigo, eu quis dizer isso.

Ela costumava sempre dizer isso quando não estava tudo bem. — Então por que diabos você está em um vestido de hospital? E não minta para mim.

Ela quase ri, seu olhar cheio de lágrimas. — Eu pensei que você gosta quando eu saio em tangentes. Você está perdendo uma grande história sobre ursos panda e piratas.

— Foda-se seus ursos panda e piratas. — Meu olhar sombrio apenas revigora seu sorriso. Isso ilumina algo profundo dentro de mim, algo que ainda está lutando para permanecer vivo.

Eu não posso me segurar no fato de que o bebê está bem quando não tenho certeza do que há de errado com ela em primeiro lugar. Eu amo a Daisy pra caralho.

— Eu sangrei muito, — ela diz de repente. — Eu pensei que tinha sofrido um aborto e o médico também quando eu cheguei.

Meu estômago está em um nó, e eu estico a mão, pegando a dela. Eu gostaria de ter estado lá, odiando que ela tenha lidado com isso *enquanto* eu estava em cirurgia, *enquanto* Sully - eu fecho meus olhos com força. *Por mais um segundo, pelo amor de Deus, mais um segundo.*

— Foi uma pequena hemorragia, não fatal para o bebê ou para mim. Aparentemente, algumas mulheres podem tê-las por volta de dez a doze semanas, e me disseram para ir com calma pelos próximos quatorze dias. O sangramento parou esta manhã, então está tudo bem, na verdade. Eu me sinto melhor.

É difícil ser feliz pra caralho depois de tudo, mas estou feliz. Estou tão feliz por estarmos todos aqui. Todos nós três.

Eu coloco minha mão no topo de sua cabeça. — Quanto tempo você dormiu? — Ela parece um inferno. Sua alegria também é um pouco falsa para que eu não me preocupe com ela, e ela sabe que eu posso perceber isso.

— Tem sido difícil esses dois dias. — Ela esfrega as bochechas e geme um pouco de frustração. — Eu não consigo parar de chorar. — Ela olha para mim com um olhar torturado. — Eu pensei que você tivesse morrido. — Dor aumenta sua voz.

— Eu sinto muito....

— Não, — ela diz, — eu *realmente* achei que você tivesse morrido. GBA correu para dar a notícia sobre o seu acidente, e eles ouviram errado da fonte. Eles anunciaram, para o mundo inteiro, que você estava morto, Ryke. E depois outros meios de comunicação também correram com isso.

Eu passo a mão pelo meu cabelo, digerindo a gravidade disso. O que ela deve ter sentido por causa da incapacidade da GBA em ficar em segundo lugar na porra de uma guerra por ibope, para ser primeira a quebrar a história. — Você tem que estar brincando comigo, porra, — eu quase grito, e depois bate contra mim. *Meu irmão*. — Lo, — eu respiro.

Ele achou que eu também tivesse morrido. Todos eles acharam.

— Ele está...? — Eu não posso nem dizer isso. Eu não posso nem perguntar se ele quebrou a sobriedade dele. Eu não consigo nem imaginar a porra de um mundo onde isso acontece

porque eu parti.

— Ele está melhor. Ele esteve com a Lily nos últimos dois dias. Eles não saíram do hospital nem do lado do outro, e Moffy o fez sorrir muito. — Com a menção do nosso sobrinho, Daisy começa a chorar de novo e pressiona as palmas das palmas das mãos nos olhos. — Eu odeio que eu não consiga parar.

— Eu não, — digo a ela. — É humano pra caralho, Dais. As pessoas choram. Eu choro. Isso não faz você parecer patética ou fraca, certo?

Ela deixa cair as mãos e funga. Então seus olhos me varreram, como se quisessem ter certeza que eu realmente estou aqui, falando com ela assim.

— Eu odeio que você achou que eu tinha morrido. — Se nossas posições estivessem invertidas, eu ficaria inconsolável. — Quem estava com você?

— Lo.

Fantástico pra caralho.

— E Connor, — diz ela.

Eu relaxo um pouco, minha mão ainda na cabeça dela. — Então você não dormiu em dois malditos dias, não é?

— Eu tentei, — ela respira. — Isso conta?

— Não, porra, não. Tire uma soneca comigo mais tarde?

Ela assente repetidamente e eu beijo a cabeça dela novamente, então eu bagunço o cabelo dela com uma mão áspera.

Seu sorriso desapareceu antes de realmente aparecer. — Se você levar dias, meses ou até anos para me dizer o que aconteceu naquela pedra, eu entendo, — diz ela. — Ou se você nunca compartilhar nada, tudo bem também.

Concordo com a cabeça, mas pretendo compartilhar o máximo que puder agora. Que pode ser muito pouco. Eu só tenho que começar a falar. Primeiro, eu pergunto algo importante: — Todos ainda estão aqui? — Ela sabe que eu quero dizer meu irmão, Lily, Rose, Connor e Willow. Talvez até Sam e Poppy.

— Eu mandei uma mensagem para eles quando você acordou, e Rose me disse que todos eles queriam nos dar uma hora a sós antes de bombardearem você. Eu posso ir buscá-los agora, se você quiser.

— Ainda não.

Por onde eu começo, porra?

Pelo começo ou o fim?

Eu decido me concentrar na parte mais fácil. — Eu bati a porra da minha perna na parede.

Ela ouve intensamente, mas eu faço uma longa pausa, o suficiente para que ela pegue a folga. — Falei com o cirurgião quando você saiu. A boa notícia é que você é um homem biônico.

— Fantástico pra caralho. — Eu descubro minha perna direita, com gesso do meu pé para a minha coxa. *Você quebrou seu fêmur inferior*, eu mal me lembro da porra do médico me dizendo isso antes da cirurgia, quase inconsciente. E obviamente, eu quebrei minha perna.

— Há um ferro de vinte centímetros em seu fêmur com onze parafusos, — diz ela. — Sua tíbia tem uma vara e alguns pinos. Também é uma boa notícia, ele disse que o fêmur quebrou o suficiente para não afetar seu quadril, apenas seu joelho.

Eu não pergunto sobre fisioterapia ou prazos para caminhar, prazos para ganhar minha força. Eu simplesmente não me importo com essa merda.

Ela deve sentir isso porque não os oferece.

— Nós quase chegamos ao fodido topo, — eu digo de repente, encostando-me na cama. — Nós quase conseguimos. — Meu nariz se inflama, e eu respiro profundamente, com dor.

Daisy também se inclina, os joelhos flexionados. Eu coloco minha mão em seu joelho, sentindo sua cicatriz debaixo da palma da minha mão. *De tropeçar no concreto molhado em uma piscina comunitária, aulas de mergulho na terceira série*, ela me disse uma vez.

Eu conheço todas as suas cicatrizes.

Como e quando e porquê. Eu contei a ela sobre todas as minhas. Cada história memorável, pedaços da minha história, eu dei para minha esposa. A única.

— Foi uma queda de rocha, — digo baixinho. — Ele estava ferido, muito, e nós tivemos que fazer um rapel se ele tivesse alguma chance … — Eu falho novamente, e ela me ajuda.

— Você já tinha machucado sua perna?

— Sim. Nós começamos a fazer rapel uma vez que as pedras pararam. — Aperto seu joelho, um deles balançando para frente e para trás como um pêndulo. É estranhamente calmante pra caralho. — Nós estávamos a cerca de trinta metros antes do chão...

Esta parte é tão vívida.

Eu repasso repetidamente, a corda deslizando pelas minhas mãos enquanto tento frear.

Minhas mãos estão vermelhas e cruas agora - nada do que reclamar. Eu tenho as duas fodidas mãos ainda.

— Eu pensei que nós cairíamos, — eu digo a ela, meus olhos queimando na memória. — Eu pensei que nós escorregaríamos da ponta da corda e nós bateríamos na porra do chão, caindo a trinta metros. Mas meu nó segurou.

Como um milagre. Porque essa coisa não deveria ter suportado tanto peso. Eu fui descuidado pra caralho ao amarrar o final da corda. Eu mal conseguia ver direito.

— Então vocês chegaram até embaixo antes do resgate chegar? — Ela pergunta.

Eu concordo com a cabeça. — Nós chegamos até embaixo. — Eu arrastei Sully para longe do penhasco e, em seguida, liguei para a emergência. — Ele estava inconsciente até então, — eu digo vagamente. — Eu tentei acordá-lo. Eu esguichei água nele, bati no seu rosto, gritei do topo dos meus malditos pulmões...

Ele não estava se movendo. Estava mal respirando. Eu verifiquei seu pulso.

Eu chorei por cima do corpo do meu amigo.

— Quando o helicóptero veio, — eu digo em uma respiração pesada, — eu fui mancando até lá e foi quando… — Eu engasgo com uma risada de dor. — *Vai se fuder, Sul.* — Eu balanço minha cabeça, apertando meus olhos com meus dedos. *Vai se foder por morrer comigo*. — Eles pararam as compressões na porra do helicóptero, e eu tentei lutar contra eles - tentei fazer isso do meu jeito. Eles me sedaram e eu desmaiei. Quando acordei, eu estava sendo levado para a cirurgia.

Perdi Adam Sully aos vinte e sete anos, e achei que pelo menos o teria por mais cinco malditos anos. Não dez, não vinte, mas pensei em cinco - apenas me dê mais cinco anos com meu amigo.

E nós vamos chegar ao topo novamente.

Eu diria que ele é jovem demais para morrer, mas nós sabemos os fodidos riscos. Nós falamos sobre eles o tempo todo. Ele seria o primeiro a lhe dizer que sua vida é cortada pela metade toda vez que ele escala.

Daisy envolve o braço em volta da minha cintura, as lágrimas pingando de novo, da própria tristeza. Ela tinha muito amor por Sully. Eu sei que ele sentiria falta dela também.

— Os pais dele...?

Ela acena com a cabeça. — Eles vieram esta manhã e levaram seu corpo para casa. — Seu queixo treme. — Ele está com sua família agora.

Eu concordo com a cabeça. — Eu acho que ele disse que queria ser cremado. — Ele também disse que preferiria morrer em uma montanha do que morrer de qualquer outra forma. Isso

significava que ele estava vivendo - verdadeiramente vivendo - sua vida, a vida que ele fez para si mesmo. A vida que ele amava.

Fecho os olhos novamente, o peso da dor como grilhões ao meu redor. Como a corrente de tinta desenhada nas minhas costelas, me puxando para baixo.

Independentemente da minha perna.

Eu não tenho certeza se posso escalar novamente.

< 48 >

RYKE MEADOWS

Quando Daisy sai do meu quarto de hospital, peço a ela que mande meu irmão sozinho em primeiro lugar. Eu me sento mais alto contra a cama, meus bíceps e tríceps fazendo todo o trabalho do caralho. Eu faço uma careta, meus braços prestes a ceder, mas me ajusto um pouco e tento relaxar.

Eu não me incomodo em inspecionar o gesso na minha perna. Eu apenas espero. Cerca de um minuto depois, a porta de madeira se abre e meu irmão desliza para dentro, fechando todos atrás dele.

Eu estudo ele, cerca de cinco metros nos separando. Seus olhos vermelhos correm para todas as flores de papel e pássaros, sua pele está pálida, uma cor que eu só vi quando ele vomita.

Ele fica no final da cama e puxa a gola de sua camisa preta, como se estivesse abafado e quente aqui.

Está na verdade, muito frio.

— Você estava certo, — eu digo de repente, as palavras fechando a minha garganta. Eu não tenho ideia do porque eu digo isso. Talvez no fundo da minha mente, eu realmente acredito nisso agora. Ou talvez eu tenha pensado que isso o ajudaria a se sentir melhor.

Então, novamente, Lo nunca quis estar certo. Não sobre isso.

Balanço a cabeça antes que ele possa processar meu comentário. — Isso foi estúpido pra caralho. Esqueça.

— Esqueci, — ele diz instantaneamente. Então ele se aproxima da grade de plástico da minha cama, segurando no final. Ele olha minhas pernas - ou olha além delas, para nada de verdade.

— Você está bem? — Eu pergunto ao meu irmão.

Seu olhar se estreita para algo brutal pra caralho, e eles finalmente encontram os meus. — Foi você quem caiu do lado de um penhasco, — ele diz. — Precisamos nos concentrar em *você*.

— Eu estou vivo.

— Por pouco.

Eu não respondo a isso, e a tensão cresce tão rápido quanto o Connor Cobalt pode completar um fodido cubo mágico. Meu relacionamento com meu irmão é uma das coisas mais preciosas que eu tenho neste mundo, e não é fácil.

Nunca foi.

Adoro coisas complicadas, coisas difíceis - a maioria dos escaladores se aproveita deles, dos desafios físicos e mentais. Atravessa qualquer coisa. Nós conseguimos.

Parte de mim está gritando por isso, a outra parte... a outra parte está lentamente, mas seguramente, dizendo adeus.

Lo limpa a garganta, seu olhar se voltando para os cobertores novamente. — Eu sinto muito… sobre Sully. Eu sei o que ele significava para você. — Ele mexe em sua aliança de casamento.

Eu sinto que estou dizendo as coisas erradas, mas sei que ele deve se sentir exatamente da mesma maneira agora.

— Sente-se, porra, — digo a ele. — Na verdade, traga para mais perto. — Eu aponto para a poltrona ao pé da cama.

Ele olha para a poltrona como se já estivesse perseguindo ele. Em vez de sentar, ele se aproxima do lado esquerdo da minha cama, concentrado em ler meus batimentos cardíacos, oxigênio e níveis de pressão sanguínea no maldito monitor. Então ele olha por cima do ombro, sua expressão tão familiar.

Como se ele estivesse procurando uma saída.

Eu sei que ele está mais forte agora, mas o que quer que esteja corroendo ele deve estar arrastando-o para baixo.

— O que há de errado? — Eu pergunto.

Ele toca seu peito. — Eu sou um doente fodido, ok? — Suas palavras são tão afiadas que poderiam ser atadas com vidro.

— Você não é, — eu refuto.

— Sim, eu sou, — ele me diz. — Eu não estou exatamente chateado com o resultado aqui. — Seus olhos torturados pra caralho perfuraram os meus. — Se as coisas estivessem revertidas, se você tivesse morrido e seu amigo sobrevivido... eu estou apenas aliviado, ok? — Seu rosto se contorce em um meio sorriso dolorido. — Como é isso para o ser humano mais doente da Terra?

Ele parece que está prestes a virar e sair, e eu estico meu braço, pegando seu pulso. — Ei, — eu digo com força, a palavra carregando mais gravidade do que eu pensava que carregaria.

Ele encontra meu olhar novamente.

— Você *não* é um fodido doente, — eu digo, dedicado por essa verdade. — Eu sou seu irmão e você não conhecia Sully. É uma reação humana, Lo - o que você está sentindo, está tudo bem, cara. — Eu não digo a ele o resto.

Que Sully nem queria que eu o salvasse. Que ele me pediu para fodidamente deixá-lo para que eu pudesse me salvar.

Lo deixa isso afundar antes de sacudir minha mão, sua garganta balançando. Seu olhar está mais suave do que antes. — Eu te disse que precisamos nos concentrar em você, mano.

Eu mostro o dedo do meio para ele. — Eu estou de saco cheio de ser o foco da atenção de todos.

— Talvez você não devesse ter caído de um penhasco então. — Ele faz uma careta quase imediatamente depois que diz isso.

Eu, na verdade, sorrio. — Aí está ele. Meu irmão mais novo.

Ele limpa os olhos com a gola da camisa e depois acena para mim. — Você está bem?

Depois de uma longa pausa, eu digo: — Não.

Ele acena de novo e arrasta a poltrona ao lado do meu monitor de batimentos cardíacos. Ele se senta na mesma hora em que a porta se abre.

Lily espreita a cabeça na sala, o gorro Wampa cobre o cabelo castanho curto, os fios mal tocando os ombros. Eu amo que ela é corajosa o suficiente para usar seu gorro de *Star Wars* aqui. E sempre ser ela mesma.

Eu aceno para ela entrar. — Entre, Lil.

Lily entra apressadamente, limpando apressadamente suas lágrimas pesadas, e ela remove seu gorro branco felpudo como se ela precisasse ser respeitosa na porra da minha presença.

— Ele não é Jesus, — diz Lo, obviamente pensando a mesma coisa.

Lily funga, ignorando o marido. Ela joga os braços em volta do meu pescoço em um abraço apertado, e suas lágrimas pingam no meu ombro. Esse tipo de Lily Calloway quase nunca aparece para mim.

Eu sempre recebo a fodida Lily com muita atitude.

Eu virei fã pra caralho dessa, então isso é apenas novo.

Eu levanto minhas sobrancelhas para Lo enquanto a abraço de volta com um braço.

Ele sussurra, *ela achou que você tinha morrido, cara*.

Porra.

Quando ela se afasta, o quarto de repente se enche de amigos e familiares. Sam e Poppy estão ao lado de uma bandeja de comida embrulhada em celofane: um sanduíche e gelatina. Ao lado deles, a mãe de Daisy está com as mãos nos ombros de Maria, a jovem folheando uma revista.

Moffy, com uma camisa do Homem-Aranha e pequenos Vans vermelhos, tenta subir no colo de Lo. Meu irmão levanta seu filho, colocando-o em seu joelho. Connor tem Janie em seus braços, seus lábios entreabertos enquanto ela dorme contra o seu lado. Ele observa Rose de perto, embora.

Ela está tentando levar Daisy até a última poltrona desocupada, mas Daisy balança a cabeça, persuadindo Rose, que está grávida pra caralho, com palavras sussurradas e um sorriso.

— Daisy, — Lo chama. — Senta aqui. — Ele imediatamente fica em pé com Moffy contra o seu lado. Então ele joga o garoto por cima do ombro. Moffy ri e tenta pegar um pássaro azul pendurado.

— Obrigada, — diz Daisy, levando seu soro para a poltrona livre ao meu lado.

Eu procuro por alguém. — Onde está Willow? — Eu acho que pensei que ela estaria aqui, não apenas porque somos relacionados. Eu pensei que ela viria em apoio a Daisy.

— Bem aqui. — Willow se espreme de trás de Sam e me dá um aceno envergonhado antes de levantar os óculos.

— Ei, — eu digo.

— Você está se sentindo melhor?

Eu aceno com a cabeça, sendo sincero sobre isso. Eu olho para todos, vendo os rostos das pessoas que se importam comigo. Outra pessoa escorrega para dentro.

Meu pai.

E então Greg, o pai de Daisy.

Eu não estou nem irritado em vê-los. Estou meio que aliviado por eles terem aparecido. Depois de tudo o que aconteceu entre nós ao longo dos anos. Estou acostumado a discordar. Para coisas fragmentadas. Eu prefiro que essas relações fiquem completas. Eu não quero falhar com eles.

Rose senta-se estritamente em sua poltrona e descansa a mão em seu estômago redondo. Seus olhos passam pelos monitores e até o soro. — Este lugar é deprimente.

Eu a conheço há tempo suficiente para ler o subtexto do que ela diz. *Este lugar é deprimente*, na verdade, significa *estou nervosa pra caramba para entrar em trabalho de parto*. Desde suas falsas contrações, ela provavelmente está mais ciente de sua data de parto iminente.

— Está esterilizado, — Lo responde. — Eu pensei que você adoraria isso aqui. — Ele balança Moffy para a esquerda, e o garoto pega uma margarida de papel amarelo.

Meus lábios levantam uma fração.

Rose estreita os olhos. — Cale a boca, Loren, — diz ela fracamente.

Connor pergunta a sua esposa, — Es-tu souffrante? — *Você está com dor?*

Ela diz: — Un peu, dans le dos. — *Um pouco, minhas costas*.

Eu nem sei como ele notou. Ela parece bem além de se mexer levemente na cadeira.

Connor fica atrás dela, uma mão mantendo a filha ao seu lado, mas ele esfrega os ombro e costas dela com a outra. Ela fecha os olhos algumas vezes, obviamente apreciando a massagem, especialmente quando a mão dele sobe até seu pescoço.

E então seu olhar pousa no meu.

Há algo lá que eu entendo, mas não consigo captar completamente. O que quer que ele tenha a dizer, sei o que é, mas não tenho certeza absoluta de que porra é. É como ter uma página rasgada de um livro e Connor detém a outra metade.

Talvez se reduza a isso: não tenho a mínima ideia do que está passando por sua cabeça. Eu raramente tenho. Não até ele me dizer, e por um tempo, eu tenho pedido a ele para guardar suas opiniões para si mesmo.

Eu não quero a sua maldita sabedoria, Cobalt.

Eu retiraria o que disse agora.

Eu daria qualquer coisa para ele fazer um comentário arrogante, interpor e me chamar de cachorro. Seu silêncio me incomoda, me irrita, e eu só preciso que ele volte a me irritar.

Essa é a nossa coisa.

Neste momento, todos olham entre nós, os olhos azuis de Connor cheios de verdades indesejáveis. Nunca deixando o meu. Eu preciso falar com ele. Era ele que estava com Daisy e meu irmão.

Eu acabo perguntando: — Você vai dizer alguma coisa, porra?

— O que há para dizer?

Meus músculos da mandíbula se contraem. — Estou feliz pra caralho que você esteja vivo, Ryke.

— Estou feliz que você esteja vivo, Ryke, — repete Connor, só que com sua irritante passividade.

A tensão dentro da sala se espessa como uma névoa invisível. Deve ser ruim o suficiente porque Daisy diz: — Ei, que tal todos nós pegarmos algo pra almoçar e trazê-lo de volta aqui? — A maioria das pessoas concorda com a cabeça. Daisy se inclina para perto de mim e sussurra: — Um sanduíche está bem ou você quer frango?

— Um sanduíche está bom. — Eu a beijo antes de ela sair. Rose está grande demais para segurar Janie, mas Lily pega a criança de dois anos dormindo dos braços de Connor. Moffy pega mais três flores de papel enquanto está sendo carregado para fora.

Connor descansa seu ombro contra a parede, braços cruzados, e nós dois assistimos nossos amigos e familiares saírem. Quando a porta se fecha, ele não hesita em falar.

— Fui eu quem levou Daisy para o hospital quando ela estava sangrando.

Por mais difícil que seja ouvir, quero saber. Eu lentamente levanto minha perna esquerda dolorida, colocando meu braço no meu joelho. Toda ação tem tanta resistência, meus músculos esticados como um elástico que se recusa a se esticar.

— Lo estava horrível, — continua ele. — Quando trouxemos Daisy para o pronto-socorro, ele tentou me deixar e fugir pelas minhas costas. Eu tive que literalmente bloquear sua saída com o meu corpo. Depois de alguns minutos, ele simplesmente... desmoronou aos meus pés.

Eu corro minhas duas mãos pelo meu cabelo várias vezes, preso na porra das linhas da intravenosa, mas eu as arrumo. Quando olho de volta para Connor, seus olhos estão cheios de lágrimas.

Os meus queimam.

— Eu sou um homem de talentos extraordinários, mas eu preciso de você. — Ele engole. — Você está ouvindo o que estou dizendo?

A dor começa a latejar na minha coxa. — É uma espécie de um fodido ponto indiscutível. Eu nem sei se posso escalar de novo, então você consegue o que quer, quer eu diga ou não.

— Eu não estou pedindo para você parar de escalar.

Minhas sobrancelhas se franzem, confuso pra caralho.

— Eu ouvi a Daisy, — diz ele.

Essas três palavras - *eu ouvi a Daisy* - provocam mais emoção em mim do que consigo processar. Ela é minha defensora há muito tempo e acreditava que ninguém estava ouvindo o que ela tinha a dizer. *Agora olhe, Dais*.

— Eu a ouvi quando fomos ao médico da fertilidade. Eu entendo que você não valoriza o custo de oportunidade nem o risco e a recompensa. Eu entendo que nós vemos o mundo de forma diferente e nenhuma está errada. Eu entendo tudo isso. Eu tenho entendido por um longo tempo. — Ele faz uma pausa. — Então, eu não estou pedindo para você desistir da coisa que alimenta você.

Eu deixo cair a minha perna esquerda. — Então o que você está pedindo?

— Estou pedindo que você se preocupe com sua vida, — ele diz, — mais do que você se preocupa agora. Você pode fazer isso?

Eu abro minha boca, prestes a discutir - para dizer a ele o quanto me importo com a porra da minha vida - mas isso não é exatamente o que ele está me dizendo. Eu me pergunto se Connor perguntou ao pessoal que me trouxe o que aconteceu. Na verdade, estou quase certo de que ele perguntou. Ele provavelmente leu o relatório, sabia que havia uma maneira de eu ter me guiado com segurança até o chão - mesmo que isso significasse deixar meu amigo na parede.

Eu teria ficado bem.

Eu me preocupo com a minha vida, mas não o suficiente para escolher a rota mais sólida para mim nessas situações. Não o suficiente para encontrar maneiras que ambos poderiam ter saído disso com segurança. Eu só queria que ele sobrevivesse.

Só isso, porra.

Mas se eu voltasse no tempo, poderia honestamente voltar a aquela parede de pedra e deixar Sully para trás?

De jeito nenhum.

— Ryke, — diz Connor com o meu silêncio. — Você entende o que eu estou dizendo?

Connor Cobalt costumava se colocar acima de todas as pessoas neste mundo. Autocentrado, vaidoso, arrogante pra caralho - ele ainda é essas coisas, mas de alguma forma ele aprendeu a ser um pouco menos egoísta.

Ele quer o oposto para mim.

O homem egoísta está me dizendo para ser um pouco menos *altruísta*.

Ele acha que isso vai me matar. Pelo amor de Deus, quase aconteceu.

Eu estou sem palavras. Sem tempo. E paz. E fodidas coisas tangíveis. Eu só quero sentir que não estou desmoronando.

Ele dá um passo para perto de mim e para, e percebo que suas emoções estão batendo em seu exterior com paredes de tijolos. Em um raro momento, ele deixa seu olhar cair no chão, coletando seus pensamentos, antes de retornar seu foco para mim.

— Há pessoas que amam você aqui, — ele respira. Eu praticamente posso ouvir a sombra de suas palavras: *segurei-as em meus braços. Eu estou aqui de pé*

A dor se rasga no meu peito. Eu sei que ele não está sendo cruel. Eu sei que ele entende o que eu perdi. Mas eu acho que ele está aqui lutando pelo meu futuro que eu não consigo ver.

E eu sei o que ele está dizendo, em poucas palavras, mesmo que pareça impossível na minha cabeça. No calor do momento, só penso no que está acontecendo na minha frente. Eu tenho dificuldades em pensar em coisas que vou perder. Minha esposa. Meu irmão. Talvez até meu filho. O que eles vão perder. Eu esqueço tudo.

— Você se lembra do que escrevi em seu diário? — Pergunta ele. — A parte em italiano.

Um Natal ou dois atrás, ele escreveu dentro de um diário que eu lhe dei, tudo em diferentes línguas estrangeiras, e ele o embrulhou e o presenteou de volta para mim. As partes que eu entendo, eu li, talvez uma dúzia de vezes.

Eu lambo meus lábios e digo: — Ti rispetto e ti ammiro così tanto, amico mio. Mi hai aiutato ad essere altruista. — *Eu respeito e admiro muito você, meu amigo. Você me ajudou a ser*

altruísta.

Eu sempre volto para essas palavras porque elas me surpreendem - que Connor Cobalt poderia admirar uma parte de mim. Que ele viu algo além do meu exterior rude e áspero.

— Eu falei sério, — Connor me diz. — Eu só não percebi, até ontem, que isso seria sua ruína.

Eu discordo por instinto, balançando a cabeça. Ele está dizendo que o altruísmo tem me mordido na bunda o tempo todo. É bom ser essas coisas com moderação, mas muito de uma coisa é fatal. Muito orgulho. Muita arrogância. Muito despeito. Demasiada gentileza.

Eu nunca pensei que seria apelidado de altruísta demais. *Ele está errado.*

Meu estômago se aperta violentamente. Quando o Connor Cobalt está errado?

— Tudo o que estou pedindo é que você encontre um jeito de se preocupar com sua vida um pouco mais, para que você não acabe aqui novamente. Eu sou um gênio, mas eu não estou te oferecendo uma equação que você não pode resolver. — Com intensidade em seu olhar azul, ele diz: — Cave um pouco mais fundo.

Eu vejo o medo em seus olhos. Como se ele estivesse me perdendo para algo que ele vê pela frente. Porque há uma parte integral da minha alma que me faz ser *eu*, mas também é perigosa pra caralho.

Cave um pouco mais fundo.

Para me colocar acima das outras pessoas, no final. Para que eu possa viver mais. Para que eu possa estar presente para as pessoas que amo. Eu não tenho certeza se outra situação irá surgir assim - eu espero que não vá - mas eu ouço o que ele está dizendo.

Connor pega meu copo de água vazio. — Eu vou encher isso para você.

Quando ele se dirige para a porta, eu chamo: — Espera.

Ele para, mão na maçaneta. Seus olhos estão cheios de *turbulência*, me deixando ver mais emoção do que eu já vi. Eu realmente acho que ele pode chorar. Seu peito cai pesadamente.

— Obrigado, — eu digo, — por tudo. Especialmente por ajudar Daisy e Lo.

Ele recolhe a maior parte de sua emoção, engarrafando tudo. — Somos uma equipe melhor do que você pensa. — As próximas palavras devem estar em sua língua, mas ele não as diz novamente: *preciso de você*.

Eu concordo com a cabeça. — Da próxima vez - ou espero que não haja uma fodida próxima vez, mas...

— Eu entendo. — Ele abre a porta, inspecionando o copo em sua mão. — Na verdade, enviarei a enfermeira para encher seu copo de água. Você provavelmente gostaria mais disso.

Eu o mostro do dedo do meio duas vezes e ele se vira, só para ver meus dedos. Seu sorriso se eleva e ele acena para mim e diz com mais sinceridade: — Estou feliz que você esteja vivo, Ryke.

Quando ele sai, eu exalo uma respiração ainda maior, minha cabeça latejando agora. Eu noto um conjunto de muletas contra a parede, mas eu não me importo com elas.

Eu nem me importo em tentar ficar em pé.

A apatia não é meu ponto forte, mas sinto que está se arrastando para uma parte vital de mim. Eu não tenho energia para empurrá-lo para fora. Então eu apenas fecho meus olhos e me inclino para trás.

< 49 >

DAISY MEADOWS

Uma semana de volta na Filadélfia, no final de julho, e ainda estamos sob ordens estritas de "ir com calma" após a pequena hemorragia. Minhas irmãs criaram um plano para me manter ocupada e em casa, fazendo um dia de livro de recordações do meu casamento e os “primeiros” dos seus bebês com nossas fotos.

Rose teve que pegar licença do trabalho quando chegamos na Filadélfia *e* falaram para ela descansar por quase todos os dias. Significando, sem compras e sem saltos altos.

Expulsar sua hostilidade cortando coisas também parece uma boa ideia.

Precisamos de suprimentos extras, então me ofereci para procurar na sala de entretenimento do porão mais tesouras e cola.

Assim que eu desço as escadas, ouço um baque de um martelo contra madeira. No grande espaço aberto, Ryke se senta no carpete, tábuas de madeira marrom, pregos, parafusos e uma caixa de ferramentas aberta ao lado dele. Sua perna com gesso está esticada com palavrões rabiscados em canetinha preta. Ele não ligou para o que escrevíamos, então eu sugeri nossos ditados favoritos de Ryke Meadows.

Meu favorito: *eu amo você pra caralho.*

Da Willow: *Eu não entendo essa porra de Tumblr*.

Do Lo: *Vai se fuder, seu fodido.*

Da Lily: *Fantástico pra caralho*.

Da Rose: *Não significa não. Melhor ainda, porra, não*.

Do Connor: *Connor Cobalt é um maldito narcisista*.

Connor ganhou a noite, mas ninguém queria dizer isso a ele.

Ryke está atualmente envolvido em seu próprio projeto. Ele também foi orientado a "relaxar" e manter o peso fora da perna direita por oito semanas. Depois sua fisioterapia começa.

— Ei, sexy, — eu abertamente flertei. Meu passo é mais um pulo, e seu olhar me segue para a cabana de entretenimento.

Então sua atenção retorna para a madeira e o pacote de parafusos. Ele troca seu martelo por uma chave de fenda. Eu gosto de seu foco intenso, mas da última vez que um médico disse a Ryke para pegar leve, ele estava fazendo flexões *no* hospital, empenhado em reduzir o tempo de recuperação. Então ele poderia correr mais rápido.

Escalar mais cedo.

Agora ele mal mencionou escalada ou fisioterapia ou perguntou sobre sua recuperação.

Sua falta de resposta e sua dedicação para construir um berço que não deveria ser construído por mais sete meses deixa meu estômago revirado.

Eu agacho e procuro através de uma das gavetas, transbordando com itens diversos, como bolas de tênis e baterias. — Se você precisar de alguma ajuda, — digo a ele, — ouvi dizer que sou particularmente boa em foder as coisas.

Ele faz uma pausa, meio virado na direção do berço. — É? E de quem você ouviu essa porra?

— Do meu marido. — Eu encontro seus olhos escuros. — Talvez você tenha conhecido ele? Ele não dá a mínima e tem o vocabulário mais sexy.

Seus lábios *quase* se levantam.

Tão perto.

Eu pego uma minúscula tesoura que mal cabe nos meus dedos e fecho a gaveta. Então me ajoelho ao lado de sua caixa de ferramentas, a montagem de seu berço apenas três por cento

completa.

— Ei, — eu digo baixinho.

— Ei, — Ele parafusa dois pedaços de madeira juntos, concentrando-se com uma carranca crescente.

Eu entendo estar triste de maneiras que não necessariamente fazem sentido. Acordar sentindo-se um pouco mais débil do que no dia anterior, um pouco mais vazio, e seu luto se manifestou nessa dolorosa dor. Eu vejo isso em seus olhos. Dói assistir alguém como Ryke, teimoso e comprometido, de repente diminuir a velocidade e se afundar na areia movediça.

Eu não posso tirá-lo de lá. Eu quero tanto, mas eu não posso despertar seu ânimo indo para uma corrida ou sendo o policial malvado. Eu tenho que ir devagar por causa do bebê, e ele precisa de alguém que vá cem por cento.

No silêncio tenso, Ryke levanta seu olhar pensativo para mim. — Como você está se sentindo? — Ele pergunta, sua preocupação apertando suas feições.

— Melhor. E quanto a você?

— A mesma merda. — Ele coça a mandíbula não barbeada, seu olhar caindo para sua montagem. — Eu liguei para seu pai esta manhã sobre o Escudo do Deserto.

Eu me endireito quase imediatamente, sua primeira menção de escalada desde o Peru. Meu pai tinha todo aquele comercial da Ziff em Utah planejado, mas não tenho ideia de qual é o prognóstico agora. — Ele está adiando? — Eu pergunto.

— Não. — Ryke pega as instruções do berço. — Eu pedi a ele para cancelar a merda da coisa.

Eu tento restringir minha emoção, fazendo o meu melhor para ignorar a flecha que ele está atirando em seu próprio coração. Já que ele tocou no assunto primeiro, eu cutuco um pouco. — Os médicos disseram que seria um caminho difícil para subir de novo, mas nunca disseram que seria impossível.

Seus músculos da mandíbula se flexionam e ele aponta para sua caixa de ferramentas que eu estou na frente. — Me passa a chave Philips.

Eu penso em como o Ryke Meadows teimoso se estenderia, revoltando-se contra sua própria incapacidade de se mover, e pegaria a coisa por conta própria.

Dizendo um grande *vai se foder* para a perna dele.

Ele congela enquanto agarra um pedaço de madeira, olhando para longe. — Eu não posso, Daisy. — Outra seta no homem que nós dois amamos.

— Não pode o quê? — Eu respiro.

Ele diz as palavras devagar, como se ele tivesse pensado muito sobre elas, mas agora elas são finais e reais, — Eu não acho que eu possa escalar novamente.

Eu me aproximo e coloco meus joelhos de cada lado do colo dele, sem colocar peso nele. Então eu agarro cada lado do seu rosto, olhando diretamente nos seus olhos.

Ele me segura, envolvendo seus braços em volta de mim.

— Onde quer que você vá, eu vou, — eu sussurro. — Eu estarei aqui, não importa o que aconteça, mas tenho que avisá-lo. — Eu coloco minha melhor voz ameaçadora.

— É? — Seus lábios começam a subir, algo tão familiar que se agita dentro dele. *Quase, Ryke, quase.*

— Esteja avisado, — eu digo, — minhas cantadas não vão a lugar algum. Você pode rejeitá-las ou aceitá-las, mas elas estão aqui para ficar.

Ele levanta as sobrancelhas. — Desde que essas cantadas sejam usadas apenas em seu maldito marido. Ouvi dizer que ele pode ser um idiota ciumento.

Meu sorriso se alarga, e seus olhos voam ao redor dos meus lábios, como se sentindo o meu sorriso correr através dele. — Meu marido também é um lobo alfa, então você não deve mexer

com ele. Ele é conhecido por mastigar aqueles que me machucam. — Julian no topo da lista. Meu advogado entrou em contato com meu ex-namorado, e felizmente eu não ouvi um pio dele desde a véspera de Ano Novo.

Ryke me puxa para mais perto de seu peito, e ele esfrega o nariz contra a minha bochecha. Meus lábios se esticam mais, meu corpo está arejado e sinto sua aura imitando a minha. Só por este momento, pelo menos. Ele segura a parte de trás da minha cabeça e me beija daquele jeito agressivo e febril que nós dois amamos.

— Craisins! — Lo grita e bate na parede.

Nós relutantemente nos separamos. Loren Hale está no quarto degrau, Connor ao seu lado. Ryke envia um olhar sombrio para eles.

— O quê? — Diz Lo. — Eu sempre esqueço esse nome bobo.

Não é exatamente por isso que Ryke está carrancudo. — *Não*, — ele diz a ele. — Não, porra, não, eu disse não. O fim.

— Você ficou preso nesta casa durante toda a semana. O mínimo que você pode fazer é andar por uma loja de brinquedos por trinta minutos. É sério, mano, você já tomou banho?

Ele definitivamente tomou, mas ele não vai usá-lo como defesa. Esta é a quadragésima vez em que Lo pediu a Ryke para sair com eles. Desta vez, eles vão levar Moffy e Jane para a loja de brinquedos. Os paparazzi desenfreados, após o susto da morte, acalmaram um pouco, o suficiente para levar as crianças para algum lugar divertido.

— Apenas me deixem em paz, porra. — Ryke se concentra no manual de instruções.

Eu me afasto dele, evitando o olhar assassino de Lo que perfura seu irmão mais velho. Quando saio do quarto, passo os dois homens na escada.

Lo pega meu braço. — Como ele está? — Ele pergunta baixo, então Ryke não consegue ouvir.

— Do mesmo jeito. — Ainda mais calma, eu digo: — Ele precisa de você, Lo.

— Eu estou tentando. — Suas maçãs do rosto afiam e, em seguida, ele me puxa para cima mais alguns degraus, então Ryke está fora de cena.

Connor segue o exemplo, sua sobrancelha arqueada como se isso fosse tudo bobo, mas eu me pergunto o que ele pensa agora. Se ele tem todas as respostas que nós simplesmente não podemos ver.

Muito fracamente, Lo diz: — Ele não é a pessoa mais fácil de fazer *feliz*. Eu cozinho panquecas do Darth Vader para Lily e ela age como se eu tivesse iluminado seu maldito mundo. Pelo amor de Deus, Rose se aproximou e colocou um *Pop-Tart* na torradeira para ela e isso a fez feliz. Eu não posso ver isso trabalhando para o meu irmão agora.

— Você sabe o que o faz feliz, — eu sussurro. *Centenas de metros de ascensão.*

— Você também não é fácil, — Connor lembra Lo. — Mas isso nunca impediu seu irmão quando o assunto era você.

Lo olha para o pé da escada, mas Ryke está fora de vista agora. Então ele acena com a cabeça para si mesmo como se dissesse *eu entendi*. — Ele tem sete semanas para ficar se lamentando em volta da merda. Depois disso, eu estou chutando a bunda dele.

Eu ouço o que ele não falou: *Assim como ele chutou a minha.*

* * *

— Você dois fizeram aquilo, sabe, desde aquilo, sabe? — Lily me pergunta vagamente, desenhando estrelas em torno do *Primeiro Natal de Maximoff Hale* em seu álbum.

— Se Ryke e eu comemos sorvete desde que Lo e você limparam totalmente o freezer de todos os de chocolate com menta? — Eu suspiro. — Não.

Ela tenta chutar minhas pernas debaixo da mesa de café, nossa estação de trabalho no chão, mas eu estou sentada de pernas cruzadas. Suas bochechas se avermelham com o esforço e eu sorrio para sua tentativa.

Ela desiste depois de um segundo ou dois. — Isso ficou mais claro na minha cabeça.

Eu ouço o *tec tec* de Willow em seu laptop entre nós. Poppy está ausente já que Maria queria ir para uma aula de atuação neste fim de semana, e Poppy está escondida em Nova York, apoiando o interesse atual de sua filha.

Rose está ocupada, rabiscando com a caligrafia mais *limpa*, a capa do livro encadernado, apoiado na barriga redonda. A única no sofá, mais alta que todos nós. Muito rainha, se você quer saber.

Lily reescreve sua pergunta sem corar: — Vocês já fizeram sexo desde o Peru?

Eu sacudo minha cabeça. — Não foi possível, mais para mim do que para ele. — Eu poderia ficar por cima, se ele realmente quisesse fazer sexo, mas depois da hemorragia, todas as atividades vaginais cessaram por algumas semanas. Eu não acho que isso o incomoda, já que eu não o ouvi se masturbando nem nada.

Eu não acho que sexo esteja em seu cérebro.

— Você está preocupada com isso? — Lily me pergunta.

— Não, — eu digo. — O que tiver que acontecer, vai acontecer. — Estou mais preocupada com a medicação para dor de Ryke. Ele geralmente acaba logo no início, mas não está limitando sua ingestão. Eu não quero trazer isso à tona agora.

— Como ficou? — Rose nos pergunta, mostrando a capa de seu álbum de recordações.

A evolução do estilo de Jane Eleanor Cobalt em letras cursivas. Rose até separou cronologicamente fotos de Jane e as colocou em pilhas de acordo com as estações e cores, obsessivamente organizadas.

É uma coisa muito Rose Calloway Cobalt para fazer.

O nariz de Lily se enruga e ela olha para os rabiscos bagunçados de *O Primeiro Natal de Maximoff Hale*. — Talvez você devesse escrever no meu.

— Não, — eu digo antes de Rose aceitar. — Eu gosto da sua, Lily. — Ela praticamente uiva com sua personalidade e amor pelo filho.

— Eu também, — Willow concorda. — É fofo. — Ela olha para o sofá. — Seu livro é bonito também, Rose.

Rose verifica seu próprio trabalho com um sorriso de satisfação, sabendo que ele atende a seus altos padrões, mesmo sem o elogio adicional.

Estou no meio de colar uma foto de casamento em uma página em branco. Ryke está esmagando bolo de chocolate na minha boca. Nosso bolo de casamento sete camadas de puro céu. É uma das minhas fotos favoritas porque ele foi pego no meio da risada. Seu rosto se iluminou de felicidade.

Pergunto a Rose: — Então, qual é o prognóstico do estilo de Jane?

— Ela odeia preto, — diz Rose, não chocada com o resultado, e eu percebo seus lábios puxando um pouco para cima. — Então, além do fato de que ela traiu a cor básica da Calloway Couture, ela é um belo monstro em miniatura com um talento para chorar em público. — Ela mostra quatro fotos dela berrando nos banheiros.

— Você tirou fotos dela chorando? — Lily diz como se ela tivesse ficado louca.

— Então ela pode ver seu *verdadeiro* eu. São só para ela. Eu não as colocaria nas redes sociais. — Ela arruma as fotos de volta em suas pilhas corretas. — Connor e eu concordamos que é uma boa forma de controle de natalidade. Fotos de bebês chorando me faz até reconsiderar um

quarto filho. — Mas enquanto sua mão afaga *carinhosamente* sua barriga, fica claro que ela ficaria contente com um exército inteiro.

Honestamente, acho que todos estamos torcendo por dois garotos, então haverá mais Cobalts por vir.

Eu procuro dentro de uma cesta de suprimentos para o álbum e vejo algumas edições de uma revista de celebridades. Não é tão ousado ou popular como o *Celebrity Crush*, então é possível que ele tenha vindo com a assinatura da Rose na Vogue e ela não sabia.

Eu tento não espiar as manchetes deles, mas elas estão me encarando.

Acidente do Ryke: como Lily Calloway nunca saiu do seu lado.

Isso me machuca, e eu realmente, realmente gostaria que isso não acontecesse. Eu gostaria de nunca ter visto. Eu empurro a cesta de volta.

— Posso perguntar uma coisa para vocês? — Willow fala.

Eu respondo primeiro, — Qualquer coisa. — Eu cutuco o braço dela, esperando que essa conversa me distraia.

Ela limpa as lentes no macacão. — Vai fazer seis meses desde que Garrison e eu nos tornamos um casal oficial, e ele me perguntou se eu queria fazer algo especial. — Willow fecha seu laptop. — Eu meio que apaguei e disse *claro*. Agora eu estou enlouquecendo porque eu disse isso a Lo ontem e ele disse que *especial* é um código para *sexo*.

Rose revira os olhos. — Seu primeiro erro foi falar com Lo.

— Ei, — Lily defende o marido. — Ele dá bons conselhos.

Eu mal sorrio ou dou minha opinião, meus olhos brilhando na revista. Eu não entendo porque eles têm que colocar ele como casal com a minha irmã. E porque eu não sou boa o suficiente para ser aquela ao lado de sua cama.

Rose diz: — Loren me disse para esfriar minha cabeça a enfiando no freezer. Ele também disse que eu deveria construir minha casa lá para que eu possa dominar os cubos de gelo e os brócolis congelados.

Lily se esforça para não rir.

Rose fica de boca aberta. — Irmãs antes de maridos idiotas. — Ela está prestes a jogar o batom na Lily, mas pensa bem antes de usá-lo como um projétil.

— Eu sou pró-Rose, mas também sou pró-Loren Hale. — Lily lembra. — Eu posso ser os dois.

Rose revira os olhos novamente, mas não discute.

Acidente do Ryke: como Lily Calloway nunca saiu do seu lado. Isso lateja na minha cabeça.

Rose olha para Willow. — Você perguntou ao Garrison se é sobre sexo?

— Não, — diz ela. — Eu não quero estragar o 'algo especial' se não for sobre sexo. — Ela parece mais confusa, limpando suas lentes novamente. — É ruim se eu não quero fazer sexo ainda?

— Não, — diz Rose inflexivelmente. — Não há cronograma para perder sua virgindade. Eu sabia que amava Connor há muito tempo e ele esperou até eu estar pronta.

— Como você sabe quando está pronta? — Pergunta Willow.

Eu olho para minhas mãos.

Eu penso na minha vida. Eu gostaria de ter esperado para fazer sexo até que meu corpo estivesse falando *sim, inferno, me pegue agora*. Fiquei me colocando em situações desconfortáveis, esperando por um resultado final que nunca viria.

— Quando você se sente mais forte e mais confortável nos braços de quem quer que seja, — diz Rose, — então você sabe.

Willow acena com a cabeça e, em seguida, verifica seu celular, um sorriso bobo apaixonado, florescendo, um que eu experimentei com Ryke Meadows.

Ela está apaixonada.

Lily está sorrindo para Willow. — É o Garrison?

— Ele me enviou isso. — Ela mostra suas mensagens, um gif do filme Meu Primeiro Amor, onde o garotinho e sua melhor amiga se beijam.

Acidente do Ryke: como Lily... eu me levanto.

— Vou sair por um segundo para tomar ar fresco. Volto em um minuto, — digo a minhas irmãs e Willow, me observando com preocupação.

Quando chego a entrada da casa, ouço Willow sussurrar: — Acho que ela estava olhando para essa revista...

Abro a porta, fecho-a e sento-me no segundo degrau de tijolos. A estrada do bairro está tranquila e é um dia ensolarado. Eu inalo o ar fresco, esperando para me sentir melhor.

Só fico mais triste.

— Daisy?

Eu viro minha cabeça assim que Lily sai do lado de fora, usando leggings cinza e uma camiseta preta da Superheroes & Scones, sem sutiã. Eu provavelmente peguei esse hábito de "sem sutiã" dela, minha irmã mais velha por quatro anos.

Ela se senta ao meu lado e me sinto mais jovem do que ela hoje. Não é todos os dias que isso acontece.

— Eu vi a revista, — ela sussurra.

Eu me encolho. — Eu sinto muito...

— Você não fez nada. Você não pode sentir muito, — ela me diz, o queixo tremendo um pouco, mas ela levanta a cabeça. Eu fiz alguma coisa. Estou chateada, e não é culpa dela, mas tem a ver com ela.

Eu balanço minha cabeça inflexivelmente. *Eu não quero te machucar*. É a frase que repetimos uma a outra por anos. Nós duas andamos na ponta dos pés quando estamos juntas. Seu vício divulgado causou uma série de eventos. Como meus amigos me antagonizando. Como ser chamada de "futura viciada em sexo" na imprensa. Sendo assediada.

Ela se culpa. Eu estou machucada ao saber que eu a machuquei. Mesmo quando sabemos que todas essas outras pessoas são as culpadas. Meus amigos. A mídia. Não ela. Não eu.

Eu não consigo me conter. Eu continuo o ciclo e digo: — Eu não quero te machucar.

Lily fica quieta por um momento antes de dizer: — Eu sou mais forte do que você pensa. Você só precisa acreditar em mim. Você sabe, como uma fada.

Eu acredito em fadas. Acredito. Acredito. O canto jubilante de *Peter Pan* enche meus ouvidos.

Eu olho para ela, lágrimas nos nossos olhos. É assim que terminamos isso? Eu confio que posso compartilhar minha dor com ela e que ela não vai desmoronar sob a dor?

Ela acena para mim como se dissesse *vai em frente, eu posso lidar com isso.*

E eu testo as águas e digo: — Eu só queria que as pessoas vissem a pessoa que eu sinto que sou em vez daquela que eles acham que sabem? Talvez então eles vejam o quanto eu o amo e o quanto eu não posso deixá-lo ir.

Eu começo a chorar, e Lily me abraça com força, suas bochechas redondas manchadas de lágrimas também. E ela sussurra em meu ouvido: — Eles não nos conhecem, Daisy, mas eu conheço você. Eu vi você crescer. Você me fez sorrir quando Lo estava na reabilitação, e eu vi você se apaixonar. Temos todos esses momentos juntos e eu não quero que a mídia tire mais nada de nós. Porquê… nós merecemos melhor. Nós merecemos felicidade. Como irmãs. E como amigas.

Eu nunca a ouvi falar com tanta convicção. Como se o mundo exterior não pudesse machucá-la.

Sentadas uma ao lado da outra nos degraus da frente, eu a abraço de volta com a mesma força, acreditando em suas palavras. Acreditando nela.

— Eu te amo, — eu praticamente choramingo.

Eu sinto suas lágrimas no meu ombro. — Eu também te amo.

Marés escuras correm para longe de nós. Anos e anos de mágoa, remorso e culpa, apropriando-se das cicatrizes que outras pessoas marcaram dentro de nós.

Eu sinto isso sair.

Tudo sumiu.

Tudo se foi.

E eu acho que Lily Calloway é muito, muito mágica.

< 50 >

RYKE MEADOWS

— Dois ovos pochés em torradas de trigo e outro café, — Connor pede depois que Lo e eu fizemos o nosso pedido no Lucky's Diner, a garçonete saindo rapidamente.

Minha perna engessada ocupa uma das fodidas cadeiras, nossa mesa espremida no canto dos fundos, longe das janelas. Mesmo às 8:00 da manhã, o hotspot local de Filadélfia está lotado.

Não costumava ser assim, mas depois de *Princesas da Filadélfia* - já que frequentamos o lugar o tempo todo - o Restaurante Lucky's Diner se tornou um destino turístico para a maioria das pessoas fora da cidade.

Faz vir aqui uma maldita viagem - uma razão pela qual as garotas ficaram para trás. Daisy até passou por aqui, mas acho que ela estava ansiosa para levar Nutty para passear.

— Saiam da Filadélfia! — Um velho mal-humorado resmunga para nós de uma cabine adjacente. Ele também gesticula para nós como se dissesse *vão se foder*. Ele reclama do fluxo de pessoas, especialmente aquelas com celular apontados para nós.

Você poderia pensar que as pessoas iriam esquecer do ódio que sentem pelas Calloways e seus homens depois que eu quase morri, mas é ainda pior. As pessoas querem a história por dentro, e não as deixamos entrar o suficiente - não como costumávamos com *Princesas da Filadélfia*. Quando algo grande acontece com a gente, eles simplesmente veem o que perderam.

Os olhos de Lo brilham quentes e assassinos para o velho. Meu irmão está tentando morder sua língua.

— Não diga nada, porra, — digo a ele, segurando minha xícara de café.

— Eu morei aqui toda a minha vida, — Lo rebate para mim. — Ele parece o velho no mar. Eu nem ficaria surpreso se ele tivesse crescido em Coney Island. Ele abre um pacote de açúcar, agravado, e coloca em seu café.

— Talvez Ryke deveria marcar nosso território. — Connor mexe em seu relógio Rolex, seus profundos olhos azuis subindo para os meus. — Ou só os hidrantes te excitam?

Eu reviro meus olhos, sem vontade de falar.

— Precisamos de um recorte de papelão da Daisy, — Lo diz. — Isso excita você, Ryke?

É nesse momento que eu coloco meu café na mão e o mostro os dedos do meio com as duas mãos.

Ele se inclina para trás e começa a bater palmas.

Connor se junta.

Eu quero matá-los, porra, mas em vez disso, eu jogo pacotes de açúcar em seus rostos. — Vão se foder vocês dois. Vão se foder. — Connor olha para mim como se eu tivesse me transformado em uma criança.

— Porra, — Lo fala, — o aniversariante está cheio de xingamentos hoje.

— Todos os dias, — corrige Connor, — é uma aflição em sua personalidade. Eu o mandaria de volta para o canil, mas eles provavelmente o mandariam de volta para mim.

Hilário pra caralho.

É 19 de setembro de 2017.

Tenho vinte e oito anos.

Daisy tem vinte e um.

Em fevereiro, serei pai se tudo der certo. Eu não tenho certeza se isso vai acontecer. Daisy e eu claramente não temos boa sorte. Eu já estou entorpecido com a existência de hoje e do dia

seguinte - estou contando para fevereiro? Talvez. O tempo parece diferente do que costumava ser.

Minha perna lateja agora, meus músculos pulsando. Como facas pressionadas contra minhas terminações nervosas. Eu me mexo em minha cadeira, o gesso um membro do caralho que eu tenho arrastado por oito semanas.

Sinto os olhos estreitos do meu irmãozinho se prenderem aos meus movimentos. Até Connor me estuda mais agora do que ele já fez.

— Vão se fuder, — digo aos dois, sabendo o que estão pensando. Além dos momentos em que Daisy me excita, não tenho ideia de como passo cada hora. Agosto foi o mais lento borrão da minha vida. Setembro já imitou aqueles dias prolongados e lentos.

Eu estou me arrastando.

Eu sei que estou e posso arrastar mais cinco meses. Sete. Oito e Nove. Eu nunca estive tão cansado ou tão lento, e por mais frustrante que seja *tentar* me mover mais rápido, eu me cansei da luta.

Alguma coisa. Alguma coisa morreu dentro de mim. E eu não acho que vai voltar.

Eu só saí para o café da manhã porque Lo basicamente disse: — Se você não vier comigo, eu vou beber uma garrafa de bourbon bem na frente do seu rosto feio.

Foi um tiro barato, mas também funcionou. Estou aqui. Ambos tiraram o dia de folga numa terça-feira, hoje, só para mim.

Mesmo depois que eu disse a eles para não fazerem isso.

— Então, Lily pesquisou, — Lo me diz enquanto a garçonete reabastece o café de Connor, em seguida, sai, — e você pode ganhar *pelo menos* meio milhão se vender seu gesso no eBay amanhã.

Minhas sobrancelhas franzem. — Você está brincando.

— Eu juro. — Ele levanta a mão como um juramento.

— Meu nome está na sua perna, — me lembra Connor. — Provavelmente vale mais perto de um milhão ou dois.

Eu franzo a testa. — Não diga essa porra dessa maneira.

— Que maneira? — Seu sorriso já está crescendo rapidamente, sabendo exatamente do que estou falando. — *Meu nome está na sua perna* é uma declaração factual.

— Parece que eu sou sua propriedade, Cobalt.

Connor sorri ainda mais. — Se isso fosse verdade, eu teria escrito meu nome maior.

Fantástico pra caralho.

Eu olho para a minha perna engessada, estendida em outra cadeira. Da minha coxa até o joelho - visível para mim e para todos os outros - ele escreveu em letras escuras: *Connor Cobalt é um maldito narcisista*. Essas podem ser minhas palavras exatas, mas ele é o único que conseguiu colocar *seu* nome no *meu* gesso.

Eu balanço minha cabeça algumas vezes, minha mente tomando um pequeno desvio. — Você vendeu o seu gesso? — Eu pergunto a Lo. Ele quebrou a mão há muito tempo; algum fodido propositalmente jogou um haltere nele na academia.

— Não, eu não precisava do dinheiro. — Ele se encolhe um pouco, sabendo o que ele está sugerindo.

Eu não estou tão ofendido. Eu apenas digo a verdade, — Eu não preciso da porra do dinheiro também. Não se preocupe comigo. — Eu não estou escalando. Eu não tenho poupança. Minha renda é o que eu tinha, e as finanças de Daisy estão reunidas em seu acampamento.

É suficiente. É mais do que suficiente, e ele precisa ver que eu vou ficar bem. O que quer que eu faça. Não é sobre dinheiro. Nunca foi.

— Tudo bem, — diz Lo, — você fodeu recentemente? Porque talvez o seu maldito problema seja de bolas azuis.

Eu estreito os olhos para ele.

— Eu não sou o único que pensa isso.

Eu me concentro em Connor, seu cabelo castanho assustadoramente perfeito. — Eu disse uma superabundância de testosterona, — esclarece Connor, tomando seu café com calma.

Eles estão esperando por mim para resolver o mistério da minha vida sexual, e antes de reunir minhas palavras, nossa comida chega. Enquanto os pratos são colocados ao nosso redor, Lo diz: — Não consigo acreditar que você pediu uma omelete. — Ele está me encarando como se eu tivesse sido sequestrado e substituído por outra pessoa.

Eu não posso dizer que sou o mesmo quando me sinto diferente pra caralho. — Estou tentando algo novo, — eu defendo.

Lo tem o cotovelo na mesa, a mão na testa, angustiado pra caralho com a sua visão de mim. Isso me rasga um pouco, e eu realmente penso em pedir uma tigela de cereal ou salsicha e ovos mexidos.

— Você está com medo de fazer sexo com ela? — Connor pergunta quando a garçonete sai. Eu o vejo cortar a torrada e os ovos com um garfo e uma faca, minha mente só agora processando sua pergunta e abandonando a comida.

— Porque eu estaria?

— Ela está grávida e é perceptível.

Não me diga. *Celebrity Crush* e outros tabloides fizeram um tumulto quando viram sua barriga redonda, visível apenas de uma camiseta. Não divulgamos um comunicado confirmando sua gravidez, mas é óbvio.

— E, — acrescenta Connor, — estou supondo que esta é sua primeira vez fodendo uma mulher grávida. Pelo menos, eu espero, mas você tem um gosto eclético nas mulheres.

Eu tomo um gole de café morno e, em seguida, gesticulo para ele com a caneca. — Nós somos amigos?

— Bons amigos, e é por isso que estou perguntando. — Ele obviamente sabe o que é fazer sexo com uma garota grávida. O mesmo acontece com Lo.

Eu realmente não preciso dos conselhos deles, tanto quanto tenho certeza que eles vão dar.

— É a primeira vez que faço sexo com uma garota grávida, — eu digo, não é realmente um grande choque aqui. — E já que eu fodi Daisy *ontem*, não, eu não estou exatamente com medo. — Eu pego a omelete com o meu garfo e, em seguida, passo a mão pelo meu cabelo despenteado. — Foi a nossa primeira vez desde o Peru…

Ambos ouvem mais de perto.

— Olha, não tem nada a ver com a porra da minha perna. Eu posso contornar isso. Eu simplesmente não me senti afim e ela também não.

— Até ontem? — Pergunta Lo, mordendo seu burrito no café da manhã.

Eu concordo com a cabeça. — Sim. Ela está flertando pra caralho. — *Lagoa Azul* estava passando em nosso quarto, seu filme favorito. Ela estava fingindo que estávamos presos em uma ilha juntos. Nós dois mudamos perfeitamente de brincalhão para excitados. Quase ao mesmo tempo os personagens começaram a fazer sexo no filme.

Lo acena para mim. — Como você faz com a sua perna? Porque há somente algumas posições que você pode fazer enquanto ela está grávida.

— Eu coloquei todo o meu peso na minha perna esquerda, — eu explico o melhor que posso. — Ela estava de costas e eu me levantei no final da cama.

— Sem muletas?

— Sem muletas. — Que estão atualmente no chão debaixo da porra da mesa.

Lo inclina a cabeça para mim. — Então, você está dizendo que está disposto a se esforçar para se levantar e foder sua esposa, mas não pode sair comigo e mancar mais vezes?

— Eu amo sexo pra caralho, — eu digo a ele, colocando um pedaço seco de omelete na minha boca.

— Você ama escalar, — ele retruca.

Eu fico rígido. — Não, Lo. — Eu não estou com vontade de discutir com ele sobre desistir disso. Ele fez comentários curtos como esse nas últimas oito semanas. Ele é quem queria que eu parasse na porra do primeiro lugar. Não importa o que eu faça, ele sempre está com raiva.

Ele se fecha, mas não sem um olhar mortal na minha direção.

— Quando seu gesso sair amanhã, — diz Connor, — você pode tentar ajoelhar-se e apoiar as costas dela embaixo de um travesseiro.

Eu duvido que eu possa colocar peso no meu joelho direito por um tempo, mas eu não menciono isso. — Você já teve medo de fazer sexo com Rose? — Eu pergunto já que ele que saltou para essa conclusão.

— Lo disse que ele teve quando Lily estava grávida.

Eu nunca ouvi isso, mas talvez eles tenham conversado sobre isso quando as esposas estavam grávidas na mesma época.

Lo dá de ombros. — Primeiro, Lily não é submissa na cama como a rainha Rose. Eu tenho alguém que legitimamente vai pular nas minhas costas como um bugio. — Ele realmente começa a rir, pensando nela.

Connor e eu sorrimos porque esse Lo é bem raro.

Lo acrescenta: — Sabendo que meu filho não nascido estava em seu corpo, mexeu com a porra da minha cabeça. Então, sim, eu estava com medo de machucar ela ou ele.

— Porra, — eu digo, percebendo que provavelmente vai acontecer comigo pelo menos uma vez.

— Não é tão ruim assim, — diz Lo, provavelmente para que eu não fuja do sexo. — Eu faria de novo.

— A coisa toda de criança? — Eu pergunto com as sobrancelhas levantadas. Este é o cara que duvidou se ele seria um bom pai. Que pensou que uma criança teria o azar de tê-lo como pai, mas Maximoff Hale é uma das crianças mais afortunadas do mundo. Porque a vida dele é cheia de amor incondicional.

— Sim, a coisa toda de criança.

Eu aceno para Connor. — E você? Você sente o mesmo que Lo? — Ele nunca disse se sentiu medo ou não, apenas que Lo sentiu.

Ele abaixa o garfo e a faca, pegando o café. — Você quer uma aula do que me excita?

Eu vejo onde isso está indo. — Claro.

— Eu gosto de fazer Rose confortável durante o sexo e apenas empurrar os limites que ambos estão de acorda. Ela é inegavelmente mais frágil quando está grávida, mesmo mentalmente, e isso me seduz. Cuidar dela. Foder ela. — Ele nos diz: — Eu vou mais suave do que o habitual, mas eu gosto de saber que ela confia em mim para dar-lhe prazer, não desconforto.

— O que ele disse, — brinca Lo.

Eu realmente rio. Sua descrição soava muito mais atraente do que o medo de Lo. Embora eu possa me ver sentindo os dois.

Meu riso morre muito rápido, o constante e perpétuo latejar na minha perna começa a me irritar. Eu cavo no meu bolso curto por um frasco de remédio. Eu abro a tampa dos meus

analgésicos e pego dois, colocando-os na minha boca no mesmo tempo que Lo estica a mão para o outro lado da mesa e *rouba* o frasco.

Eu os engulo sem água, caindo como um caroço seco. — Que porra é essa? — Eu rosno, estendendo meu braço para ele dar os remédios de volta.

Ele lê o rótulo ao lado. — Quantos você tomou hoje?

— Lo, — eu digo. — Você não é meu maldito médico.

— Não, eu sou seu *irmão*, — ele diz como se tivesse que me lembrar. Como se eu tivesse esquecido o papel dele na minha vida. O problema é que eu sou o cara mais difícil, não ele. — Você sabe que somos alcoólatras, certo?

Meu queixo endurece, a tampa do frasco de comprimidos na minha mão. — Sim, estou ciente.

— Você sabe que estamos mais propensos a ser viciados em pílulas?

Meus músculos do ombro se contraem.

— Você sabe que quando você fez sua cirurgia de transplante você não tomou um comprimido para dor quando você voltou para casa?

— Isso foi diferente pra caralho, Lo. — Eu olho para Connor para ver se ele vai adicionar ao comentário de Lo.

Ele simplesmente bebe seu café, não se colocando entre nós.

Lo examina o frasco como se fosse a causa da minha miséria. Não é. — Como é diferente? — Pergunta Lo. — Você estava fisicamente machucado naquela época. Você está fisicamente machucado agora. — Seus olhos âmbar me perfuram friamente.

— Apenas foi.

— Isso não é bom o suficiente.

Pelo amor de Deus. Eu olho para ele, prestes a empurrar meu omelete para longe e sair dessa porra. — Você sabe por que é diferente. — Eu estico a mão para o frasco de comprimidos novamente. — Dê para mim, Lo. Eu não estou brincando.

— Você me diz por que e eu vou dar a você.

Ele está me provocando, e eu não tenho outras fodidas cartas pra jogar.

Eu reviro meus olhos. Posso dizer isso? Posso realmente dizer as palavras do caralho?

— Por que isso é diferente? Vamos, Ryke. Por que isso é tão importante para você...

— Ele morreu, — eu quase grito. — Agora me devolva meus malditos analgésicos.

Ele despeja todos eles em seu café.

Eu vou matá-lo. Eu me levanto abruptamente da mesa, lutando para ficar em uma perna e ajustando a porra da outra. Eu me abaixo um pouco para pegar minhas muletas, mas Lo rouba as de mim também.

— Vai se fuder, — eu rosno. *Eu vou matar meu irmãozinho*.

Meu sangue está fervendo e Connor se levanta, calmamente colocando dinheiro na mesa para pagar nossa refeição. Vendo que este é o fim do café da manhã.

— Qual é a porra do seu problema? — Eu grito para ele, telefones com câmera apontando para nós. Clicando. Piscando. Capturando minha mágoa e raiva.

Lo anda ao redor da mesa com minhas muletas, aproximando-se de mim até que seu peito está a cerca de um centímetro do meu. E ele diz humildemente: — Você não toma oxicodona para dores emocionais. Você é mais forte que isso.

Eu agarro o topo da cadeira, ajudando-me a equilibrar enquanto suas palavras me atravessam. — Talvez eu não seja, — digo em voz baixa.

Sua mandíbula fica afiada. — Você é, e eu vou te dizer o que mais está acontecendo. Liguei para o seu fisioterapeuta, que disse que você queria adiar as sessões por mais quatro meses.

Não se preocupe, eu consertei essa pequena confusão com ele. Você está começando a fisioterapia amanhã, brilhante e cedo. Como você gosta.

— Lo...

— Também pedi a ele que me enviasse seus treinos diários obrigatórios quando ele não está com você. Você não vai ficar sem fazer uma fodida flexão, Irmãozão. — Ele me entrega minhas muletas.

Eu não estou acostumado com isso de Lo. Ele nunca teve que desempenhar esse papel na minha vida, e eu sinceramente nunca pensei que ele faria. Ele é apático, muito preguiçoso - sou eu quem o puxa da cama. Quem o arrasta para a academia. Quem o lembra por que ele está vivendo.

Eu não posso dizer nada, sufocado com mais emoção. Eu coloco minhas muletas debaixo das minhas axilas. E então noto um garoto, talvez doze anos, carregando uma sacola de papel amarrada. Olhos em Lo. Seu braço vai para trás.

— Lo, — eu começo, prestes a pisar na frente dele, mas Connor é mais rápido. Deslizando na frente de Lo, de frente um para o outro, assim que a criança lança a sacola.

Não é como as outras bombas de farinha. A explosão tem um raio mais curto e cobre apenas a parte de trás da camisa social preta e do cabelo de Connor. Sua expressão normalmente impassível está cheia de irritação.

Nossos guarda-costas, que estavam do lado de fora, de repente entram e pegam o garoto. — Vocês são uns merdas! — O menino grita para nós.

— Clássico, — diz Lo para o garoto enquanto tenta tirar a farinha do cabelo de Connor. — Talvez você devesse insultar alguém que realmente liga.

O menino mostra o dedo do meio para ele, sendo arrastado para a saída. O guarda-costas de Connor pergunta se ele quer dar queixa, e Connor diz: — Me dê tempo para pensar sobre isso.

— Ele é um garotinho, — lembra Lo.

— Isso estabelece um precedente. Este é o primeiro bombardeiro que pegamos. Se eu deixá-lo ir, provavelmente haverá outro. Precisamos acusar alguém de agressão.

Eu estou desconfortável em fazer isso com um pré-adolescente, mas não é a minha merda de decisão. Eu aceno para Connor, farinha polvilhada na testa e alguns em sua bochecha. Nenhum em seus olhos ou boca. — Você tem uma coisinha no seu rosto, Cobalt.

— Não fique tão excitado comigo na próxima vez e sua mira será melhor, — diz Connor. Nem perto de estar abalado, apenas um pouco irritado por seu cabelo bagunçado. Ele não pode consertá-lo sem um banho. — Eu não culpo você se isso é pedir demais. Eu excito a maioria das pessoas.

— Meu pau nunca ficou tão mole igual está nesse fodido momento, — digo a ele.

Ele ri.

Eu também rio, mas não por muito tempo.

Lo senta-se na beira da mesa com olhos estreitos. Ele nos diz: — Não estamos prestando queixas contra essa criança.

Meu irmãozinho tem um fraquinho por crianças imprudentes e perigosas, e é difícil dizer não a ele quando ele tem esses olhos suplicantes, mas implacáveis.

— É a decisão do Connor, — eu digo, mas sinceramente me preocupo que alguém bombardeie Daisy novamente. Nós punimos esse garoto pelos erros de todos? Fazer dele um exemplo? Apenas para nos beneficiar.

Eu acho que cinco anos atrás, Connor teria sem dúvidas feito isso, mas com o tempo, Lo o mudou. E ele diz: — Vamos deixá-lo ir.

Seu telefone vibra e ele verifica a mensagem. Todo o seu comportamento se altera, mais sério, mais alerta do que os momentos anteriores. O que quer que isso seja, tem que ter maior importância e prioridade para Connor do que esses bombardeiros de farinha.

Eu acho que sei o que está acontecendo.

— O que há de errado? — Pergunta Lo, levantando-se da mesa.

Nós já começamos a sair, e eu uso minhas muletas para manter a pressão na minha perna direita.

Assim que Connor empurra a porta, ele diz: — Rose está entrando em trabalho de parto.

No meu aniversário. Ela está dando luz à gêmeos.

< 51 >

DAISY MEADOWS

Charlie Keating Cobalt e Beckett Joyce Cobalt nasceram em 19 de setembro de 2017 com dois quilos e quatrocentas gramas e dois quilos e trezentas gramas, respectivamente.

Dois meninos.

Dois pacotes de fofura e adorável alegria. Eu nunca vi Rose tão feliz por estar em um hospital com médicos que confirmaram a boa saúde de seus bebês, na hora.

— Vamos apostar em quantos bebês eles vão ter? — Pergunto enquanto sento no balcão da cozinha. Estamos indo para a casa de Rose e Connor depois que nosso bolo ficar pronto. Seus bebês já têm doze dias de vida.

Quão rápido eles crescem.

Eu toco minha barriga de grávida, moldada pela minha camiseta de sereia verde pálida que diz *me encontre no fundo do mar*. Eu continuo pensando que meu estômago vai encolher de volta ao normal. A qualquer minuto. Poof. Ele ou ela terá ido embora.

Não vá ainda. Apenas fique um pouco mais.

Mais um dia comigo.

— Provavelmente cinco. Qual é o seu fodido palpite? — Ele abre o forno, verificando nosso bolo de baunilha. O timer diz mais três minutos, mas ele definitivamente é o melhor cozinheiro entre nós.

A maioria das minhas teorias é cínica, mas um punhado permanece forte no círculo positivo das coisas. — Eu gostaria de pensar que se você quiser algo o bastante, vai acontecer, — digo a ele. — Então, eu estou supondo que oito crianças. — É o que Rose e Connor querem no final, mesmo que Rose afirme que ela ficaria feliz com qualquer número.

Ryke acena e tenta se agachar para ver o bolo, segurando sua muleta para apoio parcial.

Eu engulo, prendendo a respiração um pouco.

É uma ação simples. *Se inclinando*.

Mas não quando sua perna e coxa direita têm um ferro, uma haste e parafusos, sua cicatriz sobe a perna. O gesso foi cortado e destruído.

Não é como se ele ganhasse total mobilidade com o estalar dos dedos. Ele só teve doze dias de fisioterapia junto com Lo o agravando todas as noites para terminar seus treinos. Ainda bem. Eu não acho que ele faria isso sem esse empurrão extra.

— Porra, — Ryke resmunga baixinho, lutando para dobrar o joelho direito. Ele estremece um pouco.

A coisa com Ryke é que ele prefere fazer muito por conta própria. Eu não posso me intrometer, senão ele ficará mais frustrado, então eu pergunto: — O que eu posso fazer?

Seus músculos da mandíbula estão tensos. — Só me jogue a porra da luva do forno.

Sem pular do balcão, eu jogo a luva do forno em sua direção. Ele pega com a mão livre e depois só dobra o joelho esquerdo. Lentamente, ele pega o bolo do forno e o coloca no fogão para esfriar, deixando a luva também.

Ele inclina a muleta contra o balcão e caminha lentamente até mim, mancando. Eu nunca tiro meus olhos dos dele, e ele respira pelo nariz, a dor apertando sua expressão.

Ele chega até mim, com as mãos deslizando em ambos os meus lados. Eu envolvo meus braços ao redor de seus ombros, sentindo como ele distribui seu peso para o lado esquerdo.

— Eu tive um sonho na noite passada, — digo a ele, distraindo-o da dor e da perna. Eu tentei elogiar o seu esforço, e isso piora seu humor mais do que o incentiva. Ele é um mimado, esse

Ryke Meadows.

Mas ele é meu marido mimado e meu lobo.

E ele está vivo. Tenho certeza. Ele ainda está morando em algum lugar lá. A faísca atinge seus olhos de vez em quando, mas aqui está o segredo.

Ele nunca desiste de mim, mesmo quando eu desapareço à noite. Mesmo quando eu diminuo como o sol poente. Seu amor é inflexível e existe para me encobrir além da mágoa, miséria, riso e dor. Eu o amo em todos os momentos.

Em todo sorriso. Em cada careta.

E eu vou amá-lo depois de todo longo caminho.

Ele pode se lamentar. Ele pode ficar de luto. Ele pode ficar chateado pelo resto de sua vida. E mesmo assim. Eu nunca vou desistir de Ryke Meadows.

Como se ele nunca desistiu de mim.

— Um fodido sonho de verdade? — Ele pergunta, franzindo as sobrancelhas.

— Eu não estou brincando, eu prometo. — Eu durmo tão levemente que eu raramente sonho, mas eu sonhei na noite passada, de todas as noites. Nós fizemos amor, então talvez isso tenha ajudado.

Ele se aproxima mais, ainda se elevando acima de mim, e seu olhar cai para a minha barriga. — Sobre o quê?

Eu balanço minhas pernas, e ele as separa para que elas se encaixem em ambos os lados da sua cintura. — Eu estava boiando na casa do lago e continuei boiando. Eu não tenho certeza para onde eu estava indo. — Eu sorrio para a imagem. — Eu flutuei de costas e olhei para o céu. — Eu olho para ele. — Eu quase esqueci como os sonhos são lindos.

Seus lábios se levantam, seus olhos sorrindo mais do que ele sabe. Essa faísca, lutando. — Isso é tudo que você lembra?

Eu penso um pouco mais, porém nada vem à mente. Então acrescento: — E então houve uma tartaruga marinha que me perguntou se eu queria uma carona e eu disse: 'Estou com muito medo de quebrar sua concha, mas vou nadar ao seu lado, homem das tartarugas marinhas. — Mexo minhas sobrancelhas em tom de brincadeira.

Ele mexe meu cabelo até que as mechas loiras se enrolem de todas as maneiras.

Eu mordo seu ombro, abraçando-o. Então ele me tira do balcão e coloca meus pés no chão. Eu não falo nada sobre a perna dele, já que ele não tentaria me pegar se ele pensasse que ele iria me machucar ou se machucar.

De qualquer forma, seu olhar cheio de desejo que diz *eu quero te devastar pra caralho* me deixa toda quente.

Minha pulsação acelera, e eu apoio meus cotovelos no balcão. — Eu tenho um problema, — eu digo em uma voz sedosa.

Ele me observa. Assim como eu sempre o observo. — O que?

— Alguém me engravidou, — Eu tenho dificuldade em manter uma cara séria, mas ele também.

— Eu não notei, — ele diz.

— Sim, foi selvagem. — Eu sorrio. — Mesmo que eu tenha sido proibida de andar de moto. — Ordens do médico. Há muitos *não pode* na minha lista no momento. O mesmo vale para Ryke, então, ei, o ciúme está fora da janela.

Ele se aproxima de mim, sua mandíbula não barbeada muito masculina e atraente no momento atual. — Eu não te perguntei de imediato, e sinto muito por não ter ainda - mas você está bem sem moto, sem mortais pra trás, sem correr por aí?

— Sim. Eu acho que estou bem até agora. — Eu fico séria quando eu digo: — Pequenos momentos, como esses, me fazem feliz. Eu posso sentir isso. — *Agitando meus ossos*.

E eu penso em todas as nossas vigias, e como nós nunca ficamos realmente chateados se não pegamos um bombardeio em potencial. As vigias não eram sobre o futuro - era apenas para ficarmos felizes e contentes no momento.

Para brincar. E rir. Nós podemos fazer isso apenas estando juntos.

Ele agarra o balcão ao lado do meu quadril. Ele faz uma pausa, lutando com seus pensamentos. — Eu sinceramente, eu não sei como estaria se eu não tivesse você agora, porra.

Meus pulmões incham e eu aceno com a cabeça, entendendo seus sentimentos. Sentindo-os correr através de mim. Eu passo meus dedos por suas alças de cinto, puxando-o para mim. — Adivinha o que eu acabei de pescar? — Eu digo baixinho.

Suas sobrancelhas sobem, uma sombra de um sorriso brincando em seus lábios. — O que?

— Uma enguia. Você vai me eletrocutar? — Meus olhos brilham. — Por favor, me pique *com força*. — Eu faço um barulho estridente, inclinando a cabeça para trás teatralmente.

Ele me prende contra o balcão com seu corpo alto e rígido, cuidadoso com minha barriga redonda. Sua grande mão cobre meu rosto, seus lábios uma respiração de distância dos meus. — Eu vou te dar forte pra caralho, Calloway. — Sua mandíbula esfrega contra a minha bochecha antes de ele sussurrar: — Bem aqui. — Ele coloca a mão no meu calor. *Ai meu Deus.*

Minha respiração fica entrecortada.

Sua mão na minha bochecha começa a descer para minha barriga e shorts - e calcinha.

Eu vejo todos os cinco dedos dele desaparecerem sob o cós. Meus braços e pernas formigam, e ele provoca os mais sensíveis - *ahhh*... um suspiro audível pega na minha garganta. Eu agarro o braço dele em busca de apoio.

Eu abro meus olhos e eles pousam nos dele. Por mais incrível que isso pareça, nós dois silenciosamente parecemos chegar a uma conclusão: não aqui, não na cozinha que compartilhamos com Lily e Lo.

Nós aprendemos nossa lição.

Nós gentilmente nos afastamos um do outro, o silêncio ensurdecedor. Minha respiração superficial cria mais tensão sexual. Tensão que temos que ultrapassar e ignorar por um minuto ou cinco. Nós dois encaramos o bolo, nossos braços se esticam, enroscando-se à medida que procuramos facas e glacê.

Eu mudo de cada pé, meu corpo ainda pulsando.

Ele apoia seu peso contra o balcão, inclinado em minha direção enquanto ele corta metade do bolo com cobertura de baunilha. Eu sinto ele me observando.

O calor queima minha pele, apenas por causa da sua presença masculina, todos os vinte e oito anos dele aos meus vinte e um. Nós passamos o glacê no bolo em silêncio puro e excitado. Seus olhos me estudam por toda parte, basicamente me construindo até um pico sem me tocar.

Enquanto nós dois procuramos a cobertura amarela ao mesmo tempo, ele diz: — Você está um pouco quente aí, querida.

— Sexy quente? — Eu aliso a cobertura de baunilha.

Ele sacode a cobertura amarela. — Quente pra caralho.

Eu pulsiono um pouco e agarro a borda do balcão. Ele se esfrega contra mim para jogar sua faca na pia, meu corpo reagindo à sua proximidade como sendo rapidamente puxado por uma ressaca.

Eu estremeço, meus dedos do pé se enrolando. Músculos se contraindo. Um orgasmo me atinge, tão abrupto e repentino que eu quase me agacho e caio na minha bunda, mas Ryke me pega em torno do peito, me puxando contra o dele.

Ryke. Eu suspiro bruscamente, minha cabeça inclinada contra ele. Ele beija a base do meu pescoço com aquela força áspera de Ryke Meadows. Eu choramingo: — Eu… — Eu choramingo em um tom mais alto. *Ai meu Deus*. Estou eletrizada de cima a baixo, tremendo.

Me leva outro segundo, mas eu desço do meu pico.

O suor agarra minha camisa ao meu corpo, meu coração latejando alto. Eu giro em direção a Ryke. — O que foi isso? — Eu pergunto, mais confusa. Isso foi novo. Meu corpo fez algo novo.

— Um fodido orgasmo.

— Você não me tocou.

— Bem-vindo a estar realmente, *realmente* com tesão, Calloway.

Meu sorriso se estica. Eu sei que isso é temporário. Que meu humor pode despencar. Eu só pude sentir isso uma vez na minha vida. E está tudo bem. Eu engulo o momento por toda a sua glória elétrica e espontânea.

Ele beija o topo da minha cabeça e depois me leva para o bolo. — Você quer escrever?

— Você pode.

Ele tem o braço protetoramente ao redor da minha barriga, minhas costas no seu peito, enquanto ele rabisca no bolo com cobertura amarela.

Eu leio as palavras, *desculpa por termos transado no seu sofá*.

Nosso bolo de desculpas parece muito bom.

Ontem, nós queríamos apenas assistir a um filme na sala de estar, mas nós estávamos meio que de conchinha. A posição de fácil acesso, meu flerte e nossa excitação combinada levaram ao sexo.

Lo e Lily nos pegaram depois que caímos no sono, nus debaixo das cobertas. No sofá deles.

Eles já fizeram pior, então eles não ficaram chateados, mas nos sentimos culpados porque o filho deles está obviamente morando nesta casa. Isso fez Ryke questionar a saída mais cedo do que planejamos. Ele precisa de Lo, e eu preciso da Lily agora. Não há casas no mercado neste bairro, então estamos aqui para ficar.

Ele me passa a cobertura e eu coloco um sol acima da palavra *transado*.

Então, um pouco de movimento acontece na minha barriga. Eu fico completamente parada e sinto-o ficar rígido atrás de mim. Nós dois não dizemos uma palavra. Com medo de tudo ir embora.

Eu coloco minha mão na dele, descansando no meu estômago. A segunda onda de movimento faz meus olhos se encherem de lágrimas. Então o terceiro - se virando, as palpitações extras. Um pé ou um ombro, talvez. Ou braços inquietos e apressados acenando. Querendo correr. E gritar. E berrar e dizer, *estou aqui agora*.

— Uau, — eu respiro, virando para encará-lo.

Há lágrimas nos olhos dele. Ele sente o nosso bebê chutar mais uma vez, e sua risada chocada se quebra em um sorriso. Eu compartilho com ele.

Lágrimas felizes rolam pelas minhas bochechas e as limpo com o lado da minha mão. — Eu aposto que ela sente o cheiro do nosso bolo de desculpas. — Não temos idéia se ela é uma menina ou menino, mas geralmente chamamos nosso bebê de *ela* mais do que *ele*.

De qualquer forma, ficaremos felizes.

Ele me beija e depois diz: — Adivinhe, Dais?

— O que?

Ele me puxa para mais perto e sussurra: — Ela está viva.

Ela está viva.

Eu só espero que ela continue assim.

Mesmo se eu tiver que ir. Mesmo que eu tenha que dizer adeus.

Apenas fique um pouco mais.

< 52 >

RYKE MEADOWS

A casa Cobalt está um fodido caos.

— Puta merda, — Daisy xinga. Rose tem as mãos cheias, embalando um recém-nascido enrolado histérico enquanto limpa os brinquedos de Jane em torno de sua espaçosa sala de estar. A bagunça está fodidamente acabando com ela.

Connor tem o outro recém-nascido aconchegado ao peito, mas o bebê também está histérico. — Jane, — ele chama a pequena de dois anos de idade, perseguindo seu gato laranja em torno do sofá de couro. — Não irrite Sadie.

— Gatinho, gatinho, gatinho, — ela grita em uma risadinha, ignorando seu pai.

— Precisa de ajuda, Rose? — Daisy pergunta, colocando nosso bolo coberto por papel alumínio na mesa de café. Ela começa a pegar bichos de pelúcia perdidos.

— O quê? — Rose pergunta aturdida, segurando protetoramente e territorialmente mais firme Charlie ou Beckett.

Eu inclino a maior parte do meu peso na minha muleta, incapaz de dobrar muito o meu joelho direito. Meu rosto aperta em uma careta enquanto eu entro mais na sala.

— Eles precisam comer? — Eu pergunto, meu olhar correndo entre os dois garotos.

— Não, — diz Connor, seu recém-nascido se agitando em seus braços enquanto boceja *e* chora. — Charlie não consegue dormir.

— Ele está chorando porque está cansado? — Eu sei que os bebês são trabalhosos pra caralho, mas Connor e Rose parecem mais gastos do que o habitual, há cerca de cinco canecas de café vazias espalhadas pelas mesas.

Connor acena com a cabeça, seus profundos olhos azuis focados em Rose com mais e mais preocupação. Rose acaricia Beckett e murmura para ele, mas ela também percebe Daisy limpando sua casa.

Rose estala os dedos para a irmã. — Você não está aqui para fazer isso.

— Eu poderia estar, — diz Daisy com um sorriso alegre, lhe dando dois polegares para cima.

— Você *não está*, — enfatiza Rose. — Não é assim que vai ser. Eu não te convido para limpar a minha casa.

Daisy joga animais de pelúcia em uma caixa como se estivesse jogando basquete. — Você arruma o meu quarto o tempo todo quando você vai lá em casa.

— Porque eu sou mais velha, — observa Rose. — E a mais organizada.

Porra.

— Tu l'es toujours, — diz Connor suavemente. *Você ainda é.*

Ela solta uma respiração mais profunda, o queixo levantado com mais confiança, e ela dá um tapinha em Beckett de novo, seus gritos perfurando meus tímpanos.

— Jane! — Connor de repente grita.

Eu olho para baixo perto dos meus pés, e a menina em um vestido azul bebê *puxa* a cauda de Sadie. O gato vira e eu largo minha muleta, pegando Janie pela cintura e a içando contra o meu lado esquerdo.

Meu joelho direito está pegando fogo pra caralho.

Sadie assobia e bate as garras bem onde Janie estava.

— Saia daqui porra. — Eu espanto o gato com o pé, e Sadie vai para debaixo do sofá.

Connor esfrega os lábios e quando eu encontro seus olhos, ele acena para mim em agradecimento.

— Eu pensei que você estava dando Sadie para Frederick novamente? — Daisy pergunta, mas ela me observa segurar Janie e adicionar o fodido peso extra na minha perna. Eu acabo sentando no braço do sofá, a dor subindo pela minha coxa.

Filho da puta...

Estou esperando.

Estou fodidamente esperando que fique mais fácil, mas não fica. Eu sinto que os músculos da minha perna estão atrofiados e tudo o que resta é titânio, aço e osso.

Com Daisy grávida de vinte semanas, eu só quero me concentrar em sua saúde, o que deve levar fodida precedência. Toda vez.

Perco a resposta sobre Frederick. — O que? — Pergunto a Daisy.

— Eles pensaram que Sadie e Jane se comportariam, mas ligaram para Frederick ontem para entregar o gato temporariamente.

Janie começa a chorar, como se percebesse que a gata seria mandada embora. Suas bochechas e olhos azuis ficam vermelhos, olhando para mim como se eu pudesse consertar essa porra.

— Ela não pode ir, — Janie chora, as palavras não são claras, mas eu as entendo. Eu acho que ela também diz algo como, *ela é minha amiga.*

Connor se aproxima de Janie e eu, Charlie começando a se acalmar, bocejando mais cansado dessa vez. Beckett ainda está uma bagunça, e Rose senta estritamente em uma poltrona Queen Anne para acalmá-lo.

— Tu as deux choix, mon cœur, — Connor diz à filha. *Você tem duas escolhas, meu coração.* Ele agacha, então ele está na mesma altura que ela.

Eu não tenho certeza se ela pode entendê-lo, mas ela esfrega os olhos com o punho, seus soluços diminuindo.

— Podemos mandar Sadie para morar com Frederick e ela voltará para nós daqui a um ano ou nós poderemos mandar você embora e você *nunca* mais nos verá.

Os lábios dela partem em horror.

O que é isso? — Essa é a sua porra de solução? — Eu pergunto a ele. Connor Cobalt como pai é uma fodida ideia insana.

Connor me ignora completamente. Como se ele soubesse melhor.

— Ela não pode ir, — Janie chora.

— Toi ou elle. — Diz Connor. *Você ou ela*. — Quem você quer que fique com a gente?

Ela funga: — Moi. — *Eu*. Ela me abraça de lado mais forte, como se ela tivesse acabado de dizer adeus a alguém que ama.

Eu diria que Janie é muito jovem para compreender todo o significado das duas escolhas, mas ela deve ter entendido alguma fodida parte.

Eu esfrego as costas da Janie, sua bochecha contra o meu bíceps. — Você é tudo sobre as escolhas do caralho, Cobalt.

— Sempre, — diz ele, mas vejo a compreensão em seus olhos, sabendo que não posso viver minha vida como ele. Que quando o dia começa e acaba, eu apenas ando pelo caminho que parece certo. Em vez de parar e prever o mais benéfico.

Eu teria enrolado minha filha até que suas lágrimas parassem.

Eu teria tirado sua mente da gata levando-a para fora para brincar.

Ambas as formas são boas. Apenas diferente.

Meus lábios se levantam para ele e ele sorri de volta para mim.

Janie toca minha mandíbula e gesticula algo que soa como: — Por que você tem cabelo no seu rosto? — Ela ri um pouco, batendo na minha mandíbula não barbeada.

— Você quer responder essa? — Eu pergunto a Connor.

Ele sorri. — Na verdade não. — Ele está entretido pra caralho.

Eu instintivamente procuro por Daisy. Ela teria uma resposta melhor do que eu, mas assim que a encontro, sentada do outro lado do sofá, meus traços se obscurecem em preocupação.

Sua cabeça está inclinada para o celular, as sobrancelhas comprimidas com esse tipo de dor. — Dais?

Ela não me ouve.

— Dais? — Eu chamo mais alto.

Assim que ela levanta a cabeça, Beckett gorfa no ombro de Rose, sua blusa preta de gola alta suja com vômito branco.

Seus ombros e pescoço ficam rígidos e ela coloca o cabelo no outro ombro. Connor se afasta de mim e se aproxima de sua esposa. Depois de arrotar, Beckett finalmente se acalma.

Eu olho de volta para Daisy e ela está de pé com o celular na mão. Eu assisto seu ritmo até a porta de correr que leva ao quintal deles. Eu estou prestes a seguir, mas ela para no meio do caminho, olhando para a porra do seu celular.

Meus músculos flexionam e eu coloco Janie na almofada do sofá.

— Está tudo bem, — Rose diz a Connor, Beckett no colo. — Estou bem. Eu estou bem. — Ela na verdade, tira sua blusa suja. Vestindo uma coisa parecendo um espartilho de lingerie preto por baixo. Um corpete? Eu não sei a palavra, mas eu nunca vi Rose ser tão fodidamente irreverente com trocar de roupa na frente das pessoas.

Não desde a Comic-Con, há muito tempo atrás.

Connor tem uma mão na cintura dela, sussurrando para ela rapidamente. As articulações dela estão rígidas e inflexíveis, sua clavícula sobressaindo com respirações curtas.

Ele diz: — Você se lembra quando Penn e Princeton enfrentaram Harvard nas quartas de finais da Quiz Bowl, e ambos estávamos certos de que George Lansidle estava trapaceando?

Ela acena com a cabeça. — Foi o meu primeiro ano na faculdade e eu te desprezava.

— E você passou duas horas no salão de banquetes da convenção comigo.

— Para descobrir como expor a trapaça de George. — Fogo acende seus olhos verde-amarelos.

O sorriso dele começa a subir. — Estávamos acostumados a competir um contra o outro, mas desta vez nós trabalhamos juntos de bom grado. Você se lembra?

Ela balança a cabeça novamente, seu olhar suavizando, e a mão dele desliza na dela.

— Eu amei você, desde sempre, — diz ele. — Eu só estava muito cego para ver quanto e por quanto tempo. Há um garoto de dezenove anos, te entregando o blazer dele em um banheiro e, se ele pudesse, ele te contaria isso. Tudo de novo.

Uma lágrima desce pela bochecha de Rose.

Ele beija a testa dela e depois diz: — Ensemble. — *Juntos*.

— Ensemble, — ela sussurra.

Eles olham para baixo para seus recém-nascidos, ambos dormindo profundamente. Tudo começa a se acalmar, exceto por Daisy. Eu me levanto sem muleta e manco lentamente em direção à minha esposa.

Janie sai do sofá e corre para seus pais. Ela se segura na perna de Rose e Rose diz para ela em um tom seguro: — Você é uma irmã agora, Jane. Em algum momento, seus irmãos precisarão de você e você precisará deles. Eles são a melhor coisa que você tem neste mundo.

Janie acena com confiança, como se ela entendesse, mesmo que ela não tenha a mínima fodida ideia.

Connor se abaixa e beija a cabeça dela e sussurra para ela em francês, então Janie diz para Rose: — Eu amo você, mamãe.

Rose lança um olhar para Connor, mas ela está sorrindo. — Você não pode dizer aos nossos filhos para dizerem que me amam, Richard.

— Eu posso se é a verdade. — Ele sorri novamente.

— Não é do coração.

— É do coração de alguém. Se não deles, então do meu.

Rose revira os olhos e diz para Janie: — Seu pai acha que ele é inteligente.

— Sua mãe acha que ela é feroz.

Rose bufa.

— Não estamos dizendo verdades agora, querida? Você é feroz e eu sou brilhante.

Ela levanta a mão para ele. — Eu te chamei inteligente, não *brilhante*.

Enquanto eles estão tendo um bom papo, estou sugando a dor apenas para atravessar a sala. Eu tenho que mancar mais de uma vez.

E com a pior mancada, finalmente a alcanço. — Dais? — Eu toco seu ombro.

Ela se assusta.

— Desculpe, — eu digo. *Que porra está acontecendo?* Meu cérebro está mergulhado em xingamentos. Eu vejo mais vermelho do que ela provavelmente vê.

Ela solta um suspiro, olhos vermelhos. — Está tudo bem.

As garotas Calloway dizem muito isso, mas esquecem o quanto nós amamos elas, o quanto nós as conhecemos. Quanto queremos cuidar delas.

— É? O que foi?

Seus braços tremem e eu a abraço ao meu lado enquanto ela diz: — Elas não param de me mandar mensagens.

— Cleo e Harper? — Eu chuto, meu estômago em fodidos nós.

— Elas disseram que vão à nossa casa todos os dias para me mostrar por que eu preciso do *Rainhas da Filadélfia.* Elas continuam pegando meu número e, se aparecerem na casa - eu tenho que me preparar. Preciso ligar para a segurança no portão e tenho que chamar nosso advogado...

— Ei, ei, — eu digo rapidamente, segurando seu rosto. Eu pego o celular dela com a outra mão. — Estou ligando para a porra do advogado. Eu vou imprimir as mensagens e ele vai mandar essas meninas pararem de novo. A segurança do bairro já deve ter seus nomes na lista negra.

— Eu quero verificar novamente com a segurança, — diz ela.

— Ok. — Eu aceno. — Eu vou checar tudo com você. Tudo o que você precisa para se sentir segura, vamos fazer.

Seus dedos tocam seus lábios, olhando para além de mim.

— Daisy, eu estou bem aqui. — Eu penteio o seu cabelo para trás, esperando que ela me veja.

— Será sempre assim? — Ela pergunta suavemente pra caralho.

O público está contra nós. Suas velhas amigas não estão ouvindo seus protestos ou a lei. O melhor que ela pode fazer é ignorar tudo e se concentrar em permanecer saudável. — Não, Calloway, — digo a ela com força.

Seus olhos encontram os meus.

— Vai ser melhor que isso, mas você é forte o suficiente para andar na merda e torcer do outro lado. Eu sei que você é.

Seu sorriso brinca brevemente com os lábios. — Você vai andar na merda comigo?

— Todo fodido dia da minha vida.

Eu a puxo para um abraço e seus braços me envolvem. É quando vejo Lily e Lo na sala de estar, Lo colocando o papel alumínio de volta no bolo.

Seus olhos âmbares se erguem para nós. — E você acha que nós somos esquisitos?

— O que tá escrito, mamãe? — Moffy pergunta.

Os olhos de Lily se arregalam e ela tropeça em suas palavras antes de soltar: — Desculpe por termos nos divertido no seu sofá.

— A diversão é muito ruim, — Daisy brinca, com os olhos um pouco molhados. — Vai te comer e cuspir você.

Lo cobre as orelhas de Moffy. — Irmão, diga a sua esposa para não confundir meu filho.

— Soou certo pra caralho para mim.

Daisy sorri mais. *Não pare, amor.* Eu beijo o topo de sua cabeça, segurando-a perto pra caralho - eu posso sentir seu coração ainda pulsando de medo.

Connor diz: — A futura progênie de Ryke e Daisy, sem dúvida, será uma influência estranha para as nossa.

— Você está esperando por isso, Cobalt. Admita.

Ele sorri. — Talvez.

O celular de Daisy vibra no meu punho fechado. Eu tomo o risco e olho.

Isso é tudo por você. Nós amamos você, Daisy. Você ficará feliz depois. - C & H

Fodam-se as duas.

Eu a quero feliz agora.

< 53 >

RYKE MEADOWS

— Ryke! Ryke! — Lo bate na porta do meu quarto. — Ryke! Ryke! — de novo e de novo e de novo, porra.

— Incrível pra caralho, — eu resmungo, meus olhos se abrindo, cansados. Eu pressiono minhas mãos na minha testa como se meu cérebro estivesse prestes a explodir.

Daisy se agita ao meu lado. *Porra*.

Eu me inclino sobre ela enquanto ela começa a acordar. — Volte a dormir, Dais, — eu sussurro.

Ela esfrega os olhos e boceja.

— Daisy, — eu forço. — Você precisa dormir, porra.

— Ryke! Ryke! Filho da puta, Ryke! — Lo grita com sua voz afiada, irritado. Ele bate com o punho contra a porta de novo e de novo.

Eu passo a mão pelo meu cabelo, olhando entre a porta trancada e minha esposa grávida.

— Eu vou tentar voltar a dormir, — ela boceja e, em seguida, abraça Coconut que lambe sua bochecha. Ela sorri. — Você deveria ver o que seu irmão quer.

Nós dois sabemos o que ele quer.

Saio da cama com o pé esquerdo, sem camisa, usando apenas calças de moletom cinza. Eu pego minha bengala de madeira perto da cabeceira e manco até a porra da porta.

Abro-a rudemente, quando ele grita — RYKE! — No meu ouvido.

Eu faço uma careta. — Vai se foder.

— Obrigado, irmão mais velho. — Ele toca seu peito em gratidão falsa. — Me siga.

Eu prefiro ficar com Daisy e voltar a dormir. Eu permaneço plantado na porta. — Você acordou a Daisy.

— Talvez você devesse ter me respondido mais rápido, — diz ele. — Pense nisso como motivação. — Ele dá um tapinha no meu ombro. — Agora me siga.

— Hoje não.

Como se esperasse minha resposta, ele levanta uma garrafa de Maker's Mark, balançando o líquido na minha cara. Minha temperatura aumenta, queimando meu fodido cérebro. Eu estico o braço para roubar o álcool dele, tudo que vejo é a pior coisa na mão do meu irmão. Algo que poderia matá-lo.

Ele a ergue atrás da cabeça, fora do meu alcance e eu balanço na minha bengala.

Como...?

— Como você conseguiu isso, porra? — Eu rosno. A casa está sem álcool. Nenhum de nós bebe aqui.

Com olhos cor de âmbar, ele me diz: — Entrei em uma loja de bebidas e peguei um dos meus uísques favoritos. Paguei por ele, trouxe para casa e aqui estamos. — Poucas pessoas conseguem entender como seria difícil para Lo passear casualmente em uma loja de bebidas.

Eu consigo.

Passei *anos* ajudando-o a permanecer sóbrio, conversando com ele, ouvindo suas histórias de quase desistir, da dor *violenta*. Por que diabos ele faria isso? Por que *diabos* ele faria isso?

— Por que diabos você faria isso? — Eu grito para ele, segurando a porra da sua camiseta. Meus pulmões queimando.

— Por que você acha? — Ele zomba, apontando para mim com a garrafa. — Se você não se importa com sua vida estúpida, então eu imaginei que você não se importaria com nossas vidas

estúpidas. — Ele lambe os lábios. — Estou certo?

Meus olhos queimam.

— Você pode me seguir ou eu posso tomar um gole de uísque. — Ele abre a garrafa entre nós como uma fodida granada.

Eu respiro ar quente pelo nariz. Uma fodida vez eu quebrei minha sobriedade de uma maneira similar. Lo estava na minha posição. Eu estava na dele. Ele teve a chance de me impedir, mas não o fez.

Não consigo esquecer os anos que passei com meu irmãozinho.

Não consigo esquecer a luta para parar de beber.

Eu não consigo esquecer a porra da agonia de sua recaída.

Minha alma ainda não morreu.

Eu reajo e arranco a Maker's Mark da sua mão, quase caindo contra a parede quando faço isso. Meu irmão me estabiliza com as mãos nos meus ombros. Eu não digo outra palavra, eu só coloco o fodido uísque no chão, reajusto minha bengala. E eu manco na frente dele, saindo de perto da porta.

— Parece que você ainda se importa com alguma coisa, — Lo diz atrás de mim, passando pela sala de entretenimento do porão. Quando eu começo a subir as escadas, lentamente, Lo corre na minha frente e para no topo.

Minhas feições escurecem, ainda fervendo com o que ele acabou de fazer. Sua sobriedade significa mais do que reabilitar minha perna. Isso *sempre* significará mais.

Eu tenho dificuldades no sexto degrau. — Onde quer que você esteja indo, eu vou te encontrar lá, porra.

— Não, — ele diz com finalidade.

Meus músculos se flexionam, então minha canela lateja. — O que você quer dizer com *não*? — Eu murmuro sob a minha respiração.

— Eu estou esperando por você, — diz ele, sem irritação em sua voz. Sem malícia ou desprezo. — Eu sou paciente. — Ele acena em minha direção. — Assim como você era comigo.

Eu franzo a testa. — Eu não sou paciente, porra. — Eu sou *impaciente* mais do que ele percebe.

— Você já esqueceu, irmão? — Ele balança a cabeça, fingindo decepção.

O suor se acumula na minha testa e eu inclino meu braço contra o corrimão por um segundo. — Do que diabos você está falando?

— Você desacelerava para mim quando estávamos correndo, para ver como eu estava indo, me empurrava para correr um pouco mais rápido. Você fazia isso o *tempo todo.* Você poderia ter parado no primeiro dia. Eu gritei com você, te chamei dos piores nomes do caralho, e você continuou correndo ao meu lado, à minha frente. Esperando por mim para alcançá-lo. E adivinhe, eu alcancei. — Seus olhos ficam vermelhos. — Você foi paciente comigo. Então, isso aqui — ele gesticula entre eu e ele, — sou eu sendo paciente com você.

Nossa história me empurra, grita para mim, me abraça - e eu aceno algumas vezes, sentindo o caminho que terei que percorrer. Eu dobro meu joelho direito apenas uma fodida fração, apenas o suficiente para subir as escadas ligeiramente mais rápido. Eu cerro meus dentes.

Tentando alcançá-lo.

Quando chego ao topo, ele diz: — Porra, porque você demorou tanto? — Ele bate no meu ombro novamente. — Por aqui.

Eu o sigo... até a porta de vidro deslizante. O fodido quintal? — Nós poderíamos ter saído pelo porão. — Não precisávamos subir o lance de escadas mais íngreme e estreito.

— Eu sei, mas eu realmente queria ver você se transformar igual o Hulk. — Ele abre a porta deslizante com um meio sorriso amargo. Aí está. Por trás de toda a sua conversa seca, sei que ele me forçou a subir as escadas por *mim*, não por ele

Para me ajudar.

Eu teria feito a mesma coisa por ele.

Eu não digo nada quando passo por ele, e vejo um tapete de ioga desdobrado perto da piscina. Lily e Daisy já colocaram decorações de Halloween, mesmo que seja apenas a primeira semana de outubro. Teias de aranha se agarram à cerca de ferro preta e lápides de plástico estão pregadas na grama. Uma boia espaguete laranja flutua na piscina aquecida.

Lo desdobra meus exercícios que ele imprimiu. — Seu fisioterapeuta disse que você ainda não saiu da mobilidade e da flexibilidade.

Eu concordo com a cabeça. Eu não posso começar a fortalecer meus músculos sem melhorar os dois primeiros. Eu lentamente me sento, o ar fresco da manhã correndo em minha direção em uma rajada pesada. — Da próxima vez, vamos fazer isso na porra da tarde.

Lo fica rígido. — O que?

— A tarde, — digo a ele. — Não me acorde cedo, caralho.

Ele balança para trás como se eu tivesse dado um soco na mandíbula dele. Eu não achei que *essas* palavras o agredissem, mas eu o vejo expirar, suas feições se apertando.

Ele se agacha ao meu lado e diz: — Não.

Eu corro as duas mãos pelo meu cabelo, meu cotovelo descansando no meu joelho esquerdo dobrado. — O que importa quando fazemos isso?

— Dê uma olhada ao redor, Ryke, — diz Lo, seus olhos assassinos pra caralho.

Eu olho para o céu escuro que começa a clarear.

— Esta é a sua hora favorita do dia e isso não mudou.

Nascer do sol.

Eu acordava, quase todas as manhãs, para ver o horizonte pintado de laranja e azul. Eu ia escalar. Eu corria. Ao primeiro sinal de luz. Eu me casei com a única garota que eu amei - no minuto em que o sol subiu.

Eu não consigo fazer as coisas que eu costumava fazer. — Talvez eu tenha mudado.

— Não é físico, apenas mental, — diz Lo. — Você *vai* correr de novo. — Ele diz isso naquele tom desesperado, como se ele não conseguisse entender a porra de um mundo onde eu fico atrás dele. Ele não tem ideia da dor... ele não consegue entender o quão profundo é a porra da dor.

Eu torço a tensão no meu pescoço e depois me deito. — Ok. — Eu me sustento em meus cotovelos, enquanto Lo segura minha panturrilha direita, me ajudando a dobrar meu joelho em direção ao meu peito.

Não vai tão longe.

O músculo se alonga e a dor começa a irradiar após o curto movimento. — Espera, — eu estremeço de desconforto.

— Você foi mais longe ontem, — ele me lembra. — Eu vi você puxando ferro depois que alguém tomou uma parte do seu fígado. Eu tive que *tirar* halteres de suas mãos naquela época. Você consegue fazer essa merda agora.

Eu limpo o suor da minha testa, e tento de novo, mas paro em dois fodidos segundos, facas cortando meu joelho. — Você não entende.

— Eu não entendo?

Eu solto um suspiro pesado. — Eu não consigo. — Eu balanço minha cabeça repetidamente.

Ele estreita os olhos para mim. — Quando Ryke Meadows já desistiu de si mesmo? — Ele aponta para minha caixa torácica, a história por trás da corrente, âncora e fênix desenhadas, algo que eu expliquei para ele no último Natal. Depois que ambos caímos na árvore, varrendo ornamentos quebrados juntos. — Você tem uma tatuagem que basicamente diz, *não se arraste para baixo*. O que você está fazendo agora?

— Estou lutando...

— Você está morrendo! — Ele grita para mim. — Você está *morrendo* bem na minha frente. — Seus olhos furiosos se enchem de lágrimas, sua vulnerabilidade brilhando. Fazendo ele parecer mais jovem. Frágil. Meu irmão mais novo.

Eu me sento. — Ei, estou indo bem. Eu estou bem aqui. Eu não morri. — Eu estendo a mão e aperto seu ombro.

Ele pisca e suas lágrimas caem. — Eu nunca entendi. Não quando Daisy explicou, não quando você explicou. Eu nunca entendi, mas agora eu entendo.

Minha carranca escurece. — O que você quer dizer?

— Escalar é uma parte de você. Isso é o que você me disse. E eu olho para você agora sem isso... você está diferente. Você está sem vida em comparação com a pessoa que você era. A pessoa que *eu* conheço, que todos nós conhecemos. — Seu queixo estremece. — Eu sinto falta do meu irmão, e se você não vai lutar pelo que te faz feliz, então eu vou lutar por você.

Eu abaixo minha cabeça e belisco meus olhos. Eu não posso explicar para ele o que estou passando. — É tão difícil, porra.

Ele coloca uma mão nas minhas costas, e depois de uma longa pausa, ele diz: — As coisas difíceis são as coisas certas. Lembra disso?

Eu choro porque eu não sei se vou ser o mesmo.

Ele se aproxima mais. — Um passo de cada vez. Eu sei que é o inferno. Eu sei que você quer desistir. Eu sei que isso machuca. Apenas um passo, mais uma vez, Ryke. Estamos fazendo isso juntos. Você e eu.

Eu pensei que ele não entendia essa dor, mas eu sei que ele entende. Não é do tipo que ele precisa quebrar a perna para sentir isso. Eu esfrego meu rosto e, em seguida, aceno algumas vezes. Ok. *Ok*.

— Agora, — diz Lo, — faça um favor a seu irmão bastardo e deite-se.

Eu dou a ele uma olhada antes de cair de volta. — Isso não é engraçado, porra.

Ele dobra meu joelho em direção ao meu peito e eu inalo fortemente. *Porraporraporra.* — Mais uns centímetros, — diz ele. — Você teria estado aqui há uma semana se você se esforçasse mais.

Provavelmente.

Eu me apoio no meu antebraço, observando meu joelho fazer a ação mais simples com a maior tensão. É bom, mesmo que seja delicado, dolorido e estridente. Quanto mais longe eu vou hoje, mais eu vou amanhã.

— Eu estou no fodido inferno, — eu digo entre os dentes enquanto mantenho meu joelho no lugar, os músculos se ajustando.

— Você já está morto, por isso não deve fazer muita diferença estar aqui, — Lo brinca com um sorriso espertalhão no rosto.

Eu mostro dedo para ele, mas meus lábios quase se curvam para cima. Eu quase me esqueço do desconforto por um segundo. No silêncio, há perguntas nos olhos do meu irmão. Coisas como, *você vai acordar cedo amanhã? Você vai me seguir, irmão mais velho? Você vai escalar novamente?*

Sim. Assim que a luz chegar.

Sim. Eu vou atrás de você, irmãozinho.

Eu vou escalar novamente? *Eu não sei, porra*.

Eu sou minha própria âncora.

Eu decido quando me levantar novamente.

Eu não sei se estou pronto. Eu não sei se vou estar pronto o suficiente para ir atrás de alguma *coisa* que eu amo. Eu já tenho algumas *pessoas* comigo.

Isso não é tudo que eu preciso no final, porra?

< 54 >

DAISY MEADOWS

— Podemos abrir agora? — Pergunto a Ryke enquanto ele segura uma caixa de papelão embaixo do braço dele, com as palavras *Vocês Arruinarão Meu Aniversário Se Não Usarem Essas Fantasias* na letra bagunçada de Loren Hale.

Ryke entra no nosso quarto, apoiando o peso na bengala, mas ele dobra o joelho direito um pouco mais a cada dia. Eu tenho visto pequenas mudanças em seu humor desde o início de outubro. Ele acorda cedo todas as manhãs, sem Lo batendo na porta.

Ele cozinha o café da manhã de novo. E come mais saudável. Eu até o vi fazendo exercícios de resistência sozinho no quintal. Ele quer correr. Eu posso ver isso em seus olhos na maioria dos dias, ao contrário de antes.

Eu não sei o que Lo disse a ele, mas o que ele fez, funcionou um pouco.

— Não, — Ryke me responde depois de sua caminhada lenta para a nossa cômoda. Ele coloca a caixa no chão. — Lo quer que todos esperem até cinco e meia, porque então não podemos encontrar uma fantasia alternativa e voltar atrás.

Hoje é o halloween.

E também o vigésimo sétimo aniversário de Loren Hale.

Como presente este ano, todos nós deixamos ele ditar nossas fantasias, e ele tornou isso um mistério. Em uma caixa.

São apenas dez e meia da manhã e acaricio uma Coconut sonolenta em sua cama fofa e verde embaixo da janela. Ela se afasta de mim, cansada demais para o amor.

Eu me levanto e me arrasto de volta na cama, vestindo uma camisa de botão de flanela xadrez do Ryke. Nós temos tempo para matar, já que optamos por ficar de fora do doces-ou-travessuras com as crianças pequenas. Mas todos nós estamos participando de uma festa chique de celebridades em Nova York mais tarde hoje à noite.

É o plano do Lo.

Ele acha que estamos nos tornando "velhos e sem graça" - e isso colocou os ossos de Rose em chamas o suficiente para aceitar o desafio da festa. Realmente, se alguém precisa da pausa, é Connor e Rose. Meus pais e uma babá de confiança estão cuidando de todas as crianças durante o nosso passeio, por isso espera-se que todos se sintam à vontade.

Ryke puxa a camisa pela sua cabeça com uma mão, seus olhos castanhos em mim mais de uma vez. Passando pelo comprimento das minhas longas pernas nuas. Eu sorrio para ele, sentindo essa tensão sexual quieta.

Eu não posso dizer que estou cem por cento no humor ou excitada, mas eu adoro ver a excitação dele, mesmo que a minha permaneça baixa. Eu rastejo mais para o outro lado da cama, mais perto de onde ele está. — E se a minha fantasia é uma Daisy Meadows tigresa? — Eu faço um movimento de garra para ele.

Ele permanece estoico e misterioso, se elevando acima de mim. Em uma voz rouca, ele diz: — Meu irmão seria mais rápido em me transformar em Jesus Cristo do que você em um animal fofo.

Eu sorrio mais. Jesus é realmente uma opção plausível. — Você acha que eu sou fofa? — Eu pego seu braço.

Ele descansa seu bom joelho na cama, se inclinando para perto de mim e diz baixinho: — Terrivelmente fofa.

Eu desamarro sua calça de corrida, observando-o estudar meu olhar mais do que qualquer coisa. Imaginando se estou realmente de bom humor. Nós flertamos muito, e isso nem sempre leva a sexo ou até mesmo preliminares.

Eu puxo suas calças pelo seu traseiro, revelando sua cueca boxer verde-floresta e o contorno claro de seu pênis duro e longo.

Estou praticamente de quatro, de frente com a virilha dele. Ângulo perfeito para um boquete. Talvez ele me deixe dar prazer a ele, mesmo que seja só ok para mim. Eu quero fazê-lo gozar, então eu toco o cós da cueca dele. Ele segura meus pulsos juntos.

— Eu não consigo dizer, — ele diz honestamente, — então eu vou perguntar, porra.

— Ok. — Eu sei onde isso está indo.

— Você quer fazer sexo, Daisy?

— Não cem por cento, não.

Ele beija minha bochecha com ternura e solta meus pulsos. Eu me sento na minha bunda, observando-o se afastar da cama. Eu acho que só quero retribuir de alguma forma *mais*. Eu não tenho certeza de como posso ajudar sem sexo oral.

Enquanto ele se dirige para a porta do banheiro, ele deve ver meu fraco desapontamento. Ele para no meio do caminho, me olhando por um segundo.

Eu descanso contra a cabeceira da cama, meus joelhos balançando para frente e para trás.

Ele pega o lubrificante da mesa de cabeceira e, de repente, desvia seu curso. Ele tira toalhas úmidas na nossa cadeira de vime. Então ele arrasta o móvel para o pé da nossa cama.

A curiosidade ilumina meus olhos.

Sua cabeça colide com uma de nossas lanternas de papel baixas. — Porra, — ele murmura, colocando a mão na lâmpada para que ela pare de balançar.

Meus lábios puxam mais alto.

Antes de Ryke deixar sua bengala de lado, ele vira as costas para mim e abaixa sua cueca boxer.

Eu tenho uma visão em linha reta de seu traseiro tonificado e costas esculpida, algumas de suas contusões de longa duração perdendo seu tom amarelo-arroxeado.

Ele se vira e depois senta na cadeira de vime todo casual, confiante e nu - meu corpo sobe com uma inspiração profunda. Meus olhos vagam por Ryke, seus músculos magros, seus ombros, seu abdômen, sua ereção... e sinto seu olhar deslizando por mim.

Ele agarra a base do seu pênis. *Puta merda.*

Ele vai se masturbar na minha frente. *Pela primeira vez.*

Eu levanto meu pescoço, olhando fixamente.

Ele ainda não começou, não de verdade. — Sim? — Ele me pergunta se eu estou bem com isso, suas sobrancelhas franzidas e feições sombrias. Eu acho que sei porque, mesmo que tenhamos conversado sobre a possibilidade disso há *muito* tempo atrás.

Certas posições me levam a flashback para momentos terríveis com caras. Eu no topo. Boquetes. Talvez ele esteja preocupado com o fato de isso me mandar de volta para um momento em que alguém apenas se masturbou no meu corpo. Enquanto eu deitei lá desinteressada. Me sentindo, no final, nojenta e desconfortável.

Mas isso é completamente novo para mim. — Sim, — eu digo com um aceno de cabeça. — Esta é a primeira vez para mim, você sabe disso?

Um sorriso cintilante toca seus lábios. Então ele me estuda novamente com seus olhos de aço, e sua mão bombeia para cima e para baixo em seu eixo rígido.

Seus movimentos me deixam mais inquieta, e eu me vejo chutando os cobertores, balançando minhas pernas mais, movendo meus quadris e correndo minhas palmas ao longo de nossos

lençóis.

Sua respiração permanece controlada enquanto ele acaricia sua ereção, mas ele nunca olha para baixo. Seus olhos estão sempre em mim. Eu gosto de observar ele.

Eu sempre gostei. A flexão quase imperceptível de seu abdômen. O tique em sua mandíbula enquanto ele range os dentes. As veias se espalhando pelos braços dele. E seu pau que incha com vontades e desejos.

Eu amo tudo isso.

Meus joelhos batem juntos, e eu abro alguns botões na minha camisa de flanela que para no meio da coxa. Seu olhar oscila entre a abertura da camisa e meus olhos. Eu vejo sua mão bombear um pouco mais rápido, e ele se move ligeiramente na cadeira.

Eu prefiro totalmente excitá-lo dessa maneira do que chupa-lo, e talvez ele esteja começando a perceber isso também. Meu sorriso bobo e apaixonado retorna em pleno vigor.

Eu abro mais alguns botões e deixo a camisa cair pelos meus braços. Meus seios aparecem, um pouco maiores que o normal. Sua mandíbula flexiona novamente, e seu pênis parece endurecer *ainda mais* sob sua mão.

Eu me mexo um pouco, meu corpo estranhamente despertando. Normalmente, quando não estou de bom humor, eu continuo desse jeito, mas o visual é muito novo. Ele é tão atraente. E seu desejo por mim é claro em cada minúsculo movimento, em cada pulso de sua veia. No enrugamento de sua carranca. Está tudo dizendo, *eu quero te foder até o pôr e o nascer do sol, Calloway.*

Ele permanece lá, no entanto. Respeitando os meus limites. Minhas necessidades e meus próprios desejos. Isso faz dele dez bilhões de vezes mais atraente e mais perfeito para mim.

Eu desabotoo toda a minha camisa e a tiro completamente. Nua, assim como ele. Ele parece se concentrar na minha barriga redonda.

Um baixo grunhido pega em sua garganta, e ele agarra seu pênis um pouco mais forte. Seu barulho de prazer envia ondas de choque pela minha espinha.

Eu tremo. — Ryke, — eu digo com a respiração ofegante.

Ele agarra a base da cadeira com a mão livre, como se tivesse que segurar enquanto sua excitação cresce. Sua outra mão bombeia mais rápido. Mais forte. — Porra… — Ele solta outro ruído rouco, os olhos em cima de mim. Sua respiração pesada balança meus joelhos. Eu abro minhas pernas, e ele geme: — Puta... merda.

Seus olhos reviram um pouco, e então ele goza em si mesmo, ordenhando o último de seu clímax com mais alguns movimentos.

Minha boca cai com a visão. Se há uma escala que mede o calor, ele queimou totalmente a coisa toda.

No minuto em que ele trava os olhos comigo - antes de decidir tomar um banho e se lavar - eu digo: — Goza dentro de mim. Por favor.

< 55 >

RYKE MEADOWS

Porra.

Seu apelo agudo aperta meu fodido pau. Eu fico parado por um segundo, avaliando a reação dela, se isso é algo que ela realmente quer ou se ela está apenas tentando me excitar novamente. Para mim, não para ela.

Eu não estou prestes a foder Daisy se ela não se importa em fazer sexo. Não é necessário como costumava ser, e ninguém está mais feliz com isso do que eu. Gozar dentro de uma garota que vira a cabeça para longe de você, esperando que isso acabe - isso destrói meu fodido coração.

Eu não acho que ela tenha a intenção de fazer isso.

Eu sei que ela não iria.

— Eu acho que estou molhada, — ela ofega e depois estica a mão entre as pernas, as abrindo ainda mais. Mais por si mesma desta vez. Ela está inchada e claramente encharcada.

Eu endureço novamente, quase instantaneamente. Eu me levanto e descanso meu joelho esquerdo na beira da cama; meu pé direito fica no chão, a dor embotada sob a excitação aumentada. Melhores sentimentos ao redor.

Enquanto seus dedos roçam seu clitóris, ela estremece e murmura: — Ai meu Deus.

Eu agarro seu tornozelo e puxo-a rápido e com força para mais baixo no colchão.

Seu cabelo loiro se estende contra os lençóis e cobertores, e seu sorriso explode, seu peito subindo e descendo pesadamente. Ela é linda pra caralho, e eu quero estar dentro dela mais do que ela pode compreender. Pego um travesseiro e o coloco sob as costas dela, içando sua pélvis para mais perto de mim.

Eu sinto o olhar dela viajar pelo meu corpo, aterrissando na minha ereção. — Eu tenho essa teoria. — Enquanto eu seguro seus tornozelos, ela se mexe contra o colchão, seus ombros se pressionando nos cobertores. — Que você está destinado… — Ela perde o fôlego, incapaz de arrancar seu olhar do meu pau.

— Que eu estou destinado...? — Minha mão percorre sua longa perna, apertando seu quadril. Seus seios estão maiores, a cintura mais curvilínea que o normal e o estômago redondo. Tudo apenas aponta para um fodido fato:

Ela está grávida do *meu* bebê.

Não de um idiota repulsivo que a xinga e a trata como merda. Eu não tive que vê-la passar a vida desse jeito.

Se alguém me dissesse no iate - quando ela completou dezesseis anos - que terminaríamos aqui, eu acharia que eles estavam loucos pra caralho. Eu nunca pensaria em engravidar Daisy Calloway. Nunca nem imaginei nenhum de nós dois casados.

O tempo muda as pessoas.

Houve um ponto em que me deixou doente pensar em ela beijando outro fodido cara. Onde eu não conseguia nem pensar que ela casaria com outra pessoa. Onde ela teria seu bebê. Onde ela estaria feliz em seus braços, não nos meus.

Ter ela aqui, comigo, significa tudo.

Eu levanto os quadris dela em direção à minha pélvis, e ela diz: — Você está destinado a… ficar bem, bem fundo dentro de mim desde o início. — A ideia de eu transar com ela quando ela tinha quinze anos a excita - especialmente porque apagaria suas más experiências. Então eu não vou esmagar a fantasia dela.

Eu corro minha mão para cima e para baixo em seu corpo, e ela estremece mais embaixo da minha palma. Seus mamilos têm estado muito sensíveis, até mesmo para a água do chuveiro, então eu fico longe. Ela está esperando por mim para empurrar, e eu estou provocando ela.

Minha mão volta para seu quadril. Eu me inclino para frente e beijo o canto da boca dela. — Você é minha coisa selvagem favorita, porra.

— Ryke, — ela choraminga, pronta e se contorcendo nas minhas mãos.

Eu penteio o seu cabelo para fora do seu rosto e então beijo entre seus seios, abaixo de suas costelas, abaixo de sua barriga redonda, sangue acumulando no meu pau. Eu me endireito de novo, meu joelho esquerdo ainda na cama. Suas pernas envolveram minha cintura.

Eu aperto minha ereção, parando um segundo antes de entrar. Ela sempre foi frágil durante o sexo. No sentido de que eu posso machucá-la facilmente. Se eu empurrar muito forte contra o colo do útero. Se o cisto dela se inflamar. Ela pode sentir dor, mas ela grávida de vinte e quatro semanas leva o sexo para outra dimensão.

Eu não estou com medo, porra. Eu só quero ler a linguagem corporal dela corretamente. Eu quero prestar atenção em cada parte dela, para que eu possa dar tudo o que ela precisa.

— Sim, — ela sussurra, ainda olhando para o meu pau.

Eu lentamente empurro para dentro dela, e seu rosto cobre-se de prazer. — Ahhh, — ela respira e agarra a cama em ambos os lados dela. Suas pernas vibram em ambos os meus lados, e seu aperto, inchado pra caralho, me agarra.

Puta. Merda. Eu corro meus dedos pelo meu cabelo, *porra*. Empurrando para frente. Agarrando seu quadril. Desaparecendo dentro dela.

Toda vez que eu balanço para frente, ela balança, em sincronia com os meus movimentos. Vindo na minha direção quando eu vou na direção dela. Eu olho para seu corpo esbelto, sua barriga de grávida, seus movimentos ferozes pra caralho.

Ela desacelera por um segundo e vejo um estremecimento no vinco dos olhos dela.

— Devagar, Dais, — eu respiro, preocupação bombeando adrenalina em mim. — Você não precisa se mexer.

Ela solta respirações pesadas e acena com a cabeça. Um olhar nos olhos dela que diz *mais devagar.*

Eu puxo para fora e empurro sem pressa, puxando a tensão e aumentando a porra da fricção. Ela observa atentamente e tenta empurrar para cima, mas eu coloco uma mão em seu estômago, empurrando seu corpo de volta para baixo.

Ela balança a cabeça novamente, arqueando as costas e as pálpebras tremendo.

Um gemido arranha a porra da minha garganta. *Puta que*... eu empurro mais fundo, mais devagar, mas mais profundo. Ela aperta em volta do meu pau, pulsando. Seus lábios se abrem e ela engasga quando atinge um pico.

Eu explodo, gozando forte. Eu me inclino para frente, meus antebraços em ambos os lados do seu rosto, e beijo seu pescoço, ouvindo-a choramingar mais enquanto estou enterrado dentro de seu calor.

— Ryke.

Eu levanto minha cabeça e ela me beija nos lábios primeiro. Eu a beijo de volta instantaneamente, minha língua deslizando contra a dela. Ela geme contra a minha boca e eu me distancio para que ela possa recuperar o fôlego.

— Bom? — Eu pergunto, meu pé direito ainda no chão. Meu pau ainda nela.

— O melhor, — ela sorri. — Eu acho que você está destinado a ficar bem aqui. Sempre. — Ela mexe as sobrancelhas, aludindo aos nossos corpos conectados juntos.

— Você já disse isso, Calloway. — Eu sei o que ela vê quando olha para nós, e é fácil compartilhar sua visão. Para sentir a mesma fodida coisa. Animalesca. Destinado a foder. Destinado a começar uma família.

Destinado a ficarmos juntos.

— O orgasmo deve ter literalmente explodido minha mente.

— Fofa. — Eu acaricio sua bunda. — Eu vou tirar. — Ela não está mais apertando, e eu deslizo para fora facilmente, vendo-a expirar. Nenhum sinal de dor.

Ela rasteja para fora da cama, e minhas sobrancelhas franzem, imaginando o que diabos ela está fazendo. Me sento na beira do colchão e olho para o meu peito e abdômen. Porra, eu preciso de um banho.

Daisy levanta a caixa de papelão com nossas fantasias e a coloca ao meu lado. — Estou curiosa. Você não está curioso?

— Não, — eu digo categoricamente. Eu planejava esperar até às cinco e meia, como Lo queria, mas depois do sexo, eu faria praticamente qualquer coisa que Daisy pedisse. Incluindo abrir uma caixa que não devemos abrir.

Eu rasgo a fita antes dela. Seu sorriso se espalha tão largo que eu posso sentir uma parte escura de mim iluminar. Ela me ajuda e nós dois abrimos a caixa juntos.

Duas cartas estão no topo e eu passo a que parece a da Daisy. Nós dois esperamos um pelo outro para ler os deles, mas eu faço um movimento para ela ir primeiro.

Ela desdobra a carta e limpa a garganta, mergulhando em sua voz teatral. — 'Querida Uma Metade Louca de *Raisin'*. — Ela balança de um lado para o outro, nua, na minha frente. — 'Eu pensei em fazer de você uma freira, mas você pode agradecer a sua irmã, a adorável, por me dizer para não ser tão idiota.' Obrigada, Lily. — Daisy faz uma reverência.

Pego sua fantasia, algo azul-marinho, prateado, vermelho e um elmo alado.

Ela continua lendo. — 'Lil disse que você deveria ser algo legal, já que você é a garota mais legal que ela já conheceu ou o que quer que seja. Eu pensei que você deveria ser algo volúvel porque você está em todo o maldito lugar. Nós decidimos por Thor - a garota Thor, que é uma coisa real na Marvel.' — Ela pula na ponta dos pés, animada pra caralho.

Me deixa feliz vê-la tão otimista.

— 'P.S.'— ela diz, — 'não abuse do martelo.' — Ela engasga. — Tem um martelo?

Eu atiro para ela a arma de plástico que tem um elástico na outra ponta. Então, quando ela jogar, vai voltar para o corpo dela. — Não se machuque, — eu digo.

— Eu não vou. — Ela não testou ainda. Ela espera e olha para a minha carta. — E o seu?

A coisa é, na maioria dos anos eu me visto como Arqueiro Verde porque eu sempre esqueço de montar uma fantasia nova. Lo absolutamente despreza isso, então ele não vai perder essa oportunidade para me fazer usar algo diferente.

Eu leio a carta dele. — 'Para o irmão que não é o bastardo.' Hilário pra caralho, Lo, — murmuro e balanço a cabeça. — 'Eu pensei em fazer você Luke Skywalker já que você tem esses problemas com seu pai…' — Eu reviro meus olhos. — '…Mas eu não consigo imaginar você em uma túnica branca. De qualquer forma, você tem uma cicatriz na sobrancelha, o que faz você parecer mais com Anakin. Apenas saiba que eu poderia ter te feito uma embalagem de mostarda ou uma banana, então fique feliz com isso.'

Daisy tira minha fantasia, uma túnica marrom-escuro e calças de Star Wars com um sabre de luz de plástico. Vai ser a roupa mais nerd que eu já usei, mas eu usaria pelo Lo. Eu usaria praticamente qualquer coisa para ele.

Eu olho para a carta e leio silenciosamente a última linha.

P.S.

Eu não acho que você é o vilão, mesmo que Anakin seja.

< 56 >

RYKE MEADOWS

— Mãe dos dragões! — Lo grita para a casa dos Cobalt, todos esperando do lado de fora por Connor e Rose. A limusine estacionada perto da fonte. Eu os conheço há muitos fodidos anos, e posso contar na minha mão o número de vezes que eles se atrasaram para *qualquer coisa.*

Eu tento ligar para eles novamente, mas não há resposta. Eu ficaria preocupado pra caralho se passasse de dez minutos de atraso. Passaram apenas quatro até agora.

— Você roubou o sabre de luz, sua fada irritante. — Daisy estende seu martelo na direção de Lily, que está vestida como Sininho este ano.

Lo é um descontente e irritado Peter Pan. — MÃE DOS FODIDOS DRAGÕES! — Ele grita em uma casa quieta.

Eu dei meu sabre de luz para Lily, ambas as garotas entediadas esperando, e Lily, toda desengonçada em um vestido verde de tutu com asas, chicoteia o plástico azul iluminado em direção a Daisy. — Prepare-se para enfrentar sua desgraça, Thor. — Elas lutam com sorrisos enormes, sabre de luz dela acertando o martelo de Daisy.

Lo suspira pesadamente, cruzando os braços e encostando-se na limusine como eu. — Devo me preparar para você ficar nu até o final da noite? — Eu dei mais do que apenas meu sabre de luz nos últimos quatro minutos.

Daisy usa meu robe, o tecido longo espanando o chão enquanto ela luta com Lily.

— Ela estava com frio, — eu digo a ele, mas seu olhar já se dirigiu para a nossa irmã, que está ao lado do porta-malas da limusine com Garrison, laptop dele aberto. Ela aponta para a tela e ele balança a cabeça, explicando algo para ela fora do alcance da voz.

Lembro que a Lily me disse que, de todos os funcionários do Superheroes & Scones, Garrison ganhou o concurso de "faça o seu próprio super-herói" para os quadrinhos do *Quarto Grau*. O artista e os criadores do universo das histórias em quadrinhos escolheram seu conceito: um anti-herói chamado Sorin X com poderes de teletransporte ligados à proximidade da garota que ele ama. Ele não pode se teletransportar mais de cinco quilômetros para longe dela. E ele é um alcoólatra em recuperação.

Parece muito que Lo causou um impacto em Garrison. De algum modo. De alguma forma. O suficiente para criar um fodido super-herói baseado nele.

Lo se inclina para perto de mim e diz em voz baixa: — Aparentemente esta é a primeira festa de Halloween da Willow, do tipo que não envolve jogos online. Não é a praia dela, então se ela parecer pronta para sair, acho que todos nós deveríamos sair cedo.

Eu aceno com a cabeça, concordando. Ela está vestida como um anjo em um vestido branco na altura do joelho e asas combinando, uma coroa de ouro circular na cabeça. Garrison está do outro lado de calça vermelha, uma camiseta vermelha e uma tiara de chifres vermelhos no cabelo castanho escuro.

Eu ainda não consigo acreditar que meu irmão deu a eles fantasias de casal.

— Diabo! — Lo grita para o namorado da nossa irmã.

Garrison tira os olhos do computador e Willow levanta os óculos.

— Você sabe o que acontece quando um anjo e um demônio criam uma união corporal? — *Ok, agora eu entendo essa porra*. — O apocalipse. Faça a coisa certa e não acabe com o mundo hoje à noite.

— Isso definitivamente não é como funciona, — diz Garrison secamente.

Lo olha para mim. — Você está ouvindo esse cara?

— Sim. Eu acho que ele não entende o fodido significado do apocalipse. Quer soletrar para ele?

Garrison cruza os braços com um olhar parecido com *você também?*

Ela é minha irmã. Eu me importo pra caralho que ela se divirta. Nenhuma pressão para beber, dançar, foder, fazer qualquer coisa que ela não queira fazer.

O problema com Garrison é que ele é muito sarcástico para ter uma boa leitura dele. Se ele respeita suas hesitações, não tenho a mínima fodida ideia. No fundo, quero pensar no melhor das pessoas, mas também não sou ingênuo, porra.

— Apocalipse, — diz Lo, — também conhecido como o fim de sua pequena e miserável vida pelos poderes existentes.

— Também conhecido como *eu*, — eu digo.

— E eu, — Lo termina com um meio sorriso. — Bem-vindo ao inferno.

— Eu já vi coisa mais assustadora, — diz Garrison categoricamente.

Minhas sobrancelhas pulam de surpresa. Além de meu pai e meu irmão, eu nunca vi ninguém tão rancoroso e de língua afiada. — Quem? — Eu pergunto.

— Meus irmãos. — Garrison se fecha, voltando ao seu computador. Eu não o incomodo porque sei o que ele está fazendo lá. Algo para Daisy.

Lo o observa por um momento ou dois a mais e eu checo o meu celular. — Eles estão dez fodidos minutos atrasados agora.

Quando digo isso, a porta se abre. Rose se destaca primeiro em um longo vestido azul claro com um cinto de ouro, junto com uma peruca loira platinada.

Eu vi episódios de *Game of Thrones* com Lo para saber que ela é a Daenerys. Também conhecida como a mãe dos dragões.

— Finalmente, — Lo bufa.

Eu abro a porta da limusine, e Lily e Daisy são as primeiras a entrar, suas bochechas avermelhadas pelo frio e de saltar por aí. Garrison e Willow entram na limusine, o laptop ainda aberto.

— Você percebe que é meu aniversário? — Lo pergunta enquanto ela se aproxima de nós, sua atitude de fogo reforçada com penetrantes olhos verde-amarelados.

— Desculpa, — ela realmente pede desculpas, quase irreconhecível com o cabelo platinado. — Connor sairá em um minuto.

Eu fico olhando para ela um pouco mais do que o fodido habitual. Sempre chocado quando ela muda de aparência, mesmo que levemente. Estou acostumado a Rose estar em vestidos pretos de colarinho alto. Qualquer desvio geralmente me choca. Como ser chicoteado.

Lo bate na parte de trás da minha cabeça, me repreendendo. Eu não estou olhando para ela de uma maneira sexual, pelo amor de Deus.

Eu empurro seu braço levemente.

— O quê? — Ela me pergunta, examinando minha roupa da cabeça aos pés. Eu não acho que ela sabe o que eu deveria ser. Pelo menos não sem meu sabre de luz, mas ela não questiona.

— Com o que você demorou tanto tempo? — Eu pergunto.

— Coisas. — Ela recolhe seu cabelo platinado em um ombro e depois abaixa a voz. — Como está a Daisy?

— Feliz.

Seus lábios se contraem.

Lo faz careta. — A coisa sorri.

Rose estreita os olhos e examina a fantasia tradicional dele do Peter Pan. — Eu espero que suas calças te apertem.

— Espero que seu cabelo caia.

— Espero que essa conversa acabe, porra, — eu digo.

Rose olha entre nós dois, as mãos nos quadris. — Vamos fazer um pacto. Se *alguém* incomodar nossas irmãs esta noite, nós os confrontamos e lidamos com os meios necessários, de acordo com o quanto eles são antagônicos em relação a nós. — Ela levanta o vestido.

— Wow, wow, — diz Lo. — Jesus, Rose, ninguém quer... ah.

Ela tem uma faca amarrada na coxa.

— O que, você planeja acertar alguém esta noite, porra? — Estou de repente apreensivo. Inquieto. Preocupado. Todas as fodidas alternativas acima. Ela está claramente assustada com um passeio em público. Nós todos não saímos juntos há muito tempo, não assim. Estamos indo para os Hamptons, onde uma cantora famosa nos convidou para sua festa de Halloween, e nossos guarda-costas têm que ficar do lado de fora de sua mansão.

Price incluso. Depois do nosso casamento e de ter ajudado Daisy a chegar ao hospital em Lima, confiei nele muito mais. Eu ainda não sei por que Greg iria contratar alguém tão jovem, mas eu não acho que Price vai nos foder.

— Eu pretendo ser engenhosa e *cautelosa.* — Ela levanta o queixo. — Eu também tenho um taser.

— Onde? — Lo se encolhe. — Na verdade, eu não quero saber.

— Vocês estão me dizendo que não estão com uma faca? — Rose refuta.

Ela tem um ponto. Eu levanto minha calça marrom-escura que está enfiada na minha bota. Meu irmão e Rose podem ver o punho da minha faca. Eu costumo sempre carregá-la, especialmente depois da porra da mídia enlouquecida.

— Jesus Cristo, — Lo diz. — Eu sou o único que não está armado?

Eu não digo isso em voz alta, mas suas palavras são basicamente uma arma.

— Nós temos um acordo? — Rose pergunta. — Fique de olho nelas e continue com a *ação*.

— Nós não somos aqueles que te restringiriam, — eu a lembro. — Seu fodido marido te tiraria de um confronto primeiro.

Ela murmura, “pacifista” baixinho.

Lily de repente entra no nosso círculo de três, saindo da limusine e se enfiando entre nós. — Eu acho que é importante dizer a todos vocês algo antes de começarmos esta jornada. — Ela tem glitter em todo o rosto e sua asa continua me cutucando nas fodidas costelas. — O trio do temperamento quente não pode sair para jogar.

Todos nós gememos.

— Isso é sério. — Ela cospe uma mecha de cabelo de seus lábios. — Não surte se alguém dar em cima da Daisy.

— Ela está grávida, — eu rosno, estreitando meus olhos com a ideia. *Não, porra, não.*

— Viu, você já está surtando! Não faça isso, Ryke.

Eu encaro, mas ela se vira para Rose. — Não surte se alguém disser coisas ruins e grosseiras para mim. Eu vou ficar bem.

Rose franze os lábios, tentando morder a língua, mas ela solta: — Eu vou cortar as gargantas dele.

Eu também, porra. Concordando imediatamente com a ameaça metafórica.

Lily se vira para Lo. — E você.

— Sim, amor? — Lo começa a sorrir, o que quase quebra o comportamento severo de Lily.

Ela está confiante, no entanto. Sua Sininho para o Peter Pan dele. — É melhor você ter o melhor vigésimo sétimo aniversário de todos. E LorenHalesemprefodemelhor, — ela diz

apressadamente antes de beijar sua bochecha rapidamente e desaparecer de volta para a limusine.

Lo parece apaixonado.

— Porra, finalmente, — eu digo assim que a porta se abre e Connor emerge.

Ele está vestindo uma fantasia de Luke Skywalker, toda branca, como um fodido deus.

Eu estreito os olhos para Lo que não para de rir entre nós dois. Ele nos colocou em fantasias combinando. Eu percebo que Rose sabia o que eu estava vestindo. Ela estava apenas juntando as peças também - que eu estou basicamente unido ao marido dela hoje à noite.

— Eu odeio você pra caralho, — eu digo ao meu irmão enquanto Rose entra na limusine.

Lo bate no meu ombro. — Meu aniversário, — ele me lembra.

Ele vai falar isso a noite toda.

Connor mantém uma expressão composta com a visão da minha roupa, mas tenho certeza que, embaixo de tudo, ele está tão irritado quanto eu. Ele então inclina a cabeça para Lo. — Eu vejo o que você fez aqui, querido.

Lo toca seu coração. — Você pode sentir meu amor?

— Imensamente.

Eu aceno para Connor. — Porque você demorou tanto tempo?

— Sentiu minha falta?

— Eu estava preocupado, — eu digo, sem rodeios — Vocês dois nunca se atrasam.

— Nós estávamos ocupados. — Ele usa o reflexo da limusine para consertar seu cabelo castanho ondulado, ligeiramente despenteado.

Então tudo clica. — Vocês estavam fodendo.

— Bom garoto, — diz ele. — Quer uma recompensa? Ou devo colocar meu sabre de luz em você agora?

Eu coloquei meus Wayfarers pretos. — Não coloque seu sabre de luz em nenhum lugar perto de mim, Cobalt.

Ele sorri aquele sorriso de bilhões de dólares.

Lo tira meus óculos dos meus olhos. — Está de noite e você é um maldito Cavaleiro Jedi. Você não usa óculos escuros.

Se estivermos interpretando seriamente, eu precisaria morrer no final da noite. Aconteça o que acontecer, eu só não quero ver nenhuma das garotas ou meu irmão ou até mesmo Connor no hospital.

Podemos evitar isso? Ou é inevitável que tudo acabe em um completo fodido desastre?

< 57 >

DAISY MEADOWS

— Atenção, atenção, — eu digo no viva-voz. Música alta e sinistra afoga a tagarelice de *centenas* de corpos, principalmente celebridades. Tem sido mais fácil se misturar às multidões fantasiadas e ser uma observadora, e não aquela sendo observada. — Perdemos Anakin e Peter. Onde podemos encontrá-los?

— Eu não consigo ouvir você! O que disse?! — Lily grita, sua voz falhando no meu telefone. A recepção na mansão costeira é uma droga. Eu seguro a mão de Willow, um grupo de homens vestidos como membros de fraternidade, empurram nossa área perto da estátua da múmia.

Willow chega mais perto de mim. — Eu nunca vi tantas pessoas em uma casa.

Isso pode ser um recorde para mim também. Eu aperto a mão dela, mas ela começa a tossir quando uma máquina de fumaça é ligada perto de nós.

— ONDE ESTÁ O PETER PAN?! — Eu grito no telefone. Esta pausa para fazer xixi está se transformando em uma aventura. Todos deixaram o caixão forrado de veludo na sala de jantar, o que não foi legal depois que voltamos.

Sua voz falha novamente. Eu desisto e desligo o celular. Eu sopro o ar nebuloso e, em seguida, coloco minhas mãos no ombro de Willow. — Vamos pensar. Para onde Loren Hale iria? — Ele está dirigindo esse trem de festa em algum lugar.

— A cozinha? — Willow chuta. — Ele gosta muito de comer salgadinhos nas festas da Superheroes & Scones.

Ela pode estar certa. — Então é para lá que vamos, minha senhora. — Endireito seu capacete de asa prata. Era uma parte da minha fantasia de Thor, mas nós trocamos. Uma grinalda angelical de ouro está no meu cabelo loiro, o comprimento até minha clavícula.

Ao conduzi-la através das profundezas dos piratas e bombeiros conversando, nossa caminhada é interrompida por um homem seminu de quarenta e poucos anos. Um sinal de "censurado" de papelão preto cobre sua virilha.

— Oi, — eu digo antes de ele falar. — Estamos tentando encontrar alguém por ali. — Eu aponto para trás dele.

Ele leva um momento para beber sua bebida mista, olhando para nós duas. — Eu posso te levar aonde quer que você precise ir.

Willow tem a expressão mais icônica, repugnada e mal-humorada, como se ela tivesse passado décadas evitando comer brócolis, e hoje à noite, de todas as noites, ela confrontou o vegetal ruim.

Eu digo a ele: — Isso não é necessário, mas obrigada pela oferta. — Eu disse *obrigada* em uma voz agradável. Rose não se importaria em ofendê-lo ou *qualquer outra pessoa* assim.

Eu sei que essa parte de mim não vai mudar. Contanto que isso nunca me derrube, acho que é bom ser assim às vezes. Eu não tenho que ser como Rose ou como Ryke.

Eu posso ser eu.

Eu sei quem é essa agora.

Antes que ele possa responder, eu me abaixo sob seu braço, puxando Willow atrás de mim. Ela felizmente fica perto e nós escapamos desse cara.

Assim que entramos na cozinha vazia - pequenas velas colocadas ao longo das bancadas de granito - Ryke corre na minha direção. Sua carranca e preocupação misturada com sua fantasia de *Star Wars* tem um efeito estranhamente superatrativo. Ele seria o cara sexy '*eu não dou a*

mínima' em uma convenção de nerds. Quem acidentalmente age mais como seu personagem apenas sendo confiante.

— Em que fodido lugar vocês foram fazer xixi? Nós estivemos procurando vocês duas em todos os lugares. — Ele coloca uma mão protetora no topo da minha cabeça, sua bengala na outra.

— Para a lua e de volta, — eu sorrio, na esperança de relaxá-lo.

Ele olha para Willow para uma resposta real.

— Apenas para o banheiro do primeiro andar. Ninguém estava no caixão quando voltamos.

— Eu te disse, — diz Garrison para todo o grupo. Todo mundo está no balcão do bar, seu laptop apoiado em um banquinho. Connor está mais perto de Garrison, examinando ele e a tela do computador com mais interesse do que ele jamais mostra às pessoas.

— Você está *realmente* incorporando essa coisa toda do diabo, — diz Lo, — ou é apenas da sua alma. — Lo mal está olhando para ele. Atualmente, ele está invadindo a despensa da casa com Lily pendurada na cintura, tentando afastá-lo com muito esforço.

— Lo, você não pode.

Ryke segue meu olhar, ficando rígido por um segundo.

Lo pega uma caixa de Cheez-Its. — *Eu posso*. Talvez devessem ter pensado em lanches, né? — Ele abre a nova caixa diante do rosto dela.

Lily sussurra: — Deveríamos escrever uma nota de desculpas?

— Lil, — diz ele, colocando um punhado em sua boca. — Pense nisso como seu presente de aniversário para mim.

— Poderia ser pior, — diz Connor, sua atenção dividida entre Garrison e eles. — Ele poderia ter invadido o armário de bebidas e consumido uma garrafa de 40 mil dólares de álcool.

Eu já ouvi essa história antes - de quando Ryke conheceu Lo em uma festa de Halloween. Depois que Lo bebeu o licor caro de um cara.

Ryke acrescenta: — E ter um monte de Tartarugas Ninja atrás de você na rua.

— Viu, amor. — Diz Lo para ela. — Meu pior já passou.

Ela sorri e, em seguida, estende a mão.

Ele derrama alguns Cheez-Its na palma da sua mão com seu próprio sorriso crescente.

A fofura de Lily para Lo e de Lo para Lily sempre me deixa surpresa que eles fingiram estar juntos por tanto tempo. Eu acho que o tempo todo eles estavam apenas enganando um ao outro. O amor entre eles é verdadeiro e raro e algo que sempre desejei ter.

Eu olho para Ryke, e ele levanta as sobrancelhas para mim como se dissesse *ei, Calloway.*

E agora eu tenho.

Seu braço desliza em volta dos meus ombros. — Ninguém deu em cima de você, não é? — Pergunta ele, enquanto nos aproximamos de nossos amigos, Willow ao lado de Garrison, que está fixado no computador.

Sem olhar para ela, a mão dele desliza pelo braço dela e se encaixa firmemente na dela. Um movimento tão astuto. Lily seria a primeira a dar a eles nota 10 de 10.

— Eu estou grávida, — lembro Ryke, percebendo Rose bebericando sua água com gás e andando entre a porta, vigilante. Ela não deveria estar relaxando hoje à noite?

— Sim, — diz ele. — Sua irmã acha que não se importam se você está grávida ou não.

Willow limpa a garganta. — Nós fomos abordadas... Daisy lidou com isso muito rápido.

A cabeça de Garrison se dirige para Willow. — O que?

A mandíbula de Ryke endurece. — O que você quer dizer com *abordada*?

Ela usa essa expressão novamente, como se um mau gosto enchesse sua boca. Foi um encontro curto, mas para alguém que evita ativamente essas situações, deve ser mais difícil de

digerir.

Garrison parece muito preocupado, sua linguagem corporal se abriu para ela e se fechou para o computador. Ryke analisa isso, eu acho, porque ele muda seu peso em sua bengala, não indo em seu socorro ou a confortando como ele confortaria alguém que estivesse sozinha.

— Alguém te tocou? — Ele pergunta baixinho, mas estamos perto o suficiente para pegar as palavras.

— Não, não, como eu disse, Daisy lidou com isso muito rápido. Foi apenas... estranho, eu acho. Ele era velho.

— Fantástico pra caralho, — Ryke murmura.

— Parece que há mais caras aqui do que meninas, — diz Lily, mastigando o Cheez-Its.

Lo acena para Willow. — Você quer ir embora agora?

Ela balança a cabeça vigorosamente. — Não. Não foi tão ruim assim, honestamente.

Garrison ainda parece preocupado, mas ele a beija levemente na bochecha e sussurra em seu ouvido. Ela balança a cabeça e ele a puxa contra o lado dele, colocando-a perto.

Eu sussurro para Ryke: — Eu sei que não sou a melhor em dizer quem são os bons caras.

Suas sobrancelhas se levantam novamente como se dissesse *sem brincadeira, porra*.

Eu sorrio. — Mas eu acho que Garrison é um. — Quando alguém se preocupa com suas limitações e sua aprovação em coisas simples, como tocar, isso vai longe. Nem todas as pessoas são assim.

O rosto de Ryke muda com a mesma realização. — Talvez você esteja certa.

Connor diz a Garrison: — Quantos passos restam?

Garrison balança a cabeça em transe e depois se lembra de seu projeto. Para me ajudar. Ele lambe os lábios, digita uma coisa no computador e diz: — Pronto.

— Pronto? — Meu peito sobe e eu me aproximo. A tela está cheia de códigos de computadores que não fazem sentido para mim.

— Quem quer que tenha invadido suas contas receberá spam pornô quando tentar novamente. Também mudei todas as suas senhas e as escrevi para você. — Ele enfia a mão no bolso, tirando um maço de cigarros e um pedaço de papel amassado. Ele me entrega o último. — A propósito, tive que adicionar uma defesa a todas as suas contas. — Além de nós, não há outras pessoas na cozinha vazia, então elas não conseguem ouvi-lo. — Ninguém deve ser capaz de encontrar seus números de telefone, a menos que você dê pessoalmente.

Um peso gigante e paranoico começa a sair do meu peito. Eu nem percebi que ainda estava lá. *Elas não podem mais ligar para você, Daisy.* Eu não tinha certeza se recuperaria esse tipo de privacidade novamente.

Antes que eu possa dizer ao Garrison *obrigada* ou mesmo agradecer a Willow por mencionar o quão bom ele é com computadores, Garrison faz um gesto para Lily. — E suas senhas me levaram trinta segundos para hackear.

Lo dá uma olhada para ela.

— O queee… — Ela enruga o nariz. — Não é nada familiar para ninguém, eu prometo.

— É, no entanto, — diz Garrison. — Seu filme favorito é *X-Men: Primeira Classe*. Você disse isso em uma entrevista, que é de conhecimento público. Você não pode usar 2011xmen como sua senha...

— Shhh! — Ela o silencia com grandes olhos e mexendo as mãos como se estivesse golpeando as abelhas. — Alguém vai ouvir e entrar no meu e-mail de trabalho.

— Se você quiser, eu vou ajudá-la a mudar isso hoje à noite.

Ela acena repetidamente, e eu saio do lado de Ryke, indo para o outro lado do balcão do bar, para roubar o Cheez-Its de Lo. Ryke segue, mancando mais do que usando sua bengala. Ele faz

careta no último passo até aqui, mas ele nunca reclama.

Nunca diz o quanto dói.

Ele persevera.

Eu o vejo inclinar seu peso sobre a bancada de granito, a cozinha escurecida, exceto pelo brilho quente das velas. Eu passo a ele um punhado de Cheez-Its e então ele joga um na minha cara.

Eu sorrio e ele joga o segundo em mim, e eu o pego na boca.

Eu levanto meus punhos no ar. — Eu salvei o Cheez-It da morte pelo chão. Alegria!

Ryke coloca um em sua boca, seus lábios se levantando.

Connor fecha seu sabre de luz e gesticula de Garrison para o laptop. — Você aprendeu codificação sozinho?

— Sim.

— Por quê? — Connor pergunta, profundamente interessado.

Lo abaixa a voz para o nosso amontoado de quatro. — Alguém mais acha que Connor parece impressionado?

Lily coloca a mão na caixa vermelha. — Talvez ele tenha peidado.

Todos nós desatamos a rir e Connor arqueia a sobrancelha para nós. Ele não poderia ter ouvido Lily do outro lado do balcão, mas ele definitivamente sabe que ele é a fonte do nosso humor.

— Eu gosto. — Garrison dá de ombros para Connor. — Codificação faz sentido para mim. Precisa haver outro motivo?

Connor sorri. — Pode haver, mas a razão que você me deu é a melhor.

— *O que posso fazer para você?* Essa é a sua linha de abertura? — Rose de repente diz, tão alto que todos nós nos viramos para ela. Seus braços estão cruzados enquanto um vampiro pálido de quase um metro e oitenta de altura está de pé em frente a ela, com um copo de vinho na mão.

— Olha, ele bebe vinho igual o Connor. — Lo brinca, comendo seu lanche como pipoca.

Connor se concentrou na conversa de Rose com o vampiro da era gótica, que deve ser um ator porque ele é um dos caras mais bonitos aqui. Todo limpo e vestido com um colete preto aristocrático e abotoado, como se ele tivesse um estilista.

O cara gesticula dos seios de Rose para... bem apenas os peitos dela. — Você é de borracha. Eu sou cola. O que quer que você diga, aposto que vai ver minhas bolas.

Os olhos de Rose se arregalam com o fogo do inferno.

Lo finge que vai vomitar com a fala do cara, e Ryke murmura: — Eu já estou quase lá, porra.

A expressão de Connor é ilegível, mas Lo sussurra algo sobre seu rosto "ciumento". Então talvez eu não consiga ver através de Connor do jeito que ele consegue. Rose não ficaria feliz com Connor mijando em seu território, então é razoável supor que é por isso que ele está dando tempo a ela antes de interromper.

— E eu aposto, — Rose diz para o cara, — que você vai se masturbar em casa *sozinho* esta noite. Eu também aposto que em cinco anos, suas bolas vão apodrecer e cair.

O cara ri e olha para os peitos dela *novamente*.

Eu odeio esse vampiro.

Rose estreita mais os olhos. — Encontrou algo que agrada você?

— Talvez.

— Talvez meu salto de dez centímetros na sua cavidade ocular possa agradar você também.

Ele bebe o vinho dele. É nesse momento que Connor deixa seu posto, seu passo mais urgente, como se ele pudesse dizer para onde essa conversa está indo.

— Eu não estava brincando. — Ela estreita os olhos, apertando sua água com gás.

O cara apenas inclina a cabeça como se ela ainda estivesse brincando. — Eu aposto que seu marido gosta do seu salto no cu...

Ela joga a água no rosto dele, e o cara *avança* para Rose. Ai meu Deus - Connor imediatamente entra na frente da minha irmã e empurra o cara com tanta força que ele bate nos armários da cozinha.

— Chute a bunda dele, Skywalker! — Lo grita entre as mãos em concha.

O cara esfrega a parte de trás de sua cabeça, furioso com Connor, que se mantém alto com um e noventa de altura.

Connor Cobalt está tão calmo que você não acreditaria que foi ele quem bateu no cara.

— Ela estava dando em cima de mim, você percebeu isso? — O cara retruca.

Por que alguns caras culpam as garotas? Rose não fez nada de errado. Ela manteve uma conversa curta com ele. E só.

Connor mal pisca antes de dizer: — Normalmente eu nem desperdiçaria palavras com alguém que eu ache paroquial e sem sentido, mas talvez eu tenha pena de você apenas o suficiente para dizer isso: nos próximos dois séculos, minha esposa e eu ainda existiremos. Nós viveremos além de você através de mentes, palavras e corações. Se isso faz você se sentir fraco e insignificante, então talvez você deva reavaliar sua própria postura no mundo - e não tentar destruir a minha com duas mãos desajeitadas.

Uau.

A cozinha fica atônita, em silêncio, exceto pela assustadora música de fundo, e Rose sorri para o marido, com os olhos brilhando de amor.

Eles parecem se aproximar ao mesmo tempo, ambos falando em francês. Connor aperta a mão dela e depois beija a testa dela. Ele sussurra outra palavra ou duas, ao que ela sussurra de volta. Seu sorriso envolve seu rosto.

O cara vampiro mostra o dedo do meio para Connor, logo antes de se afastar.

— Fraco! — Lo grita com ele, mas duvido que ele ouça. Eu me viro para ver se Ryke mostrou o dedo para o cara, mas ele não está ao meu lado.

Eu giro em um grande círculo. Lily também se foi.

— Lo? — Eu questiono. — Onde Lily e Ryke foram?

Seu meio sorriso desaparece em seriedade. — Lily? — Ele grita, sua voz quase assumindo um tom desesperado. — Lily?!

Eu agarro meu celular e depois me lembro... estou sem sinal.

Uma garota com uma fantasia dos anos vinte abre a porta do pátio através da cozinha, falando em voz alta para outra com fantasia dos anos 1920. — ...cinco pessoas passaram pela segurança que não estão na lista. Marcie disse que eles têm uma mochila cheia de coisas. Eles poderiam ter uma arma - é ridículo.

— E eu ia contratar essa equipe de segurança para a minha festa de Natal. — Ela sacode a cabeça, ambas correndo na direção da saída principal.

Cinco pessoas passaram pela segurança. Eu mando mensagem para Ryke rapidamente, mas não vai. Ainda sem final, estou de repente quente e suada. Precisamos encontrar Ryke e Lily rápido. Eu sinto uma mão no meu ombro e eu pulo.

É só a Rose. Bem ao meu lado. Eu limpo minha testa com as costas do meu braço.

— Estamos indo, — diz Rose, suas costas arqueadas em batalha.

— Nós não podemos, — eu digo, e então ela percebe os dois corpos ausentes. — Ryke e Lily se foram.

< 58 >

RYKE MEADOWS

— Vai devagar, porra. — Eu manco atrás de Lily, usando minha bengala para alongar meu passo ao longo do corredor do segundo andar. Ainda tenho dificuldade em alcançá-la enquanto ela se espreme entre os corpos e desliza debaixo dos braços.

— Você não tem que me seguir! — Ela grita de volta, se contorcendo em seu tutu verde.

Ela precisa mijar.

Tanto que ela saiu do lado do marido. Estou feliz por ter tirado meus olhos de Connor e Rose por um segundo para vê-la desaparecer.

— Você está certa, eu não tenho, — eu replico, — mas eu estou, porra! — Ela se vira para uma porta e a abre, correndo para dentro. Assim que chego à porta, ela bate no meu peito, tentando sair.

— Vaivaivaivai, — ela fala, todo o rosto vermelho-beterraba.

Eu olho por cima do ombro dela. Ela entrou em um quarto. Duas pessoas agarradas sob as cobertas com grunhidos e gemidos pesados. — Ai! Bem *aí*! — Grita uma menina.

Porra. Eu vou para o lado o mais rápido que posso, o que não é nada rápido. Lily corre em volta de mim e eu fecho a porta.

— Você pode relaxar por um maldito segundo? — Eu pergunto.

Ela me lança um olhar estreito. — Eu tenho que fazer *xixi*. É intensa e talvez você não entenda minha bexiga, mas é uma coisa *real*, Ryke.

Eu passo a mão pelo meu cabelo grosso. — Eu sei que sua bexiga é real, porra. Olha, tem que haver um banheiro no corredor, e se você correr por aí como se alguém tivesse acendido sua bunda em chamas, você vai passar direto por ele.

Lily tem meu sabre de luz na mão e cutuca meu peito com a ponta azul. — Você deveria estar cuidando de Lo, não de mim. — Em seus olhos verdes, eu vejo que ela está seriamente confusa sobre por que eu a escolheria sobre o meu irmão agora. Por que eu a seguiria e deixaria ele em paz?

Arranco o sabre de luz da sua mão, me lembrando de quando tinha vinte e poucos anos. Quando a conheci. Eu disse algo para ela em uma festa de Ano Novo uma vez. Algo que eu me arrependo pra caralho. Porque eu sei - bem agora - que ficou com ela por mais tempo do que ficou comigo.

— Eu me importo com você, — digo a ela como se não devesse ser uma ideia tão *louca* agora. — Não porque você faz parte da vida do meu irmão, mas porque você faz parte da minha vida. Você é minha fodida amiga. Eu te amo, tudo bem?

Ela cruza os tornozelos com uma cara de *eu tenho que fazer xixi*, mas diz com toda seriedade: — Eu sei que todos nós envelhecemos juntos, mas eu realmente não senti o quanto até agora.

Eu estava no meu próprio mundo naquela época, pronto para escolher Lo ao invés de Lily, sem entender nem mesmo um fragmento de sua própria dor, e eu estava tão fechado com ela - que quase perdi uma das pessoas que mais amo. Bem na minha frente.

Eu aprendi muito desde então, e sou uma pessoa muito melhor por causa de Lily Calloway.

Eu aceno algumas vezes. — Nós envelhecemos. — Eu não acho que nós vamos parar. Isso me dá uma fodida esperança - que tudo que eu fizer de errado, eu posso consertar. Eu posso mudar. Todos nós podemos ao longo do tempo.

— Eu tenho que começar a abrir as portas agora. — Ela se contorce novamente e tenta espiar em cada porta. Eu sigo logo atrás.

Ela vira a cabeça embaixo do meu braço.

— O que foi agora?

— Alguém está nos seguindo... ou é uma sombra? — Ela estreita os olhos.

Eu tento girá-la para o corredor, mas ela está realmente preocupada com quem está atrás de nós. Eu olho por cima do meu ombro, mas está bem vazio.

Na verdade, todo o fodido corredor está se esvaziando. A música também é desligada. — Você não tem que fazer xixi? Se apresse, porra.

Ela suspira: — Decida-se. Estou indo devagar ou rápido demais?

— Você está tanto faz, caralho, — eu digo vagamente, olhando para trás novamente. Há uma sombra de uma pessoa no canto. Um frio pica meu pescoço.

Eu mantenho uma mão no ombro de Lily enquanto ela se arrasta para a próxima porta. — E se alguém ouviu você dizer que me ama no meio do corredor? Devemos nos preparar para a repercussão? — Seus olhos se arregalam para mim. — Você deu tapinhas no meu ombro? Não me lembro - nós nos abraçamos?

— Se controle, — Eu preciso dela em um pedaço, mentalmente, fisicamente. Eu percebo o quão dura a minha voz saiu agora, então eu acrescento: — De uma maneira gentil.

Ela espreita em outro cômodo. — Talvez devêssemos ficar mais conscientes de dizer coisas e tocar em público? — Eu sei que ela não quer outra manchete sobre nós. Eu também não, mas ela consertou algo com Daisy que não vai desmoronar tão rápido.

— Somos apenas fodidos amigos.

Eu nem percebo que xinguei até que ela se encolhe. Ela só faz isso quando eu a chamo de "fodida" amiga. — Não é sobre minha irmã ou eu, — diz ela. — É sobre Moffy e seu bebê. Nós não queremos que eles sejam incomodados sobre isso. — Lily e eu temos o relacionamento mais platônico entre garotos e garotas, mas não é do tipo irmão-irmã. As pessoas sempre distorceram a porra da proporção.

Tanto quanto me mata - por mais que eu queira dizer que *não me importo* - eu realmente não tenho ideia do que esses tipos de manchetes farão com nossos filhos. Mesmo se eles não se importarem, seus colegas de classe se importarão?

— O que quer que aconteça na porra do futuro, — digo a ela, — isso não *nos* muda, ok?

Ela concorda com a cabeça, resoluta com essa ideia.

Eu olho para trás de novo. Desta vez, cinco caras em roupas pretas e maquiagem de zumbis aparecem, a maioria apenas encostados na porra da parede. Um deles abre uma mochila...

— Encontrei, — diz Lily, deslizando para o banheiro.

Eu tenho uma fodida sensação ruim, então eu a sigo para dentro e tranco a porta. Lily já está no banheiro, e ela engasga com a minha presença repentina.

Ela nem fechou a porra da porta, então eu não sei porque ela está surpresa. — Eu estou fazendo xixi!

— E eu não estou olhando, porra, — eu digo a ela, olhando a luz sob a porta. Então eu pego meu celular, sem sinal para ligar para ninguém.

Eu espero por um segundo, não ouvindo nada. — Lily...

— Eu acho que tenho medo de fazer xixi na frente dos outros.

Pelo amor de Deus. — O que posso fazer para ajudar?

— Cubra seus ouvidos.

Tudo bem. Eu cubro meus ouvidos com as mãos, esperando que ela faça xixi. Cerca de um minuto ou dois depois, ela vai em direção à pia e eu deixo cair as mãos.

O brilho quente sob a porta fica completamente preto. Como se as luzes do corredor se apagassem. Lily seca as mãos em uma toalha.

— Pronta? — Eu pergunto, tentando abafar a porra da minha paranoia. *Obrigado Rose.* Eu me lembro de todo o seu pacto antes de sairmos. Está bagunçando com a minha cabeça.

— Sim. — Ela está ao meu lado, e eu abro a porta, para encontrar os rostos comidos de cinco zumbis, ficando a poucos metros de nós. Antes que eu possa falar ou reagir, todos eles lançam algo em nossas cabeças. Eu não consigo bloquear a Lily. Bate no meu queixo e explode.

Lily grita.

— Lily? — Eu tusso, nuvens brancas explodindo ao nosso redor. Eu fecho meus olhos instantaneamente, a substância calcária pica minhas gengivas e tem gosto de bicarbonato de sódio e farinha.

Eu abano minhas mãos no ar, passos batendo no chão enquanto os cinco caras fogem de nós. Rindo. Eles estão rindo, porra.

Eu poderia matá-los, mas há uma garota de 26 anos ao meu lado, que também foi atingida no rosto. Eu tusso e pego a mão dela. Eu pego ar. Abro os olhos, dispersando a nuvem de poeira branca.

— Lily.

Ela tosse no chão.

Eu instintivamente tento me agachar. — Filhos da puta, — eu digo entre dentes, meu joelho direito dobrando demais*. Filhos da puta*. Meus olhos lacrimejam com a dor.

— AiMeuDeus, — Lily murmura. Ela limpa o rosto e o cabelo. — Ai meu Deus, Ryke.

Minha boca está doendo e queimando. Eu começo a suar. — Levante-se, — digo a ela. Eu agarro a moldura da porta.

Ela cambaleia em seus pés. — Ryke. — Seu rosto todo está branco, grandes pedaços de farinha no cabelo. — Minha boca… — Sua língua está cheia dessa merda, muito mais que a minha.

— Cospe, — eu digo a ela, nós dois inalando isso. Eu esfrego debaixo do meu nariz, e ela tenta cuspir, mas faz um trabalho de merda. — Vem aqui.

Ela entra no banheiro e eu ligo a torneira. No espelho, vejo o quanto estou coberto, meu cabelo praticamente cinza; meu queixo, nariz e lábios cobertos. Meus olhos estão vermelhos como os de Lily.

— Meu rosto está queimando, — diz ela, passando as mãos em suas bochechas.

O meu também. — Coloque seu rosto embaixo da água.

Ela está chorando enquanto a água corre, tentando enxaguar a boca.

Ela geralmente não chora assim - como se estivesse com dor. — O que há de errado, Lil? Porra, fale comigo. — Eu tenho que inclinar o meu peso contra a pia, e eu mantenho uma mão nas costas dela, puxando o cabelo para fora do caminho. Eu cuspo no lado do balcão, longe dela, essa merda endurecida na minha garganta.

Ela esfrega agressivamente o rosto. Frenética de repente.

— Lily! — E então eu lambo meus lábios. Entorpecido. Minha boca toda está ficando dormente. Eu praticamente posso sentir meu coração batendo no meu fodido peito. Estou com muito calor. Eu já senti isso... antes. Uma vez quando eu era adolescente e tentei uma coisa... *Porra*.

Cocaína.

Eles misturaram cocaína com o bicarbonato de sódio ou farinha.

Nós acabamos de inalar e comer quem sabe o quanto.

Eu percebo que ela já sabe o que é isso, talvez até antes de eu perceber. — Lily, se acalme, porra. — Eu começo a remover minhas roupas, a túnica, a calça, eu não me importo.

Eu arranco tudo. Apenas em cuecas boxer cinzas.

Lily encharca os cabelos, ofegante. — Há um gato na janela. — Ela toca o espelho.

Merda.

Eu pego uma toalha de uma cesta, desejando que estivéssemos em um banheiro completo com um chuveiro. Não um meio banheiro com nada, além da pia e vaso sanitário. Eu empurro a toalha no rosto dela, um pouco forte demais, mas ela está tendo uma alucinação de qualquer maneira.

Ela mantém a toalha lá, como se estivesse enviando-a para Nárnia.

Eu espirro água no meu rosto, jogando em todos os lugares. A única vantagem agora é que Daisy não estava comigo - mas e se eles a encontraram primeiro?

E se fôssemos apenas uma fodida parada a caminho deles?

Ela está grávida.

— Nós precisamos ir, — eu digo a Lily, pegando sua mão e arrastando-a para fora do banheiro. É só na metade do caminho que percebo que esqueci minha bengala.

Eu vou foder minha perna já fodida. Porque não sinto mais dor. Ou qualquer resistência. E ela não é forte o suficiente para carregar meu peso total.

— Acho que estamos perdidos. Acho que estamos indo no caminho errado.

— Eu acho que você precisa calar a boca, — eu digo. — Espera um segundo. Vamos por este caminho. — Eu puxo-a em uma nova direção. — Nós viemos por esse caminho? — Nós dois estamos falando um sobre o outro, e eu estou suando, meu cabelo pingando água da torneira.

Porra.

Porra.

Porra.

— Ryke!

Eu agarro o braço de Lily, que bateu em uma parede. — Lily. — Eu nunca estive tão desorientado. Exceto, talvez, a última vez que cheirei cocaína, que foi a primeira vez.

Lily dá um tapinha nas bochechas dela. — Eu não posso sentir nada. — Ela gira em torno de si como se ela estivesse perseguindo seu próprio rabo. — Zumbi!

— Onde? — Eu giro com ela.

— Jesus Cristo, — A voz familiar me atinge antes que eu veja Lo correndo em nossa direção com Connor. — Lily! — Grita Lo. — Lily!

— Lo! — Lily grita de volta e ela instantaneamente começa a chorar. — Lo!

Eles se conectam como se tivessem se separados há séculos. Seus braços voam em volta um do outro, e ele imediatamente a levanta carregando-a de lado.

Eu continuo lambendo meus lábios.

— Ryke, — Connor repete meu nome algumas vezes.

— Onde está Daisy?! — Eu grito para ele. — Onde diabos ela está?

Ele agarra meu rosto, então me concentro apenas nele, sua expressão grave. — Suas pupilas estão dilatadas. — Ele faz uma pausa. — O que eles jogam em você?

Lily está resmungando no ombro de Lo, agarrando-se a ele. Ele esfrega as costas dela, mas sua concentração vem para nós.

— Ryke! — Connor grita, meu rosto ainda em suas mãos.

— Cocaína e farinha, — eu digo.

Lo parece que ele pode matar alguém.

Eu não acho que isso sou eu alucinando também.

Meu coração está fervendo pra caralho. Eu respiro pesadamente, como se eu não pudesse respirar. Mas eu estou respirando, porra. Eu não estou fazendo nenhum sentido, estou? — Onde está Daisy? Ela está grávida. — Eu digo como se eles não tivessem a mínima ideia.

— Ela está na limusine com Rose, Garrison e sua irmã. Todos estão bem, exceto Lily e você, — Connor explica rapidamente. — Onde está sua bengala?

Eu sacudo minha cabeça.

— Apoie-se em mim, — diz Connor. — Não se apoie na sua perna direita. — Ele coloca o braço em volta da minha cintura e eu tento descansar meu peso contra ele.

— Connor, — diz Lo, sua voz quase histérica. Eu levanto meus olhos vermelhos para o meu irmão mais novo. E percebo que ele está olhando diretamente para mim.

Eu toco meu rosto entorpecido, e quando eu abro minha mão, vejo um vislumbre de vermelho nos meus dedos.

Meu nariz está sangrando.

< 59 >

DAISY MEADOWS

A sala de emergência está superlotada no Halloween. Eu já vi um braço decepado e um machado em uma coxa nas camas lado a lado de Lily e Ryke, as cortinas puxadas para trás para revelar a agitação do hospital.

Nada é tão assustador quanto pensar que Ryke teve uma overdose.

Sua frequência cardíaca está diminuindo, depois de três horas. Eu me concentro em seus sinais vitais e penteio seu cabelo para fora do seu rosto. Ele não me deixou tocá-lo até que ele fosse higienizado em um banho no hospital. Lily teve que seguir o exemplo, ambos agora em vestidos de hospital. Eles foram internados durante a noite para observação.

Ainda não há quartos suficientes para sair da ala de emergência. Então estamos presos aqui por um tempo.

Suas sobrancelhas franzem de repente.

— Sua perna? — Eu pergunto. Os médicos amarraram a perna em uma tábua quando ele chegou, para que ele parasse dobra-la de forma descuidada.

— Está uma merda.

— Você provavelmente pode pedir analgésicos… — Eu paro enquanto ele balança a cabeça.

— Não, Dais. Eu não vou.

Eu entendo. Ele não me deixou vê-lo lutar quando ele parou de tomar oxicodona, mas ele teve suores noturnos e vomitou algumas vezes. Ryke raramente reclama, então eu só posso imaginar o quão tonto e doente ele se sentia.

Connor está no celular com a polícia, mais perto do posto de enfermagem do que dos leitos hospitalares. Rose caminha ao lado dele, no telefone com nossos pais. Lily disse a ela para ir embora várias vezes e cuidar das crianças, mas ela está hesitando em nos abandonar.

Garrison e Willow saíram há uma hora, então somos apenas nós seis.

Eu não consigo parar de pensar sobre o que aconteceu, mas talvez não mais que Lo. Ele está sentado ao pé da cama de Lily, olhando para o chapéu de Peter Pan nas mãos.

Eu pensei que ele faria um comentário como *posso arrumar as fantasias de vocês, mas não posso tirar vocês de casa* ou *que maldito aniversário, hein?*

Ele não disse uma palavra sobre isso.

— Você pode se sentar, Dais? — Ryke pergunta.

— Eu estou bem. — Eu toco minha barriga de grávida. Estamos todos bem.

— Você está de pé há três fodidas horas. — Ele abre espaço na cama e afasta alguns dos fios da máquina.

Eu decido me sentar, se ele se sente melhor com isso. — O que há de errado com Lo? — Eu sussurro para Ryke, que começa a acariciar meu cabelo, me abraçando na curva de seu braço.

Eu deveria estar cuidando dele, mas ele não consegue se conter. Seu amor por outras pessoas. Tão cuidador, esse é Ryke Meadows.

Ele olha para Lo com compreensão e preocupação fraternal, mas antes de falar, a polícia repentinamente passa pela enfermaria. Tanto Connor quanto Rose desligam seus celulares e seguem a polícia, que se aproxima da cama de Lily.

Lo aperta a mão dela enquanto ela sussurra para ele: — Eles vão me prender?

Lo inclina a cabeça. — Você não fez nada de errado, boba.

— Cocaína é ilegal.

— Não era a nossa porra de cocaína, — retruca Ryke.

O policial corpulento pigarreia, obviamente ouvindo o final disso, e ele gesticula para Lily. — Fomos capazes de prender três homens de vinte anos que se encaixam na descrição que o seu amigo nos deu. — Seus olhares voam para Connor e depois voltam para Lily. — Estamos aqui para pegar seus depoimentos. O que aconteceu e mais especificamente como eram esses homens.

Lily solta um suspiro, a pele corada pela coisa da noite toda. Ela também teve reação alérgica pelo que mais estava na mistura em pó, uma vermelhidão subindo pelo pescoço e pela testa.

Eu só quero abraçá-la com força e ter certeza de que ela ainda está bem.

— Eles eram todos muito feios. — Lily começa, o que alivia o humor. Lo até dá um sorriso pela primeira vez. — O mais alto tinha marcas de queimadura em metade do rosto e um tinha bolhas sob sua...

— Precisamos de declarações sérias.

— Eles eram zumbis, — explica Ryke.

Os policiais perdem um pouco de cor e sussurram entre si.

— Não zumbis reais, — diz Lily. — O tipo falso.

Ryke esfrega os olhos, mas ele realmente solta uma risada como *que porra está acontecendo aqui? Isso não está realmente acontecendo.*

— O que foi? — Connor pergunta ao oficial.

E então o corpulento diz: — Nossos parceiros prenderam três homens vestidos de roupa de fraternidade. — Ele verifica seu telefone. — Vocês vão ter que nos dar licença por um minuto. Precisamos fazer algumas ligações e depois voltaremos e pegaremos seus depoimentos.

Lily concorda. Ryke aperta os olhos, mais por frustração dessa vez.

Eu nem estou surpresa com a ideia de que esses cinco caras possam escapar. Estamos todos tão acostumados a isso agora. Perseguindo sombras e dicas anônimas. Todas essas pessoas apenas "se divertindo" às nossas custas.

Certa vez, perguntei a Ryke quando isso termina - se isso vai terminar. Se tudo será melhor do que onde estamos. Estas são apenas pessoas. Pessoas normais. Que vem atrás de nós. Velhos amigos e cidadãos comuns. Nos assistindo online, lendo sobre nós em revistas.

Nós não somos reais aos olhos deles. Não em qualquer grau que precisamos ser.

Quando Ryke deixa cair a mão, ele diz para Lo: — Isso não é sua fodida culpa. Não sente aí e pense que é.

Suas maçãs do rosto afiam como gelo. — Eu o deixei ir.

— Quem? — Eu pergunto.

— O menino que me bombardeou com farinha, — esclarece Connor. — Nós o pegamos, mas ele era jovem. Ryke, Lo e eu fizemos uma escolha juntos e o deixamos ir...

— Eu fiz a escolha, — diz Lo, sua voz falhando, seu rosto torcendo em dor. — Eu deixei ele ir. Eu não defini um precedente. Isso aconteceu por minha causa, então não diga nada diferente e tente me enganar. Eu não preciso ouvir suas *mentiras* e suas histórias e sua maldita simpatia. Eu fiz isso.

O fundo do meu estômago cai, e eu me sento mais reta, segurando meus joelhos dobrados. Ryke tem a mão sobre a boca. Todo mundo está chateado. Cada pessoa nesse lugar.

— Eu tenho uma ideia, — eu digo de repente. Todos os olhos viram para mim. — Por favor, não fechem a porta para isso imediatamente. Apenas me deixem explicar. — Eles escutam enquanto eu tento formular melhor. Como tudo tem sido para mim e para eles. — Estou muito cansada... estou cansada de ser vista como um objeto, menos que humano, como um ser sem emoção e sem alma. Quer vocês acreditem ou não, todos são vistos dessa maneira também. — Eu olho em volta para eles, para as únicas pessoas que poderiam entender como é.

Todos nós estamos remando no mesmo barco afundando. Tirando água enquanto as pessoas colocam buracos no nosso navio. Eles estão nos afogando, e eu estou pronta para gritar o *mais alto* que puder - até que eles me ouçam.

Me ouçam.

E veja o que vocês fizeram conosco.

— Além de nós, quantas pessoas viram Lily com medo de sair de casa por meses por causa da mídia? Porque as pessoas tiraram fotos e fizeram comentários para ela? Quantas pessoas sabem o que minhas amigas fizeram comigo?

Ryke coloca a mão na minha perna e percebo que lágrimas quentes e *irritadas* estão correndo pelo meu rosto.

— Quantas pessoas sabem o que Paris foi para nós? — Eu olho para Lo e depois para Connor e Ryke. — Eu sei que é difícil falar sobre isso, mas talvez seja hora de contar nossa história. Aquela em que as *pessoas* causam dor a outras *pessoas*. Aquela em que o trauma dura anos e nunca desaparece.

Ninguém nos conhece. Não as partes humanas e frágeis de nós.

Eu não acho que eles vão parar a menos que eles vejam isso.

Lily limpa seus olhos molhados com os lençóis do hospital. — Sim, — é tudo o que ela pode dizer, engasgando com um soluço. Lo rasteja e a abraça, mas ela esfrega os olhos, acenando repetidamente para mim como se fosse o momento certo para nós.

Agora é.

Podemos falar em voz alta, juntos.

Rose afasta as lágrimas rapidamente e depois limpa a garganta que ainda está um pouco rouca. — Você já tem algo em mente ou precisamos planejar uma plataforma para isso?

— Sem reality show, — Lo imediatamente rejeita.

— Eu estava pensando em uma série de documentários, mas em outra rede, algo mais não filtrado como a HBO. — Nós fomos enganos muitas vezes pela GBA para voltar para o canal em busca de ajuda. Nós também éramos contratualmente ligados a eles por um longo tempo - se filmássemos alguma coisa, eles tinham direitos em primeiro lugar. Até que Scott Van Wright foi para a cadeia. Nossos contratos foram rescindidos.

Nós podemos fazer o que queremos agora.

Não é como se precisássemos do canal de televisão número um. Nós só precisamos de algo, qualquer coisa, para transmitir nossa voz.

— Nós produzimos. — Connor intervém, acrescentando vida à idéia. — Estaremos no controle total da edição e da nossa mensagem antes que vá ao ar. — *Ao contrário de antes*.

— Entrevistamos um ao outro, — acrescenta Rose. — Fazemos as perguntas e somos os primeiros a receber as respostas.

Eu sorrio, minhas lágrimas caindo nos meus joelhos.

— Nós podemos optar por sair a qualquer momento, — diz Ryke, seu olhar pousando em mim. — Dizer não um dia, dizer sim no dia seguinte. Nós fazemos isso no nosso próprio ritmo.

— Podemos fazê-lo mensalmente ou talvez até quatro vezes por ano, — diz Lily com um aceno de cabeça rigoroso. — Nós decidimos o quanto nós colocamos lá fora.

Eu aceno também, gostando de suas adições, gostando que é tanto meu quanto deles. E então todos nós olhamos para Lo, a cabeça de sua esposa em seu peito. Ele a abraça como se ela fosse parte dele.

— Vocês acham que isso vai ajudar? — Ele nos pergunta. — Porque há muito aqui. — Ele faz um movimento ao redor da sala, seus olhos diminuindo quando ele passa por mim. — Há muito *aqui*, e… — Ele engasga e uma lágrima cai em sua bochecha.

— Você e Lily não nos machucaram, — eu digo, meu queixo tremendo. — Vocês nos deram *muito* mais da vida… — Eu deslizo o calcanhar da minha mão sobre as minhas bochechas molhadas. — É apenas sobre as ações deles, não as repercussões de seus vícios. Por favor, *por favor*, acredite nisso, Lo. — Eu sei que a Lily já acredita.

Leva um momento, mas ele acena algumas vezes. — Eu acho que é a hora, não é? — Ele acena com a cabeça novamente, mais certo de que isso é algo que podemos fazer sem machucarmos uns aos outros.

Nós nunca fomos mais fortes ou nos amamos mais do que agora.

— Então, — diz Lo, — como estamos chamando essa série de documentários?

Todos nós olhamos em volta novamente, e mesmo que não tenhamos escrito um contrato para decretar *essa* escolha ainda, sinto uma imensa elevação de peso de toda a sala.

E todos nós começamos a sorrir.

< 60 >

RYKE MEADOWS

— Alguém está colado em você, mano, — diz Lo no banco de trás do meu Toyota Land Cruiser cinza, meu presente de Natal da Daisy. Eu vendi meu outro carro logo depois. Agora é três de fevereiro - está frio pra caralho e chovendo. Eu mal posso ver um metro a frente da estrada, mesmo com os limpadores.

Eu verifico meu retrovisor, a estrada de duas pistas estreita e lisa com água. Rose dirige seu Escalade, presumivelmente na minha frente, mas apenas lanternas vermelhas são visíveis.

— Que tipo de porra de carro está atrás de nós? — Eu pergunto, incapaz de dizer.

Daisy estica o pescoço por cima do ombro, sentada no banco do passageiro, o interior de couro marrom, cor de ferrugem. Depois de uma breve pausa, ela diz: — É só o Price.

Eu percebo Lily tentando relaxar ao lado do meu irmão. Nós não estaríamos dirigindo em uma tempestade como essa - com a ameaça dos paparazzi nos tirando da estrada - a menos que fosse um dia importante.

E hoje é um desses dias.

Meus olhos voam para Daisy. — Você pode ligar para Price e dizer a ele para me dar um fodido metro de distância?

Ela coloca o telefone no ouvido e antes que ela consiga falar, ele deve começar a dizer algo porque seus lábios se fecham e ela ouve.

— Quão longe até o tribunal? — Lily pergunta, mordendo as unhas.

— Três quilômetros, — eu respondo. Através do espelho retrovisor, vejo Lo agarrar a mão dela e depois beijar sua têmpora.

Ela sorri para ele, mas sua ansiedade tenciona a porra do carro. Meu irmão continua olhando para fora e sua perna se agita enquanto a chuva bate na rua e no Land Cruiser.

Eu não vou acelerar, porra.

Daisy está com trinta e sete semanas de gravidez, e eu não estou perdendo ela ou nosso bebê porque eu nos levei para uma vala. Quando a Lily estava grávida, quase cometi esse erro, apenas para despistar os paparazzi. Eu não estou repetindo meus fodidos erros.

— Tudo bem, — diz Daisy em seu telefone. — Eu vou. — Ela desliga. — Então ele está na nossa bunda porque dois sedans estão tentando cortá-lo e dirigir ao nosso lado. Ele está bloqueando cada vez que eles tentam passar.

Porra. Eu penteio meus dedos no meu cabelo e coloco minha mão de volta no volante. — Todo mundo está com seus cintos de segurança? — Eu mantenho meu foco na estrada.

— Você está cerca de vinte minutos atrasado com essa pergunta, — diz Lo, sua voz afiada. — Se houver uma pilha de cinco carros com Escalade da Rose e todos morremos...

— Isso não está acontecendo, — eu o interrompo.

— *Se todos nós morremos,* — ele enuncia desde que eu cortei seu discurso, — então meu filho vai ser criado por Greg e Samantha Calloway. Então, por favor, *por favor*, não me mate. — É raro que ele defenda sua própria vida em voz alta. — Ou pelo menos não mate a Lil. Ela é preciosa demais para morrer. — Ele aperta a bochecha dela.

Lily enlaça o braço dele, e quando Lo finge um estremecimento, percebo que preciso parar de olhar pelo retrovisor. — Você não vai a lugar nenhum, — diz Lily inflexivelmente.

— Bem, eu estou indo para um lugar, amor. — Eu praticamente posso sentir seu meio sorriso atrás de mim.

— Falando em morte, — Daisy segue isso horrivelmente, girando em seu banco para olhar para sua irmã e seu cunhado. — Vocês dois sabem que, se Ryke e eu de repente ou tragicamente morrermos de alguma forma, vocês serão os novos pais orgulhosos desta pequena. — Ela esfrega sua barriga redonda, escondida sob um suéter tribal Borgonha.

Eu não consigo ver as reações deles.

E então Lo diz abruptamente: — Ninguém está morrendo neste carro, então você pode se virar e continuar pensando em coelhinhos e unicórnios e contemplar o significado de donuts polvilhados.

— Qual *é* o significado de um donut polvilhado? Eles têm sentimentos? Eles pensam em nós? — Daisy diz como se estivesse fazendo um teste para uma peça de Shakespeare.

Meus lábios começam a puxar para cima, e eu estico a minha mão, encontrando a dela em um segundo.

Lily funga.

— Você está chorando, Lily? — Eu não posso olhar.

— Não, — ela mente. — Eu só… eu sei que vocês disseram que nós poderíamos cuidar de Coconut, mas eu não achei que vocês confiariam em nós com o seu bebê. Lo e eu somos os fodidos do grupo, sabe? Nós permitimos vocês a mudarem de ideia, por isso, se vocês precisarem mudar...

— Não vamos mudar de ideia, — Daisy diz.

— Ei, — eu digo a Lily. — Acreditamos em você e em Lo, e vocês dois são ótimos fodidos pais.

— Eu morreria feliz, — Daisy proclama.

Meu olhar escurece e meus músculos se contraem. — Não tão cedo, porra. — Eu coloco um fim a essa conversa. *Eu não posso te perder também, Calloway.*

Ela apenas estica o braço e passa os dedos pela parte de trás do meu cabelo. Círculos estão sob seus olhos por não se sentir bem nos últimos dias. "Apenas desconfortável." Ela me disse, com uma média de três a quatro horas de sono.

Ontem eu acho que ela estava mentalmente pronta para ter o bebê. Ela está otimista sobre toda a experiência, tirando fotos de sua barriga em crescimento toda semana. Ela até colocou fones de ouvido em seu estômago algumas vezes. Tocando *Modest Mouse*, uma das minhas bandas favoritas, através dos alto-falantes. Ela parecia incrivelmente feliz quando usava o estômago como uma mesa de bandeja. Comendo pipoca e sorvete de chocolate duplo dessa maneira.

Eu posso listar um milhão de outros momentos em que ela sorriu. Onde ela riu e fez uma pausa para ingerir o segundo, o minuto - nossas vidas.

Então, quando ela está desconfortável o suficiente para querer que isso acabe, é quando eu sei que ela está com algum tipo de dor séria.

— Rose está virando à direita. — Daisy me diz, a seta do Escalade piscando.

O tribunal aparece à mesma hora que Rose vira. Eu sigo logo atrás e depois estaciono entre ela e um Mustang preto.

— Ótimo, — Lo murmura.

Eu vejo o que ele vê quando desligo a ignição e solto o meu cinto de segurança. Duas vans de notícias locais estão aqui, equipamentos de câmeras já instalados nas escadas do tribunal. Eu esperava muito mais dessa porra, mas a chuva provavelmente deteve a maioria das pessoas.

Lily agarra seu guarda-chuva roxo e já se espreme para fora atrás de Lo. Eu olho para Dais enquanto ela revira em sua bolsa marrom por seu guarda-chuva. Seu cabelo loiro com frizz da umidade, emaranhado em torno de suas bochechas.

Ela nunca teve medo de correr na porra da chuva sem uma jaqueta ou guarda-chuva. — Ei. — Eu inclino em direção a ela. — Qual é o problema, Dais?

Ela leva seu tempo colocando tudo de volta *dentro* de sua bolsa e, em seguida, se inclina contra o assento. — Quando me levanto, a cabeça da bebê parece que está saindo de mim. Há muita pressão lá embaixo, e eu acho que estou me preparando para isso. — Ela me dá um sorriso fraco. — E se tivermos um bebê no tribunal?

Eu bagunço o cabelo dela. — Não está acontecendo, porra. — Eu gostaria de poder fazer algo mais, e ela deve ver isso porque ela tenta colocar uma cara feliz. Eu balanço minha cabeça para ela. — Se você se sente uma merda, você pode parecer como uma. — Eu bato na sua bochecha algumas vezes, mas em vez de parecer como ela se sente, ela realmente sorri, um sorriso genuíno.

Talvez seja assim que ela se sente neste momento.

Ela bate na minha bochecha em retorno, mais forte do que eu bati nela, mexendo algo brilhante dentro de mim. — Você parece bonito todos os dias, o dia todo. É assim que você se sente, Ryke Meadows?

Apenas quando eu olho nos seus olhos. Eu levanto minhas sobrancelhas para ela e, em seguida, ela bate na minha bochecha novamente, três vezes com um fodido sorriso tonto. Eu ouço a voz dela na minha cabeça: *o perigo de tudo isso.*

Ela aperta meu nariz, tentando quebrar minha expressão fria como pedra. Seu sorriso estica sua cicatriz tão longe. Então ela passa as unhas no meu queixo e eu não aguento mais.

Eu a beijo tão abruptamente que um suspiro surpreso escapa de seus lábios. Bem contra o meu. Eu sinto seu sorriso se expandir antes que ela beije ansiosamente de volta. Quando eu separo seus lábios com a minha língua, seus dedos correm pelo meu cabelo. Seu corpo produzindo uma inspiração forte e completa e expira. Respirando a vida em mim.

Quando nos separamos, ela pressiona seus dedos contra minhas bochechas. Ela possui esse brilho irresistível e tangível, e espero que, no momento, ela sinta o quão poderosa ela realmente é.

— Alguém já te disse, — ela diz, — que você é um beijador incrível? Acho que quase trocaria um pedaço de bolo de chocolate só para beijar você.

— Quase? — Eu lanço uma mecha de seu cabelo em sua boca. Eu poderia beijá-la por mais mil fodidos anos e viver em paz, feliz - apaixonado.

Ela tira o cabelo do lábio, tentando agir com seriedade, mas seu sorriso ainda não diminuiu. Eu *vivo* por isso, com ela. Nós não estamos nos movendo rápido. Nós não somos barulhentos.

Mas o ar entre nós ronca com um rugido selvagem pra caralho.

Ela se inclina sobre o console do meio, tanto quanto ela pode com sua barriga de grávida. — Eu nunca tenho que fazer essa troca. Você sabe porquê?

— Por quê?

— Você é o tipo de cara que faria qualquer coisa para me dar o bolo e o beijo.

Eu penso em como ela apoia tudo que eu já fiz. Escaladas livres são nada menos que desafiar a morte, ameaçam a vida. Ela nunca me disse para não fazer. Eu nunca diria a ela para parar também. E sei que o que ela acabou de dizer se aplica a si mesma. Nós queremos a fodida felicidade tão forte um para o outro que nós seguiríamos o outro em lugares perigosos e escuros.

Ela pula. Eu pulo logo depois.

Ela levanta sua bolsa em seu ombro e olha em minha direção, mais cor em suas bochechas, quando ela abre a porta. — Ele pode me pegar? — Eu ouço sua voz diminuir na chuva pesada.

Ela deixa molhar o cabelo e eu rapidamente removo meu casaco preto. Então eu abro a minha porta, chuva caindo nos meus ombros e cabeça. Eu coloco meu pé esquerdo na calçada. Então meu pé direito.

Eu consigo colocar peso igual entre os dois.

E eu ando.

Quase sete meses desde que eu machuquei minha coxa e quebrei minha perna, eu posso sentir o crescimento a partir de lá e agora, meus músculos se fortaleceram, mais durabilidade, flexibilidade, mobilidade. Capaz de suportar pressão e resistência sem ceder. Eu ando com um passo seguro, como se nada tivesse acontecido, mas eu ainda me sinto um pouco desequilibrado de uma forma que ninguém pode ver.

Meu tornozelo palpita, e à noite, minha perna endurece e dói se eu não me estico. Eu não posso ir tão longe quanto costumava. Ou por tanto tempo. Para alguém que ama esportes de resistência, o desafio mental é tão íngreme quanto a porra do físico.

Eu só tenho que ser aquele que se esforça.

Eu tenho que querer isso. Lo poderia ter razão - uma parte de mim morreu há sete meses - mas ainda tenho minhas pernas.

E eu vou correr.

Talvez isso preencha o vazio dentro de mim.

No aguaceiro, Daisy me ultrapassa e começa a andar de costas pela calçada. Me encarando com um sorriso travesso. Eu não vou dizer a ela não, mas no cimento molhado, é perigoso pra caralho o suficiente para me empurrar. E eu alcanço o lado dela.

Eu coloco meu casaco sobre a cabeça dela e ela gira ao redor, nós dois já encharcados.

— Sua perna mancando está quase boa, — diz Connor enquanto ele se aproxima de mim. Ele compartilha um guarda-chuva preto com Rose, ambos completamente secos.

Eu concordo com a cabeça. — Logo. — Assim que começamos a subir as escadas de concreto, uma repórter paira ao nosso lado.

— De quem é a ideia da série de documentários? O canal de televisão que foram atrás de vocês ou vocês foram atrás deles? — Estamos todos em silêncio, então ela faz perguntas diferentes. — O que podemos esperar da série? Como será chamado? Seus filhos aparecerão? Será que vamos ver o nascimento do seu bebê, Daisy?

Ninguém diz nada, e no momento em que entramos no tribunal cavernoso, as portas se fecham sobre a equipe de notícias.

Rose puxa o cabelo em um rabo de cavalo apertado, e Connor sacode o guarda-chuva molhado. — O acordo foi divulgado esta manhã se vocês ainda não o viram, — diz ele.

Eu torço minha camisa cinza. — Sim, nós vimos.

Em novembro, nos aproximamos de um canal a cabo premium como a HBO com a nossa ideia, e o contrato foi aprovado na semana passada, então era apenas uma questão de tempo até que eles publicassem um comunicado à imprensa.

Tudo o que pedimos, recebemos no negócio. Temos controle total sobre quase todas as coisas do documentário. Nós somos os produtores, e no final da porra do dia, dizemos o que vai ao ar.

Durante todo o dia, as pessoas tweetaram coisas como: *eles estão fazendo outro reality show de merda #putasfamosas #callowvadias.*

Não é um fodido reality show.

O propósito de um reality show é provocar drama. O objetivo de um documentário é descobrir verdades.

As pessoas ainda se recusam a dizer qualquer outra coisa ou acreditam no que temos para dizer. Então eles podem entender mal a intenção e ignorar o significado - eu não dou a mínima

para eles.

Eu não dou a mínima para pessoas que não se importam em ajudar outra pessoa a crescer. Eu não dou a mínima para pessoas cujo único propósito é derrubar os outros.

Eu aperto o cabelo de Daisy que encharca seu suéter. Ela está mais focada em seu estômago, segurando a parte de baixo. Ela precisa se sentar. Eu envolvo meu braço em volta do ombro dela, levando-a para o tribunal.

Connor e Rose se juntam a nós, os saltos de Rose batendo no chão de mármore.

Ela olha sua irmãzinha. — Parece que ele está colocando um punho na sua vagina?

— Deus, sim, — diz Daisy em um suspiro pesado.

— Fica pior.

Daisy geme e depois abraça o meu lado, olhando para mim com olhos grandes. — Eu posso nunca mais fazer sexo.

Eu acaricio seu cabelo molhado e aceno para Rose. — Você não deveria estar encorajando ela?

— Reclamar é a segunda melhor parte da gravidez, — diz Rose em seu tom de *não leve prisioneiros.* — Divirta-se no tormento e seja grato por não ser você que está com dor nas costas, dores de cabeça e pressão em suas bolas e pau.

Daisy sorri tanto, ainda olhando para mim. — Você está se divertindo com o meu tormento?

— Não, nem mesmo um pouquinho, porra. — Eu beijo o topo de sua cabeça e, em seguida, empurro as portas.

Todos nós ficamos quietos e nossa energia se altera, o ar se diluindo.

Na primeira fileira, Lily e Lo sentam-se ao lado de Garrison, Willow e meu pai. O juiz ainda não chegou, mas um homem que nunca conheci está sentado bem no fundo do tribunal.

Vestido com jeans e uma camiseta comum, acho que ele está com quarenta e tantos anos ou início dos cinquenta. Ele está fixado em seu celular, nem mesmo levantando a cabeça para nós quando todos passam por ele.

Meu sangue ferve e uma porra de pedra afunda no fundo do meu estômago. Eu olho para ele, para ver sua reação, para entendê-lo, para conseguir uma porra de leitura melhor.

Não há nada.

Nós todos entramos na segunda fila. Willow limpa as lentes dos óculos e se vira para nós. — Obrigada por virem, todo mundo.

— Não perderia isso, porra, — eu digo, preparado para a porra do pior. Como lágrimas e desgosto. A coisa sobre as pessoas que você se importa - você aparece se for bom e especialmente se for ruim. Eu não tenho ideia do que isso vai ser, mas eu não vou a lugar nenhum.

Ela coloca os óculos e segura meu olhar, o que ela faz mais vezes agora. — Eu queria te dar isso. — Com uma mão trêmula e nervosa, ela me passa um envelope. — Você pode abri-lo agora ou mais tarde. Eu já dei a Lo e ao pai o deles.

Ela está chamando Jonathan de “pai" há um ano, mas ele ainda se ilumina quando ela diz isso. Mesmo agora, sentado ao lado de Lo, seus lábios levantam uma fração enquanto olham para o banco vazio do juiz.

Crescendo, eu nunca vi meu pai como alguém que apreciava o amor. Talvez porque ele era tão difícil de amar em primeiro lugar. Mas como nossa família se uniu - de uma forma que eu acho que ele só sonhava - não é mais tão difícil.

Pessoalmente, nunca estarei tão perto dele quanto Lo. Eu nunca deixaria meu filho sozinho com ele, mas eu não o odeio. Eu não o estou mais ignorando ativamente. É o que é e deixo isso descansar.

— Já estamos abrindo os presentes? — Pergunta Lily.

Daisy fica em pé. — Deixei o da Willow no carro.

— Não, tudo bem. — Willow diz a ela. — Eu posso esperar até mais tarde. O tempo de entregar o dele era certo…

Daisy sorri para ela. — Eu realmente quero que você veja. Eu já volto e serei muito rápida. — Ela estende a mão para mim, pedindo as chaves do carro.

Estou preocupado em deixá-la ir sozinha, porra, especialmente com as equipes de filmagem do lado de fora, mas Rose e Lily estão, obviamente, indo também. Então eu passo a ela as chaves.

Ela brilha de empolgação antes de sair com Rose e Lily.

Assim que elas saem, eu rasgo o envelope.

Dentro está uma foto deste Natal. Na casa do lago da montanha. O lugar onde todos nós vamos para escapar da mídia, em uma área remota das Montanhas Rochosas. Nós todos juntamos dinheiro em um par de anos atrás e compramos a propriedade juntos.

Eu olho para a foto por um longo fodido momento, aquele dia frio de inverno correndo em minha direção.

Naquela manhã, Lo, Willow e eu nos sentamos no pátio em volta de uma fogueira. Bebendo cerveja amanteigada caseira e sem álcool que ela fez com a Lily.

Estamos todos sorrindo.

Eu viro a foto.

Ela escreveu atrás.

Ryke Meadows (Grifinória), Loren Hale (Sonserina), Willow Hale (Grifinória, como Neville Longbottom).

Obrigado por se importar comigo, mesmo antes de sermos uma família.

Meu irmão e irmã.

Eu praticamente não tinha ninguém há oito anos atrás.

Isso me atinge - como todos nós nos reunimos no tempo. Como estávamos sozinhos antes. E não consigo imaginar um mundo onde nunca nos encontrássemos.

Eu me concentro em um detalhe. *Willow Hale.* — Você mudou seu nome? — Eu pergunto, minha voz realmente falhando.

— Está pendente, mas sim. — Ela luta contra as lágrimas. — Eu só espero que tudo dê certo. — Seus olhos voam ansiosamente para o banco do juiz. Ainda vazio.

Willow escolheu ser parte de nossas vidas, mas a lei é complicada pra caralho. Tecnicamente, seu pai na época de seu nascimento ainda tem direito legal. Para estabelecer a paternidade, ele tem que dar consentimento para Jonathan. Mesmo que Jonathan seja seu pai biológico.

Pode não parecer um grande fodido negócio porque ela tem mais de dezoito anos, mas nosso pai quer ajudá-la, colocá-la em seu seguro médico, caso algo aconteça. Willow não pode pagar nada disso, e ela está disposta a aceitar *alguma* ajuda financeira agora.

Embora ela seja a primeira a dizer que não é sobre isso. Você teria que ser denso pra caralho para pensar que está vindo de qualquer outro lugar além do coração daquela garota.

— Eu preciso falar com você. — Connor interrompe o curto silêncio, capturando a atenção de todos. Ele não está falando com Willow, no entanto.

— Comigo? — Garrison pergunta como se Connor fosse louco por escolher ele para conversar.

— Estou olhando para você, — diz Connor, completamente inexpressivo.

Eu não tenho ideia de onde ele está indo com essa porra. — Não vamos arrastar essa porra, Cobalt.

Para Garrison, ele diz: — Estou procurando um novo investimento e quero investir em você.

Garrison ri, e quando Connor apenas espera, como ele se ele tivesse previsto essa reação, o rosto de Garrison cai. — Você está falando sério? Você quer investir em mim...? — Ele faz uma pausa. — Você sabe quem eu sou, certo?

— Garrison Abbey, proficiente em tecnologia e codificação. Você gosta de Tumblr, gifs, hacking, Final Cut, videogames clássicos e a garota sentada ao seu lado.

Garrison remove sua jaqueta de couro como se estivesse quente com frustração. — Eu não sou confiável. Eu fui expulso de duas escolas secundárias. Não tenho fodido plano de ir para a faculdade...

— Você não tem confiança, então eu vou te dar um pouco agora. Você é talentoso, motivado e entusiasmado. Se você não vê isso em si mesmo, abra os olhos e veja o que você pode fazer. Tudo o que estou pedindo é que você crie algo, qualquer coisa, e eu vou investir.

Garrison pisca, perplexo e atordoado. — Por quê?

— Eu valorizo tudo o que acabei de listar e você precisa de alguém que acredite em você. Crie algo brilhante, Garrison, ou não crie nada. Essa é sua escolha.

Lo diz: — Aceita, cara. O deus falou.

Connor sorri.

Eu gemo. — Vamos lá. Ele é um fodido ser humano de um metro e noventa e três com bom cabelo.

— Pelo menos nós estabelecemos uma coisa, — diz Connor. — Ryke ama meu cabelo.

Eu estou pronto para as garotas voltarem e separarem ele de mim. — Eu acho que você quer ser socado em um fodido tribunal.

O sorriso de Connor se alarga, mas ele planta seus profundos olhos azuis de volta em Garrison. O cara está em profunda contemplação, com as sobrancelhas franzidas, olhando para Willow mais de uma vez.

— Aceita, — ela diz a ele. — Você pode fazer *qualquer coisa,* Garrison.

— Vou ter que ficar na Filadélfia? — Ele pergunta a Connor.

— Sim, — diz ele. — Você nunca fez um startup de qualquer tipo e, embora seja criativo, precisa que eu ensine sobre negócios.

Eu coço minha mandíbula, na verdade chocado. Na verdade, ouvindo o *que* isso significa. Connor raramente desiste desse tipo de tempo para outro ser humano a menos que se beneficie. Ele deve ver um futuro brilhante pra caralho em Garrison. Mesmo que Connor seja um idiota, ele é um idiota genial, e às vezes ele percebe o melhor caminho antes de você.

Na primeira fila à nossa frente, Garrison se inclina mais para Willow.

Willow não está saindo *só* da Filadélfia em agosto; ela está saindo do país. Ela está indo para a faculdade em Londres, pagando pelo primeiro semestre sozinha. Ela disse que se mudar para a Filadélfia foi a melhor decisão que ela já tomou, e ela quer se forçar mais uma vez, só para a faculdade. Lo e eu estamos felizes porque é em algum lugar que nosso pai não escolheu para ela, e ele está bem com isso também.

Mas se Garrison aceitar a oferta de Connor, eles não ficarão juntos pelos próximos quatro anos.

— Aceite, — ela repete, sua opinião imutável. O pescoço dela se alonga, como se ela estivesse segurando a porra de sua respiração. — Eu só quero o melhor para você.

— O melhor para mim é estar com você. — Seu nariz se inflama, restringindo a emoção. — Eu sou uma pessoa melhor quando estou com você. — Ele esfrega o rosto algumas vezes, e qualquer dúvida que eu já tive sobre ele simplesmente desaparece. Eu posso ver o quanto eles se importam emocionalmente com o outro. Quanto eles provavelmente têm se importado todo esse fodido tempo.

— Não tenha medo, — ela sussurra para ele. — Você pode fazer qualquer coisa sozinho. Eu sei que você pode. — Seus óculos embaçam e ela os tira.

Seus olhos avermelhados encontram os dela, e seu cabelo castanho roça os cílios. Ele aperta a mão dela, entrelaçando os dedos. E ele diz: — Eu te amo.

Lágrimas escorrem dos olhos dela.

— Não importa onde estivermos, você sempre será minha garota.

Quatro anos é um longo tempo, mas talvez funcione.

Todos nós podemos ter empatia com o primeiro amor.

Até Connor.

As portas duplas se abrem atrás de nós, ecoando contra o teto. Então a porta do juiz se abre. Lily, Rose e Daisy estão de volta a tempo.

Eu estico meu pescoço por cima do meu ombro. O homem na fileira mais distante fica de pé.

Para se aproximar da bancada.

< 61 >

DAISY MEADOWS

Sentada ao lado de Ryke, coloco o envelope com o presente de Willow na minha bolsa. A juíza já pediu a Willow e Jonathan para darem um passo à frente.

Willow segura o braço no peito, tímida e nervosa. Eu gostaria de ter trazido pompons para animá-la. Eu sorrio com o pensamento. Eu não acho que isso a envergonhe. Eu estaria apenas mudando o olhar apontado da juíza dela, e aposto que ela gostaria disso agora.

Infelizmente, eu não tenho pompons.

Então eu apenas observo a estranha tensão subir e montar enquanto ela fica entre Jonathan Hale e Robert Moore. Ela deu dois passos extras para mais perto de Jonathan. Claramente há um vencedor aqui em espírito, mas ninguém sabe o que Robert está pensando.

Todos nós só temos fatos já que Willow nunca fala dele.

Robert Moore nunca ligou para Willow quando ela fugiu de casa para a Filadélfia. Ryke fumegou sobre isso no início do trajeto de carro aqui, — Como um fodido pai, como você não pode ir atrás de sua filha? Ela deixou o fodido estado.

Ryke não entende pessoas que não se importam.

Lo retrucou: — Ele a criou. Jonathan não.

Estamos todos no limite. Eu não consigo me sentir confortável no banco de madeira também. Ryke deve me ver mexendo, porque ele abre as pernas e me puxa entre elas. Então eu posso me inclinar contra o peito dele.

Eu quase solto um suspiro audível. *Doce, doce alívio nas costas*.

A juíza faz um gesto para Robert. — Já que os meios do Sr. Hale são maiores, eu queria você aqui pessoalmente. Preciso ter certeza de que você não foi coagido, ameaçado ou influenciado por meios financeiros para dar seu consentimento.

Os dedos do escrivão do tribunal se movem rapidamente, capturando as palavras da juíza.

Robert encolhe os ombros, dificilmente reconhecendo Willow. — É nisso que resultou. Eu não estou surpreso.

— Você está chateado por abrir mão de seus direitos paternos sobre Willow, Sr. Moore? — A juíza pergunta, genuinamente querendo chegar ao fundo disso.

Eu também.

Robert encolhe os ombros novamente. — Desde o começo, acho que sabia que ela não era minha filha. Não é apenas sobre a aparência, mas ninguém na *minha* família precisa de óculos.

Ryke resmunga baixinho, — Filho da puta.

Lo murmura através de seus dentes, e eu mal pego as palavras, *estrela de ouro para você, filho da puta.*

Meu coração está dando um mergulho horrível.

Robert cruza os braços. — Ela não age como qualquer outra criança minha. — *Pare*. — Ela fica praticamente muda a metade do tempo. Nunca saí de casa, exceto para o cinema. — *Pare*. — Ela se veste mais como um menino do que como uma menina. — *Pare com isso.* — Ela não tem amigos.

Todos nós nos levantamos ao mesmo tempo, fazendo com que Willow, Jonathan e Robert olhassem para nós. Willow está chorando em silêncio.

Quando os olhos dela pousam nos meus, eu sussurro, *minha única amiga*. Eu faço um coração com as mãos e sorrio. Ela compartilha e esfrega suas bochechas molhadas.

Ela é minha única amiga verdadeira.

E eu a amo. Todos nós amamos.

Lo está fervendo e mordendo a língua. Ele murmura algo como: — Vou xingá-lo de nomes em um maldito segundo.

— Que bom, — Ryke murmura de volta.

— Posso dizer algo, meritíssima? — Jonathan ergue a mão para a juíza, com o rosto vincado por linhas rígidas e severas.

— Sim.

Jonathan, em seguida, estreita um olhar malicioso sobre Robert. Eu juro que o ar crepita com cinza e chamas. — Nunca insulte minha filha novamente, seu idiota microscópico...

— Tudo bem, Sr. Hale...

— Nos dezessete anos que ela esteve com você - você chegou a falar com ela? — Jonathan pergunta. — Você sabia que ela é carismática quando você discute as coisas que a interessam? Talvez você devesse ter visto um maldito *filme* com ela...

— Sr. Hale...

— Ele conserta o seu terno, como se ele tivesse acabado de brigar.

Isso evoluiu rapidamente. Lo está sorrindo de orelha a orelha. Ele não precisava xingar Robert afinal.

— Sr. Hale, — a juíza estala, batendo o martelo com força.

— Eu terminei, — diz Jonathan, e eu olho para Robert.

Ele deu cinco passos para trás e seu rosto está vermelho-beterraba.

Eu nunca quis que Willow se afastasse mais de uma pessoa do que *dele*.

— Vamos continuar. Robert Moore, você deseja abrir mão de seus direitos legais como pai de Willow para Jonathan Hale?

Inabalavelmente, ele diz: — Sim.

— Então o tribunal reconhece Jonathan Hale como pai legal e biológico de Willow. Obrigado a todos por virem hoje e parabéns Willow. — Os olhos da juíza voam para Robert antes de sair do tribunal.

Eu coloco minhas mãos em volta da minha boca e faço um barulho de pássaro. — Ca-Caw!

Willow ri chorando enquanto se vira, e todos nós começamos a bater palmas. Eu me espremo na fila, quase todo mundo murmurando sobre Robert. Observando-o sair com pressa.

Aposto que ele está com medo do Jonathan.

Eu me aproximo de Willow na primeira fila. — Isto é para você, e eu estou totalmente me chutando porque teria sido incrível se você tivesse antes de... tudo isso. — Eu aceno para o banco da juíza como se já estivesse no passado de qualquer maneira.

Ela cuidadosamente abre o envelope, primeiro tirando um anel prateado. Um quadrado gravado no centro. É idêntico ao que ela me deu há muito tempo.

As lágrimas minúsculas começam a fluir pelas suas bochechas novamente, a represa na minha quebra de uma só vez. Nós sorrimos juntas enquanto ela ajusta o anel em seu mindinho.

— Todos nós precisamos de um pouco de proteção às vezes. — Lhe digo uma versão do que ela me disse uma vez. — E há muitas pessoas que amam você aqui.

Ela tem que tirar os óculos. — Isso significa... muito para mim. Obrigada. — Ela coloca os óculos novamente.

— Tem mais, — eu digo com um sorriso maior.

Com a mão trêmula, ela inspeciona o envelope e pega o próximo item. É uma foto de um pequeno salgueiro ao lado de uma cabana. A placa pendurada na porta diz: *Salgueiro Verde.*

Ela sabe o que é, os olhos lacrimejando, mas digo assim mesmo: — Agora você é oficialmente uma garota da cabana no Acampamento Calloway. Você não acha que eu esqueci de você, não é?

— Todos nós pintamos cartazes e minhas irmãs ajudaram a plantar algumas das flores que estavam na estação, ao lado do nome da cabana correspondente. Lírio rosa. Lírio Roxo. Rosa Amarela. Rosa Branca. Papoula Vermelha. Margarida Laranja.

Agora tem o Salgueiro Verde.

Eu estendo minha mão para o nosso aperto de mão, mas de repente ela envolve seus braços em volta dos meus ombros, leve como uma pena.

Antes que ela vacile, eu a abraço de volta.

Amigos podem não ser para sempre, mas talvez os amigos que você vê como família tenham poderes duradouros, destinados a ficar por perto.

< 62 >

DAISY MEADOWS

Eu tiro uma agulha de pinheiro longe do rosto do meu pai. Ele está de terno e casaco caro, o céu está nublado das as chuvas fortes de ontem. Todas as montanhas que cobrem o Acampamento Calloway estão cobertas de neblina. Não tenho certeza se a atmosfera sombria e suja exala a magia que eu queria apresentar.

Eu só preciso que a floresta seja legal com ele. *Melhores impressões, todo mundo.* — Este é o caminho para as cabanas das meninas, — eu digo, minhas botas cortando os galhos.

Meu pai nunca foi muito falador, mas eu o levei ao redor do local por uma hora e meia e calculei as estatísticas.

2 sorrisos parciais.

10 acenos cabeças.

3 sobrancelhas franzidas.

1 hmmm

= *o que você fez com a sua vida, meu pequeno cupcake de menina?*

Sua decepção é semi-melhor se doces estiverem envolvidos. É o que eu digo a mim mesma.

Ryke fica para trás enquanto eu dirijo este navio afundando. Assegurado, robusto, ele enfia as mãos no casaco de couro, seus duros olhos castanhos percorrendo o frio cenário de inverno. Sua presença dura e resoluta me lembra que o descontentamento do meu pai não decide o meu sucesso ou fracasso. Claro, vai ser ruim se ele ainda não estiver a bordo, mas isso é para mim. E eu amo tudo sobre esse projeto.

Quando meu olhar encontra Ryke, ele sussurra, *relaxa, Calloway.*

Eu percebo que estou apertando meu vestido branco de malha de lã. Eu solto, o vestido caindo de volta para as minhas coxas. Leggings cinza também protege minha pele da baixa temperatura.

Eu paro no lugar enquanto o bebê chuta meu lado esquerdo. — Wow, — eu digo com um sorriso crescente. Isso dói, mas toda vez que ele ou ela se move, não posso deixar de pensar: *você é inquieto como eu, não é?*

Eu já estou apaixonada

— Dais? — Ryke pergunta, prestes a passar o meu pai para me verificar.

Antes que ele reaja, eu digo: — Tudo bem. Estamos bem. — Eu estou mais ereta, sentindo o olhar do meu pai me varrer com preocupação paterna. — Avante e em frente. — Eu aponto adiante, continuando nossa jornada.

Meu pai pisa na lama.

Ok, achei que estávamos fazendo as melhores impressões aqui, floresta? — Não é muito mais longe, — eu digo enquanto ele caminha alguns passos atrás de mim. Eu olho para Ryke para ter certeza.

Ele encolhe os ombros para mim como se dissesse *você não pode remover a sujeira do chão, amor.*

Eu sei, mas falhar nos olhos de um pai dói. Mesmo se eu me enganar em acreditar que não me importo, parte de mim sempre vai querer apenas um pouco de validação do meu pai.

— Eu comprei mil acres para o acampamento, mas estou usando apenas metade para começar, — eu explico para ele. — Inspeções de segurança foram aprovadas na semana passada. — Aposto que esse fato reforçará seu espírito.

E… nós temos 11 acenos de cabeça agora.

— Todo o nosso programa é sobre fornecer uma experiência selvagem e construir amizades. — Eu listo apenas algumas atividades, algumas das quais ele já viu. — … Canoagem, caiaque, basquete, tênis, futebol, cavalgadas, escaladas, cordas, arco e flecha, teatro, artes e ofícios e esportes aquáticos. Tudo é baseado nos interesses pessoais de um campista. Estou aprimorando os planos de atividades.

Eu não quero empurrar ninguém muito longe de suas zonas de conforto, então estou mantendo pessoas como Willow em mente. Ela disse que se a mãe dela tivesse dinheiro, provavelmente a teria mandado para um acampamento e teria sido infernal.

Crianças que são forçadas a ir, eu quero cuidar delas também, então a experiência delas não vai ser miserável.

Eu abro minha boca para adicionar mais estatísticas para o acampamento, mas eu me detenho. Eu tenho divagado, não tenho?

Eu engulo minhas palavras, e então talvez um minuto depois, finalmente chegamos à clareira com cabanas de madeira espalhadas. Paro ao lado do Salgueiro Verde, o pequeno salgueiro plantado nas proximidades.

Enquanto meu pai desacelera na frente da cabine com Ryke, eu gesticulo para a porta da frente. — O interior é quase idêntico às cabines dos meninos. Podemos entrar se você quiser?

1 sacudida da cabeça.

Oh-oh.

Eu tento salvar tudo o que posso com mais divagações. — Já estamos lotados para o verão deste ano. — Isso deve significar algo para ele. É lucro. É lucrativo.

Sim, eu coloquei anos nesse projeto. Sim, eu coloquei meu coração e energia e alma. Se ele não pode ver, então talvez ele veja isso.

Eu o vejo olhando para cada cabine uma última vez, e então seu olhar se fixa em mim. Oh... aí está.

1 sorriso cheio.

— É realmente espetacular, Daisy.

Surpresa quase me balança para trás, mas eu começo a sorrir. — Você acha?

Ele se aproxima. — Eu vou ser franco. Eu não achei que você terminaria isso. Sua mãe e eu pensamos que você jogou seu dinheiro em toda essa terra e desistiria da ideia depois de alguns meses.

— Eu imaginei.

Suas bochechas redondas estão rosadas do frio e seus olhos bondosos sorriem para mim. — Estou orgulhoso do que você realizou aqui e de que você manteve sua visão. Mesmo que eu fosse um... um pouco pessimista. — Ele parece muito consciente de quão negativo ele é em relação às minhas escolhas.

— Qual foi a sua parte favorita? — Eu pergunto, sufocando um bocejo que tenta subir lentamente. Eu dormi uma hora ontem à noite. Enquanto meu pai contempla o acampamento inteiro com um olhar distante, Ryke se aproxima do meu lado, sua mão deslizando ao longo da minha parte inferior das costas.

Ele se eleva acima de mim. — Tire uma fodida soneca comigo quando chegarmos em casa?

Eu suspiro. — Uma fo...

Ele cobre minha boca com a mão grande. Eu sorrio por baixo e posso ler seu olhar. *Não na frente do seu fodido pai.*

Flertar com Ryke Meadows é o meu passatempo favorito.

Deve ser também dele porque seus lábios começam a subir.

— Hmm, — meu pai pensa, seu olhar voltando para mim. Ryke deixa cair a mão da minha boca. — Há muito aqui, mas o auditório externo era lindo.

— Obrigada, Keith, — eu digo em voz alta, mesmo que o arquiteto não esteja aqui no momento presente. — E obrigada, árvores e todas as criaturas dispostas a compartilharem sua casa comigo.

Ryke tem a mão na minha cabeça. — Você esqueceu o céu e as fodidas pedras.

— Eu vou agradecer eles mais tarde, — eu digo em um bocejo maior.

Ele se inclina e beija minha bochecha e sussurra em meu ouvido: — Você tem que dormir, porra.

Estou tentando. Não é tão fácil com alguém crescendo dentro de mim. Tudo que eu faço é acenar, embora. Ryke sabe que eu tenho feito o meu melhor.

Meu pai verifica o relógio dele. — Eu deveria estar voltando. Eu tenho uma reunião às quatro. Você vai liderar o caminho, Daisy?

— Claro, adiante e… — Eu paro para um deles preencher o espaço em branco. — É aí que vocês gritam e apertam o punho no ar. — Eu ilustro.

Nesta rara batida, meu pai bombeia o punho para o céu e diz: — Em frente!

Meu coração está subindo - que ele até tentaria por mim. — Forma perfeita, pai. — Eu levanto a minha mão para um high-five, e ele está sorrindo o dobro do que tem sorrido o dia todo. Depois que ele bate na minha mão, eu me viro para Ryke e o jeito que ele está me encarando rouba minha respiração.

— O que foi? — Eu pergunto, meus dedos roçando minhas bochechas.

Não é minha cicatriz que ele está estudando. Ou meus olhos. Ou meus lábios e cabelos. Com uma intensidade emaranhada, seu olhar duro mergulha direto em mim.

— Não há nenhuma maneira fodida do nosso bebê não te amar.

Eu me pergunto se ele pode sentir a felicidade fluindo através de mim. Eu me pergunto se ele pode ver o quanto o amor dele me fortalece. Me faz sentir invencível. Incrível. Daisy Petunia Meadows, a garota que pode dizer sim e não. Quem pode bater as asas e voar.

Meu pai tosse em seu punho enluvado.

Eu me afasto de Ryke e caminho pela frente. Seu amor nunca me abandona, nunca diminui ou recua.

Ele vibra dentro da minha alma, me elevando mais alto.

O trovão de repente explode. Relâmpago racha o ar. Todos nós olhamos para cima, uma nuvem de tempestade cinza escura se estendendo.

— É melhor nos apressarmos, porra, — Ryke diz, aproximando-se do meu lado para definir o ritmo. Em caminhadas, em qualquer lugar, eu realmente paro e faço desvios desnecessários. Quando mostrei aos caras o acampamento, Connor me chamou de um filhote de cachorro ansioso.

Na verdade, ele disse a Ryke: — Você está ciente do que seu filhote animado está fazendo?

— Sim. Deixe ela.

Toda a memória faz com que os cantos da minha boca se curvem - mas não por muito tempo. Uma pulsação maçante agarra minhas entranhas. Eu respiro fundo e bloqueio as cólicas, colocando-as em uma parte separada do meu cérebro. Comparado com a dor dos cistos, isso não é tão ruim.

Meu pai se distancia dez metros atrás de nós, mas nós estamos apenas refazendo o caminho e ele continua dizendo: — Vá em frente, vá em frente.

Ryke está um passo à minha frente. — Ficando para trás já, Calloway?

— Eu gosto daqui de trás. — Eu descaradamente fico olhando para sua bunda, moldada em seus jeans escuros. Eu sinto falta de seus mosquetões que ele usava para prender suas presilhas de cinto. Eles sempre tilintavam juntos quando ele caminhava.

Eu não os vejo há cerca de sete meses.

Ryke me dá um olhar conhecedor e então seu olhar passa sobre meu corpo. Eu me pergunto se meu comentário o despertou. Lembro-me do que aconteceu na semana passada e meu pescoço quase esquenta.

Ryke caiu de joelhos na minha frente, seus lábios pressionando contra o meu estômago redondo, tão devagar e ternamente. Até aquele momento, eu realmente não tinha percebido a profundidade de sua atração pelas mudanças no meu corpo. Por eu carregando seu bebê. Eu sendo tão fértil e hormonal.

Eu posso nunca mais ter isso de novo, mas estou muito grata pela chance de experimentá-lo uma vez com ele.

Relâmpagos surgem novamente e a chuva cai sobre nós.

Ryke pega seu ritmo e estende a mão para a minha. Eu aperto a dele, mas eu o faço diminuir algumas vezes. Meu baixo-ventre está contraindo, e eu sufoco um ruído na garganta. Talvez esta não seja a minha dor habitual. Eu não posso reunir minhas esperanças e sonhos de dar à luz hoje. O mais provável é que seja um alarme falso.

Eu não quero sentir mais desânimo, então fico quieta.

Ryke continua me examinando, sua preocupação aumentando antes que ele diga: — Você está com muita dor?

— Maçante… — Eu estremeço com essa cólica. *Ai*

Ryke para abruptamente e eu bato no peito dele. Ele me segura de forma protetora.

Meu pai ganhou um longo espaço em nós. — Eu queria dizer a você, Daisy. Jonathan e eu quase temos seu presente de casamento pronto. Não era possível, dentro das restrições, dar a você mais cedo. Tem sido caótico...

A água jorra de mim, encharcando a parte de baixo das minhas leggings. Eu levanto o meu vestido de camisola. *Eu estou entrando em trabalho de parto*. — Ryke… — Eu congelo, tão quieta quando realmente vejo o que isso significa. Toda a esperança. Toda a emoção que eu derrotei me inundou. *Eu vou ter um bebê.*

— Vou chamar uma ambulância para encontrá-los no estacionamento, — meu pai diz, um pouco nervoso. — Não esperem por mim.

Eu me inclino na próxima dor, a contração mais forte. — Aí, — eu digo em um tom maior do que eu normalmente uso. Deve assustar bastante Ryke porque ele me levanta em seus braços. Me embalando. Seus passos são grandes e urgentes, não diminuindo por nada.

Teimoso, com vontade de ferro, Ryke Meadows. Você não pode dizer a ele o que fazer.

Eu olho para o meu marido e depois para a sua perna direita. Ele parece estar se sentindo forte. Sem mancar, mas pergunto mesmo assim. — Você está bem? — A próxima contração me acerta. Ai, *ai*.

— Não me pergunte isso. É você quem está em trabalho de parto.

— Já é incrível. — Meu sorriso esmagador dói minhas bochechas. *Realmente é.* Eu levanto minhas mãos enquanto a chuva beija nossos rostos. — Você está se lembrando disso?

Eu posso sentir seu pulso acelerado com o meu.

Eu fecho meus olhos e inclino minha cabeça para trás. O trovão ressoa sob o solo e as árvores nuas rangem no vento robusto e gelado. Eu abro meus olhos e o céu não é nada além de escuridão.

Cordas que nos conectam a este mundo, à natureza, a mim, se tornam aparentes. Estamos todos vivendo e respirando. Somos todas coisas terrivelmente poderosas.

O cabelo de Ryke se encharca, a chuva caindo em pesadas folhas sobre nós. — Você não tem uma porra de teoria sobre a floresta? — Ele me pergunta sobre o trovão.

Eu sorrio mais. *Ele se lembrou da minha teoria*. — Coisas mágicas acontecem na floresta. — Eu lanço minhas mãos no ar novamente e grito feliz no topo dos meus pulmões.

A maneira que Ryke está sorrindo poderia reverter uma tempestade e causar uma onda de calor.

Eu gostaria que ficasse aí para sempre, mas meu sorriso desaparece e o dele segue o meu, e a próxima contração me abala como um trem de carga. Eu quase me enrolo em uma bola contra seu peito, e seu passo retribui a minha dor, movendo-se mais rápido.

Eu mentalmente cronometro as contrações, e percebo que elas estão muito próximas umas das outras. — Ryke...

Ele deve ouvir o medo roubar minha voz porque ele me coloca nas agulhas de pinheiro e tira minhas botas.

— Você não pode ajudar a ter o bebê, — eu digo. — Eu sou de alto risco e... — Eu cerro meus dentes na próxima onda de dor. *Ai meu Deus*.

Ele arranca minhas leggings, suas ações apenas acelerando. Então ele abre meus joelhos e verifica entre as minhas pernas. Não muito tempo depois, ele rapidamente puxa meu vestido de camisola para as minhas coxas. — Venha aqui, amor. — Ele me levanta de novo em seus braços e continua seu curso vigoroso novamente.

— O que...? — *O que foi?*

— Eu não vi a porra da cabeça.

Ok, nós temos tempo. — Estamos bem, — digo a ele, tonta e leve. — Eu posso andar. — Eu não tenho certeza de quanto peso sua perna pode suportar. — Você pode me colocar bem aqui.

— Sobre o meu fodido corpo morto.

Eu passo pela próxima contração e digo: — Alguns iriam achar que você gosta de me carregar. — Essa não é a primeira vez que ele me carrega. Perdi a conta de quantas vezes ele me carregou em seus braços e me segurou como meu escudo protetor.

Sobre o relâmpago, mal consigo distinguir suas próximas palavras.

— Eu sempre amei pra caralho você em meus braços.

* * *

Eu grito em dor torturante e angustiante. *Puta merda*. A ambulância esbarrou na estrada, a chuva desacelerou o veículo. Eu estou na maca no meio enquanto Ryke se senta perto, a mão dele na minha.

— Quanto falta, porra? — Ryke pergunta. Os três socorristas estão fazendo o melhor que podem, mas quanto mais demoramos e mais perto eu estou de ter esse bebê - mais toda a nossa preocupação se amplifica.

— Talvez quarenta minutos a uma hora, — diz a garota, dirigindo a ambulância por uma estrada de duas pistas. Um socorrista de dezenove anos verifica meus sinais vitais com as mãos trêmulas. É o terceiro dia dele no trabalho, e a cor sumiu quando ele perguntou se eu era Daisy Calloway.

— Eu sou Daisy Meadows agora, — eu disse a ele.

Ele parecia em estado de choque - ou eu acho que deslumbrado - ao ponto de vomitar. Ele engasgou em seu punho, e o homem mais velho então explicou que ele era novo.

Todo o comportamento de Ryke mudou depois disso, com os olhos agitados em cada pequena ação que o novo socorrista faz. Sua aura alfa masculina consome o veículo, mas fico feliz em tê-lo aqui, percebendo coisas que eu não percebo.

O homem mais velho, final dos cinquenta anos, talvez, pega o celular. Minhas pernas estão abertas e ele continua checando - mas eu não entendo o telefone.

— O que há de errado? — Ryke pergunta a ele.

Eu cerro meus dentes com força. O suor escorrega da minha testa enquanto meus músculos se contraem. Eu choro um pouco e Ryke aperta minha mão. *Aiiiii*. O bebê quer sair. Eu posso sentir o quanto.

— Eu só fiz um parto uma vez, — diz ele. — Vou colocar um médico na linha.

— Nós não vamos chegar à porra do hospital? — Ryke pergunta, suas feições tão escuras quanto o céu agitado.

— Eu acho que não. — *Eu já estou tão longe?* Ele coloca o telefone no viva-voz, mas eu desligo a voz do médico, minha cabeça lateja por contrações consistentes, mal parando para me deixar respirar.

Estou com medo pelo bebê. — Quais são... as chances de um natimorto? — Eu pergunto a Ryke. *Natimorto*. A palavra me enlaça como um vício de ferro, preso em minha garganta.

O natimorto seria o pior de todos.

Ryke tira o cabelo molhado do meu rosto, meu vestido na minha barriga. Com nossas cicatrizes e nosso cabelo emaranhado e encharcado, parece que fomos pegos em estado selvagem. Eu tento me concentrar nesse fato. Eu tento fazer luz sobre qualquer coisa que o destino tenha para atirar em nós.

Ele se inclina, seus olhos mergulhando nos meus. — Estamos todos vivos, porra. Todos os três.

Eu luto contra as lágrimas porque vejo um resultado diferente. — Estou com medo, — eu sussurro. Estou com medo de que nove meses não tenha sido nada além de um truque. Estou com medo de que um tapete seja puxando novamente de nossos pés. Que amanhã de manhã nós vamos rolar de bruços e vamos enterrar nossas cabeças em travesseiros. Nós vamos gritar.

Violentamente.

Ele cobre minhas bochechas, suas mãos ásperas e fortes. — Duzentos quilômetros por hora.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto e murmuro: — Sem freios.

— Nunca nenhum fodido freio. — Ele levanta minha mão e beija meus dedos.

Eu inalo a nossa troca e me aqueço no que realmente significa.

Eu engulo este momento com Ryke, não me preocupando com o próximo passo, o depois. Eu *vivo* por agora.

E eu persigo. E eu corro e uivo. Depois de cada segundo, cada detalhe, e eu poderia levantar meus braços no ar novamente. Eu poderia dizer que *sou eu, eu existo neste grande mundo.*

O socorrista mais velho coloca uma mão no meu joelho dobrado. — Você precisa se inclinar contra algo.

Ryke é rápido para ajudar. Ele atravessa a maca atrás de mim e eu descanso minhas costas contra seu peito. Uma vez que o socorrista me diz que eu realmente preciso começar a empurrar, tudo se aproxima em uma ação. Um objetivo.

Você ficará bem, quem quer que seja. Eu não posso esperar para conhecê-lo, cara a cara neste momento.

Eu começo a empurrar. Rangendo meus dentes, dor maçante trancando em mim. Nenhum remédio. Nenhum médico fisicamente presente. *Não pare*. Eu tento o máximo que posso, sabendo que o bebê precisa sair.

A chuva cai no teto da ambulância, o *ping ping ping* faz um coro aos meus gritos agonizantes. Meus braços tremem. Lágrimas quentes fluem pelas minhas bochechas. Não tenho forças para conter o ataque, o sistema de água escaldante. Minha pele aquece enquanto tento de novo.

E de novo.

Ryke limpa as lágrimas do meu rosto com as mangas. Ele sussurra encorajamentos no meu ouvido, mas eu mal posso processar tempo ou palavras. Tonta com o esforço e desconforto, eu continuo indo.

Parar só piora a dor persistente. O próximo empurrão, eu grito tão alto que minha garganta queima em carne viva. Meus músculos queimam. Meus pulmões explodindo. Eu mal posso distinguir formas à minha frente, minha mente explodindo de cor.

E então outro grito se entrelaça com o meu minguante. Todo o sofrimento começa a desaparecer. Eu apenas escuto o pequeno choro de um bebê.

Eu vejo pequenos braços acenando, chorando como se dissesse *aqui eu estou; olhe para mim*. Eu começo a chorar, minha mão tremendo nos meus lábios. O socorrista limpa o bebê apenas um pouco antes de colocar o recém-nascido no meu peito.

— Aqui está sua garota.

Eu coloco a mão em suas costas lisas. *Quão preciosa você é.* Eu olho para Ryke, lágrimas escorrendo pelo seu rosto enquanto ele olha entre a nossa filha e eu.

Eu sussurro: — Nós fizemos isso.

Ele está tomado com tanta coisa que ele abre um grande sorriso enquanto chora comigo. Ele beija o topo da minha cabeça. — Eu nunca amei nada mais do que você e ela.

Meu núcleo se ilumina com sua declaração. Eu toco seus dedos pequeninos. — Ei, — eu respiro. Assim que ela aperta meu mindinho, seus gritos começam a desaparecer.

Ela se acalma com respirações regulares e profundas. Como se ela entendesse *quem* eu já sou. Ryke acaricia sua bochecha macia e seus lábios batem juntos.

Ele diz a ela: — Foi preciso muito fodido amor pra ter você. — Ele engasga com muitos sentimentos. Ele tem que apertar seus olhos avermelhados. Quando eles encontram os meus de novo, eles são consumidos com essa tremenda alegria terrestre.

Eu também sinto isso.

Cheia de tudo ao nosso redor.

Estou tão feliz que mal consigo falar e penso em todos os meses, todos os dias, todas as horas. Eu penso em tudo que perdemos e em tudo que ganhamos. Não há dúvidas - sei exatamente quem trouxemos para este mundo.

Quem um dia irá correr rápido e selvagem.

Ela resmunga em contentamento.

— Ei, — eu digo, — Sullivan Minnie Meadows. — Ela estica o braço esquerdo como se dissesse, *sou eu.*

Eu levanto meus olhos para Ryke mais uma vez, e ele acena para mim, incapaz de conter as lágrimas, rolando por suas bochechas. Eu olho profundamente dentro dele, e ele olha de volta para mim.

Eu estou tonta, mas eu a seguro enquanto o mundo recua. Nos vejo correndo através de talos dourados, meus braços se agitando. Então eu pego no ar. O horizonte laranja aquece meu corpo e eu grito loucamente e alegremente.

Nada pode impedir nossas almas de cantar. Nada pode impedir nossos espíritos de gritar.

Então, o que quer que alguém diga, o que quer que alguém pense, eu *vivi* muito tempo. Eu estive apaixonada. *Eu estive livre.*

Eu gostaria de pensar que, não importa onde eu vá, ainda posso ser encontrada. *Apenas olhe para cima.*

Eu estarei lá. É onde eu estarei.

Toda vez que o sol brilhar, talvez você pense em mim.

< 63 >

RYKE MEADOWS

Daisy está em cirurgia há duas horas.

Eu não consigo falar sobre essa porra com ninguém. Depois de toda a superlotação, eu pedi a suas irmãs, meu irmão e a todos que me dessem um fodido tempo sozinho. As enfermeiras me têm em um quarto de hospital para a bebê "caso Daisy retorne", elas disseram.

Eu não queria me separar de nenhuma delas, mas não podia entrar na sala de cirurgia. Eles tentaram me levar para uma sala de espera, mas eu me recusei a deixar Sullivan. Então eu observei os médicos checarem ela, limparem ela, e eles disseram que ela estava saudável.

Depois que eu me lavei, eles me deixaram tê-la de volta.

Quando voltei para a sala privada, puxei a cadeira para a janela. Eu estou sentado aqui há uma hora. A chuva nunca diminuindo. Sullivan dorme em meus braços, envolta em cobertores. Ela mexe um par de vezes, lábios se abrindo mais, mas depois descansa de novo.

Eu finalmente falo, minha voz baixa e crua. — Eu nunca vou te amar menos... aconteça o que acontecer - ela não iria querer isso. — Minha garganta aperta. — Mesmo se... — Eu não posso dizer isso. *Mesmo que seja só você e eu.*

A noção toda é incapacitante pra caralho - ainda assim, eu me sento aqui sabendo que é uma fodida possibilidade real. Ela teve hemorragia. Ela perdeu uma quantidade extrema de sangue. Eu bloqueei tudo depois que os olhos dela se fecharam. Eu nunca mais me lembrarei disso. Eu não vou deixar isso me atormentar, me engolir, voltar. Se foi.

Eu só vou lembrar como ela ficou feliz. Quão feliz nós estávamos. *Quão felizes estamos.*

Eu não posso começar a chorar porque se eu começar a chorar, eu nunca vou parar, porra. Nossa filha não precisa de um pai que não pode andar, não pode respirar, não pode comer. Se Daisy não puder estar aqui, não vou deixar ninguém criar Sullivan além de mim.

A porta range e olho por cima do meu ombro e vejo Price, de todas as pessoas. Eu não falo nada. Eu apenas volto e vejo minha filha dormir.

Eu ouço ele se aproximar e depois parar.

— Eu quero que você saiba, Ryke, — diz Price, — que eu vou estar aqui para você e sua filha, não importa o que aconteça...

Estou rígido, em um fodido nevoeiro que tenho dificuldade em escapar.

— …E eu perguntei ao pai dela quais eram as intenções dele ao me contratar. Desde que Daisy e você estavam preocupados com a minha idade. — Ele faz uma pausa. — Eu sei porque ele me escolheu.

Eu ouço, mas não consigo responder.

— Ele queria alguém que estivesse aqui a longo prazo. Ele sabia que vocês dois construíram uma família em algum momento, e ele queria que você tivesse alguém em quem pudesse confiar até lá. Eu não vou me aposentar em dez anos. Eu não vou abrir mão de vocês. Eu estarei aqui enquanto você e Sullivan precisarem de mim. Eu só queria te dizer isso.

Greg Calloway. Pensando à frente. Na verdade, acreditando em nós desde o fodido começo. Eu podia rir - como eu estava paranoico por nada, porra. Eu não posso rir. Eu não posso fazer nada nem dizer nada.

Eu não posso me mexer.

Então eu ouço a porta fechar. Ele saiu.

Eu acaricio a bochecha da minha menina. — Ela te nomeou Sullivan...

Adam Sully adoraria, e é por isso que isso me atinge. Eu coloco minha mão na minha boca. Eu me pergunto se o nome foi uma ideia do momento ou se ela pensou nisso por um tempo.

Não tenho certeza de que terei a chance de perguntar.

A porta range de novo. Solas mais pesadas se aproximam, mas eu não tenho energia para me virar e ver um rosto dessa vez.

— ...eu não fingirei que posso entender o que você está sentindo. — Eu reconheceria a voz grossa, como cascalho afiado, em qualquer fodido lugar. *Meu pai.* — Tivemos muitas diferenças, mas meu amor por você, filho, nunca mudou. Eu sempre quis ser um pai para você.

Eu não posso entrar nisso. Eu não posso repetir a porra do passado e gritar com ele até que eu esteja vermelho pra caralho. Eu não posso dizer a ele que ele desistiu de mim. Que ele me evitou. Que ele me fez pária por nome, por lugar, por direito de primogenitura. Eu não posso fazer isso.

Ele se aproxima da minha cadeira, mas eu não estou me virando para cumprimentá-lo.

E então ele diz: — Me desculpa, Ryke.

Meu nariz se inflama, restringindo a porra da emoção. Esta é a primeira vez que ele se desculpa comigo.

— …eu te machuquei mais ao longo do tempo. E sinto muito pelo que fiz. Você não mereceu a queda por minhas ações e minha reputação. Eu falhei com você e sinto muito.

Meu queixo trava, mas algo molhado desliza pelo meu rosto. Eu limpo antes que qualquer outra coisa aconteça.

Ele é teimoso pra caralho. Definido em seus caminhos. Eu nunca pensei que ele admitiria ter feito algo errado. Ele pode redirecionar a história, para parecer que ele estava salvando alguém - meu irmão, ele mesmo - mas no final, foi eu quem paguei.

Ele nunca se importou. Nunca realmente entendeu, porra.

Ao ouvir que sim - não consigo... não consigo calcular direito. Eu não posso fazer nada com as desculpas no momento. Então eu posso não ser capaz de dizer a ele agora, mas é o passado. Eu posso deixar ir.

Eu posso perdoar novamente.

Quando eu abaixo minha cabeça, muito gasto para abrir minhas comportas hoje, seus passos se retraem. A porta clica fechada. Eu fecho meus olhos inchados com força, pressão sobre mim.

Nada que eu faça libera isso, então eu abro meus olhos, minha filha perto do meu peito. Eu beijo sua testa, assim que ela acorda. Meu polegar roça sua bochecha macia.

Ela é tão pequena e frágil. Eu procuro seus traços, tentando identificar Daisy neles. Talvez o nariz delicado dela. Seus olhos largos e curiosos.

Algo como uma rocha se aloja na minha garganta novamente.

Ela se agita mais e solta um grito fraco ao mesmo tempo em que a porta se abre. — Ryke.

Sento-me mais ereto, olhando para a enfermeira de branco. Ela gentilmente fecha a porta, ficando quieta para Sullivan. Quando ela se aproxima, noto uma mamadeira na sua mão. Eu balanço minha cabeça por instinto. Daisy estava ansiosa para amamentar, e eu ainda estou pensando, *eu não quero tirar isso dela*.

Que porra há de errado comigo?

— Você quer alimentá-la ou você quer que eu faça? — Pergunta a enfermeira. — Ela tem que ser alimentada agora.

— Eu posso, — mal sai. Ela me entrega a mamadeira e coloco minha filha um pouco mais perto. Eu coloco a mamadeira nos lábios dela, e ela começa a chupar, seus olhos arregalados se enchendo de satisfação. Eu a observo por um tempo antes de focar na enfermeira novamente.

— Você sabe de alguma coisa nova...?

— Não. — Seus olhos voam para o chão. — Mas eu prometo que se eu ouvir qualquer atualização, eu vou deixar você saber.

Eu me sinto vazio e frio. Volto minha atenção para Sullivan.

— Eu voltarei para verificá-la, e se você precisar de alguma coisa, você tem a campainha lá. — Ela aponta para a cama do hospital vazia.

Uns trinta minutos depois - a mamadeira de lado e Sullivan dormindo novamente - a porta se abre mais uma vez.

Eu ouço passos. E então os pés de outra cadeira raspando pelo chão. A cadeira de madeira encosta ao lado da minha. Quando a pessoa se senta, eu giro para encontrar meu irmão.

Ele relaxa e olha para a chuva, e eu continuo olhando para ele. Até que ele encontra o meu olhar e diz: — O que? Você achou que estava sozinho ou algo assim?

Eu inalo uma fodida respiração, o peso me matando. Eu não posso mais conter isso. Eu desmorono e ele estica o braço por cima do meu ombro.

Eu solto um fodido soluço porque estou com medo de viver uma vida sem ela. Onde o mundo não é nada, além de escuro e solitário novamente. Eu não sei como ser essa luz para nossa filha, mas eu sei que tenho que tentar.

Eu sei que não posso desistir.

Eu sei que tenho que ser o homem por quem Daisy se apaixonou.

< 64 >

RYKE MEADOWS

4:17 da manhã.

Minha filha de uma semana chora enquanto eu troco a sua fralda no banheiro. — Eu posso fazer isso em menos de um fodido minuto, querida. — Eu abro a parte inferior de seu macacão cinza, um gorro de algodão amarelo mantendo a cabeça quente.

Seus grandes olhos fixos nas minhas feições.

Eu levanto minhas sobrancelhas para ela, e ela fica quieta e olha curiosa pra caralho para elas.

Eu a amo pra caralho. — Se você está me olhando assim, espere até ver esse grande fodido mundo, Sulli.

Ela faz um barulho minúsculo que cava direto na minha alma. Eu jogo sua fralda suja no lixo. Depois de terminar com a nova fralda, fechando seu pijama de volta, eu a embalo em meus braços. E eu apago as luzes do banheiro atrás de mim.

Enquanto eu voltava para o meu quarto escuro, minha cabeça colidiu com a lanterna de papel verde pendurada. — Porra, — eu xingo baixinho e coloco minha mão livre na lâmpada para pará-la no lugar.

— Que cupcake pequeno e precioso.

Eu giro minha cabeça para a cama. Daisy está debaixo das cobertas, apoiada no cotovelo, o cabelo loiro selvagem ao redor das bochechas. Eu fico olhando para ela como se ela fosse uma porra de uma miragem. Eu olho para ela como se eu desviasse o olhar, ela desapareceria para sempre.

E ela sorri tanto que sua cicatriz se estica. — Ele me ouviu chamá-lo de cupcake, — ela brinca. — Posso dar uma mordida em você? — Ela ofega com olhos verdes vivos. — A emoção de tudo.

Não desapareça em mim.

Eu chego perto da cama e jogo um travesseiro redondo em seu rosto. Ela ri enquanto eu subo no colchão, bem ao lado dela, e coloco nossa filha no seu colo.

Daisy descansa a cabeça no meu ombro, os dedos roçando os pés de Sulli, cobertos de minúsculas meias amarelas. — Não há nada mais precioso do que isso, eu juro, — sussurra Daisy. — Ela é como um cupcake de manteiga de amendoim.

— Eu pensei que eu era o fodido cupcake, — eu brinco com ela.

Ela olha para mim. — Você nunca ouviu? Um cupcake faz outro cupcake. — Ela então se inclina para frente e sussurra: — Seu papai não é o cupcake mais bonito do mundo, Sulli? — Daisy escova o nariz com o nariz de Sullivan, e meu coração simplesmente derrete.

Daisy se inclina para trás enquanto Sullivan balbucia. — Eu poderia totalmente vê-la fazer nada por horas.

— Sim, mas você precisa dormir, Dais. — É por isso que eu tentei ser o mais silencioso possível trocando e alimentando-a no meio da noite. Eu queria mantê-la no berçário para que Daisy pudesse dormir, mas ela odiava a ideia de nossa bebê estar em um berço a menos de um metro de distância de nós.

Daisy tem esse pequeno beicinho em seus lábios, confusão em seu olhar. — Eu pensei que nós tivéssemos concordado em compartilhar noites sem dormir?

— Isso foi antes… — Eu esfrego minha boca, ainda incapaz de lembrar os eventos de uma semana atrás.

Ela teve uma histerectomia total. Eles removeram o útero, os tubos e o ovário restante - junto com aquele fodido cisto. Eles congelaram os óvulos que ela tinha, mas ela passou por uma

grande cirurgia, sem mencionar a perda de mais sangue do que eu posso até mesmo compreender.

Passo a mão pelos cabelos e pergunto: — Como você se sente?

— Um pouco letárgica.

Eu dou a ela um fodido olhar que quer diz *viu*.

— Mas eles disseram que seria assim por causa da perda de sangue. — Ela tem que tomar suplementos de ferro para ajudar com isso. — Eu decidi dar para aquele socorrista a minha Ducati. — Ela se endireita, olhando entre mim e nossa filha. — Eu sei que parece uma grande decisão, mas eu queria dar a ele algo que significasse muito para mim como um *agradecimento por salvar minha vida*. Liguei para a mãe dele ontem e ela disse que ele gostaria.

Eu aceno algumas vezes, pensando em como o socorrista novato, de 19 anos, acabou sendo o fator para ela sair bem dessa. Eu sabia o tipo de sanguíneo de Daisy por causa do motim de Paris, e ela precisava de uma transfusão no caminho para o hospital. O jovem socorrista sabia seu tipo sanguíneo.

E eles eram compatíveis.

— Bem, se você não vai dormir, você a olha por um minuto. — Eu me levanto da cama; minha perna direita palpitando pra caralho. Isso sempre acontece no meio da noite.

Seus olhos sorriem para mim. — Um trabalho tão cruel. Me dê sempre.

Eu mostro o dedo para ela.

Daisy diz ao nosso bebê: — Isso é um sinal de amor.

Eu balanço minha cabeça, meus lábios subindo. Eu me agacho para o baú de madeira de Daisy embaixo da janela. Eu posso sentir ela me observando muito de perto. Eu sei o que ela está colocando aqui, e talvez ela achasse que eu não tinha ideia. Todo esse tempo.

Eu sabia.

É aqui que ela mantém quem eu sou. Caso eu fosse me procurar novamente.

Eu abro a tampa e, em seguida, olho de volta para Daisy na cama. Ela não tem medo. Mesmo depois de tudo o que aconteceu, ela só usa ânsia, luz e curiosidade. Iluminando nosso quarto inteiro sem o interruptor de uma lâmpada.

Foi um milagre, eles disseram, que ela vivesse.

Eu continuo olhando para ela todos os dias. Eu continuo segurando-a e ouço todas as palavras que ela tem a dizer. Eu nunca vou levar um único segundo da minha vida como garantido.

Depois do meu acidente, perdi agosto. Eu perdi ainda mais de setembro. Eu perdi esses meses em um fodido torpor e dormi através deles. Eu vaguei sem um fodido fim. E depois do que aconteceu na semana passada, uma reação comum seria desacelerar, ir pelo seguro, mas aprendi que a morte é inevitável. Eu poderia ter perdido ela. Eu poderia ter perdido minha filha.

Eu tenho outra chance nisso, e me recuso a desperdiçar mais um fodido minuto da *minha única vida.* Eu me recuso a ser menos do que a pessoa que eu sei que sou.

Eu acordei.

Eu vi o que costumava ver.

Eu me concentro no baú, alcanço dentro e tiro corda, mosquetões, toda a porra do meu equipamento. Abaixo deles estão pilhas e pilhas de revistas. Ela até salvou minha assinatura do *Rock and Ice.* Eu pego uma edição antiga e fico em pé.

Eu estou na capa, escalando um penhasco na Venezuela.

Quando eu me viro para Daisy, eu a vejo chorando com o maior sorriso do caralho.

— Obrigado por manter isso seguro, — digo a ela. Não será fisicamente fácil iniciar novamente, mas as coisas difíceis geralmente são as coisas certas.

< 65 >

DAISY MEADOWS

— Você vê esse rosto? — Eu desvio da pia da cozinha, Sullivan sentada em uma banheira com um sorriso tonto boquiaberto, os olhos acesos e as mãos minúsculas soltas. Tentando agarrar a esponja verde em sua barriga.

Ryke usa um boné de beisebol para trás, retornando de uma corrida com seu irmão. Então ele também está de calças de corrida e sem camisa. Embora ele tenha agarrado a câmera de vídeo antes que eu pudesse, filmando a coisa favorita de Sullivan no mundo.

Hora do banho.

— Este é o rosto de Sullivan Minnie Meadows, de dois meses de idade, — eu narro. — Parte sereia, parte pirata. — Eu giro de volta para Sulli e espirro água morna em seu braço. — Aye, menina.

Ela sorri, balançando as pernas e as mãos para mais água. Nós só usamos sabão na parte de baixo já que damos banho nela todos os dias e não queremos que a pele dela fique ressecada. Abril é um pouco mais quente, mas loção hidratante tem sido sua melhor amiga durante os meses frios.

Ryke se aproxima do meu lado, e Sullivan faz um pequeno ruído estridente de prazer. Acho que ela sabe que somos a mamãe e o papai dela. — E o que você é? — Ryke me pergunta. — A sereia ou a porra do pirata?

— A pirata, — eu digo, não perdendo o ritmo. Eu lavo o rosto de Sulli, me inclinando para ela. — Isso faz do papai o tritão. — Eu não posso segurar o rosto sério por muito tempo. Eu começo a rir, especialmente desde que estamos gravando isso para a história.

— Você acha que é engraçada pra caralho, né Calloway? — Ele está totalmente tentando não sorrir agora.

— Todos os outros piratas riram das minhas histórias. Talvez as sereias e tritões não tenham senso de humor. — Limpo o pescoço da nossa filha com água morna. — Anote Sulli, os piratas se divertem mais.

Ryke agarra a mangueira da pia e, sem pausa, ele joga água no meu rosto.

Eu explodo em um sorriso, meu rosto encharcado e pingando. Eu tento me aproximar dele - para roubar a mangueira, mas ele me acerta novamente. Eu coloco minha língua para fora para pegar um bocado de água.

Ele desliga a mangueira. — O que você estava dizendo, Calloway?

— Piratas têm mais...

Ele me acerta de novo.

Eu rio, meu rosto molhado. — Piratas são...

Ele nunca se rende, só jogando água na minha camisa que diz, *donut vai quebrar meu coração*. Eu praticamente pulo para ele, tentando roubar a mangueira dessa vez. Ele levanta acima da minha cabeça, mas para logo acima, me permitindo tempo suficiente para agarrar a mangueira.

Eu giro o bocal para Ryke e jogo água sem piedade.

A água jorra e molha seu rosto; ele nem está tentando bloquear o fluxo.

— Ha ha, — eu assobio. — Roubo pirata vence todas as...

Ele me beija, tão de repente, tão fortemente, que estou quase caindo para trás. Ele me pega antes de eu cair, e eu sorrio tão largo sob seus lábios.

Dura dois ponto dois segundos já que alguém puxa as nossas calças. Nossos lábios se separam e nossos olhares descem para o pequeno Maximoff Hale. Nós ainda vivemos com Lily e Lo, e

Willow vai sair no verão - então esbarrar com todo mundo é comum, mesmo com nosso novo bebê.

— Tio Ry, — ele empurra suas palavras juntas às pressas — papai disse grande pedra! — Ele estica os braços para fora. Eu traduzo isso como: *Tio Ryke, papai diz que você vai escalar uma pedra grande!*

— Você disse a Lo? — Pergunto a Ryke, colocando a mangueira de volta na pia e lavando atrás das orelhas de Sulli. Ryke aumentou seu regime de treinamento físico desde que nossa filha nasceu. Alguns dias eu apenas observo ele se movimentar por um quarto, seu passo cheio de vigor e propósito.

Não estou nervosa por ele estar treinando muito ou muito rápido. Ele conhece seus limites e está consultando um terapeuta para conversar sobre o que aconteceu no Peru, para que ele possa lidar com possíveis flashbacks. É a primeira vez que ele procura ajuda profissional. E ele nunca esteve mais desperto, mais consciente do mundo ao seu redor.

Então, quando ele ligou para meu pai ontem, para falar sobre escalar o Escudo do Deserto - como ele prometeu antes de sua queda - eu comecei a chorar e a sorrir sem parar.

Seu passo é um pouco mais leve. Seus olhos um pouco mais brilhantes. Se você o visse agora, estaria em lágrimas também.

Ryke remove seu boné de beisebol e coloca na minha cabeça. — Na nossa corrida, eu disse a Lo que eu ia ver se seria possível escalar o Escudo do Deserto.

Eu observo a expressão dele, mas não consigo avaliar a reação dele sobre Lo. Se seu irmão estava feliz ou assustado. Ryke colocou a câmera de vídeo no balcão da cozinha, ainda gravando e apontando para nós, então eu não cutuco o assunto.

Ryke levanta Moffy em seus braços. — Você já viu um fodido precipício, garotinho?

Moffy balança a cabeça repetidamente como se Ryke estivesse acabado de falar sobre bicho-papão e espíritos.

— Você vai ver um grande no final de maio. É alto assim. — Ryke aponta para sua altura de um metro e noventa, e Moffy fica de queixo caído como se fosse o Monte Everest.

— Nuh-uh, — diz Moffy.

— Sim, uh.

Lo e Lily entram na cozinha, mas eu estou presa em maio como um prazo. Apenas surpresa que está tão perto. Recentemente, ele teve problemas para escalar na academia. Não porque ele não possa escalar fisicamente, mas porque as pessoas começam a filmá-lo e a tentar tirar fotos toda vez que ele praticava.

Após o acidente, *Celebrity Crush* entrevistou médicos aleatórios para determinar se Ryke poderia andar novamente. A maioria disse: — Vai ser difícil para ele até correr, e ele *nunca* mais vai escalar.

É claro que as pessoas estão curiosas e combinado com meu recente contato com a morte, o nascimento de nosso bebê e o acordo de transmitir algo de nossas vidas na televisão - temos sido notícias atuais.

#*RaisyEstaVivo* estava nos trends por duas semanas seguidas, bem como #*BebeRaisy*. Ninguém tem fotos de Sullivan ainda, mas assim que fizermos uma grande entrada do lado de fora com ela, elas estarão em todo lugar. Não queremos vender as fotos dela para um tablóide, não por qualquer preço.

Então, a mídia é oficialmente Time Raisy, e o mundo se recuperou da ideia de nós na televisão novamente. Porém é engraçado. As pessoas nos odiaram por tanto tempo porque nos recusávamos a fazer um reality show, e então no minuto em que concordamos em uma série de documentários, as pessoas reclamaram que estávamos no ar *novamente*.

Nós nunca podemos agradar a todos. Então, no final do dia, temos que nos preocupar conosco primeiro.

Esta série de documentários parece a melhor direção que já fizemos.

Lo chama, — Time Maximoff! — Ele torce pelo seu filho enquanto ele briga com Ryke. Lily sobe em uma banqueta e abre um pacote de biscoitos com cobertura de chocolate.

Moffy joga seus punhos no ar, e Ryke coloca o garotinho no chão.

— Buuu, você não pode desistir, — diz Lo. — A batalha nem começou, mano.

Ryke mostra o dedo para ele e desliza ao meu lado. Ele pega o xampu e começa a lavar delicadamente o cabelo super curto da nossa bebê, tão escuro que nós dois estamos positivos que será da cor de Ryke.

Suas mãos parecem enormes em comparação com sua cabeça pequenina.

— Você está bem? — Ele me pergunta, a família Hale conversando em voz alta atrás de nós. Eu pego apenas pedaços, mas acho que os três estão debatendo sobre superpoderes de persuasão.

Nossos olhos se conectam antes de voltarem para nossa filha. — Sobre...? — Eu pergunto.

— Hormônios.

Tenho que tomar um coquetel de hormônios depois da minha histerectomia e, em março, descobri que era alérgica a um creme recomendado. Felizmente, esta última receita manteve meu humor mais nivelado.

A melhor parte da cirurgia: sem mais dor. Não há mais longas menstruações e cólicas incapacitantes. Não há mais cistos irritantes para arruinar o sexo e minha vida cotidiana.

De certa forma, eu fui libertada também.

Claro, os médicos me avisaram das possíveis desvantagens: falta de desejo sexual, dificuldade para atingir o orgasmo. Mas eles também disseram que o corpo de cada mulher leva a histerectomia de maneira diferente, e houve casos com efeitos completamente opostos.

Eu acho que onde eu estava antes da cirurgia e onde estou agora, só posso subir daqui. Por sorte, tenho evidências desta manhã que sugerem exatamente isso.

Eu encho um copo com água morna. — Estou bem até agora, — digo a Ryke. Então eu cubro a testa de Sulli com a mão e enxugo o xampu. — Eu não queria impedi-lo de correr esta manhã, mas você fez essa coisa… — Eu paro quando ele puxa nossa bebê limpa da bacia do banheiro.

Ela chora um pouco para ser mantida na pia.

Ele gentilmente a coloca sobre a toalha branca. — Se eu pudesse, querida, eu deixaria você lá o tanto que você quisesse. — Ele a embrulha em uma toalha verde com capuz. Quando ele puxa o capuz sobre a cabeça, as pequenas orelhas de sapo no alto, ela para de se mexer.

Ryke a deixa enrolada no balcão por um momento. — O que eu fiz esta manhã? — Ele desliga a câmera. Eu me pergunto se ele acha que é ruim - seja o que for que eu tenha a dizer.

Ele penteia duas mãos pelo cabelo bagunçado.

Sim, ele acha que é ruim.

Eu inclino meu quadril contra o balcão. — Você soltou esse longo gemido e esticou os braços acima da cabeça. — Eu me lembro de quão bonito em seu estado desgrenhado ele parecia e como ele parecia contente. — E então você sonolentamente virou e colocou o braço em volta de mim. — Ele até me puxou contra seu corpo. Ryke Meadows, meio adormecido e sonolento, me queria mais perto.

Suas sobrancelhas se juntam, cheias de “fodida” confusão.

Eu descanso meu cotovelo na pia. — Isso me deixou molhada. — Só de pensar nisso agora, meu corpo pulsa com um desejo forte e dolorido. Que doces, doces hormônios.

Sua boca fica aberta. — Você está falando sério, porra?

Ele acha que eu estou provocando ele? Eu tiro o olhar de flerte que eu uso. — Eu me toquei, — digo com total seriedade, — por isso estou cem por cento positiva.

Ele solta um suspiro chocado, a mão na boca em descrença.

Não é sobre o prazer dele. Nunca foi para Ryke. O pensamento de que eu ficaria ainda *menos* excitada do que eu já estava o deixava chateado por mim.

Eu explico: — Eu li que em algumas mulheres aumentaram o apetite sexual depois e com as prescrições certas podem ficar molhadas também… — De repente eu percebo o quão quieto está aqui, sentindo uma audiência no balcão. Ryke também deve, porque nós dois giramos.

Lily, Lo e até Moffy - em cima do balcão, comendo um biscoito - todos ouvem fixamente a minha história de excitação.

Lily está absolutamente em êxtase, mas ela tenta agir como se não ouvisse nada, empurrando um biscoito em sua boca.

Lo observa sua esposa com paixão.

E Moffy pergunta: — O que está molhado? — Ele lambe o chocolate dos dedos.

Ryke abre a boca e Lo o interrompe antes mesmo de começar. — Todos nós sabemos o que você vai dizer, e eu preciso te lembrar, mano, ele não tem nem *três* anos. Ele tem que atingir a puberdade antes da aula de sexo, tudo bem?

— Talvez na próxima fodida vez, não nos ouça falar sobre sexo.

Lo lhe lança um olhar bastante dócil. — Confie em mim, ninguém queria ouvir isso menos que eu.

Eu levanto uma Sulli empacotada em meus braços, e ela descansa a cabeça no meu peito. Antes de sair, preciso lembrá-los de um evento iminente. — Não se esqueçam, — digo a Lo e Lily, — os operadores de câmeras estarão aqui no final de maio para se instalarem.

Será o primeiro dia de filmagem da série de documentários. Acho que todos decidimos começar com entrevistas, mas ninguém se ofereceu para assumir a liderança e ser a cobaia.

— O dia do apocalipse, — brinca Lo.

Meu rosto cai.

— Eu estou apenas brincando, — ele me diz. — Não pareça como se eu tivesse atropelado seu bebê, Jesus Cristo.

— Vocês todos querem fazer isso, certo? — Eu olho entre eles, meio preocupada que talvez, todo esse tempo, eles concordaram com a série de documentários apenas para me satisfazer.

Lily se endireita. — É a minha ideia favorita que alguém já teve sobre essas coisas. Muito melhor do que o reality show - mas não diga a Rose que eu disse isso. — Ela enruga o nariz. — E não ouça Lo. Ele está sendo um idiota.

Lo finge estar magoado. — Lily Martha Hale. Onde está a lealdade?

Lily apenas sorri para mim e eu sorrio de volta.

Com as irmãs Calloway para sempre.

< 66 >

RYKE MEADOWS

— Tem mais? Jesus Cristo — Lo xinga, observando jornalistas caminhando pelo desfiladeiro de Utah com equipamentos pesados. A equipe de filmagem de Greg Calloway é a única com o consentimento de usar as imagens de hoje como anúncios comerciais.

Eu vagamente noto a mídia, alguns até nos filmando agora enquanto eu conserto meu equipamento a uns 30 metros da base do Escudo do Deserto. A rocha vermelha se projeta em direção a um céu azul claro, e quando olho para o desfiladeiro, meus pulmões se enchem de algo brilhante.

Flores silvestres amarelas estão desabrochando. As flores favoritas de Daisy caem como um rio sinuoso.

Eu faço um breve contato visual com Lo, sentado em uma colcha ao lado de Lily. Perto dali, Moffy e Janie espionam uma cesta de vime por comida. Rose, Connor, seus gêmeos, Daisy e nossa filha estão todos aqui para me ver subir.

Eu não consegui processar em palavras o que isso significa para mim ainda, mas eu sei que quando eu me levantar, eu vou descobrir.

Meu irmão começa: — Se eles vão incomodar você...

— Não se preocupe com eles, Lo. Eles não vão me impedir. — No próximo momento silencioso, noto todos olhando para a mídia com esses olhares distantes. Apesar das palavras de Lo, ele está relaxado, seus olhos olhando além das câmeras com algo mais profundo.

Há mais jornalistas aqui do que quando eu faço solos livres em Yosemite. Mais do que a minhas escaladas rápidas histórica. Mais do que qualquer conquista que eu já fiz na escalada.

E hoje estou usando um arreio. Eu tenho corda. Não há nada de especial no Escudo do Deserto. Centenas de pessoas subiram do jeito que eu pretendo escalá-lo. Eu não vou fazer solo livre. Eu não estou apostando em bater os recordes de ninguém.

Eu estou apenas escalando uma rota desafiadora.

Pela primeira vez em dez meses.

Até o mundo tem um interesse maior nessa história, e se eles dizem isso corretamente ou não - eu não me importo, porra.

Eu me levanto e aperto meu cinto, minha tatuagem no meu antebraço visível. Daisy tem uma idêntica no mesmo lugar. Datas escritas em fonte pequena, alinhadas verticalmente.

27-09-14
12-08-16
15-07-17
04-02-18

O dia em que beijei Daisy pela primeira vez. O dia em que pedi a ela para se casar comigo. O dia em que nos tornamos marido e mulher. O dia em que nossa filha nasceu.

Abaixo da data de nascimento de Sullivan no meu antebraço, Daisy rabiscou com caneta preta: 19-05-18

Hoje.

O dia em que eu escalo novamente.

Assim que termino com meu equipamento, hesito em dizer adeus aos meus amigos e familiares. Eu fiz isso muitas fodidas vezes com eles. Nós tivemos esse adeus antes de eu escalar no Yosemite e para os eventos da Ziff. Sempre que me olhavam, a ansiedade cintilava nos olhos deles.

Eles estavam com medo por mim. Com medo de que eu cairia. Com medo de que eu morreria.

Todos, exceto Daisy. Ela entendia, mesmo na época.

Estou me preparando para encontrar aqueles olhos cautelosos novamente. Aqueles que dizem *você tem certeza que quer fazer isso?* Ou *tenha cuidado, não morra*. Ou *você está fazendo a coisa errada aqui, meu amigo.*

Passo a mão pelo meu cabelo espesso, câmeras nos gravando a distância, meu capacete na mão esquerda. Eu finalmente me viro para todos eles, sentados na colcha.

Eu procuro por medo, por preocupação, por hesitação. Nenhum deles - nem mesmo meu irmão - usa esses sentimentos. Seus olhos estão sorrindo.

Cada conjunto deles.

Lo acena para mim, seu olhar vítreo. — Faça sua coisa.

Eu limpo meus olhos ardentes com o braço. *Porra*. Eu tenho que perguntar essa porra, porque isso - entre todos eles - é tão diferente do que qualquer coisa que eu já encontrei antes de uma subida. — Vocês não estão nervosos? — Eu pergunto a eles.

Rose, na verdade, sorri. Os lábios de Connor se erguem também, e Lily está radiante como se eu fosse um fodido super-herói. Daisy não está olhando para mim, mas está brilhando mais do que nunca, ocupada girando flores silvestres em uma coroa, Sulli em seu colo.

— Eu acho que todos nós percebemos algo, — diz Lo, seu filho sentando em Lily com um punhado de uvas. Lo está distraído por um segundo, amor em seus olhos.

— O que? — Eu pergunto.

Lo encontra meu olhar novamente. — Você não está vivendo quando não está escalando, irmão mais velho. Nenhum de nós vai mantê-lo nessa porra de chão de merda.

Connor acrescenta: — A menos que você queira. Vamos ficar com o Ryke Meadows que você quiser nos dar, mas só para você saber, eu gosto mais do que está na minha frente.

Eu penso nos últimos dez meses. — Obrigado, — eu digo para todos eles. — Tem sido uma fodida longa estrada. — *E eu precisava de todos vocês.*

Não consigo imaginar passar por tudo que passei sozinho. Eu provavelmente estaria sombrio e frio. Eu estaria desanimado pra caralho e mal conseguindo ficar de pé. Eu precisava deles, e eles nunca desistiram de mim.

— Formigas, — sussurra Lily para o marido. Ela abraça Moffy perto do peito, o menino despreocupado enquanto ele come uvas, enquanto Lo pisa na porra da formiga nas proximidades. Moffy ainda é alérgico a elas.

Eu estou feliz pra caralho por ela ter tirado o calor do momento. Percebo Rose conversando com Charlie, que balbucia incoerentemente, o bebê embalado em seus braços.

— Você percebe que tem meus olhos, pequeno gremlin, — diz ela em sua voz normal e gelada, mas a afeição por seu filho está escrita em todo o rosto. — Eles são os melhores olhos do mundo. Eles podem derrotar seus adversários e reivindicar vitórias melhores que os do seu pai.

Connor ouve isso e começa a sorrir. — Você olhou nos olhos de Jane recentemente, querida? — Ele tem Beckett dormindo em seu colo.

Janie, que olha para as nuvens, rola de barriga para baixo e olha para a mãe com grandes olhos azuis redondos.

— Você é linda como a *água*, — Rose diz à filha e depois levanta Charlie. — Fogo. — Ela dá um tapinha na cabeça de Janie que está sorrindo como seu fodido pai. *Essa fodida família ainda é estranha.* — Água.

Beckett também tem olhos verde-amarelos, mas ele ainda está dormindo. Todos nós podemos dizer que os gêmeos são fraternos. Charlie tem o tom do cabelo castanho de Connor, enquanto

Beckett tem a cor mais escura de sua mãe. Para não mencionar, suas formas de rosto são ligeiramente diferentes.

— A água extingue o fogo, — lembra Connor à sua esposa.

Rose ergue o queixo em desafio. — Não o nosso fogo. — Embora ela não possa conter um sorriso, mesmo quando ela tenta pra caralho.

O sorriso de bilhões de dólares de Connor consome o cânion. E então ele concorda com a cabeça.

Eu verifico meus mosquetões e meus nós uma última vez. Eu me forço a não fazer contato visual com Daisy e nossa filha. Então me viro e me dirijo para o rochedo com o capacete na mão.

Cerca de seis metros depois, eu posso sentir ela correndo atrás de mim. Meu corpo aquece, o sol em chamas - meu coração está acelerando. Estou iluminado.

Em outro momento, outro lugar, ela não está aqui. Eu me viro para ninguém. O céu escurece. Eu grito sem ela. Eu vivo sem ela.

Então, quando eu me viro, lembro de tudo. Eu vejo como ela diminui a velocidade, seus olhos verdes brilhando. Indo direto para mim. Eu toco seu cabelo macio, flores silvestres espalhadas pelos fios loiros. Uma coroa repousa na cabeça de Sullivan, nossa filha feliz nos braços de Daisy.

Eu lembro deste momento. Eu me lembro de como a cicatriz dela puxa com seu sorriso irresistível. Eu lembro como ela respira pesadamente. Como se ela tivesse corrido quilômetros para me alcançar. Me lembro da risadinha e do chute das pernas de Sullivan.

Eu observo o sorriso e sussurro para Daisy, — Senza di te, il cielo non ha sole. — Eu seguro sua bochecha com a mão livre. — *Sem você, o céu não tem sol.*

Seus olhos se enchem de lágrimas e brilham, nossos corpos se aproximam, queimando juntos. E então ela estica a mão e coloca uma coroa de flores na minha cabeça.

— Eu te amo, — ela me diz.

Eu solto meu capacete e aperto sua outra bochecha. Eu a beijo e a puxo contra mim. Ela sorri sob meus lábios e eu sorrio sob os dela. Nossa filha ri novamente. Eu ainda não escalei, mas estou subindo mais e mais alto.

Quando nossos lábios se separam, algumas lágrimas rolam por sua bochecha, molhando minhas mãos. — É por isso que estamos vivendo, — ela sussurra. — Por esses momentos, bem aqui.

Eu disse a ela algo parecido. Há um tempo atrás. Na Costa Rica, debaixo de uma cachoeira. — E onde você ouviu isso, Calloway? — Eu escovo suas lágrimas.

— De alguém muito, *muito* bonito.

— Eu já conheci ele, porra?

— Ah sim, — ela respira. — Ele está bem na minha frente.

Eu beijo o topo de sua cabeça, meu corpo leve. Então pego Sullivan em meu braço, seu macacão laranja impresso com tigres e girafas. Ela corre as mãos pequenas ao longo do meu queixo não barbeado. Seu sorriso cresce como o de Daisy.

— Não desista da porra das coisas que você ama, querida, — digo à minha filha. *Isso vai te matar por dentro.*

Quando eu ficar mais velho - quando estiver de fodidos cabelos branco, ela poderá se lembrar de todas as vezes que o pai dela escalou. Ela vai ter me observado, me visto, fazendo o que eu amo. Eu nunca quero que ela desista dos pedaços da existência que a tornam *ela*.

Eu quero que Sullivan Minnie Meadows corra a duzentos quilômetros por hora. Sem freios. Não tenha medo do desconhecido no amanhã. Não tenha medo da morte. Não há vida pior que uma vida oca.

Então esteja viva a cada segundo de cada fodido dia.

Isso é o que espero que ela faça.

Eu seguro Sulli pela cintura e a levanto para o céu, bem acima da minha cabeça. Ela estica os braços e as pernas e ri, um som bonito. Ela adora quando eu faço isso, e eu a jogo, não muito alto, e a pego de novo.

Os flashes das câmeras piscam e os jornalistas começam a zumbir com as conversas. Eu não me importo com o público. Eu apenas assisto Sulli sorrir de orelha a orelha. Ela estica os braços novamente como se estivesse voando.

Enquanto eu viver, porra, nunca deixarei ninguém apagar sua luz. Eles terão que rastejar sobre o meu fodido corpo morto.

Daisy me abraça pela cintura e então eu a entrego nossa filhinha. Parte de mim quer ficar bem aqui, ao lado das duas. A outra parte está sendo chamada para a rocha.

Antes de sair, Daisy diz: — Ele ficaria orgulhoso de você.

— Sim. — Meus olhos imediatamente se enchem de lágrimas. — Eu também acho. — Sully nunca quis que eu desistisse, mas, olhando para trás, não havia como escalar logo após a morte dele. Nem mesmo se minha perna estivesse bem. Eu precisava de tempo.

Eu esfrego meu rosto com meu antebraço enquanto ando em direção ao penhasco. Então eu coloco meu capacete preto. Depois da minha rotina, eu puxo um colar da minha camisa de gola redonda, a extremidade prateada em forma de bala. Só Daisy sabe disso, mas Sully tinha um testamento - esse bilhete mal escrito encontrado na porra do porta-luvas de seu jipe verde.

Nele, ele escreveu: *Dê a Ryke Meadows minhas cinzas. Eu quero estar nas nuvens, e ninguém vai chegar lá além dele.*

Seus pais me deram uma pequena porção de suas cinzas. O resto, eles enterraram no chão, então eu vou fazer a porra do meu melhor para deixá-lo no céu.

— Você vai subir uma última vez comigo, Sully. — Então eu aperto a rocha.

Com os cantos da minha boca levantando, me levanto do chão.

< 67 >

DAISY MEADOWS

Lo enquadrou uma revista TIME na parede da cozinha. Isso sempre me atrairá para o tempo de um dos momentos mais profundos que já presenciei. Onde Ryke acabara de chegar ao topo do penhasco vermelho. Ele posicionou o pé direito em uma pedra mais alta, tirou o capacete. Uma coroa de flores aninhada no cabelo desgrenhado; o suor de sua escalada escorria por suas têmporas.

Então ele olhou para o céu e lágrimas cruzaram os olhos.

Aquele momento. Ali mesmo - onde ele parecia incrivelmente feliz e superado - foi imortalizado.

Jornalistas postaram a imagem em dezenas de sites. Fãs retuitaram milhões de vezes. E está preso dentro da minha alma.

No Escudo do Deserto, Ryke se despediu de seu amigo e disse oi novamente para um amor que tem sido a base de quem ele é desde os seis anos.

E eu sei que vou escurecer. Eu vou decair, mas ver Ryke feliz toca em um lugar dentro de mim que não vai escurecer tão cedo. Pode ser a única parte que fica acesa quando a depressão rasteja em minha direção.

Eu sou grata por esse amor. Eu me seguro nele sempre.

— Como você está se sentindo, Calloway? — Ryke sussurra roucamente no meu ouvido. Nós nos sentamos lado a lado no balcão da cozinha perto do fogão. Nossa filha de três meses está dormindo em seus braços, embrulhada em um cobertor que diz *chocolate antes de meninos.* Que foi presente de Loren Hale para sua sobrinha. É apenas chocante se você esquecer o quanto ele ama todos nós.

Eu descanso meu queixo no ombro de Ryke. *Como eu me sinto?* Nostálgica. Sobrecarregada. Talvez até nervosa. Enquanto ele me olha fixamente, começo a sorrir. — Você sempre me perguntará isso? — Eu me pergunto.

— Todo fodido dia, — ele promete.

Além das minhas irmãs, acho que ele é a única pessoa que realmente se importou em como eu me sentia na minha adolescência e, mesmo crescendo, vejo que isso nunca mudará. Antes que eu possa listar as razões pelas quais eu não estou com medo ou triste, a cozinha se enche com Connor e Rose, com monitor de bebê na mão. Então Lily e Loren. Sam e Poppy. Willow e Garrison.

Temos bandejas de queijo e vegetais espalhadas ao longo do balcão do bar, uma espécie de festa minúscula, já que hoje é o primeiro dia de filmagem do documentário. Câmeras e iluminação já estão instaladas na sala de entretenimento do porão, em estilo de entrevista.

Está tão quieto.

— Eu não sabia que isso era um fodido funeral, — diz Lo quando ele envolve Lily em seus braços. Eles ficam perto da torradeira.

— Não é o fim, — eu digo com um sorriso travesso e crescente.

— Deixe-me adivinhar, — Lo inclina a cabeça para mim — é apenas o começo?

— É na verdade o meio, — eu brinco. — Que é a *melhor* parte. Não é nem o começo nem o fim. É toda a bondade entre os dois.

Nós ainda somos jovens. Ainda temos muita vida para viver. Eu prefiro viver no meio de todas as coisas gloriosas do que o começo de provocação ou o amargo fim. Isso é apenas hoje, no entanto. Talvez minha teoria mude amanhã.

Talvez tudo seja novo e diferente novamente. Eu sorrio ao pensamento.

Oh, a emoção disso tudo.

Lo balança a cabeça para mim e então ele acena para Ryke. — Parabéns por se casar com essa aí. Ela faz menos sentido do que a coleção de bebê de inverno da Rose.

Rose lhe atira um olhar lateral contundente. — Só porque você não sabe o que é um vestido peplum...

— Eu sei o que é um vestido pepu, — ele responde.

— Peplum. — ela corrige, cruzando os braços.

— Você sabe o que não faz sentido? Crianças de um ano vestidas como se estivessem prestes a ir em todas as reuniões do congresso e na conferência de liderança.

Rose rosna. — É fofo, e lamento que toda a equipe masculina se recuse a perceber que os bebês podem ter estilo além dos animais do zoológico e dos super-heróis dos quadrinhos.

— Ei, — Lily e eu dizemos com sorrisos, sabendo a resposta de Rose para nós antes mesmo de ela dizer.

— Você pode vestir seu bebê em qualquer coisa - assim como *eu* deveria ser capaz de colocar Jane em um macacão vintage ou em um vestido bem ajustado. Já existe um mercado para pandas em pijamas, mas há uma lacuna para o que a Calloway Couture Babies está oferecendo.

Eu sorrio mais. — Vai Rose. — Eu aplaudo e Lily quase se junta, mas Lo faz biquinho para ela como se ela já tivesse quebrado seu coração.

Connor diminui a situação dizendo, com muita calma, para Rose e Lo: — Não vamos trazer a diretoria disfuncional de vocês para casa.

Rose vira para ele. — Disfuncional?

— Essa é a palavra que se encaixa na longa discussão de Lo com você. Se você quer outra, eu posso oferecer uma ou duas ou três. Quatro poderia estar forçando. Para você, claro. Eu suponho que você é inteligente o suficiente para entender até então. — Ele é tão espertinho quanto um gênio, e eu não acho que ele deixará alguém esquecer isso.

Rose cobre a boca dele com a mão. — Sua voz é a coisa mais horrível e irritante desta cozinha. Não fale se quiser manter sua língua.

Eu posso dizer que ele está sorrindo.

Ela deixa cair a mão.

Ele inclina a cabeça. — Rose.

— Richard, — ela adverte.

— Ainda é divertido - depois de todos esses anos, — ele sorri mais, — que você acredita que pode controlar o que eu faço. — Ele se inclina contra o balcão, mais perto dela. — Eu sei que essa é a parte que você mais ama. Quando eu te desafio.

Rose estreita o olhar. — Nos seus sonhos.

— Eu não tenho que sonhar, — ele respira. — Eu já tenho você.

Rose tenta não sorrir, o que faz com que a maioria de nós *sorria*. Pelo menos, Lily, Willow, Poppy e eu sorrimos. Os outros caras são difíceis de quebrar.

— Eu te odeio, — aponta Rose.

— E eu te amo.

O rosto de Rose se quebra e ela quase se balança para trás. — Não é assim que fala. Você diz que sou eu quem te ama.

— Isso é verdade também.

Ela toca uma lágrima que ameaça cair e resmunga algo em francês.

Eu olho para Ryke, e ele sussurra baixinho para mim: — Ela disse que odeia quando o amor a faz chorar.

Connor responde em francês.

Ryke revira os olhos e divulga os segredos para mim. — Ele citou Shakespeare. — Ele faz uma pausa. — *Minhas gotas de lágrimas vou transformar em faíscas de fogo*.

Esses dois nunca vão mudar, e acho que todos nós os amamos melhor em sua glória intelectual e apaixonada.

Eu localizo Willow e Garrison perto da geladeira, ambos olhando para o celular, em concha na mão, com risadas em suas bochechas. Eu aposto que é um videoclipe, algo relacionado ao fandom.

Estou triste por Willow ir para Londres em breve, mas sei que vamos manter contato. Eu sei que ela voltará a tempo. Talvez isso seja mais difícil para Garrison. Amizades que são como irmandades podem durar para sempre, mas relacionamentos às vezes vêm e vão.

As cordas que os amarram são um pouco mais soltas do que as que amarram Willow a mim. Eu só espero que suas cordas não sejam cortadas até que ambos estejam absolutamente certos de que essa é a coisa certa a fazer.

Sam e Poppy estão no bar, conversando em voz baixa e comendo vegetais. Fico feliz que eles decidiram fazer parte disso, especialmente quando disseram não à publicidade no passado, com *Princesas da Filadélfia*. Parece certo tê-los aqui.

— Você. Eu, — Lo diz para Lily, de costas para o peito dele, os braços dele cobrindo os ombros e os lábios pela orelha dela. — Despensa. Agora.

Lily gira para ele, suspeita em seus olhos. — Isso é sobre o Ho Hos?

Eu viro minha cabeça para Ryke. — Tem Ho Hos na despensa? — Eu suspiro. — Como você pode comê-los sem mim?

Ele levanta as sobrancelhas para mim, tentando não rir. — Você comeu um ho... foda-se. Eu não posso dizer isso.

Ryke Meadows não pode dizer a palavra *ho ho*.

— Meu irmão mais velho, senhoras e senhores, — Lo diz em voz alta, — o cara mais decente que você vai conhecer. — Não há nada além de sinceridade em seus olhos.

Ryke mostra o dedo para ele.

Lo gesticula para seu irmão. — Clássico de Ryke Meadows.

— Você lhe dá um elogio, — diz Connor, — e ele diz *vai se fuder*.

— Vai se fuder, — Ryke diz para Connor.

Todos os garotos riem e o resto de nós também.

Lo beija a têmpora da Lily. — Como você sabe que eu te comprei Ho Hos? — Minha irmã adora comida e pessoas com nomes interessantes. Eu acho que é uma maneira excelente de levar a vida.

É quando as bochechas dela ficam vermelhas. — Eu os vi hoje de manhã. Moffy comeu um, — ela deixa escapar.

Lo finge desaprovação. — Você está dedurando nosso filho, Lily Martha Hale?

— Hmmm, — ela acena com a cabeça rapidamente.

Lo lhe dá uma olhada. — Quem é o mentiroso aqui?

Lily deixa escapar: — Ok, eu comi o Ho Ho! Eu sabia que você fez algo legal só porque... e eu *comi* sua surpresa. *Eu sou* a mentirosa. — Ela exala como se fosse incrível falar a verdade e nada além da verdade. Mesmo com algo tão pequeno.

Lo envolve os braços em volta da cintura dela. — Espero que Ho Ho tenha sido gostoso, amor.

— Muito bom.

Estou tendo problemas para não rir.

Lily levanta as mãos no ar. — Eu sei que soa sexual, pessoal, mas eu não me importo. — Ela levanta o queixo e olha diretamente nos olhos de Lo. — Como foi isso?

Ele parece que vai pedir para ela se casar com ele de novo. — Perfeito, — ele respira.

Eu diria que nunca os vi mais apaixonados, mas sempre foram assim juntos. É por isso que eu sei que eles ainda serão os mesmos Lily e Lo, os mesmos Lo e Lily, cinquenta anos depois.

Logo após a troca deles, todos nós ficamos em silêncio novamente.

Lo brincou sobre ser um funeral aqui, mas ninguém parece triste. Quando começarmos a transmitir esta série de documentários, algumas das nossas feridas mais profundas serão de conhecimento público. Estamos permitindo que mais pessoas entrem em nosso círculo na esperança de parecermos um pouco mais humanos em seus olhos. Essas memórias que abrigamos juntos não serão mais apenas nossas para nos mantermos seguros. Somos fortes o suficiente para entregá-las.

Com isso vem esse sentimento agridoce. Eu sinto todos nós passando essa sensação ao redor. Estamos avançando, mas também precisamos deixar esses tesouros inestimáveis para trás.

Antes de minhas irmãs e eu começarmos a chorar, Lo interrompe a mudança de humor. — Então, o que você está compartilhando primeiro? — Lo me pergunta. — Como você acidentalmente bebeu absinto em Cancun? — *Ryke me carregou em seus braço*s. — Aquele dia das bruxas onde você pulou do telhado para a piscina? — *Eu era um cervo voador*. — Ou que tal, — eu não gosto desse olhar em seus olhos — quando Ryke filmou de perto o P dele na sua V?

Ai.

Meu Deus.

Eu cubro meu rosto com as mãos, levemente mortificada quando Sam e Poppy ouvem isso.

— Sério, porra? — Ryke rosna para seu irmão. Ele joga um pano de prato em Lo, mas pousa na cabeça de Lily.

Falha na missão.

Ryke me abraça mais perto, provavelmente sentindo o calor do meu constrangimento. Eu estremeço em seu braço como se fosse fisicamente doloroso. Eu pensei que tivesse bloqueado essa memória de muito tempo atrás. Eu posso brincar muito sobre sexo, mas eu ainda posso ficar envergonhada como quase todo mundo.

Estou olhando para você, Connor Cobalt.

Sam balança a cabeça repetidamente com um gemido. — Eu não quero nenhum detalhe, então, por favor, não comece a dar a eles.

Poppy sorri. — Eu meio que quero.

— Poppy, — diz Lo, — quando você ficou tão pervertida?

Ela mergulha brócolis cru em molho ranch. — Eu posso ser mais velha que você, mas eu não sou celibatária, sabe.

— Você faz sexo? — Lo finge surpresa. — Jesus Cristo. Eu não fazia ideia. Todo esse tempo eu pensei que sua filha foi entregue por uma cegonha fofa.

Sam esfrega suas têmporas como se Lo estivesse lhe dando uma enxaqueca. — Não estamos abrindo nossa vida sexual para discussão. Eu prefiro discutir... — Ele gesticula de Ryke para mim.

— Não, porra. — Ryke termina a discussão.

— Sim, não, porra, — eu repito, um sorriso mais forte do que antes.

Felizmente, desviamos uma palestra de Samuel Stokes - sobre "não filmar coisas que poderiam vazar na internet" - assim que Garrison diz: — Vou sentir falta de ouvir essa merda.

Lo franze a testa. — Para onde você vai?

Garrison desliga o telefone. — Você não me verá tanto em sua casa depois que Willow sair. Eu só não tenho um motivo para passar aqui.

Willow levanta os óculos e percebo que as lentes estão embaçando.

Todo mundo fica quieto novamente.

Nós todos olhamos um para o outro. Gravando este último tipo de imagem. Nós começamos praticamente desconhecidos. Então fomos levados ao centro das atenções. Anos lentamente entrando na cultura da fama. Anos protegendo um ao outro. Anos de crescimento e erros e tentando satisfazer todo mundo.

Eu quero dizer *no final*, mas talvez isso ainda seja o meio. *No meio.*

Eu assisti Lo ficar sóbrio.

Eu assisti a Lily reprimir um vício implacável. (*Eu estou orgulhosa de você, mana.*)

Eu assisti Rose queimar sua própria trilha e colocar fogo nos estereótipos.

Eu assisti Connor se apaixonar. Por mais pessoas do que apenas ele mesmo.

Eu assisti Ryke Meadows soltar suas algemas e subir novamente.

E eu. Eu descobri quem eu sou. Não vou deixá-la ir ou escondê-la para agradar outras pessoas. Eu sou Daisy Petunia Meadows. E eu estou aqui para ficar

Eu desço do balcão, toda a atenção reencaminhando para mim. — Então, eu estou indo, — eu digo a eles. Eu sou a cobaia para as entrevistas da série de documentários. A primeira a filmar. Eu ofereci desde que propus a ideia. Meus olhos se dirigem para Lo. — Eu poderia dizer a você o que estou compartilhando primeiro, mas será mais divertido se você descobrir durante o primeiro episódio.

Ele descansa o queixo no ombro de Lily, ligeiramente curvado ao fazer isso. — Se é sobre mim, lembre-se de usar a palavra *bastardo*. — Ele pisca aquele meio sorriso. Ele pode se chamar de bastardo, mas eu não o ouvi se chamar de "idiota" em anos.

Loren Hale não se odeia tanto como ele costumava se odiar.

E ele é menos bastardo do que ele pode imaginar.

Prometo-lhe isto: — Vou pintar a imagem mais precisa de você. — Eu olho em volta. — De todos vocês. — Todos eles confiam em mim, assim como eu confio neles. Se alguém conhece as muitas e *muitas* camadas que nos fazem correr, nos esconder, gritar, ficar quieto - *quem* somos - somos todos nós.

Lo, Lily, Connor, Rose, Ryke e eu.

Quando me afasto dos balcões, Ryke sai com a nossa filha nos braços. Ele me segue em direção ao porão. Eu olho por cima do ombro, para nossos amigos e nossa família.

Todos nós usamos armaduras feitas de amor e tempo.

Juntos, podemos derrotar qualquer coisa. Então inimigos perversos, preparem seus estilingues. Estamos prontos para você. *Vocês não podem mais nos machucar.*

* * *

Câmeras e iluminação estão apontadas para a mobília de couro de grandes dimensões. Sento-me de pernas cruzadas no sofá enquanto Ryke está fora do quadro atrás da câmera principal. Ele embala nossa filha na dobra de seus braços. Ela se mexe um pouco, seus pequenos lábios entreabertos enquanto faz um barulho fofo.

Apenas observando Ryke segurá-la faz um número no meu coração. Ele é o pai mais atencioso e carinhoso que eu já vi. Ele a embalaria todas as horas do dia, se pudesse, mas acho que ele gosta de vê-la em meus braços, tanto quanto eu gosto de vê-la no dele.

Nós fizemos um bebê juntos.

Shh, não diga ao meu eu de dezesseis anos. Ela nunca parará de sorrir na frente de Ryke Meadows.

— Quando você estiver pronta, — ele me lembra. Ele vai gravar quando eu disser.

Eu puxo meu olhar dele para a lente da câmera.

Há muito que quero dizer. Que eu *preciso* dizer. Palavras e lembranças passam por mim e eu tropeço nesses momentos significativos no tempo. Com amigos que eu achava que eram amigos. Pessoas que eu achava que eram pessoas gentis.

Eu posso parecer ingênua. Eu posso parecer uma tola, mas no início desta jornada, eu tinha apenas quinze anos. Vocês se lembram disso? Vocês se lembram de mim?

Eu não estou falando apenas para as duas garotas que me enganaram. Cleo e Harper não conseguiram entrar em contato comigo desde que Garrison trancou minhas contas. Elas não conseguiram se esgueirar pelos portões de segurança do bairro - embora eu tenha ouvido que elas já tentaram mais duas vezes.

Eu estou falando com todo mundo. Para mostrar a verdade por trás das imagens no *Celebrity Crush*, a reação e o ódio.

Eu estou falando com você.

Você não precisa me amar, mas talvez você me veja de uma maneira nova.

Eu esfrego minhas coxas, meu pulso batendo forte. — Estou pronta, — eu aceno para Ryke.

Ele liga a câmera, a luz vermelha acesa.

Eu demoro um pouco antes de começar: — Esta é a primeira entrevista da nova série de documentários chamada *Nós Somos Calloway*.

Eu paro por um segundo, as lágrimas se acumulando com um sentimento poderoso e inflexível.

— Meu nome é Daisy. — Meus olhos pousam em Ryke, enquanto eu digo, — e eu tenho essa teoria. — Meu sorriso se estende assim que o dele se levanta.

Eu sou a escritora da minha própria vida.

E ninguém pode tirar isso de mim.

< 68 >

RYKE MEADOWS

Eu corro quatro quilômetros ao redor do bairro fechado. O final de maio trouxe um calor sufocante, mesmo às seis horas da porra da manhã, estou sem camisa, com calções de corrida. Meu irmão também.

Nossas respirações estão controladas, em sincronia enquanto mantemos um ritmo constante. Nutty corre ao nosso lado sem coleira. Eu estou a alguns passos atrás de Lo, e toda vez que eu tento o alcançar, ele aumenta sua velocidade. Assim como eu costumava fazer com ele.

Tenho vinte e oito anos.

Eu conheci meu irmão há seis.

Eu nunca conseguirei recuperar o tempo que perdemos juntos, mas o que recuperamos até agora foi uma das melhores partes da minha vida.

Lo vira para Whisper Ridge Road e ele corre o mais rápido que consegue.

Então vamos jogar esse fodido jogo, irmãozinho. Meus lábios se levantam quando ele sai na minha frente. Eu me esforço mais e mais rápido, meu corpo queimando. Suor acumulando. Meus pulmões se contraindo. Músculos se alongando. Nós passamos por hectares de terra. O céu escuro começou a clarear no início da manhã.

Com um ritmo rigoroso pra caralho, Lo olha por cima do ombro para mim. Ele está sorrindo e grita: — Você vai ficar olhando para minha bunda?!

Eu mostro o dedo pra ele e então ranjo os dedos enquanto *corro* em direção a ele. Não é fácil como costumava ser. Eu não estou nem alcançando a velocidade que eu alcançava uma vez.

Eu não estou desistindo.

Nem um maldito dia vou parar.

Minha perna direita palpita fracamente, então mais visivelmente, mas eu empurro. Dor raspa meus tendões, meus ossos. Meu coração bate e respiro profundamente pelo nariz.

Corre.

Mais rápido.

Meus músculos gritam. Eu posso distinguir o titânio dentro do meu membro, ainda estranho ao meu corpo. A dor pode nunca me deixar, e eu não estou amargo ou furioso.

Eu sou o sortudo.

Vivo. Aqui hoje. Perseguindo meu irmão até que eu possa alcançá-lo novamente.

Eu praticamente posso sentir seu fodido sorriso na minha frente. O meu cresce dez vezes, vendo quem vai ganhar quando nos aproximamos do último trecho.

Eu estou a quatro passos largos atrás dele. Nós dois estamos indo ao máximo. Assim que ele passa sua caixa de correio, ele diminui como se ele tivesse quebrado uma linha de chegada invisível.

Eu paro ao lado dele, Nutty seguindo, seu colarinho tilintando.

Ele dá um tapinha no meu ombro e diz: — Talvez um dia você possa me superar.

Eu lembro de todas as vezes que eu disse isso a ele. — Eu prefiro apenas correr ao seu lado.

Seus olhos âmbar adornados quase amolecem.

Nós tivemos um começo difícil juntos. Nós lutamos com o equilíbrio do nosso fodido relacionamento, mas depois de atingir os pontos mais baixos da minha vida, eu olhei para Lo. Ele estava lá. Eu acho que nunca imaginei, no começo de tudo, ele estaria estável o suficiente para me ajudar.

Eu me apoiei no meu irmão. Eu nunca tive medo, e é assim que eu sei que nós dois estamos bem.

— Você vai, — diz ele como se ele não pudesse ver qualquer outra vida para mim além da que eu desejo. E a que eu quero. Porque ele acha que eu mereço tudo.

Mas esse cara merece tanto por aguentar nosso pai abusivo. Por lutar contra um vício. Por nunca deixar sua esposa.

Estamos numa mentalidade em que estamos dispostos a fazer qualquer coisa para facilitar a felicidade do outro, e isso é uma fodida loucura que finalmente, *finalmente* estamos aqui. Nesta paz em nossas vidas.

E eu digo: — *Nós* vamos. — Eu aceno para ele. — Eu vou te ver mais tarde.

— Sim, a que horas é a aula de natação? — Lo pergunta.

— Meio-dia. — Estamos levando Sullivan para as aulas de natação desde que ela tinha quatro semanas. Lily e Lo trouxeram Moffy no último mês. Ele falou sobre a piscina sem parar, a ponto de eu não conseguir entender o que diabos ele estava dizendo além da *água*. Agora todos nós levamos as duas crianças juntas.

Lo acena com a cabeça e se vira para a casa dele.

Em vez de seguir, corro novamente pela rua e assobio para Nutty. Ela salta à minha frente. Sabendo para onde ir. Além da caixa de correio de Lo. Passando as várias casas ao longo desta estrada. Meu joelho dói um pouco, mas o movimento é bom para a reabilitação. Às vezes até diminui a dor.

Eu voo pela casa de Connor e Rose, com tulipas cor-de-rosa desabrochando ao longo da entrada de carros. Todos nós nos perguntamos com quantas crianças eles acabarão, mas seja qual for a porra do número, não há dúvida de que eles serão ótimos pais. Mesmo que Connor seja um idiota narcisista, ambos têm uma maneira de incutir confiança nos outros. É inestimável pra caralho.

Eu corro até o final da Whisper Ridge Road, uma rua sem saída na maior parte verde. Apenas uma casa em frente. Corro em direção a ela e, em seguida, paro na beira da entrada da garagem.

Eu abro a caixa de correio, pegando o que parece ser lixo e contas. Eu dou um tapinha em Nutty no torso. — Boa corrida, menina. — Ela respira pesadamente feliz pra caralho.

Folheio a correspondência, me dirigindo ao caminho que Greg Calloway chamou de "uma casa de campo modelada depois da arquitetura do século XVIII". Pedra cinzenta, porta branca - metade da qual é janela, chaminé e telhado escuro parecendo tijolo.

A casa de quatro quartos tem mais quintal e terreno do que as casas de Connor e Lo combinadas. Greg e Jonathan aparentemente tiveram essa ideia maluca de presentear Daisy e eu com uma casa de presente de casamento, e eles passaram mais de um ano tentando convencer o proprietário a vender essa fodida exata casa.

Algo me diz que eles sabiam por uma variedade de razões que nós iríamos querer essa. Primeiro, estava sendo usado como uma casa de férias. O proprietário retornaria talvez uma vez a cada dois anos. Não teríamos nos sentido bem em fazer uma oferta - do nada - se uma família morasse aqui em tempo integral.

Não é que Greg e Jonathan pagaram pela casa. Eu paguei com o fodido dinheiro que fiz e continuarei fazendo escalando.

Eles fizeram o trabalho pesado persuadindo o dono a vender. Lo sabia o tempo todo o que estava acontecendo, e ele disse que o dono estava "trollando" Jonathan e Greg na metade do tempo. Zoando eles. Então eles saíram depois do nosso casamento, mais cedo do que o planejado, apenas para se encontrar com ele - pensando que era um negócio feito.

Não era.

Eu não poderia ter passado a porra do tempo lidando com esse cara, então sou grato e agradecido por terem feito essa parte para nós.

Poderia ter sido mais cinco anos antes de qualquer coisa neste bairro se tornar disponível, e agora nós temos nosso próprio espaço. Nossa própria terra. Nossa própria casa. Nossas próprias vidas.

Eu saio da garagem. Pedra está colocada na grama, levando à porta da frente. Eu cavo meus bolsos pelas chaves e entro. Caixas estão empilhadas em todos os lugares, sem mobília na sala de estar. Nós ainda não fomos fazer compras.

É possível que levemos três meses para desfazer as malas. Vou para a cozinha e jogo a correspondência no balcão de granito. Nutty corre para sua tigela de água, lambendo fazendo barulho alto. Então eu abro a geladeira, que nós fodidamente temos.

Eu abro a tampa do suco de laranja e bebo da caixa.

Espero ouvir Daisy em algum lugar, mas até agora, está bem quieto além do nosso husky. Eu coloco a tampa de volta, meus olhos voando para o chão de madeira.

No primeiro dia em que nos mudamos, eu fodi ela bem ali. Eu não posso parar de repetir na minha cabeça ou ouvir seus gritos estridentes. Meu corpo se aquece de novo, com o sangue se acumulando.

Enquanto em cima, eu abro as pernas dela; ela já gozou três vezes.

Ela passou os dedos pelo meu cabelo, e esse sorriso feliz e cansado brincou em seus lábios. — Os animais fazem isso no chão, — disse ela. — Portanto, devemos ser...

Eu empurrei profundamente dentro dela, e seu queixo se inclinou em uma respiração superficial.

— Devemos ser...? — Eu sussurrei baixinho em seu ouvido, bombeando para dentro dela, minha bunda apertando enquanto eu dirigia para dentro. Meu corpo estava em outra dimensão do caralho, entre as pernas dela. Ter Daisy em meus braços.

— Porra, — ela chorou.

Eu penteei o cabelo para trás enquanto empurrava para dentro e para fora. Não é como se o desejo sexual dela mudasse constantemente. Ela não almeja sexo todos os dias; às vezes ela podia ficar sem isso por semanas. Mas isso nem importa. O fato de que ela pode ser despertada, que ela pode chegar a esse ponto, é o que importa para mim. Porque eu sei que ela quer.

Eu a beijei profundamente até que ela estava tão fodida que ela não podia pressionar seus lábios contra os meus mais. Quando ela começou a bater em um clímax, eu toquei entre as pernas dela e enfiei com força. Ela estremeceu e chorou, e eu estava tão perto de perder, um barulho preso na minha própria fodida garganta. Xingando.

Eu continuei, e me inclinei para o ouvido dela novamente. E eu disse: — Devemos ser animais do caralho.

Ela riu no meio do seu clímax.

Isso fez por mim, e eu gozei mais do que nunca.

Eu coloquei o suco de laranja de volta na geladeira, meu pau latejando. Eu me masturbo na frente de Daisy com frequência, mas espero não ter que me masturbar até tomar um fodido banho.

A cozinha e a sala de estar são um grande espaço aberto, e eu volto para uma caixa junto à lareira, decidindo me alongar e desempacotar algo ao mesmo tempo. No fundo, eu ouço Nutty mastigando sua comida de cachorro.

Quando me sento na madeira e arranco a fita, leio o lado da caixa: *frágil, mas incrível. Tenha cuidado com isso. Eu não quero perdê-los.*

Os ajudantes - Connor e Loren - não tinham a mínima ideia de onde colocar metade das caixas por causa dos rótulos de Daisy. Eu não me importei. Larguei a maioria deles em torno deste espaço e continuei me encontrando lendo eles. Lo fez uma careta para mim e disse "você tem amor em seu rosto" e ele apontou para minha boca.

Eu estava sorrindo. Eu nem sabia que estava, porra.

Eu estico meu pé esquerdo e então estico minha mão para minha perna direita alongada. Estendendo um segundo. Então eu abro as abas da caixa e olho para dentro.

Molduras embrulhadas em bolha. Eu puxo uma pilha delas e, em seguida, com tanto cuidado quanto posso, desenrolo o plástico bolhas.

Assim que a primeira foto aparece, quase me derruba. Eu esfrego minha mandíbula por um segundo. É de nós. Na proa de um iate no México, eu a tenho em meus ombros, e nós dois fomos pegos no meio da risada. Isso foi durante seu décimo nono aniversário.

Eu puxo outra. Estou dormindo em uma rede na Costa Rica. Ela está beijando meu nariz.

Meu peito ergue alto em uma inspiração profunda e eu quero ver mais. Então eu desembrulhei outro momento.

Em um boliche. Estou segurando-a de cabeça para baixo, apenas segurando uma de suas panturrilhas, e seu sorriso ultrapassou a porra de todo o rosto dela. Estou olhando para ela como se não pudesse estar mais feliz por ela estar feliz.

Outra. Nós estamos dando mortal de um telhado para uma piscina ao mesmo fodido tempo.

Outra. Ela está em sua Ducati vermelha. Eu estou na minha preta. Eu estou dando dedo pra ela enquanto ela se apressa na minha frente. Lo e Lily, no carro atrás de nós, capturaram a foto. Lembro-me de alcançá-la naquele dia, flertando todo o caminho até Nova York com nossas motos.

Outra. Cancun. Nossa foto de bungee jump.

Eu belisco meus olhos. Eu pego mais. Fotos de casamento. A vez em que Daisy estava na porra de um skate com cinco meses de gravidez. Eu estava segurando a cintura dela. No momento em que entreguei Sullivan para Daisy, quando ela acordou depois da cirurgia.

Eu tenho que me parar, meus olhos avermelhados em nossas vidas passadas juntos. Eu fecho as abas. *Frágil, mas incrível. Tenha cuidado com isso. Eu não quero perdê-los.*

Muita felicidade existe dentro desta caixa. Não tenho dúvidas de que haverá centenas iguais a esta, todas transbordando.

De repente, Nutty aparece ao meu lado, sentada. Eu coço atrás das orelhas, me perguntando por que ela não está com Daisy. Eu fico em pé, pensando que talvez ela ainda esteja dormindo, mas as chances disso são pequenas. Seu padrão rotineiro de sono - que já era uma merda - foi para o inferno quando Sulli nasceu.

Pode levar mais alguns meses para voltar a algo melhor, mas eu sei que eventualmente nós vamos chegar lá.

— Você quer encontrar Daisy? — Eu pergunto a Nutty.

Ela também se levanta, mas espera que eu me mova. Eu vou procurar na porra do nosso quarto, nas raras ocasiões em que ela está dormindo. Subo as escadas acarpetadas e, assim que chego ao pequeno segundo andar, algo dentro de mim puxa meu olhar.

Meus olhos se movem pela janela. Como se eu apenas soubesse. É onde ela estará.

Com o lado do meu punho, eu esfrego a névoa da manhã no vidro. Uma casa na árvore está empoleirada entre duas árvores. Luzes movidas a bateria emitem um brilho alaranjado pelas janelas da casa da árvore, e vejo o contorno de Daisy e nossa filha.

Eu não me movo. Eu apenas assisto por um segundo.

As mechas de seu cabelo emaranharam em torno de seu rosto, a cabeça de Sullivan descansa em seu ombro. Daisy acena com essa varinha caseira. Ela disse que ela mesma fez quando era uma garotinha. Eu vi: serpentinas azuis e verdes e cordões roxos pendurados em um bastão de madeira.

Lo não precisa estar aqui para me dizer.

Eu tenho amor no meu rosto.

Daisy frequentemente falava em morar na natureza comigo. Sobre estar encalhada em uma ilha. Apenas nós dois. Ter um bebê sozinhos na floresta juntos.

Eu sempre achei que suas fantasias eram fofas, mas não foi até mais tarde em nossas vidas que eu vejo ela e eu e o que ela imaginou e eu penso, *nós temos essa porra, Calloway.*

Não importa onde estamos. Não importa o que fazemos.

É *quem* somos.

Primal pra caralho. E esse espírito selvagem e indomável vive dentro de nós.

< 69 >

DAISY MEADOWS

— E então a fada desembarcou para o mar para conceder a todas as sereias seus desejos. — Eu aceno minha varinha improvisada de lado a lado, a bochecha de Sulli no meu ombro nu. Eu posso estar de topless, mas eu fiquei sem conchas! Na verdade, eu apenas a alimentei há dez minutos. É muito mais fácil (e mais divertido) simplesmente tirar tudo.

Sulli ri esse som estridente de pura alegria, seus olhos seguindo as serpentinas azuis e verdes. Ela tenta alcançar a corda roxa, mas timidamente retrai sua mão.

— Não vai morder você, meu bolinho de manteiga de amendoim. — Eu faço cócegas em seu nariz com a serpentina, e ela ri duas vezes mais exuberantemente, chutando seus pés. — Ah, sim, esta pequena sereia deseja coisas doces. — Eu acaricio sua bochecha com meu nariz.

Sou apaixonada pela minha filha.

Do tipo de amor puro, do tipo da alma, que diz *eu quero te abraçar sempre e para sempre*. É novo para mim e não vou deixar passar.

Ainda não consegui decorar grande parte da nossa nova casa, mas a casa da árvore foi a primeira a ter uma verdadeira reforma. Estendi colchas, travesseiros fofinhos, pendurei lanternas e tapeçarias de pano multicoloridas, e trouxe um velho baú de brinquedo como mesa. Na verdade, Ryke e Lo trouxeram juntos. Ryke teve que subir a escada do tronco da árvore (há três maneiras de chegar ao topo). Depois, Lo me deu uma encarada brutal clássica de Loren Hale, seguido por "você é uma louca".

Valeu totalmente a pena.

Eu coloquei meu bebê em seu travesseiro de coala redondo, ajustando seu corpo pequenino de três meses de idade. Eu inclino a varinha acima da cabeça dela, e eu suspiro quando eu a afasto do seu aperto.

Ela observa com grandes olhos redondos, a cor começando a se transformar no meu verde profundo.

— Você pode acreditar, — eu sussurro para ela, — que você é uma parte minha e do Ryke?

Bebê de Ryke e Daisy.

Eu não acho que muitas pessoas acreditaram que nós iríamos procriar. Além dos meus problemas de fertilidade, vivemos a vida nos aventurando. Eu acho que eles esperavam que nós desacelerássemos, mas nós dois só queríamos outra companhia para nos acompanhar.

Eu sorrio enquanto ela sorri e arrumo suas meias de raposa, seu macacão de algodão laranja fechando abaixo da fralda, de mangas curtas e sem pernas. Letras cinzas escuras na frente dizendo: *Continue curiosa.*

Ryke escolheu. Quando fomos comprar coisas de bebê, Ryke basicamente encheu o carrinho inteiro. Ele estava totalmente nisso.

Eu penteio seu cabelo castanho macio, os fios crescendo. — Ele já está mimando você como um louco.

Ryke é o tipo de pai que, sem dúvida, levará seus biscoitos para a cama, vai lhe desejar boa noite, ler uma história para ela, acomodá-la na cama e - até mesmo sentar no corredor quando ela estiver com medo.

Ele vai protegê-la com cada fibra do seu ser. Nós vamos ensiná-la a se sobressair e a se amar *tanto* que o ódio de outras pessoas não a atrapalhará.

Nós estaremos prontos para o riso. Para lágrimas. Para a felicidade e a tristeza.

Vamos aproveitar cada pequeno momento juntos. Assim como eu faço agora.

Eu aceno um pouco mais a varinha, o olhar dela flutuando para a direita e para a esquerda com o sopro das serpentinas. Não muito tempo depois, a escada de corda de madeira range. Como se alguém estivesse subindo.

Tenho certeza que é Ryke, então não estou nervosa. Eu rastejo até o baú de brinquedos, puxando o travesseiro de coala comigo. Sulli faz um barulho animado enquanto vai para um passeio curto.

Ouço os pés no alpendre ao redor e a porta começa a se abrir. Eu bato minha varinha na direção da entrada. — Ryke Meadows da Casa dos Meadows. — Eu introduzo, observando-o emergir. — O lema da casa: *brincar e proteger como os lobos fazem*.

Ele tem que se abaixar, mas seus lábios se levantam quando minhas palavras chegam aos seus ouvidos. Seu cabelo está um pouco molhado de sua longa corrida, seus músculos ondulando pelo corpo, braços e abdômen tonificados. Seus shorts ainda estão baixos em sua cintura.

Quando meus olhos encontram os dele, ele levanta as sobrancelhas para mim. Sabendo o quanto estou checando ele. Seu olhar quente, em seguida, passa por meu corpo, focando em meu estado de topless.

Sua atração se infiltra em mim, despertando fome adormecida. Meu pulso bate, e eu estico meus braços atrás de mim, lhe dando uma visão melhor.

Seu músculo da mandíbula aperta, tensão irradiando.

Não precisamos trocar muitas palavras. Ele fecha a porta atrás de si, sentando-se na minha frente. Eu puxo Sulli para mais perto de nós dois. Quando ele acaricia a bochecha dela, ela aperta o dedo dele e ri entusiasticamente novamente, quase em um ataque de felicidade.

— A fada acabou de conceder a esta sereia o seu melhor desejo, — digo a ele, os olhos de Sulli brilhando de alegria.

— E qual foi o desejo dela?

— Você. — Eu agito a varinha novamente. — Ta-da! Ele está aqui. Bem na minha frente.

Ryke olha para Sulli. — Mamãe acha que ela é uma porra de uma fada.

Sullivan chuta as pernas com outro barulho de bebê, sorrindo completamente.

— Sim, querida? Você também acha que ela é uma? — Ryke coloca seus olhos escuros em mim, mas eu vejo a luz por baixo deles. — Estamos todos de acordo, então.

Eu pressiono minha varinha no meu peito. — Eu também tenho a capacidade de conceder desejos antes mesmo de você saber que você os quer. — Enquanto ele me observa mais intrigado, eu procuro uma caixa de cereal granola, meio galão de leite, uma tigela e colher atrás da caixa de brinquedos. Eu os trouxe mais cedo esta manhã.

Depois que eu termino de servir cereal e leite, eu chego mais perto de Ryke, esticando minhas pernas em cada lado da sua cintura.

Meus olhos voam até os dele, passando a tigela em sua direção, e sua expressão é absolutamente inestimável.

— Você sabia que eu iria te seguir aqui, porra, — ele percebe, a tigela em suas mãos grandes.

— Você é a única pessoa que vai para onde eu vou. — Ele é o único que fisicamente me perseguiu. Ryke nunca hesitou em correr para a minha sombra, enquanto eu tentava reacender algo que desaparecia.

Ele mal tira o seu olhar endurecido de mim, nem mesmo enquanto ele pega uma colher de granola. — Obrigado, Calloway. — Ele come a colherada e depois passa a tigela para mim.

Eu pego granola encharcada na minha boca. Observando-o enquanto ele me observa.

Eu entrego a tigela de volta, em transe, apenas tomando café da manhã em uma casa na árvore. Nossa filha ao nosso lado.

Nos próximos minutos, a tigela se move para frente e para trás. O silêncio é mais tenso e meu sorriso se expande, segundo a segundo. Suas feições estoicas ainda precisam mudar além de seu estado sombrio. Como compartilhar companhia com um lobo feroz.

O perigo disso tudo.

Sua mão se estende na minha coxa e eu tomo uma colherada de leite com esse sorriso apaixonado. Ele joga uma mecha do meu cabelo loiro no meu rosto. Eu sorrio mais, mas ele não está sorrindo ainda. Eu passo a tigela para ele e ele raspa o fundo.

Continuamos nos aproximando uns dos outros, apenas alguns centímetros entre nossos peitos. Como a natureza pretendia que fôssemos, coisas loucas emaranhadas. Eu nunca estive mais feliz. Nunca me senti mais brilhante.

Nunca amei mais minha vida.

Quanto mais meu sorriso cresce, mais seus lábios lutam para permanecer em seu lugar chocante. Observo com tanta intensidade que os cantos de sua boca se elevam lenta, mas seguramente.

Até que a próxima mordida de seu cereal vem com um sorriso pleno e efervescente. Soltando toda a luz que ele exerce dentro de seu núcleo.

Muitas fichas tiveram que cair em um lugar perfeito para esse momento, não apenas para compartilhar uma tigela de cereais, olhando fixamente um para o outro, ou Sulli balbuciando ao nosso lado. Muitas facetas tiveram que dar certo para algo mais simples.

Todos os três juntos, existindo no mundo ao mesmo tempo.

Poderia ter sido fantasia. Enquanto eu amo a ideia de nadar com sereias, subir a bordo de um navio pirata, sendo os últimos seres na Terra, não há nada melhor do que a minha realidade.

Não consigo pensar em uma aventura maior e mais *magnífica*.

Que essa daqui.

DEZ ANOS DEPOIS

< Epílogo >

RYKE MEADOWS

Em um estreito caminho de terra entre pinheiros densos e o apelo das montanhas, eu corro.

Minhas pernas bombeiam e me carregam. Eu bato na porra da terra a cada passo, céus escuros cobrindo a floresta. Luzes amarradas ao redor dos meus dedos iluminam a trilha, mas o mesmo acontece com a pessoa na minha frente.

Três passos adiante, meu irmão corre com lanternas semelhantes. Quatro quilômetros através das Montanhas Rochosas - esta é a nossa rotina quando visitamos a casa do lago.

É assim que sempre vamos.

Lembro-me da área onde as árvores não apertam mais o caminho. Está chegando ao final. Então eu alongo meu passo, suando ao longo do meu peito nu. Músculos se enrolando a cada respiração controlada. Fechando a lacuna entre ele e eu.

Assim que eu chego ao lado do meu irmão, ele aumenta sua velocidade. Nossas pernas se esticam a igual distância.

Facilmente, eu continuo em sintonia com ele.

Talvez a única diferença entre nós agora seja a cicatriz que se estende da minha coxa até a panturrilha. E a dor maçante no meu joelho direito. Me lembrando de um dia. De um tempo. E *uma* pessoa.

Como um sussurro ou um maldito sonho.

Nós dois desaceleramos para uma caminhada enquanto a casa do lago vermelho cereja aparece, apenas algumas luzes acesas lá dentro. Por volta das 5:39 da manhã, quase todo mundo deveria estar dormindo.

Lo também está sem camisa, seus músculos tão magros quanto os meus. Suas bochechas ainda afiadas, os olhos ainda punhados, mas seus fodidos pés um pouco mais leves. Bem por mim.

— Eu estou desenterrando essa porra de raiz. — Eu quebro o silêncio, pensando no caminho dois quilômetros atrás. Eu penteio a mão pelo meu cabelo espesso e úmido quando nos aproximamos da casa do lago.

— A raiz não cometeu assassinato, apenas me fez tropeçar, porra, — diz Lo. — Por que você não se preocupa com coisas mais importantes como o seu rosto constipado. — Ele se vira para mim, apenas para mostrar um meio sorriso.

Eu mostro o dedo para ele.

Ele ri como se eu fosse previsível. E ele está feliz com isso.

Você sabe pelo o que estou feliz - meu irmão, meu fodido irmão - ele está treze anos sóbrio.

Treze anos.

Depois de tudo que passamos, isso é o que mais me entusiasma. Ele teve muitas chances de virar para uma garrafa, mas ele não fez. Eu sei que foi muito difícil. Eu estava lá, mas como a Lily disse, “ele é gelo no inverno agora. Ele não vai derreter.”

Eu acredito nisso todos os dias.

Eu bagunço o cabelo dele com uma mão áspera, e ele tenta bagunçar o meu, como de costume. Eu empurro ele de volta, e então ele me empurra.

Estamos ambos sorrindo.

Perto do lado da casa, chegamos à colina gramada com vista para o cais e o lago ondulante. Cadeiras de madeira vermelhas situadas perto, um dos copos de canudinho de alguma das crianças manchando um anel no apoio de braços.

Lo estica seus quadris, e eu estou prestes a esticar o meu quando a porta dos fundos se abre apressadamente. Nós dois acendemos nossas luzes no alpendre ao redor, e uma menina alta de dez anos de idade rapidamente coloca seus tênis, seu cabelo castanho escuro em um rabo de cavalo desleixado. Ela não prendeu um longo fio no pescoço.

Ela resmunga — Porra, — e pula em seu tênis a caminho da grama.

— Cuidado, Sulli! — Eu chamo.

Lo apaga a luz e dá um tapinha no meu ombro com força. — Boa sorte com essa.

Eu reviro meus olhos.

— Espera! — Sulli diz, correndo para nós. Seus membros longos e finos como os de Daisy. A verdade é que ela se parece com nós dois. Pele bronzeada de estar ao sol, constantemente. Cabelos escuros como os meus. Mandíbula mais fortes. Mas os lábios como os da mãe dela. Um nariz delicado. Olhos verdes e cheios de alma.

Minha filha desliza até parar e perceber nosso cabelo úmido e suor. Seu rosto cai. — Papai, — diz ela em uma respiração pesada. — Você poderia ter me acordado. Eu estava meio dormindo, e eu poderia ficar pronta muito, *muito* rápido. — Antes que eu possa responder, ela diz: — Tio Lo, diga a ele.

Lo se vira para mim com os braços cruzados. — Sim, Ryke. Por que você não a acordou? — Ele está quase rindo. Ele sabe porque.

Ela sabe porque.

— Nós já passamos por isso, querida. — eu digo, meu tom quase sempre gentil com ela. No verão passado, no *Acampamento Calloway*, ela me disse que estava feliz por eu não ter chutado a bunda dela sobre nadar, escalar ou correr. Que eu deixei ela fazer as coisas dela.

Ela viu minha dura rotina de amor no acampamento quando eu dou aos adolescentes mais velhos aulas de escalada.

A coisa é, Sullivan se esforça o suficiente. Ela não precisa de motivação de ninguém.

— O sono é chato pra caramba, — diz ela com um suspiro lamentável. — Por que não posso usar um despertador e acordar mais cedo? Apenas uma hora?

Lo sacode a cabeça para mim. — É sua filha, cara.

Daisy e eu temos estranhos padrões de sono e Sulli nos imitou. Agora ela confia em cochilos e dormiu em todas as aulas que não gostou (estudos sociais da quarta série). Então, neste verão, ela precisa desligar o despertador e dormir pelo menos sete horas seguidas.

O que significa que eu não vou mais acordá-la pra sair correndo. Me mata um pouco porque sei que ela quer.

Eu coloco minha mão em sua cabeça e ela olha para mim com olhos grandes. — Vá para a cama mais cedo, porra, e você pode correr conosco amanhã de manhã.

— Você vai me acordar? — Ela pergunta. — Por favor.

— Sete fodidas horas, — digo a ela.

Ela acena como se dissesse *sim, eu sei*. — Sete fodidas horas. Eu vou fazer isso.

A porta se abre e outra criança sai, só que ele já está com roupas de correr, além de um boné de beisebol com o logo do Homem-Aranha.

Maximoff Hale, de 12 anos, corre rapidamente para nós, seu décimo terceiro aniversário em alguns meses.

Eu me inclino para amarrar o sapato desamarrado de Sulli.

— Papai, — ela diz como se não fosse mais uma criança e eu preciso parar de me preocupar com ela - *nunca vai acontecer, porra.* — Eu consigo fazer isso.

Ela agacha para amarrar seu sapato, mas quando ela faz, ela encontra meus olhos, um sorriso neles. Eu bagunço o cabelo dela que já está uma porra de bagunça, e seus lábios se levantam.

Eu amo minha filha. Mais do que a porra do mundo.

Quando eu me levanto, Moffy já está falando com seu pai. — Eu posso correr a trilha com ela. Nós vamos trazer spray de urso e luzes. — Nós não deixamos as crianças saírem na floresta sozinhas quando está escuro. Embora Moffy vende seu peixe bem pra caralho, não apenas com suas palavras.

Ele se porta como se estivesse em seus vinte anos, exalando maturidade tranquila que faz você parar. Faz você pensar, *você pode carregar o maldito mundo, Maximoff Hale*. O problema é que, não importa o quanto ele goste de responsabilidade e ser tratado como um adulto, não podemos esquecer que ele ainda é um garoto.

Lily e Lo não querem que ele carregue o mundo. Eles só querem que ele tenha doze anos e se divirta.

Lo acena para Moffy. — Aparentemente há uma maldita raiz assassina na trilha agora, então pense nisso como eu salvando sua vida.

Moffy tem o mesmo queixo que Lo. Mesma nitidez. Quase feições idênticas, exceto seus olhos verdes e seu cabelo castanho escuro. Mas ele não é Lo.

Ele ri, covinhas nas bochechas. — Tudo bem, eu não quero morrer ainda, especialmente não pela *maldita raiz assassina.*

Lo acena com a cabeça. — Maneira horrível de morrer.

Moffy sorri mais e depois olha para a prima. Ele cutuca o pé dela com o pé enquanto ela amarra os cadarços. — Desculpe, Sul, eu tentei.

Sullivan se levanta. — Você quer jogar damas na varanda?

— Sim, claro. — Moffy acena para ela. — Aposto corrida até lá. — Ele sai com um sorriso maldoso, e ela segue o exemplo, tentando vencê-lo.

Lo e eu terminamos de alongar em cinco minutos, e então nós dois seguimos para dentro, entrando pela grande cozinha. Luzes acesas, quase completamente silenciosas. Eu fecho a porta atrás de mim.

Apenas em calças de moletom, Connor liga um pote de café, seus olhos azuis piscando para nós enquanto nos aproximamos. Somos todos mais velhos, mas esse cara - ele não envelhece. Os anos nunca vão murchar ele, nunca vão derrotá-lo - ele ainda é incomparavelmente confiante, seu domínio como um despertar matinal. Não dá para perder. Nem mesmo antes do amanhecer.

Ele não está sozinho, a propósito.

Ele apoia uma menina de três anos dormindo ao seu lado, usando apenas uma mão para fazer café. Ela baba no ombro dele, vestida com pijamas floral rosa.

Lo vai até a geladeira buscar água.

Eu ajudo Connor com a cafeteira que parece quebrada pra caralho. Ficamos lado a lado, com apenas dois centímetros de diferença de altura, mas estamos conscientes de como somos polarmente opostos - como vivemos a vida em velocidades variadas e em direções contrastantes.

Eu nunca parei de me importar com ele, e ele nunca parou de me dar sua sabedoria.

Ele sabe que eu gosto do silêncio da manhã. Então ele não me incomoda. Eu sei que ele gosta do café dele, então eu tento consertar essa coisa fodida.

Nós apenas nos entendemos - e lembro que Dais me contou uma teoria. As relações que exigem mais esforço e tempo tornam-se as mais poderosas no final.

Talvez ela estivesse certa, afinal.

Na minha voz mais baixa, eu pergunto a ele: — Ela está bem? — Eu tento ligar a máquina, mas as luzes nunca brilham.

Connor esfrega suavemente as costas de sua filha, e ele sussurra: — Ela estava com medo na noite passada e não dormiu bem. — Sua filha está apagada agora, com clipes em forma de rosas em seu cabelo ondulado ruivo.

A mãe de Connor tinha cabelos ruivos, mas não exatamente o mesmo laranja cenoura que Audrey Virginia Cobalt têm. Ela é realmente adorável, até desmaiada nos braços do pai dela.

Longos nove anos depois que Jane nasceu, Rose finalmente deu à luz a outra garota. Connor e Rose cumpriram sua promessa e pararam de ter filhos quando a menina número dois veio ao mundo.

Audrey é a filha mais nova e última deles. A garota que apóia a família Cobalt.

— Medo do quê? — Pergunto baixinho, tendo que abandonar a máquina de café quebrada. Podemos ter uma extra no armazenamento. Eu vou olhar depois.

— *Um grande e terrível bicho-papão*, — sussurra Connor. — Palavras dela.

Lo me passa uma garrafa de água e sussurra de volta: — O que há com este bicho-papão? Minha filha chorou a noite toda por causa da mesma coisa.

Eu abro minha água. — Qual?

Lo tem duas.

— Kinney. — Sua menina mais nova, também com três anos como Audrey.

— O monstro é fictício, — nos diz Connor, — da imaginação de Eliot Alice Cobalt. — Ele intencionalmente assustou as crianças com uma história de fantasmas.

Meninos Cobalt.

Todos eles têm algum tipo de travessura correndo por suas fodidas veias. Todos, exceto Beckett.

Eu tomo um gole de água e aceno para eles como se dissesse *voltarei em breve.* Para ajudar no café da manhã. Enquanto eu me afasto, seus sussurros flutuam no fundo, mas tenho certeza de que o que quer que eles tenham a dizer terminou com *amor* e *querido*.

A casa ainda está dormindo. Passando pela espaçosa sala de estar, escura e vazia, olho as varandas internas. Ninguém clama para incomodar seus irmãos ou perseguir seus primos.

Ainda está parada e calma pra caralho.

Enquanto subo a escada, outra pessoa acorda. Demoro menos de um segundo para descobrir quem. Sempre em tons pastel - rosas, azuis, amarelos, roxos e verdes - Jane Eleanor Cobalt, de olhos cansados, desce a escada, cabelos castanhos despenteados, crespos e emaranhados. Máscara de sono em sua testa que diz *miau*, um suéter de zebra e meias até o joelho com franjas rosa fofas.

Suas roupas nunca combinam, mas isso nunca a incita a mudar.

Eu não posso dizer que Janie é uma imagem cuspida de sua mãe, não com o toque de sardas no topo de suas bochechas e nariz. Eu vejo Rose em seu rosto mais longo e seu corpo, mas ela é sem dúvida uma mistura de ambos os pais.

Janie inala um pulmão e estica os braços acima da cabeça. — Isso é café? — Ela me pergunta na voz mais suave.

— A cafeteira está quebrada.

Ela suspira de maneira resignada. — Merde. — *Merda*.

Janie tem xingado em francês no ano passado. Uma pergunta permanece em seus olhos quando passamos pelas escadas. — Onde está o Moffy?

— Lá fora jogando damas.

Tão equilibrada quanto sua mãe estaria, ela desce o resto das escadas como se estivesse entrando em um castelo real, não na sala de estar de uma casa com várias famílias no lago. Eu vejo ela ir lá fora para encontrar seu melhor amigo.

Então eu continuo até o segundo andar.

Eu pensei que ela poderia ter tentado conseguir algo de mim. Eu diria que a Janie gosta de enrolar as pessoas, mas todas as garotas fazem isso comigo.

Ontem, Lo disse que eu sou muito fácil. Eu deixei sua filha de oito anos desenhar um alienígena no meu braço e estrelas na minha bochecha com caneta. Se Luna Hale pedisse para colocar uma espaçonave na minha testa, eu provavelmente teria dito *apenas não nos meus olhos*.

Então, talvez o que ele me disse seja verdade, mas quando se trata de merda séria, eu sempre permaneço firme com as crianças. *Sem celular e internet aqui* é algo que eu faria cumprir sem questionar ou sem porra de hesitação.

Todas as crianças precisam de uma pausa mental da mídia; isso os mantém saudáveis. Muitos deles nem brigam quando pegamos seus celulares. Também os impede de postar acidentalmente sobre nossa localização.

Este é o *único* lugar onde podemos simplesmente existir pacificamente. Nenhum paparazzi. Sem caos. Apenas todos nós, em algum lugar do mundo, vivendo livremente. Fazendo coisas comuns. Juntos.

Eu ando pelo corredor, não indo muito longe antes de chegar a uma certa porta. Está meio aberta. Na verdade, a maioria das portas dos quartos estão entreaberta. Eu balanço minha cabeça - a história de fantasmas deve ter assustado mais do que algumas crianças.

Eu deslizo para dentro, nossas malas ainda não desempacotadas, roupas e cobertores espalhados por toda o quarto rústico, tapete com estampa de urso e cama com moldura de madeira. Uma meia-sacola de ração de cachorro derramou no chão, *porra*.

Minha sola esmaga a comida e eu congelo, observando os dois corpos sob a colcha. Um deles se agita, o outro fica adormecido.

Enrolada no final do colchão, nosso husky branco de treze anos pisca para mim e depois fecha os olhos novamente. Nutty não tem muita energia para pular ou correr e brincar muito mais, mas ela parece contente.

Tão silenciosamente quanto eu posso, eu tiro meus sapatos e vou para perto do meu lado da cama. Daisy tem a cabeça no travesseiro, o cabelo loiro espalhado descontroladamente e louco pra caralho. Seus olhos cansados já estão sorrindo para mim.

Meus pulmões praticamente inundam. Apenas por ver seu lindo olhar. Puxando-me para ela. Onde eu quero estar.

Ela sorri como se ela soubesse. Ela sorri como se ela me amasse da mesma maneira. E ela sussurra: — Ei.

Eu rastejo suavemente na cama debaixo das cobertas. — Ei, — eu sussurro de volta.

Ela sorri mais, os olhos dançando sobre o meu corpo suado e o cabelo úmido. Do lado dela, Dais estende a mão e toca meu queixo não barbeado.

— Meu lobo, — ela boceja em um sorriso maior.

E eu penso que *Daisy Petunia Meadows pode dormir de oito a dez horas. Ela pode sonhar. Ela pode sentir a porra da paz.* Demorou muito tempo, mas não para sempre. Não passou por ela.

Eu me inclino sobre o pequeno monte entre nós e beijo a bochecha de Daisy, depois os lábios dela. — Como você se sente? — Eu sussurro.

— Mmm, feliz. — Enquanto eu pairo sobre ela um pouco, ela corre os dedos pelo meu cabelo. Eu vejo suas orbes verdes brilharem para mim. — Você deve ser meu marido, — ela murmura.

— Por quê? — Eu acho que ela vai fazer uma piada sobre eu estar sujo ou suado pra caralho.

Em vez disso, ela diz: — Ele me pergunta isso todas as manhãs e todas as noites. — Ela agarra meu cabelo um pouco mais como se dissesse, *não pare. Sempre me pergunte como me sinto.*

Minhas sobrancelhas se levantam. — É mesmo?

— Ah, sim. — Há um *eu te amo* em suas feições, e eu uso o meu carinho tanto quanto ela.

Estou prestes a subir para o lado de Daisy, para envolvê-la em meus braços, mas o pequeno monte entre nós começa a mexer. Nós dois puxamos a colcha.

Uma menina de quatro anos de idade, em pijamas com estampas azuis de golfinhos, espreme uma tartaruga do mar de pelúcia no peito, e ela ri assim que nos vê, como se estivesse acordada o tempo todo.

Daisy ofega zombeteiramente. — Quem é essa em nossa cama? — Ela joga as cobertas de volta sobre a cabeça da garota, que ri de novo, incapaz de esconder seu prazer.

Eu não consigo conter um sorriso com esse barulho.

— Ryke, — Daisy finge surpresa, — eu acho que um animal se arrastou para nossa cama. — Ela está tendo problemas para não rir.

Minhas sobrancelhas se levantam novamente. — Talvez devêssemos mandá-la para o zoológico.

— Não! — A garota diz com risadas presas.

— E só comer blueberries, — acrescenta Daisy ameaçadoramente.

— Não! — A menina grita e engasga para os *blueberries*.

Eu digo: — E nunca mais deixa-lá ver Simon a tartaruga marinha novamente.

A garota engasga em horror. — NÃO!

— Ou, — Daisy propõe, — podemos enviar este animal para a *natureza*, onde ela vai correr livre.

— Sim! — Ela chuta os pés em emoção.

Nós tiramos a colcha da garotinha, e Daisy e eu começamos a fazer cócegas nela. Ela grita e rola para frente e para trás, as lágrimas saindo de seus olhos. Paramos quando ela diz: — Eu sou a Winona! Eu sou a Winona! Eu não sou um animal!

Daisy penteia o cabelo castanho claro de Winona do rosto, o mesmo tom da cor natural de Daisy. Agora esta criança - ela é uma imagem cuspida da mãe dela.

Winona Briar Meadows.

Graças ao coração e generosidade de Rose, tivemos outra filha. Os óvulos congelados de Daisy, meu esperma - eles pegaram com gratidão e a barriga de aluguel funcionou. Rose deu à luz ao nosso bebê, e os nove meses inteiros em que Connor, Rose, Daisy e eu estávamos juntos - solidificou algo *inquebrável* entre nós.

Sullivan desliza pela porta, seu rabo de cavalo caído, e depois pula na nossa cama. Ela deve ter terminado de jogar damas. — Ei, esguicho, — diz Sulli para Winona. Então ela levanta a camisa do pijama da irmã e sopra a barriga dela.

Winona ri: — Sulli!

Sulli sorri e rola para o lado de Daisy. Eu assisto Dais envolver seus braços em volta de nossa filha mais velha. Sulli levanta a cabeça e escova o nariz no de Daisy em um *olá*.

Todas as minhas garotas.

Esta é minha família. E eu juro para você - não há falta de amor nesse quarto. Maior e mais forte do que qualquer coisa que eu experimentei enquanto crescia, e eu apenas penso, *esta é a minha vida. Esta é a porra da minha vida - e eu não estou sozinho.*

Eu amei cada momento. Especialmente todos aqueles com elas.

Sullivan boceja, o que faz Winona bocejar e depois Daisy.

Eu me levanto da cama e digo: — Todas vocês, tentem voltar a dormir, porra.

Winona é a única a realmente fechar os olhos e começar a dormir novamente. Sulli tira os tênis e me pergunta: — Onde você está indo?

Ela me olha indo para a porta.

— Para a lua, — brinca Daisy, seu sorriso esticando sua cicatriz.

— Só se eu te ver lá, Calloway.

Daisy sussurra: — Onde quer que você vá, eu vou.

Hesito em sair, mas já são quase sete horas da manhã. Eu as verei novamente. Este não é o último momento. A última imagem. A última foto. Embora eu me lembre e vivo como se fosse.

Observo Sulli e Daisy se virarem uma para outra, conversando baixinho enquanto Winona dorme do outro lado delas. Eu me forço para longe e ando pelo corredor escuro.

Eu espio no segundo quarto, a porta entreaberta.

Com seis anos de idade, Ben Pirrip Cobalt está parcialmente fora do beliche de madeira, metade da colcha com ele, e ele ronca fodidos roncos de fôlego em um sono profundo.

O menino no beliche inferior esfrega os olhos âmbar com o punho e depois volta para o travesseiro. Xander Hale, de cinco anos, tem o rosto mais fotogênico de todas as crianças. Tem sido difícil mantê-lo fora dos holofotes. Lo disse que Xander estava contando os dias para a casa do lago.

Ele é o terceiro filho dos filhos de Hale. Maximoff, Luna, Xander e Kinney.

Eu gentilmente fecho a porta deles para que eles durmam melhor quando as crianças começam a acordar. O próximo quarto escuro contém quatro beliches de madeira, todos ocupados com meninos, dormindo profundamente.

No beliche de cima, Charlie Keating Cobalt dorme, mas apesar de ter dez anos, ele optou por pular duas séries, nas mesmas classes que Janie e Moffy. A verdade é que ele provavelmente poderia ter pulado mais.

Seu irmão gêmeo dorme no beliche abaixo dele. Eu só consigo distinguir os cabelos castanhos ondulados escuros de Beckett, quase cacheados e desgrenhados.

No segundo beliche de cima está Eliot Alice Cobalt, de oito anos de idade. Ele compartilha seu travesseiro com livros de bolso de tragédias e comédias de Shakespeare. Seu irmão mais novo, apenas onze meses de diferença entre eles, dorme abaixo.

Tom Carraway Cobalt tem sua colcha na cabeça, bloqueando o mundo.

Assim como o outro quarto, eu gentilmente fecho a porta deles. Seria mais estranho se tivéssemos um corpo a menos, uma personalidade mais tímida do número de Cobalts na casa agora. Cinco meninos.

Duas meninas.

Connor e Rose tiveram sete filhos no total. Um império.

Se eles quisessem, todos nós sabemos que eles teriam tido um oitavo filho - o que eles esperavam um dia - mas Rose tirou o tempo para dar luz à Winona. Eles alteraram seu futuro por Daisy e eu. Eu não posso nem expressar o que essa porra significava para nós, mas nunca esquecemos o amor deles.

Nós sentimos isso todos os dias quando seguramos Winona.

Eu volto para o andar de baixo novamente. A casa estará mais cheia amanhã. Maria acabou de completar vinte anos e está voando de Los Angeles. Ela terminou de filmar um filme de primeira linha. Não me lembro o nome que Daisy disse.

Janie está mais animada com a chegada de Maria, e as crianças não podem esperar por Willow estar aqui. Todos nós a vemos muitas vezes, mas ela salta entre a Inglaterra e a Filadélfia desde que abriu uma Superheroes & Scones em Londres. Não é que as crianças estejam animadas sobre Willow, mas sim a garotinha que ela traz consigo.

Vada Lauren Abbey.

Garrison se casou com Willow no mesmo ano em que ela se formou na faculdade. Ele é uma parte tão importante desta família quanto minha irmã - ele até criou uma das franquias de videogame mais lucrativas do mundo, todas baseadas no universo de quadrinhos do *Quarto Grau*, investido por Connor.

No final da escada, passo pela sala vazia, as janelas do chão até o teto mostrando um céu mais claro que o anterior. Eu verifico o relógio e depois atravesso a cozinha.

Na geladeira, Lily segura uma criança sonolenta em um macacão de panda, e ela sussurra baixinho com Lo. Ele tem essa aparência de estar meio escutando, mas na verdade ele está pensando em como é adorável a porra de sua esposa, especialmente com a filha deles ali.

Eu sei como isso vai terminar, então eu não espero para assistir. Ele vai provocá-la, inclinando-se para um beijo, apenas para enfiar a língua no ouvido de Lily. Ela vai sussurrar seu nome e, em seguida, bater em seu ombro.

Ele vai zombar como se tivesse doído.

Eles vão parecer apaixonados um pelo outro, lembrando quantos anos eles passaram. Quão longe suas vidas vieram. Quanto amor eles compartilharam.

O romance deles nunca mudou. Todos nós agradecemos a porra do mundo por isso, porque não há Lily sem Lo. Não há Lo sem Lily.

Percebo Rose, vestida com uma túnica preta de seda, na cafeteira. Ela tenta consertar a máquina, mas Connor sussurra para ela também, afastando-a da coisa quebrada. Com fogo sob o olhar amarelo-esverdeado, Rose parece tão inalterada pelos anos. Tão imortal.

Tão duradoura.

É surpreendente - que eles sejam iguais nesta medida também? Nunca foi para mim.

Quando passo por eles para a porta lateral, vejo os nomes de seus cônjuges em seus lábios. *Richard*.

Rose.

Guerra e amor estão em seus olhos.

Ambos extasiados com planos de batalha, sua fodida sagacidade. Suas palavras. Neste momento, com Audrey dormindo nos braços de Connor, eles não podem falar mais do que sussurros murmurados. A guerra diminui para amor e eu posso praticamente ver a afeição pelo que eles criaram.

Sete crianças.

Sua família.

Com a mão livre, Connor cobre a parte de trás da cabeça de Rose. Ele segura seu olhar penetrante. E então Connor aperta um beijo terno e carinhoso em sua testa. Enraizado com sentimentos que Connor acreditava que eram falsos.

O olhar de Rose suaviza um pouco, e ela sussurra para ele, fora da porra do alcance.

Eu alcancei a porta lateral, então eu não me esforço para ouvir. Todos desaparecem atrás de mim e eu desapareço do lado de fora. Quieto, realmente muito quieto. O mundo está apenas acordando e eu volto ao meu lugar original. Na Colina.

Pelas cadeiras de madeira vermelhas. Eu me sento na grama e dobro meus joelhos. Eu traço as montanhas com meus olhos.

Eu subo semanalmente, ainda patrocinado pela Fizzle. As pessoas muitas vezes se perguntavam se eu jamais faria um solo livre novamente. Eu faço, mas nada como eu fazia - nada que pudesse me matar. Eu não anseio por essas rotas, não desse jeito, não como eu ansiava aos vinte anos com muito menos para amar.

Eu levo a vida a duzentos quilômetros por hora, mas também acordo no dia seguinte. Para ver isso.

Bem aqui.

Agora mesmo.

Eu passo minhas mãos pelo meu cabelo, o céu escuro começando a clarear. Por trás dos picos das montanhas, um brilho laranja se ergue lentamente para reivindicar esse dia como hoje. Para começar tudo de novo.

Passos esmagam a grama e, antes de eu ver quem, Daisy aparece ao meu lado. Sem falar, ela desliza entre as minhas pernas, e eu a puxo para cima, até suas costas repousarem contra o meu peito. Eu envolvo meus braços ao redor dela, ambos os nossos olhos no horizonte.

Mais duas pessoas se juntam. Sem falar, Lo se senta a poucos metros de mim, Lily ao lado do marido. Pressionados juntos, ele a segura enquanto ela o segura. Seus olhares seguem os nossos, silenciados, enquanto cores quentes pintam a paisagem.

Connor caminha silenciosamente para fora e fica perto de uma cadeira vermelha perto de mim.

Mãos nos bolsos. Quando Rose chega até ele, os saltos afundando na grama, ele estende a mão para ela, e ela aperta com força. Ambos se viram e observam o horizonte. Ar sem peso.

E desimpedido.

Todos os seis de nós fixamos nossos olhos no sol nascente.

Há momentos em que você se lembra e pessoas que você nunca esquecerá. Enquanto a luz laranja nos banha, enquanto a tensão voa para muito, muito longe, o quanto nos sentimos - tudo o que nós sangramos - se rende ao nosso amor coletivo. Vidas, dias, minutos passados juntos.

Enquanto observamos. Enquanto assistimos. Enquanto nossos rostos se aquecem.

Nós vivemos e respiramos paz tranquila e a felicidade.

EM BREVE

SOME KIND OF PERFECT

Some Kind of Perfect é um epílogo extenso da série Addicted. Ele preenche a lacuna de 10 anos entre o último capítulo de Daisy e o epílogo de *Long Way Down*. *Some Kind of Perfect* também contém todos os POVs dos 6 personagens: Lily Hale, Loren Hale, Connor Cobalt, Rose Cobalt, Ryke Meadows e Daisy Meadows. Como encerramento final, esta será a última vez que você verá esses 6 POVs. Aqui, todos nos despedimos. Ao contrário de nossos outros livros, isso será cem por cento baseado nos personagens. Como um álbum de fotos, você verá seus momentos mais inesquecíveis ao longo de dez anos. Este romance é para todos vocês que se apaixonaram por esses personagens e gostariam de vê-los juntos - pela última vez.

DAMAGED LIKE US

A fama os imortalizou. A família os conectou. O amor os destruirá.

Damaged Like Us é o primeiro livro da nova série Like Us. Você está curioso sobre o que as crianças de Addicted serão quando todas estiverem crescidas? Like Us gira em torno da próxima geração do mundo de Addicted enquanto eles navegam na faculdade, amor, família e fama. Damaged Like Us começa com três pontos de vista. Três romances diferentes. Suas vidas e histórias todas interligadas:

Maximoff Hale.
Jane Cobalt.
Sullivan Meadows

Você não precisa ler a *série Addicted* para ler a *série Like Us*, mas pode sorrir com alguns detalhes se já leu a série Addicted antes.